

MATE-ME POR FAVOR

(PLEASE KILL ME)

A HISTÓRIA SEM CENSURA DO
PUNK

L&PM EDITORES

POR LEGS MCNEIL & GILLIAN MCCAIN



**“Ler é aprimorar seus conhecimentos e
compreender a vida ao seu redor.”**

~ e-Livros.SITE, e-Livros.XYZ, e-Livros.WIN ~

MATE-ME POR FAVOR

(PLEASE KILL ME)



POR LEGS MCNEIL & GILLIAN MCCAIN

Tradução de LÚCIA BRITO

www.lpm.com.br

L&PM EDITORES

Apresentação¹

Mate-me por favor é a história definitiva e nunca antes contada sobre os anos 70 e a Blank Generation. Narrando o nascimento do que hoje se chama punk, desde a Factory de Andy Warhol até o Max's Kansas City nos anos 60 e 70, chegando ao Reino Unido nos anos 80, os autores, Legs McNeil e Gillian McCain, apresentam a explosiva trajetória do mais incompreendido fenômeno pop. Fludentemente construído a partir de um coro de vozes, *Mate-me por favor* é uma história oral que possui todo o ritmo narrativo e a excitação de um romance.

Em centenas de entrevistas com todos os personagens originais, incluindo Iggy Pop, Patti Smith, Dee Dee e Joey Ramone, Debbie Harry, Nico, Wayne Kramer, Danny Fields, Richard Hell e Malcolm McLaren, penetra-se nos camarins e nos apartamentos para reviver o que começou nas entranhas de Nova York como uma pequena cena artística e se tornou um verdadeiro momento revolucionário da música. *Mate-me por favor* começa quando o CBGB's e o Bowery eram uma legítima terra de ninguém; revive os dias de glória do Velvet Underground, Ramones, MC5, Stooges, New York Dolls, The Doors, Television e Patti Smith Group e diseca a morte do punk – quando este se torna manchete de jornais e uma nova onda para os retardatários.

McNeil e McCain conversaram com todos que estavam lá: estrelas, groupies, empresários, ex-mulheres e namoradas, fotógrafos e repórteres alternativos, todos contribuíram com suas versões daquele tempo inesquecível. Suas histórias – que às vezes contradizem umas às outras – sempre evocam brilhantemente um momento único da história e tornam mais fácil vislumbrar aqueles dias lendários. *Mate-me por favor* celebra o autêntico sexo, drogas e verdadeiro rock & roll que dominou o que provavelmente será visto como a última era em que tantas pessoas se divertiram tanto matando a si mesmas.

LEGS McNEIL batizou o movimento de “punk” em 1975, ao dar este nome a uma revista de música e cultura pop dos anos 70. Ele foi editor da *Spin* e editor-chefe da *Nerve*. GILLIAN MCCAIN era coordenadora de programação do Poetry Project na St. Mark's Church, onde Patti Smith fez suas primeiras leituras e os diários de Jim Carroll foram descobertos. Ela é

autora de *Tilt*, uma coleção de poemas em prosa.

1. *Mate-me por favor* saiu pela L&PM Editores em 1997. Em 2004, com a consolidação no mercado brasileiro da Coleção L&PM POCKET, foi publicado no formato de bolso em 2 volumes. Em 2013, a editora republicou o livro em formato convencional (14x21cm), inclusive mudando a cor da capa: a edição de 1997 tinha a capa com um fundo laranja fosforescente; já na edição de 2013 foi feita uma “correção” histórica e o fundo passou a ser verde fosforescente, cor que – na década de 70 – era a adotada pelos punks. Em março de 2014 a editora lançou esta edição, agora num volume só, com a mesma capa adaptada ao formato de livro de bolso. (N.E.)

Nota dos autores

A esmagadora maioria do material de Mate-me por favor é resultado de centenas de entrevistas originais realizadas pelos autores. Em alguns casos, entrevistas e textos foram extraídos de outras fontes, incluindo antologias, revistas, diários, entrevistas publicadas e inéditas, e outros livros. Uma lista destas fontes e das páginas nas quais elas aparecem neste livro está na página 406. Gostaríamos de agradecer as contribuições desses autores e editores, que enriqueceram o conteúdo de nosso livro.

Agradecimentos

Um bom número de pessoas se envolveu com este livro e nos encorajou com seu amor, apoio e humor. Os autores gostariam de expressar seus agradecimentos às seguintes:

Legs McNeil e Gillian McCain: a Susan Lee Cohen, nossa agente literária, por sempre atuar acima e além do chamado do dever; e Dawn Manners, nosso transcritor de plantão, que tomou conta da gente ao longo do percurso e cuja inteligência e discernimento foram sempre uma inspiração. Agradecimentos especiais igualmente a todos os outros copistas: Liz McKenna, Ann Kottner, David Vogen, Nora Greening, Filiz Swenson e Allie Morris.

Agradecimentos ultraespeciais a Richard Hell, por nos deixar roubar o título de nosso livro da camiseta dele.

Obrigado também a todos os amigos que nos convidaram para suas vidas: Abbi Jane, Mariah Aguiar, Billy Altman, Callie Angell, Kathy Asheton, Ron Asheton, Scott Asheton, Laura Allen, Penny Arcade, Al Aronowitz, Bobby Balderama, Roberta Bayley, Victor Bockris, Angela Bowie, Pam Brown, Bebe Buell, William Burroughs, John Cale, Jan Carmichael, Jim Carroll, James Chance, Bill Cheatham, Lee Black Childers, Cheetah Chrome, Ira Cohen, Tony Conrad, Jayne County, David Croland, Ronnie Cutrone, Jay Dee Daugherty, Maria Del Greco, Liz Derringer, Willie DeVille, Ged Dunn, Mick Farren, Rosebud Feliu-Pettet, Danny Fields, Jules Filer, Cyrinda Foxe, Ed Friedman, Gyda Gash, John Giorno, David Godlis, James Grauerholz, Bob Gruen, Eric Haddix, Steve Hagar, Duncan Hannah, Steve Harris, Mary Harron, Debbie Harry, Richard Hell, John Holmstrom, Mark Jacobson, Urs Jakob, Garland Jefferies, David Johansen, Betsey Johnson, Peter Jordan, Ivan Julian, Lenny Kaye, Scott Kempner, Elliot Kidd, Wayne Kramer, Liz Kurtzman, Mickey Leigh, Richard Lloyd, Matt Lolya, Jeff Magnum, Gerard Malanga, Handsome Dick Manitoba, Ray Manzarek, Philippe Marcade, Jim Marshall, Malcolm McLaren, Jonas Mekas, Alan Midgette, Paul Morrissey, Billy Name, Bobby Neuwirth, Nitebob, Judy Nylon, Pat Olesko, Terry Ork, Andi Ostrowe, Andy Paley, Patti Paladin, Fran Pelzman, Susan Pile, Dustin Pittman, Eileen Polk, Iggy Pop, Howie Pyro, Bob Quine, Dee Dee Ramone, Joey Ramone, Johnny Ramone, Genya Ravan, Lou Reed, Sylvia Reed, Marty Rev, Daniel Rey, Ed Sanders, Jerry Schatzberg, Andy Shernoff, Kate Simon, John Sinclair, Leni Sinclair, James Sliman, Gail Higgins-Smith, Patti Smith, Chris Stamp, Sable Starr, Michael Sticca, Linda Stein, Seymour Stein, Syl Sylvain, Kevin Teare, Marty Thau, Dennis Thompson, Lynne Tillman, Tish & Snookie, Maureen Tucker, Alan Vega, Arturo Vega, Holly Vincent, Ultra Violet, Jack Walls, Russell Wolensky, Mary Woronov, La Monte Young, Marian Zazeela e Jimmy Zhivago.

Cinco pessoas que entrevistamos ou iríamos entrevistar faleceram durante a realização de *Mate-me por favor* . Oferecemos nossas condolências às famílias e aos amigos de Sterling Morrison, Patti Giordano, Todd Smith, Fred “Sonic” Smith e Rockin’ Bob Rudnick. Esperamos fazê-los voltar à vida nestas páginas, para aqueles que não tiveram o prazer de saber quão especiais eles eram.

Agradecimentos especiais a nosso editor e herói, Morgan Entrekin, e a todo o

maravilhoso pessoal da Grove Press – Carla Lalli, Colin Dickerman e John Gall.

Agradecimentos especiais também a Gina Bone, Doug Simmons, Mary Harron, Victor Bockris e Jeff Goldberg por nos deixarem utilizar seu material original.

Por sua assistência técnica, gostaríamos de agradecer a Tom Hearn, Stephen Seymour, Drey Hobbs, Christian Berg e Osako Kitaro.

Por seu apoio constante, obrigado a Chris Cush e Arlene, proprietários da Mojo Guitars, no 102 St. Marks Place, Nova York, onde integrantes do elenco de *Mate-me por favor me mate* podem ser encontrados o tempo todo matando tempo a qualquer hora.

Legs McNeil: por seu amor, paciência e discernimento, gostaria de agradecer a Mary C. Greening. Por seu amor, paciência e discernimento, gostaria de agradecer também a Patrice Adcroft, Gary Kott, Jonathan Marder, sra. Ellen McNeil, Craig McNeil, Rudy Langlais, Adam Roth, Michael Siegal, Tom e Judy Greening (também por sua hospitalidade em L.A.), Carol Overby, Jeff e Susan Goldberg, John Mauceri, Danny Alterman, Jim Tynan, Kevin Kurran, Jack Walls, Yvan Fitch, Lynn Tenpenny, Mim Udovitch, Chris McGuire, Julia Murphy, Kathy Silberger, Susan Dooley, Carl Geary, Shane Doyle e Jennifer Smith.

E agradecimentos especiais a Maggie Estep por ter me apresentado a Gillian.

Gillian McCain: acima de tudo, gostaria de agradecer à minha família por seu amor, apoio e encorajamento. Meu amor e gratidão a H. H., Mark, Ann, Peter, Laura, Gail, Chris, Joyce, Luke, John e minha falecida mãe, Billie.

Também gostaria de agradecer a todos os amigos que me deram apoio durante a realização deste livro: Chris Simunek, David Vogen, Jo Ann Wasserman, Janice e Patrick McGyver, Eric e Filiz Swenson, Diana Rickard, Trinity Dempster e David Hughes, Joan Lakin, Douglas Rothschild, Larry Fagin, Michael Gizzi, Steve Levine, Nancy McCain, Patrick Graham e meus falecidos tio e tia, sr. e sra. P. T. Johnson.

Por sua calorosa assistência, ao proporcionar ajuda e apoio em várias ocasiões, gostaria de agradecer a Ian Wright, Brad Sullivan, Yvan Fitch, Goran Andersson, Chris McGuire, Coyote Shivers, Ann Sheroff, Tracy Truran, Carl Geary, Mark Jacobson, Maya Mavjee, Bobby Grossman e The Poetry Project.

Obrigada a Maggie Estep por ter me apresentado a Legs.

Também em memória dos falecidos Dave Schellenberg e Mario Mezzacappa.

Por seu maravilhoso gosto musical, sua generosa
inteligência e seu mortífero senso de humor,
este livro é dedicado a Danny Fields,
para sempre o cara mais “cool” do pedaço.

“Sortudos serão aqueles que morrerem.”

PRÓLOGO

Todas as festas de amanhã

1965-1968

Lou Reed: Estou completamente sozinho. Ninguém pra conversar. Dá uma chegada aqui, daí posso falar com você...

Há um tempão a gente tocava junto num apartamento de trinta dólares por mês e não tinha grana pra nada; comia mingau de aveia todo o dia e vendia sangue, entre outras coisas, ou posava pra aqueles tabloides semanais baratos. Quando posei pra eles, minha foto saiu dizendo que eu era um maníaco sexual assassino que tinha matado quatorze crianças e gravado tudo, e que rodava aquelas fitas num celeiro no Kansas à meia-noite. E quando a foto de John Cale saiu no tabloide, dizia que ele tinha matado o amante porque o cara ia casar com a irmã dele, e ele não queria ver a irmã casada com um veado.

Sterling Morrison: Os pais de Lou Reed odiavam o fato de ele estar fazendo música e andando por aí com indesejáveis. Eu vivia com medo dos pais de Lou – o único envolvimento que eu tinha com eles era a ameaça permanente de eles agarrarem Lou e jogarem-no num manicômio. Essa ameaça pairava sempre sobre nossas cabeças. Toda vez que Lou pegava hepatite os pais dele estavam à espreita pra agarrá-lo e trancafiá-lo.

John Cale: O melhor do trabalho de Lou veio todo daí. A mãe dele era aquele tipo de ex-rainha de concurso de beleza, e acho que o pai era um contador endinheirado. De qualquer modo, quando ele era garoto, os pais o puseram num hospital onde ele passou por um tratamento com choque elétrico. Parece que ele estava na Universidade de Siracuse e teve que fazer uma escolha compulsória entre ginástica ou as Corporações de Treinamento dos Oficiais de Reserva. Ele alegou que não podia fazer ginástica porque quebraria o pescoço e, quando foi pra corporação, ameaçou matar o instrutor. Então ele deu um soco numa janela ou coisa parecida e aí foi posto num hospital pra doentes mentais. Não sei a história toda. Toda vez que Lou me

conta, ele muda alguma coisinha.

Lou Reed: Enfiam uma coisa pela sua goela abaixo pra que você não engula a língua e colocam eletrodos na sua cabeça. Isso era recomendado em Rockland County naquela época para desestimular sentimentos homossexuais. O resultado é que você perde a memória e vira um vegetal. Não pode ler um livro porque chega na página dezessete e tem que voltar pra primeira página de novo.

John Cale: Lá por 1965 Lou já tinha escrito “Heroin” e “Waiting for the Man”. Encontrei Lou pela primeira vez numa festa, e ele tocou suas canções num violão, por isso não prestei a menor atenção, porque eu estava cagando pra música folk. Eu detestava Joan Baez e Dylan – cada música era uma porra de uma pergunta! Mas Lou continuou me infernizando com aquelas letras. Eu li, e elas não eram o que Joan Baez e aquela gente toda estava cantando.

Naquela época eu estava tocando com La Monte Young no Dream Syndicate, e a proposta do grupo era tocar cada nota durante umas duas horas.

Billy Name: La Monte Young era o melhor canal pra drogas de Nova York. Ele tinha as melhores drogas – as melhores! Ácidos fantásticos, ópio e baseado também.

Quando você entrava na casa de La Monte e Marian, ficava lá no mínimo sete horas – provavelmente acabava ficando dois ou três dias. Era um ambiente bem à moda turca. Um lugar com tudo no chão, camas, haxixe do bom, gente da rua chegando e se chapando – e aquela música repetitiva rolando.

La Monte mantinha toda essa coisa onde ele podia fazer uma apresentação que durasse dias e reunisse todas aquelas pessoas tirando um som com ele. Tocando uma única nota por um tempão, sem parar. As pessoas simplesmente iam chegando e aí eram escaladas pra tocar. Foi nessa época que John Cale andou por lá.

La Monte Young: Eu era por assim dizer o queridinho da vanguarda. Yoko Ono estava sempre me dizendo: “Quem me dera ser tão famosa quanto você.”

Então tive um caso com Yoko e fiz uma série de músicas no loft dela e pus uma advertência no primeiro folheto de propaganda: O OBJETIVO DESTA SÉRIE NÃO É ENTRETENIMENTO. Fui um dos primeiros a destruir um instrumento no palco. Queimei um violino no YMHA, e as pessoas ficaram gritando coisas do tipo: “Queimem o compositor!”

John Cale começou tocando com meu grupo, o Dream Syndicate, que ensaiava sete dias por semana, seis horas por dia – literalmente. John fazia zunidos específicos na viola – até o final de 1965, quando começou a ensaiar com o Velvet Underground.

John Cale: Na primeira vez que Lou Reed tocou “Heroin” pra mim, fiquei totalmente pasmo. A letra e a música eram tão obscenas e devastadoras. Mais que isso: as canções de Lou tinham tudo a ver com meu conceito de música. Nessas canções de Lou rolava um lance de assassinato do personagem. Ele tinha profunda identificação com os personagens que retratava. Era o “Método” atuando na canção.

Al Aronowitz: Descolei o primeiro trabalho do Velvet Underground. Coloquei-os como show de abertura na escola secundária Summit, em Nova Jersey, e a primeira coisa que eles fizeram foi roubar meu gravador de bolso. Eram uns junkies, uns cafajestes, uns marginais. A maior parte dos músicos daquela época tinha altos ideais, mas os Velvets só tinham merda na cabeça. Eram simplesmente uns marginais.

E a música deles era inacessível. É o que Albert Grossman, empresário de Bob Dylan, sempre perguntava – se a música é acessível ou inacessível –, e a música do Velvet era totalmente inacessível.

Mas eu tinha me comprometido. Então coloquei-os no Café Bizarre e disse: “Trabalhem aqui e vocês vão conseguir alguma exposição, botem as garras pra fora e se mexam.”

Ed Sanders: Ninguém queria ir no Café Bizarre porque tinha que comprar aqueles drinques bizarros – cinco bolas de sorvete e coco-fizz. Coisa pra turista. Mas Barbara Rubin ficava dizendo: “Você tem que ouvir essa banda!”

Paul Morrissey: Andy Warhol não queria se meter no rock & roll; eu queria

me meter no rock & roll pra ganhar dinheiro. Andy não queria fazer isso, jamais teria pensado nisso. Mesmo depois de eu ter tido a ideia, tive que forçá-lo a entrar nessa. Sei que você quer pensar que ANDY quis fazer isso e ANDY quis fazer aquilo, que tudo partiu de ANDY. Se você conhecesse o verdadeiro processo do que rolava na Factory, entenderia que Andy não fez nada e aguardou que todo mundo fizesse tudo por ele.

Então alguém quis pagar Andy pra que ele fosse num nightclub em Queens, e ele seria pago pra fazer isso. Eu disse: “Isso não faz o menor sentido, mas é dinheiro.”

Então falei: “Tenho uma boa ideia. Vamos ao nightclub do Queens, e vão nos pagar, mas o motivo pra irmos é que vamos empresariar um grupo que toca lá.”

Minha ideia era que poderia dar um monte de dinheiro empresariar um grupo de rock & roll que tivesse o nome nos jornais, e esta era a coisa na qual Andy era bom – botar o nome dele nos jornais.

O que aconteceu então foi que Barbara Rubin perguntou a Gerard Malanga se ele poderia ir ao Café Bizarre pra tirar umas fotos de uma banda, o Velvet Underground. Havia todos aqueles cafés beatniks no West Village que estavam ficando às moscas, por isso estavam tentando fazer uma transição de beatniks e canções folks pra algum tipo de rock & roll.

Aí fui até o Café Bizarre. Acho que era a primeira noite do Velvet, e eles tinham uma viola elétrica, que era a coisa que mais os diferenciava. E eles tinham aquela baterista totalmente andrógina, não havia absolutamente como dizer se Maureen Tucker era um garoto ou uma garota. Assim, estas eram as grandes atrações.

E John Cale, o cara da viola, estava maravilhoso com seu pentado à Ricardo III, e ele estava usando um enorme colar de pedras falsas. É difícil de acreditar, mas isto era realmente esquisito naquela época.

Rosebud: Quando Andy Warhol deslizou Bizarre Café adentro com toda sua turma deu pra ver que ele ficou hipnotizado no ato. Imagem era tudo, e o Velvet Underground com certeza tinha uma. Eu não conseguia acreditar que

aquela turistada toda estava lá sentada tomando uma champanhota e ouvindo os Velvets falando de heroína e S&M. Tenho certeza de que a plateia não tinha a menor ideia do que se tratava, porque as letras eram totalmente indecifráveis. Mas pensei: “Isso é demais!”

Lou Reed: A música nunca é alta o suficiente. Você deveria enfiar a cabeça num alto-falante. Mais alto, mais alto, mais alto. Vai, Frankie, vai. Oh, uau. Oh, vai nessa, vai nessa.

Paul Morrissey: Eu sabia que tinha encontrado o grupo certo. Falei com os Velvets naquela noite e perguntei: “Vocês têm empresário?” E o matreiro Louzinho Reed respondeu: “Bem, hum, mais ou menos, talvez, hum, não exatamente, mas, hum, sim, não.” Sabe como é, as duas respostas.

Eu disse: “Bem, estou a fim de empresariar alguém e produzir uns álbuns. Vocês terão emprego certo num nightclub, e o nome de Andy Warhol vai aparecer como sendo o empresário de vocês.”

Eles disseram: “A gente não tem amplificadores.”

Eu disse: “Bem, teremos que descolar amplificadores pra vocês.”

Eles disseram: “Bom, isso seria legal, mas a gente não tem onde morar...”

Eu disse: “Ok, ok, ok. Bem, voltaremos amanhã pra falar sobre isso.”

Então eu disse pra Andy que tinha encontrado o grupo que iríamos empresariar.

Andy disse: “Oh uu-uu-uuuu ohouuuuuuuuuuuuu!”

Andy sempre tinha medo de fazer o que quer que fosse, mas ao sentir que alguém tinha confiança no que estava fazendo, especialmente no meu caso, ele apenas dizia: “Oh, oh, oh, oh, oh, oh, oh, oh... ok.”

Sterling Morrison: Não fiz nenhum esforço pra impressionar Andy Warhol. Que me importava? Ele era apenas um sujeito da turma dos artistas que estava suficientemente interessado em nossas canções pra vir ouvi-las – mas isso não era como a visita de algum grande produtor de discos. Ele era apenas

um artista sobre o qual eu sabia pouca coisa – exceto em termos de notoriedade. Meu gosto em arte naquela época não era pop art, provavelmente era arte flamenca, sei lá. Impressionismo... Não, pré-rafaelitas. Acho que eu tinha uma queda pelos pré-rafaelitas, que talvez sejam os precursores do pop.

Al Aronowitz: Botei o Velvet Underground no Café Bizarre, e a próxima coisa que fiquei sabendo foi que eles estavam caindo fora com Andy Warhol. Eles nunca me disseram uma só palavra, Warhol nunca me disse uma só palavra, foi altamente antiético, na verdade há uma lei contra isso.

Era um acordo verbal, mas o que significa um acordo verbal pra Lou Reed – ele não passa de um porra de um junkie oportunista. Se eu tivesse assinado um contrato com os Velvets, poderia ter arrancado toda a merda de dentro das tripas de Andy Warhol com um processo.

Lou Reed: Andy Warhol me disse que estávamos fazendo na música o mesmo que ele na pintura, no cinema e na literatura – ou seja, não era brincadeira. Do meu ponto de vista, ninguém estava fazendo na música nada nem próximo da coisa real, exceto nós. Estávamos fazendo uma coisa específica que era muito, muito real. Não era uma farsa ou uma mentira em nenhum aspecto concebível, e era só deste jeito que poderíamos trabalhar com ele. Porque a primeira coisa de que gostei em Andy foi que ele era muito real.

Paul Morrissey: A primeira coisa que percebi no Velvet Underground foi que eles não tinham um vocalista, porque Lou Reed ficava muito sem jeito como performer. Acho que ele se forçava a fazer aquilo porque era muito ambicioso, mas Lou não era um performer natural. Então eu disse pra Andy: “Eles precisam de um cantor.” Perguntei: “Lembra daquela garota que andou por aqui? Nico? Ela deixou seu disquinho, um disquinho bem legal que fez em Londres com Andrew Loog Oldham?”

Gerard Malanga: Nico grudou em Andy e em mim quando fomos a Paris. Somei dois mais dois e concluí que Nico tinha dormido com Dylan. Pareceu meio óbvio. Ela tinha tirado uma canção de Dylan – “I’ll Keep It with Mine” –, então ele provavelmente pegou algo em troca, toma lá, dá cá.

Mas Nico tinha ideias próprias. Ela não era uma típica *starlet* de Hollywood. Sua própria história falava por ela – Brian Jones, Bob Dylan, ela tinha participado de *La Dolce Vita* de Fellini e era mãe de Ari, filho ilegítimo de Alain Delon. Yeah, desse modo Nico já tinha um estilo de vida quando a conhecemos.

Nico: Em Paris, Edie Sedgwick estava ocupada demais com seu batom pra escutar, mas Gerard Malanga me falou do estúdio onde eles trabalhavam em Nova York. Se chamava Factory. Ele disse que eu seria bem-vinda da próxima vez que fosse a Nova York, mas Edie interrompeu com algum comentário idiota sobre a cor do meu cabelo. Mas Andy ficou interessado porque eu tinha feito filmes e estava trabalhando com os Rolling Stones.

Billy Name: Todos nós da Factory ficamos encantados com Nico. Ela era simplesmente uma criatura fascinante que ficava totalmente na dela, era desprezensiosa, mas absolutamente magnética. E não usava todas aquelas flores hippies, só usava pantalonas pretas ou pantalonas brancas – uma verdadeira beldade nórdica. Ela era demais, realmente, vou te contar, por isso qualquer coisa que a gente inventasse pra ter um papel pra ela, era isto que a gente faria. Queríamos que ela tivesse um papel de estrela no que estávamos fazendo, e, como ela era cantora, Paul Morrissey achou que seria genial tê-la cantando com os Velvets – o que, é claro, era a pior coisa que se poderia dizer pra eles àquela altura dos acontecimentos.

Paul Morrissey: Nico era espetacular. Tinha um carisma único. Era interessante. Era diferente. Tinha uma voz grave magnífica. Tinha um visual extraordinário. Era alta. Era alguém.

Eu disse: “Ela é maravilhosa e está procurando trabalho.” Eu disse: “Vamos colocá-la na banda porque os Velvets precisam de alguém que saiba cantar ou que possa prender a atenção quando eles param na frente do microfone, então ela pode ser a vocalista, e os Velvets podem continuar fazendo a coisa deles.”

Al Aronowitz: Nico estava me usando, ficava se oferecendo pra mim porque eu conhecia todo mundo e tinha acesso a todo mundo. Quer dizer, todo mundo estava puxando meu saco, e Nico estava sempre na volta se oferecendo, mas não me dava nunca.

Eu era um bundão burro. Todo mundo estava trepando, e eu era fiel à minha mulher. Nico me disse: “Vem nessa, vamos dar uma volta.” Então fomos até a represa de Delaware, e ela tinha uma garrafinha de LSD que tinha contrabandeado da Suíça e ficou pincelando seu minguinho ali e tomando. Ela me deu um pouco, nós ficamos completamente doidos, e então ela quis parar num motel. Eu disse: “Claro.”

Quando uma mulher diz: “Vamos parar num motel”, o que isso significa pra um cara? Mas isso não significava nada pra ela – não sei por que ela quis parar num motel. Passamos a noite debaixo das cobertas perto um do outro, mas não rolou nada porque ela disse que gostava de seus amantes meio mortos – como Lou Reed. Todo mundo tirou uma casquinha da Nico, menos eu, ha, ha, ha. Bob Dylan não teve um caso com ela, só um lance. Quer dizer, todo mundo tirou umas casquinhas. Eles não se importavam, só queriam se livrar dela, não serem chateados por ela.

Levei Nico pra ver o Velvet Underground – Nico nunca teve bom gosto e de cara ficou com a maior tesão por Lou Reed – porque sonhava em ser ela própria uma pop star.

E então até Nico começou a andar com Warhol, que colecionava aquele show freak. Isto era tudo que Andy Warhol tinha – um show freak – e era isto que atraía todo mundo. Ele tinha aquele lugar chamado de Factory, e era como um show de segunda linha – “Venham ver os freaks!” E todos os socialites de uptown iam lá pra ver.

Mas sempre tive um mau pressentimento em relação à Factory, porque todos aqueles freaks arrogantes me davam nojo com sua arrogância e seus maneirismos, o jeito como andavam, se pavoneando por lá. Era tudo pura pose. Nico se tornou uma deles – estava fazendo a mesma coisa –, mas escapou impune porque era muito bonita, da mesma forma que muita gente perdoou um monte de coisas em mim porque eu escrevia bem.

Paul Morrissey: É claro que Lou Reed quase teve uma síncope quando eu disse que precisávamos de uma garota cantando com o grupo pra obter mais publicidade. Não quis dizer que eles precisavam de alguém que tivesse algum tipo de talento, mas era exatamente isso que eu tinha em mente. Lou relutou muito em aceitar Nico, mas acho que John Cale se impôs e fez com que ele

aceitasse como parte do contrato. E Nico andou com Lou porque tinha esperança de que ele também escrevesse uma canção pra ela, o que ele jamais fez. Ele deu duas ou três cançõezinhas pra ela e não a deixou fazer mais nada.

John Cale: Lou estava muito cheio de si e aveadado naquela época. Nós o chamávamos de Lulu, e eu era o Black Jack. Lou queria ser a bicha-mor e destilar comentários mais venenosos que qualquer um. Lou sempre gostou de circular em bando, e a Factory estava cheia de bichas com quem circular. Mas Lou ficou ofuscado por Andy e Nico. Ele ficou completamente assombrado com Andy porque não conseguia acreditar que alguém pudesse ser tão benevolente e ao mesmo tempo tão maledicente – do mesmo jeito travesti de Lou, todo aquele efervescente humor gay.

Lou tentou competir. Infelizmente pra ele, Nico conseguia se sair melhor – Nico e Andy tinham abordagens um pouco diferentes, mas ganhavam de Lou uma atrás da outra. Andy nunca deixou de ser respeitoso conosco. Lou não conseguia entender isso direito, ele não compreendia essa cordialidade de Andy.

Pior ainda: Lou dizia alguma coisa escrota, mas Andy dizia alguma coisa ainda mais escrota – e melhor. Isso irritava Lou. Nico tinha o mesmo efeito. Ela dizia coisas que Lou não conseguia replicar. Veja bem, Lou e Nico tinham uma espécie de caso, consumado e constipado, na época em que ele escreveu aquelas baladas psicológicas pra ela, como “I’ll Be Your Mirror” e “Femme Fatale”.

Quando o caso acabou, nós aprendemos direitinho como Nico podia ser a dona da última palavra destruidora. Lembro que numa manhã a gente tinha se reunido na Factory pra um ensaio. Nico chegou tarde, como sempre. Lou deu oi pra ela de um jeito bem frio.

Nico simplesmente ficou lá. Dava pra ver que ela estava esperando a hora certa pra responder. Um tempão depois, de repente, saíram suas primeiras palavras: “Não consigo mais fazer amor com judeus.”

Nico: Lou gostava de manipular as mulheres, tipo programá-las, sabe. Ele quis fazer isso comigo. Ele me disse. Tipo me computadorizar.

Danny Fields: Todo mundo era apaixonado por todo mundo. Éramos todos garotos, e era como no colégio. Quer dizer, era como na época em que eu tinha dezesseis anos, fulano gosta de beltrano nessa semana, e beltrano não gosta de fulano nessa semana, mas gosta de sicrano, e havia todos aqueles triângulos, quer dizer, não era terrivelmente sério. Por acaso eram pessoas que depois ficaram muito famosas por serem muito sexys e bonitas, mas a gente não percebeu isso naquele tempo, todos estávamos apenas nos apaixonando e nos desapaixonando – porra, quem poderia se manter na linha?

Todo mundo estava ou não estava apaixonado por Andy, e Andy estava ou não estava apaixonado por todo mundo. Mas as pessoas que mais se apaixonavam eram as que, acho eu, menos trepavam – como Andy. Quer dizer, dá pra contar nos dedos de uma mão as pessoas que se sabe que de fato foram pra cama com Andy. As pessoas que realmente foram pra cama com Edie, ou Lou, ou Nico foram poucas, muito poucas. Não havia realmente muito sexo, havia mais tesão que sexo. Sexo era muito complicado. Ainda é.

Jonas Mekas: Pra mim Andy Warhol e a Factory nos anos 60 eram como Sigmund Freud. Andy era Freud. Ele era o analista, havia aquele imenso divã na Factory, e lá estava Andy, ele não dizia nada, você podia projetar qualquer coisa nele, pôr qualquer coisa, podia desabafar, jogar tudo em cima dele, e ele não ia te repelir. Andy era pai, mãe, irmão, tudo. Então é por isso que aquelas pessoas se sentiam tão bem perto dele – elas podiam estar naqueles filmes, podiam dizer e fazer qualquer coisa que quisessem porque não seriam reprovadas, aí estava a genialidade dele. Andy admirava todas as estrelas: portanto, pra agradar todas aquelas pobres almas desesperadas que apareciam na Factory, ele as chamava de superstars.

Sterling Morrison: Alguém disse: “Vamos tocar numa convenção psiquiátrica”, e eu disse: “Isso é mesmo a melhor coisa que podemos fazer?”

Maureen Tucker: Não faço ideia de por que nos convidaram – duzentos psiquiatras e nós, os freaks da Factory. Depois de um tempo, gente como Gerard e Barbara pegou seus gravadores e câmeras, indo nas mesas e fazendo aquelas perguntas ridículas. Aquele pessoal ficou de cara. Fiquei sentada, na minha, e perguntei: “Que porra estamos fazendo aqui?” Daí percebi que os psiquiatras talvez pensassem em fazer anotações ou coisa parecida.

Billy Name: A convenção começou como uma farsa. A gente estava se misturando a eles enquanto chegavam, mas era mais como se a tia de Edie Sedgwick estivesse dando uma grande festa. A gente conversava naturalmente com todo mundo, mas não como se fossem convidados e sim parentes de Edie. Eu disse pra um deles que tinha lido Otto Rank na adolescência e falei: “Bem, você sabe que Rollo May estava lecionando na New School, então fui lá fazer uns cursos só pra ver como era...”

Os Velvets estavam passando o som na frente de todo mundo e, quando se apresentaram, a performance fez parte da atmosfera, como uma turbulência por toda a noite.

A imprensa definiu o evento como uma confrontação irônica, mas não foi nada disso. A gente não chocou ninguém. Psiquiatras podem ser caretas, mas todos eles têm senso de humor e todos eles são inteligentes. Foi mais uma brincadeira do que um confronto. Barbara Rubin fez coisas como ligar o flash na cara deles ou meter o microfone na cara deles; você sabe, aquela técnica de confrontação que começou basicamente com o Living Theater. Pra mim aquilo era velho. Eu já conhecia aquele número, por isso não dei bola.

Ainda assim, a convenção psiquiátrica foi importante porque assinalou uma nova era na Factory, a fase *Chelsea Girls*. Até Nico e o Velvet Underground aparecerem, era sempre Andy Warhol e Edie Sedgwick. Andy e Edie. Pareciam duplos. Você sabe, ela pintava o cabelo de prateado por um tempo, e eles podiam andar de par de vaso. Eram como Lucy e Desi do mundo das artes.

Mas a noite da convenção de psiquiatras assinalou o fim da era Edie Sedgwick. Ela dançou com os Velvets no palco naquela noite. Ela dançou de um jeito muito cool – Edie sempre foi muito cool.

Gerard Malanga: Logo depois disso os Velvets tocaram uma semana na Cinemathèque. Jonas Mekas tinha sugerido a Andy que fizesse uma retrospectiva lá. Andy veio com a ideia de uma retrospectiva de Edie Sedgwick, mas quando ele viu os Velvets no Café Bizarre a ideia se transformou numa coisa maior.

Paul Morrissey: A semana na Cinemathèque era pra ser uma retrospectiva

de filmes de Edie Sedgwick? Bobagem. Isso é absurdo. A gente provavelmente ainda estava tentando ajudar Edie, provavelmente teve algumas cenas delas caminhando por aí sem fazer nada.

Jonas Mekas não ofereceu a Cinemathèque pra Andy. Ofereceu pra mim. Ele perguntou: “Você tem alguma coisa pra pôr nesse teatro que aluguei?” E eu disse: “Por que você não exhibe uns filmes, e a gente lança o nosso grupo?”

A gente exibiu filmes em double-screen durante uma hora, e em seguida o Velvet Underground tocou na frente de uns outros filmes por uma hora. Foi isso aí. Foi legal. Só um trabalho.

Lou Reed: Andy projetava seus filmes em cima da gente. Nos vestimos de preto pra que desse pra ver o filme. De qualquer modo, a gente sempre andava de preto.

Billy Name: Chamou-se *Uptight with Andy Warhol*, e não era só um festival de filmes de Warhol, era uma espécie de happening com os filmes de Andy Warhol – os filmes eram projetados em cima das pessoas que apareciam nos filmes enquanto elas mesmas dançavam em cima do palco. Na verdade a gente fez um filme do Velvet Underground e Nico pra poder projetar neles enquanto tocavam na Cinemathèque.

A coisa toda de início foi chamada de *Uptight* porque quando Andy fazia alguma coisa todo mundo ficava tenso. Andy era uma espécie de antítese do que os artistas românticos de vanguarda eram naquele tempo.

Cineastas como Stan Brakhage e Stan Vanderbeek ainda eram artistas boêmios heróicos de vanguarda, ao passo que Andy não era sequer um anti-herói, era um zero. E isso fez com que eles rangessem os dentes por Warhol se tornar reconhecido como o centro daquela coisa que eles tinham criado. Então todo mundo sempre ficava ligado quando ele aparecia.

Todos os outros cineastas undergrounds se arrepiavam como se alguém estivesse riscando uma lousa com giz – “Oh, não, Andy Warhol de novo, não!”

Nico: Meu nome ficou em algum lugar perto do rodapé do programa, e

chorei. Andy disse pra eu não me importar, era só um ensaio. Tocaram o disco de Bob Dylan com a canção “I’ll Keep It with Mine” porque de outro modo eu não teria o suficiente pra cantar. Lou queria cantar tudo. Eu tinha que ficar lá e cantar em cima do disco. Tive que fazer isso toda noite durante uma semana. Foi o show mais estúpido que já fiz.

Edie Sedgwick tentou cantar junto, mas não conseguiu. Nós nunca mais a vimos no palco de novo. Foi a despedida de Edie e a minha estreia ao mesmo tempo.

Billy Name: Edie não estava feliz com o rumo que sua carreira com Andy estava tomando, mas, é claro, ela tinha entrado na anfetamina – no lance de cristais, comigo, Ondine e Brigid Polk, e isto realmente arrasava com qualquer possibilidade de carreira, porque, sabe como é, você tem que ficar no seu posto e encarar seis horas de trabalho.

Nico: Existem algumas coisas pras quais se nasce, e Edie nasceu pra morrer por causa dos seus prazeres. Ela morreria por causa das drogas, não importando quem as desse pra ela.

Sterling Morrison: Quando surgimos em cena, éramos do tipo devagar – gente que tomava pílulas, Thorazine e todo o tipo de barbitúricos. Seconal e Thorazine eram os grandes favoritos. Você podia conseguir Thorazine com os médicos – alguém sempre tinha uma receita. Era bom, um produto farmacêutico, coisa de farmácia.

Costumavam dar Thorazine para psicóticos perigosos – ele definitivamente te subjuga. Te põe numa espécie de estado catatônico, ha, ha, ha. Eu tomava com um monte de álcool e esperava pra ver se ia estar vivo na manhã seguinte.

Ronnie Cutrone: Quando você saía do elevador na Factory, via o cartaz que Paul Morrissey havia posto na porta – ABSOLUTAMENTE NENHUMA DROGA É PERMITIDA. Enquanto isso, todo mundo ficava se picando na escada. Na verdade ninguém tomava drogas na Factory, exceto Andy, que tomava Obetrols, aquelas pequenas pílulas de *speed*. Ele tomava uma por dia pra pintar, porque era um workaholic. Aquele era realmente o seu lance. Todos os outros se picavam na escada.

Mas só metedrina. Éramos puristas. Os outros grupos estavam tomando ácido. Naquele tempo eu estava basicamente fora do ácido, estava na metedrina porque você tinha que ficar *uptight*, travado. “Uptight” tinha uma conotação legal, como na canção “Uptight”, de Stevie Wonder, mas a gente transformou o significado pra uma coisa rígida e paranoica. Consequência da metedrina.

Ed Sanders: Conheci Andy Warhol antes dele se cercar daqueles tipos da pesada. Foi por isso que parei de circular por lá, não me sentia mais confortável lá. Ficou um pouco corrompido. Eu estava realmente cheio daquela gente. Nós os chamávamos de A-heads, diminutivo de amphetamine heads (*cabeças de anfetamina*), porque estavam todos no *speed*.

De fato entrei numa de fazer filmes undergrounds especificamente pra fazer um documentário sobre os cabeças de anfetamina. Então aluguei aquele velho loft na Rua Allen, trouxe uns gramas de anfetamina, coloquei no meio da sala e pus luzes nos cantos. A única regra é que eu tinha liberdade pra filmar tudo porque estava fazendo este documentário chamado de *Amphetamine Heads*. Espalhei a informação, e todos aqueles A-heads apareceram, e eles esguichavam tinta colorida nas telas com suas seringas e depois usavam a mesma seringa pra se picar. Teria sido um bom filme, mas a polícia confiscou os rolos.

Susan Pile: As pessoas faziam coisas estranhas quando tomavam *speed*. Teve um cara que apareceu no Max’s Kansas City com o braço numa tipoia. Todo mundo perguntou: “O que aconteceu com você?”

Ele disse: “Oh, tomei um pico de *speed* e não consegui parar de pentear meu cabelo durante três dias.”

Lou Reed: O velho som era alcoólico. A tradição foi finalmente quebrada. A música é sexo, drogas e alegria. E alegria é a piada que a música entende melhor. Sons ultrassônicos nos discos pra provocar lobotomias frontais. Hey, não se assuste. Você deveria tomar drogas e aprender a amar o PLÁSTICO. Todos os diferentes tipos de plástico – flexível, rígido, colorido, multicolorido, plástico indefinido.

Ronnie Cutrone: Os anos 60 têm fama de terem sido abertos, livres e cool,

mas a verdade é que todo mundo era certinho. Todo mundo era completamente certinho e aí havíamos nós – este balaio de doidos. Tínhamos cabelo comprido e éramos perseguidos rua afora. As pessoas perseguiam você por dez quarteirões gritando: “Beatle!” Elas estavam fora da porra do juízo – esta era a realidade nos anos 60. Ninguém tinha cabelo comprido – você era um porra de um freak, você era uma pera, você não era como o resto do mundo.

De minha parte havia uma forte atração pelo lado sombrio. Lou e Billy Name iam naquele bar da Vaselina chamado Ernie’s – havia frascos de Vaselina no bar e uma peça nos fundos onde os caras iam trepar uns com os outros. Embora eu nunca tenha sido gay, estava a fim de sexo, e, quando você tem treze ou quatorze anos, sexo com mulheres não rola assim no mais. Então imaginei: “Poxa, não seria ótimo ser gay?”

Daí tentei, mas foi um tremendo fracasso. Lembro que uma vez eu estava chupando um cara, e ele disse: “Cara, você não tem nada a ver com isso”. Concordei: “Yeah, sei. Desculpe.”

Lou Reed: Sou um chupador de pau, meu bem. Você é o quê?

Billy Name: Lou, Mary Woronov e eu costumávamos ir ao Max’s Kansas City e em todas aquelas boates gays do Village, como a Stonewall. Elas fechavam às quatro, mas Lou e eu continuávamos de pé, na metedrina, e ainda éramos a fim de fazer alguma coisa. Então a gente ia praqueres lugares que ficavam abertos até de manhã, onde dava pra continuar dançando. Quando amanhecia, Lou e eu nos arrastávamos até a Factory e dávamos uma. Não estávamos tendo um caso nem nada, éramos apenas dois camaradas andando por aí.

Não acho que de fato a gente chupasse paus. Odeio chupar pau. É muito incômodo. Odeio ter minha cabeça tão ocupada – fica muito próximo e claustrofóbico. Lou apenas se masturbava, se acabava e então levantava pra ir embora, aí eu tinha que dizer: “Hey, espera um pouco. Ainda não gozei.”

Então Lou sentava na minha cara enquanto eu me masturbava. Era como fumar casca de milho atrás do celeiro, coisa de garotos. Não havia paixão ou romance envolvidos. Era só uma questão de aliviar as bolas naquele

momento, porque sair com garotas ainda tinha a ver com ficar envolvido e toda aquela merda. Com caras era mais fácil.

Danny Fields: Fiquei muito apaixonado por Lou Reed. Achei que ele era a coisa mais quente e sexy que eu já tinha visto. Imagino que ele simplesmente presumisse que todos o amavam, você sabe, ele era muito cool, e aqueles óculos escuros. Oh, meu Deus, a energia emocional que gastei com aquela criatura – onde é que eu estava com a cabeça?

Ronnie Cutrone: Sexo S&M me fascinou embora eu não soubesse nada sobre o assunto. Eu tinha uma curiosidade natural, por isso perguntei pra Lou: “Sobre o que trata *Venus in Furs*?” Lou respondeu: “Ah, sabe como é, é um romance trash.” Perguntei: “Onde posso conseguir uma cópia?” Lou disse: “Ah, yeah, logo ali adiante, neste quarteirão, tem uma loja.” Aí fui lá e comprei o livro. Eu ainda estava no colégio, então ia pra aula com meus *Venus in Furs*, *Story of O* e *Justine* e ficava sentado lá, lendo essas coisas.

Por isso adorei instantaneamente a música do Velvet. Era sobre as coisas urbanas da rua, sobre perversão, sobre sexo – uma parte era sobre um tipo de sexo que eu nem conhecia, mas estava aprendendo.

Gradualmente, Gerard, Mary e eu preparamos uma coreografia ótima pra canção “Venus in Furs”, porque “Venus in Furs” tinha três personagens principais – a Dominatrix, o escravo Severin e o Príncipe Russo Negro, que mata o escravo.

Eu não ia ser nenhum escravo e não tinha o que é preciso pra ser uma boa dominatrix; então ficou assim – Mary e eu dançando com chicotes, atormentando Gerard.

Basicamente nos apresentávamos apenas pra nossa própria curtição – sem participação do público, a gente não dizia uma palavra pra plateia, quer dizer, uma hora e quarenta e cinco minutos de apresentação sem uma palavra pro público, nada de “obrigado”, nada de “que bom que vocês vieram”, nada de “vamos ter uma grande noite esta noite”. A gente apenas aparecia, se picava, levantava pesos, botava flashes nos olhos deles, brandia relhos gigantes nas caras deles, meio que simulava trepar um com o outro no palco, tinha os filmes de Andy brilhando ao fundo, e os Velvets davam as costas pro público.

Gerard Malanga: Depois da Cinemathèque, a gente viu o show como uma coisa séria – a dança do chicote realmente combinava com “Venus in Furs”. Então comecei a inventar quadros pra algumas outras canções, porque não ia ficar brandindo meu chicote no palco em todas as músicas, isso seria ridículo.

Paul Morrissey: Gerard gostava de chegar lá e dançar. Ele simplesmente ficava no palco, girando perto deles. E então ele trouxe um chicote, e aí Mary Woronov ficou lá, e daí pessoas diferentes subiam e... vamos chamá-las de go-go girls ou coisa assim.

Aquilo fez uma grande diferença. Gerard era ótimo. Era uma coisa a mais ter as pessoas dançando daquele jeito. Porque uma coisa você tem que louvar no Velvet: eles não se moviam no palco. Isto é um tributo. Então é claro que Nico surgia com aquele rosto e voz deslumbrantes e parava absolutamente imóvel. Oh, quanta classe e dignidade.

Então tive que bolar um nome pro show – as luzes e os dançarinos que iam com o Velvet Underground e Nico, e eu estava olhando aquele álbum estúpido de Dylan que sempre me intrigou um pouco, não sei qual era, mas parece que me lembro que tinha uma foto de Barbara Rubin no verso. Aí eu estava olhando pro papo furado impresso atrás e disse: “Veja só, use a palavra ‘exploding’, algo de ‘plastic’, e, seja lá o que isso signifique, ‘inevitable’”.

Andy Warhol: Todos nós sabíamos que algo de revolucionário estava acontecendo. A gente sentiu isso. As coisas não pareceriam estranhas e novas se alguma barreira não estivesse sendo quebrada. “É como o Maaar Vermelho...”, disse Nico uma noite, parada perto de mim no balcão do Dom, que dava vista pra toda a ação: “...se abrinnnndo.”

Paul Morrissey: A gente tocou no Dom, em St. Marks Place, por cerca de um mês, daí fui pra L.A. pra acertar um trabalho num nightclub em Sunset Boulevard chamado Trip – vê se pode. Uma patética merda hippie. Então a gente caiu fora do Dom porque não tinha ar-condicionado e o verão estava chegando, e fomos todos pra L.A. E pareceu divertido.

Daí Bill Graham veio de San Francisco implorando pra eu agendar o Velvet Underground no seu banheiro, o Fillmore Auditorium – o Swillmore

Vomitorium (*Vomitório de Beberragem*) . Rapaz, ele era um canalha. Sempre falam dele como um santo. Uggh! Quer dizer, ele era realmente MEDONHO! Um verdadeiro monstro. Ele veio pra L.A. praticamente chorando. Seu argumento era de que era um feriadão e sabe como é: “Tenho dado o maior duro pra manter minha casa aberta e estou indo à falência, a polícia está me cercando, e estão me pegando por isso e me pegando por aquilo, e não sei se posso sobreviver, mas SEU show é tão famoso que se vocês viessem pra San Francisco poderiam salvar meu clube...”

Mary Woronov: Nem queríamos ir pra San Francisco. A Califórnia era realmente muito estranha. Absolutamente não éramos como eles. Eles nos detestaram. Pra começar, a gente se vestia com couro preto, eles se vestiam com cores vibrantes. Eles eram do tipo: “Oh, uau, cara, um happening!” A gente estava lendo Jean Genet. A gente era do S&M, eles eram do amor livre. A gente realmente gostava dos gays, e a Costa Oeste era totalmente homofóbica. Então eles acharam que éramos do mal, e nós achamos que eles eram estúpidos.

Além disso nós estávamos totalmente tensos, porque estávamos todos... bem, *eu* estava na metedrina. E, quando a gente chegou no Fillmore, os Mothers of Invention não estavam tocando como eles normalmente faziam, mas havia pessoas dançando na frente deles, do mesmo jeito que Gerard e eu fazíamos com os Velvets. Então ficamos putíssimos com isso, e Lou ficou realmente possesso; depois do show a banda deixou os instrumentos perto do amplificador, o que provocava retorno, e caiu fora do palco.

San Francisco, é claro, nem se flagrou de que o show tinha terminado.

Maureen Tucker: Não gostei daquela merda paz e amor.

Gerard Malanga: Jim Morrison veio nos ver no Trip porque estava estudando cinema em L.A. naquele tempo. Foi quando, conforme reza a lenda, Jim Morrison adotou meu visual – as calças de couro pretas –, ao me ver dançando no palco do Trip.

Paul Morrissey: Enquanto a gente estava em L.A. foi ao estúdio e gravou o primeiro álbum. O primeiro álbum foi feito em duas noites e custou uns três mil dólares, o que na época era um monte de dinheiro. Andy nunca tinha

gasto tanto dinheiro assim em nada. Os filmes de Warhol custavam apenas umas centenas de dólares cada um. Então, pra eu arrancar aquele monte de dinheiro de Andy...

Andy Warhol: Durante todo o tempo em que o álbum estava sendo feito ninguém parecia satisfeito com aquilo, especialmente Nico. “Quero cantar como Bawwwhhhb Deee-lahhhn”, gemia ela, contrariadíssima porque não conseguia.

Lou Reed: Andy deu uma dentro ao tentar garantir que em nosso primeiro álbum a linguagem permanecesse intacta. Acho que Andy estava a fim de chocar, de dar uma sacudida nas pessoas e de não deixar que nos convencessem a fazer concessões. “Oh, vocês têm que ter certeza de que os palavrões serão mantidos.” Ele foi inflexível nisto. Ele não queria que fosse feita uma limpeza, e, porque ele estava lá, não foi feita. E, em consequência disso, a gente sempre soube como é ter estilo próprio.

Iggy Pop: A primeira vez que ouvi o disco do Velvet Underground e Nico foi numa festa no campus da Universidade de Michigan. Simplesmente odiei o som. Sabe como é: “COMO É QUE ALGUÉM PODE FAZER UM ÁLBUM COM UM SOM DE MERDA DESSES? ISSO É NOJENTO! TODA ESSA GENTE ME DÁ NO SACO! GENTALHA HIPPIE FODIDA! BEATNIKS FODIDOS, SOU A FIM DE MATAR TODOS ELES! ESSE SOM É UM LIXO!”

Depois, uns seis meses mais tarde, o disco me pirou. “Oh, meu Deus! UAU! Esse é uma porra de um disco genial!” Este disco se tornou importantíssimo para mim, não só por causa do que dizia e por ser tão maravilhoso, mas também porque ouvi outras pessoas que sabiam fazer uma música boa – sem serem nada boas em música. Isto me deu esperança. Foi a mesma coisa que na primeira vez que ouvi Mick Jagger cantando. Ele só consegue cantar uma nota, não tem inflexão nenhuma, e só vai: “Hey, well baby, I can be oeweowww...” Toda canção é no mesmo tom invariável, e é só aquele garoto dizendo as letras. Foi o mesmo com os Velvets. O som era tão simples e ainda assim tão bom.

Paul Morrissey: A Verve/MGM não sabia o que fazer com o álbum *Velvet Underground and Nico* porque ele era muito peculiar. Não o lançaram por

quase um ano, e acho que, durante esse tempo, criou-se na cabeça de Lou a ideia de que o álbum seria lançado e talvez rendesse um monte de dinheiro. “Então vamos largar esse contrato de empresariado que temos com Andy e Paul.” Tom Wilson, da Verve/MGM, só comprou o álbum de mim por causa de Nico. Ele não viu talento nenhum em Lou.

Sterling Morrison: Desde o começo houve problemas com Nico, porque havia só umas poucas canções apropriadas pra ela, e ela queria cantar todas – “I’m Waiting for the Man”, “Heroin”, todas elas. E ela tentava e fazia um pouco de política sexual dentro da banda. Você encontrava Nico por perto de quem quer que parecesse exercer influência no curso dos acontecimentos. Então ela foi de Lou pra Cale, mas nenhum dos dois casos durou muito.

Ronnie Cutrone: Nico era muito esquisita pra ter qualquer tipo de relacionamento. Não era uma daquelas mulheres com quem você fica ou ama, ou se diverte ou anda por aí. Nico era realmente muito esquisita. Por um lado era muito fria e na dela e por outro era irritantemente insegura.

Nico era totalmente de última porque não podia sair de casa sem se olhar no espelho por umas cem horas. “Ronnie, que tal parece isso?”, e ela fazia um pequeno passo de dança, e eu dizia: “Porra, Nico, sai e dança e pronto”. Embora fosse a Princesa de Gelo, ela era espetacular, sabe como é, uma loira de arrasar. Mas Nico era estranha. Era uma esquisitona. Nico era uma porra de uma esquisitona, quer dizer, era só isso. Bonita, mas uma esquisitona. Você não tinha um relacionamento com Nico.

E Lou de fato não queria Nico por perto porque Lou queria ser o Velvet Underground e tocar rock & roll. Lou já não queria mais se meter a artista. Queria ser puro rock & roll. Sabe como é, ele estava cheio.

Os Velvets não estavam tendo nenhuma execução nas rádios. Não houve nenhuma grande divulgação do disco. Mas aquilo não foi só culpa de Andy, quer dizer, veja sobre o que eles falavam: heroína e marinheiros nus mortos no chão. Quer dizer, eles não iam tocar no rádio com “Venus In Furs”!

Nico: Todo mundo no Velvet era muito egomaniaco. Todo mundo queria ser a estrela. Quer dizer, Lou queria ser a estrela – claro que ele sempre foi –, mas todos os jornais vinham até mim o tempo todo. Eu sempre quis cantar

“I’m Waiting for the Man”, mas Lou não deixava. Lou era o chefe e era muito mandão. Você conhece Lou? O que você acha dele – sarcástico? É porque ele toma muitas pílulas – a combinação de todas as pílulas que ele toma... Ele é muito rápido, inacreditavelmente rápido. Sou muito lenta.

Ronnie Cutrone: Você também tem que entender que a gente estava na metedrina nove dias por semana. Então mesmo agora não sei o que era verdade, porque, quando você fica ligado nove dias seguidos, qualquer coisa pode acontecer, a paranoia é tão espessa que você pode cortá-la com um machado. E todos os ressentimentos podem ficar dissimulados por meses, até anos.

Nunca esquecerei uma noite que tomamos um *speed* ruim, mas fomos pro palco e descobrimos um tempo depois que todo mundo achou que estava sendo sacaneado pelo outro. Durante “Venus in Furs” eu jogava meu relho e agitava-o no chão, e Mary dançava em volta dele, mas naquela noite, quando atirei o chicote no chão, Mary *pisou* em cima, e eu não conseguia puxá-lo de volta. Gerard estava fazendo a mesma coisa, e todo mundo pensou que estava sendo sacaneado pelo outro.

Isto não era incomum. Sempre rolava aquele papo de: “Sei que esse e aquele estão falando pelas minhas costas”, e: “Ele está tentando fazer isso”, ou: “Ele está tentando chegar lá”.

Todo mundo estava competindo pela atenção de Andy. Havia sempre esse nível subliminar – e às vezes não muito subliminar – de rivalidade e profunda, profunda, profunda paranoia. Quer dizer, você está ligado há nove dias, sua visão periférica está turvando, tudo está se movendo na sala, você não sabe nada de nada, então um comentário casual adquire um profundo, profundo, profundo significado, de importância cósmica. Isso realmente fode com você.

Danny Fields: Falei pra Lou e John repetidamente: “Vocês sabem que são bons demais pra isso. Por que não tentam fazer disso uma banda?” Eu achava que os efeitos visuais de Exploding Plastic Inevitable eram estúpidos e banais, achava que a dança do chicote era estúpida e banal, achava que as projeções de slide de Barbara Rubin eram estúpidas e banais. Exploding Plastic Inevitable não passava de um jardim de infância, não tinha nem de

longe o poder da música. A música era a coisa real. Se ao menos as luzes fossem tão boas quanto a música, talvez, mas não eram – quer dizer, bolinhas e filmes?

Assim sendo, achei que o Velvet Underground era melhor como uma banda, mas suponho que eles se sentissem seguros sob a proteção de Andy Warhol, e isso dera a eles a oportunidade que talvez não tivessem tido. Então, quando eu dizia pra Lou e John que eles eram melhores que o Exploding Plastic Inevitable, eles me diziam: “Mas Andy é tão bom pra gente. Como poderíamos deixar Andy?”

John Cale: Warhol era um bom catalisador. No que quer que trabalhasse, ele pegava e fazia realmente bem. Não foi muito bom quando ele começou a perder o interesse pelo projeto todo. A gente estava excursionando pelo país, e Warhol simplesmente não estava mais interessado, e havia um monte de maledicência rolando na banda. Pra começar, viajando com dezessete pessoas, um show de luz e tudo mais, fica uma espécie de obsessão se você não ganha dinheiro suficiente. E a única razão pra gente ter ganho um monte de dinheiro é que Andy estava com a gente.

Paul Morrissey: Lou mais ou menos desfez o grupo antes mesmo do álbum *Velvet Underground and Nico* ser lançado e anunciou que queria sair do contrato. Ele queria encontrar empresários melhores. Empresários melhores? Eles teriam voltado pra Queens e permanecido desconhecidos se eu não tivesse aparecido.

Lou Reed: Warhol ficou furioso. Eu nunca tinha visto Andy furioso, mas vi naquele dia. Ele ficou realmente possesso. Ficou vermelho e me chamou de rato. Esta foi a pior coisa na qual ele conseguiu pensar. Aquilo foi como abandonar o ninho.

Paul Morrissey: Andy era muito desconfiado em relação a Lou Reed. Andy era desconfiado com todo mundo – mas um bilhão de vezes mais com Lou, que ele percebeu ser um duas-caras, um fingido, um tipo ganancioso. Então, qualquer confronto que Lou dissimule como se fosse alguma conexão entre ele e Andy é pura invenção.

Andy dizia: “Oh, o tal de Lou vem vindo, livre-se dele. Diga que não estou.”

Andy simplesmente não queria lidar com gente desse tipo. E não posso culpá-lo. Lidei com Lou todo o tempo, em nome de Andy, e Lou sempre teve seus esqueminhas por fora.

John Cale: Lou começou a agir de um jeito estranho. Ele trouxe aquela verdadeira cobra, Steve Sesnick, pra ser nosso empresário, e toda a intriga começou. Lou começou a nos chamar de *sua* banda, e Sesnick estava tentando fazê-lo seguir carreira solo. Talvez fossem as drogas que Lou estava tomando naquele tempo. Elas certamente não ajudaram.

Ronnie Cutrone: Lembro de quando acabamos com Exploding Plastic Inevitable. A gente estava tocando no Scene. Naquela época, ninguém sabia dançar, então, se você dançava no palco, as pessoas olhavam pra você de um jeito: “Uaaau, que bacana”. Mas depois de um montão de apresentações de EPI as pessoas captaram o espírito da coisa.

O palco no Scene era bem baixo e, de repente, vindas de lugar nenhum, cinco ou dez pessoas subiram e se juntaram a nós. Mary e eu olhamos um pro outro: “Bem, acabou, né?”

Na real, fiquei aliviado. Eu tinha uma namorada e simplesmente não conseguia mais lidar com o estilo de vida groupie. Eu usava oito anéis e tinha sempre um chicote em volta da minha cintura, então fui pro camarim, tirei os anéis e atirei pela janela, soltei o chicote e atirei pela janela também. Cheguei pra minha namorada e disse: “Te amo. Não vou mais fazer isso.” Ela provavelmente disse pra si mesma: “Oh, que maravilha, ele é todo meu. Agora podemos ir pra casa e nos picar sozinhos.”

Ed Sanders: Há um problema quando você abre sua obra pra sarjeta. Quer dizer, é como flertar com satanismo ou experimentar certos estilos de vida, ou certos tipos de drogas que te abrem – você sabe, não sou uma pessoa religiosa, mas você abre aquela fenda, ela pode te engolir. Então é preciso ter cuidado.

O problema com os hippies foi que se desenvolveu uma hostilidade dentro da contracultura entre aqueles que tinham o equivalente a um fundo de crédito – uma espécie de poupança familiar – e aqueles que tinham que se virar sozinhos. É verdade, por exemplo, que os negros já estavam um pouco

ressentidos com os hippies lá pelo Verão do Amor, em 1967, porque, pela ótica deles, aqueles garotos estavam desenhando figuras espirais nos seus blocos, queimando incenso e tomando ácido, mas poderiam cair fora a hora que quisessem.

Eles podiam voltar pra casa. Podiam ligar pra mamãe e dizer: “Me tira daqui.” Ao passo que alguém criado num conjunto habitacional da Rua Columbia e que estava se arrastando em volta de Tompkins Square Park não podia escapar. Aqueles garotos não têm pra onde pra ir. Não podem voltar para Caipirolândia, não podem voltar pra Connecticut. Não podem voltar pro internato em Baltimore. Estão encurralados.

Assim, ali surgiu um outro tipo de hippie lúmpen, que vinha de uma verdadeira infância de maus-tratos – com pais que o odiavam, pais que o haviam rejeitado. A garota talvez viesse de uma família religiosa que a chamava de vagabunda ou dizia: “Você fez um aborto, vá embora daqui”, ou: “Encontrei pílulas anticoncepcionais na sua bolsa, saia daqui, vá embora.” E esses garotos se transformaram num tipo hostil de gente da rua. Tipos punks.

Lou Reed: Há muito a dizer sobre a época em que você está por fora e por baixo. Em outras palavras, Andy não precisava usar os óculos escuros e a jaqueta de couro preta, as duas coisas que atraíam a atenção dele. Qualquer um sabe que, se você sai e faz isto, vai atrair um certo bando de pessoas, pro bem e pro mal.

Paul Morrissey: Andy Warhol dava uma mão pra Valerie Solanis porque ele era um cara legal. Então Andy dizia pra ela: “Por que você não ganha dinheiro pelo menos uma vez, Valerie? Você pode aparecer num filme.” Então, em vez de dar vinte e cinco dólares – só pra se livrar dela –, ele ficava tentando reabilitá-la, como estava sempre tentando com todos, tentando fazê-los úteis. Ele disse: “Bem, diga alguma coisa em frente à câmera e, quando lhe dermos vinte e cinco dólares, parecerá que você ganhou o dinheiro.” *I, a Man* foi feito em uma noite. O filme inteiro foi feito em duas ou três horas, e Valerie apareceu e fez uma cena de cinco ou dez minutos, e foi isto aí.

Ultra Violet: Valerie Solanis era um pouco assustadora, mas eu gostava dela, porque a achava brilhante. Se você ler seu manifesto, *SCUM – The Society for Cutting up Men (A Sociedade Pró-Castração dos Homens)* –, é uma coisa

maluca, mas brilhante e espirituosa. Não sou feminista de nascença, mas quando li o manifesto dela achei que havia várias coisas boas – que os homens têm controlado o mundo desde Adão e que é hora de parar com isso.

Paul Morrissey: Tentei me livrar de Valerie Solanis três vezes. E então um dia ela chegou com Andy e, quando ninguém estava olhando, simplesmente sacou um revólver e começou a atirar. Idiota estúpida. Ela queria ter atirado em outro cara naquele dia, e ele não estava em casa, então ela simplesmente decidiu atirar em Andy. O que você faz com alguém assim? Não dá pra analisar isto. Não havia significado mais profundo naquilo. Não tinha nada a ver com Andy.

Billy Name: Ouvi os tiros de dentro do laboratório de revelação de filmes. Ouvi um som irreconhecível, mas estava trabalhando em alguma coisa e sabia que Fred Hughes e Paul estavam lá na frente; então, o que quer que fosse, tive certeza de que eles poderiam tomar conta. Eu queria terminar e aí ir ver se alguma coisa tinha caído.

Quando abri a porta e entrei na parte da frente da Factory, Andy estava no chão, numa poça de sangue. Num instante eu estava ajoelhado ao lado dele pra ver o que podia fazer. Coloquei minha mão embaixo dele e fiquei chorando. Isso foi realmente muito estranho – Andy disse pra mim: “Não... não... não me faça rir. Dói demais.” Naquela hora o motorista da ambulância chegou e não prestei muita atenção em mais ninguém.

Gerard Malanga: Foi ruim. Ele quase morreu. Seu pulso estava tão fraco que ele praticamente foi dado como clinicamente morto. Foram pelo menos duas, talvez três balas. Ele perdeu o baço. Perdeu parte de um pulmão ou do fígado. Teve que usar um espartilho por um ano pra manter os intestinos no lugar.

Lou Reed: Eu estava com muito medo de ligar pra Andy, no fim liguei, e ele me perguntou: “Por que você não veio?”

Ronnie Cutrone: Depois de ser ferido Andy ficou muito, muito, muito paranoico com a cena toda. Acho que ele pensou que talvez tivesse tomado uns rumos errados na vida dele e que não devia ficar perto de pessoas que eram tão loucas. Foi então que a nova Factory surgiu, com paletós e gravatas.

Andy ficou diferente depois de ter sido baleado. Quer dizer, Andy podia me dar oi e conversar comigo, mas estava realmente apavorado. Estava apavorado com o que este tipo de insanidade podia trazer – ou seja, seis balas no peito.

Assim, Andy estava tentando mudar a vida dele, eu estava tentando mudar minha vida, Lou estava tentando ficar comercial, e Nico, nem sei o que aconteceu com Nico. Ela simplesmente caiu fora, talvez pensasse em voltar pro cinema... Não tenho realmente muita certeza, porque não era uma época em que as pessoas expressassem seus sentimentos...

Sterling Morrison: Lou chamou Maureen Tucker e eu pra um encontro no Riviera Café no West Village, pra anunciar que John Cale estava fora da banda.

Eu disse: “Você quer dizer fora hoje ou nesta semana?” E Lou disse: “Não, ele está fora.” Eu disse que nós éramos a banda, que era assim, como dois e dois são quatro. Então houve uma longa e amarga discussão, com muitos socos na mesa, e finalmente Lou disse: “Você não aceita? Ok, a banda está dissolvida.”

Hoje eu poderia dizer que era mais importante manter a banda unida do que se preocupar com John Cale, mas não foi isto que realmente me fez decidir. Eu simplesmente queria continuar fazendo aquilo. Então finalmente pesei meus interesses contra os interesses de John Cale e o rifei. Disse pra Lou que engoliria aquilo, mas que não gostava.

Devo dizer que Lou detonou John por inveja. Um amigo disse que Lou sempre tinha falado pra ele que queria ser uma estrela solo. Lou nunca revelou isso pra nós, mas John e eu sempre soubemos que ele realmente queria algum tipo de reconhecimento à parte da banda.

John Cale: No começo, Lou e eu tínhamos um fervor quase religioso no que estávamos fazendo – como tentar encontrar caminhos pra integrar alguns conceitos de La Monte Young ou Andy Warhol no rock & roll. Mas depois do primeiro disco perdemos a paciência e a persistência. Não conseguíamos nem lembrar quais eram nossos preceitos.

Lou Reed: Rock & roll é tão fabuloso, as pessoas deviam começar a morrer por ele. Você não está entendendo. A música te pôs de novo no ritmo pra que você pudesse sonhar. Uma geração inteira no embalo de um baixo Fender...

As pessoas simplesmente devem morrer pela música. As pessoas estão morrendo por tudo o mais, então por que não pela música? Morrer por ela. Não é bárbaro? Você não morreria por algo bárbaro?

Talvez eu deva morrer. Além do mais, todos os grandes cantores de blues morreram. Mas a vida está ficando melhor agora.

Não quero morrer. Quero?

PARTE UM

Quero ser seu cachorro

1967-1971

CAPÍTULO 1

Poesia? Você chama isso de poesia?

Danny Fields: Quando eu não estava trepando em algum outro lugar, ia todas as noites ao Max's Kansas City. Era um bar e restaurante a duas quadras de onde eu morava, e dava pra ficar por lá toda noite se servindo de café. Era grátis. E todo mundo sempre assinava a nota e nunca se pagava a conta. Eu me sentia muito culpado, tinha uma conta pendurada de cerca de dois ou três mil dólares. Acho que isso era um dinheirão nos anos 60. Tinha amigos que assinavam a nota como Pato Donald ou Fatty Arbuckle. Era simplesmente muito maravilhoso, e todas as garçonetes eram bonitas... e todos os ajudantes de garçom...

Dava pra trepar com todos os ajudantes de garçom. Quer dizer, não lá, mas depois. Dava pra trepar com qualquer um que entrasse lá, porque todo mundo

queria ir pra sala dos fundos. Então era só dizer: “Você vai ter que trepar comigo pra eu deixar você se sentar numa mesa legal.”

Então era um escancaro, mas não era gay, graças a Deus. A gente detestava bares gays. Bares gays? Oh, por favor, quem queria ir a bares gays? No Max’s você podia trepar com qualquer um, e isso é que era o bonito da história.

Lee Childers: Danny era o doidão da companhia na Elektra Records. O trabalho dele era manter os executivos estúpidos da companhia de alguma forma em contato com as ruas. Na época este era um cargo de verdade: doidão da companhia. Ele dizia pros caras o que era bom e o que não era, mas dizia principalmente o que era cool.

As gravadoras eram espertas pra admitir que na verdade não eram cool. Nos anos 60, elas tiveram que admitir que não faziam ideia do que estava rolando. Então contrataram pessoas cujo trabalho era ser cool. Foi uma ideia maravilhosa.

Danny Fields: Contrataram alguém de baixo nível que usava calças boca de sino, fumava baseado e tomava LSD no escritório – eu. E eu tomava LSD no escritório mesmo. Me sentava por lá e ficava lambendo o ácido. Minhas mãos ficavam cor de laranja.

Steve Harris: Eu estava trabalhando pra Elektra Records e estava na Califórnia com Jac Holzman, o presidente da Elektra, quando ele foi ver os Doors no Whiskey pela primeira vez. Ele voltou dizendo: “Vi um grupo bem interessante e acho que vou assinar com eles.” E assinou. Então eles vieram pra Nova York pra fazer um show no Ondine’s, na Rua 58, embaixo da ponte.

Danny Fields: Lembro que Morrison cantou “Light My Fire” naquela noite, porque foi a única música boa que ele cantou.

Tom Baker: Sentei com Andy Warhol e sua comitiva numa mesa comprida perto do palco. Pam Courson, a namorada de Morrison, sentou do meu lado e estava muito entusiasmada. Ela me disse: “Jim está com tudo em cima pro show desta noite. Esqueça aquela bosta no Gazzari’s, agora você vai ver o

verdadeiro Jim Morrison.”

Quando os vi no Gazzari’s, um clube na Sunset Strip, Jim estava viajando de LSD e cambaleando de bêbado. A performance dele não foi nada espetacular, exceto num momento – enquanto gaguejava uma canção no começo do show, de repente soltou um grito profundo e horripilante. Pam estava furiosa com ele e ficava me dizendo que eu não o estava vendo na sua melhor forma. Eu disse pra ela que ele era um cara legal, mas que deveria manter o emprego que tinha de dia.

Mas quando ele terminou o show no Ondine’s, fiquei sentado lá, estupefato. Olhei pra Pamela. Ela se inclinou na minha direção e disse: “Não te falei?”

Mais tarde os Doors deram uma festa num clube pra celebrar o sucesso deles. Quando acabou, Jim e eu ficamos parados no pé da escadaria que dava pra Rua 46. Era tarde, e o lugar estava cheio de tiras e de tipos mal-encarados. De repente Morrison começou a atirar garrafas vazias nos degraus.

Agarrei-o pelo braço e gritei: “Mas que porra que você está fazendo, pelo amor de Deus?”

Ele me ignorou e atirou outra garrafa nos degraus, ao mesmo tempo em que soltava um daqueles seu gritos de gelar o sangue. Esperei que um pequeno exército de tiras fosse cair matando. Depois de uma última garrafa e um último grito, Jim se virou e caiu fora. Fiquei frustrado, pois queria dizer pra ele que finalmente tinha encontrado alguém que estava realmente possuído.

Danny Fields: No dia seguinte eu tinha que ir à gravadora, então disse pros caras que havia aquela canção sobre fogo e falei: “Se vocês vão lançar um single dos Doors, lancem esta.”

Eles disseram: “Uhn, uhn, é muito longa.”

Então outras pessoas começaram a dizer a mesma coisa pra eles. A princípio acharam que fosse impossível, mas depois dos DJs dizerem que ali havia um hit em potencial, sem aquela bobagem pretensiosa no meio, começaram a ouvir. Era uma música que pegava.

Então levaram Paul Rothchild pra dentro do estúdio e disseram: “Paul, corta isso.” E Paul cortou. Dá pra ouvir a separação no meio. E deu certo. A música foi pro primeiro lugar.

Steve Harris: Acho que Danny teve problemas com Jim Morrison porque achou que poderia mandar em Jim. Eles tiveram um desentendimento no Castle, na Califórnia, quando Jim estava andando com Nico. Eles estavam lá no Castle, e Jim estava muito bêbado e muito louco, e Danny ficou com medo de que ele morresse se pegasse o carro. Então Danny pegou as chaves do carro de Jim. E Jim ficou completamente puto com Danny por causa disto.

Danny Fields: Eu estava em L.A., parando com Edie Sedgwick e Nico no Castle. Elas estavam em Hollywood por algum motivo que não consigo lembrar. O Castle era uma casa de dois andares que pertencia a alguma velha rainha de Hollywood, que a alugava pra bandas de rock. Todo mundo tinha ficado lá – Dylan, Jefferson Airplane, os Velvets. A proprietária alugava pra bandas de rock & roll porque a casa estava num tal estado de ruína que na real não importava o que acontecesse com ela.

Pouco antes de chegar em L.A., estive em San Francisco pra ver os Doors tocarem no Winterland. Depois do show fui pro camarim, e Morrison estava cercado por umas groupies muito ordinárias e feias. Achei que aquilo era ruim pra imagem dele. Então decidi arranjar um caso entre Morrison e Nico. Era um *shiddach*, que é o termo ídiche pra arranjo. Queria que ele encontrasse Nico, se apaixonasse por ela e visse com que tipo de garota deveria andar. Quer dizer, era muita audácia da minha parte. Não era realmente da minha conta me intrometer, mas...

Nunca tive nenhum respeito por Oliver Stone, mas depois de ver a versão dele pro encontro de Morrison e Nico no filme sobre os Doors – “Olá, sou Nico, está a fim de ir pra cama comigo?” –, a realidade não poderia ter sido mais diferente.

O que realmente aconteceu foi que encontrei Morrison no escritório da Elektra em Los Angeles, e ele seguiu comigo pro Castle no seu carro alugado. Morrison entrou na cozinha, e Nico estava lá, e os dois ficaram parados se examinando.

Depois ficaram com os olhos pregados no chão e não trocaram uma palavra. Ambos eram muito poéticos pra dizer alguma coisa. O que estava rolando entre eles era uma coisa muito chata, poética e silenciosa. Eles formaram um vínculo místico instantâneo – acho que Morrison puxou o cabelo de Nico e a seguir tratou de se embriagar tremendamente, e eu o abastei com o que havia sobrado das minhas drogas, o pouco que Edie Sedgwick não tinha roubado.

Naquela época eu nunca viajava sem meu pequeno suprimento de tudo. Meu pai era médico, então eu tinha acesso a pílulas vermelhas, amarelas, pretas, Tuinals – tudo. Mas, desde que tinha morado com Edie em New York, sabia que ela era uma cleptomaníaca de extraordinária habilidade, especialmente quando se tratava de drogas.

Edie tinha um nariz de cão farejador pra pílulas. Por isso, assim que cheguei ao Castle, quando vi que Edie estava de costas – ela estava se despedindo de Dino Valenti na entrada da garagem –, me esgueirei escada acima e escondi minhas drogas cuidadosamente no que considerei um lugar seguro, embaixo de um colchão duplo num quarto dos fundos.

Mais tarde, quando fui pegá-las, estavam completamente dizimadas. Edie tinha encontrado. Então peguei o que tinha sobrado, um pouco de ácido, e dei pra Morrison, e ele ficou tão chapado e tão horrendamente bêbado que quis ir embora.

Daí tirei as chaves da ignição e escondi embaixo do tapete do carro dele. Tive medo de que ele dirigisse bêbado e, sabe como é, despencasse de um despenhadeiro e se matasse, e eu fosse despedido da Elektra. Eu estava lá financiado pela Elektra e não seria conveniente perder o cantor porque o agente de publicidade tinha deixado-o doidão, por isso o sequestrei.

Não havia telefone no Castle. Ele não podia ir embora de lá. Morrison sabia que eu tinha pego as chaves, mas ele estava muito louco... então fui pra cama.

Enquanto eu dormia, Nico entrou no meu quarto chorando: “Oh, ele vai me matar! Oh, ele vai me matar!”

Eu disse: “Oh, Nico, me deixa em paz! Estou tentando dormir!”

Ela soluçava: “Uooh, uhh, uhh.” Ela voltou lá pra fora, e aí ouvi-a gritando. Olhei pro pátio pela janela, e Morrison estava só puxando os cabelos dela, então voltei pra cama. Mais tarde, David Numan, que também estava hospedado no Castle, entrou correndo no meu quarto e disse: “É melhor você dar uma olhada naquilo.”

Então levantei de novo, e lá estava Nico na porta da garagem, ainda soluçando, enquanto Morrison, nu ao luar, escalava ao redor do telhado. Ele pulava de um torreão pro outro, enquanto Nico soluçava.

Fui dormir de novo, e este foi o caso – ele puxou o cabelo dela, andou nu, ela gritou, e eu mantive as chaves do carro dele escondidas por um ou dois dias até ele se endireitar.

E é claro que dali em diante ele me odiou por tê-lo sequestrado.

Nico: Discuti com Jim. Ele perguntou se eu andaria com ele pelo parapeito do Castle. Perguntei: “Por quê?”, e ele não soube responder.

Não era um ato construtivo nem era um ato destrutivo, não ia mudar nada. Então por que eu deveria fazer algo tão em vão, só pra segui-lo? Não era algo espiritual ou filosófico. Era um homem bêbado se exibindo.

Ronnie Cutrone: Eu amava Jim Morrison ternamente, mas não era divertido sair com Jim. Andei com ele todas noites por quase um ano, e Jim saía, se encostava no bar, pedia oito vodcas com suco de laranja, tomava dois Tuinals, então tinha que mijar, mas não podia deixar os outros cinco drinques, então tirava o pau pra fora e mijava, e aparecia alguma garota pra chupar o pau dele, e então ele terminava as outras cinco vodcas com suco de laranja e matava outros quatro Tuinals, e então mijava nas calças, e aí Eric Emerson e eu o levávamos pra casa.

Esta era uma típica noite com Jim. Mas, quando tomava ácido, daí Jim ficava realmente divertido e legal. Mas a maior parte do tempo ele não passava de um bêbado tomador de pílulas.

Ray Manzarek: Jim era um xamã.

Danny Fields: Jim Morrison era um bundão insensível, um corrupto, uma pessoa ordinária. Levei Morrison ao Max's, e ele foi um monstro, um pentelho. E a poesia dele era um saco. Ele rebaixou o rock & roll enquanto literatura. Papo furado superficial de merda. Talvez uma ou duas boas imagens.

Patti Smith era uma poeta. Acho que ela elevou o rock & roll como literatura. Bob Dylan também. Morrison não fazia poesia. Era lixo disfarçado de coisa moderninha e alternativa. Era rock & roll bom pra garotos de treze anos. Ou de onze anos.

Quanto à pessoa, acho que a mágica e poder de Morrison estavam além da qualidade de seus versos. Ele era maior que isto. Era mais sexy que sua poesia – mais misterioso, mais problemático, mais difícil, mais carismático como performer. Tem que haver um motivo pra mulheres como Nico e Gloria Stavers, editora da revista *16*, ficarem tão apaixonadas por ele, porque essencialmente ele era um homem que maltratava as mulheres.

Mas estou certo de que não era a poesia dele. Isso garanto, não era a poesia dele. Ele tinha um pau grande. Provavelmente era isto.

Gerard Malanga: Eu estava caminhando pela Rua 8 e ouvi duas garotas atrás de mim dizerem: “Aquele ali não é o Jim Morrison?” Ha, ha, ha. Fiquei a fim de dizer: “Não, meu queixo é um pouquinho mais anguloso.” Me senti meio eclipsado, mas na real não dei a mínima.

Danny Fields: O astro definitivo do rock não passa de uma criança. Como é possível não ser corrompido por tudo que vem junto? No fundo, o que está reservado à maioria dos rock stars é um monte de estragos, é ficar se deprimindo e trepando por aí, ser usado, explorado e destruído.

E o que acontece se você fica gordo como Jim Morrison? Você não fica mais bacana naquelas roupas.

Jim Morrison realmente estava com tudo em sua primeira passada por aqui, no inverno de 1966. Até o primeiro álbum ser lançado, em 1967, ele era maravilhoso. Foi o auge dele. Ele se tornou ídolo da garotada cerca de um ano depois e daí começou a engordar. Seus genes tinham uma infeliz

tendência de mandar toda a gordura pras bochechas dele, então os olhos, que nunca tinham sido seu ponto forte, desapareceram.

Aí ele deixou crescer barba e virou um chinelão gordo e bêbado.

Então meu pensamento foi: tragam-me um outro. Tragam-me a cabeça deste aí numa bandeja. Tragam-me um novo.

CAPÍTULO 2

Os garotos que o mundo esqueceu

Ron Asheton: Meu irmão mais moço, Scotty, e nosso vizinho Dave Alexander eram punks radicais. Eu era apenas o cara esquisito. Na escola, eu era tanto o esquisitão total, o panaca, quanto o doidão, e sempre me chamavam de “o Beatle gordo” quando eu usava aqueles ternos do tipo dos Beatles em ocasiões especiais.

Eu não tinha muitos amigos. Estava mesmo era numa trip názi. Fiz aulas de alemão e li os discursos de Hitler. Usava broches da SS na escola, desenhava suásticas pelos meus livros, pintava bigodes de Hitler nas fotos de todo mundo e desenhei pequenas insígnias da SS no meu braço. Eu não fazia muito a linha punk-radical-tipo-arruaceiro como Scotty e Dave.

A gente simplesmente não se enquadrava. Lembro que num ano tentamos voltar pra escola no primeiro dia de aula. Fiz apostas com Scotty e Dave sobre quanto tempo eles aguentariam. Eu disse: “Dave, você provavelmente vai ficar três horas; Scotty, você provavelmente vai ficar meio dia; e eu provavelmente vou ficar um dia inteiro.”

Dave se virou pra mim, ele tinha um canecão de um litro e meio de cerveja Colt 45 na mão. Ele já tinha bebido dois daqueles, eram umas nove da manhã, e disse: “Você perdeu. Estou caindo fora agora.”

Scotty queria ser expulso, então ele seguiu um garoto até o armário dele, agarrou-o com os braços pra trás e o apertou e o beliscou com um par de pinças de sobrelha. Então o garoto correu até a secretaria, e a gente ouviu

pelo alto-falante: “Scott Asheton, venha à secretaria!” Ele chegou lá e foi expulso.

Iggy Pop: Aqueles caras eram uma espécie de porcos dos mais vadios, relaxados e delinquentes que jamais nasceram. Filhinhos da mamãe, podres de mimados. Scotty Asheton – ele era o delinquente juvenil. O pai dele tinha morrido, dele e de Ron, então eles não tinham muita disciplina em casa... Quer dizer, Dave Alexander e Ron Asheton deram o fora da escola e foram pra Liverpool, pra ficar perto dos Beatles.

Ron Asheton: Eu e Dave éramos fissurados por bandas. Estávamos sempre atirados por aí, ouvindo discos e falando sobre os Beatles ou os Stones.

Até tínhamos uma banda – quer dizer, uma espécie de banda. Chamava-se Dirty Shames. Tocávamos junto com os discos e dizíamos: “Somos sensacionais!” Então a gente tirava o disco e dizia: “O quêêê? Hey, talvez este som não esteja tão bom assim.”

Estabelecemos a reputação de grande banda porque nunca tocávamos. Na verdade, uma vez fomos chamados pela Discount Records pra nos encontrarmos com o cara que estava organizando o primeiro show dos Rolling Stones no Olympia Theater em Detroit. Ele queria que o Dirty Shames abrisse pros Stones. Ficamos entusiasmados, até nos flagrarmos: “Uau, a gente nem sabe tocar!” Então dissemos pro cara: “Acho que estaremos fazendo uma audição em L.A.”

Pouco tempo depois disso Dave me disse: “Hey, estou indo pra Inglaterra, quer ir?” Então vendi minha moto. Eu tinha uma Honda 305, que tinha descolado em vez de pegar um carro quando tirei a carteira de motorista. Então a gente vendeu a moto e voou pra Inglaterra.

Fomos ver o Who no Cavern. Estava completamente repleto de gente. Abrimos caminho à força até uns três metros do palco, e Townshend começou a estraçalhar a Rickenbacker de doze cordas.

Foi minha primeira experiência de um pandemônio total. Era uma matilha humana tentando agarrar pedaços da guitarra de Townshend, e as pessoas lutavam para subir no palco, e ele brandia a guitarra na cabeça delas. A

plateia não gritava, era mais como ruídos de animais uivando. O lugar inteiro ficou realmente primitivo – como um bando de animais mortos de fome que não comesse há uma semana e alguém jogasse um pedaço de carne. Fiquei com medo. Pra mim não foi divertido, mas mesmerizante. Foi tipo: “O avião está pegando fogo, o navio está afundando, então vamos rebentar um ao outro.” Nunca tinha visto pessoas ficarem tão enlouquecidas – a música levava as pessoas àqueles extremos perigosos. Foi quando me dei conta: “É exatamente isso que quero fazer.”

Quando Dave e eu voltamos pra casa, fomos expulsos do colégio porque tínhamos cabelões compridos. Eu também tinha deixado crescer costeletas gigantes. Usava botas estilo Beatles até o joelho – grandonas, de couro, e com grandes saltos cubanos – um colete de couro e gola alta. O supervisor ficou completamente pirado e disse: “Assim não vai dar!” Então eu disse: “Foda-se”, e comecei a perambular em frente à Discount Records, onde Iggy trabalhava.

Em 1966, Iggy ainda era Jim Osterberg, era um cara certinho quando o conheci na escola. Ele andava com aqueles garotos comuns que vestem roupas de sarja, suéteres de cashmere e mocassins baratos. Iggy não fumava cigarro, não se chapava, não bebia. Ele trabalhava na loja Discount Records depois da aula, e foi quando o conheci melhor.

Era por onde meu irmão Scott e Dave Alexander sempre circulavam – em frente à Discount Records, cusindo nos carros.

Wayne Kramer: A coisa mais importante sobre Scotty Asheton, que deve ser contada, é que ele era um tremendo lutador. Ele salvou a minha pele e a de Fred Smith.

Uma noite fomos a Ann Arbor pra ver Iggy tocar bateria na Prime Movers – aquela banda de blues que fez um monte de coisas realmente ecléticas. Iggy era com certeza o melhor baterista de Ann Arbor. Cara, ele era simplesmente imbatível.

Naquele tempo eu ainda penteava meu cabelo pra trás, ainda não tinha trocado pro novo jeito. Fred penteava o cabelo pra baixo e já estava quase tapando as orelhas, o que era radicalmente longo pra época. Estávamos numa

boa, assistindo à banda, e um bando de caras da universidade chegou e começou a pentelhar Fred, batendo na nuca dele e dizendo: “Você é um menino ou uma menina?”

Havia um bando deles, então pensei: “Pô, somos só eu e o Fred, e em uns dois minutos vamos ser mortos, cara. Isto realmente não vai ser legal.”

Enquanto a tensão crescia, Scotty Asheton apareceu. Pegou um cara e saiu batendo nele pela pista de dança, dizendo pra ele nos deixar em paz, que éramos amigos dele.

Quer dizer, fiquei muito impressionado: “Yeeaaahh, valeu, cara”, porque na real eu não conhecia o sujeito. Só conhecia Scotty como irmão da garota que Fred estava namorando.

Kathy Asheton: A primeira vez que vi a banda de Iggy, Prime Movers, foi num clube de Ann Arbor chamado Mother’s. Eu tinha quatorze anos, ainda era inocente e virginal, e na noite seguinte o MC5 tocou. Eles eram de Detroit, e ninguém sabia quem eles eram.

Os MC5s eram marginais de Detroit. *Greasers*, turma da brilhantina. Wayne Kramer estava coberto de brilhantina, mas Fred tinha cabelo comprido, o que era raro naquele tempo. Então fiquei a fim de Fred no ato. Na verdade ele saiu do palco e me perguntou se eu queria dançar agarrada com ele, enquanto o resto da banda tocava. Eu disse pra ele: “NÃO!”

Fred ficou meio surpreso com esta, já que pensou que eu ia simplesmente pular em cima dele. De qualquer forma, ele me convenceu a dançar – dançar juntinho.

Wayne Kramer: Tivemos duas formações antes de sermos conhecidos como MC5. Eu e Fred Smith tocamos em bandas rivais da zona de Lincoln Park, no subúrbio de Detroit. A banda de Fred se chamava Vibratone, e a minha era Bounty Hunters, batizada assim em homenagem à *dragster* pilotada por Conrad Coletta.

Todos nós éramos apaixonados por carros envenenados e motores porradas. Até peguei um emprego de vendedor de sorvete na pista de *dragsters* –

“SORVETE BEM GELADO, SORVETE!” – só pra poder estar lá toda semana. As corridas de *dragsters* estavam no sangue da gente. Quer dizer, elas eram barulhentas e velozes, iguais à música.

A polinização entre corridas de carro e rock & roll é engraçada – minha primeira experiência com rock & roll ao vivo foi numa pista. Foi Del Shannon, acompanhado daquela banda instrumental de Detroit chamada de Ramrods. Eles usavam blazers vermelhos iguais, equipamento Fender todo novo, faziam movimentos coreografados ao lado da pista de corrida. Achei que era a coisa mais cool que já tinha visto.

Então Fred e eu formamos um supergrupo da vizinhança, juntando os melhores músicos das nossas duas bandas. Mais tarde entrou Rob Tyner, que era um tipo beatnik, e ele surgiu com o nome MC5. Rob disse que soava como um número de série – o que combinava com todo o lance de montadoras de carro.

Sabe como é, éramos de Detroit, e MC5 parecia-se com algo saído das montadoras. E a gente tinha visual de delinquente juvenil, visual *greaser*. Penteávamos os cabelos pra trás numa espécie de pompadour e usávamos calças apertadas.

Kathy Asheton: Depois do show do MC5 no Mother’s, Fred Smith me deu uma carona até em casa. Eu estava com uma amiga que ia passar a noite na minha casa, então disse pra ela entrar primeiro, pois queria ficar um tempo sozinha com Fred.

Eu disse: “Vai na frente pra anunciar minha chegada.”

Fred se revelou um beijo e tanto. Na real, ele provavelmente foi um dos caras que melhor me beijou.

É claro que meus irmãos estavam surtando porque eu estava na frente de casa com um completo estranho. Minha mãe descobriu e ficou furiosa. Eu só tinha quatorze anos. Mas quando Fred me levou até a porta, meu irmão Ronnie surgiu do nada, e Ronnie era cabeludo naquele tempo, e Fred também, então a coisa rolou instantaneamente: “Bem, está tudo certo.”

Mas fiquei encantada. Tive uma daquelas paixões adolescentes por Fred. Definitivamente lancei um “TV Eye” pra cima dele.

Ron Asheton: Depois que Dave e eu voltamos da Inglaterra, toquei numa banda, a Chosen Few, e quando essa banda acabou, depois do segundo grau, toquei na banda em que Iggy era o baterista, a Prime Movers.

Mas fui despedido. Então voltei e virei roadie deles. Eles sempre me deixavam participar e tocar umas canções, mas aí Iggy caiu fora. Ele decidiu que Sam Lay, o famoso baterista negro de blues, ia ser mentor dele, então foi pra Chicago.

Iggy Pop: Depois de ouvir Paul Butterfield Blues Band, John Lee Hooker e Muddy Waters, e até Chuck Berry tocando a música dele mesmo, não consegui voltar e ouvir a British Invasion, sabe como é, uma banda como os Kinks. Vai me desculpar, os Kinks são legais, mas quando você é jovem e está tentando descobrir onde estão seus culhões, você entra numas: “Estes caras tocam como uns maricas!”

Tentei ir pra faculdade, mas não consegui. Eu tinha conhecido Mike Bloomfield, guitarrista de Paul Butterfield, que disse: “Se você quer mesmo tocar, tem que ir pra Chicago.” Então fui pra Chicago com dezenove centavos.

Peguei uma carona com umas garotas que trabalhavam na Discount Records. Elas me largaram na casa de um cara chamado Bob Kester. Bob era branco e controlava o mercado de discos de jazz de lá. Briguei com ele e então fui pra zona de Sam. Eu era o único cara branco lá. Era assustador, mas também era uma aventura de viagem – todas aquelas pequenas lojas de disco, Mojos penduradas e pessoas usando roupas coloridas. Fui na casa de Sam, e a mulher dele ficou muito surpresa por eu estar procurando por ele. Ela disse: “Bem, ele não está aqui, mas você não quer um pouco de galinha frita?”

Então grudei em Sam Lay. Ele estava tocando com Jimmy Cotton, e eu ia olhá-los tocar e aprender o que podia. E muito ocasionalmente eu conseguia participar, descolava uns shows baratos de cinco ou dez dólares. Toquei pra Johnny Young uma vez – ele tinha sido contratado pra tocar pra um grupo de brancos de uma igreja, e eu cobrava barato pra tocar, então ele me deixou

tocar.

Foi um barato, sabe? Era um barato estar realmente perto de alguns daqueles caras – todos eles tinham uma atitude, tipo os fodões do *jive* (*estilo de jazz*) , sabe? O que percebi naqueles caras negros foi que a música escorria como mel dos dedos deles. Verdadeiramente infantil e encantadora na sua simplicidade. Era apenas uma forma muito natural de expressão e de estilo de vida. Eles estavam bêbados o tempo todo, e era tudo sexo e camaradagem e era apenas um bando de caras que não queriam trabalhar e que tocavam bem.

Saquei que estes caras estavam muito além de mim e que o que eles estavam fazendo era tão natural pra eles que seria ridículo de minha parte fazer uma cópia estudada daquilo, que era o que a maior parte das bandas brancas de blues fazia.

Então, certa noite fumei um baseado. Sempre quis usar drogas, mas nunca pude porque a única droga que eu conhecia era marijuana, e eu era asmático pra caramba. Antes disto eu não estava interessado em drogas, nem em encher a cara. Só queria tocar e ver o que rolava, era só o que me interessava. Mas aquela garota, Vivienne, que me deu a carona pra Chicago, me deixou com um pouco de erva.

Então, uma noite fui pra estação de tratamento de esgoto perto de Loop, onde o rio é inteiramente industrializado. São só represas de concreto e eflúvios junto a Marina Towers. Então fumei esse baseado, e ele me bateu.

Pensei: “O lance é tocar o meu próprio blues simples. Eu poderia descrever minha experiência baseado no jeito que aqueles caras estão descrevendo as deles...”

Então foi o que fiz. Me apropriei de um monte das formas vocais deles e das linhas melódicas também – ouvidas, ou mal-ouvidas, ou deturpadas, das canções de blues. Assim, “I Wanna Be Your Dog” provavelmente é resultado da minha má interpretação de “Baby Please Don’t Go”.

Ron Asheton: Iggy me ligou de Chicago e disse: “Hey, que tal vocês virem aqui me buscar?” Este foi o começo da decisão de Iggy: “Hey, por que não começamos uma banda?”

Iggy Pop: Quando começamos a ensaiar era inverno, e eu estava morando com minha mãe e meu pai porque não tinha dinheiro. Tinha que caminhar quase um quilômetro na neve até a parada do ônibus. Então, depois de andar uns quarenta e cinco minutos de ônibus, tinha que caminhar mais dez minutos pra chegar na casa dos Asheton.

Ron Asheton: Iggy morava num trailer em Carpenter Road, que fica no limite de Ann Arbor. Ele tinha que pegar o ônibus em Ann Arbor até a nossa casa. Lembro de uma vez que, pra dar a grana pra ele comprar um órgão, a mãe dele o fez cortar o cabelo. Ela disse: “Vou comprar o órgão pra você se você cortar o cabelo.”

Então ele fez um corte de cabelo à Raymond Burr. Você já viu Raymond Burr no papel de sujeito débil mental e insano com Natalie Wood? Ele tinha aquela franjinha minúscula, quase um corte à escovinha?

Bem, por alguma razão Iggy fez um corte daquele tipo e acabou usando umas calças brancas largas, tipo macacão, e os caras deram um ataque nele porque pensaram que fosse um paciente foragido do manicômio.

Iggy Pop: A proeza era conseguir que Ronnie ou Scotty abrissem a porta, porque eles sempre dormiam até o meio-dia. Eu tocava, tocava, tocava, tocava a campainha, e algumas vezes eles atendiam, outras não.

Então eu tinha que abrir a mangueira do jardim e esguichar água na janela deles, atirar pedras, me parar aos berros, atirar bolas de neve. Eu finalmente entrava e aí tinha que acordá-los mais umas vezes. Eles eram uns caras muito sorumbáticos – eu tocava uns discos pra animá-los. Um pouco depois, Dave Alexander, que morava na mesma rua, dava as caras.

Ronnie, Scotty e Dave eram grandes sonhadores, que é basicamente do que o meu poeirento Meio-Oeste é feito. A terra que o tempo esqueceu. Pete Townshend disse algo legal sobre isto. Ele disse que deve ser muito difícil pra alguém brilhante viver no Meio-Oeste, porque você não tem uma Londres ou uma Nova York que possa abastecê-lo com uma energia diferente, que possa lixar você e remover quaisquer ilusões...

Ron Asheton: A primeira vez que Iggy viu os Doors foi quando eles tocaram

na Yoest Field House pra turma de formandos da Universidade de Michigan. Nós todos fomos lá, mas só Iggy entrou, provavelmente porque ele frequentara a Universidade de Michigan e tinha um crachá velho.

Fiquei andando pelo lado de fora porque podia ouvir a banda tocando. Morrison estava bêbado pra caramba, e os garotos ficavam berrando por “Light My Fire”.

Morrison ficou caçoando deles. Acho que jogaram cerveja nele e continuaram gritando “Light My Fire!” o show inteiro.

Iggy Pop: Eu ainda não era um grande fã dos Doors antes do show na Yoest Field House, porque a abordagem musical deles era muito diferente da abordagem do rock de Detroit. E o MC5 não gostava dos Doors. Fred Smith dizia: “Deus, odeio esses maricas.”

Mas fui vê-los naquele ginásio, e o concerto era a festa de volta ao lar de todos aqueles grandes grosseirões imbecis americanos e das garotas deles. Tinham ido lá pra ver a banda que fez “Light My Fire”.

A banda entrou no palco antes, sem Morrison, e fez um som que foi a maior merda. Uma coisa terrível, pior que bicha – bicha velha, ha, ha, ha. Souu decrépito, nojento e desequilibrado – tocaram o riff de “Soul Kitchen” sem parar, até o cantor fazer sua entrada.

Morrison enfim cambaleou palco adentro, mas muito sensualmente. Ele estava incrível. Lembro de ter pensado em Hedy Lamarr em *Sansão e Dalila*, porque o cabelo dele tinha cachinhos como os dos penteados de Hollywood e era preto-azulado, lustroso e reluzente. Vou te falar, era um puta cabelo.

Morrison tinha olhos enormes, quase pretos, porque as pupilas estavam totalmente dilatadas; é óbvio que ele tinha tomado alguma coisa, ou talvez estivesse apenas excitado. Yeah, certo. E ele estava muito bem vestido com jaqueta de couro preta, calça de couro preta, botas de feltro e camisa solta e cambaleou pra frente, tipo: “Vou cantar, mas ainda não...”

E aquela turma de americanos comuns estava pensando: “Quem é este veado?”

Quando Morrison abriu a boca pra cantar, cantou com voz de maricas – em falsete. Cantou como Betty Boop e se recusou a cantar com voz normal. Acho que eles chegaram perto do fim da canção e então simplesmente pararam. Morrison olhou em volta, chegou perto do guitarrista e disse: “Hey, meu camarada, toque aquela...”

Acho que era “Love Me Two Times”, e estava rolando. Até que Morrison começou a cantar com voz de Betty Boop de novo.

O concerto foi basicamente desse jeito. Fiquei muito excitado. Adorei o antagonismo; adorei que ele estivesse irritando aquela gente. Sim, sim, sim. Eles eram todos gente de fraternidade universitária, os futuros líderes da América – as pessoas que hoje são os rock stars da América –, e Morrison não apenas estava deixando-os possessos, mas enfeitiçando-os ao mesmo tempo. Eu estava agarrando a garotinha que tinha levado comigo, pensando: “Isto é fantástico!”

O show durou só uns quinze ou vinte minutos porque tiveram que tirar Morrison do palco e levá-lo depressa embora de lá porque as pessoas iam atacá-lo. Aquilo me causou uma forte impressão.

Foi quando pensei: “Veja como eles são medonhos e chegaram ao topo das paradas do país! Se esse cara pode fazer isso, eu posso fazer. E tenho que fazer agora. Não posso mais esperar.”

Ron Asheton: Nosso primeiro show foi no Grande Ballroom. Eu disse: “Hey, vamos pôr Dave Alexander a tocar baixo, vou pegar a guitarra, e meu irmão vai tocar qualquer espécie de bateria estranha que a gente descole pra ele.”

Na noite anterior ao show a gente não sabia o que Iggy ia vestir, então ele disse: “Não se preocupem, vou aparecer com alguma coisa.”

Então fomos pegá-lo, e ele estava vestindo uma espécie de camisolão de dormir antigo, dos idos de 1800, que ia até os tornozelos. Tinha pintado a cara de branco como um palhaço e feito uma peruca de folha de alumínio torcida.

Fomos pro Grande Ballroom fumando uns baseados. Era nosso primeiro show, e estávamos meio nervosos. Aí um bando de arruaceiros nos fechou e tentou nos jogar pra fora da estrada. Então, quando chegamos ao Ballroom, estávamos com os nervos em frangalhos. Quando a gente desceu do carro, o segurança do estacionamento disse: “Putá que pariu, este é um homem mecânico ou o quê?” Ele ficou se cagando de rir.

Scott Asheton: Iggy tinha raspado as sobrancelhas. Nós tínhamos um amigo chamado Jim Pop que tinha distúrbios nervosos e havia perdido quase todo o cabelo, incluindo as sobrancelhas. Por isso, quando Iggy raspou as sobrancelhas, a gente começou a chamá-lo de Pop.

Estava quente pra cacete no Ballroom naquela noite, Iggy começou a suar e aí descobriu pra que servem as sobrancelhas. Perto do fim do show, os olhos dele estavam totalmente inchados por causa de todo aquele creme e purpurina.

John Sinclair: Era uma porra tão real que simplesmente era inacreditável. Iggy não se parecia com nada já visto. Não era como uma banda, não era como o MC5, não era como Jeff Beck, não era como coisa nenhuma. Não era rock & roll.

Iggy meio que criou um número hipnótico psicodélico como pano de fundo pras suas palhaçadas na linha de frente. Os outros caras eram literalmente os escadas pras suas palhaçadas. Eles apenas deixavam aquele tremendo zumbido hipnótico rolar, mas não eram canções, eram como que compassos dementes – chamei-os de “trances” (*estados hipnóticos*) . Estavam tão perto da música do norte da África quanto do rock.

E lá estava Iggy dançando como se “Waiting for Godot” tivesse virado um ballet. Ele não era como Roger Daltrey, se é que você me entende.

Ron Asheton: A gente inventou alguns instrumentos que usou no primeiro show. A gente pegou um liquidificador com um pouco de água e colocou um microfone bem embaixo dele e ligou. Tocamos isto por uns quinze minutos antes de entrar no palco. Era um som incrível, especialmente saindo das caixas de som, todo desconjuntado. A gente tinha uma tábua de lavar roupa com microfones. Então Iggy calçava sapatos de golfe e subia na tábua de

lavar e ficava meio que arrastando os pés por ali. A gente pôs microfones nos galões de sessenta litros de óleo que Scotty tocou, e ele usou dois martelos como baquetas.

Peguei emprestado até o aspirador de pó da minha mãe porque o som parecia o de um motor a jato. Sempre adorei aviões a jato. VVVVVRRRRR!

Scott Asheton: As pessoas não sabiam o que pensar. John Sinclair, o empresário do MC5, ficou parado lá, de boca aberta. Este era o plano – botar a casa abaixo e arrasar com as pessoas. Tudo que a gente queria era fazer um lance diferente.

Tinha um monte de gente que não gostava disso, e foram estas pessoas que começaram a aparecer em tudo que era show. Elas berravam pra obter uma reação, e Iggy mandava elas se foderem.

Iggy Pop: No meu aniversário de vinte e um anos a gente abriu pro Cream. Passei o dia transportando um tambor de óleo de setecentos e cinquenta litros de Ann Arbor pra Detroit pra gente pôr um microfone nele e Jimmy Silver usá-lo na percussão da nossa melhor canção. Subi os três lances de escada do Grande Ballroom com aquilo, e aí a gente descobriu que os amplificadores não funcionavam. E quando entramos no palco todo mundo berrou: “Queremos o Cream! Queremos o Cream! Caiam fora, queremos o Cream!”

E eu parado lá, depois de tomar dois ácidos laranja, berrando: “Fodam-se!” Foi um dos nossos piores shows.

Voltei pra casa de Dave Alexander com ele. Eu estava arrasado. Pensei: “Meu Deus, estes são os meus vinte e um. É isso aí. As coisas não estão indo lá muito bem.”

A mãe de Dave me serviu um cheeseburger com uma vela no meio. A ideia era ir levando, e as coisas iriam melhorar. Não desistir.

CAPÍTULO 3

A música que a gente estava

esperando pra ouvir

Steve Harris: Com o sucesso do single “Light My Fire”, dos Doors, a Elektra Records tornou-se realmente competitiva, porque então tivemos poder pra assinar outros contratos. Não éramos mais apenas o simpático selinho de folk...

Danny Fields: Bob Rudnick e Dennis Farley tinham uma coluna no *East Village Other* chamada *Kocaine Karma*, e os dois eram incansáveis em me entupir de propaganda sobre uma banda de Detroit, o MC5, que significava The Motor City Five.

Rudnick e Farley diziam: “Você tem que ver essa banda! Você tem que contratar essa banda! Essa é a maior banda! Eles são superpopulares! Eles lotam os shows em todo o Meio-Oeste! Não é apenas uma banda, é um estilo de vida!”

E o MC5 tornou-se legendário por ter sido a única banda a tocar nos protestos durante a convenção nacional do Partido Democrata em Chicago. Norman Mailer escreveu sobre eles.

Wayne Kramer: Sendo cafajestes como éramos, o MC5 começou a ver que aquela coisa hippie ia crescer, cara. Ia ser grande, porque todos aqueles garotos vindos dos subúrbios chegavam em Detroit no fim de semana vestidos de hippies. Então concluímos que o jeito pra fazer os hippies gostarem de nós era fazer o chefe hippie, que era John Sinclair, gostar de nós.

Sinclair estava cumprindo seis meses por porte de maconha na penitenciária de Detroit, e a festa da saída dele da cadeia ia ser o evento cultural do verão. A gente apareceu lá e teve que esperar todo o dia pra tocar – havia todos aqueles poetas declamando e dançarinos dançando –, então não conseguimos tocar antes das quatro da manhã. Aí detonamos as porras dos nossos amplificadores de cem watts e estávamos rebentando com todos aqueles hippies e beatniks. Eles não ligavam pro que você tocava – hippies dançavam com qualquer coisa. Então estávamos no meio do nosso show, dedicando uma canção pro tal do John Sinclair, e a mulher dele nos desplugou.

Nosso relacionamento com John começou com um comentário ácido. Ele tinha uma coluna no jornal underground local, então escreveu sobre nós dizendo: “Qual é a desses roqueiros enroladores? Se ao menos prestassem atenção em música de verdade, como Sun Ra e John Coltrane.” Não me conformei com aquilo, sabe? Fui até a casa dele e disse: “Hey, cara, que história é essa? Nós também estamos na Comunidade. E sabemos quem é John Coltrane e precisamos de um lugar pra ensaiar e será que não daria pra gente usar o Artist Workshop também?” Então a gente fumou um baseado e ficou tudo numa boa.

Danny Fields: Em 1968 o estado de espírito do país estava mudando. Na noite em que o presidente Lyndon Johnson anunciou: “Não vou tentar me eleger, não vou concorrer”, não pude acreditar. Quer dizer, quem é que a gente iria odiar agora?

Então, é claro, veio a convenção nacional do Partido Democrata em Chicago...

John Sinclair: Insistimos em tocar no Festival of Life, do lado de fora da convenção democrática em Chicago, em 1968. Éramos aquela banda fominha de Detroit – sabe como é, estávamos tentando nos firmar, tentando ser reconhecidos, tentando conseguir um contrato pra gravar. Ou seja, dá pra dizer de muitas maneiras.

Ao mesmo tempo, a gente simplesmente queria fazer parte daquilo porque coincidia por completo com a nossa visão de mundo. Sendo assim pelos dois lados, dissemos: “Cara, a gente pode ir lá e fazer parte do Festival of Life e provavelmente os caras dos jornais vão estar lá e coisa e tal.” Quer dizer: “Talvez Norman Mailer nos veja!”

Wayne Kramer: Cerca de uma hora antes da gente tocar uns caras chegaram pra nós e ofereceram uns biscoitinhos de haxixe. Eles disseram: “Comam só um, porque eles são muito fortes”, então naturalmente todos nós comemos um e depois repartimos uns quatro ou cinco: “Oh, yeah, pega outro pedaço, yeah, não estou ficando chapado, você está? Não, cara, preciso de mais um pouco.”

Então chegou a hora de tocar, e comecei a ficar chapado, cara. Seriamente

chapado. Acho que a gente estava tocando “Starship” e estava naquele clima espacial da música, falando sobre a guerra e o ser-humano-máquina-de-cortar-grama e tudo mais, quando os helicópteros da polícia de Chicago começaram a dar rasantes sobre nós.

Eles vinham em cima de nós, e o som do helicóptero combinava com o que eu estava tocando na guitarra – “Yeah, é perfeito, cara, uaaaaahhhhh!”

Havia todos aqueles agentes provocadores da polícia na plateia começando brigas e agredindo as pessoas em volta – caras com jaquetas do exército, cabelo curto e óculos escuros. Era o maior baixo astral, vibrações muito ruins. E a coisa toda fez absoluto sentido pra mim.

Doido como eu estava, tudo fazia o maior sentido. Tudo estava em seu lugar.

Dennis Thompson: Quando vi todos aqueles tiras, a única coisa em que pude pensar foi: “Jesus Cristo, se isso é a revolução, perdemos.” Fiquei pensando: “Está acabado, agora mesmo.” Olhei por cima do meu ombro e não vi nenhum caminhão de nenhuma outra banda.

“Hey, John Sinclair, onde estão todos os outros?”

Era como Custer e os índios, sabe – “Onde está a cavalaria? Não tem ninguém aqui!” Pensei que todas aquelas outras bandas fossem estar lá! “Onde está Janis Joplin? Ela ia vir aqui, ia trazer a cerveja... Oh, merda!”

Devia haver uns quatro ou cinco mil garotos no Lincoln Park. Tocamos umas cinco ou seis músicas, e então as tropas da polícia chegaram ao parque marchando, com seus cacetetes de um metro.

O parque inteiro estava cercado pelos tiras. Literalmente cercado – helicópteros, tudo, todas as nove praças.

John Sinclair: Abbie Hoffman subiu no palco, agarrou o microfone e começou a discursar sobre “os porcos” e “o cerco de Chicago”.

Eu disse: “Oh, meu caro, isso não é uma boa pra nós.” Então fiz sinais pros caras do tipo: “Vamos dar o fora daqui...”

A turma toda do equipamento começou a guardar tudo, tudo menos o microfone que Abbie estava usando. Finalmente disseram: “Uh, Abbie, desculpa, a gente tem que... dar o fora daqui.”

Wayne Kramer: A gente encostou a van e no minuto em que parou de tocar jogou toda a tralha no caminhão, cara. Eu estava muito louco e sabia que no momento em que a gente parasse de tocar haveria um tumulto. Tínhamos visto isso acontecer um monte de vezes antes – sabíamos que tão logo a gente parasse de tocar a multidão não teria mais no que se concentrar, e o tumulto iria começar. E começou.

John Sinclair: Olhei pra trás e vi aquela onda de tiras descendo sobre as pessoas. A gente andava na van pelo meio do gramado, não se preocupava em pegar uma rua, apenas seguia na direção da saída do jeito mais rápido. E lá estava o Up, eles estavam numa van vindo de Ann Arbor, e a gente disse: “É melhor vocês voltarem!”

Felizmente escapamos, ha, ha, ha. Fomos direto pra casa. Mas depois disto a gente meio que estava *dentro* daquilo, sabe?

Mas sempre me senti feliz por termos saído de Chicago com nosso equipamento intacto, porque tínhamos que continuar tocando – sabe como é, a gente não ia pegar um avião pra próxima faculdade pra dar uma palestra por cinco paus, íamos voltar pra Michigan pra tocar em algum clube de adolescentes por duzentos dólares.

Dennis Thompson: Chicago deveria ser um show de solidariedade, porra. Isso é a cultura alternativa? Ora... Onde estavam todas as outras bandas?

Não apareceu ninguém além de nós. Isto é que me deixou puto. Soube que a revolução estava acabada neste momento – olhei por cima do ombro, e ninguém mais estava lá. A gente é que ia ser enforcado. Eu disse: “É isso aí. Não há revolução nenhuma. Isso não existe. Isso é uma merda. O movimento está morto.”

Danny Fields: Fui ver o MC5 no primeiro fim de semana do outono de 1968. Eles me encontraram no aeroporto e me levaram pra casa deles. Claro que fiquei simplesmente chapado. Nunca tinha visto nada como aquilo. John

Sinclair, o empresário do MC5, jorrava encanto, vigor e inteligência. Só o visual e o tamanho dele – foi uma das pessoas mais impressionantes que já encontrei – e aquela casa!

Wayne Kramer: Antes dos protestos de Chicago, a gente se mudou de Detroit pra Ann Arbor por causa dos distúrbios raciais de Detroit em 1967. Foi muito assustador. Eu morava num apartamento na Segunda com a Alexander, e as primeiras mortes foram bem naquela zona. Todos assassinatos foram da polícia. A polícia simplesmente enlouqueceu e mandou bala no lugar por uma semana – matou quarenta ou cinquenta pessoas.

Aquela merda começou a ficar tensa de verdade depois disto. Algumas de nossas amigas foram estupradas, e nosso equipamento foi roubado algumas vezes. Quer dizer, a gente chegava no lugar onde ensaiava e a porta tido sido arrombada, e mais três guitarras tinham sido levadas. Então a gente se mudou pra duas repúblicas estudantis em Ann Arbor.

Danny Fields: Era uma espécie de comuna viking na travessa das fraternidades. Cada lugar tinha centenas de quartos, e cada quarto era decorado por seus habitantes de um jeito meio psicodélico. Um monte de camas no chão, panos pendurados do teto, coisas típicas dos anos 60. O porão estava cheio de gráficas, estúdios de design, oficinas e laboratórios fotográficos. Um monte dos pôsteres de propaganda deles eram produzidos na fábrica do porão. E o *Livro vermelho* estava em todo o lugar. Em qualquer canto, lá estava o *Livro vermelho* de Mao. Você tinha que ter um *Livro vermelho*. Tinha em tudo que era formato e por todo o lugar.

Wayne Kramer: Integridade fluía como água naquela casa. De fato, “integridade” era uma expressão que a gente usava o tempo todo. “Isto não é íntegro, cara... Não, isto vai ser totalmente íntegro, cara...”

A gente sabia que o mundo em geral era um saco e não queria ser parte daquilo. A gente queria fazer alguma outra coisa, o que significa dizer que não queríamos acordar de manhã e ter um emprego de verdade.

Você sabe, era: “Isso é um saco, aquilo é um saco, isso é careta”, ou: “Isso não é nada divertido.” Trabalhar no Big Boy não é divertido, tocar numa banda é *divertido*, ir pra pista de corrida de *dragsters* é *divertido*, andar de

carro por aí, bebendo cerveja, é *divertido* . Era uma coisa de dentro pra fora – este era o nível da nossa política –, a gente queria era estabelecer formas diferentes de ser.

Assim, nosso programa político tornou-se droga, rock & roll e trepar nas ruas. Este era o nosso programa político original de três pontos, que mais tarde foi ampliado pra um programa de dez pontos, quando começamos a fingir que éramos sérios. Então a gente fundou o movimento Panteras Brancas, que originalmente era o fã-clube do MC5. Originalmente era chamado The MC5's Social and Athletic Club (*Clube Social e Atlético do MC5*) . Aí a gente começou a ouvir falar dos Panteras Negras e de como a revolução estava fervilhando, então foi aquilo: “Oh, vamos trocar pra Panteras Brancas. Yeah, seremos os Panteras Brancas.”

Danny Fields: De um lado você tinha a política de revolução, igualdade e liberação, e de outro, mulheres caladas em vestidos compridos, reunidas na cozinha, preparando altos banquetes com carne, que era apresentados e servidos pros homens – que comiam sozinhos.

Homens e mulheres não comiam juntos. Os homens comiam antes de um show ou depois. Eles chegavam em casa e esmurravam a mesa como homens das cavernas. E as mulheres ficavam bem quietas. Não se esperava que elas abrissem a boca. Esperava-se que cada uma servisse seu homem em silêncio.

Kathy Asheton: John Sinclair era um porco. Ele de fato assumiu o controle do MC5, à medida que incutia neles o seu lixo político. Eles entraram mesmo naquela coisa de “irmão e irmã”, que era boa pra um show ao vivo, mas...

Nunca levei aquilo a sério. Nem meus irmãos ou Iggy; assim, havia uma bifurcação de caminhos entre os Stooges e o MC5. O MC5 ainda era uma banda boa, mas já não eram mais divertidos.

Eles eram uns verdadeiros chauvinistas. Evidentemente eu não estava a fim daquela vida de criada, e era em torno disso que todos eles gravitavam. Eu não era amistosa com nenhuma daquelas garotas da Trans-Love. Elas eram as mais completas submissas, e eu chegava pronta pra festa, toda enfeitada pra sair à noite, e elas estavam todas de joelhos, esfregando o chão. Eu achava que elas eram loucas por se deixarem tratar dessa maneira.

Wayne Kramer: Éramos uns bastardos sexistas. Não éramos nem um pouco politicamente corretos. Tínhamos toda a retórica de ser revolucionário, novo e diferente, mas o que rolava de verdade era que os garotos saíam pra trepar e as garotas não podiam reclamar.

E, se as garotas reclamavam, eram cadelas burguesas – contrarrevolucionárias. É, éramos uns verdadeiros merdas quanto a isso. A gente tinha tentado o amor livre e não tinha dado certo, então voltou pro esquema tradicional – “Não, querida, não trepei com ninguém na estrada e, por falar nisso, preciso ir na clínica de doenças venéreas”.

Eu era o segundo colocado na nossa banda, acho que tive gonorreia nove vezes. Mas Dennis me superou – teve doze vezes.

Danny Fields: É claro que achei que todo aquele relacionamento masculino era sexy. Era um mundo que eu nunca tinha visto. Quer dizer, havia o mito dos Beatles vivendo em quartos contíguos em *Help!* Mas todo mundo sabia que era um mito, que as bandas não viviam realmente na mesma casa com as salas interligadas. Mas essa banda vivia!

Então, achei bárbaro. Simplesmente achei que eles eram a coisa mais sexy que eu já tinha visto. Achei singular! Quer dizer, havia um ministro de defesa carregando um rifle! Usando uma daquelas coisas de bala – uma cartucheira! Com balas de verdade dentro! Eu nunca tinha visto um homem usando uma cartucheira. Até as garotas usavam aquelas coisas. E eles eram sérios!

Wayne Kramer: Estava indo pra nossa casa um dia e ouvi um KABOOM! E daí todas aquelas sirenes vindo de umas poucas quadras adiante. Logo um camarada de John Sinclair, Pun, chegou de bicicleta e deu um abraço revolucionário em sua namorada, Genie.

Pun era um cara durão. Ele tinha recém-saído da penitenciária por porte de maconha e era completamente intratável. Pun estava totalmente ligado na retórica esquerdista e na política artificial daquela época. Ele se tornou ministro da defesa do movimento Panteras Brancas.

Eu disse pra Pun: “O que você bombardeou?”

Ele sussurrou: “A CIA.”

Eu disse: “Legal! Todo o poder pro povo!”

Ele tinha jogado uma bomba no escritório de recrutamento da CIA na Universidade de Michigan. Ninguém morreu. Só abriu um buraco na calçada e deixou todo mundo maluco.

Iggy Pop: John Sinclair estava sempre dizendo: “Você tem que ficar com o Povo!”

Eu ficava naquela: “AWWWHHHH, O POVO? Oh, cara, o que é isso? Dá um tempo! O Povo está cagando.”

Sinclair dizia: “Vamos politizar a Juventude!” Mas os garotos estavam numas de: “O QUÊ? Me dá alguma droga e está legal.” Eles não ligavam. Na real, era bem assim.

John Sinclair: Hippies lúmpens. Essa era a nossa gente. Este era o movimento Panteras Brancas. A gente era a voz dos hippies lúmpens, do mesmo jeito que o movimento Panteras Negras era a voz do proletariado lúmpen – o que significava massa trabalhadora sem emprego.

Meus textos da época eram feitos sob medida exatamente para o hippie lúmpen, a ponto de meu trabalho ser ridicularizado pelos filhos da puta mais eruditos que saíram da SDS (*Students for Democratic Society*). Oh, yeah, eles nos achavam uma piada.

Iggy Pop: O MC5 tinha mais do que um senso de humor sobre si mesmo, eles eram uma paródia. Simplesmente agiam como bandidos negros com guitarras. Em Detroit, se você era um garoto branco, seu sonho era ser um bandido negro com uma guitarra e tocar como um.

Quer dizer, os Stooges eram do mesmo tipo – um bando de gente asquerosa, mas legais uns com os outros. Não sei dizer quão político o MC5 de fato era, mas eu com certeza não senti isso. Mas, num nível elementar, eles dividiriam sua manteiga de amendoim comigo?

Yeah.

E às vezes eu tinha que caminhar quatro ou cinco quilômetros até a Trans-Love pra descolar um sanduíche, porque não tinha dinheiro nenhum, e eles jamais diziam: “Hey, não coma este sanduíche.” E as namoradas deles costuravam minhas calças.

Portanto, eles eram um bando de caras decentes – um bando de caras legais de ter por perto pra explodir o escritório local de recrutamento da CIA.

Danny Fields: Não sei o que eles esperavam ou contra quem iam lutar, mas tinham ministros de tudo que é coisa. Ministros de propaganda, ministros de defesa. É claro que eles se denominaram Panteras Brancas porque seus modelos de comportamento musical e político eram músicos e políticos negros e radicais. Bobby Seale, Huey Newton e Eldridge Cleaver eram seus heróis políticos. Albert Ayler, Sun Ra e Pharaoh Sander eram seus heróis musicais.

Era a anarquia à moda do Meio-Oeste. Pôr tudo abaixo, tirar o governo das nossas vidas, fumar um monte de droga, fazer um monte de sexo e fazer um monte de barulho.

Wayne Kramer: A posição oficial do movimento Panteras Negras em Oakland era de que nós éramos “palhaços psicodélicos”. Disseram que éramos uns idiotas e que era pra manter distância de nós. Mas a gente se dava bem com a sucursal dos Panteras Negras em Ann Arbor. Eles eram caras da vizinhança e costumavam vir até a casa pra matar tempo, e aí a gente praticava tiro.

A gente tinha todos aqueles M1s, pistolas e espingardas de cano serrado, então todo mundo se metia no mato atrás de nossa casa e mandava toda a merda que podia pelos ares. Bla-bla-bla-bla-bla-pow-pow-pow-pow-pow-pow-pow-bam-bam-bam-bam.

Aí a gente bebia aquela mistura que os Panteras Negras chamavam de Bitter Motherfucker (*Amargo do Caralho*). Era meia garrafa de suco de lima Rose despejada numa garrafa de vinho do porto Gallo. Então a gente se sentava, fumava baseado, bebia aquilo e dava uns tiros. Acho que a gente pensava:

“Nós todos vamos acabar num tiroteio com o Homem”, sabe como é, vamos trocar tiros com os porcos.

Como se a gente fosse estar cercado um dia, berrando: “NÃO VAMOS SAIR NUNCA, SEU MILICO. SACOU? KKR! KKR! KKR! TOMA ISSO, PORCO! POW-POW-POW! TODO O PODER PRO POVO! KKR! KKR! KKR! TOMA ISSO, OPRESSOR!”

Danny Fields: É claro que o MC5 lotou o Grande Ballroom na noite em que fui vê-los. Eles estavam bem-vestidos – todos de cetim – e tocavam realmente rápido. Foi um grande show, mas eles não estavam rompendo a barreira do rock & roll. Não há nenhuma crítica minha nisso. Era um rock & roll legal, baseado em blues. A energia era incrível, e Wayne Kramer, que era muito vivo, deve ter percebido alguma coisa, porque no dia seguinte me disse: “Se você gostou de nós, vai adorar mesmo é a nossa pequena banda-irmã, Iggy and the Stooges.”

Acho que intuitivamente ele sabia alguma coisa do meu gosto musical. Então fui ver Iggy and the Stooges tocarem no grêmio estudantil no campus da Universidade de Michigan numa tarde de domingo. Era 22 de setembro de 1968. Não posso minimizar o que vi no palco. Nunca tinha visto alguém dançar ou se mover como Iggy. Nunca tinha visto tamanha energia atômica vindo de uma pessoa. Ele era movido pela música como somente os verdadeiros dançarinos são movidos pela música.

Era a música que eu tinha esperado toda minha vida pra ouvir.

Iggy Pop: Nosso show tinha terminado, e aí fiquei perambulando por lá. Estava com um vestido de gestante e a cara branca, fazendo coisas desagradáveis, cuspiando nas pessoas, coisas desse tipo.

Danny Fields: Cheguei pra Iggy quando ele chegou nos camarins e disse: “Sou da Elektra Records.”

Ele disse apenas: “Yeah.”

Ele não acreditou em mim. Pensou que eu fosse algum tipo de faxineiro ou algum maluco, porque ninguém jamais tinha dito “sou de uma gravadora” pra

Iggy. Então Iggy se virou pra mim e disse: “Yeah, fale com meu empresário.” E este foi o começo do nosso relacionamento.

Iggy Pop: Daí aquele cara, Danny Fields, diz pra mim: “Você é uma estrela!”, como nos filmes. Ele disse que trabalhava pra Elektra, então concluí que ele fazia limpeza como faxineiro ou coisa assim. Não acreditei, sabe, fui tipo: “Sai de perto de mim, cara.”

Danny Fields: Naquela segunda-feira, liguei pra Nova York da cozinha da casa do MC5. John Sinclair e Jim Silver, o empresário dos Stooges, estavam na cozinha comigo quando liguei pra Jac Holzman em Nova York e disse: “Estou em Ann Arbor vendo aquele grupo MC5, sobre o qual te falei. Bem, eles realmente vão ser grandes. Os quatro mil ingressos pra vê-los no sábado à noite se esgotaram, a plateia foi à loucura e tinha uma multidão na rua. Eles têm ainda o número mais profissional e pronto pra apresentar que já vi.”

E acrescentei: “Além disso, eles têm um grupo-irmão menor chamado Iggy and the Stooges, que é a mais incrível e avançada música que já ouvi. E o vocalista é uma estrela – ele é realmente mesmerizante.”

E Jac Holzman disse: “Então, onde você está querendo chegar?”

Eu disse: “Acho que deveríamos pegar os dois grupos.”

Ele disse: “Vê se você pode pegar o grupo grande por vinte paus e o pequeno por cinco.”

Coloquei minha mão no bocal e disse pra John Sinclair: “Você topa vinte paus?”

Sinclair ficou branco e caiu pra trás.

E eu disse pra Jim Silver: “Você topa cinco?”

Os dois precisaram de cadeiras ou que trouxessem umas bebidas pra eles. E este foi o acordo. Eles foram contratados.

CAPÍTULO 4

Sua carinha bonita está indo pro inferno

Kathy Asheton: Cerca de um mês depois dos Stooges e do MC5 terem assinado com a Elektra, Iggy se casou. Lembro do dia do casamento dele porque foi o dia em que Iggy e eu começamos nosso romance.

Veja bem, eu nunca usava saias ou vestidos, odiava tudo isso, mas no dia do casamento decidi usar um vestido frente-única minúsculo. Esta foi a primeira vez que as pessoas viram minhas pernas. E acho que dá pra dizer que Iggy estava bem mais interessado em mim do que um homem deveria estar no dia de seu casamento. Ele estava com um “TV Eye” em mim.

“TV Eye” era um termo meu. Coisa de garota. Eu e minhas amigas desenvolvemos um código. Era um jeito de comunicarmos uma pra outra se achávamos que um cara estava nos encarando. Significava “Twat Vibe Eye” (“olhar de comedor”). Tipo: “Ele está com um ‘TV Eye’ pra cima de você.” E se nós tínhamos, obviamente dizíamos: “Estou com um...”

Iggy nos ouviu por acaso e achou muito engraçado. Foi então que ele escreveu a canção “TV Eye”.

Scott Asheton: Eu não conseguia entender como Iggy conseguia que as garotas ficassem em volta dele. Sabe como é, elas sentavam ao redor dele e olhavam-no comer meleca do nariz. Não conte que Iggy sentava e comia meleca, mas ele fazia isso. Mas ele podia ser pior que isso. Uma vez vi ele pegar suas cinco garotas de sempre, e ele vinha caminhando de volta pra casa e tinha todas essas meninas agrupadas em volta dele – “Oh, Iggy, oh, Iggy...”

Cheguei em casa uns quinze minutos depois, e ele estava sentado no chão, ouvindo um disco, e elas estavam em volta dele em um semicírculo, com os olhares embasbacados fixos nele. De repente, ele assoou o nariz na mão e aí botou direto dentro da boca.

E juro: elas continuaram vidradas nele como se não tivessem sequer reparado.

Ron Asheton: A gente chamava a mulher de Iggy de “Potato Girl” (*Garota Batata*) . Ela era bonita, mas o rosto dela parecia uma bela batata. Eu disse pra Iggy: “Não case com ela, cara”, mas o casamento foi divertido.

Vesti minha jaqueta de piloto de caça da Luftwaffe com uma camisa branca e a Cruz de Cavaleiro Nazista, com folhas de carvalho e espadas. Na jaqueta coloquei minha Cruz de Ferro de primeira classe, as insígnias e a Cruz de Ferro de segunda classe da frente russa e usei botas de montar e culotes.

Fui o padrinho. Nosso empresário, Jimmy Silver, que é judeu, foi o pastor. A mulher de Iggy também era judia. O pai dela era dono de uma grande rede de lojas de pechinchas, tipo o empório K de Ohio e Michigan. Os pais dela se recusaram a reconhecer o casamento, então ninguém da família dela apareceu.

Era só o MC5, nosso empresário, Jimmy Silver, John Sinclair, Danny Fields e todos nossos amigos. Como éramos macrobióticos, teve uma caçarola de trigo sarraceno, e os MC5 ficaram de cara: “Onde está a comida? Onde estão os cachorros-quentes? Onde estão os hambúrgueres?”

Então o MC5 acabou não comendo nada e ficou só se detonando. Foi divertido. Até os tiras vieram. Eles disseram: “Hey, espera aí, você está hasteando a bandeira da Sears, Roebuck no mastro – isto é contra a lei.”

Disseram que era ilegal hastear qualquer outra bandeira no mastro além da bandeira americana. Então coloquei uma bandeira suíça. Disseram que eu não podia hastear aquela, então eu disse: “Ok, se vocês vão me prender, vai ser uma grande curtição”, e hastei a velha suástica.

Bill Cheatham: Eu e Dave Alexander saímos e compramos tênis novos pro casamento. Lembro de andar pela rua, e Dave dizer: “Aposto que esses tênis vão durar mais que o casamento de Iggy.”

Iggy Pop: Os caras da banda ficaram sentados na varanda da frente, tomando cerveja e jogando moedas, fazendo apostas sobre quanto tempo ia durar. Bem alto: “Hey! Aposto cinco contra quatro em dois meses.”

“Não, voto em um dia. Conheço Pop.”

Danny Fields disse: “Iggy, o que você está fazendo? Pense na sua imagem.”

E Jimmy Silver, meu empresário macrobiótico zen, falou: “Realidade, verdade – é nessa que Iggy está.”

Danny só olhou pra ele e disse: “Foda-se a realidade! Quem se importa com a realidade?”

Ron Asheton: A Potato Girl foi morar conosco e trouxe toda uma elegante mobília de vime pro quarto de Iggy. Eles tinham uma pequena geladeira com um cadeado lá, então, toda vez que eles saíam, eu, Scotty e Dave entrávamos lá sorrateiramente, abríamos o refrigerador com um pé de cabra e comíamos toda a comida deles.

A mulher de Iggy tinha dinheiro, então comprava todos aqueles queijos legais e coisa e tal. E a gente só tinha arroz e feijão. Aí Iggy queria estar conosco mais do que com ela, e ela simplesmente não conseguia aceitar o nosso jeito.

Iggy Pop: Ela gostava de dormir à noite mais do que qualquer coisa e eu gostava de dormir quando bem entendia. Gosto de tocar guitarra a qualquer hora. Então uma noite tive uma ideia pra uma canção – bem no meio da noite –, mas ali estava aquela mulher na minha cama.

Subitamente isto me bateu, naquele exato instante: era impossível. Tinha que ser uma ou outra: ela ou a carreira.

Veja bem, eu a amava muito. Então comecei a escrever uma de minhas melhores músicas, “Down on the Street”. Entrei no closet com meu amplificador e toquei a guitarra abafada e quieta – bem marcada, bem tribal. Soou legal – abafado e intenso. Mas então quis ir pra ideia seguinte da canção e pensei: “Oh, tenho que ficar quieto.”

E aí pensei: “Não, cara, você não tem que ficar quieto!”

Então saí do closet, e a parte seguinte era um tremendo barulho – uma porra de um acorde retumbante. Aquilo deixou-a imensamente abalada. Mas estava tudo bem: eu tinha a canção completa. Foi um momento divertido – nascimento! Então finalmente tive que dizer pra ela ir embora.

Ron Asheton: Ela acabou indo embora depois de um mês. Eu disse que só ia durar um mês, e durou um mês! Ganhei.

Quando a papelada do divórcio chegou, a gente pendurou na parede. Era muito engraçado. Um enorme documento dizendo que não tinha havido consumação, que Iggy era homossexual. Cara, a gente deixou aquilo na parede um tempão.

Iggy voltou ao habitual. Trazia garotas pra casa depois de um show, eles iam lá pra cima, e logo depois elas desciam chorando porque Iggy as tinha comido e depois dito: “Cai fora.”

Então elas acabavam ficando comigo. Umas duas delas se tornaram namoradas firmes. Garotas de Ann Arbor – sempre queriam beber vinho Bali Hai e ficavam com cara de bunda, e aí eu tinha que ficar de babá delas. As garotas vomitantes – eu ficava de babá de todas as que apagavam.

Iggy também dava ácido pra elas pela primeira vez. Eu ficava naquelas: “Não dê pra elas, cara.”

Então, enquanto Iggy estava gozando e se divertindo, eu acabava gastando toda a minha viagem com uma garota que estava mal. Doutor psicodélico, isto é o que eu era.

Eu ficava sentado no poço da escada por quinze horas com uma garota que estava na pior, e Iggy nem aí: “Oh, foda-se.” Então ele saía pra *mais* diversão.

Uma dessas garotas que surtou desapareceu. Ela era totalmente certinha, e voltou um mês depois usando calças justas de camurça, uma blusinha frente-única e carregando toneladas de haxixe. Nos detonamos juntos, e ela disse: “Queria agradecer a vocês por terem feito a minha cabeça.”

Iggy Pop: Fiquei livre de novo. Podia perambular pelas ruas como antes. Eu ia numa lanchonete que os garotos frequentavam depois da escola. Na verdade foi onde escrevi o primeiro álbum dos Stooges. Ficava observando o comportamento social deles, que se tornava material pras minhas canções. Então cheguei lá e vi Betsy. Nunca tinha visto nada igual. Ela era muito

linda. Era o oposto exato de minha mulher – loira, branca como a neve. Tinha treze anos e me olhou penetrantemente. Dá pra adivinhar o que aconteceu em seguida.

Ron Asheton: Betsy tinha quatorze anos de idade, nada mais que uma linda menina engraçadinha. Iggy continuava trepando com outras garotas nas horas vagas, mas sempre voltava pra Betsy. Eu falava: “Porra, Iggy, ela está aqui há dois dias e só tem quatorze anos de idade!”

Mas aí Iggy me apresentou pra Danielle, a melhor amiga de Betsy. E eu pensava: “O que estou fazendo, cara? Estou trepando com uma garota de quatorze anos!”

Então me liberei dela, porque não queria me meter em problemas, embora Iggy nunca tenha tido problemas com Betsy. Na verdade ele foi apresentado aos pais dela. Acho que eles eram muito liberais.

John Cale: Eu e Danny Fields fomos ver o MC5 em Detroit, e o show de abertura foi dos Stooges, e me apaixonei por eles.

Ron Asheton: Estive umas vezes com Iggy em Nova York antes de a gente ir pra gravar o primeiro álbum. A primeira vez que fomos, antes de termos assinado o contrato com a Elektra, foi quando Iggy tomou STP pela primeira vez. Ele não sabia que eram três dias de viagem, então adivinha quem teve que tomar conta dele? Eu.

Amarrei uma corda na cintura dele e o guiava pela cidade. Iggy ficava dizendo: “Uau, cara, posso ver através dos edifícios.”

Iggy queria ficar de pé e fazer coisas, e eu dizia: “Oh, cara, estou cansado!” Então, quando queria dormir, eu amarrava a corda que estava em volta da cintura dele no meu pulso, pra me acordar toda vez que ele se mexesse.

Esta foi nossa primeira viagem pra Nova York. Quando a gente chegou pra fazer o disco, Jac Holzman me perguntou: “Vocês têm material suficiente pra fazer um álbum, certo?”

A gente disse: “Claro.”

A gente tinha só três canções. Então voltei pro hotel e em uma hora boleei os riffs de “Little Doll”, “Not Right” e “Real Cool Time”.

Iggy Pop: Embora eu fosse um grande fã do Velvet Underground, não fiquei excitado por ter John Cale produzindo o primeiro álbum, porque não ficava excitado em ter alguém me produzindo. Não ficava excitado ao ter alguém mexendo na minha música, da mesma forma que você não quer que um estranho fique mexendo em qualquer parte de você, ha, ha, ha.

É muito pessoal, mas, ao ouvir que John Cale ia produzir o álbum, pensei: “Isso é bom. Posso lidar com isso. Obviamente este cara vai ser inteligente, sensível, cool. Alguém com quem vou manter um diálogo – não um panaca.” O que me excitava era a ideia de tê-lo tocando em alguma faixa.

Ron Asheton: A gente nunca tinha estado num estúdio antes e instalou amplificadores Marshall e ligou no volume dez. Então começamos a tocar, e John Cale disse: “Oh, não, não é assim...”

Ficamos naquela: “Não tem jeito. A gente toca alto, e é assim que a gente toca.”

Então Cale continuou tentando nos dizer o que fazer, e, como éramos uns jovens teimosos, fizemos uma greve branca. Largamos os instrumentos, fomos para uma cabine de som e começamos a fumar haxixe.

Mas Cale continuou tentando falar com a gente. Tentava nos falar sobre gravação. “Vocês não podem obter o som certo com esses amplificadores grandes, isso simplesmente não funciona.”

Mas aquilo era tudo que a gente sabia. Não conseguíamos tocar se não fosse em volume alto. Não tínhamos habilidade suficiente nos instrumentos, era só na base de acordes porradas. A gente tinha aberto pro Blue Cheer no Grande, e eles tinham uma espécie de amplificador Marshall triplo e eram tão barulhentos que chegava a doer, mas nós adoramos: “UAU, amplificadores triplos, cara.” Era o único jeito que a gente sabia tocar.

Então nosso trato foi: “Ok, vamos botar no nove.” Por fim ele só disse: “Foda-se”, e deixou pra lá.

Iggy Pop: Quando a gente começou a gravar, Nico e John Cale ficavam sentados na cabine parecendo a Família Addams – Cale usava uma capa de Drácula com uma gola enorme. Ele parecia o Z-Man em *Beyond the Valley of the Dolls* e tinha aquele corte de cabelo engraçado. E Nico ficava tricotando. Durante toda a gravação ela ficou sentada lá, tricotando alguma coisa, um suéter, talvez.

Ron Asheton: Danny nos levou à Factory pra nos apresentar a Andy Warhol depois do disco ser lançado. A Factory estava decorada com folhas de estanho e meio bagunçada. Éramos uns garotos do Meio-Oeste, e foi muito esquisito pra nós – todos aqueles speed freaks de Nova York e homossexuais. Nem falei com Warhol. Scotty, Dave e eu estávamos tão pirados que só ficamos sentados juntos no sofá. A gente concluiu que aquilo era muito horripilante e foi embora depois de meia hora.

Na noite seguinte ou coisa parecida, fomos ao clube de Steve Paul, o Scene, pra ver Terry Reed tocar. Jimi Hendrix apareceu e fez um improviso com ele. Depois do show, eu e Iggy tomamos uma cerveja com Hendrix. Iggy estava andando por lá com Nico, e fiquei sentado rindo baixinho, porque ela o conduzia como se ele fosse seu garoto. Ela era tão alta, e ele tão baixo – estavam de mãos dadas, verdadeiros pombinhos. Ela não o perdia de vista.

Danny Fields: Era de se esperar que Iggy fosse alguém por quem Nico se apaixonaria. Ele tinha tudo que ela gostava num cara – detonado, brilhante, frágil mas feito de aço, insano, demente.

Então não foi nenhuma surpresa. Nico se apaixonava por todo mundo que fosse extremamente brilhante, insano ou junkie. Não quero parecer cínico, e, se soubesse que a história ia dar no que deu, eu teria usado um gravador, mas na época foi: “Ho, hum, Nico está apaixonada por outro poeta.”

Iggy Pop: Eu transava um monte com Nico. Muito, todo dia. Nico era realmente uma coisa especial. Eu realmente me amarrei nela. Não conseguia me apaixonar por ninguém, mas fiquei muito emocionado e excitado por estar perto dela. Ela era mais velha e era de outro lugar. Eu gostava disso pra caramba – o sotaque dela era de outro lugar, tudo nela era de outro lugar.

Ela também era tremendamente forte. Era como andar com um cara, com a

diferença de que ela tinha as partes de uma garota; esta era a única diferença, no mais era como circular com um cara de ideias firmes, egotístico e artista.

Ela estava cheia de palpites sobre o meu trabalho, isso, aquilo e aquilo outro – aí, de repente esta casca caía e ela revelava uma tremenda vulnerabilidade. E aí eu a via: ali estava alguém com mais de trinta anos, que não era mais uma modelo, que não era uma entidade comercial de qualquer espécie no grande negócio chamado América, e que porra restava pra ela fazer?

Nico tinha um grande ressentimento em relação a si. Sabe como é, ela tinha todos os requisitos de uma gata internacional atraente – as botas certas, o casaco de pele de carneiro certo, o cabelo certo, conhecia as pessoas certas e ainda assim estava fodida – ela tinha o próprio embalo. Ela era uma grande, grande artista. Era um grande barato estar perto dela.

Tenho certeza absoluta de que um dia, quando as pessoas tiverem ouvidos pra ela do mesmo jeito que têm olhos para um Van Gogh hoje, essas pessoas simplesmente vão ficar: “UAAAUUU!”

Então ela foi pra Ann Arbor comigo e morou comigo na casa da banda.

Ron Asheton: Quando Iggy disse: “Nico está a caminho”, foi tipo: “Hey, que legal, a gente não se importa.” Quando Nico se mudou pra Fun House a gente dificilmente a via porque Iggy a deixava no sótão. A única hora em que a víamos era quando ensaiávamos, e a gente se indignava por ela estar ali porque havia uma grande lei – não era permitido ninguém na sala de ensaio, *especialmente* uma mulher.

Mas daí ela fazia aqueles maravilhosos pratos com curry e colocava na mesa com uns vinhos bem caros. Foi isso que nos levou a beber de novo, os fabulosos vinhos que Nico nos apresentou.

Iggy Pop: Os Stooges não queriam nenhuma garota na casa, especialmente uma com a voz muito grave. Eles imitavam o jeito dela de falar. Nico tentava cozinhar pra nós, mas fazia uma panela de arroz integral e despejava meio vidro de Tabasco dentro. Ela tinha uma infecção no ouvido e achava que o Tabasco iria curá-la.

E Nico gostava de beber. E ela me botou nessa também, e enquanto ela morava conosco meus shows começaram a ficar muito, muito ruins. Porque Nico era uma semente ruim. Sabe como é, ela não era uma garota qualquer.

Ron Asheton: Nico descolou um cineasta pra vir a Michigan e fazer um filme em dezesseis milímetros com Iggy. Todos nós fomos pra uma fazenda, e Nico conseguiu que John Adams também estivesse no filme porque ele parecia uma esfinge, com um enorme cabelo vermelho comprido, crespo e preso. Era o rigor do inverno, e a gente ficava lá, olhando por uma janela panorâmica e rindo enquanto eles colocavam braços de manequim por todo o campo – John sem camisa e Iggy sem camisa, sem fazer nada. Rapaz, aquilo era realmente muito metido a artístico.

Iggy Pop: A gente correu pra lá e pra cá naquela plantação de batata e fez mímicas com uns trastes de plástico. Nunca entendi bem aquilo. Era embromação. Mas eu tinha que encher a barriga. O que tinha acontecido era que François de Menil, um rico do Texas, queria fazer um filme com Nico, e ela disse: “Se você quer fazer um filme, você tem que vir pra Michigan e colocar Jimmy nele.” Então ele disse: “Certo, ok.”

Danny Fields: Nico me telefonava o tempo todo de Ann Arbor, dizendo: “Não sei se ele ainda me ama, ele está me ignorando, oooh, ele é tão malvaado pra mim!”

Eu dizia: “Bem, acho que você pegou um cara difícil pra ter um caso.” Sabe como é, vai me desculpar, mas qual é a novidade?

Iggy Pop: Nico costumava me dizer: “Zhimmy, oh, Zhimmy, você deve ficar totalmente pervertido pra fazer o que faz. Você está quase que completamente pervertido, você deve ficar *totalmente* pervertido.”

Ela queria dizer que eu tinha humanidade demais. Então ela me enchia de vinhos tintos com nomes franceses que eu nunca tinha ouvido. Foi como aprendi toda esta merda, como aprendi a modular minha voz... a usar ternos azuis cintilantes e a falar com os executivos das gravadoras.

Ron Asheton: Nico ficou bastante tempo, cerca de três meses. Iggy nunca disse se estava apaixonado por ela ou não. Mas lembro que, depois dela ter

ido embora, Iggy desceu as escadas em busca de algum conselho. Chegou pra mim e disse: “Bem, eu, eu acho que tem alguma coisa errada, talvez você possa me dizer o que é.” Daí tirou o pau pra fora, apertou, e apareceu um corrimento verde. Eu disse: “Meu chapa, você pegou gonorreia.”

Nico passou pra Iggy a primeira gonorreia dele.

CAPÍTULO 5

Está rolando um tumulto

Danny Fields: A noite em que o MC5 tocou no Fillmore East foi uma noite histórica pro rock & roll e pra cultura alternativa. Foi logo depois de *Kick out the Jams* ter sido lançado.

O pano de fundo foi que os Motherfuckers, um grupo radical do East Village, vinha exigindo que Bill Graham deixasse o Fillmore East na deles uma noite por semana, porque ficava na “Comunidade”. Minha palavra favorita, “Comunidade”. Eles queriam preparar uns rangos lá e deixar que seus bebês fizessem cocô nas poltronas. Era uma gente realmente nojenta. Barbudos e gordos, ecochatos defensores da Mãe Terra, raivosos e beligerantes, velhos, feios e derrotados. E durões.

Assim, Bill Graham e o Fillmore East estavam sendo pressionados pela Comunidade e pelos elementos radicais do Lower East Side pra deixarem o teatro na deles. Nesse meio-tempo o álbum do MC5 saiu, e Jac Holzman pensou: “Não seria uma ideia brilhante apresentar a banda no Fillmore com entrada franca? A ‘banda do povo’! Desse jeito o Fillmore ganha um monte de publicidade, a gente consegue promover o show no rádio, e todo mundo ficará feliz!”

Então foi agendada uma noite de quinta-feira, e, pra acalmar a Comunidade, quinhentos ingressos foram dados aos Motherfuckers pra que distribuíssem entre a sua gente gorda, fedorenta e feia. Depois a gente descobriu que os ingressos ficaram trancados na mesa de Kit Cohen. Os ingressos nunca saíram da mesa dele! Chegou a hora do show, e a Comunidade foi ficando mais e mais furiosa com o que aconteceu com seu direito de entrar no show.

E como o MC5 era legendário como a banda do Movimento, a única banda que tinha tocado em Chicago em 1968, a plateia era composta por líderes do movimento americano contra a guerra, gente como Abbie Hoffman e Jerry Rubin. Era uma coisa underground de altíssimo nível.

E aí fiz talvez a coisa mais estúpida da minha vida. Estava eu lá no escritório da Elektra, fumando cigarros, chupando ácido, fumando maconha, dizendo: “Ãänn, tenho que levar essa banda pro centro? O que vou fazer?”

Então liguei pra ABC Limo Company. Chegamos ao centro exatamente quando os Motherfuckers esmurravam as portas do Fillmore pra entrar de graça. E bem naquele momento eis que chega esse grande símbolo dos porcos capitalistas, uma enorme limo, e o MC5 desce. Os Motherfuckers começam a gritar: “TRAIDORES! TRAIÇÃO! VOCÊS SÃO UNS DELES, NÃO DOS NOSSOS!”

E os MC5 lá: “O que a gente fez de errado?” Talvez eu os devesse ter mandado num jipe ou numa van psicodélica. Isso não me ocorreu. Não previ o quanto a imagem da limo ia afetar aquela gente repugnante. Dá pra imaginar como era um bando de pessoas que se chama “Motherfuckers”.

Wayne Kramer: Rob Tyner às vezes tinha uma excepcional habilidade pra meter os pés pelas mãos. Ele ficava nervoso e reagia a alguma coisa – mas dizia a coisa errada.

Então ele sobe no palco do Fillmore East e diz pra plateia: “A gente não veio pra Nova York pra fazer política, a gente veio pra Nova York pra fazer rock & roll!”

Claro que todos os Motherfuckers reagiram: “GRRRRRR!”

Irrompeu um tumulto no lugar. Começaram a rebentar nosso equipamento. Eu estava atrás de uma cortina e vi facas rasgando a cortina de alto a baixo.

Dennis Thompson: Fomos avisados de que havia revolucionários de verdade lá fora – e cá estavam eles, esmigalhando nosso equipamento, pondo fogo nas cadeiras e atravessando a cortina do palco, vindo atrás de nós. Então nos agarraram e escoltaram pro meio do teatro. Ficamos cercados por uns

quinhentos Motherfuckers, ha, ha, ha. Então toda aquela bobagem revolucionária começa a vir de um lado e de outro. Um cara levanta e diz: “Vocês pregam a revolução, então por que não agem ou calam a boca? A hora de agir é agora, não acham?”

E nós: “Mas, uh, mas, uh, quer dizer, a gente dizer blah, blah, blah, a gente quer apenas blah, blah, blah.”

Um outro salta: “Vocês são uma porra de um bando de maricas. São uns maricas filhos da puta. É hora da revolução. Ou vocês caem na real, ou vamos matá-los.”

Foi ficando mais e mais intenso – não nos davam muito tempo pra dizer nada –, e então aparece uma faca que vai direto pras costas de Wayne Kramer.

Jesse Crawford agarra a mão do cara com a faca, joga-a pra longe, e nós rolamos de um lado pro outro, e a coisa vai ficando muito violenta. Agarro Wayne, a gente meio que abre caminho na marra através daquelas pessoas, e digo: “CORRE!”

Wayne Kramer: A gente correu pra rua, e lá estava aquela limousine esperando, e lá estavam todos os Motherfuckers e suas mulheres, gritando e berrando. A gente distribuiu um punhado de discos, e eles começaram a atirar os discos na limousine, berrando: “VOCÊS NOS TRAÍRAM! VOCÊS NOS TRAÍRAM!”

Dennis Thompson: Eles estavam em volta do carro, pulando em cima, batendo, atirando pedras e garrafas. Era como se estivéssemos numa daquelas repúblicas de bananas, onde o político aparece e todo mundo pula no carro, e a gente arrancou com aquela macacada despencando.

Então finalmente escapamos e foi tipo: “OOHHH! O que estamos fazendo? Foda-se essa merda de revolução. Devíamos é ter ficado em Detroit.”

Danny Fields: As pessoas estavam sacudindo correntes. Bill Graham levou uma correntada no nariz e afirmou que fora Rob Tyner que o atingira. A ideia do pobre Rob Tyner bater em alguém com alguma coisa é um completo despropósito. Deve ter sido algum outro sujeito com um cabelão afro.

Bill Graham nunca os perdoou. Ele baniu o MC5 e tinha poder porque controlava todo o mercado. Ele falou pra outros promoters do país: “Cuidado com essa banda. Não é bom se meter com eles ou com qualquer um da laia deles.”

Dennis Thompson: Raptamos Janis Joplin na nossa primeira turnê. Estávamos tocando com ela num dos shows em San Francisco, e depois a empurramos pra dentro da nossa perua. Ela tinha um par de caixas de cerveja, e Fred Smith foi meio assim: “Hey, sua vagabunda, você vem comigo.”

Sobre Janis, o que nunca se diz é que ela controlou todo mundo. Mas Fred queria a cerveja. Fred deu uma caixa de cerveja pra nós e levou a outra quando ele e Janis desapareceram. Ele se tornaram uma espécie de casal, o que era bacana, porque Fred e Janis ficavam perfeitos juntos, sabe?

Eles eram os maiores bebuns. Podiam tomar todas, e Fred ainda conseguia levantar. Acho que Janis gostava disso num homem.

Steve Harris: Eu estava almoçando com Jac Holzman um dia, o telefone tocou, e era uma ligação de nosso distribuidor em Detroit. Disseram que estavam retirando tudo da Elektra Records e da Nonesuch Records das lojas. Disseram que jamais distribuiriam outro disco da Elektra de novo.

O que tinha acontecido é que a Hudson’s, uma cadeia de lojas de Detroit, tinha se recusado a vender o álbum do MC5 porque eles tinham usado a palavra “motherfucker” (*filho da puta*) nas notas da contracapa do disco. Então o que o MC5 fez foi pôr um anúncio de página inteira num jornal underground dizendo: “Foda-se a Hudson’s.”

E eles puseram o logotipo da Elektra no anúncio. Aí a Hudson’s achou que a Elektra tinha alguma coisa a ver com aquilo e foi à loucura. Foi como se a Tower Records dissesse que não venderia mais os seus discos.

Danny Fields: Antes disso tinha havido uma disputa a respeito da frase “kick out the jams, motherfuckers” (*botem pra quebrar, filhos da puta*), mas a banda tinha concordado em trocar pra “kick out the jams, brothers and sisters” (*botem pra quebrar, irmãos e irmãs*). Tinham concordado que “motherfucker” não podia ser cantado na música.

A banda entendeu que aquilo seria suicídio radiofônico. O que eles iam dizer – “Vocês têm que manter a palavra ‘fuck’ (*foder*) no disco?” Quer dizer, era 1968. Se fosse um mundo perfeito e você pudesse dizer “fuck” no rádio, então pra que haveria revolução? Já teríamos vencido, e não haveria uma luta a ser travada.

Mas eles largaram o disco com a palavra “fuck” nas notas da contracapa, e a Hudson’s se recusou a distribuir o álbum. Então o MC5 pôs um anúncio do disco numa página inteira do jornal deles. Acho que era apenas uma foto de Rob Tyner, e a única coisa escrita era: “Foda-se a Hudson’s.” E tinha o logo da Elektra. Aquele “E”.

Então a Hudson’s não gostou e se recusou a distribuir qualquer produto da Elektra, o que incluía Judy Collins, Paul Butterfield Blues Band e Theodore Bikel cantando canções do teatro ídiche. Eram vendas consideráveis, e a Elektra não ficou contente. Foi preciso explicar pra banda que poderiam dizer “Foda-se a Hudson’s”, assinando MC5, mas não poderiam dizer “Foda-se a Hudson’s” e assinar com o nome de outro.

Steve Harris: Achei a coisa mais engraçada que já tinha ouvido. Mas Jac ficou muito sério a respeito, porque representava um monte de dinheiro. E alguns de nossos outros contratados se indignaram. Eles diziam: “Hey, por que não estamos vendendo? Isso não é justo.”

O incidente da Hudson’s foi o começo do fim pro MC5. Acho que a gente resolveu o problema dando pro chefe de compras ou gerente da loja algumas artes originais das capas dos discos da Nonesuch Records. Ele era um freak clássico, e aquelas artes originais o acalmaram.

Por outro lado, o problema com o MC5 é que eles nunca estouraram realmente. Sem dúvida eles tinham bastante espaço na mídia, e todo mundo achava que era um grupo esperto, mas isso não era sinônimo de vendas.

Danny Fields: O álbum ficou talvez em trigésimo lugar nas paradas da *Billboard*, graças à publicidade. Eles foram capa da *Rolling Stone*, mas não estavam vendendo lá muitos discos. Não estavam tocando no rádio e eram uma batata quente pra segurar. Então a Elektra os largou.

CAPÍTULO 6

A maior curtição

Steve Harris: Logo depois do incidente da Hudson's com o MC5, fui ver Iggy e os Stooges no Pavilion do World's Fairground, em Queens. Era o primeiro show dele em Nova York. Iggy olhou pra plateia, meteu o dedo no nariz, alguém atirou uma lata de cerveja, Iggy atirou-a de volta, cantou uns versos, alguém atirou outra garrafa, a garrafa se quebrou no palco, Iggy rolou nela e se cortou todo.

Alan Vega: Aquele sujeito com franja loira – que parecia Brian Jones – apareceu no palco, e primeiro pensei que fosse uma mina. Ele usava um macacão de brim rasgado e uns mocassins ridículos. Tinha um ar selvagem – encarando a multidão e dizendo: “Vão se foder! Vão se foder!”

Então os Stooges se atiraram numa das canções deles, e, quando se viu, Iggy estava mergulhando do palco pro chão e se cortando com uma guitarra quebrada.

Não era teatral, era teatro. Alice Cooper era teatral, ele tinha todo o aparato, mas com Iggy não era encenação. Era a coisa real.

A apresentação de Iggy terminou em vinte minutos, e alguém teve a ideia genial de tocar o *Concerto de Brandenburgo*, de Bach, pelo sistema de som. A plateia estava jogando garrafas e rosas nele. Juro que foi lindo.

Entende o que estou dizendo, cara? Isso mudou minha vida porque me fez perceber que tudo que eu estava fazendo era uma merda.

Steve Harris: Alguém no escritório estava lendo em voz alta a crítica do show pra um grupo que estava almoçando, e o autor descreveu o show bem como eu tinha feito. Alguém na mesa disse: “Quem ia querer ver isso?” E todos que estavam ouvindo a crítica disseram: “Eu.”

Então esse tipo de boca a boca começou a se espalhar.

Danny Fields: O programa no New York State Pavilion, no World's Fair, era David Peel, os Stooges e o MC5. Foi um show famoso. Howard Stein, o promoter, acusou os Stooges de terem feito a mulher dele abortar. Ele ligou pra todos os promoters e disse: “Vão ver os Stooges, e vocês terão um aborto!”

Alan Vega: 1969 foi o momento decisivo pra tudo. Antes disso, parecia que os anos 60 iam mudar o mundo, que tudo ia ser DAQUELE jeito, mas em vez disso tudo ficou DESTE jeito. O MC5 era uma das minhas bandas favoritas, mas eu não conseguia assisti-los depois dos Stooges. Eles também sabiam disso. Eles estavam dando no couro a noite inteira TENTANDO, mas, meu bem, tinham sido superados por Iggy.

Steve Harris: Quando *The Stooges*, primeiro álbum dos Stooges, saiu pela Elektra, em agosto de 1969, sentei numa mesa com o pessoal da divulgação. Aquelas eram as pessoas que eu imaginava que estivessem nas trincheiras da divulgação – o pessoal de Denver, Filadélfia, de tudo que é lugar. Eles ouviram Iggy e disseram: “Oh, isso não é Doors, não é Love, não é Judy Collins, não é Tom Paxton, que diabo é isso? Isso é um amontoado de barulho!”

Eu disse: “Mas isso vai chegar em algum lugar. É vendável. Vocês não entendem – o que ele está fazendo é rock & roll!”

Era difícil tentar vender Iggy. As pessoas simplesmente não entendiam a obra. O pessoal da gravadora dizia nas minhas costas: “Olha ali o Steve, ele gosta de Iggy. Dá pra acreditar?”

Fui o maior incentivador de Iggy na gravadora. Claro que tinha Danny Fields dando uma força pra mim, mas fui um tremendo incentivador de Iggy em tudo que foi lugar. E naquela época tentei usar toda a minha influência, que era considerável, uma vez que eu tinha Judy Collins e os Doors sob meu controle, mas a resistência a Iggy era tremenda.

Scott Asheton: Iggy começou a fazer coisas consigo mesmo no Cincinnati Pop Festival, onde foi tirada aquela famosa foto dele caminhando sobre as mãos das pessoas. Ele levou dois potes de manteiga de amendoim e uns hambúrgueres pro palco, daí abriu a manteiga e começou a se lambuzar todo

com ela, aí pegou os hambúrgueres e se arrastou em cima deles e arremessou-os no público.

Ron Asheton: Dave Alexander foi despedido da banda no Goose Lake Pop Festival porque se detonou demais. Ele ficou nervoso por estar na frente de toda aquela gente – tomou meio litro de Kessler, fumou um monte de maconha e tomou uns calmantes. E, quando chegou no palco, esqueceu todas as canções.

Então a gente foi em frente e tocou as músicas. Na verdade ficou bom, mas quando chegamos nos bastidores Iggy estava furioso. Tão logo Iggy viu Dave, ele disse: “Você está despedido!”

Dave foi embora na hora. Fiquei pensando: “De jeito nenhum”, mas Iggy foi inflexível.

Scott Asheton: De qualquer modo, acho que Dave queria voltar pra casa dos pais – ele passava a maior parte do tempo lá. Dave tinha tudo de que precisava na casa dos pais: seu estéreo, seus livros e sua TV. Tomavam conta dele lá, e acho que ele gostava das coisas daquele jeito.

Iggy Pop: Quando a gente veio pra Nova York pra tocar no Ungano’s, fui ver Bill Harvey, o gerente-geral da Elektra, e disse: “Provavelmente não vou conseguir fazer uma série de quatro shows sem drogas – drogas pesadas. Agora isso vai custar tanto, e devolvo a grana pra você depois...”

Foi como uma proposta de negócio, certo? E ele ficou me olhando com uma cara de: “Não acredito nisso!”

Mas pra mim era muito oficial e muito lógico, sabe como é: “O que há de errado nisto?”

Lee Childers: O show no Ungano’s foi um dos maiores shows de rock & roll que já vi. Foi muito poderoso, muito perigoso – quer dizer, antes disto eram os Beatles e Dave Clark Five cantando canções de amor, e de repente cá está Iggy com uma coleira de cachorro cantando “I Wanna Be Your Dog”.

Dustin Pittman, aquele fotógrafo incrivelmente bonito, estava na lateral

tirando fotos de Iggy, e Iggy montou nele enquanto Dustin fotografava. Foi tão sexual, tão chocante, tão transgressor! Pra mim é isso que o rock & roll deveria transmitir sempre – a transgressão.

Ron Asheton: Toda vez que tocávamos em Nova York aparecia no nosso show um cara que dava um vidrinho de coca pros Stooges, completamente por iniciativa dele mesmo. Então estávamos no camarim com Miles Davis, e esse cara finalmente chega e apresenta a tradicional montanha de pó. A gente já estava com os canudinhos prontos. Imagina a cena fabulosa – a cabeça de Miles Davis junto com as cabeças de todos os Stooges indo “CHHHEIRAAAR!”

Simplesmente devoramos aquela porra daquela montanha de pó, cara. Mais tarde Miles Davis disse: “Os Stooges são originais – eles têm espírito”, ou coisa parecida. Foi genial. Minha cabeça ao lado da de Miles Davis, cara.

Scott Kempner: Fiquei aterrorizado assistindo aos Stooges no Ungano’s. Eu tinha ido lá pra ver aquela banda espantosa e estava preparado pra tudo, mas foi dez vezes mais do que eu tinha previsto.

Quer dizer, fiquei apavorado, nervoso de verdade, mas tão entusiasmado e tão envolvido com o som daquela banda e aquele cara inacreditável, Iggy – aquela coisinha magrinha, que podia provocar mais estragos que todos os caras durões que eu conhecia na minha vizinhança.

Outros caras podem te dar um soco na boca, mas tem cura, só que Iggy estava me ferindo psiquicamente, pra sempre. Eu nunca mais poderia ser o mesmo depois dos primeiros vinte segundos daquela noite – e nunca mais fui.

A gente voltou na noite seguinte, e foram exatamente as mesmas canções, mas foi totalmente novo em folha. Aquilo não tinha nada a ver com a noite anterior, não tinha nada a ver com ensaio, não tinha nada a ver com passagem de som – era vivo, estava nascendo e vindo assustar as porras das suas crianças no meio da noite e bem na sua cara...

E toda vez que eu via aquela banda era a mesma coisa – nunca havia um ontem, nunca havia um show que eles já tivessem apresentado, nunca havia um show que eles fossem apresentar de novo. Iggy colocava vida e perigo em

cada show. Vi-o ensanguentado em cada um dos shows. Cada um dos shows envolvia sangue de verdade.

Dali em diante, rock & roll não poderia ser nada menos do que aquilo pra mim. Tudo que fiz – seja escrevendo ou tocando – tinha sangue nas páginas, tinha sangue nas cordas, porque qualquer coisa menos que isso era uma merda e uma porra de uma perda de tempo.

Alan Vega: Iggy surgiu vestindo um macacão esburacado, com um calcinha vermelha e as bolas aparecendo. Ele foi cantar e simplesmente vomitou por tudo, cara. Correu entre a plateia e o caralho a quatro, pulou por cima de Johnny Winter, que estava sentado ao lado de Miles Davis. Johnny Winter odiou o show, mas Miles Davis adorou. Foi um dos maiores shows que vi na minha vida.

Jim Carroll: Patti Smith me levou pra ver os Stooges pela primeira vez. Iggy tirou a camisa e veio pro meio da multidão e estava olhando direto pra nós, e Patti disse: “Acho que ele vai vir até aqui.”

Eu disse: “Se ele me empurrar, vou dar uma porrada nele.” Pensei: “Que merda é essa? Arte performática? Ha, ha, ha.” Mas Patti se ligava em qualquer coisa como aquela, cara. Energia bruta em qualquer forma mexia com ela.

Steve Harris: Iggy tirou o pau pra fora e pôs no microfone. Foi a maior vibração. Ele era muito bem dotado.

Lee Childers: A performance de Iggy estava além de ser apenas sexual. Geri Miller, a superstar de Andy Warhol, estava sentada numa cadeira no que poderia ser vagamente descrito como a primeira fila, e Iggy foi até ela, pôs a mão no rosto dela, agarrou bem firme e aí puxou-a pelo rosto através do chão, com ela se sacudindo na cadeira de metal dobrável. O que Iggy estava fazendo com ela não era sexual, era simplesmente brutal. Ninguém sabia o que pensar.

Com Iggy, vi pela primeira vez o que o meu rock & roll viria a se tornar.

Iggy Pop: Eu estava fora de mim quando fiz aqueles shows em quatro dias.

Depois disto, entendi o que é que a plateia precisava de mim. E minha atitude em relação a eles era saudar qualquer apoio.

Quer dizer, Charles Manson poderia estar na primeira fila, e eu diria: “Yeah, Charlie, que bom vê-lo, querido, é isso aí, hey, hoje temos aqui na primeira fila um cara que está deixando a América de orelhas em pé, vamos dar uma força pra ele.”

Sabe como é, não fazia diferença. Era como o que Hitler disse: “Vá pro menor denominador comum.”

Com os Stooges isto era realmente necessário, porque aquelas eram as únicas pessoas que nos curtiam de verdade. Quando começamos, nossos fãs eram SIMPLEMENTE UNS TRASTES – era como no princípio da Cristandade. Eram as minas mais feias e os caras mais ignorantes – gente com problemas de pele, problemas sexuais, problemas de peso, problemas de emprego, problemas mentais, tudo que é coisa, eles eram uns trastes.

Danny Fields: Quando Iggy surgiu, todo mundo me deu o toque de que eu estava fazendo uma virada de geração – promovendo Iggy como o Jim Morrison da próxima geração. Isso não passou absolutamente pela minha cabeça. Nunca vi nada semelhante entre Jim Morrison e Iggy Pop. Iggy era perigoso.

Jim Morrison nunca agiu como Iggy e ergueu um banco de duzentos quilos sobre as cabeças dos garotos das primeiras filas, como se fosse jogá-lo, e você pensava que o embalo era tamanho que ele não conseguiria segurá-lo. Você pensava que os garotos iam morrer esmagados. E aí Iggy parecia parar no ar, como se fosse Nadia Comaneci.

Mesmo depois de conhecê-lo e de saber que ninguém iria ser morto no show, eu nunca estava absolutamente certo de que aquela noite não seria a exceção.

CAPÍTULO 7

Rock da cadeia

Wayne Kramer: As coisas começaram a desandar pro MC5 por motivos maiores do que simplesmente o lance da gravadora. Sempre que você adota uma atitude política, especialmente quando você começa a lançar uma retórica política violenta, você gera uma reação violenta dos poderes estabelecidos.

Houve uma atitude predominante entre pais, professores, policiais e promotores públicos na área de Detroit: “Quando alguém vai fazer alguma coisa com relação ao MC5? Não podemos permitir que eles digam o que estão dizendo!”

Em nossos shows a gente estava dizendo pras pessoas fumarem baseado, queimarem seus sutiãs, treparem nas ruas – não era só uma questão de: “Bem, eles são um pouco selvagens demais pra indústria do disco”, o que nós éramos, mas ia além disso. Paz e amor funcionavam no reino dos negócios da música, mas quando você ia para além disso, pra revolução... ficava mau.

Dennis Thompson: Nixon e sua turma de especialistas espertinhos se reuniram e disseram: “Eis aqui o jeito mais fácil de lidar com essa maldita coisa. É só acabar com os privilégios de partido deles.”

O governo descobriu isso. Era óbvio. “Essa gente consome maconha, haxixe e psicodélicos e daí fica revolucionária e aparece com todas essas novas ideias, tipo: ‘Hey, vamos mudar esse mundo. E vamos eliminar esses políticos facistas!’”

“Bem, a coisa mais esperta a fazer é dar a eles o que tem estado nos guetos há muito tempo, porque tem funcionado muito bem lá.” De repente, onde quer que vá, você só consegue encontrar heroína. É barata e está na mão.

Então a heroína se tornou a droga da hora, principalmente porque você não podia comprar um quilo de maconha pra salvar sua alma. E quanto a isso não há dúvida: a música é afetada pelas substâncias das quais você abusa.

Danny Fields: Fui demitido da Elektra Records no dia em que Richard Nixon assumiu a Presidência, 20 de janeiro de 1969. O cara que me demitiu me bateu e esmurrou minha cabeça porque repeti umas fofocas sobre a gravidez de um membro da família dele.

Acho que isto foi a gota d'água. Acho que me queriam fora porque eu estava trazendo elementos causadores de problemas para o seu ambiente folkie-yuppie cuidadosamente cultivado. Não sei se trouxe tanto dinheiro quanto desgosto pra eles.

Quando penso no que fiz na Elektra – briguei com os Doors (Jim Morrison e eu nos odiávamos); contratei o MC5, que eles despediram; contratei os Stooges, que eles largaram; contratei Nico, que nunca vendeu disco nenhum; e contratei David Peel e o Lower East Side, que complicaram a gravadora com o disco *Have a Marijuana*, que vendeu perto de um milhão de cópias e custou três mil dólares pra ser feito.

Logo depois de eu ser demitido, John Sinclair foi preso por causa de dois baseados e condenado a nove anos de prisão.

Wayne Kramer: Warner Stringfellow era um detetive de narcóticos de Detroit que prendeu John da primeira vez por porte de maconha. Então John decidiu escrever “The Poem for Warner Stringfellow” (*O poema para Warner Stringfellow*).

O poema era algo assim: “Warner, o que você vai fazer quando seus filhos fumarem maconha? O que você vai fazer quando todos os advogados do mundo fumarem maconha? Warner, o que você vai fazer, seu cuzão intolerante?”

Nem precisa dizer que Warner realmente entrou numas com John e ficou tentando introduzir aqueles tiras disfarçados entre nós o tempo todo. Eles ficavam circulando por lá, nos ajudavam a carregar equipamento ou a manejar o mimeógrafo e diziam: “Vamos lá, cara, fecha um baseado pra mim.”

Leni Sinclair: A pessoa que prendeu John foi o mesmo cara que o prendera antes, num disfarce completamente diferente. Era um ator de primeira. Dessa vez ele parecia um hippie e veio com uma namorada a tiracolo. A namorada dele era bem jovem, tinha um cabelo joãozinho, usava umas minissaias. Eles vinham jantar lá em casa e nos ajudavam a mimeografar.

Um dia a garota apareceu sozinha e disse pra John: “Pode me dar uns

baseados? Estou indo pra uma festa.”

Sexista que é, John não achou nada de mais nisso porque ela era uma garota. Então deu dois baseados pra ela. Não aconteceu nada por cerca de um mês, e então, de repente, houve uma batida-surpresa. Prenderam cinquenta e seis pessoas – sabe como é: “ESTOURADO GRANDE PONTO DE DROGAS!”

Ficou evidente que na real não estavam interessados em ninguém além de John, porque todo mundo teve as acusações retiradas, menos ele.

Veja bem, Warner Stringfellow tinha uma filha que era uma das nossas. Ela costumava nos contar o que ele falava sobre John Sinclair, como se fosse o diabo encarnado. Falava sobre o pagão com as unhas dos pés imundas. E a filha dele finalmente começou a se drogar, e ele botou toda a culpa em John Sinclair. Pra ele, John era o símbolo de tudo que tinha dado errado na sociedade, então ele pensou que, se atingisse John, poderia parar a revolução, ha, ha, ha.

Assim, os dois tiras disfarçados receberam um prêmio do governador pelo excelente trabalho policial.

Danny Fields: John Sinclair era um alvo fácil. Acho que a defesa da marijuana foi o que fez John Sinclair dançar, muito mais do que a revolução ou “trepar nas ruas”.

Todas as forças da lei e da ordem estavam galvanizadas naqueles primeiros dias da administração Nixon – foi na época em que o secretário de Justiça John Mitchell tinha recém-assumido o poder com uma incisiva mensagem de lei e ordem, antidroga e antijuventude. John Sinclair era grande e forte, e concluíram que poderiam decepar a cabeça do movimento pegando-o. Então prenderam-no por causa de dois baseados e deram a pena máxima pra ele. Naquela época havia nos livros leis draconianas que raramente eram aplicadas, a menos que quisessem você.

E queriam John Sinclair.

John Sinclair: Warner Stringfellow foi minha nêmesis. Eu era um causador de problemas. Oh, cara, a gente deu a maior bandeira. Quer dizer, a gente

estava no ácido, se é que você me entende.

Não fiquei puto. Pra mim era inevitável que eu fosse em cana ou me matassem. Não me importava. Não fazia ideia de que passaria dois anos e meio na prisão por causa dessa porra de caso em que fui enquadrado nas leis sobre marijuana e que me decretaram um perigo pra sociedade.

Mas eu teria ficado ofendido se *não* dissessem que eu era um perigo pra sociedade deles. Eu estava determinado a sê-lo.

Wayne Kramer: Conversei com Jon Landau e tentamos calcular a porcentagem de nossos rendimentos que poderíamos dar pra John Sinclair enquanto ele estivesse em cana. Eu e Fred Smith nos reunimos com a mulher dele logo depois de John ir em cana pra ver se eles precisavam de algum dinheiro. Ela disse que não, que estava tudo bem.

John Sinclair: Quando o júri voltou e me declarou culpado, fui direto pra cadeia e não saí por dois anos e meio. Não havia possibilidade de pôr meus assuntos em ordem ou de qualquer coisa. Minha mulher estava grávida, eu tinha uma filha de dois anos de idade e simplesmente me enjaularam. E o MC5 simplesmente me deixou lá, entende? De certo modo eles simplesmente me deixaram na prisão.

Wayne Kramer: John ficou magoado e furioso. Acho que se sentiu como se a gente estivesse limando-o da parada. Ele disse que nunca esteve no lance pelo dinheiro, que entrou porque adorou a música. Ele disse: “Vocês quiseram ser maiores que os Beatles, mas eu quis que vocês fossem maiores que o Camarada Mao.”

Dennis Thompson: A gente não queria ser o Camarada Mao. A gente não queria ficar sustentando todo mundo – tipo umas duzentas pessoas.

Estávamos sustentando uma banda chamada The Up, que tinha provavelmente vinte pessoas vivendo na casa ao lado da nossa – roadies, cozinheiros, lavadores de garrafas, namoradas, garotas que faziam roupas. Então fico vendo pra onde vai nosso dinheiro – nosso dinheiro compra arroz integral e passas de uva pra todo mundo, ha, ha, ha.

Éramos tratados como comunistas bonzinhos, mas eu preferiria ser um grande baterista numa grande banda de rock & roll.

John Sinclair ficava louco comigo, sabe como é: “Oh, seu universitáriozinho polaco.”

Aí eu dizia: “Bem, John, você não passa de um hippie beatnik que foi preso duas vezes pelo mesmo tira com um bigode diferente.” Ha, ha, ha.

Wayne Kramer: O que geralmente acontece com pessoas que vão em cana é que elas piram. É uma coisa muito traumática ir em cana, e era quase como se John estivesse sendo punido por causa de seu trabalho com o MC5.

Desse modo, acho que ele deve ter sentido que eu estava tentando tirá-lo da jogada. E ele tinha, é claro, uma legião de pessoas por trás dele que estavam ainda mais convencidas disso que ele – a mulher dele, o ministro de defesa, o irmão dele. Todos eles nos odiavam.

Veja bem, depois de sermos largados pela Elektra, Danny Fields veio em socorro de novo e armou um contrato com Jerry Wexler na Atlantic Records – eles deram cinquenta mil dólares pro MC5 porque Wexler acreditava na banda.

Mas mesmo com cinquenta mil dólares a gente não tinha dinheiro nenhum. Nenhum de nós jamais levou nada por estar na banda. O dinheiro ia sempre pra uma conta central que pagava as despesas. A gente tinha um lugar pra morar, tinha comida, tinha roupas, mas quem fumava tinha que pedir uns trocados pra comprar uma carteira de cigarro.

Quer dizer, a gente tinha baseados, mas nunca tinha dinheiro e nunca teve bens pessoais.

John Sinclair: Jon Landau produziu o disco seguinte deles e foi uma má influência ao garantir que eles não chegariam a lugar algum se ficassem associados a nós – sabe como é: “Essas pessoas são malucas, estão roubando vocês, estão pegando todo o dinheiro de vocês, só querem usar vocês...”

Sabe como é, eu era o sujeito que tinha carregado aqueles caras por dois anos

quando eles faziam vinte e cinco dólares por noite. Fui eu que andei de carro com eles por aí, montei o equipamento deles e redigi os releases deles – e de repente estou usando-os?

Tudo porque eles tinham conseguido um contrato pra gravar.

Dennis Thompson: Depois que assinamos o contrato, rolaram uns milhares de dólares pra cada um, oba, oba. Então pegamos nossos pais pra serem avalistas de carros pra nós.

Wayne Kramer comprou um Jaguar XKE; Mike Davis, um Buick Riviera; Fred Smith, uma Corvette 66 Fastback com um 327; e Rob Tyner comprou uma perua, ha, ha, ha.

Fiz a melhor compra do grupo – uma Corvette 67, seis lanternas traseiras, 427, 390 cavalos, capota roxa. Aquele carro era uma fera. Perdi trinta e seis pontos na minha licença de motorista em questão de uns oito meses. Perdi minha licença três ou quatro vezes e fui parar na cadeia por dirigir com a carteira apreendida.

Eu e Michael fomos até a Flórida com aquele carro, e foi a viagem pra Flórida mais rápida que já fiz de carro – fomos numa média de cento e noventa quilômetros por hora. Foi divertido. Por que os carros fizeram com que as pessoas ficassem furiosas conosco?

Wayne Kramer: Fomos expurgados do movimento Panteras Brancas por ideais contrarrevolucionários, porque compramos carros esportes no nome dos nossos pais. Comprei um Jaguar XKE. Yeah, cara, foi a coisa mais legal que consegui tocando rock & roll. Ainda sonho com aquele carro. Oh, era uma beleza. Fred Smith comprou uma Corvette usada. Dennis comprou uma Corvette Stingray – um carrão 427 poderoso. Michael Davis comprou um Riviera.

E Rob Tyner comprou a perua da banda.

Nós éramos de última. Não muito depois de Rob ter descolado a perua, ele saiu do supermercado cheio de pacotes, e o carro não estava mais lá. Ninguém tinha pago nenhuma das prestações, então pegaram o carro de volta.

Dennis Thompson: Quer dizer, todos nós crescemos nas corridas de *dragsters* . Mas carros velozes e cervejadas simplesmente não combinam com arroz integral e Zen. Há um choque aí. Não é nem um choque político, é um choque cultural.

A gente não abandonou Sinclair de jeito nenhum, é que simplesmente não havia nada que a gente pudesse fazer. Junto com o resto dos hippies amalucados do país, John Sinclair realmente acreditou que a revolução venceria. Infelizmente, Nixon tinha um monte de tropas nâzis lá fora e simplesmente NÃO ia rolar, minha gente.

Ron Asheton: No fim das contas os MC5 estavam de saco cheio de toda aquela coisa comunitária. Eles sempre sabiam quando os Stooges tinham um haxixe bom e iam até a Fun House e diziam: “Dá pra gente fumar um haxixe e ficar por aqui? É esquisito lá na nossa casa, cara, tudo é compartilhado.”

Danny Fields: Depois de John ser posto na cadeia, perdi um monte de tempo viajando diariamente de Nova York a Ann Arbor porque Jon Landau e eu administrávamos o MC5. Nós nos revezávamos tomando conta deles.

Jon Landau tinha levado eu e a banda pra Atlantic Records. Jerry Wexler era o presidente da Atlantic e gostava de gente jovem, esperta e descolada. Então Lisa Robinson, Lenny Kaye e eu ficávamos lá pela casa dele e tomávamos um monte de ácido.

Consigo lembrar mais das viagens de ácido do que das coisas que aconteceram a partir daquela época. Eu estava voando pelo universo, sabe, falando com Deus – ficava de joelhos vendo as coisas no futuro. Numa viagem decidi que tinha um QI de três mil. E não foi só isso: pude visualizar facilmente seres com QI de trezentos mil...

Eu não poderia ir mais alto do que fui com LSD.

CAPÍTULO 8

A casa da diversão

Scott Asheton: Depois do primeiro álbum não tivemos lá grande reconhecimento, e as vendas não estavam indo bem, mas tínhamos sido contratados pra três álbuns, e a Elektra decidiu que gravaríamos o segundo no estúdio deles em L.A., então a gente gravou lá.

Em *Fun House*, nosso segundo álbum, tentamos fazer um som mais parecido com a banda original antes do primeiro álbum – uma coisa mais livre, improvisada, e acrescentamos Steve MacKay no saxofone. Foi basicamente um álbum ao vivo no estúdio.

Paz e amor não fizeram muito parte dele. No fundo a gente não se importava muito em fazer alguém se sentir bem. Estávamos mais interessados no que estava acontecendo realmente, na merda tediosa que era e no jeito que de fato você era tratado.

“Dirt” é um exemplo perfeito de como era a nossa atitude. Sabe como é: “Foda-se toda essa merda, somos lixo, não nos importamos.”

Iggy Pop: Em abril ou maio de 1970 voltamos pra Detroit depois de fazer o álbum na Califórnia, e as coisas estavam mudando. De repente o desemprego estava empurrando as pessoas pra fora de Detroit. Todo o clima estava mudado, e a gente começou a se meter com drogas pesadas.

Kathy Asheton: Uma noite entrei na casa, e um cara que eu nunca tinha visto mais gordo estava sentado lá. Esse sujeito tinha literalmente invadido a Fun House e estava perambulando por lá, esperando os Stooges. Pensei que fosse um groupie. Ele conhecia a banda, obviamente sabia onde eles moravam e evidentemente tinha decidido que iria se envolver com eles.

Em resumo: James Williamson foi como uma nuvem negra baixando.

Ron Asheton: Conheci James Williamson porque a gente esteve na mesma banda num show no colégio. O pai dele era um ex-coronel do exército que queria afastar James do ambiente de rock & roll, então mandou-o pra uma escola pra garotos-problema que precisavam de disciplina em Nova York. O coronel odiava cabelo comprido, por isso não podíamos entrar na casa dele – mas podíamos ficar na varanda da frente.

Não vi mais James até ele aparecer no Chelsea Hotel quando estávamos gravando o primeiro álbum. A gente saiu uns dias juntos, e então ele sumiu.

Depois de Dave Alexander ser demitido dos Stooges, nosso baixista foi Bill Cheatham, nosso empresário de turnê, que não tocava nada. Ensinei alguns acordes rudimentares pra ele. Ele tocou em seis shows e então disse: “Por favor, me deixem voltar a ser o empresário de turnê.”

Então a gente começou a testar uns caras, e de algum modo James Williamson apareceu na audição. Eu estava tocando basicamente acordes porradas e coisa e tal, e ele tocava um tipo de acorde mais melódico, ou seja, estava um pouco além do meu estilo Stooge. Aí foi ótimo – alguém que eu já conhecia e que era um bom guitarrista.

Depois de eu dizer que ele poderia ficar na banda, uma das primeiras coisas que ele fez foi vender seu amplificador por setecentos e cinquenta paus. Ele disse que dividiria a grana com todos nós pra que tivéssemos algum dinheiro pra comer. Aí ele dividiu mesmo, e pensei: “Legal, tenho um pouquinho de dinheiro.”

Então Iggy chegou pra mim e disse: “Todos os outros estão me dando o dinheiro deles pra eu comprar um pouco de heroína, e vou pegar um pouco a mais pra vender, assim você vai receber de volta o dobro do dinheiro que me der agora.”

Eu disse: “Nem pensar.”

Mas ele continuou me infernizando até que eu finalmente disse: “Pega a porra do dinheiro e me deixa em paz!”

Scott Asheton: Eu tinha feito amizade com um dos caras que cuidavam do equipamento do MC5, e a gente foi num concerto grátis no qual o Parliament/Funkadelic estava tocando. Estávamos circulando pelo backstage, e perguntamos pra um dos caras da banda se ele queria fumar haxixe.

Então a gente subiu no capô de um dos caminhões de equipamento do Parliament, e esse cara apresentou aqueles pacotinhos de pó branco.

Eu disse: “É coca?”

Ele disse: “Não, cara, é *horse* ! (*heroína*) ”

Eu tinha cheirado umas linhas de coca antes, mas não sabia o que era *horse* .

Ele disse: “Quer experimentar um pouco?”

“Acho que sim.”

Depois disto lembro de estar parado no bosque, numa chuva torrencial. Estava tentando mijar e não conseguia, mas estava tudo numa boa.

John Adams era clean e puro em todos os sentidos – ele seguia uma dieta macrobiótica estrita, não bebia, não fumava, não usava drogas. Mas pra nós ele ainda era o cara mais velho com um passado negro. Ele tinha sido um junkie. Tinha uma verdadeira atitude de gângster e tinha 27 anos, então parecia realmente velho.

Aí voltei pra casa e, tendo ouvido histórias sobre o passado de John Adams, cheguei pra ele e contei o que tinha feito. Acho que despertei uns bichinhos ou coisa assim, porque ele ficou todo ouriçado e quis sair e descolar um pouco. Daí Brother Ig também quis descolar um pouco.

Foi assim que a coisa toda começou.

Ron Asheton: John Adams, nosso empresário de turnê, era um ex-junkie, mas teve uma recaída e levou Scotty e Iggy junto com ele.

Um dia por acaso eu estava sozinho na Fun House com John, e ele me chamou: “Desce aqui!”

Então desci até o quarto dele no porão, e havia um monte de pó branco do tamanho do punho de um bebê em cima da mesa.

Eu perguntei: “Uau, é coca?”

Ele estava com o olhar fixo naquilo, e eu fiquei com o olhar fixo naquilo. Ali estávamos nós dois, encarando aquilo tudo, e ele disse: “Não, cara.”

Eu disse: “Não é heroína?”

Ele disse: “Yeah!”

Eu disse: “Oh, não, você não pode fazer isso, cara!”

Fiquei completamente de cara, mas John não prestou atenção porque os outros caras estavam chegando, e naquela noite eles cheiraram heroína pela primeira vez. Eu não. Nunca entrei nessa.

Ele começaram de leve, dando uns tirinhos, e finalmente The Fellow, que é como a gente chamava John Adams, iniciou-os no pico. Foi tudo em segredo, pelas minhas costas, porque eu não aprovava. Então me tornei o pária.

Kathy Asheton: A primeira vez que a heroína se aproximou de mim e tive um lance pessoal com ela foi quando Iggy me telefonou de um hotel vagabundo de Romulus, que é uma zona barra-pesada de Detroit, e me pediu pra levar um pouco de maconha pra ele. Iggy queria trocar a maconha por heroína. Ele me deu o endereço, mas até eu chegar naquela zona não tinha percebido que estava indo pra aquele hotel vagabundo.

Bati na porta, e Iggy abriu, e meu irmão Scotty e uns negrões armados estavam lá dentro. Eu era uma das pouquíssimas pessoas que não estavam na heroína que Iggy deixava se aproximar dele, o que era muito incomum porque, pelo que sei de junkies, eles só gostam de estar perto de outros junkies.

Ron Asheton: O ponto dos picos na Fun House era o apartamento do meu irmão. Tinha um quarto, um banheiro e era perfeito pra se picar – um chão de ladrilho verde-escuro, uma grande mesa redonda e aquele tipo barato de forro acústico branco que havia nos consultórios médicos. Bem anos cinquenta. As paredes já estavam meio marrons, mas o pior era que os tijolos acústicos estavam todos manchados de sangue. E havia grandes pingos de sangue no chão e nas paredes, porque, quando você puxa uma agulha do braço depois de uma picada, fica um pouco de sangue na seringa e, pra limpá-la, você esguicha.

Então eles esguicharam um monte nas paredes e no forro. *Shhhhtick...* sangue

no teto, sangue nas paredes, uns bons pingos, como se você pegasse um revólver de esguichar e borrifasse água por lá. Foi assim por um bom tempo. Não estava tudo vermelho, só umas manchas marrons grandes e feias, mas muitas vezes havia material fresco e vermelho. Então pingava na mesa ou no chão, onde eles jogavam as bolas de algodão. Quanta degradação.

Queria ter sido esperto o bastante pra tirar fotos daquilo porque teria sido uma obra-prima, mas fiquei enjoado demais.

Danny Fields: Lá por 1971 os Stooges estavam se preparando pra gravar o terceiro álbum. Jim Silver deixou de ser o empresário dos Stooges porque estava entrando na comida natural, e isso passou a ser muito mais lucrativo do que empresariar os Stooges, que eram como um forno que queimava dinheiro. Aí ele começou a se afastar dos Stooges, e me tornei o empresário de fato dos Stooges.

Eu trabalhava com eles à distância, já que estava trabalhando pra Atlantic Records em Nova York. Os Stooges tinham as canções prontas pro seu próximo álbum – que viria a ser *Raw Power* –, e adorei. Fiquei todo empolgado.

Então liguei pra Bill Harvey, o executivo da Elektra que tinha me despedido – a gente continuava se odiando, mas eu ainda tinha que ter um relacionamento com ele, uma vez que os Stooges ainda eram contratados pelo selo dele –, e disse: “É hora de retomar a opção.”

Acho que ele tinha decidido de antemão que não iria retomar a opção. Ele simplesmente fingiu.

Ron Asheton: Iggy tinha se mudado da Fun House pra University Towers, no centro de Ann Arbor, pra ficar mais perto da sua conexão de drogas. A Fun House ficava nos arredores da cidade, e era muito longe pra Iggy e Scotty porque ninguém tinha carro. Eles tinham que estar na cidade pra ficar mais perto da conexão de drogas deles.

Iggy não sabia dirigir – você deve pensar em toda a coordenação dele no palco, mas ele não conseguia dirigir. Alugamos um carro que deveria ficar conosco por poucos dias, mas Iggy ficou com ele por um mês. Os caras o

pegaram andando pela Rua Sharon com duas rodas em cima do cordão da calçada, chapado de Quaaludes, batendo em tudo que encontrava pela frente.

Então Iggy se mudou pra University Towers, e bem ali do outro lado da rua ficava o Biff's, um restaurante vinte e quatro horas. Ele costumavam se drogar bem na porra do Biff's. Ficavam sentados lá às três da manhã tomando suas drogas.

Wayne Kramer: Iggy e eu estávamos traficando um pouco. Eu botava ele em contato com umas das minhas conexões em Detroit, e a gente usava algumas das conexões dele em Ann Arbor, e então entramos no negócio de drogas por conta própria. Todos aqueles garotos vinham pra University Towers e compravam dele, e eu tinha alguns canais, então nós dois juntamos umas centenas de dólares e compramos um pouco de droga, umas nove colheres ou coisa assim. Mas aí tive que sair em turnê com o MC5.

Ron Asheton: Iggy estava descontando os cheques dos pais dele na Discount Records. Que merda, foram vários milhares de dólares. Os tiras finalmente o pegaram, mas os pais dele pagaram todo o dinheiro.

Wayne Kramer: Eu esperava que, quando voltasse pra cidade, meu dinheiro tivesse dobrado, e eu tivesse dezoito colheres de droga. Era o típico esquema de pirâmide, transa de traficante, tipo “vamos dobrar isso”. Deu certo uma vez. Na segunda vez tive que sair em turnê e, quando voltei, perguntei pra minha namorada: “E aí, cadê minhas drogas?” Minha namorada disse: “Oh, uh, as veias de Iggy entraram em colapso, e ele foi parar no hospital, e toda a grana se foi, e toda a droga também.”

Então fui até a casa dele porque só ouvi falar que havia altos problemas. O apartamento dele era sempre um desastre total. Aí cheguei lá e estava tudo limpo e em ordem. A mãe dele tinha limpado o apartamento inteiro e dobrado as roupas. Iggy ficou cheio das desculpas a respeito do dinheiro, disse que eu seria o primeiro que ele iria ressarcir...

Danny Fields: Bill Harvey e eu voamos juntos pra Ann Arbor pra ele ouvir o novo material dos Stooges, e achei que eles foram tão bem na audição que Bill Harvey teria que dizer: “Yeah, bem, esta banda está cumprindo o prometido.”

Eu estava muito orgulho e satisfeito.

Ron Asheton: Peguei protetores de ouvido pra Bill Harvey usar enquanto a gente tocava. Ele tentou ser legal e cortês, mas estava muito sem jeito.

Danny Fields: A gente voltou pro hotel em Ann Arbor, e eu estava radiante e disse: “E então?”

Bill Harvey disse: “Francamente, não ouvi coisa nenhuma.”

Foi quando os Stooges foram chutados da Elektra.

Fiquei consternado. Achei *Raw Power* genial. “Search and Destroy” era uma das melhores canções de rock & roll de todos os tempos. Não havia nada melhor que isto.

Acho que Bill Harvey simplesmente não queria a banda e não achava que eles fossem comerciais o bastante. No que ele estava certo; eles não eram viáveis comercialmente. Nunca venderam discos. Achei que fariam um investimento em nome da arte. Achei que o público finalmente captaria o espírito dessa música genial se a gente continuasse lançando e acreditando nela. A ironia é que acho que eu estava certo, porque *Raw Power* ainda soa avançado, passados mais de vinte anos.

Então tive que dizer pra Iggy: “Eles estão largando vocês.”

Ele disse: “Não acredito. A gente tocou tão bem, e as canções são tão boas.”

Eu disse: “Também acho, mas fazer o quê? Eles não querem vocês.”

Bill Cheatham: Ronnie atendeu uma ligação de um cara da Receita Federal que disse que a banda devia um monte de dinheiro em impostos. Ronnie disse: “Não sei nada a respeito disso.”

O cara da Receita disse: “Bem, é melhor você descobrir.”

Aí Ronnie disse: “Hey, olha, cara, somos todos viciados em drogas, não sabemos onde está a porra do dinheiro.”

O cara disse: “Oh”, e desligou. Os Stooges nunca mais ouviram falar da Receita.

Danny Fields: Empresariar Iggy era um inferno. Nós estávamos todos em Nova York, e eles estavam lá em Detroit, e ninguém entendia nada de dinheiro. Na verdade não havia dinheiro algum. A gravadora não os sustentava, e eles não vendiam discos.

E Iggy tinha problemas com as drogas. A banda de Alice Cooper e os Stooges tocavam no mesmo show, e eles recebiam mil e quinhentos dólares por noite. Chegava a hora do show, e quando os caras da banda de Alice iam procurar o espelho pra pôr maquiagem nos olhos – sabe como é, bem profissionais –, tínhamos que ir atrás de Iggy.

E eu o encontrava estendido lá, perto da privada, com uma agulha no braço, e eu tinha que tirá-la, com sangue esguichando pra tudo que é lado, e tinha que dar uns tapas na cara dele, dizendo: “É hora do show!”

Isto era divertido? Yeah, certo.

Dee Dee Ramone: A primeira vez que vi Iggy foi no show dos Stooges no Electric Circus, em St. Marks Place, em junho de 1971. Eles entraram atrasados pra caramba porque Iggy não conseguia mais achar nenhuma veia pra se picar porque os braços dele já estavam completamente fodidos. Ele ficou puto e não saía do banheiro, então a gente teve que esperar.

Iggy Pop: Fiquei no backstage procurando uma veia e gritando: “Cai fora! Cai fora!”, pra todo mundo, inclusive meus amigos, e todos eles ficaram pensando: “Meu Deus, ele vai morrer, blah, blah, blah.”

Finalmente lá estou eu no palco e, mal entrei em cena, pude sentir. Senti que precisava vomitar. Apesar disso, não ia deixar o palco porque senti que isso seria visto como abandonar a plateia.

Dee Dee Ramone: A banda finalmente entrou, e Iggy parecia muito injuriado. Ele estava todo pintado com tinta prateada e só usava uma cueca. Ele estava todo lambuzado de tinta prateada, até no cabelo. Mas o cabelo e as unhas estavam dourados. E alguém também tinha salpicado purpurina nele.

Eles entraram e ficaram tocando a mesma canção, sem parar. Ela só tinha três acordes. E as únicas palavras eram: “I want your name, I want your number” (*Quero seu nome, quero seu número*).

Aí Iggy olhou pra todo mundo e disse: “Vocês me dão enjoo!” Então vomitou.

Lee Childers: Geri Miller estava bem na frente outra vez. Ela tinha uma vozinha horrível e estava bem na frente berrando: “Vomita! Vomita! Quando você vai vomitar?” E ele o fez! Ele vomitou! Iggy sempre satisfazia seu público.

Iggy Pop: Aquilo foi muito profissional. Acho que não atingi ninguém.

Russel Wolensky: Eu estava bem na frente. Fui vomitado. Iggy me acertou no ombro.

Ron Asheton: Àquela altura eu já estava acostumado com os vômitos de Iggy. Ele ia pra trás dos amplificadores pra se esconder, mas no fim todo mundo sabia o que estava acontecendo... Quanta degradação...

Desisti de dizer qualquer coisa porque ninguém iria me ouvir mesmo. Quer dizer, pouco antes do show eles levaram meu pré-CBS Stratocaster, uma relíquia, pro Harlem e trocaram pelo equivalente a quarenta dólares de smack. Disseram que tinha sido roubado. Fiquei arrasado, cara. Anos depois, meu irmão Scotty me disse o que realmente tinha acontecido. Yeah, na época do lance no Electric Circus eu desisti...

Danny Fields: No que dizia respeito à minha relação com os Stooges, estava tudo se despedaçando. Eu trocando-os de um hotel pra outro e pus meu crédito pessoal na parada pra eles. Eu não podia arcar com essa despesa. Eu não estava ganhando dinheiro. Havia rumores de que eles estavam assaltando postos de gasolina nos fins de semana pra pagar o aluguel da casa, e a casa ia ser demolida, e uma estrada ia passar onde ficava a Fun House.

E aí veio uma ligação dos Stooges às quatro horas da manhã dizendo que eles tinham passado com um caminhão de quatro metros e meio por baixo de uma ponte de quatro metros em Ann Arbor.

Ron Asheton: A ponte da Rua Washington – ela devorou muitos caminhões. Scotty estava dirigindo. Ele estava a uns sessenta quilômetros por hora e BAM! O choque tirou o topo fora – arrancou o topo do caminhão.

Eu estava na Fun House, e o telefone tocou: “O quêêê?”

Fui pro hospital, e você sabe como são aquelas enfermeiras da recepção, não dizem nada, tudo que ela dizia era: “Todos eles estão em estado grave, é tudo que posso dizer agora.”

Eu pensava: “Oh, cara!”

Então fui até a ponte, e o caminhão estava todo fodido, aí voltei pro hospital. Quando entrei na sala de espera, todos eles estavam sentados lá, os dois roadies, Larry e Jimmy, e meu irmão, Scotty.

Pareciam os Três Patetas – Larry sem os dentes, meu irmão com pontos na língua, e Jimmy todo enfaixado. Aí, quando fui levar Larry e Scotty pra casa, Larry diz: “Me leva até a ponte!”

Eu disse: “Huh? ok...”

Chegamos lá, e eles desceram e começaram a vasculhar entre os arbustos. Foi quando descobri que eles tinham tomado anfetamina. Quando os tiras apareceram, eles jogaram o pacote de anfetamina pela janela. Então a gente teve que voltar lá e pegar.

Eu disse: “Seus filhos da puta idiotas!”

Scott Asheton: Ninguém me disse que era um caminhão de três metros e oitenta e uma ponte de três metros e vinte. Fui atirado a uns treze metros do caminhão. Um cara bateu no painel de instrumentos e quebrou todos os dentes, ficou inconsciente, e o outro cara bateu no para-brisa, que abriu um enorme corte na cabeça dele, e ficou perambulando por lá com a cara coberta de sangue. Pensei que o outro cara estivesse morto.

Fiquei pensando: “Oh, não”, ainda sem saber que diabos tinha acontecido, e então me virei e vi que o caminhão não cabia embaixo da ponte.

Daí fizeram o show daquela noite sem mim. Tiveram que dar seis pontos no meu queixo, mas o que nunca vou esquecer é do ponto que deram na minha língua. Foi a pior dor que já senti em toda minha vida. Pensei que fosse rebentar. Pensei que fosse ter uma coisa.

Até hoje dá pra olhar a ponte e ver. Aquela ponte ainda está toda fodida.

Danny Fields: Eles destruíram o caminhão, destruíram os instrumentos musicais, que eram alugados, e destruíram a ponte. Então estavam sendo processados pelos proprietários do caminhão, pelos proprietários dos instrumentos e pela cidade de Ann Arbor. E queriam saber, às quatro horas da manhã, o que eu ia fazer a respeito.

O que eu ia fazer a respeito? Ia voltar a dormir.

Bill Cheatham: De algum jeito Scotty Asheton acabou devendo dinheiro pra uma gangue de motoqueiros, e eles estavam atrás dele. Scotty devia dinheiro pra eles, então eles iam aparecer e nos cobrir de porrada, roubar o equipamento e rebentar o lugar.

Assim, houve um cerco na Fun House. A gente transformou a Fun House literalmente numa fortaleza. Colocamos compensados em todas as janelas do térreo e tínhamos um monte de armas – espingardas, pistolas, rifles –, virtualmente tudo.

Nos primeiros dias a gente vigiava em turnos. Scotty decidiu que não queria morar na casa bem naquela época, então dava uma passada pra ensaiar e caía fora. Mas a coisa era que, pra entrar na casa, a gente tinha que rebentar a fechadura de segurança e recolocá-la depois. Então a porta foi ficando cada vez mais cheia de furos.

Depois de uns quatro dias Scotty voltou pra ficar, e os motoqueiros nunca apareceram, então ficamos loucos pra dar uns tiros, sabe como é: “Putá que pariu, estou no clima pra usar essa coisa.”

Estávamos sentados no sofá, e havia uma foto de Elvis do outro lado da sala, e Scotty ficou olhando fixo pra ela. Finalmente engatilhou a espingarda e CABUUM, abriu um buraco em Elvis. Aí abri fogo também, e começamos a

abrir buracos em toda aquela parede.

De repente ouvimos um berro: “Suspendam o fogo! Suspendam o fogo!”

A gente não sabia que John Adams estava no porão, dormindo. Ele subiu – estava completamente coberto de reboco –, viu a gente e disse: “Que porra está acontecendo?”

Depois que descobrimos que a cidade ia destruir o prédio, dissemos: “Oh, foda-se”, e enchemos o lugar de bala.

Mas Ronnie ficou até o mais amargo fim.

Ron Asheton: Depois que fomos chutados, Danny voltou pra Ann Arbor porque tinha ouvido todas aquelas terríveis histórias junkies. Danny despediu John Adams no meu apartamento. Ficamos todos quietos porque o amávamos. Mas eu não sabia que John Adams estava carregando droga por todos os Estados Unidos. Eu teria ficado apavorado em voar com ele. E, pouco depois de ter despedido John, Danny disse que não aguentava mais.

Danny Fields: Ficou impossível. Eu não conseguia segurar. Eles estavam doidões, provavelmente eu estava doidão também e disse: “Não aguento mais.”

Era demais pra mim. Eu precisava de um emprego de verdade. Então fui trabalhar na revista *16*.

PARTE DOIS

Os matadores de batom

1971-1974

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



CAPÍTULO 9

Crise de personalidade

Penny Arcade: Minha família achava que eu era a filha do demônio. Então, quando tinha uns dezessete anos, fugi de casa. Acontece que minha mãe tinha apresentado uma queixa contra mim, e passei uma noite na cadeia da minha cidade natal, New Britain, em Connecticut. No dia seguinte minha mãe veio me buscar, e, quando caminhava pra casa com ela, simplesmente segui caminhando. Depois de ir pra Provincetown e Boston, acabei no East Village.

Era a época dos apês onde ficava um monte de gente atirada e dos points de pico itinerantes, toda uma cultura junkie que tinha ido do Chelsea Hotel pro Hotel Earle, pro Henry Hudson, pro Seville. Alguém entrava no hotel e pegava uma suíte, e quinze pessoas se mudavam pra lá. O problema é que sempre havia aquela história de alguém tentar trepar com você, e eu era apenas uma garota procurando um lugar pra dormir.

Então comecei a circular naquela pizzaria na esquina da Rua 7 com a Segunda Avenida, e foi onde conheci os *speed freaks*. Foi onde fui apresentada ao “A Set”, diminutivo de “Amphetamine Set” (*Turma da Anfetamina*) – Brooklyn Frankie, Short-Haired Sammy e Black Frank. Era uma cena realmente da pesada, porque eles não eram hippies, eram um bando de criminosos, homossexuais, drogados, artistas, caras em busca espiritual. Na real, artistas vigaristas. Picaretas. Arrombadores. Personagens legendários que estavam nessa há anos. E me senti como a mais nova aquisição nessa longa galeria.

Essa era a verdadeira turma de rua do A Set. Também havia o alto escalão, gente como Ruby Lynn Rainer, o legendário traficante de anfetamina, Ondine, o Velvet Underground e todas aquelas pessoas da Factory de Andy Warhol. Naquele tempo, o mundo da droga e o mundo da arte se cruzavam.

No começo eu andava com o A Set sem injetar *speed* porque conseguia ficar de pé direto por três dias, mas depois de uns meses eles quiseram que eu ficasse alta com eles, então comecei a injetar *speed*. E gostei. Era a minha

droga. Eu entendia o *speed* e gostava das pessoas que o tomavam.

Então, um dia, quando eu estava pra lá de ligada num café da Avenida Greenwich, alguém mandou um bilhete que dizia: “Pra garota de vestido verde: A que horas você sai do trabalho?” Olhei praquilo e disse: “O que é isso?” O bilhete era de Jackie Curtis, que estava sentado noutra mesa com uma sacola de compras cheia de peças dele, recortes de jornais sobre ele e sabe lá Deus o que mais.

Jackie foi lá porque queria me conhecer. Ficamos amigos no ato e passamos o resto do dia andando juntos. Ele ainda era um garoto nessa época, ainda se vestia como um garoto e também adorava o *speed*, embora não estivesse se picando. Só pílulas. Comecei a circular com Jackie e logo depois descobri a Playhouse of the Ridiculous Theater (*Casa de Espetáculos do Teatro Ridículo*) de John Vaccaro.

Lee Childers: O teatro underground chocante que John Vaccaro, Charles Ludlam e Tony Ingrassia estavam fazendo no fim dos anos sessenta e começo dos setenta ficou conhecido como “teatro ridículo”, um rótulo parecido com “teatro do absurdo”. E, é claro, John Vaccaro pensava que a Playhouse of the Ridiculous Theater fosse lema dele, e Charles Ludlam pensava que a Ridiculous Theater Company fosse lema dele, mas a coisa virou um gênero, um tipo de teatro – “teatro ridículo”.

Na minha opinião, John Vaccaro foi mais importante do que Charles Ludlam porque Ludlam seguiu as tradições teatrais e usou um monte de drags. As pessoas ficaram numa boa com Charles Ludlam. A atitude de todo mundo ao ir nas peças de Charles era a de estar indo ver um show pastelão de drags muito engraçado e irreverente. Nunca se sentiram constrangidos.

Mas John Vaccaro estava além disso. Muito, muito além. John Vaccaro era perigoso. John Vaccaro podia ser muito constrangedor sob muitos aspectos. Ele usava bebês vítimas da talidomida e trigêmeos siameses unidos pelo rabo. Um ator tinha um imenso sustentáculo de *papier-mâché* pra um pau enorme que saía dos shorts indo até os joelhos. Ele também não conseguia controlar o movimento do intestino, então a merda ficava pingando perna abaixo o tempo inteiro, e todo mundo adorava. As pessoas adoravam esse tipo de teatro visualmente confrontacional. E John Vaccaro usava toneladas de purpurina,

que era sua marca registrada. Todo mundo usava purpurina. O elenco inteiro estava sempre coberto de purpurina.

As pessoas vinham usando purpurina há um tempão, e as drag queens estavam usando na rua, mas acho que o “glitter” realmente decolou quando John Vaccaro foi comprar material pro figurino e passou por uma lojinha em Chinatown que estava fazendo uma grande liquidação de purpurina. Ele comprou tudo – pacotes gigantescos, do tamanho de sacolas, de purpurina de todas as cores.

John levou a purpurina pro teatro e encorajou todo mundo a usar tanto quanto pudesse, em todos os lugares onde pudessem colocá-la. É claro que os rostos deles ficaram cobertos de purpurina, os cabelos ficaram cheios de purpurina, os atores que faziam a personagem Moon Reindeer tinham o corpo inteiro coberto de purpurina verde. Baby Betty, que estava fazendo uma vítima da talidomida, tinha purpurina saindo da xoxota – assim, foi por causa de John Vaccaro que purpurina virou sinônimo de coisa chocante.

O palco inteiro estava coberto de purpurina. E não só onde as pessoas o cobriam de purpurina, mas, como elas ficavam se movendo constantemente, dançando, tropeçando umas nas outras e atirando coisas, havia toda aquela purpurina no ar – flutuando em volta. Então, com as luzes ligadas, toda a atmosfera do palco virava uma coisa em movimento constante com a purpurina.

John Vaccaro: Nunca pensei em algo como o “movimento da purpurina”. Eu usava purpurina no teatro desde meados dos anos cinquenta. Mas na verdade não estava interessado em coisas afetadas. Não estava interessado em promover a homossexualidade. Minha sensibilidade é diferente da afetação. Havia duas escolas: os homossexuais e a gente do teatro. Alguns dos homossexuais faziam o que pensavam que fosse teatro: “Que tal ir numa boate e fazer uma apresentação drag, como *La Cage Aux Folles* ?” Era exatamente assim. Mas não era teatro. Não era teatro de jeito nenhum.

O ponto alto do teatro sempre foi o homem versus ele mesmo: Hamlet, Rei Lear, Willie Loman, Blanche DuBois. E sempre achei que o ponto alto do teatro era o mundo versus ele mesmo. Foda-se o “homem”. Desisti do “homem”. Estou mais interessado no mundo. Entretanto, havia duas escolas

diferentes. A minha tinha conteúdo social, as outras não.

E usei a purpurina como um modo de representação. Nada mais. A purpurina era a ostentação da América, era assim que eu interpretava. E era bonito. A purpurina era maquiagem. Eu a usava porque ela empurrava o traseiro da América na cara dos americanos. Era a ostentação de Times Square. Sabe como é, tire as luzes e o que você tem em Times Square? Nada.

Lee Childers: Enquanto Jackie Curtis ensaiava *Heaven Grand in Amber Orbit*, uma peça que ela tinha escrito e estava estrelando e que estava sendo dirigida por John Vaccaro, as coisas ficaram um pouco descontroladas. John Vaccaro era um homem com quem era muito difícil de trabalhar porque ele usava a cólera pra arrancar a interpretação de uma pessoa. E Jackie era uma *speed freak* que estava extremamente paranoica e acusatória – qualquer coisinha deixava-a num frenesi. Então ela e John brigavam constantemente, e ele finalmente arrancou todas as roupas dela e cortou em tiras, atirou os sapatos dela em cima dela, despediu-a e chutou-a escada abaixo, coisa que ele era famoso por fazer, e Ruby Lynn Rainer assumiu o papel principal.

Uns dias depois da briga, Jackie Curtis apareceu na minha porta e disse que tinha tido o duelo decisivo e definitivo com John Vaccaro, que tinha deixado a peça e que queria que todo mundo em Nova York pensasse que ela tinha cometido suicídio. Por isso ela precisava ficar no meu apartamento e ninguém poderia saber que ela estava lá, porque todo mundo deveria supor que ela estivesse morta.

O que achei fabuloso. Adorei esta ideia. Eu disse: “Entra logo!” No dia seguinte, Holly Woodlawn apareceu, inteiramente vestida com um traje de veludo preto, com penas negras de avestruz nos cabelos, dizendo: “Estou de luto.” Então Holly se mudou pra lá também.

John Vaccaro: Jackie Curtis era a menos talentosa das pessoas que trabalhou pra mim. Jackie Curtis era uma drag queen que carregava seus recortes de jornal numa sacola por onde quer que andasse. Era isto que essas pessoas faziam. Carregavam seus recortes de jornal. Era o apoio delas. Não podiam viver sem ter essas coisas com elas.

Fiz uma das peças de Jackie, mas não fiz como Jackie tinha escrito. Jackie

tinha escrito uma peça homossexual sobre uma cafeteria na Rua 42 e uma garçonne de lá, chamada *Heaven Grand in Amber Orbit*, que era o nome da personagem principal. Jackie escreveu a peça usando nomes tirados de programas de corrida de cavalos.

Transformei *Heaven Grand in Amber Orbit* num circo com trigêmeos siameses. Transformei-a num musical e show de segunda classe – era sobre o problema do mundo e que, se as pessoas no poder dessem uma cagada realmente boa, não haveria nenhuma guerra. Então, ao longo de toda a peça, eu tinha aquela mulher sentada no banheiro, proferindo suas falas em meio a uma prisão de ventre. Uma outra tinha um desentupidor de privada no rabo – nada disso estava na peça de Jackie Curtis.

Lee Childers: Não sei se alguém realmente pensou que Jackie tivesse se matado, ou se todo mundo em Nova York sabia exatamente o que estava acontecendo, mas foi a mentira mais fabulosa. Perdureu por umas seis semanas. Uma charada. Um caso. Com Holly Woodlawn aparecendo na sala dos fundos do Max's em trajes negros cada vez mais chocantes, com véus e coisa e tal, de luto por Jackie. Todos nós ainda íamos ao Max's todas noites, e as pessoas diziam: “Você ouviu alguma coisa? Alguém ouviu alguma coisa sobre Jackie?”, e todos nós dizíamos: “Não.”

Enquanto isso, a gente pegava sacos plásticos e enchia de comida pra levar pra Jackie. Foi assim que acabamos morando todos juntos, e, uma vez que você tinha Jackie e Holly no seu apartamento, era um passo pra ter Candy Darling aparecendo por lá. Na fase mais lotada estávamos eu, Jackie, Holly, Rio Grande, Rita Jed, Johnny Patten e Wayne County num apartamento de um quarto no Lower East Side.

Pra mim, Jackie Curtis, Holly Woodlawn e o resto delas eram as pessoas mais glamourosas. Não eram drag queens. Não eram loucas. Eram apenas pessoas que viviam vinte e quatro horas em vestidos e sapatos de senhoras de idade. Jackie não se lavava, então fedia horrores a maior parte do tempo. Holly era uma completa *speed freak*. Ela realmente não se importava se as outras pessoas pensassem que ela fosse um homem, ou uma mulher, ou um marciano.

O fogão imediatamente ficou coberto de cera delas depilarem o rosto, porque

naquela época se depilava o rosto com cera, e o que se obtinha não era um visual feminino.

Pegava-se cera quente derretida, colocava-se no rosto, deixava secar e então agarrava e arrancava fora. Desse modo, arrancava-se a barba pela raiz, o que fazia o rosto inchar e ficar vermelho, intumescido e feio. Daí elas colocavam aquela maquiagem barata da Woolworths's, porque era a única que podiam comprar – aquela maquiagem laranja da Woolworth's espalhada por toda a cara vermelha, e daí saíam em público! Ninguém pensava que elas fossem mulheres, ninguém pensava que fossem homens! Ninguém sabia o que elas eram! E elas se vestiam com trajes de senhora de idade. Uma velha senhora, nossa vizinha de porta, morreu, e Jackie foi da nossa janela até a janela dela pelo parapeito e entrou no apartamento dela pra roubar todas as roupas. Aquelas eram as roupas que Jackie usava, os vestidos da velha senhora morta!

Holly usava qualquer coisa. Simplesmente se enrolava num lençol. De fato, Holly teve problemas com o pessoal da Previdência Social. Ela estava recebendo auxílio da Previdência, todo mundo estava. Ela aparecia no escritório da Previdência pra pegar seu cheque de auxílio usando penas de avestruz e cílios postiços. Um dia eles a levaram pra uma sala e disseram: “Senhor, este é o escritório da Previdência. Você aparece com longos de noite e penas de avestruz. Os outros beneficiários estão ficando muito aborrecidos com isso.”

Holly disse: “Comprem um jeans pra mim que vou usá-lo; caso contrário, vou gastar meu dinheiro como preferir, e prefiro gastá-lo em penas de avestruz.”

Penny Arcade: Qualquer um podia estar na Playhouse of the Ridiculous Theater. Todos eram estrelas da rua. Homossexuais, heterossexuais, lésbicas – não importava, ninguém ligava pra essas coisas. Eram todos marginais. Aí John Vaccaro quis que eu me juntasse a eles, e eu disse não.

Mas eles me pegaram pelo jeito que as pessoas sempre me pegam, que é: “John Vaccaro ligou, e precisam de alguém pra ajudar.” E, é claro, se alguém precisa de ajuda, lá estou eu. Meu trabalho era cuidar das roupas de Elsie Sorrentino, uma das atrizes que serviu de inspiração pro personagem Tralala

em *Last Exit to Brooklyn* , de Hubert Selby Jr. Então uma noite John Vaccaro veio até mim, tirou as roupas dos meus braços e literalmente me empurrou pro palco, dizendo: “VAI LÁ E FAZ ALGUMA COISA!”

Lee Childers: John Vaccaro era famoso pelos seus acessos megalomaniacos – atirando coisas, berrando obscenidades e humilhando aqueles adolescentes da sua companhia de teatro que já estavam no *speed* , dormindo no chão da casa de alguém e sem dinheiro pra um hambúrguer do MacDonald’s. Ele os assustava, e aquilo o assustava, acho que era por isso que às vezes ele deixava as coisas irem tão longe.

Numa noite de Ano-Novo, John Vaccaro chutou Candy Darling escada abaixo literalmente, por dois lances. Ela caía sete ou oito degraus e começava a se levantar, mas ele estava bem atrás dela e a chutava de novo. Havia uma tempestade de neve lá fora, um metro de neve, e ele a chutou pra fora, direto pra neve, no seu vestido longo de noite. Mas sem dúvida Candy adorava ser chutada pra fora, na neve. Ela vivia pro drama. Tenho certeza de que no dia seguinte ela provavelmente estava de volta, sentada por lá, tomando chá e discutindo com ele.

Veja bem, todo mundo estava no *speed* , que se presta pra grandes dramas e explosões de emoção. As cenas eram sempre extremamente dramáticas e publicamente dramáticas – montes de bofetadas, drinques na cara e garrafas na cabeça na sala dos fundos do Max’s.

Penny Arcade: Jackie Curtis escreveu uma peça chamada *Femme Fatale* baseada nas experiências que Jackie Curtis, eu e um cara chamado John Christian tivemos andando juntos. Mas John Christian tinha virado o maior junkie e agorafóbico. Ele se recusou a sair do apartamento dele ou participar do show. Então Jackie me disse que o papel de John seria representado por uma garota, Patti Smith.

Algumas pessoas achavam Patti uma garota feia, quando feiura era um pecado. Mas ela não era feia, a coisa é que ninguém tinha aquele visual naquela época. Ela era magra pra caramba e se vestia de um jeito esquisito. Tinha aquele visual completamente dela, que em retrospecto foi precursor de toda a coisa punk. Ela usava umas espécies de sapatilhas de lutador, calças pretas justas e geralmente uma camisa masculina branca pra dentro da calça,

com uma camiseta do tipo Guido por baixo. Ela não usava sutiã, tinha um rosto muito macilento e um cabelo muito escuro. E Patti tinha todas aquelas estrias na barriga, de quando esteve grávida. Ela usava calças bem baixas e dava pra se ver aquelas estrias todas.

Quando Jackie e eu encontramos Patti pela primeira vez, Jackie me disse: “Não confio nesta garota, ela é uma arrivista.”

Mas não achei nada, contra ou a favor. Enquanto a gente estava ensaiando *Femme Fatale*, fiquei grávida, e fazer aborto era ilegal. Eu tinha ouvido dizer que se você colocasse um DIU isso poderia provocar um abortamento. Era muito estúpido e perigoso, mas fui num médico em Allenville e coloquei um DIU. Fiquei bem, então fui pro ensaio. Daí comecei a passar mal, então fui embora. Eu estava descendo de elevador com Patti. Eu estava quase desmaiando, e Patti ficava me dizendo: “Pareço Keith Richards?” Sabe como é: “Que tal o meu cabelo? Parece o de Keith Richards?”

Eu disse: “Yeah, meio que parece”, porque não entendi por que alguém ia querer se parecer com Keith Richards.

Não apareci pra ensaiar no dia seguinte, nem telefonei; por isso, quando voltei pra ensaiar, todo mundo estava realmente furioso comigo; Tony Ingrassia, Jackie Curtis, todo mundo estava naquela: “Você não apareceu, blah, blah, blah.”

Enquanto estava lá ouvindo-os berrar comigo, Patti Smith chegou pra mim com uma página arrancada do diário dela que dizia: “Hoje conheci uma garota chamada Penny Arcade, ela é realmente cool, gosto dela pra caramba, quero que seja minha amiga.”

Então Patti e eu começamos a ficar amigas. Acho que inicialmente ela estava vivendo no Chelsea com Robert Mapplethorpe, mas depois eles descolaram uma casa pra eles, um loft a poucas portas do Chelsea.

Jayne County (antes de uma operação de troca de sexo, Jayne County era Wayne County) : Jackie Curtis esteve brilhante em *Femme Fatale*. No fim da peça ela era crucificada num cartão da IBM. A gente tinha aquele cartão gigante da IBM e a pregava nele.

Depois de *Femme Fatale* fizemos uma peça chamada *Island* , na qual eu interpretava o travesti revolucionário e Patti Smith fazia uma *speed freak* fanática por Brian Jones e se picava no palco. Na verdade ela simulava injetar *speed* enquanto guinchava: “Brian Jones está morto!” Este foi o grande momento de Patti Smith no palco underground de Nova York. Ela tinha uma coisinha de massa de vidraceiro no braço, e na real a agulha entrava na massa. E, enquanto se picava, ela dizia: “Brian Jones está morto! Brian Jones está morto! Brian Jones está morto! Vejam, é o que diz bem aqui, Brian Jones está morto!”

Lee Childers: *Island* tinha um elenco extraordinário – Cherry Vanilla, Patti Smith, Wayne County – e era encenada em Fire Island. Era episódica e não tinha realmente um enredo, todo mundo era morto no fim porque o governo decidia explodir Fire Island com navios de guerra. Andy Warhol adorou. Ele achou genial, então disse pra Tony Ingrassia, o diretor: “Andei gravando umas fitas...”

É claro que Andy Warhol gravou fitas de tudo. Estava sempre lá com seu gravadorzinho, gravando cada ligação telefônica, cada palavra que era dita pra ele. Então Andy tinha caixas e caixas de fitas cassete e disse pra Tony Ingrassia: “Isto provavelmente daria uma boa peça.” Tony disse: “Mas o que devo fazer com elas?” Andy deu as caixas pra ele e disse: “Oh, estou certo de que você vai descobrir alguma coisa boa aí.”

Tony descobriu mesmo. Escutou as fitas, achou trechos interessantes de conversa, principalmente de conversas telefônicas, e construiu a peça chamada *Pork* . A peça consistia de um ator interpretando Andy Warhol, sentado numa cadeira de rodas, num hospital vazio, branco e estéril, com todos os outros personagens espalhados em volta, falando em telefones brancos. A personagem *Pork* era pra ser Brigid Polk. A personagem *Vulva* era Viva, e ela falava no telefone com Andy e dizia coisas como: “Andy, você já pensou a respeito de bosta de macaco, como você acha que é bosta de macaco? Alguém já viu bosta de macaco? Acho que os funcionários do zoo devem ver bosta de macaco, eu nunca vi bosta de macaco, e que tal bosta de vaca, bosta de vaca não é...?”

Jayne County: Basicamente *Pork* era alguém fazendo o papel de Brigid Polk – injetando *speed* o tempo todo e tagarelando. Todos os outros na peça

giravam em volta dela, falando sobre seus fetiches e suas perversões. Jane Callalots, que também estava em *Heaven Grand in Amber Orbit*, interpretava Paul Morrissey. Ela empurrava o personagem de Andy Warhol, interpretado por Tony Zanetta, numa cadeira com rodas. Ele sentava lá e fazia: “Um, hum, aaah.”

Lee Childers: Esta era a peça, basicamente. Fui o assistente de direção das duas montagens – ela ficou seis semanas em cartaz em Nova York, depois seis semanas em Londres. Mas foi em Londres que a produção gerou uma imensa, gigantesca e escandalosa sensação. Nós éramos uns garotos, não sabíamos nada sobre os tabloides de Londres. Geri Miller foi fazer uma sessão de fotos em frente à casa da Rainha-Mãe, mostrou os peitos e foi presa. Foi a capa de todos os tabloides: “ATRIZ PORNÔ DE PORK MOSTRA OS PEITOS NA FRENTE DA CASA DA RAINHA-MÃE!” E a citavam entre aspas: “QUAL É O PROBLEMA COM PEITOS, A RAINHA TEM.”

Na real, fomos o maior acontecimento de mídia e nem percebemos, mas Cherry Vanilla decidiu que devíamos nos passar por jornalistas de rock & roll de Nova York. Cherry foi a única que percebeu que a gente podia fazer umas picaretagens por lá. Ela ligou pra um editor da revista *Circus*, e ele disse pra ela: “Ok, use meu nome em qualquer coisa que você queira cometer, mas, se o telefone tocar, não sei de nada.”

Então nos passamos por jornalistas de rock & roll da revista *Circus* – Cherry era a repórter, eu era o fotógrafo, e a coisa funcionou como magia. A gente entrou no backstage em tudo que foi lugar. A gente pegava o *New Musical Express* toda semana e olhava quem estava tocando, pra poder ir. Fomos ver todo mundo – Marc Bolan, Rod Stewart...

Então vi um anúncio minúsculo, tipo um tijolinho, que dizia: “David Bowie no Country Club.” Eu tinha lido um artigo de John Mendelssohn sobre ele, por isso eu disse: “Ouvi falar de David Bowie. Ele usa vestidos.” Todo mundo disse: “Oh, isso é legal. Vamos vê-lo.” Daí a gente ligou e entrou na lista de convidados – eu, Cherry e Wayne County. Era um clube minúsculo, e não havia mais do que trinta pessoas na plateia. E minha primeira impressão de David Bowie foi: “Oh, querido, que decepcionante. Que chato.” Ele estava com calças boca de sino amarelas e um chapelão.

Jayne County: A gente tinha ouvido dizer que o tal David Bowie era um suposto andrógino e tudo mais, mas aí ele apareceu com cabelo comprido, roupas folky, sentou num banquinho e tocou canções folk. Ficamos muito decepcionados com ele. Olhamos pra ele e dissemos: “Olha só esse velho hippie folky!”

Estávamos sentados na plateia com nossas unhas pretas e cabelos pintados. Naquela época não se conseguia nenhuma dessas cores punks brilhantes, mas Lee Childers tinha descolado uns pincéis atômicos Magic Marker e colorido todo o cabelo dele com cores brilhantes e diferentes. A certa altura David Bowie disse: “E a turma de *Pork*, de Andy Warhol, está aqui esta noite, levantem.”

Nós todos tivemos que levantar – Cherry se levantou, tirou seu top e sacudi os peitos. Foi magnífico. Éramos escandalosos em qualquer lugar.

Lee Childers: David foi decepcionante, mas adoramos a mulher dele, Angela Bowie. Angie era barulhenta, estava grávida, era maluca, ficava nos agarrando no meio das pernas, gargalhando e se divertindo.

Então a gente foi embora falando de Angie, não de David. Na noite seguinte eles nos convidaram pra ir num bar gay chamado Yours and Mine, em Highgrove, e ficamos conhecendo David um pouquinho mais, vimos seu senso de humor e começamos a gostar mais dele. Quando fomos embora da Inglaterra, já estávamos muito apaixonados por ele.

Jayne County: É claro que influenciámos David a mudar a imagem dele. Depois de nós ele começou ficar com o visual produzido. Eu tinha pego a coisa das sobrancelhas raspadas de Jackie Curtis, e David começou a raspar as sobrancelhas dele, a pintar as unhas, a usar unhas pintadas até mesmo pra ir a boates, como a gente fazia. Ele mudou toda a sua imagem e começou a ficar cada vez mais esquisito.

CAPÍTULO 10

A terra de mil danças

Danny Fields: Pra mim, o Max's Kansas City sempre foi a sala dos fundos no andar de baixo. Mais tarde, quando começou a ter bandas tocando num esquema regular no andar de cima, em 1973, o Max's se tornou um lugar completamente diferente. Tinha uma disco no andar de cima, e Wayne County botava som, e era legal. Mas não era o andar de baixo. Não era a sala dos fundos. A época realmente divertida terminou tão logo trouxeram as bandas, porque isso trouxe um monte de gentinha. O Max's tinha sido um seleteo engravado no andar de baixo, e só as pessoas que conheciam sabiam qual era. Tão logo se formaram filas na rua pra ver as bandas no andar de cima, foi o fim do Max's.

Eileen Polk: Eu ia ao Max's todas as noites. Toda e qualquer noite. No começo estava cheio de gente de Warhol. Naquela época você via Andy Warhol com seu séquito: Viva, Jane Forth, Joe Dallesandro. Taylor Mead ficava circulando na esquina, bebendo. Ou alguma garota maluca com dreadlocks, segurando uma boneca, falando sozinha. A Factory de Warhol ficava na Rua 47, mas depois eles se mudaram pra Rua 17, quase em frente ao Union Square Park, a poucos quarteirões do Max's. Então era só cruzar o parque e ficar lá pela Factory quando o Max's fechava. E ali todo mundo era seguido por câmeras de vídeo. Era exatamente como naquela cena do filme sobre os Doors, quando eles conhecem Nico, saem e tomam heroína.

Depois o pessoal de Warhol começou a ser substituído por todas aquelas bandas glitter: Jo Jo Gun, New York Dolls, Slade, Sir Lord Baltimore. Eu geralmente ficava com algum cara de uma banda promissora. Eu não conhecia rock stars e transava com eles. Eu os conhecia e ficava com medo de transar com eles. Por isso não transava com caras que entravam lá pra embebedar as groupies e transar com elas. Geralmente acabava transando com um amigo. Eu gostava de pessoas que estavam dispostas a fazer a si mesmas de babacas, em vez de pessoas que faziam o tipo: "Só quero ser vista com o cara de visual mais cool."

Duncan Hannah: Eu estava lá no Max's com Danny Fields no reservado dele. A gente estava tomando uns brandies, e Lou Reed chegou com as cruzes de Malta esculpidas na cabeça. Era 1973, e Lou chega ali e diz: "Hey, Danny!" Danny diz: "Oh, Lou, senta aí, senta aí." Então ficamos nós três. E sou apresentado, e Lou diz: "Hey, ele parece David Cassidy, sabia?"

E eu digo: “Oh, não gosto muito de David Cassidy.” E ele diz: “Yeah, você parece mesmo... não parece, Danny? Ele não parece mesmo com David Cassidy?” E aí eles começam a falar sobre mim na terceira pessoa: “*Ela* não parece David Cassidy?”

Aquilo continuou por um tempo, e aí eles começaram a falar sobre Raymond Chandler. E eu tinha lido tudo de Raymond Chandler. Então pensei: “Hey, estou por dentro disso e estou sentado com meu ídolo, Lou Reed, e vamos ter uma conversa intelectual sobre Raymond Chandler. Legal!”

Então Lou está dizendo alguma coisa, falando de uma cena de *The High Window*. E eu digo: “Oh, não, isto é de *The Little Sister*.” Ele diz: “Quê?” Eu digo: “Isto é de *The Little Sister*. Também li isto, é maravilhoso, conheço este trecho...”

Então Lou vira pra Danny e diz: “Hey, Danny. Ela fala. Ela pensa? Acho que ela lê, huh?”

Pensei: “Entendi. Sou apenas uma loira burra.”

Então Lou diz: “Hey, Danny, o que ela faz afinal?” E Danny diz: “Oh, ela é uma estudante de arte.” Então Lou diz: “Oh, uma estudante de arte.” E foi horrível. É horrível estar com seus ídolos quando você é um estudante de arte. Parece nada. Então captei a mensagem: seja visto, e não ouvido. Sou uma bugiganga. Sou um acessório. Oh, genial. Aqui está meu ídolo, finalmente conheci meu ídolo! E não posso falar.

Então Danny vai ao banheiro, e Lou vira pra mim e diz: “Diga, você é de Danny?” E eu digo: “Não, não, Danny é meu amigo.” Ele diz: “Então você não pertence a Danny?” E eu digo: “Não, ele é meu *amigo*, sabe.” Lou diz: “Bem, então você vai ser meu David Cassidy?” Eu digo: “Uh, não, acho que não.” E ele diz: “Bem, vê só, por que você não vai pro meu hotel comigo?” Eu digo: “E?” Ele diz: “E você pode cagar na minha boca. Que tal?” Eu digo: “Acho que eu não iria gostar disso.”

Fiquei totalmente sem graça. E Lou começou a sussurrar, como se aquilo devesse me dar tesão, e disse: “Isto, isto é repulsivo pra você?” Eu disse: “Yeah.” E ele disse: “Bem, vou pôr – vou pôr um prato em cima da minha

cara, aí você pode cagar no prato. Que tal?”

Eu disse: “Não, acho que eu também não gostaria disso.”

Ele disse: “Você não sabe o que está perdendo. Vem nessa e vamos nos divertir.”

Eu disse: “Ah, não, acho que não. Acho que vou ficar aqui.” Então ele disse: “Ok. E vá catar coquinhos”, ou coisa parecida. Depois Danny voltou, e Lou disse: “Tenho que cair fora, Danny!” E ele se foi, e na real fiquei deprimido porque tinha imaginado uma coisa completamente diferente. Não era como nos livros: “Deus, conheci meu ídolo, e estávamos falando sobre Raymond Chandler!” Em vez disso foi: “Posso cagar na sua boca?”

Depois que Lou caiu fora, Danny disse: “Hey, acho que Lou gostou de você.” Eu disse: “Acho que não.” Acho que contei pra ele: “Lou perguntou se eu pertencia a você”, e Danny gostou porque ele estava com algo que o amigo dele queria. Danny disse: “Bem, se você quiser ir com ele, vai.” E eu disse: “Não, acho que não.”

Jayne County: A sala dos fundos era perversa. Perversa. Cada um estava numa droga diferente, e se você se levantava pra ir no banheiro, não ousava virar as costas. O banheiro ficava à esquerda, e você tinha que sair de ré da sala dos fundos pra chegar lá, porque, se virasse as costas, as pessoas falariam de você. As pessoas diziam coisas horríveis de você no momento em que você se levantava.

Lee Childers: Quando começaram a aparecer no Max’s, Patti Smith e Robert Mapplethorpe não podiam entrar. Eles eram um tanto deselegantes visualmente – Robert usava chapelões, aqueles chapelões de camurça mole, e grandes camisas universitárias e tinha um visual bem ruim. Patti tinha um visual um pouquinho mais legal, usava roupas rasgadas, feias e sujas.

Acredito que Mickey Ruskin achou que eles não tinham o visual certo. E, justiça seja feita a eles, porque é uma coisa que eu provavelmente não teria coragem de fazer, Patti e Robert sentavam no cordão da calçada em frente ao Max’s e falavam com todo mundo que entrava e saía. Isto parecia fabuloso pra mim. Eu não teria ousado fazer isto se não pudesse entrar. Simplesmente

teria desaparecido. Eu admirava o peito de Patti de sentar ali e dizer: “É aí que quero ir, e, se não me deixam entrar, vou ficar sentada do lado de fora.” Era uma atitude muito punk antes de haver uma atitude punk.

Terry Ork: Patti Smith e Robert Mapplethorpe eram um casal perfeito. Eles tinham uma autêntica perversidade tátil e sensual entre si, definitivamente única. Eu ia até o Chelsea Hotel pra vê-los, e a gente se arrumava pra ir ao Max’s. Eles eram um casalzinho encantador e os queridinhos de todo mundo no Chelsea Hotel – o que incluía Viva, umas outras superstars de Warhol e Bobby Neuwirth. Mapplethorpe ainda era hétero, o autêntico jovem católico perdido.

Jack Walls: Acredito que Patti e Robert estavam nutrindo algum desejo de se tornarem superstars de Warhol e se produziam pra ir ao Max’s e tentar entrar. Eles usavam qualquer coisa pra chamar atenção – delineador, batom, esmalte de unha preto, qualquer coisa que os levasse pra sala dos fundos. Mas ninguém dava a mínima bola pra eles.

Danny Fields: Patti conta a história maravilhosamente. Ela e Robert iam ao Max’s todas as noites e paravam na entrada, encarando todas aquelas pessoas chiques e esperando ser convidados pra sentar ou pra andar com elas. Nós que estávamos sentados olhávamos praquela casal adorável, sexy e jovem na entrada, imaginando quem seriam, desejando que entrassem e sentassem com a gente. E essa tensão, essa estase, durou um tempo. Finalmente eu disse: “Bem, entrem e sentem vocês dois, quem são vocês?” E Patti lembra que fui a primeira pessoa no Max’s a convidá-la pra se sentar. Foi engraçado: “Venham logo, parem de ficar vacilando aí na entrada, vocês são bacanas, quem são vocês?”

Penny Arcade: Patti era uma garota que me acordava às nove da manhã dizendo: “Penny?” Eu dizia: “O que é, Patti?” “É aniversário de Bobby.” “Que Bobby?” “Bob Dylan.” Patti viveu a vida toda fingindo ser John Lennon, ou Paul McCartney, ou Brian Jones, ou algum outro rock star.

Eu estava com ela na noite em que Brian Jones morreu. Ela ficou simplesmente histérica. Chorando histericamente. Quer dizer, também fiquei chateada, mas ela ficou falando sobre “baby Brian Jones” e “restos mortais de baby Brian Jones”. Era como se estivesse envolvida com essas pessoas, mas

era tudo só na cabeça dela. Outras pessoas têm camaradas imaginários, mas Patti tinha camaradas imaginários que eram Keith Richards e gente desse tipo. Patti me contou a história de quando conheceu Eric Clapton. Ela estava com Bobby Neuwirth e ficou andando em volta de Clapton, até que ele finalmente disse pra ela: “Conheço você?”

Patti disse: “Nãã, sou apenas uma pobre mortal.”

Jack Walls: Tinkerbelle telefonou pra Patti na casa da mãe dela, em Nova Jersey, e contou que Robert era veado. Isto partiu o coração de Patti. Quer dizer, como você vai competir? Se é outra garota, é compreensível, mas se a pessoa que você ama diz pra você que é homossexual, aí você tem um *grande* problema.

Antes disto, a única coisa sobre a qual Patti e Robert discutiam era sobre quem iria na lavanderia.

Duncan Hannah: Robert e Patti ainda saíam juntos quando cheguei em Nova York pela primeira vez. Eles eram muito cool. Me encontrei com Patti uma noite e mencionei Mapplethorpe, e Patti disse: “Oh, terminei com meu homem.” Ela disse, com uma grande firmeza: “Sabe, ele é a fim de homens, e não há nada que uma garota possa fazer quando o cara dela é a fim de homens.”

Foi como se ela tivesse nada a ver com aquilo. Não era culpa dela, e na real ela queria que eu soubesse disso, o que pra mim era incrivelmente generoso. Fiquei muito orgulhoso por ela realmente querer que eu não pensasse mal dela, certo? Fiquei tipo: “UAU!” Mas só concordei com a cabeça, tipo: “Uh, huh”, como se fossem banalidades: é assim quando uma mulher perde seu homem pra outro homem. Yup.

Jack Walls: Robert Mapplethorpe era um filho dos anos cinquenta e, quando aconteceram os protestos de Stonewall, em 1969, assinalando o começo da liberação gay, Robert tinha dezenove ou vinte anos. Era um movimento, e as pessoas estavam se assumindo mesmo que não fossem gays. Lá pelo começo dos anos setenta as pessoas começaram a ser gays ao extremo. E Robert foi direto pros extremos. Naquela época estavam rolando os “trucks” – diversos caminhões sem caçamba que ficavam na Rua 14, na zona de carregamento de

carne, onde os gays começaram a ir em busca de sexo anônimo.

Aí alguém teve bom senso suficiente pra abrir uns clubes, porque todo mundo estava lá mesmo, então bem que podiam servir umas bebidas pra eles. Daí brotaram o Mineshaft e o Anvil, e foi toda uma cena de sexo decadente – mijo, merda, *fist fucking*, *gloryholes*, comer tanta gente quanto se conseguisse – simplesmente trepar como se não houvesse amanhã.

Terry Ork: Não sei o que veio primeiro, se a veedagem de Robert começou a aparecer, ou se Patti começou a andar com rock stars. Acho que Patti estava vivendo uma persona muito pública. Patti sempre beijava alguém e daí olhava pra você pra ter certeza de que você tinha reparado, quase como se ela estivesse desempenhando uma espécie de papel boêmio na Paris dos anos vinte. Ela tinha plena consciência de que estava vivendo como se estivesse num palco e de que o negócio dela era trepar com gente famosa. Ela tinha aquela pose nova-iorquina sobre isso. E então Patti acabou tendo um caso bem longo com Todd Rundgren.

Patti Smith: Se eu não refletisse tanto sobre mim, acharia que eu era uma daquelas pessoas que fica citando o nome de gente famosa só pra impressionar. Você lê meu livro, *Seventh Heaven*, e quem você tira de lá?

Edie Sedgwick, Marianne Faithful, Joana D’Arc, Frank Sinatra; todas pessoas de quem gosto pra caramba. Mas não estou fazendo isto pra citar nomes. Estou fazendo pra dizer que este é outro pedaço do que sou. Estou oculta na vida dos meus ídolos.

Bebe Buell: Todd Rundgren me apresentou pra Patti. Ela tinha sido namorada dele antes de mim. Gostei dela no ato. Ela me disse que eu parecia Anita Pallenberg, Nico e Marianne Faithfull, todas juntas numa torta de creme. Estas foram exatamente as palavras dela pra mim. Daí ela disse: “Você tem que cortar uma franja no cabelo.” Naquela época eu tinha cabelo comprido, e Patti disse pra eu cortar franja e coisa e tal, e então cortei. Depois ela tentou me convencer a pintar de branco, mas eu não quis.

Eu deixava Patti maluca. Ia visitá-la todos os dias. Simplesmente aparecia onde ela estava morando com Allen Lenier, na Rua 23, sabe como é, logo depois de eles terem trepado, ou quando ela estava arrumando um de seus

altares, ou estava escrevendo, mas ela sempre me deixava entrar.

A gente se sentava e conversava, e ela me dizia: “Sou muito a fim de cantar.” Eu dizia pra ela: “Eu também.” Isto foi bem antes dela começar a cantar. Então a gente colocava discos e cantava em cima deles a plenos pulmões. A gente colocava *Gimme Danger* e tentava imitar os vocais, tentando tirar o som direto da garganta. Patti dizia: “Yeah, é assim que se aprende a cantar.” A gente usava escovas de cabelo como microfones e ficava na frente do espelho e cantava. Me diverti muito com ela desse jeito – ela era engraçada pra caramba. Às vezes eu levava maconha, e Patti não podia fumar muito porque era esperta e maluca demais e depois de dois pegadas parecia sair fora, cara – pra estratosfera, filosofando e me contando histórias sobre Sam Shepard.

Eu era muito jovem e maluca – ia correndo pra Patti toda vez que tinha um problema com Todd. Patti ainda amava Todd um pouquinho, então era duro pra ela ter essa pirralhinha chegando e pedindo conselhos pra ela sobre Todd quando ela ainda tinha muitos sentimentos por ele, embora estivesse vivendo com Allen. Às vezes eu pegava Todd e Patti se abraçando ou coisa assim e tinha uma reação bem adolescente. Chegava pra Patti e dizia: “Por que você está abraçando meu namorado?” Ela dizia: “Relaxe. Está tudo certo, fica fria, garotinha.”

Penny Arcade: Conhecer Patti era uma coisa que exigia muito de você porque ela era extremamente impulsiva. Patti queria parecer Keith Richards, fumar como Jeanne Moreau, andar como Bob Dylan e escrever como Arthur Rimbaud. Ela tinha esse incrível panteão de ícones nos quais estava se moldando. Na real ela tinha uma visão romântica de si. Patti tinha ido pra faculdade e ia ser uma professora, mas aí saltou fora do esquema de vida da classe trabalhadora de Nova Jersey.

Na época não percebi que se podia fazer isto. Não percebi que ser uma artista era melhor do que ser uma professora de economia doméstica.

Bebe Buell: Patti Smith foi a pessoa que me convenceu a posar pra revista *Playboy*. Na época eu estava me dando bem como garota-propaganda da Revlon, Intimate e Wella. Tinha quatro ou cinco clientes importantes. Mas meus modelos de comportamento não eram modelos. Eu admirava garotas

como Anita Pallenberg e Marianne Faithfull, aquelas eram as garotas em quem me inspirava e com as quais sonhava ser parecida.

Então, quando a *Playboy* me convidou pra posar, Patti disse: “Queria que a *Playboy* me convidasse. Eu faria.” Patti tinha uns peitões, muita gente não nota isso. Ela era extremamente bem-dotada e sempre achou que este tipo de coisa era muito legal. Ela me mostrou fotos de Brigitte Bardot, Ursula Andress, Raquel Welch e todas aquelas fotos da *Playboy*. Ela dizia: “Estar na *Playboy* é como a Coca-Cola. É Andy Warhol. É americano, você sabe que esta revista é parte da América.” Ela disse: “Faz. Vai ser maravilhoso. Vai foder com a coisa de moda.”

Àquela altura eu estava com umas fantasias de começar uma banda, e Patti estava tentando me explicar que, se eu fosse modelo por muito tempo, ficaria mais difícil fazer a transição. Ela achou que o jeito mais rápido de matar o lance de moda e ficar livre do estigma de adolescente e de namorada de roqueiro era fazer algo ousado. Mas fazer uma coisa bem chique, como na *Playboy*.

Pra mim, a ideia de feminismo de Patti tinha a ver com não se fazer de vítima – as mulheres devem fazer escolhas com o pleno controle de suas capacidades e fazer uma oposição rebelde.

Posar pra *Playboy* foi uma atitude rebelde. Quase arruinou com a minha carreira neste país, no que se refere a verdadeiro trabalho de moda. Depois disto, as únicas revistas que me aceitavam eram do tipo *Cosmopolitan* e coisa assim. Perdi todos os meus clientes fixos. Perdi a Avon e a Butterick. Todas as revistas convencionais de moda pararam de me aceitar.

Mas como eu poderia lamentar?

Penny Arcade: Sempre vi Patti e Robert como irmão e irmã. Sempre vi Robert como gay, mas Patti sempre me falou dele como namorado. Eu convivia com veados desde os quatorze anos, por isso estava familiarizada com a ideia de relacionamentos profundamente apaixonados mas não sexuais com gays. Assim, acho que na real nunca acreditei que Patti tivesse um relacionamento sexual com Robert, embora eles provavelmente tivessem. Sempre achei que Patti fosse como eu – ligada em veados. Portanto, soube

que havia problemas. Sabia que Patti estava frustrada e irritada. E eu amava Patti. Sabe como é, estava apaixonada por Patti e acho que ela estava apaixonada por mim também.

Sempre tive uma amizade muito romântica com ela. Era tipo uma coisa vitoriana – não era muito física, embora tenha chegado a ser física.

Patti Smith: Tentei transar com uma mina uma vez e achei uma droga. Ela era muito macia. Gosto de dureza. Gosto de sentir um peito masculino. Gosto de osso. Gosto de músculo. Não gosto daquele peito todo macio.

Penny Arcade: Eu não estava fisicamente atraída por Patti, e Patti provavelmente não estava fisicamente atraída por mim. Então, quando rolou o lance físico entre nós, foi coisa de uma vez só. Isso definitivamente surgiu de uma ligação emocional e não física. Meu relacionamento emocional com Patti era muito mais...

Mas aí as coisas mudaram. A gente estava lá pelo Max's uma noite, e Patti e eu estávamos matando tempo. Estávamos sentadas com Miss Christine, do GTO's, e decidimos que iríamos fazer uma banda. Seríamos eu, Patti e Miss Christine.

Pra mim e pra Miss Christine, fazer essa banda era só uma grande palhaçada. Quer dizer, eu queria fazer uma banda, mas não tinha ideia do que isso significava. O boato de que a gente queria fazer essa banda se espalhou, e ao que parece Danny Fields falou com Steve Paul e contou que estávamos montando uma coisa juntas, porque umas noites depois, quando cheguei no Max's, no meu horário de sempre, havia um telegrama pra mim. Era de Steve Paul, dizendo: “Não assine com mais ninguém!”

Fiquei naquela: “Mas que porra é essa?”

Eu não fazia ideia, mas o que foi estranho foi eu ter percebido que Patti ficou toda ouriçada por causa dessa história de banda. Pra mim era uma palhaçada, mas pra Patti rolou outra coisa, que não percebi.

Não entendi que Patti viu que alguma coisa poderia de fato ser feita.

CAPÍTULO 11

Os craques da poesia

Jim Carroll: Uma noite eu estava indo pra casa, no Chelsea Hotel, e Patti Smith e Robert Mapplethorpe estavam na frente do hotel tendo uma tremenda briga. Mas quando Patti me viu, parou de brigar, chegou pra mim e disse: “Hey, você é Jim Carroll, certo? Sou Patti. Oi.”

Eu conhecia Patti de vista – já tinha visto ela me cuidando no Max’s e nas leituras do Poetry Project da St. Mark’s Church. Naquela época minha reputação de poeta estava bem consolidada.

Então ela disse: “Que tal eu ir vê-lo amanhã? Tenho um livro que quero dar pra você.”

Então eu disse: “Claro. Estou no quarto...”

Patti disse: “Sei em que quarto você está.”

Ela apareceu no dia seguinte e foi quando a gente realmente se conheceu. Pelo que me lembro, a gente transou naquele dia. E ela tinha mesmo um livro. Acho que era sobre uma tribo de índios americanos.

O assustador foi que ela ficou me atormentando pra caramba pra que eu me mudasse pro loft que ela dividia com Robert. Ela sabia que eu estava saindo com uma modelo, Devra, que era o arquétipo de modelo dos anos 60 – no sentido Jean Shrimpton, não no sentido Twiggy –, e eu tinha a maior tesão por Devra. E Patti dizia: “Cara, isso é um desperdício, você deveria se livrar dela. Você só sai com ela porque ela fica legal pendurada no seu braço. A garota pra você sou eu.”

Na biografia de Mapplethorpe, a escritora Patricia Morrisroe coloca como se Patti tivesse me vencido pelo cansaço pra eu mudar pra casa. Quer dizer, yeah, acho que ela fez isso, mas não parei de ver a modelo.

Nosso relacionamento não durou muito. Fui o primeiro cara com quem ela se

envolveu que ela de fato levou pro loft, mas Robert Mapplethorpe não se sentiu nem um pouco ameaçado por mim. Robert e eu nos demos muito bem. Ele me fazia um monte de perguntas sobre coisas diferentes – queria saber como fazer a transição de classe e sabia que eu era um garoto de rua que tinha ido pra uma escola particular de muito prestígio com uma bolsa de estudos. Por isso ele sabia que eu conhecia um monte de gente rica, e não é que ficasse me pedindo pra apresentá-lo, ele queria era aprender a ser mais sofisticado. Mas isso não era uma coisa que eu pudesse ensinar pra ele, embora eu dissesse que ele deveria ler muito mais livros, porque, você sabe, Robert não lia simplesmente nada. E aqueles trabalhos que ele tinha na época eram muito barrocos, quer dizer, eram tipo motocicletas numa cama de veludo e essas coisas – como algo saído de *Great Expectations* (*Grandes esperanças*), o bolo de casamento de Miss Havisham ou coisa assim. Mas um monte daquilo estava revelando o íntimo dele – seu próprio eu e seu eu artístico ao mesmo tempo.

Robert também me perguntava como eu sabia que não era gay se estava fazendo michê. Sabe como é, eu não gostava daquilo? Eu dizia: “Yeah, mas sempre pergunto pela grana primeiro, Robert. É por isso que sei, sabe. E daí digo pra eles que não posso voltar a vê-los depois.”

Tinha que ser coisa de uma vez só. É que Robert ainda estava tentando se convencer de que era pelo menos bissexual, mas sabia muito bem que era gay e que não tinha volta.

Simplesmente tomei isto como um fato, pra mim Patti não falou de Robert como um namorado. Deu a entender que eles eram como irmãos. A seu modo, Patti era extremamente antiquada. Antes de eu me mudar pro loft, ela me trazia café da manhã no Chelsea todos os dias – café, donuts de chocolate e meio litro de sorvete de chocolate italiano. Brigid Polk tinha tentado me tirar da heroína com picos de *speed*, o que foi ridículo. Fiquei dez vezes pior naquele verão. Tive que voltar pras drogas pesadas pra melhorar minha saúde. Patti estava trabalhando na livraria Scribner's, então ela roubava dinheiro de lá e me dava pra eu descolar droga, e aí foi uma das minhas piores fases como drogado, mas foi maravilhoso. Sempre pensei que ela fosse uma *speed freak* total, mas Patti nunca tomou droga nenhuma, o que era surpreendente pra mim, porque era como se ela estivesse tacitamente sendo

minha cúmplice.

Patti costumava me olhar dormindo; eu acordava, e ela estava olhando pra mim. Alguém tinha me dito que ela gostava de olhar os caras dormindo...

Só vi o lado doce de Patti – muito, muito fiel e muito carinhosa. Quer dizer, o problema foi que simplesmente não me livreí daquela modelo, e quando Sam Shepard apareceu foi uma coisa do tipo: “Ok, hasta la vista!”

Lenny Kaye: Eu tinha escrito um texto pra *Jazz and Pop* chamado “The Best of A Capella”, e Patti me ligou porque tinha ficado tocada por aquilo. Eu estava trabalhando no Village Oldies, então ela começou a ir lá nas noites de sábado, e a gente botava Deauvilles ou Moonglows e dançava, e foi assim que ficamos amigos. Ela me perguntou se eu poderia tocar guitarra com ela na leitura que ela ia fazer na St. Mark’s Church.

Gerard Malanga: Terry Ork me apresentou pra Patti Smith e Robert Mapplethorpe. Ela me mandou alguns dos seus poemas, e escrevi uma carta muito arrebatada sobre eles. Devo dizer que ela era uma punk sincera desde o começo, porque na carta de resposta pra mim ela diz: “Ainda acho que sou uma poeta melhor que você.” Ela estava meio brincando, mas provavelmente era meio sério também.

Me liguei em Patti imediatamente e vi talento de verdade nela, então arrumei pra que ela lesse comigo no Poetry Project na St. Mark’s Church.

Lenny Kaye: A primeira coisa que tocamos foi “Mack the Knife”, porque era aniversário de Bertolt Brecht, e depois Patti leu uns poemas, incluindo “Oath”, que era “Jesus died for somebody’s sins...” (*Jesus morreu pelos pecados de alguém...*)

A seguir fizemos aquela canção que ela tinha escrito sobre Jesse James, depois uma canção chamada “Ballad of a Bad Boy”, que era toda suspense e exagero, ficava cada vez mais rápida e no fim era como uma batida de carro. Pra mim pareceu o set ideal, que deveríamos fazer sempre – um clássico esperto do passado, uma canção pop e uma música alucinada como uma batida de carro.

A leitura foi um sucesso. Acho que Gerard ficou de olho. De certo modo você podia sentir a mudança de geração no Max's, e ele sem dúvida fazia parte do bando de Warhol que tinha ajudado a inventar o Max's, mas, à medida que os anos setenta avançavam, os rockers assumiram o controle, e a ordem mudou.

Jim Carroll: Alguém perguntou pra Nico se ela queria fazer uma leitura no Poetry Project, aí Nico me disse: “Você é o jovem poeta, eh, tenho poemas que querem que eu leia na St. Mark's, você já leu lá?”

Eu disse: “Yeah, li.” Fiquei totalmente desbundado, cara – aquela beleza teutônica me perguntando sobre minha poesia, recitando de memória pra mim os poemas dela.

Eles eram terríveis, ha, ha, ha.

Gerard Malanga: Depois de eu e Patti lermos juntos, arranjei pra que a Telegraph Books publicasse um livro dela. Victor Bockris e Andrew Wylie tinham me sondado pra publicar um livro com os meus poemas, e então falei pra eles que deveriam fazer um livro das poesias de Patti Smith. Também arranjei pra que fizessem o livro de anotações de Brigid Polk. Arranjei dois ou três livros pra eles.

Victor Bockris: Andrew Wylie tinha uma loja na Rua Jones, e ela virou nosso quartel-general da Telegraph Books. Andrew morava nos fundos, e eu vinha da Filadélfia uma vez por semana pra me encontrar com ele.

Andrew e eu falávamos por telefone todos os dias. Ele ligava pra mim na Filadélfia e dizia: “Estou saindo com Patti Smith agora, ela é realmente demais, blah, blah, blah, o namorado dela toca no Blue Oyster Cult.”

Finalmente Andrew me levou pra conhecer Patti Smith onde ela morava com Robert Mapplethorpe, na Rua 23, embora ele estivesse meio sestroso. Mapplethorpe tinha um monte de fotos polaroid de forte conteúdo sexual na parede. Nem todas eram de sexo gay, mas havia sexo gay o bastante pra me deixar sem jeito. Naquele tempo eu era muito tenso em relação aos gays, muito careta.

Voltei a ver Patti quando fui a Nova York levar pra ela os exemplares de seu primeiro livro que publicamos, chamado *Seventh Heaven*. Em geral, quando alguém publicava um livro, nós lhe dávamos umas seis cópias, mas pra Patti decidimos dar quarenta porque percebemos que ela era uma grande máquina de publicidade e poderia passar os livros pra gente importante.

Então fui ao loft dela carregando aquelas enormes pilhas de livros, e Patti estava toda tensa porque alguém tinha dito pra ela: “Você é uma idiota por deixar essa gente publicar seu livro sem um contrato, porque, quando você ficar famosa, vão poder vender milhões de cópias e ganhar um monte de dinheiro.”

Aí ela me confrontou sobre isso. Embora àquela altura eu não fosse um cara cool e seguro, disse pra Patti: “Mas que porra é essa que você está falando?”

Fiquei meio ofendido porque tinha me esfalfado pra fazer o livro. Patti disse: “Vocês vão ganhar um monte de dinheiro com isso!”

Eu disse: “Patti, ninguém compra livros de poesia, nem por um dólar, por isso não vamos ganhar DINHEIRO nenhum, infelizmente não é desse jeito que as coisas funcionam. A gente fez isso por prazer e por achar que você é genial.”

Ela meio que amoleceu, e fiz nosso número – que a gente representou um milhão de vezes –, que é fazer as pessoas se sentirem bem em relação a si mesmas. Então eu disse: “Acho que você é realmente demais. Quero fazer uma entrevista com você! Posso fazer uma entrevista com você e publicá-la numa revista bem legal da Filadélfia!”

Patti disse: “Ótimo”, e acho que fizemos a entrevista naquela noite. Provavelmente foi a primeira entrevista que ela deu. Foi longa e muito boa – era Patti contando a história dela do jeito que ela faz.

Patti Smith: Eu estava trabalhando numa fábrica e inspecionando produtos pra bebê, e era minha hora de almoço. Um cara passava por lá com uma carrocinha que tinha aqueles maravilhosos sanduíches de linguiça, e fiquei muito a fim de um. Eles custavam mais ou menos um dólar e quarenta e cinco. Fiquei muito a fim de um, mas acontece que o cara só trazia dois por

dia. E as duas senhoras que mandavam na fábrica, Stella Dragon e Dotty Hook, pegaram os dois.

Aí não havia nenhuma outra coisa que eu quisesse. Você fica obcecado por uns certos sabores. Estava com a minha boca salivando pelo tal sanduíche de linguiça quentinho, então fiquei na maior depressão. Daí caminhei ao longo dos trilhos da ferrovia até uma pequena livraria. Fiquei zanzando por lá, procurando alguma coisa pra ler, e vi *Illuminations*. Uma edição de bolso barata de *Illuminations*, de Rimbaud, sabe? Quer dizer, todo garoto teve uma. Tem aquela foto granulada de Rimbaud, e achei que ele tinha um ar muito elegante. Rimbaud parecia muito genial. Peguei o livro no ato. Nem sabia do que se tratava, simplesmente achei que Rimbaud era um nome elegante. Provavelmente chamei-o de “Rimbawd” e achei que ele era muito cool.

Daí voltei pra fábrica. E fiquei lendo o livro. Era em francês de um lado e em inglês do outro, e isso quase custou meu emprego porque Dotty Hook viu que eu estava lendo alguma coisa que tinha língua estrangeira e disse: “Pra que você está lendo essa coisa estrangeira?”

Eu disse: “Não é estrangeira.”

Ela disse: “É estrangeira e é comunista. Qualquer coisa estrangeira é comunista.”

Ela disse isso tão alto que todo mundo pensou que eu estivesse lendo *O manifesto comunista* ou coisa parecida. Todos se levantaram, foi um caos completo, é claro, e saí da fábrica muito puta da cara. Fui pra casa e, é claro, dei ao livro a maior importância antes mesmo de lê-lo.

Me apaixonei de verdade por ele. Foi por aquele encantador Filho de Pan que me apaixonei, porque ele era tão sexy.

Jim Carroll: Uma ex-namorada minha mandou uma revista mimeografada da Filadélfia que tinha uma entrevista com Patti. Uma das perguntas era: “Quais os três poetas com quem você gostaria de fazer uma turnê?” E Patti respondeu: “Muhammad Ali, Jim Carroll e Bernadette Mayer.” Ela disse que eu era “o único verdadeiro poeta da América”.

Patti me deu uma cópia de *Seventh Heaven* e me disse, é claro, quais os poemas eram sobre mim, mas acho que Patti provavelmente estava dizendo a mesma coisa pra outras pessoas. Os únicos poemas que acreditei que Patti tivesse escrito pra mim foram os que ela tinha me mostrado na época.

Gerard Malanga: Fiquei um pouco puto com Patti porque, quando o livro saiu, ela agradeceu a Anita Pallenberg, que ela nem conhecia, Bobby Neuwirth e alguns outros.

Não que eu esperasse gratidão ou reconhecimento, mas fui eu que arranjei a publicação do livro pra ela. Gastei uma tremenda energia pra promover o talento dela. Lá estava ela – uma total desconhecida –, e eu a promovi porque acreditei nela como artista. Saí do meu lance e forcei a barra pra tornar o trabalho dela conhecido, e daí ela simplesmente vira as costas e fica agradecendo a Bobby Neuwirth?

Quer dizer, que porra de história é essa? Nunca toquei nesse assunto com ela, mas fiquei profundamente perturbado com isso. Ela deve ter tido um caso com Bobby Neuwirth pra ter feito um agradecimento daqueles. Yeah, mas o que ela conseguiu com Bobby Neuwirth? Talvez tenha conseguido conhecer Dylan. Acho que aquilo foi um pouco de bajulação.

Ed Friedman: Uma noite, durante uma leitura, Patti estava apresentando Ruth Kligman, que tinha sido amante de Jackson Pollock, e Patti começa a fazer a apresentação dizendo: “Sabe, quando eu era jovem, em Jersey, achava que a coisa mais cool do mundo era ser amante de um grande artista, e a primeira coisa que fiz quando saí de casa foi me tornar amante de Robert Mapplethorpe. Aqui está Ruth Kligman – quanto mais você pode ir? Quanto mais longe?”

Acho que Ruth ficou puta da cara – eu ficaria se estivesse tentando me apresentar como um poeta sério e fosse anunciado como alguém que trepava com um artista.

Daí, mais tarde eu disse: “Ah, Patti, que apresentação...”

Patti deu uma olhada pra mim e disse: “Oh, fui mal?”

Jim Carroll: Patti ficava reclamando que não conseguia outra leitura no Poetry Project – sabe como é: “São uns invejosos, todo mundo gostou de mim naquela noite”, o que acho que era verdade. Então eu disse pra eles que na minha próxima leitura queria levar Patti comigo.

No dia da leitura eu estava em Rye, Nova York, na casa de meu amigo Willie, que foi um personagem de *The Basketball Diaries*. Willie era um dos poucos drogados daquela região, e naquela manhã o porra do xerife de Rye decidiu dar uma dura nele. Por acaso eu estava lá quando deram uma batida na casa dele ao amanhecer. A única coisa que encontraram foi cachimbos de haxixe com resíduos, mas nos prenderam por causa disso. Tivemos que ir pra cadeia – mas pedi pra um restaurante italiano uma das melhores comidas que já tive, e depois nos levaram pra White Plains pra nos autuar, mas daí o juiz rejeitou a acusação.

Àquela hora já era quase meia-noite. Felizmente a gente não teve que passar a noite na cadeia. Mas não era tão ruim pra uma cadeia, na verdade até que era legal. Mas eu tinha perdido a leitura. Ninguém sabia onde eu andava, e Patti se levantou pra ler e abriu sua leitura com: “Bem, todos nós sabemos que Jim tem lá os seus problemas...”

Mas acho que Anne Waldman e todos do Poetry Project ficaram putíssimos – sabe como é: “Jim é simplesmente tão irresponsável!”

Então Patti disse alguma coisa do tipo: “Vocês adoram o fato de ele ser um rebelde, mas quando isso fica na cara e incomoda vocês, daí não gostam tanto, não é? Bem, eu digo, esse é pra Jim Carroll...”

Mas aquilo também deixou o show inteiro pra ela, então ela pôde curtir. Fui bacana o bastante pra ser preso e dar o dobro de tempo pra ela.

Patti Smith: Os poetas de St. Mark’s são muito insípidos, são umas fraudes, eles escrevem: “Hoje às nove e quinze tomei um pico de *speed* com Brigid...” São espertos o suficiente pra colocar isso num poema, mas se Jim Carroll entra doidão na igreja e vomita, isto não é um poema pra eles – não é cool.

Tudo bem se você joga com isso na sua poesia, mas se está realmente nessa, aí já é outra coisa – não é algo que eles queiram encarar. Jim Carroll era a

chance do St. Mark's Poetry Project ter algo real lá. Jim Carroll é um dos verdadeiros poetas da América. Quer dizer, é um poeta de verdade. É um junkie. É bissexual. Foi comido por todos os gênios masculinos e femininos da América. Foi comido por toda essa gente. Ele vive por inteiro. Vive uma vida repugnante. Às vezes você tem que tirá-lo de uma sarjeta. Ele esteve na prisão. É um fodido completo. Mas qual o grande poeta que não foi? Pra mim é incrível que aos vinte e três anos Jim Carroll tenha escrito todos os seus melhores poemas – com a mesma idade que Rimbaud escreveu os dele. Ele tem a mesma excelência intelectual e altivez de Rimbaud.

Mas o baniram porque ele fodeu com tudo. Não apareceu pra sua leitura de poesia. Estava na cadeia. Bom pra ele. Disseram: “Oh, bem, não podemos mais pedir pra ele ler poesias.” Foi ridículo.

Duncan Hannah: Ouvi falar de Patti Smith antes de me mudar pra Nova York. Ela era um mix genial de roqueira, poeta e meio que historiadora, uma beatnik. Existencialismo francês e rock & roll, tudo que eu gostava. Pensei: “Uau! Cool.”

O genial em Patti é que ela era como uma grande fã. Os poemas dela eram como cartas de fã. Como bilhetes de amor pra Rimbaud. E eu podia me identificar com ela porque estava fazendo a mesma coisa, mantendo um diário, escrevendo declarações de amor pra gente morta, e aí estava ela fazendo isso de um jeito muito mais ousado, um pouco mais maduro, certo? E transformando isso em arte.

A gente estava sempre em busca do obscuro, algo fora de circuito, certo? Coisas marginais. Quando vim pra Nova York, lembro de ver Patti uma noite e dizer: “Hey, você curte Egon Schiele?”

Egon Schiele era um expressionista vienense que tinha um cabelo maravilhoso, tinha sido preso por pornografia e morrido aos vinte e oito anos. Sabe como é, perfeito.

Daí Patti diz: “Oh, yeah, curto sim.”

“Yeah, você deve ser louca por ele.”

“Oh, totalmente.”

Era um lance de veneração a grandes heróis, certo? E fazer segredo a respeito era cool.

Jim Carroll: Eu estava no quarto de Sandy Daley no Chelsea cerca de um ano depois de Patti e eu termos terminado e agarrei-a pela cintura e disse: “A gente devia voltar, Patti.”

Acho que ela deveria estar muito a fim de Sam Shepard, porque olhou pra Sandy, e elas começaram a rir – obviamente tinha rolado uma conversa de garota –, foi tipo: “Está brincando, cara? Se você tivesse me dito isso há um ano eu teria me atirado pela janela, baby. Mas agora não. Lamento, Jim.”

Sabe, ela foi tipo: “Eu disse que você ia se quebrar se não ficasse comigo.”

Então, cara, senti que talvez tivesse sido um grande erro, mas não sei se conseguiria segurar todas aquelas vacilações que Patti passou.

No livro de Mapplethorpe diz que ela me deixou depois de ter captado minha percepção sobre poesia e ter conseguido algum reconhecimento por si mesma, mas não foi assim. Simplesmente meio que fomos nos afastando... sabe como é, ela ficou numas de: “Eu era fiel, e você continuou trepando com aquela modelo!”

Mas conversamos um monte sobre poesia. Os poemas de Patti eram muito diferentes dos meus – ela tinha toda aquela coisa dionisíaca, ao passo que eu era muito apolíneo. É por isso que ela se deu tão bem com rock – ela conseguia pirar e contrapor isto ao seu lado doce e também deixava rolar aquele lado esquisito-agressivo-mágico dela.

Ela simplesmente deixava rolar, mas, por isso mesmo, não era lá muito disciplinada, e pra mim isso era muito importante. Patti estava assimilando tudo que eu dizia sobre forma e um verso mais longo, mas, veja bem, tudo isso era coisa técnica, e nenhum de nós dois ia mudar. Eu não gostava de todos os poemas dela, mas ela tinha alguns versos realmente bons.

Victor Bockris: John Calder, que dirigia a Calder and Boyars, que era como

a Grove Press da Inglaterra, acertou a publicação de uma antologia dos escritores da Telegraph. Então Andrew Wylie, Gerard Malanga, Patti Smith e eu fomos juntos pra Londres em 1972.

A visita de Gerard foi noticiada pelo *New Musical Express*, e o artigo dizia que Gerard Malanga estava recitando com Patti Smith e Andrew Wylie.

Gerard Malanga: Todos nós fizemos grandes leituras – a gente se saiu bem pra caramba. Fui o último. O lugar era muito luxuoso. Era forrado de veludo vermelho, parecia coisa de filme de cowboy. Eu andava todo de branco naquela época – estava atravessando o meu período espiritual –, estava numa trip Don Juan, lendo J. D. Salinger e Castañeda e pondo tudo aquilo em prática, ha, ha, ha.

Victor Bockris: Naquele tempo Gerard se vestia todo de branco. Tinha recém-voltado da Índia ou coisa assim. Todo mundo estava circulando por lá, e ele sentou no chão com as pernas cruzadas e começou a recitar sem ser anunciado, e de repente todo mundo estava fazendo: “SSSSHHHHH, Gerard está recitando.”

Ele estava lendo um poema parecido com os de Robert Creeley, tipo: “I looked but YOU were not THERE in the ROOM and you were the LIGHT coming through the window...” (*Olhei mas VOCÊ não estava LÁ na SALA, e você era a LUZ entrando pela janela*)

Então foi a vez de Patti, e ela foi realmente brilhante. Ela sabia o que estava fazendo. Já naquela época ela se vestia de um jeito muito transado. Estava usando um tipo de camiseta branca folgada que salientava bem os seus seios. Patti tinha seios grandes. Ela apareceu na capa da *Time Out* nua da cintura pra cima, segurando um martelo – nua exceto por um colar –, com o cabelo preto tipo Keith Richards.

Naquela noite ela leu coisas de *Seventh Heaven*, mas depois contou uma história em forma de poema e disse: “Ainda não acabei de escrever isso, mas é assim: ‘O garoto olhou pra Jesus enquanto descia os degraus’”, mas se atrapalhou no meio, e disse: “Oh, foda-se, esqueci.”

Todo mundo estava totalmente na dela – “Oh, isso é bárbaro, ela esqueceu

seu poema” –, mas daí ela disse: “Mas vou compô-lo de qualquer jeito, porra”, e prosseguiu de improviso.

Ela era uma punk de verdade, uma punkette, e isso era muito, muito impressionante. A plateia ficou completamente embasbacada. Ninguém jamais tinha visto uma coisa como aquela.

A seguir veio Andrew Wylie, e, porque ele tinha insistido em recitar por último, teve menos tempo do que nós, porque o proprietário do teatro pornô tinha que fechar o lugar ou iria preso. Então Andrew estava sob muita pressão por causa do tempo, e acho que percebeu que Patti era a estrela do espetáculo, e, uma vez que você vê a estrela do espetáculo, não quer mais ver mais nada.

Mais tarde a gente saiu pra beber, e todo mundo disse: “Vocês mudaram Londres da noite pro dia, blah, blah, blah.” Patti e Gerard desapareceram. Gerard estava vivendo no seu próprio mundinho, e Patti era muito arredia pra ficar andando com a gente – acho que ela passou a noite com Sam Shepard.

Gerard Malanga: Por coincidência Sam Shepard estava em Londres, e daí, quando fiquei sabendo que Patti precisava de um lugar, dei a chave do meu quarto do hotel pra ela e disse: “Hey, fique no meu quarto durante a tarde.”

Na manhã seguinte à leitura das poesias saímos todos juntos pra tomar café em Knightsbridge, em frente à igreja que Ezra Pound frequentava. De lá a gente foi pra sessão de fotos pra Telegraph Books.

Victor Bockris: Gerard me disse: “Não conte pra ninguém. Sam Shepard não devia estar aqui.” Eu disse: “Ok”, embora nem soubesse quem era Sam Shepard. Ele era muito atraente e tinha cabelo comprido – manteve-se à distância, sabe como é: “Não digam pra ninguém que estou aqui”. Ele era casado, e não era pra estar vendo Patti.

Há toda uma série daquelas fotos publicitárias – Andrew com sua boina e jaqueta de couro preta, eu com meu lenço branco comprido, Patti com seu cabelo preto. Sabe como é, todos nós tínhamos um numerito.

Gerard Malanga: De volta a Nova York, Patti Smith e Sam Shepard fizeram

uma peça juntos chamada *Cowboy Mouth* . Lá estavam aqueles dois escritores tendo um caso, escreveram a peça juntos e foi como ter um caso no palco.

Terry Ork: Quando Sam Shepard e Patti Smith estavam ensaiando *Cowboy Mouth* , levei Nick Ray, que tinha dirigido *Rebel Without a Cause* (*Juventude transviada*) , pra ver a montagem. Eu estava decidido a conseguir dinheiro pra filmar uma apresentação da peça, mas depois da noite de estreia Sam se acovardou e saiu da cidade. Ele não conseguiu encarar a apresentação daquele relacionamento adúltero na frente da mulher e do filho. Quer dizer, foi demais pra ele. Ele simplesmente pirou.

Ed Friedman: Vi Patti num grupo de leitura do Poetry Project de St. Mark's Church, e Patti era muito superior a todos os outros – no sentido de possuir verdadeiro magnetismo. Ela era capaz de realmente SER uma estrela como poeta – um mix de Rimbaud, Keith Richards, Velvet Underground e Janis Joplin. E ela falava sobre essas pessoas – mas a obra tinha uma qualidade romântica, embora tivesse também uma lado de descartabilidade pop. E na sua performance ela era capaz de se passar por um personagem masculino, alternando entre o feminino e o masculino, ou andrógino.

Ela tinha aquele poema “Rape” e em dado momento fazia o papel do homem – chamava a vítima de “Lambie Pie”.

Naquela época o feminismo estava surgindo como discurso público, e acho que elas jamais citariam Patti como uma de suas autoras favoritas, ha, ha, ha. Mas acho que isto era parte do seu encanto – ela podia ser um cara.

Uma vez ela me contou: “Allen Ginsberg pensou que eu fosse um garoto bonito e tentou me arrastar, então eu disse: OLHA PROS PEITOS, ALLEN! OBSERVA OS PEITOS!”

Patti Smith: Eu não tinha confiança nenhuma em mim mesma. Então escrevia basicamente sobre garotas se livrando da virgindade e escrevia como Lorca. Escrevi uma coisa que se chamava “The Almond Tree”, sobre um irmão estuprando a irmã morta ao luar. Ele olhava pro cadáver dela e dizia: “You are cold in death and even colder to me than you were in life.” (*Você está fria na morte e ainda mais fria comigo do que quando viva.*)

A maior parte dos meus poemas são escritos pra mulheres porque as mulheres são mais inspiradoras. Quem são os maiores artistas? Os homens. Em quem eles se inspiram? Nas mulheres. O meu lado masculino é inspirado pelo feminino. Me apaixono pelos homens, e eles me dominam. Não sou uma mina do movimento feminista. Acontece que não posso escrever sobre um homem porque sou dominada por ele, mas, com uma mulher, posso ser masculina. Posso usá-la como minha musa. Eu uso as mulheres.

Joey Ramone: Vi Patti no Kenny's Castaways, bem no começo. Ela estava lendo poesia. E, cada vez que lia um poema, amassava o papel numa bola e jogava no chão – ou estava lendo uma coisa e pegava uma cadeira – e atirava pela sala, jogava contra uma parede ou coisa assim. Achei aquilo maravilhoso. Nunca tinha ouvido falar nada sobre ela, mas fiquei muito impressionado.

Richard Hell: Fui ver Patti ler, e ela costumava se apresentar naqueles clubes gays, como Le Jardin, e iam à loucura por causa dela. Isto me surpreendeu. “Essa multidão está aqui por causa dessa garota fazendo poesia?”

Patti ficava apenas desfiando coisas, e aquilo era o maior barato, e ela era muito intensa, mas ao mesmo tempo muito doce e muito vulnerável. Ela era o máximo, sem dúvida.

CAPÍTULO 12

Uma casa de bonecas

Lee Childers: Quando a temporada de *Pork* em Londres terminou, voltei pra Nova York e comecei a trabalhar pra revista *16*. Daí Lisa Robinson fez Roy Hollingworth, o correspondente da *Melody Maker* em Londres, me contratar como fotógrafo dele. Então Roy disse: “Ouvi falar de uma banda, os New York Dolls, parece que eles são realmente incríveis, realmente fabulosos. Vamos fazer fotos e uma entrevista com eles.”

Fui com Roy a um loft no Bowery, e é claro que os New York Dolls tinham se preparado pra nos receber; obviamente, com a *Melody Maker* a caminho,

estavam vestidos de mulher e maquiados. Roupa de mulher era especialmente cool naquela época. Assim, lá estava David Johansen numa blusa de bolinhas transparente. Mas adorei. Era 1970, e fiquei totalmente caído por aqueles garotos deslumbrantes vestidos de mulher. Não pensei que nenhum deles fosse heterossexual.

Jerry Nolan: No começo, boa parte da plateia dos New York Dolls era gay, mas nós todos éramos héteros, é claro. Todos nós éramos loucos por garotas. E vou te contar uma coisa: as mulheres perceberam imediatamente. Foram os homens que ficaram confusos. As mulheres sabiam, não ligavam pro que a gente vestia. E elas nos adoraram por isso, porque a gente tinha culhão pra se vestir e agir daquele jeito. Era divertido pra elas.

Lee Childers: Achei que todos eles fossem gays. Eu estava errado, é claro. Mas eles eram muito, muito engraçados. Muito engraçados, o que pra mim é mais importante do que uma blusa de mulher, ou ser hétero ou homossexual, o que achei que fossem porque tinham o maior papo gay. Eles estavam fingindo ser gays. Não lembro exatamente sobre o que a gente falou, mas foi muito sexual, muito sobre “paus e paus grandes” e coisas desse tipo.

Eu ainda era jovem o bastante, ingênuo o bastante e a fim de que fosse verdade o bastante pra acreditar que Johnny Thunders estava naquela quando me falou de paus grandes. É claro que ele só estava dizendo aquilo porque queria conseguir um contrato com uma gravadora. Não é engraçado que aquela época fosse tão fortuita? Tirei fotos maravilhosas deles, totalmente maravilhosas, porque eu estava maravilhado, não com qualquer coisa sexual, mas com a visão deles. E daí me convidaram pro próximo show, que era naquele fim de semana no Mercer Arts Center, e, pra mérito deles e pra meu mérito, todas as ideias de sexualidade, maquiagem, blusas de mulher – tudo o mais foi-se direto pela janela no momento em que os ouvi. Sou um verdadeiro apaixonado por rock & roll, e eles eram uma verdadeira banda de rock & roll.

David Johansen: Não havia muito papo-cabeça quando a gente começou os New York Dolls. Era só um bando de caras que ensaiava numa loja e começou a tocar junto. Os Dolls eram formados por mim nos vocais, Johnny Thunders na guitarra solo, Syl Sylvain na guitarra base, Arthur Kane no baixo e Billy Murcia na bateria. Nenhum de nós dizia pro outro: “Vista isso

ou faça aquilo.”

Não sei de onde veio a coisa glitter. A gente simplesmente era muito ecológico em relação às roupas. O lance era pegar roupas velhas e usar de novo. Acho que chamaram de glitter rock porque alguns dos garotos que iam nos ver colocavam purpurina nos cabelos ou no rosto. A imprensa concluiu que era glitter rock – o termo em si foi de algum escritor, mas era apenas rock & roll clássico. A gente tocava canções de Otis Redding, Sonny Boy Williamson, Archie Bell and The Drells; assim, não nos considerávamos glitter rock, apenas fazíamos rock & roll.

E a gente achava que é assim que se deve ser quando se está numa banda de rock & roll. Espalhafatoso.

Cyrinda Foxe: Ao fundar os New York Dolls, David Johansen se apropriou do lance escandaloso do teatro ridículo e colocou no rock & roll. Certamente foi ele que fez isso, porque ele queria ser moderno, e acho que ele queria muito fazer parte da cena teatral. O teatro ridículo era muito mais excitante que o rock & roll. Era muito mais ao vivo – não era todo cortado, remendado, ajeitado e vendido pra mídia como o rock & roll tinha sido.

David tinha um lado intelectual e queria muito fazer parte da turma de Charles Ludlam. David e Charles eram bons amigos, acho que ele até fez um pequeno papel numa peça de Charles Ludlam – acho que carregava uma lança ou coisa assim. Não era um papel com falas.

Mas acho que isso foi o mais próximo que ele conseguiu chegar daquele mundo, porque David era um pouquinho mais heterossexual do que queriam que ele fosse. Eles ficavam um pouco constrangidos com a garota a tiracolo no braço de David. Acho que isso o magoou. David saiu de Staten Island, e Warhol não estava interessado nele, Ludlam também não. Então ele começou com os New York Dolls e não precisou mais da cena teatral. E definitivamente não havia nada excitante, brilhante, divertido, fulgurante e rebelde acontecendo no rock & roll até os Dolls aparecerem.

Jerry Nolan: Os Dolls começaram a tocar por aí, principalmente num lugar chamado Mercer Arts Center, todas as terças, e no Diplomat Hotel. Me apaixonei por eles no ato. Eu disse: “Putá merda! Esses garotos estão fazendo

o que ninguém mais está. Estão trazendo de volta as canções de três minutos!” Aquela era a época dos solos de bateria de dez minutos, dos solos de guitarra de vinte minutos. Uma canção podia durar o lado inteiro de um álbum. Eu estava cheio daquela merda. Quem podia superar quem? Era o maior tédio. Não tinha nada a ver com rock & roll. Aí havia a parada de sucessos, que garantia trabalho fixo e uma graninha, mas eu simplesmente detestava tocar a parada.

Os Dolls não chamaram a atenção apenas dos garotos, eles atraíram a turma jovem das artes: Andy Warhol, atores e atrizes, outros músicos. Uma vez vi Jimi Hendrix por lá. Ele mandou a namorada dele chegar em mim, e ela nos apresentou. Ele disse: “Eu estava admirando seu terno” – um terno aveludado vermelho, com punhos e gola de veludo, tudo vermelho. Ele me perguntou se podia tocá-lo. “Onde você comprou?” Eu disse: “Mande fazer.”

A cena era assim. Eu saía com Bette Midler e não a vi durante um tempo, mas me encontrei com ela de novo no Mercer. As pessoas não percebem, mas na real Nova York não era um ponto de encontro pra ninguém naquela época. Você agitava a sua história, depois voltava pra casa. Mas o Diplomat Hotel e o Mercer Arts Center juntaram todo mundo.

David Johansen: O Mercer Arts Center era um conjunto de salas, um projeto empresarial pra fazer as pessoas gastarem dinheiro no Lower East Side. Havia peças numa das salas – *One Flew over the Cuckoo’s Nest* (*Um estranho no ninho*) era um dos pilares, era o que pagava o aluguel. E havia um pequeno teatro e um café-concerto, um bar e aquelas cadeiras de plástico que eram muito modernas naquele tempo. Hoje elas parecem bregas. *Ciao! Manhattan* chic. No café-concerto tinha um cara chamado Louis St. Louis e seu St. Louis Express tocando piano com um coral de garotas negras. Havia outra sala chamada Kitchen, que era o espaço de arte conceitual, ou o zoo, onde qualquer coisa podia acontecer. Havia ainda um outro espaço chamado Oscar Wilde Room, com o qual não sabiam o que fazer. Foi nesta sala que a gente começou.

Jerry Nolan: Eu assistia aos Dolls e pensava: “Cara, eu poderia botar pra quebrar nessa canção! Ou *nesta* canção, ou *nesta* canção.

Eu entrava em inacreditáveis discussões com músicos da minha idade,

amigos meus. Eles não conseguiam entender por que aqueles caras estavam chamando tanto a atenção – os Dolls não eram o que se pudesse chamar de músicos de grande técnica.

Eu disse: “Vocês não estão entendendo porra nenhuma. Eles estão trazendo de volta a mágica dos anos cinquenta!”

Eles eram todos selvagens *e* eram naturais. Parecia que qualquer coisa que faziam saía nos jornais. A popularidade deles continuou crescendo. Todo mundo falava daqueles caras. Há dez anos que ninguém ouvia canções como as deles: começo, meio, fim, boom-boom-boom.

David Johansen: As plateias lá eram muito depravadas, então a gente tinha que entrar na delas. Não podíamos chegar lá com ternos de três peças e entreter aquele bando. Eles queriam algo mais pelo dinheiro deles. E nós éramos muito confrontadores. Éramos muito brutos. Na real, estávamos numas de confrontar a plateia: “HEY, SEUS FILHOS DA PUTA ESTÚPIDOS, LEVANTEM E DANCEM!” Não éramos gentis.

Também fomos os primeiros a usar enormes sapatos de saltos altos. A mãe de Billy Murcia ia pra Inglaterra seguido, e a gente via nos jornais ingleses as fotos das garotas usando aqueles sapatos, e a gente os encomendava pra mãe de Billy. A gente desenhava o molde dos nossos pés e dava pra ela, e ela ia pra Londres e voltava com vinte pares de botinas. E a gente usava, pintava e trocava os sapatos.

Lee Childers: Os Dolls criaram uma cena extraordinária e era a última moda ir vê-los. Você não ia apenas ver os Dolls – você tinha que ser visto vendo os Dolls.

Era um lance participativo. E as pessoas da plateia faziam parte do show tanto quanto quem estava no palco. Todo mundo na plateia era tão esquisito quanto os Dolls. Lá estavam Wayne County, os Harlots of 42nd Street, Sylvia Miles, Don Johnson, Patti D’Arbanville, todo o tipo de gangue, todos na plateia, dançando.

Então é claro que lá estavam David Bowie e Lou Reed vendo e aprendendo. David Bowie foi ver os Dolls um monte de vezes. Lou Reed foi algumas

vezes.

Assim, quando os Dolls tocaram no Mercer Arts Center foi uma das raras vezes em que o lugar da moda era de fato o lugar certo pra se estar, porque era o melhor rock & roll em muito tempo. Rock & roll de verdade.

David Johansen: As pessoas que viram os Dolls disseram: “Diabos, qualquer um pode fazer isso.” Acho que o que os Dolls fizeram, além de serem uma influência no punk, foi mostrar que qualquer um podia fazer aquilo.

Cara, quando a gente era garoto as estrelas do rock & roll faziam o tipo: “Uau, tenho minha jaqueta de cetim e sou muito cool, vivo nessa gaiola dourada e dirijo um Cadillac cor-de-rosa.” Ou alguma merda desse tipo. Os Dolls desmascararam todo esse mito e toda aquela sexualidade.

Porque éramos basicamente uns garotos de Nova York que cuspiam e peidavam em público, éramos indecentes e simplesmente desmascarávamos tudo. Era muito óbvio o que a gente estava fazendo no rock & roll – estava levando-o de volta pra rua.

Richard Hell: A música tinha ficado muito empolada. Todos aqueles caras remanescentes dos anos sessenta estavam tocando em estádios, sabe como é, sendo tratados como se fossem gente muito importante e agindo como se fossem gente muito importante. Não era rock & roll, era uma espécie de espetáculo. Tudo não passava de luzes e de poses. Com os Dolls foi simplesmente como trazer a rua pro palco, entende? Esta era outra coisa cool deles: eram exatamente a mesma coisa dentro e fora do palco.

David Johnansen: Foi muito fácil tomar conta do pedaço porque não estava acontecendo mais nada. Não havia bandas por aí, então a gente chegou e todo mundo disse que os Dolls eram a melhor coisa desde Bosco. Mas na real éramos era a única banda na parada, portanto nem precisamos ser tão bons.

CAPÍTULO 13

Força bruta

Jayne County: Depois de termos voltado de Londres, David Bowie começou a entrar na sua trip de Ziggy Stardust. Convenceram ele a cortar o cabelo e pintar de laranja – aquela viagem de homem do espaço.

Angela o incentivou nisto. E Tony DeFries contratou Cherry Vanilla, Lee Childers, Tony Zanetta, Jamie DeCarlo – havia todo esse povo pirado em volta, tentando fazer David ficar com um visual legal. Mas, se não fosse por *Pork*, de Andy Warhol, jamais teria havido uma MainMan e, por consequência, Ziggy Stardust.

Lee Childers: David Bowie estava começando a construir sua fama em Londres. De repente ele virou uma tremenda sensação – o velho número de tocar a guitarra com os dentes, com Mick Ronson. Quando chegou a hora de trazer David Bowie pra América, Tony DeFries, que era o empresário dele, estava em contato com Tony Zanetta, que tinha feito o papel de Andy Warhol em *Pork*, e os dois tinham criado algum tipo de vínculo. Sabe lá Deus por quê.

De qualquer modo, Tony DeFries e Tony Zanetta me levaram pra jantar na Pete's Tavern, e me parei a tagarelar, do jeito que tenho tagarelado toda a minha vida: “Oh, acho que a gente devia fazer isso! Oh, isto seria genial!” No fim do jantar, Tony DeFries disse: “Bem, Z” – que era como a gente chamava Tony Zanetta –, “acho que temos o nosso vice-presidente.”

Nem tinha me dado conta de que era uma entrevista de trabalho. Achei que apenas tinha saído pra jantar, mas foi quando me tornei vice-presidente da MainMan, a companhia que empresariava David Bowie. É claro que daí botamos Cherry Vanilla de secretária e de repente éramos a sucursal americana da companhia.

Paul Morrissey: Tony DeFries levou o pequenino e engraçadinho David Bowie à Factory de Warhol. Eu tinha que tratar de todos os negócios lá – as pessoas não resolviam nada com Andy porque Andy não sabia o que dizer, então eu tinha que resolver tudo.

Aí estou falando com Tony DeFries, e ele diz: “A RCA me deu um monte de dinheiro pra promover esse cara na América”, e aponta pra Bowie – aquele carinha branquelo e engraçadinho sentado num canto.

Tony diz: “A gente acha que ele vai estourar. Ele é grande. E a RCA me deu um monte de dinheiro, então a minha ideia pra promover Bowie é que Andy Warhol nos acompanhe na turnê norte-americana.”

Lá está Andy num canto, e aquela coisinha tímida do Bowie no outro – eles estão meio que se observando através da sala, e aqui está DeFries propondo que Andy seja pago pra ser groupie! De David Bowie!

Não pude acreditar naquilo. Eu disse: “A RCA vai pagar VOCÊ, e você vai pagar ANDY? Por que eles simplesmente não nos pagam pra promover nosso próprio álbum, como fizemos com o Velvet Underground?”

Era tudo uma estupidez – receber uma grana pra promover alguém sem fazer parte daquilo, só porque DeFries queria que David Bowie fosse o novo Velvet Underground.

Então eu disse: “Poxa, acho que não vai dar. A gente está um pouquinho ocupado demais agora.”

Bebe Buell: Conheci David Bowie no Max’s. Eu estava lá com Todd Rundgren e um grupo. Ele estava com a mulher dele, eles vieram até a nossa mesa, e David disse que ele e a mulher dele tinham me achado linda, que o nome dele era David e que aquela era sua mulher, Angela, e qual era o meu nome?

Eu disse pra ele: “Sou Bebe Buell, e esse é o meu namorado, Todd Rundgren.”

Ele olhou pra Todd e disse: “Ouvi falar de você, parece que você é esperto pra caralho.”

Todd disse: “Sou, e ouvi dizer que parece que você está me sacaneando.”

David olhou pra ele como se ele estivesse maluco. Houve um tête-à-tête instantâneo entre David e Todd, tipo: “Hmmmmmmpphh!”

No dia seguinte, meu telefone tocou, e era David Bowie. De algum jeito ele descobriu onde eu morava e foi atrás de mim. Me convidou pra ir ao Radio

City Music Hall pra ver os Rockettes e quis que eu o acompanhasse num passeio turístico por Nova York.

Ele era um amor. Fui fazer compras com ele. Ele comprou uns sapatos e uns vestidos pra mim e umas estrelas adesivas de purpurina. A gente colou as estrelas no rosto quando o peguei pra ver os Dolls cerca de uma semana depois.

David foi me pegar numa limusine grande pra caralho, e eu disse pra ele: “Como você paga tudo isso?”

Ele disse: “Oh, meu empresário é que paga.” David era muito extravagante pra alguém que ainda não tinha garantido seu lugar na nossa praia.

Então a gente foi e curtiu direto o show inteiro. Os Dolls eram incrivelmente do caralho, e, quando não estava me beijando, Bowie tinha um enorme sorriso no rosto. Yeah, mais uma vez eu era a grande piranha, porque aquilo foi parar nos jornais e se espalhou por toda a cidade – “A piranha ataca outra vez!”

David Johansen: Bowie ia ver a gente tocar no Mercer Arts Center. Eu nunca tinha ouvido falar dele antes. Lembro que ele andava por lá nuns trajes femininos de matelassê e me perguntou: “Quem faz o seu cabelo?”

Eu disse: “Johnny Thunders”, o que era verdade.

Steve Harris: Quando David Bowie estava sendo muito assediado porque estava prestes a assinar com a RCA, alguém da Elektra o viu e disse: “Por que você não vai lá na Elektra, é uma companhia bem boa.” Então ele foi, e o que todo mundo geralmente dizia quando visitava a Elektra era: “Me fala sobre Jim Morrison.” Mas quando David Bowie apareceu foi: “Me fala sobre Iggy.”

Danny Fields: Lisa Robinson ligou do Max’s uma noite. Ela estava lá com David Bowie, e David queria conhecer Iggy. Por acaso Iggy estava vendo tevê na minha casa, então eu disse: “Você tem que ser legal com ele, ele te citou na *Melody Maker*, numa lista dos cantores novos favoritos dele.”

Fiquei espantado por alguém ter ouvido falar de Iggy na Inglaterra. Então eu disse: “Seja legal com esse tal de David Bowie. Além do mais, ele é bonito e quero conhecê-lo. Então vamos nessa.”

Aí a gente foi lá, e não sei sobre o que eles falaram – sabe como é: “Hey, cara, gosto da sua música.”

Lee Childers: Acho que o fascínio de David Bowie por Iggy tinha a ver com Bowie querer penetrar na realidade rock & roll em que Iggy vivia – e que David Bowie jamais poderia viver porque era um estudantezinho insosso de arte da Zona Sul de Londres, e Iggy era da escória de Detroit. David Bowie sabia que nunca conseguiria captar a realidade na qual Iggy nascera. Então pensou que poderia comprá-la.

Danny Fields: Fiquei feliz por ver Iggy menos seguido quando ele começou a andar com David Bowie. Minha história com ele e sua banda fora marcada demais por desastre pra que eu me sentisse bem em continuar trabalhando com eles. Aquilo não estava indo a lugar nenhum. Por isso fiquei alegre ao ver Iggy com uma pessoa que poderia ajudá-lo, especialmente quando esta pessoa era David Bowie.

Ron Asheton: Acabei sendo o último cara na Fun House. Iggy tinha ido pra Nova York. David Bowie estava lá, descobriu que Iggy estava na cidade, convidou-o pra almoçar e o apresentou pra Tony DeFries. No dia seguinte Tony DeFries foi a Clive Davis, da CBS, e conseguiu um contrato de cem mil dólares pra Iggy.

Angela Bowie: Tony DeFries ficou simplesmente encantado com Iggy. Olhava pra ele e via dinheiro. Tony gostava de bancar Deus, e bancou Deus pra Iggy com muito sucesso. Antes de levar Iggy pra ver Clive Davis na CBS, disse pra Iggy que aquela era uma jogada vai ou racha pra conseguir um verdadeiro “contrato pra gravar”.

Então Iggy pulou em cima da mesa e cantou *My Funny Valentine* pra Clive Davis. Tenho certeza de que Tony provavelmente informou Iggy que Clive seria, como posso dizer, *receptivo* a um artista jovem e de visual legal pulando em cima da mesa dele e cantando *My Funny Valentine*.

Steve Harris: Quando saí da Elektra em 1970, me tornei vice-presidente da CBS, e Clive Davis me disse: “Sabe, vou mesmo contratar Iggy.”

Eu disse: “Bem, você deverá estar preparado pra lançar esse cara, porque não é uma coisa comum. Você não está contratando Barry Manilow.”

Uns dois meses antes de Clive deixar a CBS, nós dois estávamos saindo do escritório na mesma hora, e ele me ofereceu uma carona pra casa. Então a gente ficou sentado na limousine, falando de Iggy.

Eu disse: “O importante é que a companhia entenda que, acima da música, isso é atitude e poderia vender se fosse colocado no mercado do jeito certo.”

Iggy Pop: Cantei *The Shadow of Your Smile* pra Clive Davis e fiz um pequeno sapateado. Ele me perguntava se eu faria isso ou aquilo, e eu dizia que não:

“Você vai cantar Simon and Garfunkel?”

“Não, não vou.”

“Você vai ser mais melodioso?”

“Não, não vou... mas sei cantar, quer ouvir?” E cantei *Shadow of Your Smile* .

Ele disse: “Ok, basta. Basta!” Então pegou o telefone e disse: “Chame o departamento jurídico.” E foi isso aí.

Ron Asheton: Depois da Fun House ser demolida, a propriedade onde a gente morava em Ann Arbor foi dividida. Numa parte fizeram uma estrada, na outra colocaram um banco. Fiquei sem nada.

Então uma noite fui ao centro, e alguém disse: “Tem uma festa no estúdio SRC.”

Aí fui. Iggy e James Williamson estavam lá. Daí estou conversando com Iggy, e ele diz: “Oh, yeah, a propósito: assinei um contrato. James e eu estamos indo pra Inglaterra.”

Foi como se alguém me desse um soco no estômago ou uma marretada na cabeça. Fiquei pasmo, porque pensava que um dia a gente finalmente voltaria a tocar junto. Caí fora, me agarrei numa árvore e fiquei chorando por uma meia hora.

Fiquei totalmente atordoado. Acabei indo a pé pra casa, vinte e quatro quilômetros, em completo choque. Iggy foi tão casual: “Oh, yeah, a propósito: assinei um contrato. James e eu estamos indo pra Inglaterra...”

Angela Bowie: David Bowie sempre se alinhou a pessoas que ele sentia que poderia vender, ou que eram poderosas e influentes. Acho que ele se sentiu assim em relação a Andy Warhol. Depois de conhecer Warhol, David voltou pra Inglaterra pra promover Iggy Pop, voltou pra Inglaterra falando sobre Lou Reed e o Velvet Underground, e daí *Pork* veio pra Londres.

Aí David Bowie acabou fazendo um álbum com Iggy e um álbum com Lou Reed. Se você olha pra trás e vê o modus operandi dele, é uma forma completamente coerente e fluida de agir. E não digo isso no mau sentido. Fico impressionada, acho incrível. *Raw Power* foi uma coisa que David pôde sentir, pôde visualizar. E ele pôde vender pra Iggy a ideia de fazer um álbum com ele, o que foi o modo de David comprar sua entrada na América.

Ron Asheton: Iggy e James foram pra Inglaterra, e três meses depois – isso era típico de Iggy – ele me liga de Londres e diz: “Bem, testamos uma centena de bateristas e baixistas e não conseguimos encontrar ninguém bom o bastante, então o que você e seu irmão acham de vir pra cá e tocar bateria e baixo?”

Bem, é claro que eu queria ir, porque era alguma coisa pra fazer, mas o jeito que ele falou – tentaram todo mundo de quem conseguiram se lembrar e não conseguiram achar ninguém bom o bastante; então nós éramos a última escolha. Os membros originais.

No princípio fiquei meio: “Huh?” Meio: “Bem, meu Deus, este é um jeito estranho de me convidar.” Mas fiquei muito excitado por fazer alguma coisa, especialmente voltar à Inglaterra. Então Scott e eu fomos pra Londres, e parecia uma boa – a gente tinha um motorista e o porão de uma linda casa em Seymour Walk.

No meu primeiro dia lá, conheci David Bowie. Ele apareceu na casa bêbado, com duas garotas jamaicanas com cabelo cor de laranja igual ao dele, e eles foram pra sala de jantar beber vinho e coisa e tal. Na real, não participei. David ficou meio perdido na casa, então mostrei a porta da frente pra ele, e aí ele me agarrou pelo traseiro e me beijou. Meu braço foi pra trás pra eu dar uma porrada nele, daí pensei: “Epa, não posso fazer isso.”

Não bati nele.

Angela Bowie: Foi muito fácil impressionar David porque a Inglaterra é muito conservadora, quer dizer, cometer sodomia era contra a lei. Você tem que entender de onde David vinha; então, quando Lou Reed falava sobre as drag queens de Nova York, pra David aquilo significava que a América era o lugar mais liberado e maravilhoso.

Quando David disse na *Melody Maker* que era homossexual – depois mudou e disse que era bissexual, que era o que na real ele queria dizer –, jamais teria tido culhão pra fazer isto se não estivesse andando com Iggy e Lou. Porque eles representavam esse lugar do outro lado do oceano onde as coisas estavam mudando, então fodam-se todos os hipócritas ingleses.

Iggy Pop: Eu andava por Londres, pelo parque e coisa e tal, com uma jaqueta de leopardo que eu tinha, na verdade uma jaqueta de pele de chita – tinha uma grande chita nas costas –, e todos os velhos em Londres passavam por mim nos carros deles, paravam e me convidavam pra dar uma volta.

O que eu gostava de fazer era andar pelas ruas com o coração cheio de napalm. Sempre achei *Heart Full of Soul (Coração cheio de soul)* uma bela canção, por isso pensei: “O meu coração está cheio de quê?”

Concluí que estava basicamente cheio de napalm.

Ron Asheton: Bowie estava ensaiando pro show dele no Rainbow, e a gente foi ao ensaio. Foi bacana – ficamos assistindo àqueles caras se prepararem pro primeiro grande show de David Bowie/Spiders from Mars. Na noite em que fomos ao show, ficamos na primeira fila; David está cantando, o lugar está lotado, eu e meu irmão dizemos: “Ah, já vimos essa merda, vamos pegar uma cerveja.”

Fomos muito óbvios – David está fazendo o show dele, e lá estamos eu e Scotty levantando e saindo pelo corredor. A gente foi pro bar, e Lou Reed estava lá. Ele estava bêbado e tomando Mandrax, um calmante inglês. Lou deu um Mandrax pra cada um de nós, e eu fingi que tomei o meu, mas Scotty tomou o dele, e a gente ficou circulando com Lou e ficando cada vez mais chapado. E eu pensando: “Oh, que maravilha, agora tenho que tomar conta de *dois* caras!”

No dia seguinte recebo um telefonema avisando que devo ir ao escritório da MainMan. Tony DeFries me deu uma mijada por ter levantado depois das primeiras três músicas do show de David. Ficaram furiosos por eu ter saído do show. Fui meio assim: “Vá se foder, cara, todos os lugares estavam ocupados. Eu simplesmente não estava a fim de ficar lá.”

Angela Bowie: Suponho que Lou fosse um pouquinho mais sofisticado que Iggy, mas, ao passo que Lou não lia, Iggy lia. Os pais de Iggy eram professores escolares, e ele lia mesmo, sabe, Dostoiévsky e essa merda toda. Lou tinha aquela coisa nova-iorquina – podia fazer de conta que tinha lido, embora não tivesse. Mas ele tinha pique bastante e era superficial o suficiente pra que você não ficasse com uma dor de cabeça no fim da conversa.

Com Iggy, se você tivesse uma conversa séria com ele, a ideia que ele iria destacar é que você era ignorante e estúpido, e que ele era rápido como um chicote. Isto posto, ele agora usaria você de qualquer forma que pudesse – fosse pra comer, conseguir drogas ou enrabar.

Ron Asheton: James estava tocando guitarra solo, eu estava tocando baixo e Scotty estava na bateria. A gente ensaiava da meia-noite às seis, exatamente como naquela maravilhosa canção do Pretty Things, *Midnight to Six (Meia-noite às seis)*, e daí fizemos o álbum *Raw Power*.

Angela Bowie: Na real Iggy sentiu que Tony DeFries iria salvá-lo. Então ele estava fazendo um grande esforço pra não dar cagada. Percebi que Iggy gostava de heroína, e isto me deixou nervosa, porque nunca fui capaz de entender a motivação pra usar heroína.

Mas eu estava tentando ser a anfitriã perfeita e por isso entrei na culinária macrobiótica. Fui uma tremenda idiota, achei que aquilo iria ajudar, ha, ha,

ha. Na verdade eu estava apenas tentando ser tudo pra todos os homens. Sabe, pensei: “Bem, talvez eles achem que estão sendo envenenados, talvez achem que não vale a pena viver, talvez precisem de um tratamento hippie.”

Malcolm McLaren: Na época de *Raw Power*, quando Iggy esteve em Londres com Bowie, achei Iggy incrivelmente vaidoso, porque ele era um tipo incrivelmente bonito. Mas não fiquei encantado com Iggy do mesmo jeito que fiquei com os Dolls.

Acho que um dos motivos foi porque Iggy não tinha muito estilo. Acho que isso é uma coisa estúpida de se dizer, mas é verdade: não vi estilo em Iggy.

O que vi foi um cantor muito durão, incrivelmente sexual, maravilhosamente divertido. Adorei o álbum *Raw Power* – mas não quis me meter com um sujeito valentão cheio de drogas e pílulas, gritando e berrando “RAW POWER” pra mim.

Não quis me atirar no colo de um junkie daqueles, não estava preparado pra isso. Fui muito ingênuo, não captei o espírito da coisa. Não pareceu bacana, não havia batom ali. Não havia o lance de estilo que os New York Dolls tinham, aquela peculiaridade de estilo – como a velha mancha de batom no colarinho. É meio patético quando penso sobre isso agora, toda esta leviandade, mas era do que eu gostava. Sempre pensei que as festas seriam melhores, sempre pensei que a cena seria melhor. Os Dolls simplesmente tinham um visual mais atraente.

Ron Asheton: Antes da gente deixar a Inglaterra, depois que o álbum foi gravado, os rapazes descobriram que era só dobrar a esquina e podiam comprar codeína líquida no balcão. Filho da puta do James, no último mês que a gente ficou lá o quarto dele só tinha vidros de codeína. Ele e meu irmão ficavam tomando codeína o tempo todo.

Daí foi a vez da heroína, montes de calmantes, cocaína e tudo o mais. Eles se viciaram de novo e iam despedir o meu irmão por ser um junkie. Eu disse: “Espeeera aí, se ele for, eu vou, e vocês também são junkies; cara, não está certo que agora vocês fiquem pegando o meu irmão como bode expiatório pros problemas de vocês!”

Lee Childers: Eles puseram a casa abaixo e tumultuaram totalmente a vizinhança até serem despejados. Foi por isso que acabaram sendo trazidos da Inglaterra. A MainMan não conseguia achar nenhum lugar pra eles, e estavam com medo de que Iggy fosse deportado a qualquer minuto.

Ron Asheton: Enquanto David Bowie andava com Iggy, eu estava trepando com a mulher de David. Ele não ligava, eu não ligava, a gente nunca viu nada de estranho nisto.

Quando chegou a hora de deixar Londres, a gente voltou pra Ann Arbor. Angie veio uns dias depois e se instalou no Campus Inn. Ela me telefonou e disse: “Estou na cidade.”

Acabei morando com ela no hotel por uns dias. Daí apresentei-a pro meu amigo Scott Richardson. Um dia fui até o hotel pra dizer pra Angie que era hora de eu ir em frente, e havia um bilhete no travesseiro dizendo: “Fui embora com Scott Richardson, blah, blah, blah, até mais.”

Então Angie levou Scott pra Inglaterra, e ele acabou andando com David e Angie por um ano. Angie era o tipo de pessoa perfeita. Ela gostava de sexo, mas não era apenas sexo, ela gostava de gente legal. E ela transava com mulheres também.

CAPÍTULO 14

Billy Doll

Marty Thau: Assim que Steve Leber, David Krebs e eu assinamos um contrato para empresariar os New York Dolls, a primeiríssima coisa que fizemos foi mandá-los pra Inglaterra. Concluímos que a América era um lugar estranho pra lançar os Dolls, por isso pensamos: “Vamos pra Inglaterra assinar um contrato grande e a seguir voltamos pro nosso país e conseguiremos um contrato ainda maior.” A gente foi pra Inglaterra e abriu pra Rod Stewart na frente de treze mil pessoas, sem nunca ter tocado pra mais do que trezentas e cinquenta no Mercer Arts Center.

Syl Sylvain: O motivo pelo qual fomos pra Inglaterra foi que a *Melody*

Maker tinha nos dado um grande espaço – “De NYC: The New York Dolls – A próxima sensação!”

Jerry Nolan: Os Dolls foram pra Inglaterra pra abrir pro Rod Stewart. Nenhum grupo na história do rock & roll jamais tinha saído em turnê com uma estrela sem ter um disco lançado, nem mesmo um single. Eles não tinham nem uma gravadora por trás. E botaram a porra do lugar abaixo. Todo mundo ficava me dizendo que eles eram os queridinhos do pedaço. Mas daí fiquei preocupado. Eles eram da pesada, uns garotos desvairados. Bebiam, mas não eram chegados em drogas pesadas. Bem, ok, de vez em quando. De repente eu disse pra minha namorada: “Quer saber de uma coisa, Corrine, tem algo errado. Aconteceu alguma coisa na Inglaterra. Estou com um mau pressentimento.”

Marty Thau: Os jornalistas dos semanários ingleses ficaram tão embasbacados depois que os Dolls abriram pra Rod Stewart que escreveram umas coisas do tipo: “Vi o futuro do rock & roll!” É claro que outros diziam: “Esta bosta é a maior merda que já vi.”

Havia uma grande, grande histeria, e todo mundo queria contratá-los. A gente estava falando com a Phonogram, The Who, Stones e Virgin. E estava recebendo telegramas de Nova York. A gente recebeu um telegrama de Ahmet Ertegun dizendo: “Ainda nem vi o grupo, mas dou cinquenta paus por um contrato nos Estados Unidos.”

Richard Branson, o dono da Virgin Airlines e da Virgin Records, mandou um mensageiro ao hotel dizendo: “Por favor, venham ao meu iate. Quero falar com vocês a respeito dos New York Dolls.”

A gente vai até lá, e ele chega todo arrogante: “Dou cinco mil dólares pra vocês pelos Dolls.” A gente não ficou naquele barco mais do que três minutos.

Eu disse: “Você vai nos dar cinco mil dólares? Estamos falando com pessoas a respeito de trezentos e cinquenta mil dólares. Muito obrigado. Foi legal conhecê-lo, adeus.”

Foi numa reunião duas noites depois, no flat de Tony Secunda em Londres,

onde estávamos eu, minha mulher, Betty, Steve Leber, Tony Secunda, a namorada dele, Zelda, Chris Stamp e Kit Rambler, que recebi o telefonema.

“Marty, vem, rápido pra” – endereço tal –, “Billy Murcia morreu.”

Eu disse: “O quê?”

Larguei o telefone, olhei pra todo mundo, não disse uma palavra, eu estava em choque. Saí correndo porta afora.

Não sei o que devem ter pensado. Devem ter pensado: “Que tipo de lunático é esse?” Chamei um táxi imediatamente e cheguei lá em uns cinco minutos.

O que tinha acontecido é que Billy Murcia fora ao meu quarto no começo da noite, antes da gente sair, e perguntado se podia pegar cinco libras. Daí recebeu um telefonema no quarto dele, e era alguém convidando pra uma festa. Mas este não era o plano inicial dele. Quando veio pedir as cinco libras, ele não sabia o que ia fazer. Ia só dar uma volta.

Então Billy acabou indo na tal festa, e, em consequência de uma combinação de álcool e do que foi citado no relatório da autópsia como Quaaludes, ele começou a se sufocar. Estava mudando de cor e morrendo, e todo aquele flat estava cheio de gente que fugiu. Não deram a mínima pra aquele pobre garoto que estava morrendo asfixiado. Todo mundo saiu correndo pra salvar a própria pele. Os poucos que permaneceram não queriam um escândalo, então o puseram numa banheira gelada e abriram a água.

Ele se afogou. O que deviam ter feito imediatamente era ter chamado uma ambulância, levado-o depressa pro hospital, lavado o estômago dele, e ele teria ficado bem.

Na hora que cheguei, a Scotland Yard estava lá com quatro pessoas da festa, e Billy estava morto.

Identifiquei o corpo.

Syl Sylvain: Billy Murcia foi o primeiro integrante dos Dolls que conheci. Eu estava indo pra Van Wyck Junior High School, no Queens, e o irmão dele

chegou pra mim e disse: “Hey, meu irmão quer lutar com você hoje, às três horas.”

Eu era um judeu sírio, nascido no Cairo, e minha família foi banida do Egito em 1956, durante o incidente do Canal de Suez. Fomos trazidos pra América por um comitê judaico, o mesmo que estava trazendo os judeus russos. A gente chegou de barco, fui provavelmente um dos últimos imigrantes a entrar no porto de Nova York e ser recebido pela Estátua da Liberdade.

As primeiras palavras que aprendi ao descer do barco foram: “Vá se foder!” Eu estava lá parado, com a porra do meu sapato marrom, e as pessoas diziam: “Você fala inglês?” Eu dizia: “Não.” Elas diziam: “Vá se foder.”

Depois de nos reinstalarmos em tudo que é lugar, finalmente acabamos em Jamaica, Queens. Billy Murcia morava três quadras adiante. A família dele tinha recém-chegado da Colômbia, América do Sul. Nós dois éramos imigrantes. Ele tinha cinco irmãos e irmãs: Alfonso, Billy, Hoffman, Edgar, Heidi e mais outros dois de outro casamento. Mas eles moravam numa casa grande e bonita, e nós morávamos num prédio de apartamentos.

Eu não era um cara durão, mas tinha namoradas, então isto talvez me fizesse parecer durão. Eu usava um corte de cabelo legal, então talvez tenha sido por isso que Alfonso disse: “Você vai lutar com meu irmão.”

É engraçado, mas eu tinha visto Billy lutar na véspera, porque o irmão maior dele tinha arranjado a coisa. Alfonso era como que empresário de Billy – ele estava na oitava série, e nós na sétima. Billy lutou com um cara na rua em frente à escola, onde estavam construindo novas casas. Estava chovendo, e eles foram ficando todos enlameados. Eu não conseguia acreditar naquilo, porque Billy não era um cara forte nem nada, mas o irmão dele estava preparando Billy – colocando-o contra grandalhões com facas.

Então, quando Alfonso disse que eu tinha que lutar, fiquei pensando: “Hey, espera um pouco, que merda é essa?” Daí encontrei Billy no refeitório e disse: “Você? É você o cara?”

A gente tinha se visto na aula e meio que se dava bem, trocava umas palavras. Então Billy se virou pro irmão dele e disse: “Não, cara.” Ele disse

em espanhol: “Este é meu amigo, *mi amigo* .” Sabe como é: “Ele é meu amigo.”

Então Alfonso disse: “Ok, Billy, você que sabe, não tem problema, vamos achar um outro pra dar porrada.”

Então descolei pra Billy trabalhar comigo na loja do meu tio – Michelle Novelties, na Avenida Jamaica. A gente vendia brincos – brincos de cinquenta e cinco centavos que as garotas negras usavam, sabe. Então a gente trabalhou vendendo roupas na Truth and Soul pouco antes dos Dolls surgirem. Foi de onde a gente tirou o nome da banda. The New York Dolls Hospital, um lugar onde consertam bonecas antigas, ficava do outro lado da rua.

Foi duro quando Billy morreu – tive que ligar pra mãe dele e dizer pra ela, já que eu conhecia toda a família. Ela simplesmente não conseguia acreditar – nunca ouvi ninguém berrar tanto em minha vida.

Marty Thau: A primeira coisa que fiz foi mandar os Dolls arrumarem as malas e colocá-los no primeiro voo de volta. Concluí que eles provavelmente seriam forçados a responder um monte de interrogatórios, forçados a ficar provavelmente semanas ou meses, e aquilo poderia ficar muito escandaloso. Quis poupá-los da agonia daquilo tudo. A ideia de um escândalo não me agradava, por isso mandei-os de volta pra Nova York no meio da noite. Daí fiquei com Steve Leber pra depor na Scotland Yard.

Jerry Nolan: Naquela noite um amigo telefonou. “Jerry, você não vai acreditar nessa porra. Adivinha quem morreu?”

Primeiro pensei que fosse Johnny Thunders. Sabe como é, todo mundo achava que Johnny era o tipo de cara que teria uma overdose. A morte de Billy pode não ter sido um crime, mas foi um abuso total. Ele foi a uma festa com um monte de adolescentes ingleses ricos, pseudointelectuais e presunçosos. Tinham aquelas pílulas chamadas Mandies. Eram um barbitúrico, um calmante porrada. E os garotos ficaram dando essas pílulas pra ele o dia todo. Quando Billy apagou, todo mundo entrou em pânico, porra.

Aí sabe o que fizeram? Jogaram ele na porra da maldita banheira pra tentar tirá-lo daquele estado. Eles o afogaram, porra! Afogaram o garoto! Aqueles porras de garotos ricos se apavoraram e fugiram. Todos eles abandonaram o cara. Que maldita perda.

Marty Thau: Quando voltei pra casa, tive cachumba, que peguei da minha filha, e fiquei de cama por um mês, recebendo telefonemas de todas as partes do mundo – *Rolling Stone*, *Bravo*, *New Musical Express* –, dando declarações e explicações.

Mas não havia Dolls uma vez que Billy estava morto. Tudo parou quando aquilo aconteceu. Levou cerca de um mês pro corpo de Billy retornar. O funeral foi em Westchester ou Yonkers, em algum lugar naquela região. Foi o primeiro dia que saí da cama. Logo depois disto, a banda teve uma reunião, e a gente decidiu que ia continuar. Então começamos a procurar um novo baterista.

Jerry Nolan: Depois que Billy morreu, os Dolls iam terminar. Daí fui falar com David Johansen. Eu disse: “Olha, David, eu sou da velha escola.”

Provavelmente falei em termos de o-show-deve-continuar, porque sou assim. “A música é tão importante que seria errado terminar. Vocês têm que continuar, em memória de Billy.”

Havia uma coisa que eu sabia sobre os Dolls – simplicidade. E eu conhecia o meu rock & roll. Aqueles garotos tinham a ideia certa e sabiam o que eles eram, mas não eram tão profissionais quanto eu. Eu disse pra David: “Olha, David, só há um cara que pode preencher essa vaga e fazê-lo bem. Eu sou o cara.”

Bem, na audição toquei o repertório inteiro como se tocasse com eles há dez anos. Acrescentei uma coisinha a mais. Eu mudava cada canção um pouquinho. Não quis exagerar, porque eles iam se perder. Como eu disse, eles ainda não eram muito profissionais. Dei apenas o suficiente pra que eles percebessem que havia muito mais pra fazer com cada canção do que o que eles andavam fazendo. Eu era tão a fim que era patético. Lembro que Arthur chegou em mim depois da gente tocar “Personality Crisis”. Ele disse: “Uau, nunca tinha tocado essa canção tão rápido na minha vida.”

Você não pode imaginar o quanto eu amava este grupo. Embora tenha sido o último cara a entrar, ninguém era mais dedicado ou amava este grupo mais do que eu. Era o meu sonho concretizado.

Marty Thau: A primeira apresentação do novo New York Dolls foi no dia 19 de dezembro de 1972, e é claro que eles estavam maiores do que nunca por causa da aura sinistra da morte de Billy. Havia a matéria publicada pelo *Village Voice* sobre como aquela morte jamais deveria ter acontecido. E as gravadoras, que já pensavam que os Dolls eram travestis, agora também pensavam que eram viciados em drogas. Viciados perigosos. Perigosos pra sociedade e ainda por cima travestis.

Então a gente fez uma série de shows pela cidade – Kenny’s Castaways, Max’s – e aumentou a onda. A banda ficou maior, maior e maior, e Paul Nelson, o cara de A&R (*Artista & Repertório*) da Mercury, foi a todos os shows. Finalmente, depois de meses e meses de negociação com gravadoras que não conseguiram ter culhão pra contratar os New York Dolls, Paul Nelson finalmente teve. Os Dolls assinaram com a Mercury Records. Devo dizer que a Mercury não era a nossa primeira escolha, mas eles tiveram culhão.

Bob Gruen: A primeira vez que vi os Dolls foi depois de Billy ter morrido, bem na época que eles assinaram o contrato. Eu estava vagabundeando, brincando com facas com os Hell’s Angels na Rua 3. O Mercer Arts Center ficava perto, e um amigo tinha me dito pra dar uma passada por lá; então, uma noite, a caminho de casa, fui. Subi e vi uma variedade de gente estranha, não o tipo de gente com quem eu costumava andar. Um cara que eu conhecia passou por mim com delineador nos olhos, e pirei. Fui embora.

Sempre tive um mix muito estranho de amigos – Alice Cooper, John Lennon – e fui num monte de shows diferentes, mas não tinha amigos que usassem maquiagem. Ainda.

Os Hell’s Angels eram de assustar, mas não me senti ameaçado por facas e revólveres, me senti ameaçado por caras maquiados e de vestido. Durante a semana meu amigo disse: “Não, não, volta lá, é muito legal, não é tão ruim, volta lá. Você tem que ver uma banda, os New York Dolls, eles são bons”.

Então voltei. Peguei uma cerveja e, em vez de ficar reparando nos caras maquiados, comecei a reparar nas garotas maquiadas. Eram umas garotas muito atraentes, e pensei: “Isto aqui está ficando bem mais interessante.”

Eu estava esperando a banda subir no palco, mas precisei ir no banheiro. Então passei por uma porta, e do outro lado ficava a Oscar Wilde Room, que estava completamente lotada. Todo mundo estava vestido de um jeito realmente pirado, o palco estava completamente lotado, e no meio de toda aquela gente no palco estava a banda.

Mas não dava pra saber quem era da banda entre aquele bando que estava no palco. As arquibancadas se elevavam radicalmente em volta do palco e pareciam uma parede de gente. Todo mundo estava circulando por lá, dançando, cantando e berrando, tudo junto, e esta foi a primeira vez que vi os New York Dolls. Era simplesmente a coisa mais empolgante que eu já tinha visto na minha vida.

CAPÍTULO 15

Escancarar e sangrar

Lee Childers: Minha primeira tarefa na MainMan foi buscar Iggy no aeroporto. David Bowie estava excursionando com The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars, sua primeira grande turnê, e tive que recolher Iggy e levá-lo ao show. Eu conhecia Iggy dos tempos de Danny Fields, por isso não tive que dizer: “Oi, sou seu representante da MainMan.” Ele me abraçou quando saiu do avião, a gente começou a conversar, e o que ele quis saber era se a MainMan era pra valer. Sabe como é: “No que estou envolvido?” Não pude dar respostas diretas pra ele porque eu não sabia. Mas o que me importava? Eu estava viajando por todo o país, fazendo pedidos pelo serviço de quarto. Daí disse pra Iggy: “Bem, o que qualquer um de nós tem a perder a esta altura?”

Cyrinda Foxe: David Bowie e sua mulher, Angela, tinham um casamento muito aberto. Eles estavam dormindo com todo mundo de quem eram a fim. David, Angela e eu tivemos um *mènage a trois* por uns cinco minutos, mas daí fiz ela ir embora porque David e eu íamos transar. Angela estava trepando

com o guarda-costas negro de David, e David e eu ficávamos de quatro pra espiar pelo buraco da fechadura e vê-los trepando. Eu era uma espécie de brinquedo novo pra David na turnê Ziggy Stardust. Mas, enquanto a gente estava em San Francisco, David me perguntou: “Você está apaixonada por mim?”

Eu disse: “Não.” Não estava disposta a dizer: “Sim!” Eu ainda estava solta por aí. Não era nada boba naquela época. Não queria ter o rabo preso. Não queria me amarrar em ninguém. Além do mais, Tony DeFries queria todo mundo naquela onda Bowie. Eu não queria cortar meu cabelo daquele jeito. Ou seja, não estava impressionada com eles. Quer dizer, tudo bem, eu tinha que pegar um avião e ir pra algum lugar, mas achava que era só isso. Daí, quando David Bowie me perguntou se eu estava apaixonada por ele, e eu disse que não, ele me deixou lá.

Lee Childers: Eu estava em Kansas City, a caminho de Los Angeles, trabalhando na linha de frente da turnê Ziggy Stardust de Bowie, quando por acaso falei no telefone com Lisa Robinson. Eu disse: “Vão nos colocar no Chateau Marmont, você conhece?”

Lisa disse: “Oh, claro, é legal, mas não fiquem lá, fiquem no Beverly Hills Hotel.” Perguntei por quê. Lisa disse: “Oh, é muito deslumbrante, é o máximo, e vou estar lá.” Daí eu disse: “Ok.” Liguei pra RCA e disse: “Não vamos ficar no Chateau Marmont, queremos ficar no Beverly Hills Hotel.” O cara da RCA disse: “No Beverly Hills Hotel?” Eu disse: “No Beverly Hills Hotel, nós todos vamos ficar no Beverly Hills Hotel.” E ele disse: “Ok.”

Nenhum de nós da MainMan tinha a menor experiência em rock & roll business, mas esta foi uma coisa na qual Tony DeFries foi muito esperto – ele soube que iríamos à RCA e faríamos as exigências que ele queria que fizéssemos, porque a gente achava que era assim que se devia fazer.

A filosofia de DeFries parecia ser fazer exigências extravagantes a uma gravadora gigante pra um artista que não tinha vendido mais do que três discos. Exigíamos passagens aéreas ilimitadas, limousines pra todo mundo, pagamento de todas as nossas contas de hotel, gigantescos adiantamentos em dinheiro – e conseguíamos tudo que exigíamos porque éramos barulhentos e tínhamos caras de loucos.

Pra uma companhia imensa como a RCA era mais fácil nos dar tudo o que quiséssemos do que ter que nos escutar. Por isso, quando eu chegava com um cabelo loiro esvoaçante e dizia: “Preciso de quatorze passagens pra Kansas City”, só diziam: “Ok, legal. Está na mão, cai fora.”

Era uma tática totalmente inaudita, mas funcionou. A gente viveu de crédito. Eu não tinha ideia de quanto a gente devia pra RCA, mas é claro que a filosofia era: uma vez que você devia tanto, não ousavam acabar com você, porque daí nunca poderiam reaver o dinheiro.

Então cheguei no Beverly Hills Hotel três ou quatro dias antes da comitiva toda – quarenta e oito pessoas no Beverly Hills Hotel. Fiquei na suíte de Olivia de Havilland, e David ficou num dos bangalôs dos fundos. Ele nunca saiu do quarto. Angela estava trepando com o guarda-costas dele na piscina.

A coisa mais engraçada foi que os roadies iam no Sunset Strip, pegavam turistas, traziam pros seus apartamentos e pediam jantar pelo serviço de quarto, e os turistas pagavam a eles pelo jantar. Todas as nossas despesas eram custeadas, então os roadies iam ao Strip três ou quatro vezes por dia, traziam os turistas, acomodavam-nos no apartamento e serviam aqueles fabulosos jantares com lagosta e suflê de chocolate pra eles, e daí cobravam deles. Os turistas descolavam jantares com desconto no Beverly Hills Hotel, e os roadies ganhavam uma fortuna.

Cyrinda Foxe: Eu ainda não queria voltar pra Nova York. Estava meio sem graça e não queria encarar Andy Warhol e todo mundo. Tinha ficado sem dinheiro e descolorido meu cabelo, o que rebentou com ele. Não gostava do meu aspecto. Então, quando descobri que Leea tinha levado todo mundo pro Beverly Hills Hotel, pensei: “Bem, posso ficar por aqui por um tempo.”

Então fui pro Beverly Hills Hotel, e Iggy e os caras apareceram, e foi legal. Iggy e eu sempre tivemos um verdadeiro relacionamento de irmão e irmã, e eu estava convencida de que *Raw Power* era a última chance dele se dar bem. Falamos um monte que aquela era a última chance dele fazer alguma coisa e que ele deveria ficar na dele e não foder com tudo.

Daí fui e dei de cara com aquele sujeito, como é o nome dele? James Williamson. Ele ficou morrendo de tesão por mim no ato. O que eu estava

fazendo com este cara? Ele não era nada cool.

Yeah, dormi com ele, então as pessoas continuam lembrando de mim. Mas James não era da mesma ninhada que Iggy, Ronnie e Scotty. Era um cachorro vira-lata que deu um jeito de se agregar ao bando. James Williamson arruinou os Stooges. Não precisavam dele. Alguém deveria ter dado um pé na bunda dele. Deixá-lo pra morrer.

Lee Childers: Suponho que Iggy tinha decidido que queria morar na Califórnia. Quer dizer, uma vez que você está descolando hambúrgueres grátis com David Bowie, a próxima coisa que você vê é uma casa em Hollywood Hills. Quer dizer, você aproveita o quanto pode. Então Iggy disse: “Quero morar em Hollywood.” Daí nosso trabalho era achar uma casa pra ele. Eu tinha que voltar pra Nova York, então deixei – quem diria! – Cyrinda Foxe em Hollywood pra procurar uma casa pra Iggy, enquanto ele ficava no Beverly Hills Hotel.

Cyrinda achou uma casa bárbara. Ficava numa travessa de Mulholland Drive, bem no topo da montanha, tinha uma piscina enorme e quatro quartos. Quando Iggy recebeu a casa, fui mandado de volta pra morar no apartamento em cima da garagem, como se fosse o chofer. E pra ser o caseiro de Iggy.

Foi difícil viver com Iggy porque ele estava no auge da sua fase junkie. E eu não tinha experiência sobre os métodos de um verdadeiro junkie do rock & roll – como ele enganava, adulava, flertava e manipulava pra que eu não percebesse a imensa capacidade de traição de que ele era capaz. Meu trabalho era mantê-lo sem drogas, mas ele era rápido demais pra mim. Com todos os roadies, groupies e integrantes da banda andando por lá, nunca consegui cortar as linhas de abastecimento dele.

Cyrinda Foxe: James Williamson ficou mal uma noite, vomitou vinho ou coisa parecida e não fez isso na privada. Fez por todo o banheiro. Muito repugnante. E daí deixou tudo lá. Eu disse: “Você deve estar brincando! Não vou limpar essa merda!” Acho que foi quando eu disse: “Deu pra mim.” Eu estava CHEIA. Foi quando voltei pra Nova York e comecei a sair com David Johansen de novo.

Ron Asheton: No começo, viver na casa em Torrenson Drive foi bárbaro – a

gente voltava do ensaio e lá estavam as garotas nuas na piscina. Era rock & roll clássico: garotas nuas na piscina, Cadillac na estrada, dinheiro, empregadas, montes de maconha...

Fizemos um show no Whiskey A-Go-Go na primeira vez estivemos lá e foi quando conhecemos Sable Starr, que era uma garota muito legal. Primeiro ela foi groupie de Iggy, depois minha, depois voltou pra Iggy, depois voltou pra mim, depois foi pro meu irmão e voltou pra mim. A gente fazia dois shows no Whiskey, e nos intervalos Sable dizia: “Posso chupar seu pau?” Ela era muito liberal nessa coisa, foi isto que sempre gostei nela. Assim, entre um show e outro, Sable chupava meu pau no banheiro dos homens, no andar de cima.

Sable Starr: Eu não morava exatamente em Hollywood, era a uns quarenta e cinco minutos de lá. Mas um amigo ligou um dia e disse: “Quer ir ao Whiskey A-Go-Go?” Isso foi quando eu tinha quatorze anos. E estava louca pra começar, sempre gostei de me meter em problemas, então disse: “Claro.” *Hollywood* – achei que veria estrelas de cinema ou coisa assim. Então fui ao Whiskey e nunca esquecerei as garotas de lá, fiquei tão intrigada. Eu ainda era feia naquela época, tive que melhorar no primeiro ano em que fiquei morando em Hollywood. Não arrumei meu nariz até ter quinze anos.

Bebe Buell: Sempre gostei de Sable Starr e Laurie Maddox – as duas maiores groupies de L.A. Elas foram completamente arrasadas por Pamela Des Barres no seu livro *I’m with the Band*. Deus, quem a senhorita Pamela pensa que é, a Rainha das Xoxotas? A senhorita Pamela arrasou todo mundo que considerou rival. Laurie e Sable não deram a mínima. Não eram competitivas. Não tinham que ser. Todo rock star que vinha a L.A. queria conhecê-las, e não o contrário. Era uma coisa assim: “A gente tem que conhecer Sable Starr e Laurie Maddox e tem que conhecer Rodney Bingenheimer e Kim Fowley.” Havia certas pessoas que você tinha que conhecer quando estava em L.A.

Sable Starr: David Bowie chegou na cidade e quis me conhecer, então não foi o caso de eu ter que ir atrás dele. Aqueles dias foram uma loucura, corri o dia inteiro de um hotel pro outro, porque Silverhead estava no Hyatt House e Bowie estava no Hilton, e foi um pra lá e pra cá o tempo todo. Então fui me encontrar com David Bowie. É engraçado, porque ele é bissexual e tinha um cara viajando com ele, Freddy. Freddy era bonito pra caramba.

Sentei no colo de David e disse: “É verdade, você tem um olho de cada cor.” Toda aquela conversa, e eu era muito boa naquilo. A maior parte das garotas são muito tímidas, apenas sentam e esperam. Mas eu pulava direto no colo deles.

David disse: “Oh, você é muito engraçadinha. Freddy, ela não é uma graça?” Eu disse: “Vamos trepar esta noite?” Simplesmente peguei e disse. E David começou a rir, e eu disse: “Sério.” Ele disse: “Eu gostaria, mas não gosto de Queenie. Mas gosto de Laurie.” Eu disse: “Bem, vamos nos livrar de Queenie e nos encontraremos no Rainbow mais tarde.” Aí ele disse que tudo bem. Então eu e Laurie voltamos pro Hyatt House gritando: “Vamos trepar com David Bowie!” Ficamos muito empolgadas. E a seguir a gente foi pro Rainbow, e esta era outra coisa bacana de ser groupie. Na parte de cima do Rainbow tem só uma mesa. Eu e David ficamos sentados lá com umas outras pessoas. E ter todos os seus amigos olhando pra cima e vendo você – isto era legal. Isto era muito legal.

Então apareceu um sujeito e disse: “David Bowie, vou te matar.” Esse hippie estava surtando e tentando bater nele. Aí o guarda-costas de David jogou o cara escada abaixo, e David ficou muito pirado porque é muito paranoico quanto a isto – ele tinha bonecas de vodu e essas coisas – “Oh, é melhor eu ir pra casa e rezar, ele está tentando me matar!” Então ele me arrastou escada abaixo, e todas aquelas garotas chegaram nele perguntando: “David, quer me levar pra casa?” E ele disse: “Não, estou com ela esta noite.” Então a gente saiu pra pegar o carro, e o sujeito dizia: “Vou vir no teu show amanhã à noite e vou te matar! Tenho um revólver.” Foi muito baixo astral.

De volta ao hotel a gente ficou por lá. Tive que ir ao banheiro, e David entrou com um cigarro na mão e um cálice de vinho. E começou a me beijar – e eu não conseguia acreditar que aquilo estivesse acontecendo comigo, porque já tinha havido o Roxy Music e J. Geils, mas David Bowie era o primeiro da pesada.

Daí a gente foi pro quarto e trepou durante horas, e ele foi maravilhoso. Não sei onde Laurie andava. Ela estava sempre lá, mas nunca estava, entende? Aí acordei de manhã, e ele disse que eu tinha que ir embora porque a mulher dele, Angie, estava chegando. Fiquei dizendo que eu queria conhecê-la e coisa e tal. Ele disse que tinha uma surpresa pra mim e me deu ingressos pro

show daquela noite em Long Beach. Ele gostou um bocadinho de mim, David Bowie. Fiquei muito famosa e popular depois daquilo, porque ficou estabelecido que eu era cool. Eu tinha sido aceita por um verdadeiro rock star.

Ron Asheton: Iggy dizia sobre Sable: “Amo”, depois: “Odeio”, depois: “Amo”, mas acabou caído por Coral, irmã de Sable, que era uma garota completamente normal – não uma verdadeira groupie. Coral, ela era linda. Realmente linda. Tinha um cabelo supercomprido, cabelo comprido tipo Crystal Gayle. Coral era bem quieta, bem careta, na real não se drogava e estava sempre à procura de Sable.

Sable Starr: A única coisa em que meus pais sempre foram rigorosos foi a escola. Me deixavam ficar na rua até as seis da manhã, desde que eu fosse à escola. Oh, eu *odiava* a escola quando tinha quinze anos. Tive um agente de condicional, foi quando comecei a morar com Iggy Pop em Hollywood Hills e não fui na escola por quase um mês.

Lee Childers: Iggy trouxe Sable pra casa e queria que ela se mudasse pra lá, mas não deixei ela se mudar. Enquanto isso, claro, tinha um lindo garotinho que Cyrinda tinha arranjado pra mim no Whiskey morando no meu apartamento em cima da garagem. Eu não tinha muito cacife pra insistir em não deixar Sable se mudar, mas consegui me impor. Ela nunca se mudou de verdade, apenas ficava um monte lá. Sable tinha bom coração, e eu gostava dela, mas ela estava numa onda de comprar a revista *Billboard* e abrir caminho até alguém que ainda não houvesse comido. Wayne County veio ficar uns dias conosco na casa, e Sable foi com tudo pra cima de Wayne. Wayne disse: “MAS EU SOU BICHA!” O pensamento de Sable provavelmente foi: “Mas você é o próximo da lista!” Então Sable tirou todas as roupas, cortou os pulsos e se atirou na piscina. Ficou boiando na parte funda, com o rosto dentro d’água, com sangue se espalhando por tudo, e eu dizia: “Wayne, temos que tirá-la daqui!”

Wayne disse: “Por que não deixamos que ela se afogue? A gente leva ela ali pro penhasco e arremessa lá pra baixo. Ninguém vai saber de onde ela veio.” Finalmente dei um jeito de apanhá-la, me segurei na borda da piscina, consegui pegá-la, arrastei-a pra fora, enrolei-a num cobertor, fiz curativos e dei-a pra Coral, que colocou-a no carro e levou embora.

Ron Asheton: Um dia eu estava no ensaio, e Lee Childers ligou e disse: “Você tem que vir pra casa, Sable se trancou no teu quarto e está ameaçando se matar.”

Pensei: “Mas que porra é essa?” Não era como se estivéssemos apaixonados ou coisa assim. É que simplesmente era legal ter o meu pau chupado quando eu acordava. Eu gostava dela, e a gente era amigo, mas eu não sabia por que ela era tão doida. Definitivamente, isso não era pra mim.

Então voltei pra casa, e nosso empresário de turnê, Eric Haddix, teve que pôr a porta do quarto abaixo. Sable estava trancada no banheiro, e tive que convencê-la a sair: “Abre a porta, vai!”

Finalmente ela abriu e estava arrasada. Estava sem roupa, só de calcinha, e tinha pego minha lâmina de barbear e tentado cortar os pulsos. Havia duas pequenas linhas no pulso dela porque era uma Trac II, e comecei a rir, e Lee disse: “Cai fora daqui, porra!”

E lá estava a pobre Sable sendo arrastada pra fora da casa seminua. A irmã dela, Coral, descolou uns amigos pra buscá-la de carro. Lee dizia: “Deu! Chega dessa merda, cara! Isso é um negócio – posso me meter num problema por causa disso!”

Graças a Deus eu estava usando Trac II, porque geralmente usava uma lâmina comum.

Lee Childers: Aprendi a nadar por causa de Iggy. Quando eu era criança, minha mãe costumava me levar na piscina e me segurar daquele jeito que as mães fazem, pela barriga, e me deixar bater os pés na água, mas nunca deu certo. Mas, quando me mudei pra casa de Iggy, ele se chapava e era certo que quase sempre caía dentro da piscina e ficava boiando lá, de cara na água. Eu dizia: “Não sei nadar, alguém pegue ele! Alguém pegue ele!” O resto da banda dizia: “Ele que se foda, vai ter o que merece.”

Eu entrava na piscina, me agarrando nas bordas na parte funda, pensando: “Vou morrer, vou morrer!” Ia na direção dele, tentando agarrar o tornozelo dele pra puxá-lo – e finalmente aprendi a nadar.

Iggy Pop: A MainMan foi muito hábil pra se livrar de nós. Depois que o álbum *Raw Power* ficou pronto, não nos botaram em turnê, não nos deixaram tocar. A gente deveria fazer uma turnê pela América, mas acabou sendo apenas um show em Detroit, que as pessoas adoraram. Artisticamente a apresentação foi um sucesso, mas, claro, tive um problema numa estação de rádio. Comigo tudo era um problema. Ha. Eu era um problema. Eu *sou* um problema.

O que aconteceu foi que na época que terminei *Raw Power* meus padrões eram diferentes dos das outras pessoas. Só consigo colocar deste jeito. Eu queria que a música saísse do alto-falante e te agarrasse pela garganta e batesse a tua cabeça contra a parede e basicamente te matasse.

É isto que eu queria. E nunca era o bastante pra mim. Não importava o que eu fizesse, nunca conseguia chegar lá. Não conseguia chegar ao agudo que ferisse o bastante, não conseguia chegar ao grave que te atingisse o bastante, não conseguia chegar a uma batida dura o bastante, e assim por diante, e assim por diante, e assim por diante. Então eu fazia uma mixagem atrás da outra até ficar mais e mais maluco.

Mas ainda não era *pesado* o bastante, sabe?

Basicamente, eu tinha perdido a perspectiva – artistas têm isso. E provavelmente o uso de drogas fez isso explodir para além da conta. Então fui na estação de rádio, não lembro por que, mas não sou o tipo de pessoa capaz de agir como um vendedor ambulante: “Oi, sou muito agradável. É genial estar no rock & roll business, e aqui está a minha nova gravação, heh, heh, heh.” Tudo tem que ser como se algo estivesse acontecendo, certo? Então fui lá e tirei toda a roupa dentro da rádio e comecei a falar no ar: “Yeah, estou pelado aqui...”

Lee Childers: Iggy tirou toda a roupa e ficou batendo uma punheta na rádio! Ele ficou dizendo: “Agora tirei toda a roupa, estou brincando com minhas bolas...”

Depois se trancou no elevador da rádio com Cherry Vanilla e tentou currá-la!

Tony DeFries ficou fora de si de raiva.

Iggy Pop: A rádio quase perdeu sua licença. O DJ Mark Farrento teve um monte de problemas. Mas minha atitude era tipo... quer dizer, um mês antes, Tony DeFries tinha vindo a L.A. pra ver sua nova aquisição, Iggy e os Stooges, e me levou pra dar uma volta numa limousine gigante e compridona e disse: “A gente quer pensar nuns projetos de filmes pra você, e o que a gente vê é você como Peter Pan.”

Eu disse: “Não sou Peter Pan porra nenhuma! Vamos fazer MANSON! CHARLIE MANSON, VOU SER CHARLIE MANSON, *SOU* MANSON!”

Ron Asheton: O plano de Tony DeFries era lançar David Bowie primeiro e depois se concentrar em Iggy e os Stooges. Por isso ele apenas nos mantinha alimentados, estúpidos e felizes. Lembro que um dia a gente estava sentado em volta da piscina, eu estava tomando um trago, e Lee chegou muito perturbado. Ele nos deu nossos cheques e disse: “Tenho uma péssima notícia pra vocês. A MainMan acaba de demiti-los.”

Lee Childers: Não posso acreditar que estou contando essa história horrível a meu respeito, mas Tony DeFries me ligou e disse: “Diga pra Iggy e pro resto da banda que a MainMan não os aguenta mais, pra eles caírem fora e caírem fora já.”

Cheguei pra Iggy e disse: “Lamento, a MainMan não está mais a fim de vocês, vocês têm que partir.” Não foi: “Aqui estão as passagens pra Detroit.” Não foi: “Vocês têm duas semanas.” Não foi: “Querem um hambúrguer?” Nada, apenas: “A companhia não os quer mais, vocês estão despejados. Vão. Já.”

Iggy Pop: Lee disse: “Yeah, largaram você, e tenho uma prova.” Tinham uma colher do meu quarto que estava toda preta. Ha, ha, ha. Deram a ordem pro Lee, a MainMan mandou-o ir no meu quarto recolher provas.

Agora, em defesa deles tenho que dizer que os Stooges, do ponto de vista deles, eram uma banda impossível de pôr em turnê. Quer dizer, devem ter pensado: “Sabe, esses caras são uns maníacos, o cantor ataca a plateia, estão todos drogados, não se comunicam com a gente numa boa, as canções deles não vão tocar no rádio, o baterista nem mesmo vai falar com a gente, não vai falar com o empresário. Ele dá uns grunhidos, diz: ‘Uhh-uh’, como um

delinquente juvenil: ‘Não fale comigo, grrr... rrr...’”

Assim, pude ver o lado deles. Mas, hey, não percebi que a gente era deste jeito, vi de outro modo. Pensei que a gente fosse sensacional. Pensei que a gente fosse a melhor banda do mundo. A gente sabia que o que estava fazendo era melhor do que qualquer outro e com certeza mais rock.

Ron Asheton: Fomos chutados da casa, e, pra sorte de Iggy e Scotty, sou de economizar dinheiro e havia guardado cerca de cinco paus. Tinha escondido literalmente no meu colchão, havia um buraco no estrado de mola, e eu enfiava meu braço ali dentro e escondia. James Williamson tinha se mudado pro Riviera Hotel, então disse: “Hey, caras, vocês têm que vir pro Riviera, é só setenta mangos por semana.”

Então peguei um quarto pra Iggy, Scotty e pra mim. Paguei a semana adiantada, de modo que deu direito a um desconto, e coloquei aqueles caras numa diária, dez mangos por dia. Depois era cinco mangos por dia...

Lee Childers: Iggy foi pra rua literalmente. Ele tinha um lugar pra ficar, Iggy não é bobo, mas foi parar na sarjeta. Ficava caído, chapado, atirado na sarjeta em Sunset Boulevard, e as pessoas nem o levantavam. Ninguém ligava, ele era uma piada. Isto mostra como Iggy era insignificante pra turma do rock & roll naquela época. E, pra grande demérito meu, não peguei um táxi pra buscá-lo. Não disse: “Vem pra cá, não me interessa o que Tony DeFries tem a dizer, vem pra cá, fica aqui e fica seguro.”

Em vez disso, eu ouvia as histórias: “Oh, Iggy caiu na frente do Whiskey ontem à noite, todo mundo riu, ele ficou caído na sarjeta, um táxi quase passou por cima dele...”

Iggy Pop: Coral ficou cheia de mim. Eu não estava mais na moda. Estava fodendo com tudo, fodendo com tudo e perdendo e perdendo –, e ela pôde ver isso. Eu também estava perdendo meus encantos. Se você não tem atributos e encantos, não tem as garotas. Isso é a América, sabe como é.

Steve Harris: Um ano depois de ser gravado, *Raw Power* finalmente foi lançado, em maio de 1973. A CBS ficava ainda mais fora do meu controle do que a Elektra porque é muito grande. Mas, quando *Raw Power* saiu, vim com

uma ideia que achei muito boa. Liguei pra um sujeito chamado Sam Hood, que agendava os shows no Max's, e disse: "Vamos pôr Iggy por uma semana à meia-noite." Ele disse: "Genial, vamos nessa." Então Iggy começou a fazer sua semana no Max's, e a companhia foi ver, ele ainda era uma piada pra eles, mas começou a conseguir um espaço incrível na mídia porque rolava em cima de cacos de vidro. Lá pela terceira noite ele rolou em tanto caco de vidro que acho que ficou seriamente ferido. Ferido pra valer.

Bebe Buell: A gente estava numa mesa ótima. Eu estava sentada com Alice Cooper, Todd Rundgren, Jane Forth, Cindy Lang e Eric Emerson, que estava vestido exatamente como Iggy naquela noite – com um biquinizinho pornô, com purpurina por tudo. Todo mundo estava lá, e Iggy fez o show mais brilhante que já vi. Foi completamente assombroso. Ele começou a apresentação com "Search and Destroy"...

Nitebob: Iggy estava tentando andar por cima das mesas. O Max's tinha mesas até a frente, e o palco era muito pequeno, e às vezes Iggy ia caminhar em cima das mesas. O Max's era muito menor do que os outros lugares onde os Stooges costumavam tocar. Eu estava trabalhando no palco naquela noite, e Iggy caiu de cima de uma mesa. Lembro de vê-lo caminhando pra lá e pensar: "Oh, esta não é uma boa ideia", e daí ele caiu e voltou lá pra cima com um corte.

Ele tinha se apresentado por vinte minutos, e perguntei se queria parar o show porque ele estava muito ferido. Estava perdendo um bocado de sangue. Não era o tipo de coisa que se resolvesse com um Band-Aid. Não era só um arranhão.

Bebe Buell: De repente, começou a jorrar sangue por aquele cortezinho bem visível no peito de Iggy.

Nitebob: Iggy estava um lixo. Ele jorrava sangue aos borbotões. Mas queria terminar o show, então continuou tocando. Fiquei aturdido. Eu disse pra ele: "Pare!" A banda ficou dizendo: "Vamos parar!" Mas Iggy seguiu em frente.

Quando ele saiu do palco, eu disse: "Você está ferido, cara, o que a gente vai fazer?" Ele não pensou que parecesse muito grave, mas daí Alice Cooper quis que ele fosse a um hospital.

Steve Harris: Depois do show, eu disse pra Iggy: “Estou indo pra casa”, e ele disse: “Te largo lá, porque tenho um encontro em Uptown.”

Então a gente pegou um táxi e, quando chegou na Rua 72 com Park Avenue, Iggy disse: “Por que você não vem junto e toma uma bebida?”

Então eu disse: “Ok”, e a gente desceu. Iggy estava vestindo um short e uma camiseta que àquela altura estavam todos ensanguentados, e quando entrou no edifício o porteiro olhou pra Iggy e disse: “A quem devo anunciar?”

Iggy quis fazer o número completo, porque usualmente diz: “Jim Osterberg”, mas disse: “Iggy.”

Foi como aquelas coisas que você via no cinema. Daí a gente subiu pro apartamento, e uma mulher voluptuosa de *negligee* abriu a porta. Ela tinha um visual incrível.

De qualquer modo, no dia seguinte Iggy apareceu na minha casa e estava machucado pra cacete. Ele não sabia o quão seriamente. Precisou levar pontos. Então liguei pra Sam Hood no Max’s e disse que a gente ia ter que suspender o show por uma ou duas noites.

Bebe Buell: Todo mundo achou os pontos uma coisa muito sexy. Foi enquanto Iggy estava se recuperando pros dois dias que tinha faltado no Max’s que me encontrei com ele pela primeira vez, num show dos New York Dolls no Felt Forum. Iggy estava totalmente detonado. Alguém tinha batido na cabeça dele com alguma coisa, e a cabeça sangrava. Ninguém estava dando a menor bola pra ele, as pessoas passavam direto por ele.

Iggy Pop: Na noite do show dos Dolls eu estava na casa de Lou Reed e pedi um punhado de Valiums pra ele, ele deu, e daí eu disse: “Bem, tenho que ir, quero ver o show dos New York Dolls.”

Pouco antes de entrar no Felt Forum, dei de cara numa porta e fiquei com um grande galo saindo da minha testa, parecia um unicórnio.

Bebe Buell: Iggy estava um lixo. Cambaleando, caindo e constrangendo todo mundo. Fiquei com muita pena dele. Achei que aquilo era meio triste porque

ele era Iggy e porque ninguém o ajudava. Ele estava detonado e não conseguia se levantar. Ficava se batendo e abriu um enorme talho na cabeça. Havia sangue por tudo, e ninguém o ajudava, nem mesmo David Johansen, que sempre teve bom coração. David estava naquelas: “Oh, porra, isso é tudo que a gente precisava, ter Iggy detonado na nossa plateia...” Todd Rundgren estava nessa: “Deixa ele.” E eu disse: “Não, vou descolar uma bandagem ou coisa assim pra ele.”

Então fui e descolei. Quer dizer, é realmente piegas, mas enfaixei a cabeça dele, e Iggy disse: “Você se importa de verdade.” Como se fosse uma porra de uma novela, sabe? Ele disse: “Uau, você se importa de verdade.” E eu disse: “Bem, não conheço você o suficiente pra me importar, mas se você morresse e não gravasse mais discos eu ficaria muito triste.”

Iggy disse: “Onde você mora, cara?” Tipo: “Gosto de você, tem um apartamento, tem algum dinheiro?”, entende? Eu disse pra ele: “Sou namorada de Todd Rundgren, e a gente tem uma casa na Rua Horatio.”

Juro por Deus – é aí que entra o brilhantismo de Iggy – , ele estava totalmente detonado, e foi só eu dizer meu endereço e adivinha quem estava na minha porta no dia seguinte?

Iggy. Nunca pensei que ele fosse lembrar da Rua Horatio, 51 na condição em que estava. E ele não só apareceu lá em casa no dia seguinte, fazendo de conta de estava lá pra ver Todd, com quem jamais tinha se encontrado na vida, mas estava maravilhoso. Estava totalmente sóbrio e recém tinha feito exercício, tinha nadado, e parecia uma beldade loura tostada pelo sol.

Todd não estava numa boa comigo naquele dia porque achava que eu estava agindo de um jeito muito porra-louca – saindo demais, circulando no Max’s demais, indo ver os Dolls demais. Todd estava fazendo as malas porque tinha que ir a San Diego, e, nos três segundos em que saiu pra comprar umas meias, Iggy apareceu. Todd voltou pra terminar de fazer as malas, e lá estava Iggy. Falei pra Todd: “Não o convidei.” Mas Todd não acreditou em mim. Iggy disse: “Vim dar um tempo aqui porque vocês são as pessoas mais legais que encontrei na noite passada. Gosto do fato de vocês não usarem drogas, serem legais e terem uma casa limpa. Vocês não iam acreditar nos lugares em que tenho ficado. Faz umas três semanas que não tomo um banho, posso usar

a banheira de vocês?”

Iggy é um escroto encantador e sabe disso.

Todd me puxou pro lado e disse: “Você sabe que ele vai te roubar porque ele é um junkie. Vai levar a metade da casa, você não deveria deixá-lo ficar aqui de jeito nenhum. Mas estou saindo agora, vou fazer uns shows e espero que você use do maior bom senso nessa situação.”

Morei cinco anos com Todd Rundgren, e a gente sempre andou com outras pessoas, mas não falava sempre sobre isso nem dava bandeira. Veja bem, quando o conheci, fidelidade era muito importante pra mim. Eu era bem jovem, dezessete pra dezoito anos, e ele formou um monte das minhas opiniões sobre homens e relacionamentos. E percebi que eu não tinha a menor chance com a filosofia da fidelidade. Meu coração teria ficado em cinquenta mil pedaços, porque ele me traiu desde o começo.

Então, quando Iggy apareceu, dá pra dizer que Todd estava tentando ser maduro, cool e bem anos setenta, mas eu mal podia esperar pra que ele desse o fora de uma vez. Eu estava maluca por Iggy. Completamente louca por ele. Mas o começo não foi apaixonado nem sexy. A gente foi ao cinema, foi ver *Paper Moon (Lua de papel)*, comeu uns hambúrgueres – e eu não conseguia entender por que ele ficava apagando o tempo todo.

Ele estava sempre pegando no sono, em tudo que era lugar. Eu não sabia que porra estava acontecendo, porque, quaisquer que fossem as drogas que ele estivesse usando, estava usando muito discretamente. Lembro que o meu amigo David Croland apareceu por lá, viu Iggy e disse: “Bebe, ele está viajando.” Eu disse: “Oh, não, na real ele está cansado. Ele andou rolando por aí por muito tempo...”

David revirou os olhos e disse: “Certo, ele está cansado, Bebe. Oh, Deus, estou fora dessa.”

Então Iggy virou meu namorado por duas semanas, mas eu tinha um namorado; portanto, ele não podia ser o meu namorado oficial. Assim a gente teve um caso, como se diz por aí, mas Iggy ficou de cara por causa de Todd durante todo o tempo que a gente namorou. Ele não gostava do fato de eu ter

um namorado com quem morava. Então me fez encher o colchão d'água de novo – não me pergunte o significado disto.

Lenny Kaye (crítica na *Rock Scene*): “Você não pode difamar os Stooges”, disse Iggy depois da rodada de apresentações da banda, seguida de um banho refrescante de cerveja pega de uma mesa adjacente. Foi quando a nova música, recentemente escrita, “Open Up and Bleed”, assumiu abruptamente a sua forma final. As palavras tinham sido trocadas durante toda a semana, mas subitamente as passagens truncadas ficaram claras, num estalar de dedos a letra entrou em foco, a música surgiu sem tropeços ou deslizos. “I’ve been burned... (*Fui queimado*)”, ele cantou a certa altura, “I’ve been pushed aside, sometimes I even been fixed and died” (*Fui deixado de lado, algumas vezes até fui morto e morri*). E então: “It ain’t gonna be that way no more...” (*Não vai mais ser desse jeito*).

Steve Harris: *Raw Power* foi lançado pela Columbia, e na CBS a gente teve com Iggy os mesmos problemas que tinha tido na Elektra. Ninguém levava aquela música a sério. Ninguém pensava naquilo como rock & roll, mas continuei dizendo: “Vocês podem não gostar, mas há garotos lá fora que entendem isso...”

E pensei comigo mesmo: “E os homens não sabem o que as garotinhas pensam.”

CAPÍTULO 16

Angústia da separação

Syl Sylvain: Os Dolls tinham recém-terminado uma semana de shows no Max’s, e Connie espalhou que a gente deveria ir pra L.A. por seis dias pra tocar no Whiskey A-Go-Go. Connie Gripp supostamente estava no GTO’s, coisa na qual não acredito, acho que ela era uma maníaca que pensava que estava em todas, mas não estava em nenhuma. Uma boca-grande faladeira, isso é o que ela era basicamente. Ela ficou furiosa com ele. Eles estavam morando na Rua 3 Leste com Avenida A. Ela disse pra ele: “Hey, vocês não vão me levar pra Califórnia?” Arthur disse: “Não, a gente não vai levar nenhuma namorada, a gente não tem dinheiro.” Então naquela noite, quando

ele estava dormindo, ela deu uma facada no polegar dele e acertou o tendão.

Peter Jordan: Connie era uma daquelas minas que te daria uma bofetada na cara, até de brincadeira, sabe como é, tipo: “Oh, que engraçado!” SCHMACK!

Ela era uma mina grande pra caralho e podia ficar se embebedando pra valer durante dias – vocês poderiam estar fazendo festa, e daí ela daria uma porra de uma garrafada na sua cabeça porque você chamou-a de chorona. Sabe como é: “Não seja babaca...” “Não *me* chame de babaca, seu cuzão!” SCHMACK!

Arthur tinha uma queda por garotas altas. Ele sempre achava essas porras dessas garotas altas pra caralho e, quanto mais piradas, melhor. Ele mesmo era bem alto, talvez um metro e noventa, e gostava de perambular de noite. Andava pelo Times Square às quatro da manhã – ele simplesmente adorava perambular pela rua –, onde encontrava essas mulheres enormes. Ele tinha um fraco por isto.

Arthur apareceu com uma tremenda sucessão de amazonas. Era inacreditável. Eu não conseguia acreditar que houvesse tantas porras de minas amalucadas, de cabelo pintado e meia rasgada em todas as cidades dos Estados Unidos.

De onde elas vinham? Um milhão delas – todas enormes e com características semelhantes –, todas com cerca de um metro e oitenta, bebiam whisky no gargalo e eram o tipo de garota que tinha um salto do sapato quebrado. E Arthur achava-as em tudo que é lugar.

Connie foi uma delas. Ela era grandona – bunda grande, peitos grandes, riso grande. Naquela época ela estava fazendo michê, por isso Connie era o tipo de garota que carregava uma faca, porque andava vendendo o rabo e provavelmente precisava de uma como proteção. Além disso, ela e Arthur não eram o tipo de gente que tem uma cozinha. Assim, ela não foi na porra da cozinha pra pegar uma faca numa maldita gaveta – ela tinha que ter a faca dentro da bolsa.

Eileen Polk: Arthur me contou que acordou e viu Connie ajoelhada no peito dele com uma faca, numa espécie de posição ritualística. Ela tinha pego a

faca e cortado a parte do polegar que ele usava pra tocar baixo.

Ela não cortou o polegar dele fora. Quando ele acordou, viu o que ela estava fazendo e tentou arrancar a faca da mão dela. Ela não tentou cortar o polegar dele fora, ia fazer alguma coisa bizarra nele com a faca, e ele tentou detê-la. Talvez ela estivesse fazendo uma encenação, porque Arthur me contou todo o tipo de histórias esquisitas sobre essas groupies.

Ele me falou de duas outras garotas, Ginny e Debbie. Eram enormes, ambas com mais de um metro e oitenta de altura, e brincavam de boneca juntas. Faziam chás – essa era a brincadeirinha cotidiana delas. As groupies eram assim. Achavam fascinante representar esses papéis, como um papel S&M, ou: “Vou ser uma bruxa por uma semana”, ou: “Vou ler tarô”, ou: “Vou brincar com bonecas Barbie e fazer de conta que tenho três anos de idade”, ou: “Vou fazer chás com minhas amigas e tomar ópio em vez de chá”.

Dee Dee Ramone: Todas aquelas garotas que andavam em volta daquelas bandas glitters no Max’s eram diabólicas. Todas aquelas garotas trabalhavam em casas de massagem – que eram uma próspera indústria em Nova York naquele tempo. Supostamente ia-se lá pra uma massagem, mas na real era pra uma punheta ou uma chupada. E todas as namoradas trabalhavam em casas de massagem, “massageando” todo dia.

Eileen Polk: Todas aquelas garotas viviam no mundo da fantasia. E podiam ficar sem trabalhar porque eram prostitutas ou strippers e ganhavam um monte de dinheiro. E o jeito como elas deixavam aqueles caras interessados nelas era sendo muito esquistas, pagando todas as drogas e o aluguel deles.

E uma vez que um daqueles caras tivesse uma daquelas garotas no seu pé, não conseguia se livrar dela. Porque esta era a profissão delas, seguir você. Se estavam interessadas num cara de uma banda, elas garantiam uma chupada nos seguranças em todos os concertos dele, gastavam trezentos dólares em corridas de táxi pra seguir o ônibus da banda e compravam passagens de avião pra Califórnia.

O que quer que fosse necessário. E Connie era este tipo de garota. Ela fazia o que quer que fosse necessário pra conseguir o que queria, incluindo ameaçar pessoas, surrá-las e ser louca.

Malcolm McLaren: O dia depois que Connie atacou Arthur foi absolutamente horrível. Mas não fiquei chocado porque já tinha sentido a violência de Nova York – as pessoas estavam doidas demais –, e Arthur era um alcoólatra, e Connie era louca.

Você tem que entender que na primeira vez que cheguei em Nova York eu era muito ingênuo. Só tinha tido uma namorada na minha vida. Na real, nunca tinha sentido este tipo de ciúme, eu estava aprendendo a crescer. Tinha vindo pra Nova York pra seduzir uma garota – mas quando cheguei não a reconheci porque ela tinha mudado de rosto. Tinha feito uma cirurgia plástica.

Quer dizer, coisas como essa eram completamente chocantes pra mim. Lá estava uma garota pela qual eu era meio apaixonado, que eu achava que conhecia e quando cheguei – ela não parecia a mesma.

Por isso, não, não fiquei chocado por Connie ter esfaqueado Arthur – não fiquei nem triste. Fiquei apenas desapontado, esta é a palavra.

Fiquei desapontado com o fato de que uma parte tão grande do comportamento deles fosse um desperdício de energia – não acho que houvesse sequer algum propósito filosófico. Era uma energia inútil, energia facilmente disponível, uma energia que não se referia a nenhum ponto de vista genuíno, exceto ciúme, que é uma grande perda de tempo.

Syl Sylvain: Arthur me ligou do Beth Israel Hospital e disse: “Sylvain, aughh!” Fui a primeira pessoa com quem ele falou. Depois disto, liguei pra David Johansen, a seguir fui direto pro hospital, e David me encontrou lá. A gente disse: “O que aconteceu? O que aconteceu?” Mas o que Arthur poderia dizer? O médico me disse que não era tão ruim, ele só deu uns pontos e colocou uma tala nele.

Peter Jordan: Os Dolls ainda tinham mais uma noite pra tocar no Max’s, então todos nós fomos imediatamente até Leber e Krebs, e Johnny Thunders disse pra mim: “Bem, você conhece todas as músicas, por que não toca?” Leber e Krebs me perguntaram: “Você pode fazer?” Eu disse: “Claro que posso.” A gente ensaiou por duas horas, e aí toquei no show.

Cyrinda Foxe: Mesmo depois de ter cortado o dedo dele fora, Connie ainda queria ficar com Arthur, e acho que Arthur ainda pretendia ficar com Connie. Não acho que ele achasse que estivesse errado. Syl foi o único que disse pra Arthur: “NÃO! NÃO! NÃO! NÃO! Ela tem que cair fora, ela é horrível, olha o que ela fez!”

Bob Gruen: A gente entrou no lobby do Continental Hyatt House e havia pelo menos uma dúzia de groupies esperando pelos Dolls. Eu tinha viajado com um monte de grupos, com grupos bem mais conhecidos, como Alice Cooper, e eles chegavam no hotel, e só havia o recepcionista dizendo: “Preencham este formulário.” Mas onde quer que os Dolls fossem, havia uma cena em volta deles – havia gente esperando por eles. A gente foi pra Detroit, havia trinta pessoas no lobby vestidas como fãs dos Dolls. Os Dolls nunca tinham tocado em L.A., mas havia aquelas pessoas esperando por eles no lobby: Rodney Bingenheimer estava lá, e Sable Starr estava lá...

Nancy Spungen: Os New York Dolls deram início a uma cena. Eram o centro das atenções. Tudo aconteceu depois deles. Eles eram diferentes. Ninguém jamais tinha se vestido do jeito que eles se vestiam ou falado do jeito que eles falavam, ou tocado música do jeito que eles tocavam.

E eles foram a primeira banda com que fiquei andando o tempo todo. Dormi com David Johansen, dormi com Johnny Thunders, dormi com Syl Sylvain, dormi com Jerry Nolan – todo mundo, menos Arthur Kane.

Jerry Nolan: Músicos sempre arranjam garotas, mas não como os Dolls. Os Dolls pegavam todas as garotas de qualquer outro músico, de qualquer outra banda. Qualquer uma! Se os Dolls estavam na cidade, ganhavam todas. Quer dizer, *ganhávamos todas* .

Houve vezes em que fiquei com garotas tão bonitas que simplesmente não podia acreditar. Não podia acreditar nas coisas que eu estava fazendo com as garotas. Não podia acreditar que algumas daquelas garotas estivessem indo pra casa e pra cama comigo. Elas eram muito lindas.

A gente teve as garotas mais bonitas. Eu dizia pra Johansen: “Jesus Cristo, David, a gente nunca conseguiria tocar uma garota como esta. Elas são lindas demais.”

Mais tarde, na mesma noite, a gente estaria na cama com essas mesmas mulheres de pernas pro ar, olhando um pro outro e rindo. Uma vez nós dois estávamos transando com essas garotas e tocou “Looking for a Kiss” no rádio. Uau, ficamos maravilhados. A gente riu tanto que ficou de pau mole.

Sable Starr: A limousine dos Dolls encostou, e Johnny Thunders foi o primeiro a descer do carro. Ele estava com um terno de couro vermelho – aquele da contracapa do primeiro álbum. E senti que ia rolar alguma coisa com Johnny. E rolou. Ele me pediu pra ficar de noite e no dia seguinte começou a despejar todo aquele papo sério em cima de mim: “Gosto muito de você, quer dizer, me importo com você, quer dizer, gosto *mesmo* – eu te amo. Quer casar comigo? Quer ir pra Nova York viver comigo?”

Peter Jordan: Os olhos de Johnny e Sable se encontraram, eles fecharam um circuito e passaram um bocado de tempo juntos. Acho que Sable ficou verdadeiramente surpresa por Johnny ter se interessado tão intensa e apaixonadamente por ela, em vez de simplesmente comê-la e chutá-la pra fora do quarto. Naquele tempo, Johnny estava saindo com Cindy Lang, que era namorada de Alice Cooper. Cindy morava com Alice, mas ele nunca estava na cidade, estava sempre em turnê, ganhando dinheiro. Então Cindy ia ver Johnny o tempo todo. Não tinha nada de incomum, sabe como é, essas coisas acontecem, como se diz...

Acho que, antes de Johnny, o grande romance de Sable tinha sido com algum idiota do Led Zeppelin ou coisa parecida, que provavelmente mijou nela literalmente, sabe. Por isso acho que Sable ficou surpresa que Johnny quisesse ficar tão intensamente envolvido.

Sable Starr: Eu tinha recém-completado dezesseis anos, era verão, minha mãe estava começando a tratar da minha matrícula na escola. Por isso fugi. O empresário dos Dolls não me deixou ir pra San Francisco. Ele disse: “Se ela vier, vou cancelar a turnê”, então fui direto pra Nova York. Minha mãe chamou a polícia, e eles seguiram os Dolls com detetives e agarraram uma outra groupie em vez de mim. Ela dizia: “Não sou Sable Starr, sou Cyrinda Foxe, e não esqueçam disso.” Ela tinha cabelo claro igual a mim.

Cyrinda Foxe: Fiz um trabalho de modelo no Texas, e os Dolls iam tocar, então fui encontrá-los no aeroporto. Fiquei esperando por eles no aeroporto e

de repente vi todos aqueles enormes soldados da polícia estadual, tipo Texas Rangers, uns sujeitos assustadores pra caralho, chegarem e cercarem o portão.

Pensei: “Oooh, já estive nessa terra antes, e eles não aparecem a menos que...” Então vi que tinham uma mulher com eles, uma Texas Ranger, e senti que alguma coisa assustadora ia acontecer comigo. Eu sabia que os homens não tocariam em mim, mas havia uma mulher com eles, e ela ficava olhando pra mim. Me levantei e fui pra outra cadeira pra ver se eles ainda estavam olhando pra mim. Estavam. Fiquei com muito medo. Quis ir lá e dizer: “Vocês estão olhando pra mim?” Os Dolls chegaram, e WOOF, os tiras pularam em cima de mim.

Pensaram que eu fosse Sable Starr, uma fugitiva de dezesseis anos de idade. Fiquei naquelas: “OH, é mesmo? OH, isso é TÃO bom!”, porque eu tinha vinte e um anos, mas ainda tinha um ar de dezesseis.

É claro que Sable não estava com eles, Johnny foi esperto o suficiente pra mandá-la direto pra Nova York. Mas pensaram que eu fosse Sable. Tive que mostrar pra eles as minhas fotos na revista *Life*. Naquele mês eu estava numa página inteira colorida, eu e Elvis Presley. Eu tinha todas as fotos de eu e Elvis juntos e eu com os caras de *Grease*. Finalmente disseram: “Bem, creio que você não é Sable.”

Deus, fiquei puta com Johnny por causa disto, mas ele teve o dele. Os Dolls andaram de Rolls-Royce enquanto estiveram no Texas, e a polícia nos parou. Acho que eles conheciam os Dolls. Johnny estava com uma calça de couro vermelha sem roupa de baixo, e todos nós tivemos que sair do carro. Foi muito engraçado, todos os Dolls com os cabelos armados com crista de galo, e Johnny de calça de couro vermelha sem cueca, tão apertada que não deixava nada pra imaginação. E havia um monte de coisa que não precisava ser imaginada ali. Então os tiras pensaram que talvez ele tivesse drogas dentro das calças, talvez tivesse algo escondido. Johnny era medonho. Tirou as calças e botou tudo o que tinha ali pra fora... e não era um pacotão de maconha!

Adivinha pra onde foi Johnny? Direto pra cadeia! A gente teve de ir lá com uma grana pra soltá-lo.

Eileen Polk: Logo depois dos Dolls voltarem daquela turnê foi que conheci Arthur no Cobra, um clube que ficava aberto a noite inteira e que tinha uma naja num pequeno tanque de vidro. A gente encheu a cara junto, e todo mundo disse: “Oh, que belo casal. Arthur, termina com Connie e sai com ela, ela é tão legal.”

Eu não sabia quem era Connie. Eu a tinha visto, mas não sabia qual era o relacionamento dela com Arthur porque a gente só tinha se conhecido no Cobra. Então naquela noite Arthur me disse que estava saindo com uma mulher que o estava levando à loucura. Ele me disse: “Ela tentou cortar o meu polegar fora, e eu a odeio e não quero mais vê-la, eu te amo, blah, blah, blah.”

Então, depois dele me mostrar a cicatriz no polegar, eu disse pra Arthur: “Bem, legal. Termina com ela e sai comigo.”

Um pouco depois encontrei Connie pela primeira vez na sala dos fundos do Max’s, e ela tentou me bater, mas Arthur a deteve. Connie berrou: “Sua cadela, o que você está fazendo com o meu namorado?”

E Arthur deu um rosnado. Ele também podia ser realmente detestável. Era assustador quando ele ficava possesso. Então Arthur interceptou Connie com o corpo pra que ela não pudesse me acertar. Eu era uma garota de Garden City, Long Island, de dezenove anos de idade e, pra mim, brigar com uma garota era totalmente inconcebível. Eu não tinha sido criada pra ter brigas de rua com mulher. Isto era coisa de homem.

Mas as brigas que eu e Connie tivemos enquanto fiquei com Arthur não foram nada comparadas com as brigas de um ano mais tarde, quando nós duas começamos a sair com Dee Dee Ramone. As brigas que Connie e eu tivemos por causa de Arthur não passavam de briguinha de criança comparadas com as que tivemos por causa de Dee Dee Ramone. Foi quando a baixaria rolou *mesmo* .

Peter Jordan: O que aconteceu com Johnny e Sable foi que Johnny virou um porra de merda de um paranoico do caralho, um porra de um *speed freak* . Os Dolls tinham um sujeito chamado Frenchie, que trabalhava com a gente há anos. Era o camareiro da banda, uma espécie de pau pra toda obra na equipe

de turnê. Frenchie era um *freak* de anfetamina total, e Johnny começou a tomar *speed* com Frenchie. Johnny entrou completamente naquela porra. Entrou tanto naquela porra que literalmente quase perdeu a porra da cabeça. Ele não estava tomando remédio pra emagrecer, sabe – estava tomando anfetamina ao máximo, porra.

E Johnny virou um porra do caralho de um *speed freak* paranoico delirante clássico – do tipo: “Vamos baixar as persianas porque tem alguém lá fora nos olhando”, esse tipo de paranoia costumeira. E Johnny ficou convencido de que Sable andava trepando por aí. E Sable era espertinha o bastante pra dizer pra ele: “Yeah, claro que estou trepando por aí, seu bunda mole, seu criação, seu GRINGO estúpido!”

Yeah, Johnny virou um porra de um completo *speed freak* fascista, e acho que foi isso que levou-o pro *smack*. Ele precisava de alguma coisa pra se acalmar.

Sable Starr: Morei com Johnny em Nova York, mas não deu certo. Johnny e eu íamos nos casar. Também íamos ter um filho. Fiquei grávida, mas tive um aborto.

Johnny tentou destruir minha personalidade. Queria que eu ficasse sentada e quieta e dissesse que o amava vinte e quatro horas por dia. Eu gostava de andar por aí e me divertir, mas mudei por causa dele. Quer dizer, estava me tornando o tipo de pessoa que ele queria que eu fosse – simplesmente ficava em casa todo dia.

Depois de estar com ele, não fui mais Sable Starr. Na real ele destruiu todo aquele lance de Sable Starr. Me fez jogar todos os meus diários e números de telefone no incinerador e rasgou meu livro de recortes. Esse livro era bem bom. Eu tinha tudo ali.

Depois disto fiquei meio destruída. É por isto que me senti tão mal, por ter estado tão por cima e acabar tão por baixo.

Ron Asheton: Encontrei Johnny Thunders no Max’s Kansas City uma noite. Fiquei bem alegre por vê-lo, mas Johnny me tratou mal e depois começou a berrar com Sable. Ela chegou pra mim e disse: “Johnny está possesso porque

estive com você, é por isso que ele também odeia Iggy, por eu ter trepado com vocês.”

Pensei: “Deus, Johnny, como é que um sujeito tão ordinário como você pode ficar puto com uma coisa dessas?” Foi quando eu disse: “Sabe de uma coisa: vá se foder, Johnny. Você é um babaca.”

Cyrinda Foxe: Eu sabia que Sable não ia se adaptar. Ela não era esperta o bastante. Ela era uma típica garota de L.A., onde morava em casa, podia ir em casa trocar de roupa e depois sair e se divertir. Ela pensou que fosse apenas muito brilho e glamour – e daí deu de cara com Nova York. Essas ruas são duras, não são?

Johnny Thunders era genuinamente a fim de Sable, mas ele batia nas garotas com que se envolvia. Na verdade a primeira vez que encontrei Sable foi depois de uma das brigas dela com Johnny. Toda a área em volta do lábio dela estava machucada. Ela tinha levado uma surra. Estava suja. E as roupas dela não eram bacanas como tenho certeza de que eram quando ela o conheceu. Eu disse pra ela: “O que você está fazendo? Vá pra casa!”

Sable Starr: Johnny era *louco* ! Louco e perverso. Doente. Perturbado. Ser italiano tem um monte a ver com a intensidade daquele ciúme doentio. Se eu fosse pega falando com um cara... Assim, depois de Johnny tentar me matar umas quatro ou cinco vezes, pensei em voltar pra casa.

Syl Sylvain: Johnny Thunders era o cara mais pudico que você pode imaginar. Oh, Deus, e até quando a gente tocou no Club 82, quando a gente finalmente tocou vestido de mulher, certo? Ele nunca se vestiu de mulher. Você pensa que Johnny botou um vestido naquela noite? De jeito nenhum. Vamos encarar os fatos: Johnny tinha umas inibições, sabe como é.

Peter Jordan: Não sei se alguém alguma vez pensou mesmo que a gente fosse gay. Quer dizer, só teve aquele único show em que a gente usou vestidos. Todo mundo usou vestido, menos Johnny, que disse: “Vão se foder, não vou botar um vestido!”

Roberta Bayley: Tinha recém me mudado de Londres pra Nova York e tinha o número do telefone de um cara que morava aqui. Liguei pra ele. “O que

você quer fazer, o que posso mostrar pra você em Nova York?”

Eu disse: “Bem, gostaria muito de ver os New York Dolls.”

Então fui vê-los no Club 82. Foi o show que eles fizeram vestidos de mulher; assim, na primeira vez que os vi estavam todos de vestido. Na real não entendi a coisa, não sabia que eles estavam vestidos de mulher de brincadeira. Você ouvia todas aquelas coisas sobre os New York Dolls, que eram um bando de bichas, que usavam maquiagem, e aí fui, e era verdade.

Ronnie Cutrone: O 82 Club era um antigo e famoso lugar de drags, onde Errol Flynn costumava tirar o pau pra fora e tocar piano com ele. Era um lugar badalado e depois morreu completamente. Uma noite a minha namorada, Gigi, disse: “Você tem que ir visitar minha família.” Então fui ao 82 Club, e havia um velho chamado Pete e dois bartenders sapatões bem velhos, Tommy e Butch. Isto era tudo – um sapatão no bar e três travestis. Então Pete, Tommy e Butch disseram pra Gigi: “Hey, talvez você pudesse dar uma força pro nosso negócio.” Gigi e eu dávamos as coordenadas em Nova York naquela época. Gigi era da pesada. E eu estava botando pra quebrar de novo porque tinha recém-terminado com minha namorada e andava bebendo todas com Gigi – a gente trepava seis vezes por dia, saía pra dançar todas as noites, esta era a nossa vida.

Éramos o par festivo de Nova York. O que quer que a gente dissesse, as pessoas escutavam. Se a gente dizia que alguma coisa era boa, era boa. Então a gente foi no Max’s e disse: “Hey, tem um lugar maravilhoso pra se divertir, o 82 Club, na Rua 4.” Logo, logo ele virou O lugar.

Eileen Polk: Todo mundo circulava no Max’s, e então os New York Dolls fizeram o seu famoso show vestidos de mulher no 82 Club. Comecei a ir lá. O 82 Club era um famoso bar de drag queens na Rua 4, perto da esquina do CBGB’s, que ainda não estava na moda. Comecei a ir no 82 Club bem no começo e fiz amizade com todas as drag queens. Foi quando conheci Rachel, a namorada de Lou Reed. Rachel era uma drag queen muito feminina e muito legal. As drag queens gostavam de mim, mas Rachel era especialmente legal. Uma noite em que ficou bêbada pra caramba ela me contou que nunca poderia ser um cara porque tinha um pau minúsculo. Então ela mostrou pra mim, e era pequeno mesmo. Eu disse: “Está tudo bem, Rachel. Está tudo

bem.” E ela disse: “Bem, é melhor que esteja, porque sou melhor como mulher do que como homem.”

Então ela conheceu Lou Reed, e ele era o homem dos sonhos dela. Aparentemente foi amor à primeira vista. Rachel me contou: “Conheci Lou Reed! Sabia que isso ia acontecer! Consegui! É isso aí! Alguma coisa boa ia me acontecer, e é isso aí, e estou apaixonada!” Ela ficou em êxtase.

Lou sentava num canto, e Rachel mantinha todo mundo longe dele. Ela avisou pra todo mundo: “Não quero ninguém perto dele. Não quero que ninguém fale com ele. Ele é meu.” E todo mundo respeitava isso no 82 Club. Todas as outras drag queens ficavam longe dele, e todas as mulheres também. Rachel disse: “Ele é meu”, mas não ameaçou ninguém. Acho que todo mundo queria que alguma coisa boa acontecesse com ela. E, quando aconteceu, todo mundo ficou feliz.

Duncan Hannah: Foi naquela época que vi os Dolls no Waldorf-Astoria. Acho que foi o meu primeiro Halloween em Nova York, eu estava aqui há dois meses. Eu estava com um macacão de veludo preto que tinha descolado em King’s Road, em Londres, igual ao de David Bowie e Mark Bolan.

O lance era usar sem camisa, se você fosse esquelético e pálido o bastante; assim, na real parecia – quer dizer, eu parecia uma isca, certo? Queria fisgar uma mina roqueira, mas acabei com Danny Fields.

Eu estava olhando o show dos Dolls, e um sujeito começou a falar comigo, disse algo do tipo: “Você deveria posar pra fotografias”, ou coisa assim. Eu ri.

Daí ele disse que o nome dele era Danny Fields, e pensei: “Espera um pouco, Danny Fields?”

Pensei: “Não é possível. A contracapa do álbum dos Doors, este Danny Fields? O Danny Fields que fez os Stooges e o MC5?”

Fiquei pensando: “Uau!” Tipo: “Sei quem você é, meu!” Então eu disse: “Você é *aquela* Danny Fields?”

Ele disse: “Yeah, quer sair comigo?”

Eu disse: “Bem, estou com meus amigos”, porque fiquei um pouquinho nervoso, certo?

Danny disse: “Oh, traga seus amigos.”

Então a gente foi pro loft de Danny na Rua 20 e fumou um haxixe. Ficamos olhando a casa dele, todas aquelas fotos nas paredes – porque ele tinha fotos de todo mundo –, então fiquei perguntando como eles eram. Eu dizia: “Bem, como é que Iggy é?”

Ele dizia: “Bem, é um babaca.”

Daí eu dizia: “Bem, como é que é – Deus, você deve conhecer todo mundo – bem, como é que Wayne Kramer é?”

E ele dizia: “É um babaca. Todos os músicos são babacas.”

Sabe, ele ficava naquela: “Por que você pergunta?” Danny olhava pra nós, dizendo: “Essas pessoas são umas idiotas.”

Eu disse: “Sei, mas são maravilhosas.”

E Danny disse: “É claro que são maravilhosas, são as melhores. Mas são uns completos babacas.”

Então Danny e eu ficamos amigos, e levei-o ao CBGB’s porque eu vivia me desmanchando em elogios pra uma banda nova chamada Television.

PARTE TRÊS

A fábrica de mijo

1974-1975

CAPÍTULO 17

Vai, Rimbaud!

Patti Smith: O que me fez ter esperança no futuro da poesia foi o concerto dos Rolling Stones que vi no Madison Square Garden. Jagger estava cansado e todo detonado. Era uma terça-feira, ele tinha feito dois shows e estava de fato à beira de um colapso – mas o tipo de colapso que transcende pra mágica.

Jagger estava tão cansado que precisou da energia da plateia. Não foi um roqueiro naquela noite. Ele esteve mais perto de ser um poeta do que jamais estivera, porque estava tão cansado que mal conseguia cantar. Adoro a música dos Rolling Stones, mas o principal não foi a música, mas a performance, a performance visceral. Foi a performance visceral dele, o ritmo, a movimentação, a fala – ele estava muito cansado, dizia coisas do tipo: “Very warm here/warm warm warm/it’s very hot here/hot, hot/New York, New York, New York/band, bang, bang.” (*Muito quente aqui/quente quente quente/faz muito calor aqui/calor calor/Nova York, Nova York, Nova York/banda, bang, bang.*)

Quer dizer, nada daquela coisa foi genial – foi a presença e a força dele que mantiveram a audiência na palma de sua mão. Havia eletricidade. Se os Rolling Stones tivessem ido embora e deixado Mick Jagger sozinho, ele teria sido maravilhoso como qualquer poeta naquela noite. Teria falado alguma de suas melhores letras e mantido a plateia magnetizada.

E aquilo me entusiasmou tanto que quase me despedacei, porque vi todo o futuro da poesia. Vi e senti de verdade, fiquei tão empolgada que mal cabia em mim, e isto me deu força pra seguir em frente.

Duncan Hannah: Na noite de Ano-Novo de 1973 fui com Danny Fields na Academy of Music pra ver os New York Dolls, Kiss e Iggy e os Stooges. Eu estava usando o terno de cetim dourado que arranjei em King’s Road e fui na casa de Danny. A gente cheirou um pouco de cocaína, tomou champanhe e se maquiou porque era tipo: “Glam rock! Glitter! Yippie!”

Então fomos ao show, os Dolls foram demais, “Jet Boy” foi simplesmente incrível, todo mundo estava lá: Todd Rundgren, Mackenzie Phillips caindo

de tanto Quaalude, detonado pra cacete – uma cena muito decadente.

Então, entre um show e outro, Danny me levou ao camarim pra ver Iggy. Nunca tinha me encontrado com ele, a gente estava subindo as escadas pro camarim, ouvi-o berrando lá e fui ficando apavorado. Era tipo: “Deus! Conhecer Iggy!”

Danny disse: “Oh, ele é ótimo – é só Jim, sabe, não se preocupe, é um velho camarada meu.” Então a gente se encontrou com Iggy, e ele disse: “E aí, Danny, quem é o seu amigo?” Fiquei tipo: “Oi, Iggy. Cara, bote pra quebrar esta noite!” Foi maravilhoso, os Stooges estavam dementes, sabe como é, era a época de *Raw Power*, certo? Então pensei: “Isso vai ser realmente incrível. Tipo, histórico!”

Iggy estava em ponto de bala. Subindo pelas paredes. Com tudo em cima. Ele parecia maravilhoso, e os Stooges pareciam mortíferos, sabe como é, simplesmente cruéis. Fiquei pensando: “Oh, isso vai ser muito bom!” Daí tomamos uma bebida, depois voltamos pros nossos lugares e esperamos o show começar. Os Stooges não vinham e não vinham e não vinham.

Finalmente a banda aparece, mas sem Iggy. Ficamos pensando: “Deus, onde ele se meteu? Ele estava pronto pra começar!” Daí ele entra no palco e estava uma porra de um completo traste. De algum modo, em quinze minutos ele foi da perfeição pra... Não sei o que ele fez, foi como se tivesse tomado uns dois litros de vodka ou coisa parecida. Ele aparece e vomita por cima de tudo, cai do palco, não consegue lembrar de nenhuma das letras, a banda começa uma canção, para, começa, para. Eles ficaram loucos de raiva, mas Iggy não conseguia ficar de pé. Ele simplesmente não sabia o que estava acontecendo.

Patti Smith: Apresentação física numa performance é mais importante do que o que você está dizendo. Qualidade dá bom resultado, é claro, mas se a sua qualidade intelectual é alta, seu amor pela plateia é evidente, e você tem uma forte presença física, pode fazer qualquer coisa impunemente.

Victor Bockris: No dia seguinte, o primeiro dia de 1974, eu estava sentado no palco do Poetry Project na St. Mark’s Church durante a leitura, e Patti Smith chegou e CUSPIU em mim enquanto caminhava pra tribuna. Quer dizer, ela não cuspiu em mim, cuspiu no chão bem na minha frente e disse:

“Você me deve dinheiro, filho da puta!” E eu fiquei tipo: “Vá se foder!”

Quer dizer, pensei: “Ela é uma babaca, mas é muito boa.”

James Grauerholz: Patti se apresentou com Lenny Kaye, e ela foi um arraso. Teve muita noção de show-biz, foi irresistível. Patti soube como prender a atenção do público e levá-lo junto através de cada curva de sua pequena jornada à essência. Ela levava a plateia às alturas – depois a jogava lá de cima, então a apanhava e a seguir deixava-a cair.

Quando terminou sua parte na St. Mark’s, ela saiu do prédio intempestivamente – marchou através da multidão, direto através da igreja lotada, porta afora –, deixando Lenny no palco pra desligar o amplificador dele enquanto a multidão ia à loucura. Ela arrasou.

Eu estava sentado com William Burroughs – que sempre teve um senso de show biz muito forte –, e ele virou pra mim e disse: “Ela é demais.”

William Burroughs: Veja bem, Patti começou como poeta, depois foi pra pintura e então subitamente emergiu como uma verdadeira rock star. O que foi estranho, porque nunca pensei que ela conseguisse ir tão longe, tanto como poeta como quanto escritora. Mas de repente ela é uma rock star. Não há dúvida quanto a isso.

Patti Smith: Comecei a fazer sucesso escrevendo aqueles poemas longos, quase poemas de rock & roll. E gostava de apresentá-los, mas percebi que, embora fossem maravilhosos apresentados, não eram grande coisa no papel. Não estou querendo dizer que os renego, mas existe um certo tipo de poesia que é poesia de performance. É como os índios americanos, que não escreviam poesia conscientemente. Faziam cânticos, faziam linguagem ritual – e a linguagem do ritual é a linguagem do momento.

Mas, na medida em que ficavam congelados num pedaço de papel – não eram inspiradores. Você pode fazer o que quiser, contanto que seja um grande performer, sabe como é, pode repetir uma palavra mais e mais, contanto que seja um performer fantástico. Quer dizer, Billy Graham é um grande performer, muito embora seja um cagalhão. Adolf Hitler era um performer fantástico. Era da magia negra. E eu aprendi daí. Você pode seduzir as

pessoas pra uma consciência de massa.

Assim, escrevo pra ter alguém. Há um motivo por trás de tudo que escrevo. Escrevo do mesmo jeito que me apresento. Quer dizer, você só se apresenta porque quer que as pessoas se apaixonem por você. Quer que elas reajam a você.

A outra coisa é que, através da performance, alcanço certos estados nos quais sinto minha mente muito aberta – tão cheia de luz, enorme, grande como o Empire State Building –, e, se consigo desenvolver uma comunicação com o público, um grupo de pessoas, quando minha mente está tão grande e receptiva, imagine a energia, a inteligência e todas as coisas que posso roubar delas.

Duncan Hannah: Patti Smith me perguntou: “Você conhece uns pianistas?” Eu disse: “Yeah, moro com um.” Ela disse: “Bem, mas ele é um roqueiro?” Eu disse: “Yeah, quer dizer, ele é um pianista clássico, mas tem tocado por aí.”

Eric Lee fez uma audição pra Patti e tocou com ela por cerca de uma semana. E assim eles ficaram trabalhando as músicas dela, ela estava fazendo “Land of a Thousand Dances” e finalmente se virou pra ele e disse: “Eric, quando digo: ‘Do you know how to pony?’ (*você sabe mexer?*), não estou falando de dança.”

Ele disse: “Yeah, sei”, mas ficou muito constrangido por ela estar falando de sexo.

Danny Fields: Eu estava tendo um caso com Richard Sohl, e Patti Smith e Lenny Kaye falaram alguma coisa sobre quererem um tecladista, por isso apresentei-os pra Rickie Sohl, e realmente deu certo. Mas não sei o que disseram um pro outro: “Hey, tenho uma ideia, você recita poemas, e eu toco uns acordes...”

Patti Smith: Estou há tanto tempo nesta sala e nesta cidade que não consigo ver mais nada, e você sabe que não estou sendo estimulada. Ultimamente tenho feito apenas muita limpeza no meu cérebro. Meus olhos não estão vendo nada à minha volta. Por isso andei sonhando um monte, gravando

sonhos e tentando olhar dentro deles, mas não estou preocupada com isso. Estou só esperando o momento em que pegarei um trem ou avião pra algum lugar e sei que vou saltar fora porque preciso ver coisas novas. Acho que Rimbaud disse que precisava de um cenário novo e um ruído novo, e é disso que eu preciso.

CAPÍTULO 18

No clube do rock & roll

Richard Hell: Eu e Tom Verlaine fomos juntos ao Mercer Arts Center pra ver os New York Dolls – e os Dolls tiveram um monte a ver com o fato de eu querer ter uma banda. Era muito mais excitante fazer rock & roll do que ficar sentado em casa escrevendo poesia. As possibilidades eram infindáveis. Quer dizer, eu podia lidar com os mesmos temas com os quais eu ficaria pensando sozinho no meu quarto pra publicar revistinhas mimeografadas que só umas cinco pessoas iriam ver. E definitivamente a gente se achava tão cool quanto os outros, então por que não sair e vender isso?

Até a gente ver os Dolls, Tom pegava o violão dele pra uma noite folk em algum clube no West Village, uma vez a cada dois meses. Era o máximo que fazia. Ele não estava atrás de nada mais sério. Mas escreveu umas canções, não sei quantas – cinco ou seis. Umas bem engraçadas. E a gente passava o tempo com elas. Comigo improvisando alguma coisa enquanto ele tocava guitarra. Só pra matar tempo.

Depois de ver os Dolls, fiquei pressionando Tom pra montar uma banda em vez daquela coisa de música folk. Uma banda elétrica. E ele só ficava protelando e enrolando, e nada acontecia. Não lembro exatamente como rolou, mas finalmente ele sentou e me mostrou como era fácil tocar baixo no rock & roll. Pensei que fosse necessária alguma habilidade pra tocar um instrumento musical, e eu não tinha nenhuma. Mas ele me mostrou, e foi o que bastou. Havia o embrião de uma banda, porque Tom já conhecia um baterista de Delaware, e então começamos a ensaiar juntos. Mas foram os Dolls que realmente nos inspiraram.

Duncan Hannah: Havia uma verdadeira escala social no Max's. Se um cara bonito entrava nos fundos, eu perguntava: “Quem é esse? Bom, muito bom. Panos legais. Não descolou aqui, conseguiu em Londres. Hmmm. Muito bacana.”

Lembro da primeira vez que vi Richard Lloyd. Achei que o cabelo dele

parecia com o de uma garota do Leste. Ele era bonito pra caramba.

Eu disse: “Uau. Quem é esse?”

“Ele é novo – é um michê e também um grande guitarrista.”

“Está brincando. Cool.”

“Ele estava morando em Los Angeles.”

“Cool. Cool.”

Richard Hell: Tom Verlaine e eu estávamos trabalhando numa livraria de cinema chamada Cinemabilia, e Terry Ork era o gerente da loja. Ele estava sempre interessado em garotos atraentes, então era muito cordial conosco. Tínhamos vários gostos em comum, e Terry disse que conhecia um garoto que tocava guitarra e achou que poderia ser o que estávamos procurando, porque ele sabia que estávamos tentando formar uma banda.

E o tal cara era Richard Lloyd.

Richard Lloyd: Eu estava procurando um lugar pra morar e conheci no Max’s Kansas City um cara chamado Terry Ork, que trabalhava pra Andy Warhol.

Eu era um vagabundo. Tinha ficado duas semanas na casa de Danny Fields, e ele tinha deixado claro que haveria um limite de tempo. Então eu estava naquelas: “Tem alguém que possa descolar um canto pra eu dormir e que ainda por cima não se aproveite muito de mim?”

Naquela época, era isto que eu proporcionava num relacionamento: EU. Nada de dinheiro, nada de empenho, nada de trabalho, mas você ficava COMIGO. Eu chegava nas garotas num bar e dizia: “Deus, estou apaixonado por você, quer me levar pra casa pra eu ficar morando com você?”

Sabe como é: “Não vou pagar o aluguel, vou manter os meus horários, vou fazer o que quiser, mas você me terá – POR AÍ.” E havia vários candidatos pra isso.

Terry Ork disse: “Tenho um loft enorme em Chinatown com um quarto extra – o cara que morava lá se mudou, e você pode ficar com ele se quiser.”

O acordo que a gente fez foi que eu deveria entrar com as drogas, e Terry entraria com todo o resto. O resultado, é claro, foi que não entrei com as drogas, porque entrar com drogas significava entrar com algum dinheiro. Mas me mudei assim mesmo.

Terry Ork: Eu era muito convencido a respeito do meu gosto. Me sentia como se pudesse entrar num lugar e dizer: “Oh, este garoto está com tudo, este garoto não está com nada.” Yeah, Svengali, obrigado. A heroína deixa você esperto de verdade, hein?

Richard Lloyd: Terry começou a perseguir a ideia de uma banda, mas pelo que concluí Tom Verlaine não estava interessado. Richard, Tom e Billy Ficca tinham a banda Neon Boys e colocaram um anúncio na *Creem*. Dizia alguma coisa do tipo: “Procura-se guitarrista solo. Não é necessário ter talento.” Dee Dee Ramone apareceu, e Chris Stein também, mas acho que eles não eram “sem talento” o suficiente ou coisa que valha.

Richard Hell: Dee Dee apareceu na audição que promovemos quando Verlaine e eu estávamos tentando achar um segundo guitarrista pro Television. Botamos anúncios, e pouca gente apareceu. Foi engraçado, não conseguimos ouvir mais de quatro ou cinco pessoas, e duas delas foram Chris Stein e Dee Dee Ramone. Isso foi antes de conhecermos qualquer um dos dois.

Dee Dee Ramone: Tom Verlaine e Richard Hell eram umas pessoas calculistas, sérias, muito determinadas. Todos os outros estavam fazendo tudo ao acaso, mas eles eram diferentes. Pensei que fossem beatniks.

Richard Hell: A gente tentou mostrar uma canção pra Dee Dee Ramone, mas ele errou tudo. Ele só tocava acordes básicos, porque era tudo que sabia. Você só precisa de um dedo pra tocar um acorde de compasso. E a gente dizia pra ele: “Ok, isso é um Mi.” E ele começava a tocar, e a gente dizia: “Mi.” E ele dizia: “Oh! Oh!” E começava a tocar uma outra coisa. Era o quadro da dor. E a gente dizia: “Não. Não. Não, cara: Mi!”

Dee Dee olhava com aquele ar cômico e movia o dedo um pouquinho... A gente fazia que não balançando a cabeça, e ele movia um pouquinho mais... Ele era muito engraçado. Parecia um cachorrinho naquela audição. Mas enfim a gente teve que dizer: “Vai nos desculpar...”

Dee Dee Ramone: Fui chutado de lá porque não sabia tocar.

Richard Lloyd: Terry Ork finalmente disse pra Tom Verlaine que estava disposto a deixá-los ensaiarem no loft dele, a comprar amplificadores, financiar a banda e botar algum dinheiro pra que eles tivessem condições de fazer shows. E acho que fiz parte dessa barganha.

Naquele tempo, Terry estava tomando heroína uma vez por semana, como um passatempo, sabe. Fazia parte de ser moderno, não era grotesco você espetar agulhas no braço. E por aquela época eu mesmo estava num tamanho estado de alcoolismo que precisava de alguma coisa pra acalmar minhas tremedeiras. Precisava parar com o álcool. Então comecei a pedir pra Terry pra me deixar experimentar um pouco de heroína.

Terry Ork: Acho que Jim Carroll foi o primeiro a me injetar heroína. Yeah, no quarto dele, com vista pra cancha de basquete. Gerard Malanga e eu estávamos morando na Rua 53 com a Terceira Avenida – que era o lugar onde prosperava a prostituição masculina em Nova York, e tínhamos um apartamento maravilhoso lá. Íamos dar uma festa naquela noite e fomos até a casa de Jim pra pegar um pouco de heroína ou coisa assim.

Acho que era a casa dos pais dele, em cima da escola católica, onde Jim me injetou pela primeira vez. Eu não tinha ideia de que ele era um michê, se não o teria agarrado ali mesmo.

Na época em que conheci Richard Lloyd, tinha me mudado pra um loft em Chinatown e era um junkie de fim de semana. Usar heroína era como tirar férias nuns dias da semana.

Richard Hell: Minha primeira experiência com droga pesada foi com Terry Ork. Adorei. Yeah, eu esperava ansiosamente pelos nossos encontros pra nos chaparmos.

Não tive nenhuma restrição quanto a droga pesada. No meu modo de ver, era simplesmente o estado ideal. Não apenas fazia você se sentir fisicamente tão bem quanto é possível – no fim das contas, é um analgésico –, como também parecia ser a realização de todas as minhas fantasias, no sentido de que você sonha, mas dirige seus sonhos como um diretor de filme.

Richard Lloyd: Você podia se drogar e então podia beber toda a noite e não tremia nada, não ficava bêbado, nada machucava, podia tocar guitarra como nunca tinha tocado antes, podia trepar por seis ou sete horas direto – como uma máquina, “Mr. Machine”, sabe como é.

Nada dava errado. Eu era uma daquelas pessoas nas quais a heroína tem o efeito oposto. Em vez de dormir, ficava acordado como que por meses – entrando nas mais profundas, em altos pensamentos, e tendo sonhos fantasmagóricos de ópio.

Então comecei a pressionar Terry pra tomar duas vezes por semana, depois três vezes por semana...

Richard Hell: Só apagar e sonhar. E algum tipo de cenário surgia e você estaria vivendo nele de verdade – quer dizer, quando está sonhando, você de fato está tendo uma experiência, está realmente passando pelo que está sonhando, só percebe que era um sonho quando acorda.

E, quando está viajando, você não fica apenas assistindo, você pode mudar as coisas – dar uma empurradinha pra cá e pra lá –, como se pudesse fazer acontecer qualquer coisa que quisesse.

Pois é, gostei disso, ha, ha, ha, e a heroína pareceu muito segura na época, sabe? Porque é verdade que você tem que usar todos dias por duas ou três semanas pra começar a desenvolver o vício. E isto pareceu uma coisa muito fácil de se evitar. Como as pessoas podiam ter medo daquilo? Que tipo de risco é este? Risco nenhum – mas é impressionante como te pega.

Terry Ork: Tom Verlaine era muito puritano; não fumava maconha, não injetava heroína e nem mesmo bebia muito. Acho que Verlaine tinha pavor de qualquer desregramento dos sentidos, e Hell era justamente o oposto. Ele se deleitava com isso.

Tom Verlaine era um garoto muito brilhante, muito culto, mas no íntimo era um tanto rígido. Ele era muito amarrado. Estava sempre preocupado que os homens fossem dar em cima dele. Quer dizer, ele era encantador, mas acho que não sabia nada da vida. Tinha acumulado experiência dos livros – era tudo lido, e não vivido. Ele era muito ingênuo em muitos aspectos. Ao contrário de Richard Hell, que sabia muito bem onde botava os pés.

Sem dúvida era Hell que pensava em termos subversivos. Hell sempre teve uma percepção maior das coisas que estavam nas entrelinhas. Ele era um surrealista de boulevard, buscando a passagem às cegas, tentando alcançar a libertação.

Richard Hell: Tom Verlaine e eu tínhamos ido juntos pro internato lá nas montanhas de Delaware. Nos tornamos bons amigos quando começamos a pôr pilha um no outro com um plano pra fugir da escola.

Aconteceu bem rápido – fui suspenso na décima segunda série por tomar sementes de ipomeia. Tom estava no pátio do recreio no dia que voltei da suspensão. Era a semana do meu aniversário de dezessete anos. Tom e eu queríamos sair e viver por nossa própria conta. A gente imaginou ir pra Flórida, onde era quente, e ser artista, escritor, poeta – alguma coisa desse tipo. Mas acima de tudo seríamos ratos de praia, descolando tudo do bom e do melhor. E tentaríamos seduzir garotas.

A gente juntou cinquenta dólares ou coisa assim. E gastou a maior parte pegando um trem até Washington. Daí começamos a pegar carona de volta pra Lexington porque eu queria passar pela minha cidade natal; seria como o retorno do herói conquistador.

Um sujeito rico que eu conhecia tinha uma fazenda com uma casa extra no terreno. Era tipo uma casa de empregados no meio do campo. Nos botaram lá e saíram, e a gente fez uma festa de noite. Trouxeram bebidas e garotas. Havia uma garota lá que eu já conhecia. Acontece que, durante o ano e meio desde que eu a conhecera, ela tinha virado uma vagabunda, e foi maravilhoso. Lembro de olhar no meio das pernas dela com uma lanterna – ela estava disponível pro que quer que eu quisesse fazer. A gente ficou lá mais ou menos por uma semana e daí partiu pra Flórida de novo.

Passamos os dois dias seguintes pegando caronas pro sul. Chegamos ao Alabama, a uns trezentos quilômetros da fronteira com a Flórida. Ficamos encalhados numa estrada secundária, era tarde da noite e estava frio. A gente também estava sendo sacaneado por aqueles caipiras brancos sulistas, que passavam, faziam de conta que iam parar e, quando a gente chegava no carro, pisavam no acelerador e nos cobriam de pó. E a gente estava ficando revoltado e furioso pra valer, e então concluiu que ia ter que desistir por aquela noite.

Fizemos uma fogueira no campo ao lado da estrada e começamos a nos empurrar, ficando tontos com a nossa liberdade e a nossa raiva. De algum modo entramos numa de atirar no campo os gravetos que queimavam na fogueira. Estávamos muito revoltados com o Alabama. Logo o lugar estava ardendo em chamas, e a gente ainda estava rindo, dançando e se divertindo com aquilo quando surgiram as sirenes e, vindos do nada, um carro da polícia e carros de bombeiro...

Nos pegaram. Inventamos uma história de que éramos garotos voltando pra escola na Flórida, mas eles não acreditaram. De qualquer modo, descobriram que não era verdade quando checaram a lista de pessoas desaparecidas. Então fomos descobertos.

Minha mãe tinha parentes no Alabama, que vieram e me pegaram. O pai de Tom veio e tirou-o da cadeia. Tom voltou pra escola. Fiquei muito desapontado com ele, porque descolei uma passagem de ônibus pra Nova York e saí de casa. Ele terminou o segundo grau, depois fez um ano de faculdade antes de vir pra Nova York.

Mas, quando ele se mudou pra Nova York, íamos ao Max's e agíamos como espiões. As pessoas pensavam que eu e Tom éramos irmãos. Éramos inseparáveis.

Terry Ork: Havia uma relação explícita de amor e ódio rolando entre Richard Hell e Tom Verlaine, e Richard Lloyd se enquadrou maravilhosamente naquele mix.

Eu estava apaixonado por Richard Lloyd e fiquei apaixonado pelo jeito que Lloyd interagiu com Hell e Verlaine. Fiquei apaixonado pelos duelos de

guitarra e por aquele jeito maravilhoso como eles tocavam um contra o outro. E Lloyd com certeza era ainda mais entusiástico do que Hell ou Verlaine.

Quer dizer, por Deus, ele tinha se fodido de verdade no hospital, com toda aquela terapia de choque químico. Ele disse que percebeu que não conseguia mais se conectar do mesmo jeito que antes e que estava um pouco louco.

Richard Lloyd: Eu não era normal, tinha ficado louco. Depois de ser hospitalizado várias vezes, a ponto de passar nove meses de um ano internado, fiquei louco. Eu era posto num hospital ou numa instituição, fazia a linha *One Flew over the Cuckoo's Nest* (*Um estranho no ninho*) e daí saía. E, passado o efeito do que quer que fosse que tivessem feito comigo – terapia de choque –, eu olhava ao redor e via que tinha minha vida de volta, mas daí havia um certo temor, tipo: “Será que vai acontecer de novo?”

Meus pais não autorizaram o eletrochoque, por isso os médicos fizeram com que concordassem com terapia de choque química, que consistia em dar uma droga que fazia você dormir, administrada por injeção a cada quatro horas. A ideia era: depois que você adquiria tolerância à droga sonífera, quando ela não te mantinha mais dormindo por quatro horas, tiravam essa medicação e davam uma oposta – tipo um *speed* de alta potência – e deixavam ela te espremer como uma esponja.

Dormi por uns oito dias. Era uma droga muito agradável, sabe, dormir por uma semana – daí começou a passar. E senti que alguma coisa estava prestes a acontecer enquanto eu voltava à consciência. Era como bolhas de ar saindo do mar – você está lá embaixo, e é muito calmo, não há tensão, e as bolhas de ar vão subindo.

Daí, um dia dizem: “Ok, acho que ele está pronto.” E então me deram essa outra injeção, e comecei a não me sentir tão bem. E me pegaram e botaram numa sala, e fiquei meio assim: “Espera aí, as paredes são acolchoadas... Estou na SALA ACOLCHOADA!”

Naquela hora comecei a chutar e saltar como uma bola de borracha – e eles vinham de meia em meia hora, abriam a janelinha e me olhavam até eu parar de me mexer.

Logo depois do tratamento de choque químico, um amigo foi me visitar no Greystone State Mental Hospital, em Nova Jersey. Ele simplesmente começou a chorar na minha frente – depois me disse que foi porque ele não me via, porque eu tinha sido apagado.

Richard Hell: Fiquei realmente impressionado com o jeito como os New York Dolls fizeram as coisas acontecerem com eles. Quando estavam começando, eles tocavam todas as semanas na mesma noite no Mercer Arts Center. Ficaram associados ao Mercer Arts Center, e achei que isso era perfeito porque as pessoas podiam contar com aquilo. Não precisavam ler o jornal pra ir atrás.

Gostei do lance de que, se havia uma banda cool e você queria vê-la, ela estava tocando sempre na sexta à noite no Pit, por exemplo. Pareceu o esquema ideal, se você fosse bom, reunir as pessoas interessadas em você o mais rapidamente possível.

Então propus o seguinte: que a gente achasse um lugar onde pudesse fazer isso. E comentei: “Onde há um bar em que não está acontecendo coisa nenhuma? Com nada a perder se a gente disser pra nos deixarem tocar uma noite por semana? A gente vai cobrar uma entrada, mas eles podem deixar entrar os frequentadores habituais. Não vão sair perdendo, porque as pessoas que vão entrar comprarão bebidas que de outro modo não seriam vendidas, e a gente terá uma plateia.”

Então todos nós decidimos ficar de olhos abertos.

A gente pegava um ônibus na Segunda ou Terceira Avenida ou coisa assim até Chinatown, pra ir ao loft onde ensaiava. Parece que Verlaine e Lloyd estavam indo pra parada de ônibus, a caminho do ensaio, e avistaram o CBGB's. Foram lá e falaram com Hilly Kristal, o proprietário, e perguntaram se a nossa ideia lhe interessava.

Richard Lloyd: Hilly ficou naquelas: “Que tipo de música vocês tocam?” A gente disse: “Bem, o que significa CBGB-OMFUG?” Ele disse: “Country, Bluegrass, Blues, and Other Music for Uplifting Gourmandizers (*Country, Bluegrass, Blues e Outras Músicas pra Gulosos Entusiasmados*) .” Então a gente disse: “Oh, yeah, a gente toca um pouco disso aí, um pouco de rock,

um pouco de country, um pouco de blues, um pouco de bluegrass...”

E Hilly disse: “Oh, ok, talvez...”

Ele ia fazer o lugar ficar parecido com um drive-in. Ia pôr o palco na parte da frente da casa; desse modo as pessoas também poderiam ouvir a música da rua. A gente disse: “Hilly, isso não vai dar certo – em primeiro lugar, a pessoa que ficar vendendo os ingressos na porta não vai conseguir ouvir nada do que disserem; em segundo, quando as pessoas forem embora, vão passar bem na frente da banda; em terceiro, você vai receber reclamações da rua.”

Isto mostra o tipo de ideias bizarras que Hilly teve desde o começo. Então Terry Ork acabou agindo em nosso nome, pra assegurar uma plateia pra Hilly. Ele disse: “Olha, a banda tem tocado por aí, fazemos a nossa divulgação, vamos pôr um anúncio na *Voice*, vamos assegurar um bar pra você.”

Então Hilly nos deu três domingos consecutivos.

Duncan Hannah: No palco, parecia que Richard Hell e Tom Verlaine poderiam se engalfinhar a qualquer minuto – como se estivessem apenas tentando manter a paz. Às vezes tinham uma briga no palco. Como num domingo de noite, havia só umas quinze pessoas lá, e alguém tocava uma coisa errada, e Tom Verlaine começava a berrar com Richard: “Ah, vá se foder.” E Richard berrava de volta: “Não leve tão a sério, cuzão.”

Danny Fields: Achei o Television fabuloso! Os braços de Richard Hell e o pescoço de Tom Verlaine eram tão encantadores que não precisei mais de arte, música, vida, amor ou poesia pra ficar feliz depois daquilo. Eles eram a coisa mais magnífica que eu já tinha visto. O lance de pele entre aqueles dois... eles tinham as peles mais perfeitas do mundo. A pele de Tom Verlaine e a pele de Richard Hell eram aquele tipo de coisa: “Deus fez estas peles e depois jogou a fórmula fora.” E daí havia Richard Lloyd, com quem trepei.

Todo mundo trepou com Richard Lloyd. Era outro com uma pele magnífica. Era outra beleza magnífica. Era a banda das beldades.

Duncan Hannah: Patti Smith não estava nos shows do Television bem no

começo, mas, quando as pessoas começaram a falar, ela apareceu por lá. Patti sempre agiu como se fosse velha, mas, quer dizer, qual era a idade dela? Vinte e nove? Então ela foi ao CBGB's pra conferir aqueles garotos.

Richard Lloyd: Patti Smith começou a ir ver o Television tocar no CBGB's. Todo mundo viu que Patti estava maluca por Tom. Era uma coisa de piscadelas e amassinhos, sabe como é, “muito a fim”. Acho que Tom era ambivalente. Não creio que ele quisesse ser engolido por ninguém, mas, francamente, eu não estava prestando atenção.

Terry Ork: Patti Smith chegou pra mim e disse: “Quero ele. Quero Tom Verlaine. Ele tem um visual Egon Schiele.” Ela simplesmente me falou: “Você tem que conseguir este garoto pra mim.”

Foi bem simples e direto. Então contei pra Tom. Ele estava muito enamorado por Patti como poeta e performer. Acho que ele soube que ela ia assinar um contrato pra gravar. Mais: acho que ele gostou dela fisicamente, quer dizer, eles tinham o mesmo tipo de estrutura física.

Richard Hell: Não fiquei contrariado quando Patti começou a sair com Tom, a não ser pelo fato de ficar nervoso ao ver Tom fazendo qualquer coisa que enchesse ainda mais o ego dele, ha, ha, ha, porque aquilo foi ficando muito perigoso. Tom se achou grande coisa quando começou a andar com Patti. Mas nunca saí com eles – foi quando eu não consegui ficar perto de Tom, estava simplesmente odiando-o.

Duncan Hannah: Eu sabia que Allan Lanier era o antigo caso de Patti Smith. Eu morava na Rua Thompson, e Patti morava por perto, e me encontrava com ela na lavanderia, que era um tipo de coisa muito Shangri-Las – ela lavava as roupas de Allen.

Eu disse: “O que você está fazendo?”

Patti disse: “Oh, lavando as roupas do meu cara.”

Quer dizer, o feminismo já existia, certo? E isso parecia um tipo de coisa meio servil, mas Patti era tradicional nisso. Não conheci ninguém que falasse daquele jeito: “Yeah, tenho que lavar as roupas do meu homem, porque sou

sua senhora.”

Lavar roupas? Que merda, nenhuma pessoa legal lavava roupas.

Mas Patti me falou do triângulo entre Allen Lanier, Tom Verlaine e ela, que é o tema da canção “We Three”. Era meio que um problema. Patti sabia que eu conhecia Allen – conheci-os como um casal –, e agora tinha conhecido Tom e Patti como um casal, então Patti estava em dois casais. Era um tipo de pequeno escândalo da vizinhança, mas ela estava tentando resolver.

Debbie Harry: Lembro das caras de Patti e Tom quando foram pegos se beijando atrás do CBGB’s, uauu. Tom ficou vermelho, e Patti disse: “Foda-se.”

Na real Patti nunca falou muito comigo. Não éramos nada cordiais – especialmente quando ela apareceu numa audição do Blondie pra baterista. Patti entrou na sala de repente – Clem Burke estava lá comigo –, e ela disse: “Heeey, você é muito bom, como é seu nome?”

Eu disse: “Patti, estou trabalhando com esse cara.”

Ela só disse: “Oh.” Sabe, em vez de: “Oh, me desculpe”, como se ela não tivesse feito nada.

Richard Lloyd: Patti gostava de nós de verdade. Ela era a fim de Tom Verlaine e queria mesmo nos ajudar. A banda dela estava tomando corpo e começando a atrair público, então ela perguntou pra Tom: “Você acha que seria uma boa pra mim tocar no CBGB’s?”

Ele disse tipo: “Acho que seria uma ótima pra você. Por que não fazemos uns shows juntos, dessa forma você vai trazer gente nova pra nós, e nós vamos dar um novo público pra você também.”

Terry Ork: Patti estava sendo empresariada por Jane Friedman, e acho que Clive Davis, o presidente da Arista Records, já estava mostrando interesse em contratá-la, mas Patti e Jane ainda ficavam nervosas em relação a conseguir um contrato pra gravar.

Então cheguei pra Patti e disse: “Hey, escuta, acho que a gente tem uma coisa rolando aqui. Vamos experimentar você e o Television nuns finais de semana. Vamos botar pra quebrar.”

Então eles tocaram nas noites de quinta, sexta, sábado e domingo no CBGB’s, e foi um estouro. Ficou maior e maior a cada fim de semana. Durou seis semanas. Depois disto, cheguei pra Hilly e disse: “Você não pode superar esses números com seu country e seu bluegrass, rapaz!”

E considerei este o começo oficial da cena.

Richard Hell: A cena definitivamente começou a crescer como uma bola de neve. O CBGB’s era sem dúvida o lugar onde as coisas estavam acontecendo, desde a primeira vez que a gente tocou lá. Na real éramos únicos. Não havia no mundo nenhuma outra banda de rock & roll com cabelo curto. Não havia nenhuma outra banda de rock & roll com roupas rasgadas. Todo mundo ainda estava usando purpurina e roupas de mulher. Éramos uns chinelões, arruaceiros sem-teto, tocando uma música poderosa pra caramba, apaixonada, agressiva e também lírica.

Acho que fomos a melhor banda do mundo naquele ano. Bem, nos primeiros quatro ou cinco meses.

Bob Gruen: A primeira vez que vi Richard Hell, ele entrou no CBGB’s usando uma camiseta com um alvo e as palavras *Please Kill Me* (*Mate-me por favor*).

Aquilo era uma das coisas mais chocantes que eu já tinha visto. As pessoas tinham um monte de ideias extravagantes naquele tempo, mas andar pelas ruas de Nova York com um alvo no peito, com um convite pra ser morto – aquilo foi um verdadeiro marco.

Richard Hell: Nem lembro de usar a camiseta *Please Kill Me*, embora lembre de ter forçado Richard Lloyd a usá-la. Eu era um tremendo de um covarde.

Richard Lloyd: Richard Hell tinha desenhado uma camiseta pra ele que dizia *Please Kill Me*, mas não usava. Entrei numa: “Vou usar.” Assim, usei

quando tocamos no andar de cima do Max's Kansas City, e mais tarde uns garotos chegaram em mim. Aqueles fãs me lançaram um olhar verdadeiramente psicótico – olharam o mais fundo possível nos meus olhos – e disseram: “É sério?”

Daí disseram: “Se é isso que você quer, a gente ficará contente em obedecer, porque somos os maiores fãs!” Ficaram me olhando com aquele ar alucinado, e pensei: “Não vou usar esta camiseta de novo.”

Terry Ork: Cheguei pra Hilly e disse: “Escuta, quero voltar aqui com o Television e quero marcar uma data no clube.” Eu disse: “Hilly, olha só o que você conseguiu, olha a multidão que a gente trouxe pra cá!” Passei a maior conversa nele, porque eu queria assumir o controle. Eu disse: “Você tem que pôr música nova toda noite.” A música ainda não tinha um nome.

Hilly disse: “Ok, ok.”

Então a gente fez.

E foi quando a coisa de fato começou a estourar, e a gente começou a pegar outras bandas maravilhosas, como os Ramones.

CAPÍTULO 19

53 com Terceira

Jim Carroll: Eu era um michê de última. Quando tinha quatorze ou quinze anos de idade, andava pela porra da Avenida Greenwich e Rua Christopher – até alguém me alertar pro fato de que, se todo mundo estava dando de graça, não dava pra ganhar dinheiro com isso.

Um monte de garotos fugitivos ia pra Rua 42, como no livro *Teenage Lust*, de Larry Clark, mas pra mim aquilo era só baboseira do tipo *Midnight Cowboy* (*Perdidos na noite*). Então um cara mais velho me deu o toque pra ir pra 53 com a Terceira, que era o ponto dos michês em Nova York.

Aí fui pra lá e me ofereciam um monte de dinheiro, mas então eu tinha que

renegociar, porque, a menos que eu tivesse “poppers” (*nitrito de amila, estimulante com supostos poderes afrodisíacos, de uso frequente na comunidade gay*), só deixava os caras chuparem o meu pau. Ou batia uma punheta neles, ou coisa assim. Nunca deixava os caras me foderem. E não fodia os caras, a menos que tivessem poppers. Se tivessem poppers, eu fodia eles. Bem fodido, ha, ha, ha. Eu gostava quando eles eram gordos, cheios do dinheiro, ha, ha, ha.

Mickey Leigh: Lembro de estar dirigindo pela Rua 53 com a Terceira Avenida e ver Dee Dee Ramone parado lá. Ele estava com uma jaqueta de motoqueiro, de couro preto, a mesma que usaria depois na capa do primeiro álbum. Estava simplesmente parado lá, então saquei o que ele estava fazendo, porque sabia que aquele era o ponto dos michês gays. Ainda assim eu ficava meio chocado ao ver alguém que eu conhecia circulando por ali, tipo: “Putá merda, olha só, é Doug fazendo ponto. Ele está mesmo nessa.”

Jim Carroll: Na verdade eu dizia: “Olha só, não precisa me pagar cinquenta, porque só vou deixar você chupar meu pau, me dá quarenta que está legal.”

Se eu conseguia pegar um cara por quarenta paus, ou mesmo trinta, pra mim era o suficiente, eu caía fora. Não queria ficar circulando por lá. Não queria ganhar um monte de dinheiro fazendo aquilo, sabe como é, trinta paus é o bastante pra ficar numa boa. Fiz por menos do que dez mangos, mas normalmente era mais ou menos vinte e cinco. Algumas vezes eu descolava cem.

Nunca consegui ficar com um veado mais de uma vez. Sair pra almoçar depois, sabe como é? Era baixo astral demais, embora economicamente fosse uma roubada, porque as melhores propostas eram: “More comigo por umas semanas, vou te pagar.”

Mas eu era do tipo: “Não, não, só vou dormir um pouco.”

A não ser que eles tivessem poppers, daí eu podia entrar nessa.

Dee Dee Ramone: A canção “53rd & 3rd” fala por si. Tudo que escrevo é autobiográfico e muito real. Não sei escrever de outro jeito.

Legs McNeil: “53rd & 3rd” é uma canção deprimente. É sobre um cara parado na esquina da 53 com a Terceira tentando fazer programas com homens, mas ninguém nunca o pega. Daí, quando alguém pega, ele mata o veado pra provar que não é uma bichona.

Danny Fields: Não creio que Dee Dee fosse michê em tempo integral e sei que ele era mais a fim de garotas do que de garotos. Acho que isto era muito moderno. Acho que todo mundo deveria ser capaz de trepar com todo mundo e que o gênero sexual deveria ser o de menos. Neste sentido Dee Dee era muito moderno. Não acho que ele se envergonhasse de ter feito o que fez.

Quer dizer, eu fiz michê. Fiz michê por dinheiro. Sabe como é, um garoto pobre e jovem precisa de um cara mais rico e mais velho pra ajudá-lo a atravessar uns momentos difíceis, e qual é o problema se você tem que ir pra cama com eles?

Jim Carroll: Muitas vezes era no carro, mas isto me deixava muito constrangido, por isso eu tentava convencer o cara a me levar pra aquele hotel numa travessa da Segunda Avenida, bem em frente à sinagoga. Os outros caras achavam que eu estava pedindo demais, porque estava pedindo pra eles gastarem mais quinze ou vinte mangos num quarto. Mas eu convencia o sujeito de que ia ser bem mais confortável do que no carro e de que a gente não ia ter que se preocupar com a lei.

Também havia um ponto noturno durante o verão – em Central Park West, bem em frente ao Museu de História Natural. Era muito bom. Quer dizer, sempre achei que o parque era muito melhor do que um carro.

Dee Dee Ramone: Quando eu tinha quinze anos comecei a comprar droga no ponto do Central Park e levar pra minha zona no Queens e revender. Eu comprava meio lote do meu fornecedor, o que era quinze papelotes de dois dólares. Eu conseguia três dólares por cada papelote no Queens, então, se vendesse dez deles, tiraria meu dinheiro e ainda me sobriam cinco.

Você podia cheirar um papelote de dois dólares e ficar chapado. Três papelotes de dois dólares me deixavam numa boa por um dia. Isto foi quando a droga de Nova York estava vindo da França e era uma coisa forte, que fazia você ficar ligado. Droga da boa.

Eu estava me dando bem vendendo droga no Queens, até o dia em que fiquei sem nada e tive um surto de abstinência. Voltei pro apartamento da minha mãe tremendo e sentindo muita dor. Minha mãe ficou tão puta que pegou uma panela de dentro do forno e atirou em mim. Na sequência quebrou meus discos e atirou minha guitarra pela janela. Como o meu pai não estava por lá, eu não tinha mais medo dela, então comecei a gritar: “Dá o fora daqui, sua cadela vadia!”

E ela deu.

Depois da minha mãe me pegar no surto de abstinência e da gente ter aquela briga, eu não podia mais morar na casa. E não tinha nenhum lugar pra morar em Forest Hills. Mas precisava ir pra algum lugar, então decidi ir pra Califórnia de carona.

Uns caras de Flint, Michigan, me pegaram em algum lugar de Illinois com um carro caindo aos pedaços. Não entendo muito de carros, mas aquele era uma verdadeira lata velha. Eles andavam bem devagar montanha acima, depois vinham abaixo feito uns doidos. Aqueles caras pareciam uns doidos de verdade, estavam falando um monte de coisas doentias. Falavam sobre como estavam a fim de arrancar a cabeça de alguém. Queriam estrangular alguém. Tinham um fio de arame delgado com duas argolas e queriam garrotear alguém.

Finalmente pararam num posto de gasolina em South Bend, Indiana, e assaltaram o lugar, e nós todos fomos presos por assalto à mão armada.

Ninguém conseguiu se safar. A polícia nos pegou porque o motorista tentou acelerar a lata velha, e ela afogou. O tira que nos pegou tentou aliviar o meu lado. Me deixou dar dez telefonemas pra tentar conseguir o dinheiro da fiança. Ele foi muito legal. Então liguei pra todo mundo. Liguei pro meu pai, pra minha vó em Missouri, e todo mundo disse: “Foda-se.”

Esta foi a primeira vez que pedi alguma coisa pro meu pai. Fiquei desesperado. Fiquei muito apavorado. Era um lugar da pesada. Meu pai disse: “Foda-se! Apodreça aí, bem feito pra você!” Então fiquei lá e fui condenado a noventa dias porque tinha uma arma comigo. Os outros caras saíram porque os pais deles foram buscá-los.

Eu tinha quinze anos e fui em cana. O presídio era pequeno. Tinha umas dez celas pequenas, e abriam-nas durante o dia e deixavam todos nós numa grande sala. Fiquei na cadeia por três meses e daí me deixaram sair.

Eu não tinha nenhum lugar pra ir, então, depois de voltar da cadeia e da Califórnia, voltei pro Queens. Voltei a morar com a minha mãe, e havia um cara, John Cummings, que virou Johnny Ramone, que morava do outro lado da rua e era meu amigo.

Ele trabalhava numa tinturaria, e eu costumava vê-lo por lá, fazendo entregas. Achei-o cool porque ele se vestia como bem entendia, até quando estava trabalhando. Tinha cabelo comprido, até a cintura, uma bandana tingida, jeans, uma jaqueta Levi's e mocassins Keds. Assim, ficamos nos observando. Não o conhecia muito bem, mas um dia encontrei-o na calçada perto da minha casa – Tommy, Joey, Johnny e eu morávamos bem perto um do outro, naqueles prédios de apartamento legais em Forest Hills –, e Johnny e eu conversamos e comentamos que gostávamos dos Stooges.

Não pude acreditar, porque naquela época ninguém se ligava nos Stooges. Eu tinha crescido na Alemanha e não gostava dos Estados Unidos. Era muito esquisito. Tinha toda aquela música detestável. No começo dos setenta, o rock & roll era do tipo America e Yes – e eu odiava. Foi quando comecei a me ligar nos New York Dolls.

A seguir descobri os Stooges e tudo aquilo pareceu combinar, e os Stooges se tornaram definitivamente o meu grupo favorito. Eu morria de vontade de vê-los, mas eles só vinham a Nova York a cada nove meses mais ou menos. Mas sempre que tocavam em Nova York, eu ia vê-los.

Mickey Leigh: Johnny Ramone foi legal comigo. Ele estava se picando, mas nunca tentou me pôr nessa. Naquela época ele era John Cummings, e o achei cool. Ele usava uma jaqueta de motoqueiro. Uma jaqueta de couro preta. Quando comecei a andar com ele, Johnny foi muito legal comigo. Não sei por quê. Ele gostava de mim por algum motivo. Acho que era porque eu sabia tocar guitarra.

Mas Johnny não estava interessado em conhecer meu irmão, Joey Ramone. Na época Joey se autodenominava Jeff Starship e estava andando com uma

gente esquisita do Village. Meu irmão era um verdadeiro hippie naqueles tempos. Andava por aí sem sapatos, foi pra San Francisco e andou com hippies de verdade. Por isso Johnny não estava nem um pouco interessado em conhecer meu irmão. Joey era um hippie esquistão. E John *odiava* hippies.

Dee Dee Ramone: Eu tinha que andar com diferentes tipos de caras pra usar meus diferentes tipos de droga; desse modo, comecei a andar com Joey porque ele gostava de beber. Mas Joey não podia usar drogas. Tentou, mas não conseguiu lidar com elas. Ele saía do ar. Uma vez vi-o fumar um baseado e começar a se torcer pelo chão em posição fetal, dizendo: “Estou pirando! Estou pirando!”

Joey Ramone: Nunca cheirei cola ou Carbona pra valer. Nunca peguei realmente pesado na cheiração. Cheirei, mas não me aprofundei como Johnny e Dee Dee.

Eles iam pro telhado cheirar Carbona, cola e essas merdas. Era aquela sensação do tipo: “Bzzzz, bzzz, bzzz.”

Dee Dee Ramone: Além de fumar maconha de montão, comecei a cheirar um monte de cola. Usava cola, Tuinals e Seconals. Que loucura, você não conseguia tirar a cabeça daquele saco. Eu costumava usar com meu amigo Egg, porque Egg era um verdadeiro chinelão. Não era a fim de droga, ou maconha, ou ácido, o que ele gostava era de cheirar Carbona, o líquido de limpeza, e cola. Depois que a gente cheirava cola, discava uns números de telefone.

A gente sabia uns números onde se ouvia uns sons estranhos. A gente ligava, e eles faziam: “Beep-beep-beep-beep-beep.” A gente ouvia aquilo por horas. Daí cheirava mais um pouco de cola. Ou, se não conseguia cola, Egg ia ao supermercado, pegava umas latas de creme batido, e a gente cheirava o gás delas. Qualquer coisa pra ficar alto – xarope pra tosse, cola, Tuinals e Seconals.

Mas Joey era um bebum de vinho. Nenhuma outra pessoa que eu conhecia gostava de beber, exceto Joey. Então começamos a ficar amigos. A gente pegava umas garrafas de Boone’s Farm ou Gallo, sentava num alpendre à tarde e ficava bebendo.

Joey me disse que era motorista de ambulância e talvez fosse. Quer dizer, ele tinha carteira de motorista, mas não conseguia se coordenar pra abrir a porta da garagem, ligar o carro e sair antes da porta da garagem fechar. Sabe, ele nem conseguia dirigir. Mas naquela época eu também não conseguia.

Mickey Leigh: Joey era um traste tão grande que a minha mãe botou-o pra fora de casa. Minha mãe tinha uma pequena galeria de arte chamada Art Garden. Joey morou lá por um tempo. Quando minha mãe saía no fim de semana, eu deixava ele vir e ficar em casa e não contava pra ela.

Me senti mal por causa dele. Acho que a minha mãe pensou que estivesse fazendo a coisa certa. Ela estava saindo com um cara, Phil, que mais tarde se tornou um psicólogo. Ele era meio baixinho, tinha barba e era um pouco parecido com Sigmund Freud. Foi Phil quem sugeriu que Joey saísse de casa, porque Joey estava com uns vinte, vinte e um anos e não fazia nada. E não parecia que fosse fazer qualquer coisa.

Joey Ramone: Me sentava com Dee Dee na esquina em frente ao Queens Boulevard e bebia, insultava as pessoas e coisa e tal. Foi quando fui expulso da minha casa. Minha mãe me disse que era pro meu próprio bem.

Então me mudei pra galeria de arte da minha mãe. Eu tinha que me entrincheirar lá muito rápido pra que os caras não me pegassem. Os caras passavam, eu via a luz de uma lanterna e ouvia o rádio da polícia, e eles ficavam batendo na porta, como se pensassem que eu fosse um assaltante. Era uma situação bem tensa. Vivía com medo de que me pegassem. Por isso armava uma barricada com as pinturas bem depressa e dormia no chão. Eu tinha um saco de dormir, um travesseiro e um cobertor e durante o dia trabalhava lá. À noite circulava pelo Coventry, o grande clube de rock & roll do Queens. Uma noite encontrei Dee Dee lá e trouxe-o pra dormir no chão da galeria de arte.

Dee Dee Ramone: Eu estava vivendo por aí, mas a galeria de arte no Queens Boulevard era o meu lar. Nenhuma mobília, coisa nenhuma. Era só uma loja de pinturas, e a gente dormia no chão, no depósito.

Naquela época Joey estava pintando. Picava cenouras, alfaces, nabos e morangos, misturava tudo e pintava com eles. As pinturas dele eram muito

boas. Então ele experimentou fazer fitas de sons diferentes. Uma vez a gente foi no apartamento da mãe dele, que era no vigésimo andar. Estava relampejando, e ele botou o microfone do gravador no parapeito pra gravar o trovão. E o raio atingiu o microfone e queimou tudo.

Às vezes ele me fazia bater a bola de basquete por meia hora e gravava. E depois escutava aquilo o dia todo, deslumbrado.

Soube que Joey tinha estado num hospício. Achei que ele era esperto, porque um monte de gente entra lá e nunca mais sai. E Joey encontrou um jeito de voltar pra rua. E mais: ele sempre teve umas namoradas que conheceu no hospício. Ele dizia: “Conheci-a no malucódromo.”

Joey sempre se deu bem. Sempre tirou proveito de uma situação ruim. Juro: ele sempre se saiu bem. Fez isso melhor do que ninguém. Era como um cafetão. Até conseguiu que uma daquelas garotas montasse um apartamento pra ele na Union Turnpike. Ela tinha um apartamento bem legal e pegou uns discos pra ele, tipo “Be True to Your School” e “Caroline”, os discos dos Beach Boys.

Mickey Leigh: Acho que ter estado no hospício ajudou Joey porque, quando saiu, ele tinha feito amizades com toda aquela gente de lá, especialmente com todas aquelas minas.

Ele trazia aquelas garotas que tinha conhecido no hospício pra casa da minha mãe. Ele tinha uma garota que não era feia, mas ela estava fora do juízo. Ela pegava meu violão e começava a cantar. Compunha canções. Era uma folkie, uma hippie folkie. Joey e essa mina estavam fundo naquela coisa psicológica introspectiva, e ela escrevia canções desse tipo: “Oh, estou desamparada, e você é tão bonito.” Achei a maior bosta. A porra da canção me dava vontade de vomitar.

Desse modo, acho que Dee Dee e Johnny começaram a gostar de Joey porque pensaram que ele fosse realmente doente. Tudo que interessava a Johnny naquela época era quão doente você podia ser. Qualquer um que fosse realmente doente era cool. Ele achava que Charles Manson era um cara cool. Esta foi uma das coisas que começou a me afastar de Johnny, sabe, que ele glorificasse gente como Charles Manson. Qualquer um que fosse realmente

doente, demente, diabólico e violento eles achavam cool. Johnny tinha ficado tão pirado que era capaz de aceitar até a associação com o meu irmão, embora eu não ache que ele levasse Joey muito a sério.

Foi por essa época que Joey começou a se ligar no glitter e entrou na sua primeira banda. Joey entrou na banda Sniper e começou a pegar caronas no Queens Boulevard pra ir naquele clube chamado Coventry. Acho que Joey se tornou o vocalista da Sniper respondendo um anúncio no *Village Voice* : “Vamos botar umas roupas bacanas e ser as estrelas de amanhã.”

Dee Dee Ramone: Vi a Sniper tocar com a Suicide uma noite, Joey era o vocalista e era genial. Tinha um ar realmente doente. Achei que Joey era o cantor perfeito porque tinha um visual muito esquisito. E o jeito que ele se apoiava no microfone era realmente esquisito. Fiquei me perguntando: “Como ele está se equilibrando?”

O lance era que todos os outros cantores estavam copiando David Johansen, que estava copiando Mick Jagger, e eu não aguentava mais aquilo. Mas Joey era completamente original.

Mickey Leigh: Foi Joey quem se ligou no glitter pra valer. Eu não gostava do glitter, pra mim era muito afetado e pretensioso. Pensei: ou você é homo, ou não é. E, como eu não era homo, não ia começar a ser só porque Lou Reed estava nessa.

Mas Dee Dee e todos aqueles caras me ridicularizavam. Eu ainda saía todos os dias, e Dee Dee andava abraçado num tal Michael, agindo como uma pera. Eles faziam de propósito – pra chocar e se isolar de todo mundo. Acho que isso fazia com que se sentissem mais bacanas. E sempre que eu via Dee Dee na rua, ele me dizia: “Oh, você ainda parece um hippie. Por que você não se liga? Você é uma bicha.”

Ele dizia essas coisas porque eu ainda me vestia como os Ramones finalmente começariam a se vestir. Eu usava apenas jeans, tênis e camiseta. Mas eles estavam todos enfeitados, no glitter e aquela merda toda. Até John.

Mas Joey se ligou no lance glitter de verdade. Estava roubando todas as joias da minha mãe, as roupas, a maquiagem e os lenços dela, o que causou ainda

mais brigas entre eles. Ela teve um chilique quando viu que todas suas roupas tinham desaparecido. Este era outro motivo pra eu não gostar do glitter – tinha causado mais brigas em casa.

Achei maravilhoso que Joey estivesse numa banda, mas era muito perigoso pegar carona no Queens Boulevard com o visual de Joey. Pra começar, Joey tem um aspecto incomum, tão alto – ele tem uns dois metros ao natural, mas com sapatos de plataforma ficava com mais de dois metros e dez de altura. E usava um macacão de mulher, do tipo paraquedista. Naquele tempo, você não podia mesmo fazer uma coisa daquelas em segurança. Você estava se arriscando ao pegar uma carona no Queens Boulevard com um visual daqueles.

Joey Ramone: Eu pegava carona completamente produzido. Usava um macacão preto feito sob medida, umas botas de plataforma maravilhosas – todos os tipos de pedrarias – montes de cintos balançantes e luvas. Eu pegava caronas, mas esta foi a minha primeira experiência com bichas. De repente você estava no meio do caminho, e eles diziam: “O que você acha de ir pra baixo da ponte?” Normalmente, se eu já estava bem perto, simplesmente saltava do carro.

Mickey Leigh: Finalmente ele levou uma surra. Rebentaram o nariz dele. A gente teve que pegá-lo e levar pro hospital Elmhurst. Fiquei mal.

Daí a Sniper ficou fixa no Coventry – tocando umas vezes por mês –, assim eu quis conferir, ver o que estava rolando. Quando cheguei lá, era uma verdadeira multidão glitter – todo mundo estava ligado na banda The Harlots of 42nd Street. Por isso pensei que ia ser uma porcaria.

Fiquei chocado quando a banda apareceu. Joey era o vocalista, e não pude acreditar no quanto ele era bom. Porque ele tinha ficado na minha casa, com meu violão, escrevendo umas canções tipo “I Don’t Care”, detonando meu violão, e de repente ele é esse cara no palco de quem você não consegue tirar os olhos.

Fiquei abismado. Fiquei chocado.

Não achei a banda Sniper grande coisa, mas fiquei muito impressionado com

o meu irmão. Ele se movia do jeito que viria a fazer no começo dos Ramones. Eu disse pra ele: “Não acredito. Não acredito como você está se saindo bem, como você está desempenhando.”

Joey Ramone: Era a época do glitter, e os New York Dolls e o Kiss vinham tocar no Coventry, todas aquelas bandas vinham de Manhattan. Daí a Sniper começou a tocar no Max's, e então me deixavam entrar de graça, e eu ia ver os Dolls e perambular por lá.

Dee Dee Ramone: Finalmente arrumei um emprego trabalhando como funcionário da correspondência num prédio de escritórios. Pegava a correspondência de manhã e distribuía, tinha meu carrinho de mão e o organizava de acordo com a distribuição das mesas do escritório. Daí entregava a correspondência e batia um papo furado com as pessoas. Depois fazia tudo de novo dez vezes por dia, então ia pra casa e me embebedava.

John Cummings era peão numa obra no número 1633 da Broadway. Fui transferido pra lá, e eu e Johnny nos encontrávamos todo dia pra almoçar. Geralmente a gente ia no Metropole, um go-go club, e tomava umas cervejas. Depois que ficávamos meio bebuns, íamos na Manny's Guitar Store, na Rua 48, que ficava do lado, olhar as guitarras.

Então um dia, era uma sexta-feira, dia de pagamento, e nós dois compramos uma guitarra cada um e decidimos começar uma banda. Ele comprou uma Mosrite, e eu comprei uma Danelectro.

Joey Ramone: Um dia recebi uma ligação, e Johnny e Dee Dee me perguntaram se eu queria entrar na banda deles. Eu disse: “Yeah.”

Dee Dee Ramone: Monte Melnick deixou que ensaiássemos de favor num lugar chamado Performance Studios. Foi quando na real os Ramones, de alguma maneira, começaram. A gente tentou tirar umas canções de discos, mas não conseguiu. Eu não tinha ideia de como afinar uma guitarra e só conhecia o acorde Sol. Nenhum dos outros era melhor do que eu. Joey começou tocando bateria no primeiro ensaio. Levou duas horas pra montar a bateria. A gente esperou e esperou pra Joey pôr a bateria em ordem. Não aguentei, por isso comecei a tocar. A gente parou depois da primeira canção, e olhei pra Joey, e ele não tinha o banco no estrado da bateria. Estava só

sentado no chão, no lugar onde o banco deveria estar. Este foi o nosso primeiro ensaio.

Joey Ramone: Nós éramos só três. Eu estava na bateria. Dee Dee estava tocando guitarra base e fazendo o vocal. Quando Dee Dee começava a cantar, parava de tocar porque não conseguia cantar e tocar ao mesmo tempo.

Dee Dee Ramone: Finalmente a gente começou a mandar brasa e castigar os instrumentos. Na real ninguém estava preparado. Eu estava tão bêbado que caí de costas e esborrachei meus amplificadores. Eles começaram a chiar e pararam de funcionar. Monte estava farto. Ele tinha feito um favor nos botando lá, e a gente tinha feito uma lambança. Mas quando voltamos, na semana seguinte, ele nos deixou entrar assim mesmo. Joey tinha escrito umas canções, uma chamada “What’s Your Game?” e uma outra chamada “Suck You Buss”. Como Joey sabia as letras, cantou enquanto tocava bateria, e naquele instante a gente viu que ele tinha que ser o cantor. Troquei pro baixo. Eu disse pra Johnny que queria que Joey fosse o vocalista, e ele disse que tudo bem.

Joey Ramone: O que aconteceu foi que eles ficavam tocando cada vez mais rápido, e eu não conseguia acompanhar na bateria. Era rápido demais. A cada ensaio ficava um pouco mais rápido. Então me pediram pra cantar, na verdade foi Dee Dee, porque ele tinha me visto na Sniper e achou que eu não era como nenhum outro. Todos os outros estavam imitando Iggy ou Mick Jagger.

Dee Dee Ramone: Joey virou o vocalista, Johnny ficou na guitarra e Tommy Ramone, que estava nos empresariando, finalmente teve que sentar atrás da bateria porque ninguém mais queria. Isto completou a formação original dos Ramones. Mas não sabíamos o que fazer quando começamos a tocar. A gente tentava umas canções do Bay City Rollers e não conseguia fazer de jeito nenhum. Não sabíamos como. Por isso começamos a escrever nossas próprias coisas e ajeitá-las do melhor modo que conseguíamos.

Escrevemos “I Don’t Wanna Walk Around with You” e “Today Your Love (Tomorrow the World)”. Uns dias depois a gente escreveu “I Don’t Wanna Go Down in the Basement” e “Loudmouth”. Acho que a seguir Joey escreveu “Beat on the Brat” (*Pau no pirralho*). Era uma história verídica. Joey viu

uma mãe atrás de um garoto com um bastão no prédio dele e escreveu uma canção sobre isso.

Joey Ramone: Forest Hills era uma zona de classe média cheia de gente rica metida a besta e seus pirralhos berrões. Era cheia daqueles porras de garotinhos correndo por lá, que eram realmente irritantes. E não é que os pais batessem neles, era você que tinha vontade de bater neles, eram uns pirralhos mimados. Estavam tão fora de controle e impunes que você tinha vontade de matá-los.

Foi por essa época que fiz também a canção “Judy is a Punk”. Vinha caminhando pela rua, por aquele lugar chamado Thorny Croft. Era um prédio de apartamentos onde todos os garotos da vizinhança ficavam curtindo e bebendo no telhado. E lembro de estar caminhando por lá e fazer o primeiro verso. Depois estava em outra rua, e surgiu o segundo verso.

Dee Dee Ramone: Depois de um dos primeiros ensaios, Tommy e eu fomos pro escritório do estúdio porque ele disse que queria falar comigo. Ele disse: “Como você acha que deveríamos chamar o grupo?”

“Oh, não sei”, eu disse. “Que tal The Ramones?” Daí, de algum jeito, todo mundo pegou o nome Ramone e acrescentou ao seu nome, e nos tornamos os Ramones.

Debbie Harry: Chris Stein e eu encontramos Tommy Ramone na rua, e ele disse: “Oh, tenho uma banda. A gente está fazendo um showcase, vocês deviam vir.”

Então a gente foi ao Performance Studios. Foi maravilhoso. Foi hilariante. Joey não parava de cair. Ele é tão alto e desajeitado. Joey não conseguia enxergar muito bem, ainda por cima estava de óculos escuros, e ficava cantando e, de repente, WHHHOMP, e lá estava ele caído de cara na escada que levava ao palco.

Então o resto dos Ramones puxavam-no de volta e iam em frente.

David Johansen: Sou de última. Uma vez eu e Syl estávamos saindo do Performance Studios, e Monte tinha posto os Ramones ensaiando lá nos

fundos. A gente estava saindo e viu os Ramones ensaiando e disse: “Oh, esqueçam! Desistam!”

Sou realmente de última. Não acerto uma. Também lembro de ter dito pra Chris Frantz, o baterista dos Talking Heads: “Você é um garoto tão legal. Por que você quer fazer isso? Você não tem a menor chance.”

Yeah, eu era uma verdadeira fonte de inspiração.

CAPÍTULO 20

Então você quer ser (uma estrela de rock & roll)

Penny Arcade: Eu estava morando no Maine e vim pra cidade visitar umas pessoas, e Robert Mapplethorpe disse: “Veja, você não pode ir embora sem ver Patti se apresentar hoje à noite. *Horses* foi recém-lançado, e ela vai estar um arraso.”

Ele me disse que ela estava tocando no Ocean Club, em Lower Manhattan. Então eu disse: “Ok, irei.” Eu sabia que o Ocean Club pertencia a Mickey Ruskin, que tinha sido dono do Max’s, e sabia que sempre pude entrar no Max’s, certo?

Cheguei lá à uma da manhã, e havia três mil pessoas tentando entrar. Consegui me esgueirar até a porta e chamar a atenção do porteiro e disse: “Por favor, quero entrar.” Ele disse: “Yeah, as outras três mil pessoas também.”

Eu disse: “Não, você não entendeu. Sou uma velha amiga de Patti. Patti me quer aí.”

Ele disse: “Yeah, todo mundo é um velho amigo de Patti.”

Enfim Mickey Ruskin me deixou entrar no Ocean Club. O lugar estava completamente repleto, e a gente foi avançando até a frente aos empurrões.

Então vi Lenny Kaye no palco, com a mesma cara de sempre, e lá estava Patti – de joelhos, arranhando a guitarra, sabe-se lá o que ela estava fazendo. Fiquei tão empolgada por vê-la que corri pra frente dizendo: “Patti Lee! Patti Lee!”

Era como eu a chamava no tempo em que éramos amigas. As pessoas não a chamavam de Patti Lee, então concluí que ela sabia que era eu. Mas bem do meu lado havia todos aqueles garotos de dezessete anos, e todos estavam dizendo: “Patti Lee! Patti Lee!”

Fiquei tipo: “Não estou entendendo.”

Eu estava envolvida com música naquele tempo e tinha recém-comprado um pandeiro novo, que estava comigo. A banda entrou num daqueles longos instrumentais, e Patti estava embaixo da bateria, sabe como é, engatinhando entre a bateria e o tecladista – completamente distraída.

Então pulei e me sentei num dos camarotes. Comecei a tocar meu pandeiro novo, um instrumento turco de metal, e ele tinha um som realmente incrível. O artista Larry Rivers estava sentado no camarote ao lado, e uma mulher que estava com ele se inclinou pra frente e disse: “Quer parar de fazer isso? Isso deixa Patti nervosa.”

Olhei pra ela – Patti estava de frente pra bateria – e disse: “Isso deixa Patti nervosa? Como é que você sabe?”

Mas eu não queria incomodar ninguém e odiei aquela cadela, sabe? Mas Lenny Kaye me viu e disse no microfone: “Não acredito, Penny Arcade está de volta!”

Certo, agora então sou alguém. Larry Rivers tinha se virado pra mim, fazendo: “Uau!” O show termina, e Patti deixa o palco.

Mas não sei se Patti ouviu Lenny ou não, ou se estava muito louca, mas acho que na real ela estava fora do ar. De qualquer maneira, não demonstrou saber que eu estava lá. A próxima coisa que vi foi Lee Childers chegar e dizer: “Cara, você aparece e nunca diz nada pra ninguém”, e blah, blah, blah.

Então Leee me diz: “Olha, tem alguma coisa que eu possa fazer por você? Quer alguma coisa?”

Eu disse: “Quero ver Patti, mas não quero enfrentar nenhuma chateação.”

Ele disse: “Está na mão.” Então me leva pro andar debaixo e vai empurrando as pessoas pra fora do caminho, dizendo: “Esta é Penny Arcade, ela é amiga de Patti.”

A gente chega na última porta, e lá está a mina que estava com Larry Rivers, parada na frente da porta me olhando – eu usava duas tranças, estava com uma camisa de flanela e jeans, sabe como é, eu morava no Maine. E a mina diz: “Quem você pensa que é?”

Eu disse apenas: “Quero ver Patti.” Bem fria, sem emoção – “Quero ver Patti.” E Leee diz: “Sai da frente, porra!” Ele a empurra pra fora do caminho, e a gente entra na sala. É um porão, com uma lâmpada pendurada do teto, e há uma mesinha com comida. E nuvens de pessoas, como mosquitos. Um monte de gente.

Lenny Kaye diz: “Penny!” Ele chega, me abraça e me dá um beijo. Me apresenta pra namorada dele e diz: “Penny me apresentou pra Patti!”

Ele foi muito bacana, e a gente ficou conversando uns minutos. Daí o baterista, Jay Dee Daugherty, chega e diz: “Hey, você é a garota que estava tocando pandeiro. Cara, esse pandeiro é demais, consegui ouvi-lo acima da minha bateria.” E ele foi muito legal comigo.

Logo que ele se afastou, um enxame de garotos de dezessete, dezoito, dezenove, vinte anos de idade, sabe-se lá que idade – eram muito jovens pra mim, porque eu tinha vinte e seis anos –, chegou em mim querendo saber: “Quem é você?”

Eu disse: “Ninguém.”

Eles ficaram dizendo: “Quem é você? Você estava conversando com Lenny Kaye e Jay Dee. Quem é você? Você é alguém, a gente sabe que você é alguém.”

Eu só disse: “Não, cara, não sou ninguém.” Eu disse: “Mesmo, você deviam ir falar com outra pessoa, porque não sou ninguém.” E eles disseram: “Ok, obrigada, cara”, e foram mesmo. Não pude acreditar naquilo. Foi tão mercenário, tipo: “Você não é ninguém, não pode fazer nada por nós, vamos dar o fora.”

Eu não aguentava mais. Fiquei olhando pra uma fruta que estava em cima da mesa e tudo em que pude pensar foi: “Houve ratos por aqui a noite inteira, ratos correndo em volta dessa comida. Os ratos roçaram na comida.”

Finalmente vi Patti, e ela estava conversando com Tom Verlaine. Patti tinha me escrito sobre Tom Verlaine, por isso eu sabia dele. E lá está ela conversando com ele, e ela fala, fala, fala. E aqui estou eu parada, e ela sabe que estou aqui.

Finalmente ela anda, e penso que virá falar comigo, mas um sujeito de vinte e dois anos de idade a agarra e diz: “Escuta, Patti, cara, tenho que te contar, cara, minha namorada quis entrar aqui, ela é uma estrela de verdade, porra, sabe, ela é uma estrela de verdade, e não a deixaram entrar porque ela é uma estrela de verdade, sabem que ela é uma estrela e não a deixaram entrar, porra.”

E Patti começou uma conversa séria com aquele sujeito. Não pude acreditar. Estou parada lá, e ela não está conversando comigo. Não pude aguentar; assim me aproximei e disse: “Patti.”

Estendi a mão, fazendo o nosso velho lance, que era como um aperto de mão de garotos. Ela diz: “Uau, Penny, cara, uau, cara, você parece exatamente a mesma, cara, você continua igual.”

Eu disse: “Yeah, você também.”

Mas não senti nenhuma conexão. Senti como se houvesse uma tela entre nós. E ela diz: “Cara, preciso de um cigarro, já volto.” Então ela vai conversar com Tom Verlaine de novo e não volta. Simplesmente não volta. Fico parada lá, pensando: “Que porra que estou fazendo aqui? Não sou a fim de ficar aqui.”

Tão logo isso passa pela minha cabeça, chego pra Patti e digo: “Desculpa, Patti, vou dar o fora. Não estou a fim de ficar aqui. Só vim ver você.”

Ela disse: “Espera aí, onde você está indo, cara? Onde você está indo?”

Eu disse: “Bem, vou dar o fora.” Então Patti diz: “Bem, onde você está morando, cara? Você está morando na Espanha? Ou está morando no Maine? Onde você está morando, cara?”

Eu disse: “Estou morando no Maine”, e ela disse: “Ãã, Penny, cara, não estou me sentindo muito bem, meu estômago está doendo.”

Botei minha mão no estômago dela e disse: “Qual é o problema, Patti?” Ela estava dizendo: “Cara, você sabe...”

Olhei pra ela e de repente me dei conta de quem Patti tinha sido – como ela tinha sido com os amigos dela –, agora ela estava usando aquilo desse jeito público. Por isso ela não podia mais ser aquilo pra mim, porque agora ela o era pra todo mundo. E percebi que Patti tinha sessenta pessoas em volta dela dizendo-lhe que ela era a melhor coisa desde a invenção da roda, e pra ela ver alguém como eu, que a conhecia, ela simplesmente não podia me ver. E me senti muito mal por ela. Mas ainda assim eu não estava a fim de ficar lá.

Então vou pra rua aos trancos e não tenho dinheiro nenhum. Tenho oito dólares no bolso, mas preciso deles pra voltar pro Maine, então faço sinal pra um táxi e digo pro motorista: “Tenho que ir pra Rua 14 com a Sétima Avenida, quanto isso vai me custar?”

Ele diz: “Vai custar uns dez dólares.” Eu digo: “Bem, cara, não posso pagar isso. Preciso do dinheiro.”

Então vou caminhando, são quatro da manhã, e de repente aparece um táxi, e Lee Childers está lá, berrando: “Penny, onde você está indo? Entra.”

E digo: “Uau, cara!” Sabe como é, tipo meu salvador, certo? Então entro, e tem uma garota no táxi – uma garota magrinha, com uma camiseta de Patti Smith. E ela está histérica, meio que exclamando: “Não posso acreditar, cara, eu, eu, eu conheci Patti, porra, cara. CONHECI PATTI!”

Fico olhando pra ela, e ela não vai ficar fora de si, certo? Lee me apresenta pra ela e diz: “Esta é Patti, e ela faz estas camisetas de Patti Smith.”

Digo: “Oh, cool. Maravilhoso, uma foto de Patti Smith numa camiseta.”

Então Lee diz pra garota: “Quero que você conheça Penny. Penny é muito amiga de Patti Smith. Você tem que conhecer Penny, ela é uma velha amiga de Patti, muito íntima.”

Fico pensando: “Não quero conhecer esta garota. Não estou interessada nela.”

E a garota olha pra mim e diz: “Uau, você conhece Patti? Quer dizer, você realmente *conhece* ela? Me fala dela.”

Digo: “O quê? Uh, não sei. O que você quer saber, não sei de nada.”

Ela diz: “Cara, conheci Patti, cara, *conheci* Patti!” Agora ela está chorando, certo – “Conheci Patti, e, *conheci* ela, e ela, ela, ela *me* perguntou qual era o *meu* nome, e eu, eu, eu não podia dizer pra ela que o *meu* nome também é Patti, então eu disse apenas X.”

Eu disse: “PARA ESSA PORRA DESSE TÁXI! PARA O TÁXI!”

Lee disse: “Onde você está indo?”

Eu disse: “Vou cair fora daqui.” E desci, caminhei e fiquei pensando: “Cara, que porra é essa que está acontecendo?”

CAPÍTULO 21

A morte dos Dolls

Debbie Harry: Um dia eu estava no apartamento de alguém na Rua 13, e de repente uma caminhonete para na frente do edifício, e Malcolm McLaren abre o porta-malas e começa a tirar aqueles trajes emborrachados e sapatos de plataforma e a vendê-los na rua.

E todo mundo foi correndo até lá pra comprar aquelas coisas. Malcolm conhecia Janice, a namorada de Johnny Thunders, e ela arranhou pra que ele aparecesse. Assim, acho que ele sabia que a gente ia estar lá e ia querer comprar aqueles troços, porque naqueles tempos havia uma oferta muito limitada de trajes emborrachados.

Adorei as roupas dele, mas não tinha dinheiro pra comprar nada. Malcolm ficou por lá, murmurando, vendendo suas roupas do porta-malas do carro. A gente não sabia quem era Malcolm, mas naquele dia descobriu.

Malcolm McLaren: Os Dolls tinham vindo muitas vezes na minha loja quando estavam em Londres e ficaram completamente espantados e chocados com a loja naquela época, porque não havia absolutamente nada parecido em Nova York. Em Nova York ninguém vendia cultura rock & roll na forma de roupas e música num lugar específico.

E a loja, Sex, tinha uma ideologia definida, o lance não era vender coisa nenhuma, era criar uma atitude. Não era uma porra de uma loja careta dos anos dourados, longe disso.

Comecei a empresariar os Dolls mais ou menos uns dois anos depois de eles terem vindo pra Inglaterra. Foi a minha *raison d'être* pra viver em Nova York. Quer dizer, eu não tinha um motivo pra sequer estar lá. Fui pra Nova York pra fugir de Londres. Eu estava simplesmente entediado, estava completamente entediado – sabe como é, estava abrindo os meus olhos. Quer dizer, nós todos fugimos, metade do motivo pra alguém entediado se envolver com a cultura pop era sair da Inglaterra, ha, ha, ha.

Os New York Dolls foram uma aventura que eu quis ter e através dela ver o mundo. Foi um jeito de viajar. Mas de saída peguei doença venérea, o que foi muito revoltante, e pensei: “Ooh, Nova York é um bocado suja.”

Fui levando e fui levando, mas todas as garotas em volta dos Dolls eram umas malditas transmissoras de doenças, e então o clima de diversão ingênua de repente foi embora. De repente fiquei terrivelmente paranoico e tive que olhar pra elas com um olhar diferente. Sabe como é, uma espécie de pensamento de estrangeiro limpo: “É foda, essa gente é imunda.”

Bob Gruen: Malcolm fez aqueles conjuntos de roupas pra todo o New York Dolls. David ficou com um terno de gabardine, e alguns dos outros quiseram verniz. Mas era tudo em vermelho vivo – toda a banda estava de vermelho.

Então Malcolm decidiu ter um partido vermelho. E fez aquela enorme bandeira comunista pra pôr atrás da banda. E não era um partido comunista de verdade, era um partido vermelho. Mas o significado disso meio que escapou às pessoas, porque os americanos ficaram muito excitados quando se falou sobre comunistas.

Na real, Malcolm e a banda não combinaram neste aspecto, porque Malcolm queria ficar político de verdade e deixar as pessoas excitadas em nível político.

Malcolm McLaren: Os New York Dolls eram divertidos porque eram uma porra de um bando de bastardos vaidosos, e, sendo bastardos vaidosos daquele jeito, pensei que eram ligados àquela ideia de narcisismo tão evidente na geração de 60 – de não querer crescer nunca. E esta ideia de não querer crescer nunca – os Dolls a simbolizaram na sua forma transexual de vestir e na ideia geral de permanecer uma boneca, uma bonequinha.

Então tentei pôr política na roda. Havia toda uma noção geral de “política do tédio” e toda aquela ideia de vestir os Dolls de vinil vermelho e dar o *Livro vermelho* de Mao pra eles – eu adorava foder com aquele tipo de cultura pop-trash de Warhol, que era tão católica, tão chata e tão pretensiosamente americana, onde tudo tem que ser um produto, tudo tem que estar à venda.

Pensei: “Foda-se. Vou tentar fazer dos Dolls o oposto total. Não vou deixá-los à venda. Vou dar um ponto de vista político sério pra eles.”

Terry Ork: Eu estava a fim de que o Television tocasse junto com os New York Dolls, e Malcolm McLaren tinha sido recém-contratado como empresário deles; por isso começamos a procurar um lugar fora do CBGB’s onde as duas bandas pudessem tocar juntas. Alguém sugeriu o Hippodrome. Então eu e Tom Verlaine fomos ver David Johansen pra acertar as condições pra tocarmos juntos, e, quando ele foi embora do seu loft, Verlaine disse: “Cara, você viu como ele está?”

Eu disse: “O quê?”

Tom disse: “Ele está apavorado, cara. Deu pra eles.”

Eu disse: “Oh, não. Não vi isso.”

Mas vi no Hippodrome. Foi bem ruim – usando uns trajinhos de plástico vermelho e a bandeira com foice e martelo atrás deles. Eu disse: “Uh, oh, não é assim que me lembrava dos Dolls.”

A coisa estava errada. Eles não tinham nenhuma energia. Pareciam sem graça nos seus trajinhos. Sabiam que estavam apenas tentando parecer diferentes. Então eu disse pra Malcolm: “Isso pode funcionar em Londres, em King’s Road, mas aqui não.”

Gail Higgins: A gente ODIOU Malcolm. Ele estava botando os Dolls naqueles trajes vermelhos inspirados nos comunistas e fazendo toda a coisa política, e os Dolls não tinham nada a ver com política. Nenhum deles entendia coisa alguma de política. A gente achou aquilo ridículo.

Fomos ao show do Hippodrome, e Malcolm estava na porta, e Janice e eu não estávamos na lista de convidados. Berrei pra ele: “Acho melhor você descobrir quem são os amigos dos Dolls!” Daí ele nos deixou entrar.

Jerry Nolan: Aquela porra daquela andança com Malcolm foi uma palhaçada muito metida a besta. Ele nos vestiu com roupas iguais de couro vermelho pra tocar na frente de uma bandeira comunista gigante. Foi tão estúpido!

Malcolm nos pegou num momento muito vulnerável. As limos eram coisa do passado. Depois Malcolm tinha agendado uma horrível série de shows pra nós na Flórida, naqueles terríveis clubes nos cafundós, e a gente não ficou contente com aquilo.

Eileen Polk: O show no Hippodrome foi um sucesso, e eles decidiram fazer a turnê Red Patent Leather pela Costa Leste. O primeiro show da turnê era na Flórida, e pouco antes deles partirem Malcolm me disse: “Sabe, vamos ter que pôr Arthur numa clínica de desintoxicação antes de entrar em turnê,

porque não podemos ir pra estrada com ele desse jeito.”

Acho que Malcolm ficou contente por Arthur estar comigo em vez de Connie. Então colocaram-no na desintoxicação por cerca de um mês, e falei com ele todos os dias, e ele me dizia como era legal conhecer todos aqueles caras que estavam sem beber e como as coisas tinham mudado pra ele e blah, blah, blah.

Bob Gruen: Atribuo ao Malcolm ter salvo a vida deles. Ele pôs Johnny e Jerry em programas de reabilitação e pôs Arthur no hospital, porque ele era alcoólatra a ponto de cair na sarjeta. Todo mundo sempre se refere a Malcolm como empresário dos New York Dolls, mas ele só organizou os últimos shows. Porque ninguém mais estava fazendo coisa nenhuma por eles.

Malcolm McLaren: Eu era um empresário de *Páginas Amarelas* naqueles tempos. Na real, apenas tentei fazer o meu trabalho. Lá estava eu, sou inglês, a gente faz desse jeito – “Ok, rapaz, você tem bebido demais, é melhor a gente levá-lo pra essa clínica. Ok, Arthur, você se apresenta às nove horas, vou passar na sua casa, por favor, esteja pronto, faça uma malinha, vou despachá-lo por umas poucas semanas, não se preocupe, vai dar tudo certo, vou visitar você a cada três dias e sim, claro que mandarei Johnny e David, irei pessoalmente com eles, não tem problema. Sim, você vai ter algum dinheiro, você só terá direito a um ovo cozido por dia, e faço questão de que você namore bibliotecárias daqui por diante.”

Eileen Polk: Arthur sai do centro de desintoxicação, e eles estão se aprontando pra partir pra turnê na Flórida, e uma hora antes de Malcolm ir pegá-los Arthur aparece na minha casa com uma garrafa de whisky. Foi muito triste, porque ele tinha recém-saído do hospital, e pensei: “Vão pensar que fui eu que dei pra ele, e não fui.”

Syl Sylvain: A gente ficou na casa da mãe de Jerry Nolan na Flórida. Ela tinha um estacionamento de trailers que era como um motel. Ela tinha seis trailers que alugava como quartos de motel. Malcolm levou os Dolls pra lá, e ela nos deixou usar três trailers.

Toda noite antes do show a gente jantava na casa da mãe de Jerry, que não era um trailer, mas uma casa de verdade. No começo foi divertido, aqueles

primeiros jantares, e durante o dia a gente ia na loja da Marinha, e todos pegavam aquelas porras de roupas do exército e outras merdas. Éramos como uns garotinhos, sabe, vestindo nossas jaquetas blue jeans bem curtas, exibindo os umbigos, com calças do exército e andando por aí na caminhonete Fury III que o produtor tinha alugado pra gente.

Mas então, depois da gente já estar lá há uma semana, começou a encher, encher e encher. Já não era mais legal.

Jim Marshall: Quando eu tinha quinze anos, os New York Dolls acabaram fazendo um giro de duas semanas na Flórida, perto de onde cresci. Foi meio estranho eles acabarem por lá, porque já fazia um tempo que a gente não ouvia falar nada deles. O segundo álbum deles, *Too Much Too Soon*, assim como veio, se foi. Acho que não vendeu muito e certamente não tocou na rádio de lá.

Assim, quando eles vieram pra Flórida, a nossa turma ficou andando em volta deles todo o tempo – porque eles eram de Nova York, e os Stooges nunca tocaram na Flórida, e o MC5 tinha acabado há tempo, então eles eram definitivamente a única atração na cidade.

Mas era óbvio que Johnny Thunders e Jerry Nolan estavam se drogando direto naquela época, porque estavam pegando garotos da minha turminha pra ir pra Miami descolar droga pra eles. Johnny Thunders só dizia assim: “Onde consigo drogas?”

Obviamente, todos nós venerávamos totalmente os Dolls. Na Flórida, se você gostasse de rock & roll, só havia Allman Brothers e Lynyrd Skynyrd, e eu odiava aquela merda. Então, ter os Dolls lá era bacana, e a gente estava disposto a ir a Miami pra pegar drogas pra eles.

Eles não iam conosco pegar as drogas, ficavam sentados no quarto do hotel esperando voltarmos. Nos davam dinheiro, se tinham – no começo não davam –, mas quando ficou óbvio que tinham que entrar com um pouquinho de dinheiro, sempre tentavam escapar. A coisa que me impressionou foi que eles viviam pedindo as roupas das pessoas, especialmente das garotas. Era meio assim: “Gostei da sua camisa. Posso ficar com ela?”

Peter Jordan: Malcolm era panaca. Ele dizia coisas do tipo: “Oh, Senhor!” A gente foi pra praia uma vez, e ver Malcolm na praia foi HILARIANTE! Ele estava todo arrumadinho, todo arrumado com aquelas porras de roupas! Eu disse: “Malcolm, você está usando meias e sapatos, porra? A gente está na Flórida, na praia!”

Malcolm disse: “Oh, Pete, você vai se queimar, filho. Você vai se queimar.”

Eu disse: “Malcolm, é a porra da praia, você vem pra cá, passa essa porra desse creme e não se queima, porra.” Ele disse: “Oh, não, oh, não.”

Syl Sylvain: Daí tivemos que ir de perua pro interior pra fazer um show em algum barraco de madeira – mais pra galpão do que pra barraco –, e havia umas vinte pessoas lá berrando: “Toquem Rolling Stones!” Aí a gente viu que não estava se dando bem.

Outro problema foi que Jerry e Johnny não gostavam de Malcolm. Jerry costumava dizer: “Oh, ele é tão panaca! Ele é tão panaca!” Malcolm estava sempre se bobeando. Estava sempre fazendo piadas com aquele tipo de humor inglês que ninguém consegue entender – que dirá dois caras na heroína.

Além do mais, Malcolm tinha aquele tipo de visual panaca – às vezes levantava com aquele cabelo crespo dele todo esticado, com suas calças decoradas com borlas e outras merdas.

Assim, Jerry e Johnny nunca levaram Malcolm a sério, especialmente Jerry. Naquele tempo Jerry conseguia fazer a cabeça de Johnny. Jerry dizia pra ele: “Johnny, olha pra esse cara. Desse jeito a gente vai ficar como os Beatles, com esse babaca!” E Johnny pensava: “Ele está certo. Esse cara é um idiota.” Não levaram Malcolm a sério, o que foi um erro.

Jim Marshall: No começo David Johansen foi legal conosco, mas depois David e Syl não nos queriam por perto, porque obviamente éramos a fonte das drogas. Na sequência nosso amigo que costumava ir a Overtown, em Miami, pra pegar droga pra Johnny e Jerry, dançou. Teve que passar duas noites na cadeia, em Miami, o que foi uma barra pesada pra ele. Ele tinha uns quinze anos na época, e acho que os tiras pegaram pesado com ele. Depois

disso ninguém quis ir a Miami buscar droga pra Johnny e Jerry, então eles deixaram a banda.

Jerry Nolan: Uma noite a gente estava jantando, falando sobre isso, quando David disse: “Qualquer um nessa banda pode ser substituído.” Aí deu. Levantei e disse: “Estou fora.” Daí Johnny levantou e disse: “Se Jerry está saindo, também estou.”

Syl Sylvain: Jerry fez as malas na mesma hora e não deu a mínima por nos deixar na casa da mãe dele. O que foi meio foda, mas foda-se. Então Johnny e Jerry se mandaram.

Não percebi o que estava acontecendo. David foi pro trailer dele e apagou, nem aí pro que estava rolando. Malcolm ficou dizendo todas aquelas coisas inspiradoras, tipo: “Qual é, rapazes, vamos lá! Escutem, não esqueçam quem são vocês!” E Arthur estava recém saindo do nevoeiro particular de quem passou por uma desintoxicação, e não era a melhor coisa desse mundo tê-lo por perto.

Então eu disse: “Ok, eles estão indo. Vamos pôr tudo no carro.” Então Malcolm e eu levamos Johnny e Jerry pro aeroporto na caminhonete. Dei pra Johnny a mala dele, e eles estavam se afastando quando finalmente me flagrei do que estava acontecendo e me virei e disse: “E os Dolls?”

O único cara que se virou foi Jerry Nolan, que disse: “Fodam-se os Dolls.”

Malcolm McLaren: Achei que eles estivessem indo embora porque odiassem o grupo e pensassem que não havia nenhuma probabilidade real de fazerem sucesso em Tampa.

Isso, é claro, não era absolutamente verdade. Na real eles queriam voltar pra Nova York porque era mais fácil pra descolarem heroína. Eu era muito ingênuo.

Jerry Nolan: Johnny Thunders e eu pegamos um avião e voltamos pra Nova York. Ainda no avião, Johnny pensou que aquilo não passava de uma ameaça. Eu disse pra ele: “Johnny, isto não é uma daquelas brigas noturnas que a gente esquece quando acorda de manhã. Isto é pra valer mesmo.”

Eliot Kidd: Eu sabia que os New York Dolls deveriam ficar na Flórida até a outra semana, por isso quando vi Johnny e Jerry disse pra eles: “Que porra vocês estão fazendo de volta aqui?”

Eles disseram: “A gente deixou a banda.”

Pensei que estivessem brincando.

Eu disse: “Não, na real, o que aconteceu?” Tiveram que dizer aquilo três ou quatro vezes antes de eu começar a entender que estavam falando sério.

Daí eu disse: “Oh, vocês vão fazer as pazes com os caras!”

Eles disseram: “Não. Vamos começar a nossa própria banda. Richard Hell está saindo do Television e vai tocar conosco.”

Richard Lloyd: Tom Verlaine vivia dizendo pra Richard Hell: “Você não ensaia, tudo que faz é aparecer no ensaio e beber, você não pratica em casa, eu vivo dizendo que vou passar lá e te ajudar, mas você não está interessado, você não está interessado nisso!”

Richard não tinha nenhuma desculpa pra dar e meio que só ficava olhando pro chão. Tom tinha uma demo da gente tocando e disse pra Hell: “Ouve isso, não está nada bom, escuta só.” Era completamente óbvio que o baixo de Richard estava um lixo.

Duncan Hannah: Acho que Tom ficou puto porque Richard se chapava demais, sabe como é, aparecia bêbado e coisa assim. Mas o pensamento de Richard Hell era: “Isto é rock & roll.” Assim sendo, eles tinham uma ideia muito diferente das coisas. Quer dizer, Hell não era um grande baixista e ainda por cima era um palhaço – o jeito que ele saltava e fazia caretas, às vezes parecia uma coisa saída de um *revival*. Acho que Tom achou aquilo muito farsesco. E Tom queria ser frio, cool, certo? Nada de piadas.

Verlaine queria ser Bob Dylan. Logo que eles se reuniram, lembro que Terry Ork me disse: “Por que você não faz um fã-clube do Television?”

E eu disse: “Pra quê? Pra trinta pessoas?”

Terry disse: “Bem, vai ser conceitual. Faz um projeto artístico ou coisa assim.”

Então escrevi uma coisa. Ia ser um boletim informativo, e Richard Hell foi na minha casa e leu. Ele disse: “Ah, é legal, yeah. Mas agora Verlaine quer te encontrar lá no Max’s e falar sobre isso.”

Então fiquei pensando: “Oh, genial. Agora sou como o quinto cara do Television, certo? Como o quinto Beatle.”

Daí Verlaine aparece no Max’s e diz: “Yeah, li seu lance.”

Ele olha pra mim e diz: “Qual é a sua? Você acorda de manhã e se olha no espelho e diz: ‘Sou Duncan Hannah e sou uma gracinha.’ É isso que você faz?”

Eu disse: “O quê!?”

Verlaine foi odioso, começou a dizer todas aquelas coisas odiosas. Foi muito pessoal, ficou falando sobre mim sem parar.

Finalmente eu disse: “Você não gostou do lance que escrevi?”

Ele disse: “Você nos interpretou completamente errado. Você não me *conhece* . Ok? Só lembra disto: você não me *conhece* . Nunca vai me *conhecer* . Nunca vai me *entender* .”

Eu disse: “Hey, olha aqui, não estou sendo pago pra isso nem pra coisa nenhuma. Quer dizer, Richard Hell gostou.”

Ele disse: “Yeah? Bem, não sou Richard.”

A coisa seguiu assim, e então percebi o que ele estava fazendo. Estava praticando sua crueldade à Bob Dylan, como no documentário sobre Dylan, *Don’t Look Back* . Você sabe como Bob Dylan é nisto, ele é como um matador, certo? E Verlaine estava treinando pra ser o novo Dylan.

Richard Hell pediu desculpas. Ele disse: “Oh, lamento. Ele é um babaca.”

Deixei a mesa e fui até Danny Fields, na mesa dele, com uma cara de desapontado. Danny disse: “Qual é o problema?” contei pra ele, e ele disse: “Músicos são cuzões. Já te disse isto. Desde o primeiro dia. Você nunca deveria ter feito isto. Ele é um cuzão.”

Richard Hell: Verlaine se isolou mais e mais, até se ver como sendo superior a tudo e a todos o tempo todo – de tal modo que possivelmente ele não podia ser derrotado. Tom ficou horrível, cara. Ele gradualmente decidiu que vivia com padrões diferentes de todas as outras pessoas. E, se alguma coisa dava errada por causa dele, Tom dizia que era um gênio incompreendido e que ninguém mais o entendia.

Roberta Bayley: Eu estava vivendo com Richard Hell quando ele deixou o Television. Tom Verlaine estava vetando todas as canções de Richard, uma por uma. Richard costumava cantar mais ou menos a metade das canções do Television; depois ficou cantando só uma canção, que era “Blank Generation”.

Acredito que a seguir Tom sugeriu: “Vamos cortar ‘Blank Generation’.”

Richard ficou naquela: “Qual é o lance?”

Richard Lloyd: Finalmente Richard Hell informou que estava saindo da banda. E Tom Verlaine perguntou pra Fred Smith, que era o baixista do Blondie, se gostaria de tocar com a gente, e Fred disse que sim.

Debbie Harry: Fred Smith largou o Blondie, porra. Fiquei puta. Fiquei puta com todos eles – com todo o Television, com todo o Patti Smith Group e com Patti e Fred. Fiquei puta com Patti porque ela falou pra Fred ir pro Television.

Rapaz, ele cometeu um erro. Ha, ha, ha.

Richard Hell: Saí do Television na mesma semana em que os Dolls terminaram. Johnny Thunders me ligou e disse: “Eu e Jerry recém deixamos o Dolls, você quer fazer uma banda?”

Eu não conhecia Johnny Thunders muito bem. Fiquei surpreso pra caramba por ele me ligar. A gente se encontrava no bar, eles iam ver o Television,

mas...

Por isso fiquei surpreso quando ele ligou, mas foi perfeito, sabe? Porque um dos motivos pelos quais fiquei farto do Television é que estava ficando muito pretensioso e se afastando da direção que a gente tinha originalmente. Então pensei: “Isso é perfeito – vamos fazer uma banda de rock & roll realmente boa, que vai tratar de assuntos interessantes”, imaginando que eu traria os assuntos interessantes. No fim Johnny quis cantar “Going Steady”.

Bob Gruen: David Johansen voltou da Flórida e disse que a banda tinha acabado porque John Thunders e Jerry Nolan tinham que voltar pra Nova York pra descolar droga, e David disse pra eles: “Se vocês têm que voltar pra casa pra descolar drogas entre um show e outro, não vou ficar nessa banda.” E este foi o fim.

Johnny e Jerry sempre tentaram reunir a banda de novo depois disto e nunca conseguiram entender que David não queria pegar a estrada com gente viciada em drogas. E isto nunca mudou, e a banda nunca voltou.

Eileen Polk: Arthur Kane me ligou da Flórida e disse que Connie o tinha seguido até lá e que o único jeito que ele poderia se ver livre dela era se mudando pra L.A. Então eu disse: “Bem, se é assim que tem quer ser, assim será.”

Syl Sylvain: Na estrada, de volta do aeroporto, Malcolm começou a me dizer: “Sylvain, não se preocupe com isso. Não se preocupe, não se preocupe, não se preocupe.”

Então lá ficamos nós com aquela enorme caminhonete Fury III, e Malcolm e eu decidimos ir pra New Orleans. Nenhum de nós tinha carteira de motorista, então pegamos umas garotas pra dirigir pra nós. Malcolm e eu sentamos no banco de trás, e sua conversa foi de: “Não se preocupe com os Dolls”, a: “Olha só, tem uns caras que circulam pela frente da loja da minha mulher em Londres e, sabe como é, eles adorariam ter uma banda, e a gente poderia montar uma banda junto.”

No começo era só conversa, mas depois ele ficou mais sério sobre isso. “Oh, bem, esse cara realmente pode ser o cantor, vi ele cantar uma vez, e esse cara

pode ser o ...”

Malcolm McLaren: Viajar pela Louisiana foi divertido – embora eu tenha pego mais doença venérea, o que me deixou puto de novo. Achei que a porra do país inteiro era transmissor de doenças venéreas; assim, lá estava eu – perdido – com uns poucos trocados que sobraram dos New York Dolls e outra doença venérea, tentando voltar pra Nova York.

Syl Sylvain: Malcolm pegou chato. Compramos uns dois vidros daquela merda, A-200, e não funcionou. Malcolm ficava murmurando: “Preciso ficar bom disso antes de voltar pra casa e pra Vivienne” – Vivienne Westwood, você sabe, a mulher dele.

Eu disse: “Tudo bem, vou te ajudar, mas tenho que saber exatamente o que está errado.”

Malcom me disse: “Chatos.” Então a gente teve que pôr A-200 nele de novo.

Daí ele me disse: “Gonorreia.”

Depois que Malcolm e eu voltamos da Louisiana, fomos ao CBGB’s quase todas as noites. Malcolm ia pra ver qualquer um que fosse alguém, mas a pessoa que ele mais adorou foi Richard Hell.

Ele adorou Richard. Quer dizer, logo antes de partir pra Inglaterra, ele me deu uma roupa pra dar pro Richard. Ele ficou dizendo: “Não vai esquecer de dar essa roupa pra Richard, vai? Adoro Richard. Acho que Richard tem muito talento. Não esquece de dar pra Richard...”

A inspiração de Malcolm por Richard pareceu ser menos pelas roupas rasgadas e mais pela poesia e política.

De fato, é por isso que ele estava tão decidido a dar aquele traje pra Richard. Malcolm achou que aquilo poderia ajudá-lo a melhorar sua imagem.

Malcolm McLaren: Achei Richard Hell simplesmente incrível. De novo, eu acabava comprando a ideia de mais uma vítima da moda. Não se tratava de alguém vestido de vinil vermelho, com lábios cor de laranja berrante e saltos

altos. Era um cara todo desmantelado, arrasado, parecendo que tinha recém-rastejado pra fora de um bueiro, parecendo que estava coberto de lodo, parecendo que não dormia há anos, parecendo que não se lavava há anos e parecendo que ninguém dava a mínima pra ele.

E parecendo que na verdade ele não dava a mínima pra você! Era um cara maravilhoso, entediado, acabado, marcado, sujo, com uma camiseta rasgada.

Acho que não havia alfinete de segurança ali, embora pudesse haver, mas era com certeza uma camiseta esgaçada e rasgada. E esse visual, a imagem desse cara, aquele cabelo todo espetado, tudo nele – não há dúvida de que levei aquilo pra Londres. Ao ser inspirado por essa imagem, eu iria imitá-la e transformá-la em algo mais inglês.

Richard Hell: Gostei de Malcolm porque ele gostou de mim. Não o conheci muito bem, mas ele pareceu estar realmente interessado em mim. Não havia muita gente que nos tratasse com algum respeito, sabe?

Mas fiquei completamente puto quando ouvi “Pretty Vacant”, dos Sex Pistols, pela primeira vez. Malcolm tinha roubado toda a atitude de “Blank Generation”.

Mas ideias não têm dono. Também roubei umas coisas.

Malcolm McLaren: Richard Hell foi definitivamente cem por cento inspiração, e, de fato, lembro de ter dito aos Sex Pistols: “Escrevam uma canção como ‘Blank Generation’, mas escrevam a sua própria versão arrasadora”, e a versão deles foi “Pretty Vacant”.

Eliot Kidd: Frenchie deu dois meses de aluguel adiantado pra Malcolm pra sublocar o apartamento dele, e Malcolm sacaneou Frenchie pelo dinheiro.

Fomos em bando procurar Malcolm, mas ele não estava em casa. Disseram pra ele que um bando de caras zangados tinham estado atrás dele, então ele foi embora pra Londres no dia seguinte.

Malcolm McLaren: Voltei pra Inglaterra determinado. Voltei com aquelas imagens, era como Marco Polo ou Walter Raleigh. O que eu trouxe foi isto: a

imagem daquela coisa angustiada e estranha chamada Richard Hell. E essa frase, “the blank generation” (*a geração vazia*) .

CAPÍTULO 22

Por que a gente não chama de Punk?

Dee Dee Ramone: Uma noite, quando eu estava indo embora do CBGB’s às quatro da manhã, saí e vi Connie sentada na capota de um carro, lixando as unhas.

Gostei dela de cara. Ela estava com um longo preto e sapatos pontudos de salto alto e tinha uma garrafa de cachaça de amora na bolsa. Parecia uma antiga condessa vampira cuja missão sem dúvida era capturar minha alma.

De manhã, agi como se estivesse tudo normal. Entretanto, Connie estava numa ruim e quis se drogar. Eu também. Então a gente pegou um táxi até a Rua Norfolk e comprou um pouco de droga. Ela era uma prostituta, eu era um Ramone, e nós dois éramos junkies.

Eileen Polk: Eu estava com Anya Philips numa das primeiras noites em que fui ao CBGB’s, e Dee Dee Ramone, Joey Ramone e Connie entraram juntos. Arthur Kane já tinha fugido pra Califórnia, então Anya me disse: “Lá está Connie com seu novo namorado. Ele é dessa banda nova chamada Ramones.” Ela disse uma coisa do tipo: “Vamos conferir esses caras.”

Eu ainda não tinha visto os Ramones. Então, feito uma idiota, achei que Joey Ramone fosse o novo namorado de Connie, porque Joey parecia Frankenstein, e Arthur parecia Frankenstein. Assim, concluí que Joey devia ser o novo namorado de Connie.

Uns dias depois eu estava no Ashley’s, o bar que pertencia ao empresário de turnê de Alice Cooper, e Dee Dee Ramone entrou lá sozinho. Ele estava tomando um porre, e eu estava tomando um porre, então começamos a conversar. A gente tinha se encontrado no CBGB’s, mas não tinha falado. Então eu disse: “Qual é o lance? Vi você com Connie. Você está saindo com ela ou o quê?”

Dee Dee disse: “Bem, sabe como é, ela gosta de mim, mas na real está com Joey.” Ele já estava provocando o problema. Então ele disse: “Vou no Mother’s, aquele bar novo na Rua 23, pra ver o Blondie. Por que você não me encontra lá?”

Daí me encontrei com ele no Mother’s umas noites depois. A gente se divertiu pra caramba, e quando a noite tinha terminado, eu estava saindo e lá estava... Connie!

Eu usava um daqueles vestidos frente-única dos anos setenta – não tinha nada que o segurasse a não ser um botão atrás do pescoço. Connie chega em mim, bota as unhas no meu cabelo e arranca meu vestido. Era fim de noite, então havia umas vinte e sete pessoas do lado de fora do bar, esperando táxis. E eu estava sendo espancada por Connie, meu vestido tinha sido arrancado, e eu estava nua da cintura pra cima, com tudo aparecendo, e não conseguia tirar os dedos dela do meu cabelo.

A técnica de luta dela era manter os dedos enganchados no seu cabelo, daí fazer alguma coisa, como arrancar o seu vestido. Ela tinha me pegado. Não podia me mover, a menos que arrancasse o meu cabelo. Deixa eu te dizer: o cabelo é uma coisa muito importante pra uma jovem. Era um dilema. Acho que concluí que era melhor ficar seminua do que ter o cabelo arrancado.

Anya dizia: “Connie, para com isso! Connie, para com isso!” E todos os outros diziam: “Vai nessa!”

Dee Dee, é claro, ficou parado lá sem fazer nada, feito um completo inútil. Finalmente tirei Connie do meu cabelo e corri. Anya correu comigo, e a gente pegou um táxi. Depois que entramos nele, Anya disse: “Oh, essa Connie, ela é tão babaca!” E daí me contou toda a história sobre como Dee Dee na real estava morando com Connie e como ele tinha me enrolado.

Daí é claro que fiquei completamente puta com Connie – ela já tinha tentado me surrar quando eu estava com Arthur – e agora ela realmente o fizera. Tinha arrancado meu vestido na frente de todo mundo, então agora era guerra – guerra total –, e decidi que iria roubar o namorado dela.

Lee Childers: A primeira vez que fui no CBGB’s foi com Wayne County.

Havia seis pessoas na plateia. A gente comeu chili, o que deixou Bebe Buell horrorizada ao saber, anos depois. Ela disse: “Você comeu o chili? Stiv me contou que os Dead Boys costumavam ir na cozinha e esporrar naquilo.”

Eu disse pra ela: “E daí? Já botei coisa pior na minha boca.”

Então, na primeira vez que a gente foi ao CBGB’s comeu chili, que tinha um gosto horrível. O lugar inteiro fedia a urina. O lugar inteiro cheirava como um banheiro. E havia literalmente seis pessoas na plateia, e daí os Ramones entraram no palco, e fiz: “Oh... meu... Deus!”

E saquei num minuto. A primeira canção. A primeira canção. Me senti em casa, feliz, seguro, livre e rock & roll. Saquei a partir da primeira canção na primeira vez que fui vê-los. Fui eu que liguei pra Lisa Robinson e disse: “Você não vai acreditar no que está rolando!”, e ela disse: “Oh, do que você está falando? Oh, o Bowery, UGGGGHHHHH!!!”

Eu disse: “Vem.”

Danny Fields: Eu estava editando a revista *16* e escrevendo uma coluna no *SoHo Weekly News* e vivia comentando as qualidades do Television e como as performances deles eram empolgantes.

Raramente escrevia sobre os Ramones. Não os tinha visto, não sabia quem eram. Vivia escrevendo sobre o Television e Patti Smith. Eles foram os primeiros, cronologicamente, daquele bando. E Johnny Ramone dizia pra Tom: “Você parece estar no controle da publicidade. Por que Danny Fields não escreve sobre nós?”

Posso ver acontecendo. Eu não estava lá, mas posso imaginar as conversas. Então Tommy ligava pra mim na *16* e dizia: “Por favor, por que você nunca escreve sobre nós?” Sempre tive a sensação de que havia alguém cutucando-o por trás, sugerindo que ele dissesse isso ou aquilo. E os Ramones estavam fazendo com Lisa Robsinson a mesma coisa que comigo. Foi quando Lisa e eu decidimos nos dividir. Havia uma outra banda que estava nos atormentando naquela época, e decidimos matar dois coelhos com uma cajadada. Eu iria ver a outra banda, e Lisa iria ver os Ramones. Não lembro da outra banda, não deve ter me entusiasmado. No dia seguinte Lisa me ligou

toda empolgada sobre os Ramones, dizendo: “Oh, você vai adorá-los! Fazem canções que duram um minuto, e é muito rápido, e está tudo acabado em menos de quinze minutos. E é tudo que você gosta, e você vai adorar. E é a coisa mais divertida que já vi.”

E ela estava certa. Fui vê-los no CBGB's e consegui um lugar na frente sem nenhum problema. Acho que ninguém lotava aquilo naqueles tempos. E eles entraram, e me apaixonei por eles. Achei que estavam fazendo a coisa certa. Era a banda perfeita. Eram rápidos, e eu gostava de rapidez. Quartetos de Beethoven devem ser lentos. Rock & roll tem que ser rápido. Adorei.

Me apresentei pra eles depois e disse: “Adorei vocês, serei empresário de vocês.”

E eles disseram: “Oh, bom, a gente precisa de uma bateria nova. Você tem dinheiro?” Eu disse que ia ver a minha mãe em Miami. Quando cheguei em Miami, pedi três mil dólares pra minha mãe, e ela me deu. Foi como comecei a empresariar os Ramones. Paguei pra ser empresário deles.

Legs McNeil: Quando eu tinha dezoito anos, estava morando em Nova York, trabalhando numa comunidade hippie que produzia filmes na Rua 14, fazendo um filme horrível sobre um publicitário executivo estúpido que toma ácido, larga tudo e se torna sexual, emocional e espiritualmente liberado. Era uma bosta.

Isso era 1975, e a ideia de tomar ácido e largar tudo era tão tola – uns dez anos atrasada. E a comunidade hippie de filmes era igualmente tola. Eu odiava hippies.

De qualquer modo, veio o verão, e voltei pra Cheshire, em Connecticut, onde eu crescera, e fiz uma comédia estilo Três Patetas – filme dezesseis milímetros em preto e branco – com dois amigos de escola, John Holmstron e Ged Dunn.

John Holmstron era cartunista, e Ged Dunn era um negociante; então, no fim do verão a gente decidiu que ia trabalhar junto. Tínhamos trabalhado juntos antes, quando estávamos no segundo grau – Holmstron tinha montado um grupo de teatro chamado Apocalypse Players, que era uma mistura de Eugène

Ionesco com Alice Cooper. A polícia chegou a interromper um de nossos shows quando errei ao atirar uma torta e acertei alguém na plateia.

Mas quando John, Ged e eu nos reagrupamos, não estava bem definido o que faríamos – filmes, quadrinhos, alguma coisa de mídia.

Daí um dia a gente estava andando de carro, e John disse: “Acho que devíamos lançar uma revista.”

Durante todo o verão a gente tinha escutado o álbum *Go Girl Crazy* de um grupo desconhecido chamado Dictators, e aquilo mudou nossas vidas. A gente tomava um porre todas as noites e dublava as músicas. Holmstron tinha descoberto o disco. O verdadeiro entendido em rock & roll era ele. Foi ele que ligou eu e Ged no Velvet Underground, Iggy e os Stooges e New York Dolls. Até então eu só escutava Chuck Berry, os dois primeiros discos dos Beatles e Alice Cooper.

Mas eu odiava quase tudo de rock & roll, porque era sobre aquelas tolices hippies, e não havia ninguém que estivesse descrevendo nossas vidas – que era McDonald’s, cerveja e reprises na tevê. Daí John descobriu os Dictators, e ficamos todos assanhados porque tinha alguma coisa acontecendo.

Mas não entendi por que Holmstron queria lançar uma revista. Achei que era uma ideia estúpida.

John disse: “Mas, se a gente tivesse uma revista, poderia beber de graça. As pessoas nos dariam bebida de graça.”

Aquilo me convenceu. Eu disse: “Ok, então vamos fazer.”

Holmstron queria que a revista fosse uma combinação de tudo em que a gente se ligava – reprises de televisão, beber cerveja, trepar, cheeseburguers, quadrinhos, filmes B e aquele rock & roll esquisito que ninguém além de nós parecia gostar: Velvets, Stooges, New York Dolls e agora os Dictators.

Aí John disse que queria chamar nossa revista de *Teenage News*, inspirada numa canção inédita dos New York Dolls. Achei que era um nome estúpido, e aí disse isso pra ele. E ele respondeu: “Bem, e como você acha que a gente

deveria chamá-la?”

Vi a revista que Holmstron queria lançar como um álbum dos Dictators que ganhasse vida. No encarte do disco havia uma foto dos Dictators numa lanchonete White Castle, e eles estavam com jaquetas de couro preto. Embora a gente não tivesse jaquetas de couro preto, a foto parecia nos descrever perfeitamente – uns caras espertos. Então achei que a revista deveria ser feita pra outros fodidos como nós. Garotos que cresceram acreditando só nos Três Patetas. Garotos que faziam festas quando os pais não estavam e destruíam a casa. Sabe como é, garotos que roubavam carros pra se divertir.

Então eu disse: “Por que a gente não chama de *Punk* ?

A palavra “punk” pareceu ser o fio que conectava tudo que a gente gostava – bebedeira, antipatia, esperteza sem pretensão, absurdo, diversão, ironia e coisas com um apelo mais sombrio.

Então John Holmstron disse: “Ok. Bem, vou ser o editor.” Ged disse: “Vou ser o diretor executivo.” Os dois olharam pra mim e disseram: “O que você vai fazer?” Eu disse: “Não sei.” Eu não tinha habilidade pra nada.

Daí Holmstron disse: “Você pode ser o punk de plantão!” E os dois começaram a rir histericamente. Ged e John eram uns quatro anos mais velhos que eu. E acho que um dos motivos pra andarem comigo é que eu vivia tomando porres e me metendo em problemas, e Holmstron sempre achou graça nisso. Então ficou decidido que eu seria um personagem de cartum em carne e osso, como Alfred E. Neuman na revista *Mad* . E Holmstron mudou meu nome de Eddie pra Legs.

É engraçado, mas não fazíamos ideia se, além dos Dictators, havia mais alguém por aí. Não tínhamos ideia do CBGB’s e do que estava rolando, mas acho que não nos importávamos. A gente gostava da ideia da revista *Punk* . E isto era tudo que importava.

Mary Harron: Conheci Legs quando estava trabalhando como cozinheira na Total Impact, a comunidade hippie de filmes na Rua 14. Legs chegou e foi o único que disse que aquele filme era um pé no saco e que aquela gente era

louca. Então perguntei o que ele estava fazendo. Legs disse que estava só fazendo um trabalho de meio expediente no filme e me perguntou o que eu fazia. Eu disse que queria ser escritora, e ele disse: “A gente está lançando uma revista. Se chama *Punk* .”

Pensei: “Que nome brilhante!” Não sei por que parecia tão brilhante, porque isso foi antes de haver o punk, mas era obviamente muito irônico.

Quer dizer, havia alguma coisa naquilo, sabe como é, porque se alguém diz que está lançando uma revista, você pensa: “Oh, uma revista literária.” Mas *Punk* era muito engraçado, maroto – era tão incomum –, e pensei: “Bem, isto é genial.” Então eu disse: “Oh, vou escrever pra vocês”, embora não soubesse nada sobre a revista.

Um dia depois eu estava na cozinha da horrível comunidade de filme, lavando o chão, feito uma Cinderela, e preparando os pratos. Legs e John entraram e disseram que estavam indo pro CBGB’s, e pensei: “Ok.”

A gente foi pro CBGB’s ouvir os Ramones, e foi naquela noite que tudo aconteceu.

Legs McNeil: A gente conseguiu enrolar os caras pra que nos deixassem entrar no CBGB’s e daí estava caminhando ao redor do bar quando vi aquele sujeito de cabelo curtíssimo e óculos escuros sentado numa mesa e reconheci Lou Reed. Holmstrom andava tocando *Metal Machine Music* de Lou Reed há semanas. É o álbum duplo de Lou que é puro feedback. Era detestável, só barulho, que Holmstrom adorou e proclamou como o álbum punk definitivo. A gente estava sempre brigando porque John tocava o disco: “Qual é, tira essa merda!” É por isso que eu sabia quem era Lou Reed.

Aí, quando o avistei na mesa, fui até Holstrom e disse: “Hey, lá está aquele cara sobre quem você vive falando. Quem sabe a gente o entrevista também.” Pensei que, já que a gente estava ali mesmo, sabe como é. Então fui até Lou e disse: “Hey, a gente vai entrevistar você pra nossa revista!” Sabe como é, tipo: “Você não está emocionado?” Eu não tinha ideia do que a gente estava fazendo. Daí Holmstrom disse pra Lou: “Yeah, a gente até vai pôr você na capa!” Lou só se virou, com a maior cara de indiferença, e disse: “Oh, a tiragem de vocês deve ser fabulosa.”

Mary Harron: Fiquei horrorizada quando Legs e John foram até Lou Reed e disseram que queriam entrevistá-lo. Pensei: “Oh, meu Deus, o que eles estão fazendo?”

Porque Lou era uma pessoa famosa, e pensei: “Oh, isto é tão indelicado. O que eles acham que vai acontecer?”

Acho que eu estava com muito mais medo de Lou que John ou Legs. Eu sabia um monte sobre Andy Warhol, porque eu era completamente obcecada por Warhol e era fã do Velvet Underground. Então eu estava dura de medo.

Legs McNeil: Enquanto a gente estava falando com Lou Reed, os Ramones entraram no palco, e foi uma cena espantosa. Quatro caras completamente furiosos de jaqueta de couro preta. Foi como se a Gestapo tivesse entrado na sala. Aqueles caras definitivamente não eram hippies.

Daí fizeram a contagem pra uma canção – “UM, DOIS, TRÊS, QUATRO!” – e a gente foi atingido por aquela rajada de barulho, você recuava fisicamente com o choque, como numa ventania, e, antes que você sequer pudesse entrar no embalo, eles paravam.

Aparentemente cada um estava tocando uma canção diferente. Os Ramones tiveram uma minibriga no palco. Estavam tão completamente de cara um com o outro que atiraram as guitarras no chão e saíram do palco batendo os pés.

Foi espantoso. Na verdade foi como ver algo começar. Lou Reed estava na mesa rindo.

Joey Ramone: Aquela foi a primeira noite que a gente se encontrou com Lou Reed. Lou ficou dizendo pra Johnny Ramone que ele não estava tocando o tipo certo de guitarra, que deveria tocar um tipo diferente de guitarra. Aquilo não pegou muito bem pra Johnny. Quer dizer, quando John descolou aquela guitarra ele não tinha muito dinheiro – comprou a guitarra por cinquenta dólares. E Johnny gostou da ideia de usar uma Mosrite porque ninguém mais usava uma Mosrite – assim, aquilo seria uma espécie de marca registrada dele. Por isso Johnny achou Lou um completo babaca.

Legs McNeil: Depois os Ramones voltaram, fizeram uma nova contagem e

tocaram os melhores dezoito minutos de rock & roll que eu já tinha ouvido. Dava pra ouvir Chuck Berry naquilo, que era só o que eu escutava, isto e o segundo álbum dos Beatles com todas aquelas covers de Chuck Berry. Quando os Ramones saíram do palco a gente os entrevistou, e eles eram como nós. Falaram sobre histórias em quadrinhos e aquelas músicas juvenis dos anos sessenta e foram indiferentes e sarcásticos pra caramba.

Me senti como se estivesse no Cavern Club em 1963, e a gente tivesse conhecido os Beatles. Só que não era uma fantasia, não eram os Beatles, era a *nossa* banda – os Ramones. Mas a gente não pôde ficar muito tempo com eles porque tinha que entrevistar Lou Reed, que era velho e ranzinza, como um velho pai rabujento e bebum.

Mary Harron: A gente foi pro Locale, e nenhum de nós tinha nenhum dinheiro e não podia pedir comida. Lembro que Lou pediu um cheeseburger porque eu estava com muita fome. Lou estava com Rachel, que foi o primeiro travesti que conheci. Muito bonito, mas assustador. E sem dúvida Rachel era um cara: tinha barba por fazer. Legs e John estavam batendo papo com Lou, por isso sentei perto de Rachel e perguntei qual era o nome dela – dele, qual era o nome dele –, e ele disse: “Rachel.”

Pensei: “Certo.” Aquilo meio que me fez ficar meio quieta. Acho que na verdade meio que tentei conversar com ele, mas Rachel não era de muita conversa. Acho que toda a nossa conversa se resumiu àquilo.

Fiquei completamente alarmada com o jeito como Legs e John faziam as perguntas. Era completamente amador. Eles perguntavam: “Qual o tipo de hamburguer que você gosta?” Como jornalismo de colégio, e pensei: “Oh, Deus, quem são esses caras? O que estão fazendo? Pra que estão fazendo essas perguntas cretinas?”

Então Lou Reed começou a mostrar um pouco da sua famosa grosseria. Ele foi duro com Legs. Muito duro. E fiquei muito transtornada com aquilo. Achei que ele estava sendo completa e absolutamente devastador. Mas Legs e John não pareciam se importar.

Mas a noite foi muito excitante, sabe – ver os Ramones, conhecer Lou Reed... Lembro de pensar: “Oh, meu Deus, espera só até eu contar pro pessoal lá em

casa que conheci Lou Reed!” Era só isso que me passava pela cabeça – “Espera só até eu contar pro pessoal...”

Mas daí, por algum motivo, por causa das patadas de Lou Reed ou do tédio dele ou seja lá do que for, aquilo acabou soando mais como uma nota amarga. Lou começou a ficar muito hostil. Não consigo lembrar por quê. Ele ficou muito furioso com Legs, detestou-o.

Mas quando a gente foi pra rua, John Holmstron estava pulando, extasiado, e fiquei pensando: “Não entendo isso. Por que ele está tão contente?”

Não pude entender por que ele estava tão excitado, extasiado. Por que, o que a gente tinha conseguido? Que Lou Reed fosse realmente rude conosco.

Legs McNeil: Holmstron ficou pulando pra cima e pra baixo, dizendo: “A gente conseguiu Lou Reed pra capa! A gente conseguiu Lou Reed pra capa!” Eu não sabia por que ele estava tão excitado com isso. Eu só disse: “Yeah, mas você viu aquela mina que estava com ele?”

Mary Harron: Quando acabei de escrever o artigo sobre os Ramones era tarde e eu ainda não tinha dinheiro nenhum, então naquela noite atravessei a cidade a pé pra entregar o artigo no “Punk Dump”, o escritório da revista *Punk* na Décima Avenida. Devo ter andado umas dez avenidas – de um lado a outro da cidade, sabe como é.

Era a época de *Taxi Driver*, sabe, vapor saindo dos bueiros de esgoto. Era de fato uma bela e estranha noite de Nova York – e o Punk Dump era um lugar incrível. Parecia uma coisa saída de *Batman*. Era uma loja embaixo dos trilhos de trem na Décima Avenida, com as janelas pintadas de preto – como uma caverna. Então cheguei na porta, e a luz estava acesa, e John Holmstron estava lá na mesa dele, de óculos, fazendo a arte da capa pra entrevista de Lou Reed – o primeiro número da *Punk*.

Ele me mostrou, e era um *cartum*! Li a entrevista de Lou Reed rapidamente e pude ver que tudo que era humilhante, embaraçoso e estúpido tinha se transformado numa vantagem. E foi quando soube que a *Punk* ia dar certo.

Legs McNeil: A próxima coisa que fizemos foi sair e cobrir a cidade com

uns pequenos pôsteres que diziam: “Cuidado! PUNK vem aí!” Todo mundo que via aquilo dizia: “Punk? O que é punk?” John e eu ríamos. A gente ficava naquela: “Ohhh, vocês vão descobrir.”

Debbie Harry: John Holmstron e seu cartum ao vivo, Legs McNeil, eram dois maníacos zanzando pela cidade, colocando avisos que diziam: “Punk vem aí! Punk vem aí!” A gente pensava: “Vem aí outro grupo de merda com um nome mais merda ainda.”

James Grauerholz: Eu estava morando no Bunker, o loft de John Giorno no número 222 da Bowery, que virou a casa de William Burroughs em Nova York. Tive um caso com William e quando terminou comecei a trabalhar pra ele. Mas naquele tempo William não era muito conhecido. Quer dizer, ele era o mundialmente famoso William Burroughs, mas só uma minúscula minoria sabia alguma coisa sobre quem de fato se tratava. William meio que era considerado como um pouquinho decadente em alguns aspectos. Era reverenciado, mas suas obras estavam esgotadas. Então comecei a me ver como empresário de William, e a gente começou a se ver como uma espécie de parceria simbiótica.

Nos idos de 1975 eu costumava ir seguidamente ao Phoebe’s. O Phoebe’s era um ponto de encontro do pessoal que fazia teatro off-off-Broadway, um restaurante na rua do Bunker. O Phoebe’s era um verdadeiro reduto. Então no meu pequeno trajeto do Bunker ao Phoebe’s eu passava por aqueles postes, bem na porta da minha casa, com cartazes colados: “PUNK VEM AÍ!”

E adorei aquilo, no instante em que vi aquele aviso, pensei: “PUNK VEM AÍ!” Fiquei imaginando: “O que vai ser isso? Uma banda ou o quê?”

Mas “PUNK!” – adorei, porque pra mim significava uma palavra derrisória pra um jovem, um bosta insignificante. E daí pro *Junky* de Burroughs – sabe, tem um trecho maravilhoso em que William e Roy, o marinheiro, estão roubando os bêbados no metrô e há dois jovens punks por perto. Eles passam e dizem um monte de merda pra Roy, e Roy diz: “Punks fodidos acham que é engraçado. Não vão achar tanta graça quando estiverem cumprindo cinco-vinte-e-nove na ilha.” Cinco meses e vinte e nove dias, sabe como é.

“Punks fodidos acham que é engraçado.”

Então soube que punk era um descendente direto da vida e obra de William Burroughs. E eu disse: “A gente tem que unir essas duas coisas em benefício das duas partes.” E foi o que fiz.

William Burroughs: Sempre pensei que punk fosse alguém que desse o rabo.

CAPÍTULO 23

Pedras chinesas

Philippe Marcade: Uma garota chegou em mim no Mother’s, eu estava usando um daqueles lenços indianos, e ela disse: “Uau, parece os de Keith Richards!”

Ela pegou meu lenço e pôs em volta do pescoço dela. Depois de um tempo fui pedi-lo de volta, e ela se apresentou. Ela me disse: “Tenho um pouco de droga, mas pra dizer a verdade não sei como injetar, então, se você me picar, te dou um pouco.” Daí a gente foi pra casa dela na Rua 23, e no fim das contas ela tinha apenas a metade de um papelotezinho. Não haveria jeito de eu me ligar só com aquilo, então eu disse: “Não tem sentido eu fazer isso.”

Mas dei o pico nela, e foi assim que fiquei amigo de Nancy Spungen.

Eliot Kidd: As duas primeiras vezes que me encontrei com Nancy Spungen dormi com ela. Ela começou a falar comigo no Max’s, e eu dizia pra mim mesmo: “Isso não vai rolar.”

Mas você não conseguia fazer ela se mancar. Quer dizer, Nancy era uma pentelha resmungona. Acho que a nossa cena foi provavelmente a primeira na qual caras e garotas andavam juntos como amigos, em igualdade. Mesmo assim, Nancy era uma resmungona. Quer dizer, era difícil gostar dela. A gente fazia piadas sobre ela. Ela sempre vinha no meu apartamento, queria se drogar e ficava me azucrinando até eu dizer sim.

Richard Lloyd: Naquela época, estava ficando muito, muito comum ser um junkie no Lower East Side. De manhã você via gente em fila, como se fosse

pra ver um filme de sucesso – numa fila de quinze metros de extensão –, com o pessoal que vendia a droga percorrendo a fila pra cima e pra baixo dizendo: “Fiquem com o dinheiro na mão, vamos abrir em dez minutos.” Sabe como é: “Nada de notas de um dólar, você tem que ter notas de cinco ou de dez.”

E tinham um cardápio, tipo: “Hoje a gente tem da coisa marrom, da coisa branca e cocaína.” Sabe como é: “Tem algo especial hoje, vocês todos vão ficar contentes.”

Quer dizer, você ficava conversando com seu vizinho na fila, tipo lendo o jornal, esperando o ponto da droga abrir. Não era gente chinelona, abobalhada, doente – eram escultores, pintores, carteiros, lavadores de prato, garçons, garçonetes e músicos. Totalmente normal. E eu gostava de ir entre um show e outro – sair correndo, pegar droga e voltar.

Philippe Marcade: Às vezes era muito apavorante ir pegar droga no ponto – você ia naqueles prédios abandonados, entrava, era completamente escuro, e você subia uma escada em que faltava a metade dos degraus. Não dava pra ver absolutamente NADA, escuridão completa, então você chegava no patamar da escada e havia uma vela em cada andar.

Você subia dois ou três andares, então, de repente, BAAM, esbarrava em alguém – lá estava aquela gente toda –, havia uma fila de duzentas pessoas subindo os degraus. Então você esperava na fila, na escuridão total, enquanto algum filho da puta dizia: “Fiquem em fila!”

Todo mundo ficava bem quieto, porque queria a droga. Quando você finalmente chegava ao topo da escadaria, tinha um cara atrás da porta. Havia só um buraquinho na porta. Você botava o dinheiro no buraco e dizia a inicial C ou D, se você queria cocaína ou droga pesada.

Daí você recebia um saquinho e dava o fora de lá, esperando que dissessem “luz verde”. Isso significava que você podia sair, não havia tiras na rua. Se dissessem “luz vermelha”, então você tinha que ficar lá dentro, e era realmente apavorante, mas demorei anos pra perceber que aquilo era uma grande parte da curtição.

Richard Lloyd: Richard Hell e eu fomos pegar droga uma vez e fomos

apanhados pela polícia, que nos meteu num prédio pra nos dar uma geral. Encontraram uma agulha com Hell e disseram: “De onde veio isso?”

Richard disse: “Sou um colecionador de agulhas antigas.”

A seguir ele disse que era um masoquista e que todos os buracos nos braços dele eram porque ele gostava daquilo. Ele fez o tipo: “Algum problema com isso? Espeto coisas em mim mesmo. Sei que sou doente.”

Então eles só pegaram a nossa heroína e nos deixaram ir. Depois que os tiras foram embora, Hell ficou naquela: “Malditos tiras desgraçados, só queriam nossa droga, agora temos que ir pegar de novo – e nem temos uma seringa!”

Richard Hell: A cena junkie era como o sexo, pura farra. Quer dizer, ainda por cima tinha aquela depravação “legal” de tudo que é proibido, embora no fundo ninguém achasse que aquilo fosse perigoso.

Você sabia que, tecnicamente, mesmo que pegasse o vício, tudo que tinha a fazer era parar de usar por duas semanas e estaria livre. Era desse jeito que você encarava a coisa. E pensava que conseguiria manter este tipo de atitude por quatro ou cinco anos antes de se aprofundar demais. Era só diversão, mas, sabe como é, era *tanta* diversão que a coisa definitivamente se acelerou. Tudo fica melhor com droga!

Arturo Vega: Eu não gostava de droga. Não gostava nem um pouco, mas usei duas vezes com Dee Dee. Na primeira vez que ele me picou não consegui me mexer. Não consegui me levantar. E senti vontade de vomitar. Fiquei tão entorpecido e tão mal que falava como se ouve os junkies falarem na rua.

Dee Dee me disse: “Oh, vejo que você está chapadão mesmo, sei pela sua voz, queria estar falando como você está falando, isso significa que você está realmente numa boa.”

Eu disse: “Oooh, meu querido, oh, não. Eu não, não, não consigo me levantar, Dee Dee.”

Dee Dee ficava naquela: “Oh, genial!” Ha, ha, ha.

Eu ficava tipo: “Não, quero vomitar.”

Da outra vez que a gente usou, ele aplicou em mim primeiro, a seguir aplicou em si mesmo e daí começou a ficar azul. Fiquei completamente apavorado. Dee Dee me perguntou: “Você acha que está acontecendo alguma coisa comigo?”

Eu disse: “Não sei , Dee Dee. *Você* deveria saber melhor que *eu* !”

Ele não estava inconsciente nem nada, mas eu podia ver a pele dele ficando azulada e com um ar borrachento e pirei. Eu só dizia: “Oh, meu Deus!”

Pam Brown: A primeira vez que vi os Ramones no CBGB’s e vi Joey Ramone, eu disse: “Esse é o cara pra mim!” Me apaixonei loucamente por Joey. Fiz minhas malas e fui direto morar com ele. Dee Dee e Connie ficavam na cama perto da janela, e toda noite Joey e eu ficávamos na cama com as cabeças embaixo das cobertas torcendo pra que nada nos atingisse, porque Dee Dee e Connie estavam brigando.

Connie era completamente doida. Eu ia a pé até o CBGB’s com Connie, e, quando dava por mim, ela estava me arrastando pra fora, chamando um táxi, e tinha surrupiado três carteiras de umas pobres garotas punks! Atacar um táxi, bater bolsas – ela era doida mesmo, sabe.

Arturo Vega: Deixei Connie, Dee Dee e Joey Ramone se mudarem pro meu loft na Rua 2. Joey não era problema. Joey era maravilhoso. A gente se dava bem. E eu gostava de Connie. Ela costumava me dizer: “Oh, Arturo, meu ódio”, em vez de: “Oh, Arturo, meu amor.” Ela dizia: “Eu podia odiar você, mas não consigo.”

Connie dizia isso porque eu costumava falar a verdade pra ela. Eu dizia: “Connie, você está muito velha. Você sabe que, se Dee Dee fizer algum sucesso, vai te deixar.” Ha, ha, ha. Eu dizia: “Você devia parar de usar drogas, talvez então você tivesse uma chance. Talvez isso criasse um vínculo verdadeiro entre vocês dois. Mas mesmo assim ele provavelmente vai te dar um pé na bunda de qualquer jeito, sabe, porque você está muito velha.”

Mas Dee Dee não ficou muito tempo lá porque Connie e ele estavam

brigando um monte. Eu não podia mais aguentar aquilo. Uma noite voltei de um show, e Connie tinha pirado, eles tinham brigado e atirado meus frascos de tinta um no outro. Havia tinta por tudo, e eles tinham queimado o chão com velas, então eu disse pra Dee Dee que ele tinha que se mandar.

Richard Hell: Eu e Dee Dee andamos juntos por um ano ou dois, basicamente pra pegar droga. Você podia pegar um papelote de droga por três mangos. Este era o preço padrão. A gente pegava na esquina da Rua 12 com Avenida A. Havia um grupo de dez ou vinte crianças porto-riquenhas com menos de treze anos que eram as mensageiras. Então a gente dava os três mangos pra elas, e elas traziam um papelote.

Senti uma afinidade imediata com os Ramones. Curti-os no ato, sem restrições. Eles eram simplesmente do jeito que sempre tinham sido. Lisa Robinson me contratou pra escrever sobre eles na *Hit Parader* – o primeiro artigo sobre eles publicado nacionalmente. Todas as canções deles duravam dois minutos, e perguntei pra eles os nomes de todas elas. Eles tinham umas cinco ou seis naquele tempo: “I Don’t Wanna Go Down in the Basement” (*Não quero descer no porão*) , “I Don’t Wanna Walk Around with You” (*Não quero andar com você por aí*) , “I Don’t Wanna Be Learned” (*Não quero ser ensinado*) , “I Don’t Wanna Be Tamed” (*Não quero ser amansado*) e “I Don’t Wanna” (*Não quero*) alguma outra coisa.

E Dee Dee disse: “A gente não escreveu uma canção positiva até ‘Now I Wanna Sniff Some Glue’ (*Agora quero cheirar uma cola*) .”

Eles eram simplesmente perfeitos, sabe?

Mas Dee Dee foi o único dos Ramones com quem consegui andar. Nunca fiquei amigo de nenhum dos outros o suficiente pra saber como eram. Exceto que Johnny levava o baseball a sério, Joey estava ligado em cantores ingleses, e Tommy era um produtor sério.

Era completamente óbvio que Dee Dee era um doidivanas. Ele era muito engraçado. Dee Dee era um daqueles caras burros de olhar esbugalhado. Mas sua burrice era tão esperta que você nunca sabia quanto daquilo era o estilo dele de lidar com o mundo. Ele fingia. Tudo que ele dizia era esperto e engraçado.

Eileen Polk: Fiquei a fim de Dee Dee Ramone de verdade porque ele era de uma banda, e eu gostava de andar com caras de bandas. Quer dizer, ele era uma gracinha. Era adorável, mas estou certa de que uma parte de mim queria apenas provocar o caos – roubar Dee Dee de Connie.

Era um bom drama, e eu tinha a desculpa perfeita pra fazê-lo. Porque se Connie tivesse chegado pra mim e dito: “Este é meu namorado”, eu teria ficado longe dele.

Mas como ela tinha me batido, senti como se tivesse todo o direito de arruinar a vida dela. Ela arrancou meu vestido e me cobriu de vergonha. Então, na vez seguinte que dei de cara com Connie, caguei ela a pau.

Dorian Zero, Dee Dee e eu estávamos tomando um porre naquele bar na esquina da Rua 11 com Sexta Avenida. Dorian foi embora. Ficamos só eu e Dee Dee – e Connie apareceu!

Porra, sei lá como ela sabia onde a gente estava, ela tinha um radar e conseguia encontrar Dee Dee onde quer que ele estivesse. Daí ela entrou no bar e disse: “Oh, Dee Dee, só queria dizer que estou muito feliz que vocês dois estejam juntos e ainda te amo, mas a gente pode ser amigo e blah, blah, blah.” Daí ela foi embora.

Então eu disse: “Dee Dee, ela está nos esperando lá fora.” E ele disse: “Não, não, não, ela não faria isso.”

E é claro que ela estava. A gente estava saindo do bar, Connie veio correndo e começou a xingar Dee Dee. Ele estava pra lá de bêbado, e Connie o empurrou. Ele bateu de cabeça contra a grade de um carrão antigo, um Cadillac, e depois bateu a cabeça de novo na calçada. Caiu duro, nocauteado.

Então pensei: “Vou ter que vencer essa briga, ou vou ficar muito machucada.” Então não me contive, porque nas primeiras brigas que a gente teve eu havia me contido, porque tinha outras pessoas em volta que pensei que fossem me proteger. Mas dessa vez não havia ninguém. Dee Dee estava nocauteado no chão.

Então caguei Connie a pau.

Joguei-a no chão e comecei a esmurrá-la e chutá-la. Não deixei ela se levantar. Quando ela caiu, me assegurei de que ficasse caída. Quando consegui derrubá-la, vi que, se eu continuasse chutando e esmurrando, se não a deixasse levantar, eu ficaria numa boa. Então dei uma surra nela e fiquei bem feliz por fazê-lo – e Dee Dee e eu conseguimos dar o fora.

A única coisa que Dee Dee disse sobre o assunto no dia seguinte foi: “É muito ruim ser nocauteado deste jeito quando você está bêbado. Você pode ficar sem oxigênio no cérebro.” Eu disse: “Yeah, certo, Dee Dee.”

Richard Hell: Dee Dee me ligou um dia e disse: “Escrevi uma canção que os Ramones não vão tocar.” Ele disse: “Não está terminada. Que tal eu passar aí e te mostrar, e a gente terminá-la se você gostar?” Então creio que ele trouxe um violão junto. E eu tinha meu baixo. A canção estava praticamente pronta, mas faltava outro verso. Escrevi duas frases. Foi isso aí. Era basicamente uma canção de Dee Dee, embora eu ache que a letra, os versos que escrevi, fossem bons.

Dee Dee Ramone: A razão pra eu escrever aquela canção foi de despeito por Richard Hell, porque ele me disse que ia escrever uma canção melhor que “Heroin”, de Lou Reed; por isso fui pra casa e escrevi “Chinese Rocks”.

Escrevi sozinho, no apartamento de Debbie Harry, na Primeira Avenida com Rua 1. Depois Richard Hell colocou uma frase nela, então dei um crédito pra ele.

Arturo Vega: Os Ramones tiveram uma conversa sobre “Chinese Rocks” e não quiseram tocá-la porque Tommy Ramone disse: “Nada de drogas. Nada sobre drogas. Esta não é uma canção Ramone. Dê pra algum outro.”

Richard Hell: A controvérsia sobre essa música vem do fato da gente tê-la tocado nos Heartbreakers. Levei-a no ensaio seguinte, igualzinha a como ela seria tocada pelos Heartbreakers durante todos aqueles anos. Era eu que cantava porque era uma canção que eu tinha trazido, e ela ficou famosa em Nova York.

Mas depois que saí dos Heartbreakers eles continuaram tocando “Chinese Rocks” e acabaram gravando-a. E puseram os nomes deles nela, embora a

música não tenha mudado nada – apenas acrescentaram os nomes deles. Johnny Thunders possuía um sensacional instinto pra escrever canções. Ele sempre tinha os melhores toques e os mais fascinantes tipos de ideias, mas ele não teve absolutamente nada a ver com “Chinese Rocks”.

Jerry Nolan: Os Heartbreakers ainda estavam tentando se acertar. Mas aí Richard Hell começou a ficar descontente. No começo Richard pensou que seria o maioral. Ele tinha um estilo especial, mas simplesmente não conseguia sobrepujar Johnny. A coisa chegou a tal ponto que Richard de fato teve a audácia de realmente pensar que a gente despacharia Johnny. Eu só ri. Eu disse: “Richard, vai me desculpar, camarada, mas você acha mesmo que eu deixaria Johnny por sua causa? É você que vai ter que sair.”

Richard Hell: Comecei a me aborrecer com a idiotice das canções que os Heartbreakers escreviam. Elas soavam bem, mas sabe como é, é tipo: “Going’ steady, can’t keep my eyes off you – Can’t keep my eyes ON you.” (*Namorando firme, não consigo tirar meus olhos de você – Não consigo manter meus olhos EM você*) Eu não conseguia entender o que aquilo significava.

Roberta Bayley: Não foi legal pros Heartbreakers que Richard estivesse saindo com Sable, que tinha sido o grande amor de Johnny Thunders nos tempos dos New York Dolls. Estou certa de que, da parte de Sable, não foi por acaso que, depois de Johnny terminar com ela, ela comesse a sair com um cara da banda dele. E acho que Richard estava a fim de ter uma “namorada de rock star”.

Sable Starr: Na real eu ainda estava fodida por causa de Johnny Thunders. Levou muito tempo pra eu ficar bem. Conheci Keith Richards, e foi muito estranho. Foi preciso uma pessoa maravilhosa como ele pra me mostrar a pessoa maravilhosa que eu era. Ele é uma pessoa muito linda.

Eu estava em Atlanta com Keith, tinha dinheiro e quis vir pra Nova York pra ver o que estava rolando. Também estava curiosa a respeito de Johnny – não o via há um ano. Ele me ligou na primeira noite que eu estava lá e disse: “Quer sair comigo?”

Poderia ter sido barra pesada, mas eu estava numa situação bem clara. Sabia

quem eu era – eu estava com Keith Richards, não com ele.

Então saí com Johnny, e ele me apresentou pra Richard Hell – e me apaixonei por Richard e fui morar com ele.

Eileen Polk: Na real eu não queria Dee Dee usando drogas por causa de Connie, porque percebi que essa era a maneira dela voltar pra vida dele. E não seria eu quem iria dizer pra ele parar, mas de vez em quando ele tentava. Ficava sem drogas por umas semanas, mas Connie estava sempre esperando por ele com um monte no bolso. Era assim que ela o pegava.

Dee Dee Ramone: Connie era muito malandra, tinha uma queda por facas e garrafas quebradas e ia pra cima de qualquer um se estava numa ruim, e uma noite ela foi atrás de mim.

Nancy Spungen morava na Rua 23. Eu estava com ela uma noite, e Connie chegou lá e me pegou na cama com Nancy. Então Connie me esfaqueou porque eu estava trepando com Nancy.

Connie não deu a mínima porque roubou a coleção de dólares de prata de Nancy e vendeu pra pegar droga. Connie disse apenas: “Vamos nos chapar.”

Eu disse: “Tudo bem.”

Então a gente deixou Nancy lá.

Danny Fields: Adorei o drama de Dee Dee e Connie. É isso que se espera que rapazes e garotas façam; deem facadas um no outro, claro. Quer dizer, você não deve morrer, mas quase – ou perder um show – tudo bem.

Dee Dee Ramone: Connie pode ter me levado pra perto da morte um monte de vezes, mas, de certo modo, ela me manteve vivo. Ninguém mais o fez. Eu tinha toda aquela responsabilidade – tinha que tocar todas as noites –, e mais ninguém dava bola se eu tinha um lugar pra morar, ou tinha drogas, ou tinha alguma coisa pra comer.

Connie dava. Ela era tudo que eu tinha.

CAPÍTULO 24

Nocaute metálico

Wayne Kramer: Quando o MC5 terminou, em 1972, nos perdemos uns dos outros. Era como perder seus irmãos – a gente estudou junto, começou junto, enfrentou dificuldades junto. No fim, quando a banda terminou, foi tão doloroso e tão feio que nenhum de nós voltou a falar com o outro. Ninguém mais era amigo.

Então embrulhei minha guitarra e fui pro ponto da droga, porque a droga aniquila a dor, e eu não tinha que pensar em mais nada. É claro que, quando você tem esse tipo de dor, ela abre a porta pra todos os tipos de comportamento estranho.

Virei um criminoso depois que a banda terminou. Eu arrombava, traficava e receptava tevês, armas e drogas. Quer dizer, em 72, 73 e 74, não havia nenhuma cena musical digna de nota em Detroit. Foi brutal. A indústria automobilística despencou, por isso não havia nenhum clube; assim, se eu saía e assaltava duas ou três casas por noite, eu era uma estrela outra vez.

Eu tinha aquele vazio por causa da perda da minha banda que precisava ser preenchido, então preenchi com droga e crime. Mas se você põe o seu dinheiro num buraco no seu braço, nunca há dinheiro bastante, por isso você sempre tem que arrumar um novo trambique, sabe?

Por essa época Iggy veio à cidade, e lembrei que ele me devia uns duzentos dólares do nosso fracassado negócio com droga. Então fui ao backstage em um dos shows dele em Ann Arbor e disse: “Olha só, você me deve um dinheiro, sabe?”

Iggy disse: “O que, o que você quer dizer?”

Eu disse: “Lembra aquele nosso negócio?”

Então ele disse: “Oh, yeah, certo, mas você quer transar uma droga?”

Eu disse: “Yeah, claro, amanhã, quando você toca em Detroit, cara. Vou levar a droga e te encontrar no hotel mais tarde.”

Na noite seguinte fui ao hotel e levei um capanga comigo porque estava preocupado com Scotty Asheton – sabe como é, pensei que talvez precisasse neutralizar Scotty quando pegasse o dinheiro de Iggy.

Iggy juntou o dinheiro da banda – eram uns duzentos dólares – pra pegarem a droga e disse: “Ok, você quer fazer a transação aqui?”

Eu disse: “Não, vamos lá pra rua”, e a gente foi. Ele me deu o dinheiro, contei e daí disse: “Bem, agora estamos quites.”

Ele disse: “Estamos quites?”

Eu disse: “Yeah, você me devia isso, cara.”

Ele disse: “Quer dizer que não tem droga?”

Eu disse: “Não, cara.”

Iggy começou a chorar, meu ajudante viu Iggy chorando e foi lá e deu um abraço nele, dizendo: “Está tudo bem, cara. Não se preocupe, são apenas drogas. Não se preocupe com isso, meu irmão.” Certamente não me orgulho disso, mas eu precisava do dinheiro.

Bebe Buell: A última vez que eu e Iggy estivemos juntos fui de trem com ele pra Washington, onde ele estava tocando no Constitution Hall. Era um compromisso muito importante, e levei uma garota comigo, e ela levou um pouco de uma droga que quase me matou – o tal de PCP, tranquilizante pra elefante. Ela me deu uma carreira daquilo uma vez e me disse que era coca, e quase morri. Foi realmente horrível – vi anjos vindo me buscar, e todos eles tinham guitarras. Estou dizendo a verdade, foi uma alucinação, e todos os anjos tinham guitarras. Pensei que estivesse mesmo morrendo.

Por isso eu não gostava daquela garota. Não queria que ela fosse, mas ela foi assim mesmo. Mais tarde descobri que foi porque ela tinha arranjado um pouco daquela droga pra levar – ela mantinha aquilo longe de mim porque

sabia que eu jogaria tudo na privada.

Iggy e os Stooges estavam lá pelo quarto do hotel, e essa garota surgiu com a droga. Percebi imediatamente que era *aquela* droga, então fiquei muito, muito perturbada. Fui até o quarto de James Williamson e disse: “Cara, ela trouxe aquela merda, e se Iggy usar aquilo não terá a menor condição de fazer o show.”

Até minha mãe estava vindo pra vê-lo naquela noite, porque ele era maravilhoso naquela época, ele estava no auge – quando não estava doidão. Mas eu sabia que se ele usasse aquela droga não haveria jeito de fazer a apresentação. Eu sabia. Eu estava apavorada.

A primeira coisa que James Williamson me disse foi: “Você não devia ter me chamado – não devia tê-lo deixado sozinho no quarto com ela, porque sem dúvida ele já deve ter usado.”

Voltei pro quarto, e é claro que Iggy tinha usado uma carreira de elefante – sabe como é, uma carreira pra setenta e cinco pessoas. Pode crer. Fomos pro Constitution Hall, era um lugarzinho lindo, a banda estava brilhante e animada, todo mundo estava pronto pra começar, todo mundo estava com um ar ótimo...

E então Iggy literalmente rastejou pro palco, pegou o microfone e fez: “Naaaaaooo...”

Direto pro chão. Foi muito triste.

Iggy Pop: Comigo nunca dava pra saber – a gente tocou em Atlanta uma noite, e eu tinha tomado tantos calmantes na noite anterior, me jogaram nos arbustos, me deixaram no matagal perto do Days Inn. Acordei e não conseguia falar.

Então a preparação pro show foi me injetar coisas suficientes pra que eu ficasse de pé e conseguisse abrir a boca e formar uma palavra, mas eu ainda não conseguia frasear na batida. Foi preciso cerca de um grama de *speed* e dois gramas de coca na veia, no clube, pra que eu ficasse de pé sozinho e fraseasse só um pouquinho atrás da batida.

Eu mal conseguia ficar de pé, e nesta noite Elton John apareceu no palco com uma fantasia de gorila. Fiquei meio assim: “Oh, meu Deus! O que posso fazer?” Não podia brigar com ele. Mal podia parar de pé. Estava doido demais pra me mover, pra reagir. E coisas como essa estavam acontecendo constantemente, sabe?

Jim Marshall: Fui de carona pra Atlanta pra ver os Stooges e, antes do show, vi-os usarem punhados de *angel dust*. Deve ter sido um dos últimos shows deles, e a coisa mais estranha que aconteceu foi que Elton John tinha voado pra Atlanta porque estava tentando fechar um contrato com Iggy ou coisa assim. Elton tinha posto uma fantasia de gorila e pulou no palco e pegou Iggy, levantou-o – levantou-o acima da cabeça dele.

Iggy estava tão detonado de *dust* que não fazia ideia do que estava acontecendo com ele. Iggy estava encolhido de terror, como se não soubesse que não era um gorila de verdade.

Iggy Pop: Eu estava realmente mal naquele tempo, então não se podia dizer que eu estivesse cansado de excursionar, era mais do que disso, sabe? Nosso dia típico era conseguirmos pegar um voo na quarta tentativa, a gente entrava no avião em Los Angeles, eu já estava atrolhado antes do avião decolar. Digamos que a gente estivesse indo pra Memphis – quando chegasse em Memphis eu já teria cheirado alguma coisa na minha bandeja e fumado alguma coisa no banheiro. A gente chegava em Memphis, o jornal tinha minha foto com o título: “Delegacia de Costumes assiste ao concerto desta noite.”

Chego no hotel, estou nervoso, então pego todas as minhas diárias e compro vinte Kahlúa com leite, porque estou nervoso, mas só gosto de drinks fraquinhos, certo?

Então, na hora que eu chegava pro show, não estava lá muito bem.

Wayne Kramer: Na real não fui um criminoso muito bom. Os federais colocaram um informante comigo – um alcaguete dos federais que na verdade era um dedo-duro do ponto de droga.

Ele tinha sido apanhado por uma merda qualquer e não queria voltar pra

cadeia, por isso me apresentou praquelas gorilões italianos, que andavam sempre em carros luxuosos e tinham grandes maços de dinheiro. É claro que eram agentes da DEA (*Drug Enforcement Agency*) , e acabei vendendo uns gramas de cocaína pra eles.

Minha carreira criminosa chegou ao clímax quando acertei meu último negócio com eles – trezentos gramas de cocaína oitenta e nove por cento pura. Aquela porra daquela cocaína era excelente.

Eu tinha negociado com aqueles caras por oito meses, e meus dois parceiros me garantiram que eles eram cool: “Olha só, cara, eles são cool, a gente tem negociado com eles, vamos fazer no *seu* apartamento...”

Então os dois agentes chegaram, meu parceiro veio com uma amostra, eles experimentaram e disseram: “Está ok.” Então meu parceiro saiu e voltou com os trezentos gramas.

Daí um dos agentes disse: “Certo, vou lá embaixo pegar o dinheiro no carro.”

Eu disse: “Ok.” Ele desce até o carro e volta com a pasta. Eu tinha um flat no segundo andar, com um poço de escada comprido. Olhei pra baixo – e ele tinha deixado a porta aberta. Fiquei cego pro óbvio, pensando: “Bem, ele apenas quer sair depressa depois que a gente fizer o lance.”

Mas quando foram abrir a pasta, não conseguiam. Fico olhando pra eles, e os dois sujeitos estão discutindo entre si: “Me dá a pasta, me dá a pasta.” E: “Vou pegar, vou pegar!”

Eu disse: “O que está acontecendo, porra? Estão brigando por causa da pasta, porra?”

Então, de repente ouço uma porra de uma manada de elefantes e ouço: “Parados, é a polícia! Vocês vão ser baleados!”

Olho e vejo todos aqueles caras correndo escada acima, de olhos arregalados, com umas porras de uns coletes à prova de bala e as armas engatilhadas. Me virei, e os meus caras, Tony e Joe, tinham ambos umas porras de umas nove milímetros – e uma delas bem na minha cabeça.

Pensei que fosse um assalto. Pensei que fosse ser morto. Daí percebi que era a polícia e pensei: “Ihhheei, grande.” Daí pensei: “Cara, não quero ser baleado por acidente aqui, porque estou na frente de uma nove milímetros.” Pensei: “Jesus, esta é das grandes, vai fazer um buraco grande, cara.” Pus as mãos na cabeça e disse: “Não atirem, ninguém atire.”

Eles entraram correndo, gritando e berrando, do jeito que você vê na televisão, sabe como é, é como eles fazem.

Quando fui ao tribunal, o juiz disse: “Eu o respeitaria mais se você tivesse pego uma arma e matado um homem, mas você está matando os cidadãos aos poucos, vendendo drogas pesadas para eles, como cocaína e heroína.”

Eu disse pro meu advogado: “Não me pegaram com heroína nenhuma neste caso, cara.” Ele disse: “Shh, shh, fica quieto, Wayne.”

O juiz continuou: “Também não me importo com todas estas cartas de recomendação de todo mundo do meio musical. O que me importa é que você tinha trezentos gramas de cocaína pura no seu apartamento. Na cidade de Detroit, isso faz de você um grande traficante de drogas e uma ameaça à sociedade. Na minha opinião, temos o direito de ser protegidos de gente como você.”

As coisas não pareciam boas.

Então o juiz disse: “Bem, decidimos dar-lhe a melhor oportunidade de sua jovem vida quando você pediu uma sentença máxima de três anos e vamos dar-lhe os três inteiros.”

Pensei: “Três, uau, grande, sem problema, três anos.” Então o escrivão disse: “Oh, foi um erro de datilografia – o senhor Kramer pediu uma máxima de cinco anos.”

O juiz disse: “Verdade? Bem, vou lhe dizer o que farei, senhor Kramer, vou repartir a diferença com você. Fique com quatro.” Bang.

Iggy Pop: O último show de Iggy e os Stooges foi no Michigan Palace, quando todos aqueles motoqueiros vieram. Veja bem, na noite anterior a

gente foi pra Detroit e fez um daqueles showzinhos secundários que se faz pra complementar o show principal, pra pagar a conta do hotel. E um cara ficou atirando ovos em mim.

Eu estava com uma roupinha de bailarina, uma tanga de mulher e tudo mais e me enchi daquilo. Era um ponto de encontro de motoqueiros, sabe? Então finalmente parei com tudo e disse: “Ok, estou convocando este escroto! Abra espaço, todo mundo!”

Todo mundo abriu espaço, e ali está o sujeito, com cerca de um metro e noventa de altura e uns cento e quarenta quilos, com uma luva-soqueira que literalmente ia até o cotovelo e tinha umas tachinhas.

Então ele está parado lá com a luva-soqueira numa mão e os ovos na outra, tipo: “Ha, ha, ha.”

Eu disse: “Bem, que porra. É melhor eu acabar logo com isso.” Então larguei o microfone e descii. Sabe como é, eu estava com sapatinhos de ballet, e foi como ver um trem chegando: “Choo... choo... choo... choo... BAM!”

Ele me acertou. Mas não me derrubou. Não conseguiu me nocautear, foi muito estranho. Continuei de pé e não conseguia bater nele. Finalmente o sangue foi demais pra ele, então ele parou e disse: “Ok, você é cool.”

Não me senti tão cool.

Ron Asheton: É claro que aquilo não machucou Iggy de verdade. É difícil machucar Iggy. Sei lá, ele tem o corpo fechado. Vi-o rolar escada abaixo com oito Quaaludes, e todo mundo pensou: “Ele está morto!”

Ele não estava sequer machucado, levantou e saiu cambaleando.

Depois que o motoqueiro grandalhão com a luva de couro tacheada surrou Iggy, ele voltou e disse: “Parem de tocar!”

Iggy Pop: A gente voltou e tocou “Louie, Louie”. Se tudo o mais falha, toque “Louie, Louie”, certo? É isso que você aprende tocando numa banda com seus camaradas por cinco anos, certo? Toque “Louie, Louie” que você

sempre vai desdobrar qualquer situação.

Daí os tiras estavam chegando, terminamos “Louie, Louie” ligeirinho, e então fui levado embora escondido. Fiquei com uma garota com quem eu estava saindo, numa casa direitinha no subúrbio. Eu não tinha roupa nenhuma, só aquele traje de ballet. Foi muito estranho de manhã com a mãe dela, sabe como é, aquele cara num traje de ballet – “Oi”.

A gente tinha um show duas noites depois em Detroit, e descobri que o sujeito que me bateu – aquela tinha sido a iniciação dele numa gangue de motoqueiros, jogar ovos em Iggy pelos Scorpions!

Então fui numa rádio e disse: “Os Scorpions mandaram um babaca jogar ovo em mim, então digo: venham, seus Scorpions, vamos resolver isso e ver se vocês são homens o bastante pra encarar os porras dos Stooges!”

Assim, na noite seguinte TODOS os Scorpions foram ao concerto no Michigan Palace. Mas tínhamos a nossa própria gangue de motoqueiros conosco, chamada God’s Children, e eles subiram no palco conosco. As pessoas jogaram coisas na gente desde o primeiro instante do show – câmeras e gravadores, umas merdas caras, um monte de roupa de baixo – daí vieram as garrafas de cerveja e vinho e as verduras, coisa desse tipo. Mas eu tinha um arsenal nos bastidores e uns atiradores, então eles apareceram e jogaram um monte de coisas de volta naquela gente.

Scott Asheton: Eu dizia pra Iggy: “Não fica na minha frente!” Porque todos miravam nele. Mas não fui atingido por nada, porque eu botava um prato bem na minha frente. Eu tinha dois pratos ao lado, então dava pra olhar por cima e ver o que estavam jogando em nós – eu via as coisas vindo – e, se estavam vindo na minha direção, me abaixava rápido, e as coisas atingiam os pratos.

Iggy Pop: Daí vieram as vasilhas, câmeras, pedras, facas, cintos, sapatos. Era uma saraivada, e está tudo gravado. Olhei e disse pra eles: “Bem, sabem como é, vocês pagaram cinco mangos, e estou deixando a cidade com dez paus, por isso VÃO SE FODER!”

Qualquer coisa pra implicar com eles. Isto foi na minha turnê alcoólica. Vodca. Assim sendo, acho que este foi o último show dos Stooges, talvez,

não sei ao certo, sabe? Não gosto de ir pra casa de noite: “Querido Diário...” Eu não era este tipo de pessoa, ha, ha, ha.

Ron Asheton: Iggy e James Williamson voltaram pra Los Angeles, e fui depois. Eu estava morando no mesmo prédio que James, aquele lugar esquisito perto do Hyatt House. Iggy ligou depois de uma semana e disse: “Acabou, larguei, estou mentalmente exausto, fisicamente exausto, e além do mais James me apareceu com um contrato que tem uns três centímetros de espessura e exigências demais.”

Iggy não mencionou todas, mas uma delas era: “Só Iggy e James podem escrever canções.” Então Iggy disse: “Não vou assinar isso; portanto, está acabado.”

Porra, lá estava eu em Los Angeles sem dinheiro nenhum pra uma passagem de volta pra Detroit.

Iggy Pop: Durante os últimos dois anos dos Stooges, James Williamson pegou junto, mas perdeu o respeito por mim e qualquer expectativa verdadeira pela banda e quis entrar na indústria comercial da América.

E, pouco a pouco, James estava tentando assumir o controle da minha banda – até os roadies eram da turma dele, e Scott Thurston, o músico auxiliar, era amigo dele, e etc. etc. Ele tentou armar toda essa coisa em volta dele. Havia basicamente uma disputa ali no momento em que saltei fora. Eu não iria trabalhar pra ele – fim de linha.

Ron Asheton: Depois que os Stooges terminaram, formei uma nova banda: New Order, com Jimmy Recca, Dennis Thompson, do MC5, e Dave Gilbert. Enquanto eu estava tocando com o New Order, o Patti Smith Group veio de carro de Nova York a L.A. pra tocar no Whiskey-A-Go-Go. Minha nova banda não tinha dinheiro, mas a gente quis dar as boas-vindas pra banda deles. Era a primeira vez que eles tocavam no Whiskey-A-Go-Go, então compramos uma dúzia de rosas, o que foi foda, sessenta dólares ou coisa assim. Descolamos uma garrafa de champanhe boa, era todo o dinheiro que tínhamos pra comida.

Então a gente deu as flores e a champanhe no show, mas Patti nem tomou

conhecimento. Até Lenny Kaye estava um pouco altivo. Mais tarde James Williamson veio até o meu apartamento e disse: “Ah, Patti e Lenny estão lá embaixo, no meu apartamento, por que você não desce?”

Eu disse: “Claro.” Eu queria levar todos os caras do New Order, mas James disse: “Não, só você.”

Eu tinha pintado meu apartamento naquele dia, por isso estava usando umas calças largas vagabundas e uma camiseta e, quando entrei, já me senti esquisito. Sabe como é: “Deus, a gente fez toda aquela coisa por eles, e eles nem deram a mínima bola.”

Patti me tratou como merda. Ela estava com Iggy. Ficaram rindo e caçoando de mim por algum motivo. Foi uma situação desagradável. Então eu disse: “Vão se foder”, e fui embora.

Dennis Thompson: James era o próprio junkie – um pouquinho de pele e um monte de osso. Nós o chamávamos de Skull (*Caveira*) .

De fato, Ron e eu escrevemos uma cantiga sobre Williamson e a namorada dele. Evita era bonita e legal, mas no que nos dizia respeito elas eram todas umas vagabundas. Porque a gente não tinha um centavo. A gente estava quebrado, falido, sem um puto tostão.

Ron Asheton: O New Order tinha gravado um monte de coisa, e fui a Detroit tocar aquilo pra Dave Alexander. Na noite anterior à minha volta pra Los Angeles, a gente se chapou, e Dave disse: “Posso ir com você até o aeroporto?”

O que foi estranho, porque geralmente não gosto que ninguém vá comigo. Então ele foi, e, quando chegamos lá, ele disse: “Posso entrar com você?” Nunca deixo ninguém entrar comigo. Então entramos, e ele foi comigo até o balcão de passagens, mas não foi até o portão de embarque, e disse apenas: “Bem, provavelmente esta será a última vez que te vejo.”

E eu disse: “Oh, cara, que bobagem, de jeito nenhum”, mas por que ele disse aquilo?

Mais ou menos uma semana depois estou no meu apartamento, sem dinheiro, sem telefone, e Iggy e James Williamson vêm até a minha porta. Àquela altura a gente estava bem afastado, então foi uma surpresa. E daí Iggy diz: “Zander morreu, e não me importo porque ele não era meu amigo mesmo.”

Fiz: “Hã?” Fiz ele dizer três vezes. Foi isso que sempre me puteou em Iggy. Ele disse: “Zander morreu, e não me importo porque ele não era meu amigo mesmo.”

Fiz: “Uhaaaauuuu!”

Fiquei tão aturdido que não disse nada. Perguntei pra James: “Posso usar seu telefone?” E James me deu as chaves do apartamento dele, fui lá sozinho e liguei pra casa pra descobrir o que tinha acontecido. Falei com Scotty, que me disse que Dave foi pro hospital por causa de um problema no pâncreas e acabou morrendo de pneumonia e que foi tudo muito rápido.

Scott Asheton: Depois disto, Iggy teve um colapso nervoso. Vinha andando pela rua e finalmente entrou em colapso. Foi por causa das quantidades maciças de drogas – quer dizer, você simplesmente não pode tomar ácido e Quaaludes ao mesmo tempo, simplesmente não dá certo.

Iggy Pop: Eu só queria esquecer tudo que tinha acontecido antes. Estava doente, fora de mim. Não conseguia dormir, minha coluna tinha se desconjuntado depois de eu ter caído de costas de um palco de três metros de altura, e eu sentia dor o tempo inteiro. Tinha que ficar entorpecido pra conseguir aguentar.

Ron Asheton: Um dia meu irmão estava sentado no peitoril da minha janela naquele apartamento bem velho – janelas francesas, de batente, até o chão, abertas pra uma queda de cinco andares, então fico dizendo: “Hey, não senta aí, você está chapado, cara.” Estou sentado na cadeira em frente a ele, dizendo: “Não senta aí, cara. Não te encosta nessa janela...”

Ele se encostou na janela – ele está DO LADO DE FORA da janela. Voei da cadeira, agarrei-o pelos tornozelos, e ele ficou pendurado do lado de fora da janela. Pensei: “Tenho que tirar esse fodido daqui, cara.”

Então eu finalmente disse: “É isso aí. Você está indo pra casa, chefe.” Liguei pra minha mãe e disse: “Manda uma passagem pra ele. Ele tem que sair daqui, mãe.”

Iggy Pop: Me internei num hospital porque estava tão fora de controle que percebi que não iria melhorar a menos que ficasse num lugar onde pudesse apenas comer e dormir e não botar as minhas mãos em nada. E eu tinha um convênio médico, tinha Blue Cross.

No hospital, eu disse pro residente que estava lá: “Fui viciado em drogas muito pesadas por muito tempo. Desde então, parei com elas, mas agora sou um panaca que usa um monte de pílulas e bolinhas. Você pode me ajudar? Pode me trancar aqui, onde nenhum dos meus supostos amigos pode chegar em mim?”

Scott Asheton: Quando a banda terminou, voltei pra Ann Arbor e basicamente fiquei atirado por lá, lambendo as feridas, por assim dizer. Eu estava tentando botar a porra da cabeça no lugar, e isso levou dois longos anos. Era como começar a vida de novo. É difícil de explicar, mas foi muito apavorante. Eu estava muito doente.

Uma noite, depois de eu estar sem me drogar há uns seis meses, houve um concurso de Miss América Negra na tevê, e uma das candidatas imitou alguém que está tentando se livrar das drogas. Lembro da minha mãe dizer: “É isso que você está enfrentando, Scotty?”

Não consegui nem responder: “Se você soubesse, mãe.”

Wayne Kramer: Enquanto eu estava na cadeia, um dos meus camaradas comprou uma assinatura da revista *Billboard* pra mim. Comecei a ler sobre os Ramones – que pra mim se pareciam todos com Fred “Sonic” Smith –, e Danny Fields era o empresário deles. Então todos aqueles artigos diziam que aquele tipo de banda era inspirada no MC5, e, onde eu estava, “punk” não tinha uma boa conotação. Por isso eu jogava os artigos na privada, porque na cadeia um punk é alguém que eles submetem e fazem de namorada. Sabe como é: “Vou fazer você ser minha punk” – e você podia ser morto por causa desse tipo de coisa, certo?

PARTE QUATRO

Você nunca deveria ter
aberto esta porta

1976-1977

CAPÍTULO 25

Blitzkrieg Bop

Dee Dee Ramone: O primeiro álbum dos Ramones levou apenas dois dias pra ficar pronto. A gente tinha feito umas outras gravações, umas demo-tapes com Craig Leon e Marty Thau, mas não deu certo porque na volta do estúdio pra casa estávamos muito chapados – estávamos dirigindo por uma zona cheia de mato, nos perdemos e vimos partes de corpos humanos ao longo da estrada. Tipo um braço aqui, uma cabeça lá. Todo mundo viu. Ficamos felizes de voltar pra Nova York depois disto. Então decidimos fazer o álbum num estúdio dentro do Radio City Music Hall.

Arturo Vega: Quando a gente estava gravando o primeiro álbum no estúdio dentro do Radio City Music Hall, eu sabia me achar por lá porque costumava entregar filmes lá nos tempos em que era um mensageiro. Eu conhecia todas as passagens secretas e escadas; era maravilhoso caminhar sozinho nas passarelas em cima do palco.

Então me esgueirava pra dentro do camarim dos Rockettes – os dançarinos, sabe, e roubava os trajes deles. Peguei umas calças maravilhosas de lamê dourado, uma capa e umas coisas maravilhosas de cetim. Foi perfeito.

Pensei que os Ramones fossem ficar no estúdio por um tempo, mas depois de três dias eles disseram: “Fizemos!”

Fiquei imaginando: “Oh, foi fácil.”

Joey Ramone: A gente fez o álbum em uma semana e gastou só seis mil e quatrocentos dólares – todo mundo ficou surpreso. Naquele tempo, as pessoas não davam muita bola pra dinheiro. Havia um monte de dinheiro na parada. Dinheiro em circulação pra coisas absurdas. O dinheiro ainda não estava curto – alguns álbuns estavam custando meio milhão de dólares pra serem feitos e levando dois ou três anos pra serem gravados, como Fleetwood Mac e outros. Fazer um álbum em uma semana e produzi-lo por seis mil e quatrocentos dólares era inédito, ainda mais um álbum que de fato mudou o mundo. Ele inaugurou o punk rock e deu início àquela coisa toda – e também nos lançou.

Dee Dee Ramone: Na primeira vez que saí da cidade com os Ramones fomos pra algum lugar medonho na Nova Inglaterra. Era na praia, um grande salão muito do vagabundo e fedendo a cerveja chamado Frolics. Não consegui descolar droga naquela manhã e fui ficando mal. Era inverno e estava frio, e depois do show a gente foi pra um motel pulguento.

Era repugnante. Já estive nuns lugares ruins, mas aquele hotel... Eu estava ficando doente. Estava surtando pela falta de droga, então peguei um cobertor e cobri a pia com ele e deixei a água correndo. Sentei embaixo do cobertor, embaixo da pia, e tentei fazer de conta que estava sentando embaixo de uma cachoeira pra esquecer de onde eu realmente estava. A gente estava louco pra dar o fora de lá, mas ainda tinha que ficar por mais três dias. No terceiro dia eu estava um caco, e aquela noite foi tipo a noite mais fria que já passei. No instante em que paramos de tocar, apareceu um tira que mostrou uma arma enorme e disse: “É melhor vocês tocarem mais!”

Na manhã seguinte, a gente ligou pra Danny Fields e disse: “Danny, a gente nunca mais vai fazer isso!” Ele disse: “Bem, vocês vão tocar em tal lugar hoje à noite e naquele outro amanhã...”

Danny Fields: Linda Stein, a mulher de Seymour Stein, que era minha partner como empresária dos Ramones, tinha uma visão muito internacional. Ela estava, eu diria, hipnotizada, e com toda a razão, pelas possibilidades lucrativas abertas aos Ramones no mercado europeu.

Desde o começo, ela acertadamente percebeu que seria mais fácil pra gente achar um bom mercado no Reino Unido. Então, desde o começo, tentamos

chegar na Inglaterra, especialmente à medida que foi ficando cada vez menos provável que conseguíssemos ir além de Nova Jersey, do outro lado do rio.

Nosso primeiro show dos Ramones na Inglaterra foi em 4 de julho de 1976, o fim de semana do bicentenário, o que achei apropriado metaforicamente, porque era o segundo centenário de nossa libertação da Grã-Bretanha e estávamos trazendo pra Grã-Bretanha esse presente que iria despedaçar pra sempre as sensibilidades deles.

Dee Dee Ramone: Quando a gente foi pra Inglaterra as coisas aconteceram muito rápido, foi inacreditável. A gravadora nos liberou o serviço de quarto, e pedi tantas garrafas de scotch que minha conta chegou a setecentos dólares em dois dias. Quando eles viram isso, disseram: “A gente pensou que vocês iam pedir uns sanduíches de queijo e Coca-Cola.” Não imaginei que pudesse me sair melhor. Me senti um grande rock star. Achei que fosse isto que esperavam que eu fizesse.

Mickey Leigh: Acho que todo mundo ficou um pouco nervoso por estar em Londres, fora da sua terra pela primeira vez. Todos nós, os Ramones e os roadies, estávamos andando por um beco pra chegar na porta dos fundos da Roundhouse, e, parado no beco como um pelotão, estava o Clash.

Todos eles estavam com jaquetas de couro pretas e tentando ser bem durões, e a gente ficou um pouco amedrontado. Tommy estava tomando Valium, e as mãos dele estavam tremendo porque ele estava nervoso pra caralho. Então, enquanto a gente caminhava pra porta, eles disseram: “Somos o Clash, cara. Vamos ser maiores do que todo mundo.”

Não foi do tipo: “Hey, gostamos do disco de vocês!” Era uma encenação. Estavam agindo como punks, porque é assim que pensaram que as bandas de Nova York agissem – duronas.

Arturo Vega: Todas as bandas de Londres estavam circulando pelo beco, tentando entrar na Roundhouse pra ver os Ramones. Johnny Rotten me perguntou se poderia entrar pela porta dos fundos e se encontrar com a banda.

Ele me perguntou: “Se eles não gostarem de mim, vão?” Ele pensou que os Ramones fossem uma gangue de verdade, ha, ha, ha.

Dee Dee Ramone: Os Ramones sempre colocavam umas gotinhas de mijo em qualquer coisa que davam pros seus convidados, como uma brincadeirinha. Quando Johnny Rotten veio ver os Ramones na Roundhouse, perguntou pra Monte se podia ir ao camarim dar um alô. Johnny Ramone disse que tudo bem e foi muito cordial com Johnny Rotten quando se encontraram. Apertou a mão dele, deu uns tapinhas nas costas e perguntou se ele queria uma cervejinha. Ha, ha, ha.

Johnny Rotten pegou e bebeu num trago. Nós todos ficamos prendendo a respiração, com a maior cara de pau. Então ele foi embora.

Danny Fields: Mick Jones e Paul Simonon, do Clash, estavam lá. Paul estava sentado por ali com umas meias brancas, e elas estavam realmente imundas, e pensei: “Rapaz, isto é cool.” Fiquei muito a fim de Paul, o bonitinho, porque adorei as meias dele. Eram umas meias brancas realmente imundas e gastas. Dava pra perceber que era dentro do sapato que elas ficavam verdadeiramente imundas.

Mas ele acabou tendo um caso com Patti Smith. Ela tinha bom gosto pra homens. Paul e Mick ainda não estavam no Clash, mas estavam começando. Estavam com medo de tocar até verem os Ramones. Quer dizer, Paul e Mick contaram pros Ramones: “Agora que vimos vocês, vamos fazer uma banda.”

Os Ramones disseram: “Vocês só têm que tocar, caras. Sabe como é, saiam do porão e toquem. Foi o que a gente fez.”

Basicamente os Ramones disseram pra eles o que disseram pra incontáveis outras bandas: “Vocês não têm que ficar melhores, saiam daí, vocês são bons como são. Não esperem até ficar melhores, como vocês vão saber? Saiam daí e façam.”

Foi isso que os Ramones pegaram dos New York Dolls, sabe: “O que a gente está esperando?” Pra mim essa é a parte importante, a confiança que as bandas passam umas pras outras.

Dee Dee Ramone: Sid Vicious me seguiu por todos os lugares. Isso foi antes dele estar nos Sex Pistols. Ele era muito legal e muito inocente. Vi ele o tempo inteiro. A pior vez foi numa noite em que fizemos uma tremenda festa.

Era verão, e em Londres não há ar-condicionado. Era num lugar chamado Country Cousin ou Country Club, onde todo mundo fazia suas festas. Estavam servindo vinho e cerveja, e todo mundo estava atrolhado. O banheiro inteiro estava cheio de vômito – na pia, nas privadas, no chão. Era completamente nojento.

E alguém disse: “Dee Dee, você precisa de alguma coisa?”

Eu disse: “Yeah, quero um pouco de *speed* .”

De repente eu tinha uma enorme quantidade de *speed* na minha mão. Comecei a cheirar feito louco. Fiquei muito louco. E então vi Sid, e ele disse: “Você tem alguma coisa pra se chapar?” Eu disse: “Yeah, tenho *speed* .” Então Sid sacou um kit de apetrechos, botou um punhadão de *speed* na seringa e daí enfiou a agulha na privada, com todo o vômito e mijo, e encheu. Não pôs no fogo. Só sacudiu, enfiou no braço e saiu do ar. Fiquei só olhando pra ele. E eu que até ali achava que já tinha visto tudo. Ele olhou pra mim meio zozzo e disse: “Cara, onde você conseguiu essa coisa?”

Legs McNeil: Sentei no alpendre da casa de Arturo na Rua 2 e esperei Joey Ramone voltar da Inglaterra. Antes dele ir, eu disse: “Pra que vocês têm que ir pra Inglaterra? Não vão pra Inglaterra. A Inglaterra é uma chatice.”

Eu nunca tinha ido pra Inglaterra. Ou pra qualquer outro lugar. Só no Bowery. Outro verão no Bowery. Então sentei no alpendre de Arturo e esperei Joey voltar pra casa. Não tive que esperar muito, eles foram só pro fim de semana de 4 de julho. Quando Joey voltou, pelos olhos dele dava pra ver que tinha acontecido alguma coisa. Joey ficou dizendo: “Legs, você não vai acreditar! Você não vai acreditar! Eles adoraram!”

Não fiz ideia do que ele estava falando, porque naquele tempo punk ainda era só a revista, os Ramones, Richard Hell, Johnny Thunders, Patti Smith e os Dictators. Havia só umas cem pessoas andando no CBGB’s. E metade dessas pessoas não eram punks, eram do mundo das artes, levadas ao Bowery pelas lamúrias yuppies de David Byrne. Os Dictators moravam no Bronx e dificilmente circulavam. E parecia que todo mundo, exceto eu e Joey, era junkie. Então punk, o movimento inteiro, parecia a nossa piadinha interna, destinada a ficar deste jeito.

Por isso, quando Joey me contou que o show na Roundhouse tinha sido bom, fiquei naquela: “Grande, estou contente, mas o que a Inglaterra tem a ver com punk? Quer dizer, quando a América vai gostar de nós?”

Cheetah Chrome: Na primeira vez que os Ramones tocaram em Cleveland a gente se encarnou neles – tocou fitas pra eles e coisa e tal, e quando eles estavam deixando a cidade a gente foi na frente. Eles estavam procurando a rampa de acesso à highway, então Stiv Bators e eu pegamos um outro carro e os guiamos até lá.

Foi quando Stiv subiu na tolda do carro. A gente estava a uns cento e trinta quilômetros por hora, e Stiv saiu pela janela, subiu na tolda do nosso carro e mostrou a bunda pros Ramones. Stiv estava dirigindo, então segurei o volante quando ele saiu pela janela.

James Sliman: Stiv fazia isto toda noite quando a gente morava em Cleveland. A gente ficava bêbado, e Stiv tirava as calças e ia pro para-brisa do carro – mantendo a mão no volante – e mostrava a bunda pra todo mundo. Este era o grande número dele. O pau dele ficava pressionado contra o vidro do para-brisa, mas a bunda ficava à mostra pra todo mundo ver.

Cheetah Chrome: Quando Joey Ramone voltou pra Nova York, falou sobre nós pra Hilly e nos conseguiu uma audição no CBGB’s numa segunda-feira à noite. Até então os Dead Boys não existiam de fato – montamos a banda depois de Joey Ramone nos conseguir a audição.

Os Dead Boys só estavam juntos há uma semana. Antes disto tínhamos uma banda chamada Frankenstein, que tinha se separado. Estávamos parados principalmente porque não conseguíamos fazer show. Stiv ficou dizendo: “Ouçam, em Nova York estão na mesma que nós. Não somos esquisitões lá. Vamos ser normais lá.”

Daí Stiv fez Joey conseguir o show pra nós. Stiv nos telefonou e disse pra nos encontrarmos com ele no aeroporto. Quando chegamos no bar do aeroporto, nenhum de nós sabia que os outros estariam lá, porque estávamos todos brigados uns com os outros. Então, quando chegamos lá, Stiv fez um discurso.

Ele disse: “Vocês sabem que é isso que querem fazer, certo? É isso que a gente quer. Bem, se ficarmos em Cleveland, não iremos a lugar nenhum. MAS se formos pra Nova York, temos uma chance.”

Então a gente disse: “Bem, é isso aí, porra.”

Legs McNeil: Joey Ramone foi o anfitrião informal dos Dead Boys enquanto eles estiveram aqui, então Joey e eu andávamos com eles, e gostamos deles. De acordo com os rumores, Stiv era o cara que tinha alcançado a manteiga de amendoim pra Iggy durante o famoso show dos Stooges em que Iggy andou sobre as mãos de todo mundo. A gente nunca conseguiu descobrir se era verdade ou não, mas de qualquer modo era uma mentira genial.

Stiv era totalmente fã de Iggy. Era evidente que ele estava imitando Iggy no palco. Mas as canções eram geniais, então isso não tinha importância. Além do mais, Iggy não estava mais em cena.

Os Dead Boys se encaixaram direitinho, eram como nós, e em reconhecimento à nossa hospitalidade Stiv nos presenteou com Cruzes Matrizes Názis, pra nos fazer Dead Boys honorários, mas eu e Joey ficamos rindo deles, tipo: “Oh, genial, exatamente o que a gente sempre quis, colares názis!”

Os Ramones cantavam que eram názis na canção “Today Your Love/Tomorrow The World”, mas não eram názis. Veja bem, toda a cultura dos anos setenta era baseada em ser “legal”. Você tinha que ser legal. Não foi por acaso que as carinhas de Smiley viraram o símbolo dos anos setenta. Então, quando os Ramones cantavam que eram názis, na verdade estavam dizendo: “Nos recusamos a ser legais.”

Quer dizer, Joey é judeu, mas não creio que Joey tenha se ofendido com o presente. A gente só achou as suásticas dos Dead Boys estúpidas porque Arturo Vega, o dono do loft dos Ramones, era um pintor que fazia suásticas com Day-Glo (*tinta fluorescente*) .

O loft inteiro dos Ramones estava cheio de suásticas em Day-Glo. Então, comparadas com as suásticas em Day-Glo de Arturo, as Cruzes Matrizes Názis dos Dead Boys pareceram muito fajutas.

Arturo Vega: Quanto mais me aprofundava nas minhas pinturas de suásticas, quanto mais pensava nelas, mais gostava delas e percebia o quanto eram poderosas. E mais pensava nelas como arte. As cores fluorescentes Day-Glo não parecem muito naturais, embora tais cores existam na natureza – há alguns peixes e alguns pássaros que são meio fluorescentes, mas pra mim as cores representavam a loucura produzida pelo homem. Quer dizer, se você olhar pra cores fluorescentes o tempo todo, ficará cego, elas realmente matam a sua visão, então já é uma coisa radical. Daí, quando você mistura nazismo com cores fluorescentes, é ainda *mais* loucura produzida pelo homem.

Sempre pensei que o ÚNICO jeito de conquistar o diabo é fazer amor com ele. Meu sonho favorito é sempre aquele em que encaro o diabo. Estou nu, e o diabo aparece, ele é uma beleza azul. Ele parece um manequim, parece um robô. É claro que ele não está com roupa alguma e é azul e radiante. Fico ouvindo vozes que dizem: “É ele! É ele!” E faço: “Ok.”

Então ele vem e me encara, e olho pra ele, e ele é um pouquinho mais alto que eu, não muito, só um pouquinho mais alto, e digo: “Gosto de você.” E ele diz: “Eu também.”

Mas daí ele começa a me bater, RA, RA, RA, RA, e estou caído no chão – e de repente ele se transforma num bebezinho, um bebê de poucos meses, e daí fodo ele, ha, ha, ha, ha. E, enquanto estou fodendo, ele fica mexendo as mãos, mexendo como um bebê indefeso.

Então sempre pensei que pra conquistar o diabo você tem que fazer amor com ele. Você tem que entender isso.

Mas também gosto do jeito que as pessoas reagem às pinturas de suásticas – as pessoas piram. As pinturas são um detector de nazi enrustido, sabe? Elas trazem pra fora o nazi que há em você, se você é um nazi enrustido, porque as pessoas que vão ficar ofendidas são aquelas que têm alguma coisa pra esconder. As pessoas que agem tão defensivamente são sempre as pessoas que são fascistas enrustidas. É por isso que as pinturas são tão lindas – elas revelam você.

Danny Fields: Escrevi um conto pra revista *High Times* especulando por que

você não pode dizer “názi” na música popular, mas pode lançar um livro de bolso *com* uma suástica na capa. Isto continua a me intrigar. E achei as letras dos Ramones engraçadas. Quer dizer, Dee Dee não estava falando sobre o extermínio de uma raça, era mais uma coisa de uma pessoa pra outra, sabe como é: “When the bedroom door closes, I’m a Nazi.” (*Quando as portas do quarto se fecham, sou um názi.*)

Dee Dee cresceu na Alemanha. Dee Dee estava intrigado. Era como um garoto dizendo um palavrão pra ver se a boca dele ia ser lavada com sabão.

Dee Dee Ramone: Cresci basicamente na Alemanha, onde a gente se mudou de uma cidade de merda pra outra. Morei em Bad Tölz, na Bavária, bem perto do Hitler’s Eagle’s Nest. Morei em Munique, depois a gente se mudou pra Pirmasens, uma cidadezinha na fronteira francesa. O lado alemão de Pirmasens era chamado de Linha Siegfried, o lado francês era a Linha Maginot. Durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, o interior tinha sido fortificado com obstáculos contra tanques e blindados, artilharia pesada, bunkers e ninhos de metralhadoras. Eu pegava carona até os arredores da cidade, vagueava pelos velhos bunkers e encontrava metralhadoras chamuscadas e enferrujadas, capacetes alemães de aço, máscaras de gás, baionetas e fitas de metralhadora.

Todos os garotos do meu bloco residencial colecionavam e negociavam relíquias de guerra. E consegui tantas que comecei a negociá-las. Eu era fascinado pelos símbolos nazis. Adorava encontrá-los nos entulhos da Alemanha. Eram tão glamourosos. Eram tão bonitos. Meus pais ficaram muito injuriados com aquilo. Uma vez fiz uma verdadeira descoberta, uma espada da Luftwaffe, que achei numa loja. Comprei-a por oitenta marcos. Eu sabia que poderia ficar com ela ou vendê-la por uma pequena fortuna. Mas, quando levei-a pra casa, meu pai ficou completamente de cara. Ele disse: “Você tem ideia de quantos dos nossos morreram por causa desta espada?”

E pensei: “Esse cara é um babaca se realmente se importa”, porque o meu pai não tinha opinião sobre nada.

Danny Fields: Não era: “Oh, sou um názi, e é melhor vocês judeus tomarem cuidado!” Não era nada disso. Não era político, era sexual. Sei que algumas pessoas têm dificuldade pra fazer a distinção hoje em dia, mas não era uma

ameaça racial. Quer dizer, não existe ninguém mais consciente de que os meus parentes, embora eu sequer os tenha conhecido, foram exterminados pelos nâzis por serem judeus.

Ninguém leva o extermínio dos judeus europeus mais a sério do que eu. Quer dizer, não brinco com isso, não acho que seja engraçado. Mas, se você quer comprar um casaco maravilhoso de couro preto com “SS” nele, que foi o que Ron Asheton fez, por que não? Tenho uma estante cheia de livros sobre o Terceiro Reich – isso faz de mim um nâzi? Gosto de ler sobre isso, é um dos meus hobbies. Se você me perguntasse quais as três personagens da história que eu gostaria de conhecer, Michelangelo e Heinrich Himmler seriam duas delas. Quer dizer, eu gostaria de saber o que movia Heinrich Himmler. Como um criador de galinhas acaba matando seis milhões dos meus parentes? Isto é simplesmente inacreditável pra mim.

Mas não culpo ou condeno as pessoas por ficarem fascinadas. Mas, se houvesse o mais remoto indício de que eles seguiam o que os nâzis defendiam, eu teria cortado minhas relações com eles instantaneamente.

Dee Dee Ramone: Minha mãe costumava me contar histórias sobre a guerra. Ela me contava como não deixavam algumas pessoas entrar nos abrigos antiaéreos porque eles estavam cheios demais, e depois dos ataques aéreos ela saía e via todas aquelas pessoas que não tinham entrado caídas por lá com as tripas saindo pela boca. O choque das bombas tinha arrancado as tripas de dentro delas. Toda a cidade estava em chamas. E ela costumava me falar dos meus parentes que eram nâzis: “Oh, seu tio, ele não conseguiu voltar da Rússia até seis anos depois da guerra e daí foi nadar numa cratera de bomba e se afogou.” Eu costumava vaguear sozinho, vivendo em grandes fantasias, andando de balanço e imaginando que eu era um piloto de caça.

Eileen Polk: Arturo tinha um uniforme preto da SS pendurado no teto do loft dele, com um vestido longo de baile do lado. Sei que Dee Dee e Arturo vestiam aquilo quando não havia mais ninguém. Não sei quem usava o vestido e quem usava o uniforme, mas sei que eles faziam isso.

Philippe Marcade: Uma noite eu estava numa festa no loft de Arturo Vega, a gente estava completamente chapado, e a certa altura aconteceu de eu ficar parado atrás de Dee Dee e Arturo. Ouvi esse trequinho da conversa que foi

realmente genial. Juro por Deus que é verdade, cara. Dee Dee falou pra Arturo: “Já usei todo tipo de droga, tudo – tudo que se pode usar, usei. Não sei o que fazer agora.”

Daí ficou aquele silêncio, e Arturo disse: “Você nunca matou ninguém.”

Eles olharam um pro outro, tipo: “Hmmm, isto é verdade.” Acho que ficaram pensando sobre aquilo um minuto. Ha, ha, ha.

Eileen Polk: Dee Dee era brilhante em manipular pessoas. Mas quando caía no comum, na conversa de todo dia, parecia um abobado, o que acho que era fingimento. Era deste jeito que ele impedia adultos, polícia e todo mundo de chateá-lo. Quer dizer, eu estava com ele uma vez, entrando no loft dos Ramones, e alguém veio atrás de nós, e Dee Dee sacou um canivete.

Era o senhorio dele. O cara chegou por trás de nós quando viramos a chave. Dee Dee é muito, muito tenso, era como se sempre esperasse violência a cada passo. Mas quando viu que era o senhorio, Dee Dee disse: “Oh, uau, cara, sinto muito.” E agiu como um completo idiota. E o senhorio ficou naquela: “Tudo bem, Dee Dee. Tudo bem.”

Acho que Dee Dee estava sempre esperando que alguma coisa ruim acontecesse. Talvez estivesse ansioso pra que alguma coisa ruim acontecesse. Existem algumas pessoas que falam sobre brigar e sobre violência, e você sempre fica se perguntando se na real não é isso que elas querem que aconteça.

Cheetah Chrome: Dee Dee Ramone deu pra Stiv uma faca 007 num dos nossos primeiros shows. Lembra da faca 007? Tinha um cabo de madeira marrom, com uma abertura de uns trinta e cinco centímetros, a lâmina tinha cerca de três centímetros de largura? Ela abria pelo lado. Não era um canivete, era uma faca de abrir. Era uma boa faca, ainda é fabricada.

Então Dee Dee jogou a faca pra Stiv no palco, tipo no nosso segundo show no CBGB's. Era uma grande coisa porque era um presente de Dee Dee. Era como se fosse a faca de Dee Dee, entende? Acho que foi o jeito de Dee Dee dizer que gostava dos Dead Boys, sabe como é: “Toma aí.” Foi nesse espírito que ela foi dada, e significava um monte pra Stiv.

James Sliman: Na segunda vez que os Dead Boys tocaram no CBGB's, Hilly Kristal fechou um contrato pra ser o empresário deles. Fiquei um pouquinho surpreso. Eles tinham estado numa banda chamada Frankenstein, em Cleveland, que nunca me abalei pra ver, porque, pra ser bem franco, nunca levei a música de Stiv a sério.

Já havia um zum-zum a respeito deles depois daquele segundo show. Daí eles assinaram com a Sire, o que provocou outro zum-zum, e dentro de um mês estavam em estúdio gravando o primeiro álbum.

Os Dead Boys vinham todos da maior pobreza, então aquilo foi tipo um grande acontecimento praqueles caras. Nenhum deles conseguiu lidar com aquilo. Foi muito sucesso, cedo demais.

Genya Ravan: Hilly me ligou e disse: “Quero que você ouça uma banda punk. Eles são fascinantes.”

Fui ver os Dead Boys, e eles tocaram “Caught with the Meat in Your Mouth”. Eu disse: “Hilly, isso é fascinante?”

Mas Hilly estava certo. Estava certo. A porra da música deles me fez rir histericamente. Então escutei-os e disse: “Hilly, vou produzi-los, mas não quero o meu nome nisso.”

Os Dead Boys ficaram na maior emoção porque os levei pro Eletric Lady Studios, onde Jimi Hendrix e Patti Smith gravaram. Mas no primeiro dia de gravação eles entraram, e me virei e vi as porras das suásticas. Suásticas por tudo.

Meus pais estiveram em campos de concentração. Nasci na Polônia, em plena Segunda Guerra Mundial. Não tenho família por causa dos nâzis. Lembro de ter mordido a minha mãe porque ela botou a mão na minha boca quando a gente estava fugindo da Polônia, porque não queria que eu fizesse nenhum ruído. Foi muito, muito ruim. Ainda tenho sequelas de toda essa MERDA, sabe?

Então me virei pra Johnny Blitz, o baterista, e disse: “TIRE ESSAS PORRAS DESSAS COISAS.”

Ele disse: “Nem sei o que elas significam.”

Eu disse: “TIRE TODAS ESSAS PORRAS, E VOU DIZER O QUE ELAS SIGNIFICAM. Significam a quase aniquilação de uma raça. Significam que o empresário de vocês é judeu. O proprietário deste estúdio é judeu. E eu sou judia e sou a produtora de vocês e posso perder a cabeça MUITO FACILMENTE, PORRA!”

Ele tirou as suásticas. Quer dizer, eu sabia que os Dead Boys não eram nâzis. Sabia que eram jovens punks. Qualquer coisa que fosse “ruiiiiimm” eles eram a fim de fazer. Eu já tinha sido assim uma vez. Mas não com suásticas.

Então apresentei *bagel* (*pão judeu*) pra eles. Nunca tinham provado uma porra de um *bagel* . Em Cleveland! Eu disse: “O que há com Cleveland? Onde vocês estavam, em Dachau? O que vocês querem dizer com nunca terem provado um *bagel* ?” Não sabiam o que era *bagel* . Quer dizer, seus porras, de que parte de Cleveland vocês vieram? Cleveland, Alemanha?

Eileen Polk: Uma noite Stiv Bators raspou os meus pentelhos em forma de suástica, e Jimmy Zero tirou fotos. Eles me viram no CBGB’s com um chicote, e foi assim que acabei indo pra casa com eles. Stiv disse: “Tive uma grande ideia!”

Foi engraçado. Eles tinham uma bandeira nâzi na sala, pendurada na parede. Começamos a tirar a roupa, mas estávamos bêbados demais pra transar de verdade. De qualquer modo, nunca gostei de ficar com dois caras – sempre me senti sobrando. Veja bem, Stiv e eu íamos ficar juntos a sós, mas aí Jimmy Zero estava na sala, e eu disse: “Tenho que transar com o seu amigo também?”

Stiv disse: “Não, mas deixa a gente raspar seus pentelhos em suástica?”

Sempre fui mais a fim de participar de jogos do que de ser usada como uma privada – então Stiv pegou uma lâmina de barbear, o que foi meio assustador, e raspou, e ficou bem bonito. Daí a gente se vestiu com a bandeira nâzi e saiu correndo pelo Chelsea Hotel.

A gente disse: “Vamos acordar a banda e toda a equipe.” Então arrombamos

o quarto deles, estávamos com aquela bandeira názi e nus e tínhamos aquele chicote e começamos a cantar “Springtime for Hitler” e a bater nos caras da equipe. Foi divertido.

Bebe Buell: Alguém me disse pra ir no CBGB’s pra ver a melhor banda do mundo, os Dead Boys. Então fui lá uma noite quando eles estavam tocando, entro e a primeira coisa que vejo é Stiv sendo chupado no palco. A primeiríssima coisa.

Genya Ravan: Fui eu que armei pra Stiv ser chupado no palco. Vou te contar, eu era a figura por trás de tudo, me chapava e me chapava – e providenciava pra que todos os outros ficassem chapados. Naquela noite eu disse pra uma das garçonetes do CBGB’s: “Sai e busca um creme batido...”

Os Dead Boys tinham aquela canção “Caught with the Meat in Your Mouth” (*Flagrada com a carne na sua boca*). Então eu disse pra garçonete: “Quando eles tocarem esta canção, você põe o creme batido no...”

Sempre dava pra encontrar alguém que te acompanhasse. Eu conhecia bem o CBGB’s. Hilly não estava lá naquela noite, acho que John Cale estava, não tenho certeza, mas a gente estava bebendo feito uns loucos.

Então eu disse pra garçonete, não lembro do nome dela, eu disse: “Vamos lá”, como se eu fosse fazer com ela, ha, ha, ha. Eu disse: “Vamos pegar o creme batido. Daí, quando eles tocarem esta canção, você vai no palco, se ajoelha, abre a braguilha de Stiv e põe o creme batido no pau dele.”

Ela disse: “Oh, não sei.”

Eu disse: “VAMOS! O QUE VOCÊ TEM A PERDER! VAMOOOS! NINGUÉM ESTÁ AQUI! VAMOS! QUAL É O PROBLEMA? Vou ajudar. Vou estar do lado. Vou abrir o fecho dele.”

Eu diria qualquer coisa pra conseguir que ela fizesse aquilo.

Ela disse: “Mesmo?”

Eu disse: “BUSCA O CREME BATIDO!”

Então ela atravessou a rua, foi numa delicatessen e buscou. Eu disse: “VAMOS BATER O CREME! Vamos deixar bem batido!”

Ha! Então os Dead Boys começaram a canção, e você sabe como Stiv estava sempre agarrando o saco? De qualquer modo, ele estava sempre abrindo a braguilha, o pau dele estava sempre quase que saindo mesmo. Então eu disse: “Vamos – vamos ajudar!” E empurrei-a pro palco...

Bebe Buell: Não sei quem era a garota, porque não vi nada além da nuca dela, mas sem dúvida Stiv estava sendo chupado ali mesmo. E depois ele se enforcou. Atirou o cinto por cima da tubulação de gás, depois de ter sido chupado, e se enforcou. Mas é claro que não morreu.

Pensei: “Uau, que merda é esta?” E saí fora. Mas não consegui tirar Stiv da minha cabeça. Via fotos de Stiv e dos Dead Boys fazendo coisas repugnantes e não conseguia tirar Stiv da minha cabeça. Liz Derringer me dizia: “Por que você acha ele tão bacana?” Eu dizia: “Não sei, é essa coisa de fuinha, não sei, adoro ratos, adoro fuinhas, não sei por que ele é tão bacana, ele apenas é, sabe.” E Liz ficava tipo: “Ugh!” Ela simplesmente não conseguia entender.

Genya Ravan: A garçonete não chupou Stiv a ponto dele gozar, porque o cara tinha que cantar. Eu não queria que ele desafinasse. Então eu disse: “Não vá tão fundo!” Coitado do cara.

Gyda Gash: Fui ao CBGB’s uma noite, tinha recém-saído do trabalho – eu dançava. O motivo pra nós garotas nos vestirmos do jeito que nos vestíamos é que éramos dançarinas de topless – e tínhamos que usar saltos-agulha, maquiagem, penteado, penas e luvas – pra despistar.

A gente saía do trabalho com uns trezentos paus no bolso ou mais – e o que ia fazer? Ir pros clubes. Então você saía do palco do bar de topless, jogava qualquer coisa por cima, um casaco ou lenço, entrava num táxi e daí ia pro Max’s ou pro CBGB’s.

Assim, uma noite depois do trabalho eu estava perambulando no CBGB’s, e Roxy estava circulando com Cheetah. Naquele tempo ela tinha começado a ver Johnny Ramone, mas lá estava ela com Cheetah Chrome e Stiv Bators dos Dead Boys. Achei cool, porque os Dead Boys estavam ficando populares

e muito conhecidos como uma banda violenta.

Os Dead Boys eram lixo branco pobre, garotos da classe média-baixa de Youngstown, Ohio. O grupo cresceu num meio violento. Eles cresceram em gangues, eram a coisa real. Com eles era mais do que apenas uma atitude, era um estilo de vida.

Então lá está Roxy completamente bêbada e chapada, numa boa, com os braços em volta de Cheetah e de Stiv, e fico pensando: “Hey, sabe que esses garotos são cool, garotos doentes. Esses garotos doentes de fora da cidade, cara, eles parecem pálidos.”

Acabei ficando com Stiv, e foi maravilhoso. Fiquei apaixonada por Stiv. Todos eles moravam na Rua 9, então ele me levou pra aquele apartamento.

Ele foi maravilhoso, exceto quando pegou uma faca. Nunca pude entender o que ele pensou: “Uau, uma mina maluca, vou puxar essa faca, ela vai se ligar.” Ele botou a faca na minha coxa, e eu disse tipo: “Dá um tempo.”

Mas depois disto fiquei apaixonada. Eu estava apaixonada, estava apaixonada, apaixonada, apaixonada, apaixonada por Stiv.

James Sliman: Acho que Gyda começou a sair com Stiv antes de Cheetah, mas posso estar enganado.

Gyda Gash: Os Dead Boys voltaram pra Cleveland, e eu parecia borbulhar de amor. Uns dias depois, Cheetah chega em mim no CB's e diz: “Tenho um recado de Stiv pra você. Ele teve que ficar em Cleveland mais uns dias pra resolver uns negócios, mas vai voltar na quarta-feira e quer te ver.”

Eu disse tipo: “Oh, mesmo? Cool.”

Bem, eu ignorava que Cheetah tinha vindo antes pra dar em cima de mim. Então aquilo tudo foi bom demais pro meu ego, ter aqueles dois caras, e naquela noite acabei indo pra casa com Cheetah, e foi assim que fiquei com Cheetah.

Cheetah e eu parecíamos irmão e irmã. Nós dois tínhamos cabelo vermelho.

Nossos nomes combinavam. A gente parecia a mesma pessoa com genitais diferentes.

Stiv achou perfeito, ele saiu da parada, mas houve um monte de cenas no CBGB's. Eu ficava abraçada em Cheetah, e Stiv ficava do meu outro lado, dizendo: "Te amo, te amo, te amo." Era um triângulo maluco, porque eu estava apaixonada por dois homens. Mas fiquei com Cheetah porque me apaixonei por ele pra valer.

Jeff Magnum: Os Dead Boys precisavam de um baixista. Não tinham um na primeira vez que foram pra Nova York; Bob Clearmountain tocou baixo no primeiro disco deles. Então me buscaram em Cleveland. Mal cheguei em Nova York, largamos um amplificador no CBGB's, e pensei: "Não dá pra tocar aqui. Isso é um depósito de lixo." A seguir fomos pro apartamento dos Dead Boys na Rua 9, e pensei: "Bem, pelo menos o apartamento é legal." E tipo: "NÃO, CARA, não acredito que vou ficar fora de casa o fim de semana inteiro." Foi tipo: "Vou morrer aqui." Naquela primeira noite tinha alguém berrando na janela: "Peguem ele! Ele está correndo pelo telhado!"

Toda essa loucura, e havia uma banheira na cozinha e um disco do Cream, *Wheels of Fire*, derretido dentro do forno. Sou do subúrbio, e fiquei pensando: "Não vou aguentar isso."

Tinha vezes em que eu acordava e a porta da frente estava escancarada porque Johnny Blitz tinha chegado em casa e, como não tinha chave, tinha rebentado a porta. E o apartamento parecia Jonestown – eu andava por cima de corpos pra chegar ao banheiro.

Eu estava simplesmente aterrado. É como se o lugar onde a gente vivesse fosse um depósito de lixo, e eu tinha que escrever pra minha mãe pedindo dinheiro pra comprar uns tênis porque a grande banda de rock não estava dando dinheiro algum.

CAPÍTULO 26

A Inglaterra tramando

Bob Gruen: Na primeira vez que fui pra Inglaterra, o único número de telefone que eu tinha era o de Malcolm McLaren. Eu o conhecera em Nova York quando ele estava andando com os New York Dolls. Então liguei pra ele, e ele me levou ao Club Louise.

Havia todos aqueles garotos por lá, usando roupas esquisitas e começando a cortar o cabelo daquele jeito espetado esquisito. Uma banda tinha se formado naquela cena, os Sex Pistols. Eles entraram no clube e ficaram fazendo pose, ridículos – como se fossem grandes estrelas. Todos os garotos ficaram parados por lá tipo: “Ooh, são eles, eles são o máximo.”

Os Sex Pistols eram o centro total das atenções desse grupo de garotos que incluía Joe Strummer, Mick Jones, Billy Idol, Adam Ant e Siouxsie Sioux. Todos diziam: “Quem me dera ter uma banda.”

Então eu disse: “Façam uma. Não parece ser muito difícil.” Sabe como é: “Esperto demais pra escola e burro demais pra arranjar um emprego.”

Malcolm McLaren: Quando criança, sempre que me mandavam escrever “Não serei mau”, eu mudava pra “Serei MUITO mau”. E isto sempre me divertiu – embora na escola de arte fosse um pouco de desperdício. Pra mim, a noção oficial de mau precisava ser redefinida. E a noção de bom significava coisas que eu absolutamente achava que tinham de ser destruídas.

Quando saí da escola de arte, no começo dos anos setenta, isto pra mim significava Brian Ferry. Significava calças de veludo verde. Significava os hippies, coisas jovens e brilhantes, realismo socialista, a bandeira americana, televisão e pós-graduação. A primeira camiseta que desenhei era puramente sobre a tentativa de determinar que, ao acordar de manhã e perceber de que lado da cama você está deitado, você também saberia que havia uma lista de coisas “boas” e de coisas “más”, e esta lista foi o começo pra eu decidir de que forma usar o “mau” e como fazê-lo funcionar de uma maneira que

pudesse transformar definitivamente a própria cultura popular.

Nesta lista havia um nome – os Sex Pistols, que significavam todos os tipos de coisa pra mim. Ele surgiu a partir da ideia de uma pistola, uma pin-up, uma coisa jovem, um assassino com um visual legal – uma pistola de sexo. E lançar essa ideia na forma de uma banda de garotos que podiam ser considerados maus era perfeito, especialmente quando descobri que esses garotos tinham a mesma raiva que eu. E possivelmente podiam me ajudar a continuar sonhando e me fazer recusar pra sempre a voltar pro que me aterrorizava – a normalidade.

Mary Harron: Dava pra sentir o mundo realmente se movendo e balançando naquele outono de 1976 em Londres. Senti que o que a gente tinha feito como piada em Nova York fora levado a sério na Inglaterra por uma plateia mais jovem e mais violenta. E que, de alguma forma, na tradução, aquilo tinha mudado, tinha acendido alguma coisa diferente.

O que pra mim tinha sido uma cultura rock muito mais adulta, intelectual e boêmia em Nova York se tornara essa coisa louca adolescente na Inglaterra. Lembro de ter ido ver o Damned, que achei realmente terrível, tocar naquele verão. Eu estava usando minha camiseta da revista *Punk* e fui cercada. Quer dizer, não tenho como descrever a recepção que tive. Todo mundo ficou muito empolgado por eu estar usando uma camiseta que dizia “*Punk*”.

Fiquei sem palavras.

Lá estava eu no backstage, e havia milhares de garotinhos, como monstros de pesadelo, sabe como é, pequenos espíritos malignos com os cabelos pintados de vermelho cintilante e rostos brancos. Todos estavam usando correntes e suásticas e coisas fincadas na cabeça, e fiquei pensando: “Oh, meu Deus, o que a gente fez? O que a gente criou?”

Era como se a gente tivesse feito uma coisa – e de repente ela virasse outra que a gente não pretendia ou esperava. Acho que o punk inglês era muito mais volátil e mordaz – e mais perigoso.

Jay Dee Daugherty: O Patti Smith Group foi a Londres depois de *Horses* ser lançado e tocou naquele lugar chamado Roundhouse. Havia uns oitocentos ou

mil lugares, o que naquele tempo era um monte pra nós.

A multidão foi à loucura. A gente acabou detonando os instrumentos. Chutei um dos meus tambores na plateia e quebrei o dedo do pé e então, depois disto, fiquei mancando por lá com uma bengala que Kate Simon comprou pra mim.

Na noite seguinte um amigo de Lenny disse: “Vocês têm mais é que ir naquele clube na Rua Oxford e ver essa banda, os Sex Pistols.” E nós: “Que nome estrambólico! Vamos lá.” Então a gente foi, e era uma espelunca – o chão nadando em cerveja e a rapaziada com um ar meio grungy – não punks, só aquilo tipo de gente feia dos anos setenta.

A banda entra, e a gente fica tipo: “UAU!”

Antes mesmo deles tocarem a primeira canção, John Rotten diz: “Alguém foi na Roundhouse na noite passada ver a hippie sacudir os pandeiros? *Horses, horses, HORSESHIT.*” (*Cavalos, cavalos, bosta de cavalo.*)

Disse pra mim mesmo: “Porra”, nossos quinze minutos de fama passaram rápido.

Malcolm McLaren: Eu era pelo menos uma geração mais velho do que a geração que eu empresariava. Eu não era da geração dos Sex Pistols, era da geração dos anos sessenta. Por isso minha relação com os Sex Pistols era uma ligação direta com aquela opressiva angústia existencial, motivo primordial pra fazer qualquer coisa no rock & roll – abandonando a noção de carreira –, e com aquele espírito amador de faça-você-mesmo típico do rock & roll. Foi assim que cresci, com a ideia de que você podia fazer coisas.

Lá pelo começo dos anos setenta, a filosofia era de que você não podia fazer nada sem um monte de dinheiro. Então minha filosofia se voltou pra: “Foda-se, a gente não se importa se não sabe tocar e não tem instrumentos realmente bons, a gente ainda está fazendo porque acha que vocês são um bando de escroto.”

No fundo, acho que foi isto que criou a raiva – a raiva era simplesmente por causa do dinheiro, porque a cultura tinha se tornado corporativa, porque a

gente não a possuía mais, e todo mundo estava desesperado pra tê-la de volta. Essa era uma geração tentando fazer isso.

Mary Harron: Fui ver Malcolm McLaren na loja dele. Ele tinha um jeito meio fresco – muito teatral. Levemente afetado. Sarcástico. Mas muito legal. Conversei com ele muito rapidamente, e ele disse que ia deixar meu nome na porta pro show dos Sex Pistols no Eric's, em Liverpool.

Como todos os eventos legendários a que assisti, o concerto dos Sex Pistols estava semivazio. Havia umas cinco pessoas vestidas como punks, e todas elas se conheciam.

Era como na época do punk em Nova York – havia cem pessoas envolvidas, e todo mundo conhecia todo mundo. O show foi ruim. Foi desleixado. Houve uma pontinha de pentelhação casual, Johnny meio que segurando o microfone e dizendo: “Foda-se o sol!” Ele era muito sarcástico e dançava de um jeito esquisito. Adorei.

Era como se algo de verdade estivesse acontecendo no palco. Era como se eles estivessem vivenciando uma coisa muito excitante. Me senti tipo: “Oh, meu, isso é um evento extraordinário da vida real!”

Bob Gruen: No dia seguinte fui ao loft onde os Sex Pistols ensaiavam e fiz uma sessão de fotos com eles pra *Rock Scene*. Quando entrei no loft, Steve Jones disse: “Aceita um pouco de chá?”

Eu tinha ouvido falar da reputação da banda antes de chegar na Inglaterra, daí pensei: “Esses caras são completamente normais.” Sabe como é: “Onde é que está a esquisitice?” Fiquei olhando pra eles – ninguém cuspiu no chá, sabe? Não atiraram uma garrafa em mim, nem nada. Era um bando de caras totalmente comuns, sentados tomando chá numa tarde inglesa.

Daí apareceu Johnny Rotten. Ele era um pouquinho estranho porque tinha uma autêntica maldade, aquela negatividade em torno dele, como se estivesse se esforçando pra conseguir aquilo. Ele dizia coisas sarcásticas e cínicas realmente surpreendentes. “Uau, me desculpe por estar na sua vida.” Mas todos os outros pareceram relativamente sociáveis e muito legais. E Johnny pareceu se acalmar um pouco.

Então comecei a tirar as fotos e sugeri fazer algumas deles tocando no lugar onde ensaiavam, no andar de baixo. Johnny Rotten tinha uma garganta sensível, então eu disse que não precisava cantar de verdade. Fotos sem som, certo? Mas Johnny começou a cantar “Substitute”, do Who. O que foi maravilhoso, porque eu era um grande fã do Who. Estava tirando fotos e pensando: “O que há de tão estranho nisso? Eles são apenas uma boa banda de rock & roll. Onde está o chamariz? Tipo, quando aparece a parte muito louca?”

Não captei.

Mary Harron: Eu conhecia a Inglaterra, tinha crescido lá, por isso pra mim foi como um cartum que virasse realidade. Quer dizer, não inteiramente. Havia um monte de pose naquilo. Era horripilante – havia aquela gente esquista e desconexa perambulando por lá. Circulei pelo backstage sem problema. Eu estava muito assustada. Eu era facilmente intimidável. Afinal, era Johnny Rotten.

Mas ele era fascinante. Bem, Johnny era, os outros não. Johnny me protegeu dos outros – Steve Jones e Glen Matlock estavam bêbados e fazendo uns comentários grosseiros pra mim, e Johnny dizia: “Ela é legal, deixem pra lá.”

Eu estava usando minha camiseta da revista *Punk*, e ele foi muito legal comigo porque eu era uma garota de um fanzine, essencialmente do primeiro fanzine.

Eu tinha ido pra entrevista com uma comitiva, porque tinha conhecido aqueles garotos com calças emborrachadas que pareciam aterrorizantes, mas eram apenas cabeleireiros de Liverpool cujo maior sonho era conhecer os Sex Pistols. Bem, Johnny Rotten ficou meio puto com a comitiva, mas foi muito legal comigo. Ele disse: “Não, parem com isso, ela é legal, estas perguntas são interessantes.”

Lembro de pensar o quão incrivelmente esperto ele era – era uma das pessoas mais espertas que eu já tinha conhecido –, alguém muito jovem que tinha um ponto de vista e por algum motivo estava absolutamente no centro desse redemoinho, porque eles personificavam o que estavam representando. Não era papo furado. Eles deram respostas completamente claras, profundas,

muito espertas, muito seguras, divertidas – eles viam claramente o culto do qual eram os pregadores e sabiam exatamente o que estava rolando naquilo. De todas as entrevistas que já fiz, com certeza a de John Rotten foi a mais impressionante.

Fui com um ex-namorado, que se aborreceu. Ele disse pra mim: “Sinto muito, mas essa coisa toda é uma fraude – tudo não passa de onda, arquitetada por Malcolm McLaren.”

Daí ele me disse que eu era uma idiota por ter caído naquela.

Malcolm McLaren: No começo, quando achei que os Sex Pistols não estavam acontecendo, pensei: “Oh, talvez eu faça Richard Hell vir e se juntar aos Sex Pistols. Ou talvez pegue até Syl Sylvain.”

Era uma ideia estúpida da minha parte, porque não haveria como Hell ou Syl se encaixar nos Pistols – as sensibilidades deles eram completamente diferentes. Hell e Syl estavam anos à frente dos Sex Pistols – e os Pistols eram incrivelmente ingênuos. Eles me pareciam muito ingênuos, por isso era assim que eu os tratava. Quer dizer, provavelmente eu era o ingênuo, e aqueles caras eram muito mais informados e conscientes do que eu.

Nem trepei com nenhuma daquelas garotas da cena do punk rock, bem que eu queria ter, mas na época pensei que todas elas fossem inocentes garotinhas virgens!

Não sabia que elas estavam se picando nos banheiros e trepando com um milhão de caras. Eu costumava me virar pros entrevistadores e dizer: “Do que você está falando? Essas pessoas são virgens! Só porque usam umas porras de umas coleiras de cachorro e eu vendo camisetas emborrachadas pra elas não significa que elas estejam trepando com um exército de caras num ponto de ônibus.”

Eu estava totalmente errado, é claro. Fiquei completamente pasmo ao descobrir quão errado, cinco anos depois daquele episódio. Eu disse: “Quer dizer que de fato você fez todas essas coisas nos banheiros enquanto do lado de fora eu tentava acertar o show? Você está me dizendo que estava trepando com a mesma garota que Steve Jones? Não pensei que nenhum de vocês

estivesse fazendo esse tipo de merda.”

Fiquei estupefato. Ainda estou chocado. Até onde iam as drogas, eu não sabia o que as pessoas estavam usando. Não tinha a menor ideia.

Eu era apenas esse sujeito estranho com aquele sonho louco. Estava tentando fazer com os Sex Pistols o que fracassara em fazer com os New York Dolls. Estava pegando as nuances de Richard Hell, a veedagem pop dos New York Dolls, a política do tédio e misturando tudo pra fazer uma afirmação, talvez a minha afirmação final. E irritar aquela cena rock & roll, era isso que eu estava fazendo.

Eu não estava começando nada de novo, estava esperando a minha vez pra fazer a declaração que tentava fazer desde que tinha quatorze anos de idade.

Mary Harron: Tive discussões terríveis com as pessoas durante todo aquele tempo que fiquei na Inglaterra, com todos os meus velhos amigos. No começo do punk todo mundo pensou – sem dúvida quando o punk inglês começou, e até mesmo o punk americano –, todo mundo pensou que fosse uma coisa horrível de direita názi – violenta, racista e contra todas as boas coisas da vida.

Eu era a favor do punk instintivamente, mas tive que me guiar pelo meu gosto instintivo, por causa dos símbolos.

Levei um tempo pra elaborar isto, porque agora é banal que as pessoas usem símbolos de maneira irônica. Mas, na época hippie, modos de vestir ou símbolos não eram usados ironicamente. Era tipo: “Isso é o que você é; você tem cabelo comprido; você veste isso; você é uma pessoa de paz.” Por isso, se você usava suásticas, você era um názi.

E de repente, sem nenhuma transição, sem ninguém dizer nada, surge um movimento, e estão usando suásticas e não têm a ver com aquilo; é uma roupa e é uma agressão. Tem a ver com alguma coisa completamente diferente – tem a ver com encenação e tática de choque. Meio que percebi isto instintivamente, mas não tive como articular por muito tempo. Só há alguns anos que de fato consegui sentar e escrever uma análise. Mas é isto que fez a coisa ser tão interessante, você não conseguia escrever uma análise,

você não sabia que porra estava acontecendo, estava acontecendo muito rápido.

CAPÍTULO 27

O passageiro

Ray Manzarek: Um dia Danny Sugerman me disse: “O que você acha de fazer alguma coisa com Iggy?”

Na real Danny estava empresariando Iggy e trabalhando com ele, então eu disse: “Iggy, huh. Bem, quer dizer, sabe como é, nós tocamos dois estilos diferentes de música.”

Os Stooges eram como uns maníacos, energia bruta. Este era o nome perfeito pra eles – The Stooges –, se The Three Stooges (*Os Três Patetas*) tocassem rock & roll, como seria o som deles? Como o dos Stooges. E eles precisavam de um vocalista – bem, que tal o Iguana? Perfeito. Totalmente demente, totalmente enlouquecido. Os Stooges eram perigosos, mas eu tinha vivido com o Sr. Perigo em pessoa – Jim Morrison.

Mas Iggy foi muito influenciado por Jim Morrison. A poesia de ambos era muito literária e muito apaixonada. E eles partilhavam um grande lance de paixão em suas performances. Santo Deus, falar a respeito de tocar com músicos apaixonados. Iggy Pop e Jim Morrison estavam entre os cantores mais apaixonados com quem já estive no palco.

Por isso, quando Danny Sugerman disse: “Por que você não se reúne com Iggy e começa a trabalhar numas músicas pra ver que diabo acontece”, eu disse: “Boa ideia. Vamos nos reunir.”

Iggy Pop: Acho que quando Ray Manzarek me tirou da cadeia foi quando eu andava por Hollywood. Foi depois de eu ter sido chutado pra fora do céu, e eu estava morando com prostitutas. Um dia estava andando por lá, bebendo vinho, e uma garota tinha um vestido de que gostei pra caramba. Achei que ela ficava cool nele. Então ela me vestiu com ele.

Saí pelo Santa Mônica Boulevard naquele vestido verde de cintura apertada, a garrafa de vinho Ripple na mão, certo? Na verdade foi por causa do vinho Ripple que levei o ataque, não do vestido. Me levaram pro xadrez e meio que me gozaram por causa do vestido, mas não consigo lembrar dos detalhes de cada vez que fui em cana.

Ray Manzarek: Danny Sugerman me ligou e disse: “Cara, seu vocalista está na cadeia. A gente tem que ir lá e pagar a fiança de Iggy.”

Eu disse: “Oh, não, o que foi desta vez?”

Ele disse: “Iggy está na cadeia de Hollywood.”

Eu disse: “Por que ele está na cadeia?”

Danny disse: “Não sei, alguma coisa a ver com bebedeira e desordem.”

Na verdade o caso deveria ser chamado de Quaaludes e desordem.

Acontece que Iggy baixou de San Francisco, e quando digo baixou quero dizer que ele estava mesmo por baixo. Daí jogaram-no na cadeia. A gente vai na delegacia: “Quanto é a fiança?” A fiança era uns cem paus, cento e cinquenta paus. “Ok, boom, o dinheiro está aqui. Dá pra deixar o homem sair?” Quinze, vinte minutos depois, vem aquele serpenteante, ondulante, cambaleante James “Iggy Pop” Osterberg, usando um vestido na delegacia de polícia de Hollywood. Um vestido inteiriço. Olhei pra ele e disse: “Jim, isto é um vestido de mulher?”

E Iggy disse: “Não, Ray, vou tomar a liberdade de discordar. Esse é um vestido de homem.”

Danny e eu o agarramos, e eu disse: “Seu babaca, venha, vamos dar o fora daqui.” E dava pra ouvir os tiras meio que rindo disfarçadamente, meio que gargalhando e abafando as risadas e balançando as cabeças, enquanto Sugerman e Manzarek saíam com Iggy Pop no meio. A gente sai, vai pro meu carro, de volta pro País das Maravilhas.

Ron Asheton: Iggy disse: “Ray Manzarek está armando uma coisa pra mim.”

Eles ensaiavam na casa de Ray, e Iggy ia lá de vez em quando, chapadésimo, e berrava no microfone.

Ray Manzarek: Na verdade íamos fazer um ensaio, então todos os músicos chegaram, montamos o equipamento e ficamos por lá esperando, esperando, esperando, está tudo pronto, mostro as mudanças de acorde pros caras, estamos prontos pra experimentar uma canção ou duas.

Finalmente digo pra Danny Sugerman: “Danny, onde está Iggy, porra?”

Danny diz: “Está lá em cima, está lá em cima.”

Eu digo: “Bem, diz pra ele descer o rabo dele até aqui, está bem? Estamos prontos há meia hora. Será que dá pra começarmos?”

Danny sai da sala, e cinco minutos depois a porta se abre e entra Iggy, dessa vez não de vestido, mas inteiramente, cem por cento nu em pelo.

Os caras ficaram totalmente chocados. Foi chocante até pra mim, e os outros caras disseram: “Oh, meu Deus, esse é o nosso primeiro ensaio, cá está o vocalista, o famoso Iggy Pop, absolutamente nu.”

Eu disse: “Iggy, não tem garota nenhuma aqui. Só um bando de caras. A gente vai ensaiar umas canções, por que você está nu? Por que você não volta lá em cima e pelo menos põe umas roupas, põe uma cueca ou alguma coisa, pode ser? Você não tem uma tanguinha lá em cima que talvez pudesse vestir?”

Iggy disse: “Oh, oh, yeah. Boa ideia, Ray.”

Iggy podia botar os bofes pra fora cantando. Cara, ele estava fazendo um bom serviço, mas acho que precisava daquela tremenda parede de som dos Stooges por trás dele, pra que pudesse berrar por cima dela.

Finalmente eu disse: “Larguei, não posso fazer isso, não há espaço pra teclado, está sendo tudo triturado.”

Não dá pra cantar assim. Dá pra berrar, pular e fazer coisas sensacionais com as mãos se é isto que você quer fazer pelo resto da sua vida.

Está tudo muito bem, tudo muito bom, exceto que, quando você se torna um homem, tem que começar a manejar e examinar as profundezas da sua psique. Tem que conciliar seus impulsos freudianos – meu pai fez isso pra mim, minha mãe fez aquilo pra mim – e tem que conciliar seus impulsos junguianos pra ser um ser humano completamente integrado. Então você vai estar no comando total do universo.

Crescer não significa que você deixa o perigo pra trás, significa que você pula pra dentro do perigo, confronta o perigo.

Ron Asheton: Danny Sugerman me ligou e disse: “Oh, cara, você não vai acreditar nisso!”

Eu disse: “Bem, o que foi, Danny?”

Ele diz: “Iggy vai, ele vai me odiar...”

Eu disse: “O que aconteceu?”

Ele diz: “Bem, David Bowie estava tocando, Iggy pegou seis flores e colocou um vestido, e eu estava levando ele pro concerto quando três surfistas o viram e começaram a esmurrá-lo...”

Daí Danny disse: “Eu simplesmente corri.”

Vi Iggy um tempo depois. Tinha perdido os dentes da frente, tinha pontos em cima e embaixo dos olhos. Estava todo fodido.

Iggy Pop: Eu vinha andando pelo Sunset Boulevard, e uma limo parou. A janela baixou, e alguém disse: “Hey, Iggy!”

Era David Bowie, e ele disse: “Hey, vem até aqui pra ouvir meu novo disco.” Acho que ele tinha recém-feito *Station to Station*, e naquela ocasião a gente falou sobre a possibilidade de fazer umas faixas juntos. A reaproximação com David aconteceu em etapas e começou em Los Angeles, em meados dos anos setenta. Houve outras vezes em que fui aos concertos dele em L.A. ou me meti na casa dele: “Hey, deixa eu ficar no teu hotel.” Este tipo de coisa. Mas da minha parte provavelmente havia algum ressentimento natural por ele

estar se dando tão bem e eu não.

O jeito como a gente finalmente se uniu pra fazer meu álbum *The Idiot* foi que um cara chamado Freddy Sessler me ligou. Freddy é a chave do meu total ressurgimento e renascimento, porque foi ele o cara que disse: “Hey, Iggy...”

Eu estava em San Diego me desintoxicando, basicamente tentando ser um bom rapaz. E Freddy me liga e diz: “Ouça, você deveria fazer um favor pra si mesmo. David está aí, e estou indo vê-lo.” Porque Freddy vê todo mundo – tenho certeza de que você sabe *por que* Freddy vê todo mundo – ele consegue entrar em *qualquer lugar*. Então Freddy liga de novo e diz: “Vi David. Ele está interessado em trabalhar com você. Você deveria ligar pra ele.” E ele me dá o número particular e tudo, porque Freddy tem tudo, ha, ha, ha. Mas nunca fui muito – sou daquelas pessoas ambiciosas pra se projetar, mas gosto de ser relutante primeiro, ha, ha, ha. De fato é uma característica revoltante que tenho. Tenho que fazer: “Oh, não, não, não... Oh, ok.”

Então hesitei por um tempo, sabe como é, como os césares costumavam fazer. Quando faziam de você um César, primeiro você sempre tinha que dizer: “Não, não, não, eu não poderia.” E todo mundo tinha que dizer: “Não, precisamos que você seja o César. Precisamos de você pra salvar a república.” Daí você dizia: “Não, não, realmente, fico lisonjeado, mas lamento, caras. Não mereço.”

Você tinha que passar por toda essa coisa. Então eu estava assim: “Não vou ligar pra esse cara.” Mas finalmente liguei pra ele, e basicamente ele tinha uma canção, um single que ele tinha escrito, e disse: “Veja, você não está fazendo nada. Vamos lá, vamos lá, quer fazer esse single?” Eu disse: “Claro que vou fazer.” Era uma boa canção. E então David disse: “Bem, escuta, vejo que você não está se dando bem aí na Costa Oeste, você pode vir fazer a turnê conosco e ficar andando conosco.”

Daí eu disse: “Grande.” Então segui-os de carro através da América, basicamente vendo-o trabalhar toda noite, o que na real foi o começo do aprendizado das minhas técnicas de autopreservação e a minha finesse na vida recentemente adquirida, ha, ha, ha. Toda merda que sei, que é tomar conta de mim mesmo, aprendi basicamente viajando com David Bowie na

turnê Station to Station.

James Grauerholz: Um dia recebi um telefonema de Iggy, que eu não conhecia. Esqueci de onde ele estava ligando, mas ele tinha andado por Paris com Brion Gysin, amigo e amante de William Burroughs que desenvolveu o método cut-up com William. Iggy e Brion estavam circulando pelo Palace, usando cocaína e dançando até o amanhecer. Brion tinha dito pra Iggy: “Você tem que conhecer William Burroughs. Liga pra esse cara, James Grauerholz, quanto você estiver em Nova York.”

Por isso, quando Iggy chegou em Nova York ligou pra mim e disse: “Bem, na real não conheço ninguém em Nova York.” O que achei muito irônico, já que ele tinha dado tanto o que falar em Nova York há alguns anos. Pelo que eu sabia, Iggy era um tipo de fracasso legendário – não um fracasso, quer dizer, ele era grande, mas não estava acontecendo. Não parecia que ele estivesse no controle de suas faculdades. Sabe, ele era legendário por rastejar sobre cacos de vidro e toda essa coisa autodestrutiva.

Então eu disse: “Ok, vou tratar disso.” Liguei pra Terry Ork e disse: “A gente tem que armar uma festa pra Iggy.” Terry disse: “Ok, estou nessa.”

Legs McNeil: De repente a notícia de que Iggy estava na cidade se espalhou. Todo mundo ficou de bico calado, cheio de segredos, porque todo mundo queria Iggy pra si mesmo. O motivo pra isso ser tão especial é que a única coisa que todo mundo tinha ouvido dizer sobre Iggy é que ele tivera um colapso nervoso e estava trancado num asilo em Los Angeles. Era muito excitante – Iggy, o cara em pessoa, vindo da montanha. Iggy era mítico. Quer dizer, Iggy era provavelmente a única pessoa universalmente respeitada por todo mundo na cena – e nós éramos uma gente que não respeitava coisa nenhuma. Quer dizer, ok, havia Lou Reed. Lou era brilhante, mas era um babaca.

Iggy era Deus.

James Grauerholz: Antes da festa, Iggy apareceu na minha cobertura. Nunca tínhamos nos encontrado, então sentamos e conversamos, fumamos uns cigarros, e ele me disse muito claramente: “Sabe, na real estou limpando a minha barra porque finalmente consegui entender que eu *sou* o produto.

Rock & roll é um negócio como outro qualquer, e *eu* sou o produto, então estou me preparando e vou ficar em forma e me manter na linha.”

Terry Ork: Pelo que me lembro, acho que me ofereci pra chupar Iggy, e ele disse: “Oh, só lambe a minha barriga, ok?” Então lambi a barriga dele, e foi muito satisfatório. Ele foi completamente cool quanto a isso. Acho que todo mundo estava a fim de chupar o pau de Iggy. Estava tão ALI, sabe?

Iggy Pop: Não lembro da festa. Lembro de ver Johnny Thunders. Foi um encontro engraçado, porque ele quis fazer o que a gente costumava fazer, e eu não quis.

James Grauerholz: Todo mundo estava sendo fã, mas de um jeito que Iggy não era a fim. Quer dizer, ele estava de óculos, vestido de um jeito meio normal, estava tipo: “Bem, não quero ser apenas um freak, quero ser levado a sério.”

Daí houve aqueles que ficaram tipo: “Iggy quem?”; “Iggy está aqui?” Fingindo que eram muito espertos, todo mundo parecia muito esperto. Então foi uma droga. Daí Iggy fez uma jam com os Erasers e cantou. Foi num quartinho. Não sei que canções ele fez, tenho certeza de que ele tocou uma de cachorro, “I Wanna Be Your Dog” (*Quero ser seu cachorro*) e talvez “Dogfood” (*Comida de cachorro*). Lembro de um tipo de tema canino, ha, ha, ha. Mas não prestei muita atenção no que estava acontecendo na festa. Quer dizer, estava agitada, mas acho que eu estava caçando algum garoto por lá.

Iggy Pop: Eu não sabia que naquela época havia essa cena punk em Nova York. Parecia que tudo que interessava em Nova York era Patti Smith – que estava mais pra estrela da poesia. Eu não sabia bem o que estava acontecendo no CBGB’s e tudo o mais. Mas meio que percebi que havia um grupo marginal de descontentes em Nova York. Quer dizer, pensei que devesse haver duas ou três bandas no universo que não fossem umas cretinas *completas*, mas nunca pensei: “Oh, está acontecendo o punk, está tomando conta e vai ser grande e tremendo.”

Quer dizer, tudo que eu sabia era que *Raw Power* estivera no balaio de trinta e nove centavos na Erwin Brothers em Los Angeles, e pensei: “Bem, é isso

aí. Ninguém liga.”

Pam Brown: Iggy estava no CBGB’s, e todos nós estávamos tipo: “Uau!” Quer saber? Tomei umas bebidas e cheguei nele e disse: “Gostaria de entrevistá-lo pra revista *Punk* ...”

Ele disse: “Ok, grande. Vamos fazer amanhã.” E fiquei tipo: “Uau!” Naquele tempo eu estava morando com Joey Ramone no loft de Arturo, o loft do outro lado da rua do CBGB’s. Foi por isso que a gente fez a entrevista lá. Roberta Bayley foi e tirou fotos, e Joey Ramone fez desenhos. Iggy foi completamente maravilhoso. A gente conversou por horas.

Iggy Pop: Fui visitar os Ramones no loft deles. Eram uns caras legais. Os Ramones eram geniais. Me deram a entender que tinham ouvido o que fiz, mas, sabe como é, não ficaram tipo: “Oohhh!” Mas me disseram que gostavam das minhas coisas, e me senti bem com isso, me senti muito bem com isso. Mencionaram uma ou duas canções de que gostavam, e pensei: “Hey, grande.”

E o primeiro álbum deles era um disco muito legal. Achei o disco chocante, mas, por outro lado, devo dizer que olhei pra capa do álbum, olhei pro lance de todos os caras se chamarem Ramone e lembrei que era isto que Danny Fields tinha tentado fazer com a gente. Danny me transformou em “Iggy Stooge” no primeiro álbum sem me consultar. Chamaram isso de identificação do produto. Yeah, como se a América fosse sair correndo e dizer: “Oh, este é Iggy Stooge, yeah, vamos comprá-lo agora mesmo.”

Iggy Stooge. Nunca fui Iggy Stooge. Danny me fez esta, e fiquei furioso. Fiquei entre furioso e suicida em relação a isso. Então, quando vi o primeiro disco dos Ramones, pensei: “Bem, Danny finalmente conseguiu sua banda Muppet.” Mas por outro lado pensei: “Yeah, é um grande álbum.”

Roberta Bayley: Então estou certa de que fazia um bom tempo que ninguém entrevistava Iggy, ele tinha saído de uma clínica recentemente, então tenho certeza de que ele estava ansioso pra ser reintroduzido na raça humana. Então, depois da entrevista, Iggy levou eu e John Holmstron pra jantar no Phoebe’s. Pedi lagosta, o que foi muito extravagante, certo? Acho que Bowie estava pagando tudo, mas Bowie já tinha ido pra Europa. Daí Iggy partiu no

dia seguinte e foi pra Berlim pra gravar *The Idiot* com David Bowie.

Angela Bowie: Tenho um sério problema com gente ignorante – especialmente gente ignorante que segue o fascismo. E David Bowie tem um traço de ignorância que é tão largo quanto profundo. A preocupação de David com o expressionismo na Alemanha foi uma das áreas onde o meu amor por ele morreu.

Em dado momento, na Inglaterra, David saiu pela Victoria Station numa limousine Mercedes Landau conversível e fez uma saudação à moda de Hitler, que foi parar na capa de três jornais ingleses. E, pra ser honesta com você, depois disto nunca mais quis vê-lo de novo. E o resto do tempo vivendo com ele e tendo um filho com ele foi um pesadelo, tentando ponderar como eu poderia me desembaraçar da situação em que estava. E a excursão de Iggy por Berlim com David foi tão nauseante quanto esta experiência.

Iggy Pop: Berlim foi como estar numa cidade fantasma, mas com todos os benefícios. A polícia de lá tinha uma atitude totalmente *laissez-faire* em relação a, digamos, “comportamento cult”. E é uma cidade muito alcoólica: sempre tem alguém cambaleando rua afora. Na real também não se importam com tráfico de droga... Eu não deveria dizer que não se importam com tráfico de droga – melhor: não se importam com pessoas se divertindo.

Angela Bowie: Oh, meu caro! Foi como uma lua de mel pra David e Iggy. Foi nauseante – um babaca inglês e um panaca americano pensando que iam ter as maiores emoções na Alemanha, enquanto os alemães ficavam lá rindo deles. Eram *bon vivants* – dinheiro jorrando, comprando um monte de porcaria, tentando imaginar que estavam vivendo nos anos vinte ou trinta, como Christopher Isherwood – “Oh, a gente vai se mudar pra Berlim.” Eles me davam vontade de vomitar. Oh, não posso dizer o quão nauseada eu estava.

David e Iggy escolheram Berlim pra andar porque há mais drag queens por metro quadrado dando shows do que em qualquer outra cidade do mundo. A amizade de David e Iggy foi a amizade dos malditos. Entende o que quero dizer? Quando se tolera qualquer coisa um do outro porque não se tem mais ninguém. Acho que decadente é um pouco lisonjeiro demais. Acho que tem mais a ver com um monte de merda provocada pela paranoia de cocaína. A

coisa toda foi um desperdício total de dinheiro e tempo – quer dizer, eles passaram todo o tempo disputando pra ver quem conseguia arranjar a drag queen de melhor visual.

Legs McNeil: Glitter rock tinha a ver com decadência: sapatos de plataforma e garotos com os olhos maquiados. David Bowie e androginia. Rock stars ricos vivendo como em *Berlin Stories*, de Christopher Isherwood, sabe como é, Sally Bowles andando com drag queens, bebendo champanhe no café da manhã e fazendo *ménages à trois*, enquanto os nâzis lentamente tomam o poder.

Decadência parece muito tolo, porque decadência sugere que ainda há algum tempo, e não havia mais tempo algum. As coisas tinham entrado em colapso. A gente tinha perdido a guerra do Vietnã pra um bando de caras com bastões e pijamas pretos. O vice-presidente Spiro Agnew teve que renunciar porque foi pego aceitando subornos na Casa Branca. E Richard Nixon teve os ladrões de Watergate arrombando a sede nacional dos democratas porque era paranoico demais. Quer dizer, o porra do Nixon tinha ganho a eleição com a maior vitória da história. Ele era simplesmente demente. E daí teve que renunciar. E então o presidente Gerald Ford disse pra cidade de Nova York se danar quando ela foi à falência. Quer dizer, Nova York declarada falida!

Comparado com o que estava acontecendo no mundo real, decadência parecia meio antiquado. Assim, o punk não tinha a ver com decadência, o punk tinha a ver com o apocalipse. Punk tinha a ver com aniquilação. Nada deu certo, então vamos direto pro Armagedon. Sabe como é, se você descobrisse que os mísseis estavam a caminho, provavelmente iria começar a dizer o que sempre quis, provavelmente ia se virar pra sua mulher e dizer: “Sabe, sempre pensei em você como uma vaca gorda.” E foi assim que a gente se comportou.

Ed Sanders: Os punks me lembravam tatus: pessoas cuja vestimenta era uma couraça pra protegê-las dos tentáculos que se erguiam pra capturá-las. É uma espécie de coisa de Gary Gilmore, de fim-do-mundo-apocalíptico-estou-pronto-vamos-nessa. Sabe como é: “Se vai acontecer, vamos nessa, estou pronto, vomite em mim, é isso aí, estou numa boa, sou espancável.” Há uma coisa apocalíptica nisso – um apocalipse pessoal, um afrouxamento.

A cultura de onde o punk surgiu me lembra a ópera *The Rise and Fall of the*

City of Mahagonny, de Bertolt Brecht, onde você pode fazer qualquer coisa que quiser se tem dinheiro, mas se não tem dinheiro você é um criminoso, um refugo, um vômito. E o meio ambiente de onde o punk surgiu também me lembra do cenário do filme *Blade Runner* – o tipo de estilo de vida corajoso, ameaçador, os tambores do Juízo Final, só que você não sabe se são os tambores do Juízo Final ou a música de alguém. Mas os tambores estão sempre ao fundo, rufando.

CAPÍTULO 28

Londres chamando

Lee Childers: Comecei a empresariar os Heartbreakers depois que Richard Hell saiu. Johnny Thunders me ligou e disse: “Quer nos ajudar? Precisamos achar um baixista, precisamos arranjar um show, precisamos nos mexer de novo muito rápido.”

Então liguei pro meu amigo Tony Zanetta, que era um grande fã, e disse: “Quer ser meu sócio como empresário dos Heartbreakers?”

Tony disse: “Está louco? Uma coisa é sentar na plateia e dizer como eles são fabulosos e como são a banda de rock & roll mais brilhante de todos os tempos, mas outra coisa completamente diferente é se envolver com eles. Eles são junkies! Você está maluco?”

E pensei: “Bem, seja o que Deus quiser. Vou fazer isso.”

Jerry Nolan: Depois que Richard Hell saiu, os Heartbreakers foram em frente. A gente pôs Walter Lure na guitarra e Billy Rath no baixo. Naquela época Johnny e eu estávamos pegando pesado nas drogas. Depois dos Dolls, a gente foi fundo. Tudo que a gente fazia era à base de drogas. Não havia ensaio sem drogas. Tudo que a gente fazia, primeiro tinha que ter drogas.

Lee Childers: O telefone tocou. Era Malcolm McLaren. Ele disse: “Quer vir e fazer uma turnê com a minha banda, os Sex Pistols?”

Eu nunca tinha ouvido falar deles, então disse: “Bem, sim. Mas vou te ligar

mais tarde pra confirmar.”

Daí liguei pra Johnny Thunders e disse: “Quer ir pra Inglaterra e fazer uma turnê com Malcolm McLaren e uma banda chamada Sex Pistols?”

Ele também não tinha ouvido falar dos Sex Pistols, mas disse: “Bem, você deve lembrar de Malcolm, aquele sujeito esquisito que empresariou os Dolls por uns meses e fez a gente se vestir de russos? Deve ser divertido. É uma viagem pra Inglaterra. Vamos nessa!”

Jerry Nolan: Malcolm disse: “Foda-se, dois Dolls são melhores do que nada.” E contratou os Heartbreakers. A gente abriu pros Pistols. Não tínhamos disco, éramos uns merdas, mas eu e Johnny sabíamos que os ingleses iam adorar os Heartbreakers.

Lee Childers: Na noite em que a gente chegou, Malcolm e os Sex Pistols nos receberam no aeroporto. Eles disseram umas coisas do tipo: “A gente foi num programa de tevê esquisito. Foi muito divertido. Foi muito estúpido. O cara era um completo panaca, e então a gente disse pra ele pra onde ele poderia ir.”

Estávamos com jet-lag, não demos a menor bola. Nos levaram ao Great American Disaster pra comer uns hambúrgueres, que era tudo que nos interessava. E depois fomos praquela pensãozinha em South Kensington.

No amanhecer do dia seguinte, Jerry Nolan, que nunca dormia, que era um vampiro, entrou no meu quarto com todos aqueles tabloides. Atirou-os na cama, e todas as manchetes diziam: “Sex Pistols: o dia em que o céu ficou negro!” e “O horror e o escândalo dos Sex Pistols!”

Jerry disse: “Bem, veja só no que você nos meteu!”

Pensei: “Oh, meu Deus, lá vamos nós!”

Malcolm McLaren: Eu sabia que o programa de Bill Grundy ia criar um enorme escândalo. Eu realmente acreditei que seria histórico, e em muitos aspectos foi, porque aquela noite foi o verdadeiro começo – do ponto de vista da mídia e do público em geral – do que ficou conhecido como “punk rock”.

Aquele foi também o dia em que os Heartbreakers chegaram pra fazer uma turnê com aquilo que a mídia estava rotulando de fenômeno do “punk rock”. Mas basicamente os Heartbreakers e os Sex Pistols estavam apenas partindo juntos pra um passeio pelo país e nunca chegariam a fazer um show.

Lee Childers: Como americanos, não percebemos quanto poder os tabloides ingleses têm e quão intensamente podem levar a gentinha a um frenesi. Na turnê Anarchy in the U.K. éramos recebidos nos limites da cidade pelo prefeito e toda a polícia, que se recusavam a deixar que o nosso ônibus sequer entrasse na cidade!

Num frio de rachar, numa nevasca fulgurante de rigor de inverno, não nos deixavam sequer ir pro hotel, muito menos fazer o show. Acho que a gente acabou fazendo provavelmente seis shows dos cerca de dezoito que tinha agendado.

E com a imprensa era cobrir a cabeça e correr – fotógrafos caçando você, flashes espocando.

Jerry Nolan: O Clash estava na turnê Anarchy, e o Damned também. Mas o Damned foi chutado depois de uns dois shows porque eram muito frescos. O baterista, Rat Scabies, e o guitarrista, Captain Sensible, eram uns garotos legais, mas os outros eram um bando de maricas. Queriam viajar no ônibus deles. Os Pistols ficaram com um pouco de medo de nós também, mas se esforçaram pra não mostrar.

Eliot Kidd: Logo que Johnny Thunders se encontrou com os Pistols, ligou pra Nova York pra me falar deles. A gente tinha ouvido falar deles. A gente sabia que Malcolm estava envolvido e que os Pistols estavam conseguindo algum tipo de notoriedade. Mas não sabia como era o som deles, não sabia como era o visual deles ou quais eram os nomes deles.

Por isso, quando Johnny ligou eu disse: “E então, como é que é?” E ele disse: “Você nem imagina. Esses caras são impressionantes.”

Ele estava realmente impressionado. Disse pra mim mesmo: “Bem, se Johnny acha que eles são tão geniais, acho que eles merecem ser vistos.”

Na primeira vez que fui pra Inglaterra, fui direto pra onde os Heartbreakers estavam. Pergunto pra eles como são os Pistols e, como eu era vocalista, perguntei pra Walter: “Como é Johnny Rotten?”

Ele disse: “É um babaca.”

E ele era um babaca, um babaca completo, um imbecil. Não é que eu não gostasse dele, *ninguém* gostava dele. E não é que ele ficasse sentado sozinho no ônibus da turnê. Ele era o tipo de cara “cheguei”.

Quer dizer, aquelas bichinhas magrelas de merda, tentando usar jaquetas de couro e enfiando umas porras de uns alfinetes de segurança na orelha, tipo tentando me dizer que eram durões?

Eu dizia pra eles: “Vou brigar com toda a banda de vocês. Não eu e a minha banda, eu sozinho.”

Lee Childers: Os Heartbreakers arrasaram, pelo simples motivo de que eram mais experientes – tinham raízes no rhythm and blues e no rock & roll. Eram capazes de ir pro palco e lançar mão de tudo isto, enquanto aqueles garotos ainda não podiam lançar mão de nada.

Naquele tempo, as plateias assistiam ao Clash ou o Damned meio que tagarelando durante as canções. De repente os Heartbreakers apareciam, e era tipo: “VVVRRRRMMMM!”

Começava a rolar rock & roll de verdade, e não tinha conversa, não tinha moleza. Não importa quão anárquico um público pense que é, se o baixista sabe tocar baixo e o baterista é Jerry Nolan, de repente todo mundo está dizendo: “ISSO É GENIAL!”

Eliot Kidd: Os Heartbreakers eram melhores, mas os Pistols eram mais escandalosos. O que as bandas inglesas estavam fazendo era basicamente o que achavam que estava rolando em Nova York, e era ultraexagerado. Tipo punk, punk, punk – quer dizer, os Talking Heads eram durões? O Television era durão? O Blondie era durão?

Vê só, o punk rock basicamente era apenas rock & roll. A gente não estava

fazendo nada de novo em música. O que um monte de gente teria que entender é que nós todos estávamos fazendo o que tínhamos escutado no rádio enquanto estávamos crescendo: Buddy Holly, Everly Brothers, Little Richard e Chuck Berry. Portanto, não é que a música fosse nova, era uma volta às canções de três minutos.

Nancy Spungen: O punk começou nos anos sessenta com bandas de garagem como Seeds, Question Mark e Mysterians. Punk é apenas o bom rock & roll básico, com riffs bem bons – não é como o boogie rock. Não é uma música muito enfeitada e intrincada – não tem sintetizadores, é apenas rock básico dos anos cinquenta e começo dos sessenta.

Eliot Kidd: A única coisa que fazia a música diferente é que a gente estava levando as letras aonde elas nunca tinham chegado antes. A coisa que faz a arte interessante é quando um artista tem uma dor incrível ou uma fúria incrível. As bandas de Nova York estavam muito mais na dor, enquanto as bandas inglesas estavam muito mais na fúria. As canções dos Sex Pistols eram escritas a partir da raiva, ao passo que Johnny escrevia canções porque estava com o coração partido por causa de Sable...

Malcolm McLaren: Os Sex Pistols eram idênticos aos New York Dolls. David Johansen era como Johnny Rotten, Johnny Thunders era exatamente como Steve Jones, Arthur Kane era exatamente como Sid Vicious, e, de certo modo, Paul Cook era como Jerry Nolan, exceto que não usava drogas.

Por isso, depois de Johnny Thunders, eu soube exatamente onde Steve Jones se colocou, depois de David Johansen eu soube exatamente onde Johnny Rotten iria se colocar, e eles *eram absolutamente idênticos* na forma de agir.

Johnny Rotten era a pessoa que, se ninguém oferecesse nada pra ele, ficaria lá do outro lado, mas se houvesse alguém que o amasse mais do que a pessoa perto dele, ele iria pra *lá*. Ele sofria menos com as críticas do que qualquer outro, que nem David Johansen.

Jerry Nolan: Eu sempre via John Rotten, Steve Jones e o baterista, Paul Cook, parados nos bastidores, nos estudando. Olhavam as combinações entre Thunders e eu, a rapidez com que a gente tocava. Depois colocavam as combinações na apresentação deles, o que eles admitem abertamente. Quando

a gente chegava nos bastidores, eles vinham no nosso camarim e diziam: “Oh, seus filhos da puta. Oh, seus fodidos de merda.”

Os Pistols nos adoraram. Johnny Rotten me encarava e dizia: “Nigs” – meu apelido – “você é o maior baterista que já vi. Te odeio por isso.” Fiquei meio tocado.

Mas não consegui me divertir de verdade na turnê Anarchy. Duas semanas antes da gente deixar Nova York, eu tinha entrado num programa de metadona pra tentar me desintoxicar. Mas eu não sabia o quanto a metadona era forte. Começaram me dando trinta miligramas, passaram pra cinquenta, usando por duas ou três semanas. E eu ainda estava injetando heroína.

Philippe Marcade: Nancy Spungen vivia me dizendo o quanto estava apaixonada por Jerry Nolan. Uma noite ela me ligou aos prantos e disse: “Philippe, cortei o pulso, vou morrer, só liguei pra dizer adeus.”

Corri até lá, estou completamente sem fôlego quando chego, e não há sangue, não há corte, não há nada. Ela está com um Band-Aid.

Eu disse: “Sua fodida! Você me deixou tão preocupado que vim correndo até aqui. Você não cortou os pulsos!”

Ela diz: “Cortei sim.”

Eu disse: “Deixa eu ver embaixo do curativo.”

Como ela não quis deixar, depois de ficar naquele mostra-não-mostra por um tempo, agarrei a mão dela e arranquei o Band-Aid. Que talho. Foi tipo: “Oohh, oohh, puta merda, cara, isso está *realmente* mau.” Era uma porra de um corte enorme. Por sorte não pegou nenhuma artéria. Não pude acreditar que ela tivesse feito aquilo com ela mesmo.

Logo depois daquilo, ela me ligou na maior choradeira. Ela disse: “Não tem um porra de um cara que queira sair comigo, nenhum porra de um cara...”

Falei pra ela: “Escuta, nenhum porra de um cara vai sair com você porque você é uma junkie, e isso é meio vulgar, sabe como é, especialmente numa

garota. O que você deve fazer é limpar sua barra, talvez sair de férias. Não fique aqui, é muito fácil descolar droga.”

Ela disse: “Não quero ir pra lugar nenhum, não sei pra onde ir.”

Eu disse: “Vá pra Inglaterra. Tem toda aquela coisa sensacional acontecendo por lá. Vê só, você fala inglês, então você vai ficar bem.”

Lee Childers: Os Heartbreakers e eu fomos na casa de Caroline Coon na noite de Natal. Ela era jornalista e tinha dinheiro. E a gente era artista de rock e não tinha. No dia de Natal fecha tudo em Londres. Não há ônibus, não há metrô. Como se espera que as pessoas pobres visitem seus parentes? É muito cruel. Só há táxis, e eles cobram o dobro do preço. Então juntamos os nossos trocados e pegamos um táxi para casa de Caroline Coon, porque ela ao menos nos daria comida.

Mas, quando a gente chegou lá, caiu numa armadilha. Junto com todas as outras bandas de punk rock de Londres da época. O Clash estava lá, o Damned estava lá, os Sex Pistols estavam lá. Todo mundo estava na casa de Caroline Coon. Ela estava tentando se tornar a rainha do punk. Ela era uma mulher medonha.

Todo o jantar de Natal tinha sido armado pra seduzir Paul Simonon, do Clash. O que ela conseguiu. Ela trepou. Então tudo bem. Eu fiz pior.

Oh, todo mundo estava muito bem-comportado. Comportaram-se literalmente do mesmo jeito que as outras pessoas estavam se comportando no Natal em toda a Inglaterra. Apenas tinham um visual esquisito, só isso. Caroline estava fazendo o pudim de Natal no porão, no térreo, como ela dizia, então tinham colocado-o no fogo, e todo mundo estava parado por lá esperando que ele tostasse antes de ser servido. E ouvi Jim Reeves cantando, deslizando escada abaixo... Canções de Jim Reeves.

Quem é Jim Reeves? Oh, seus neofitozinhos em rock & roll! Jim Reeves foi um dos maiores cantores country de todos os tempos, morto num acidente de avião em 1964. Ele cantou: “Put your sweet lips a little closer to the phone./Tell your friend you’ve got there with you, you’ve got to go.” *(Chegue seus doces lábios um pouco mais perto do telefone./Diga pro seu*

amigo que está aí com você, que você tem que ir)

E comecei a chorar, como estou chorando agora, porque lembranças têm um efeito devastador sobre mim. Então subi os degraus pro segundo andar, que é o terceiro piso no modo de falar americano, e havia aquele carinha sentado lá, chorando. Então sentei de costas pra ele. E também chorei.

E, quando a canção terminou, eu disse: “Você nem imagina o que isso significa pra mim, porque sou de Kentucky, e sei que neste momento toda a minha família está ouvindo Jim Reeves. Oi. Sou Lee Childers.”

E ele disse: “Oi. Sou Sid Vicious.”

Jerry Nolan: Andei um monte com Nancy em Nova York, mas basicamente eu a usei. Ela tinha dinheiro pra drogas, e eu não. Ela era uma stripper e uma prostituta e estava muito apaixonada por mim. Quer dizer, me seguiu por tudo que foi lugar e falou pra todo mundo um monte de histórias completamente mentirosas. Referentes a sexo, que a gente nunca fez, tentando convencer os outros de que eu era namorado dela. Daí, quando a coloquei contra a parede, ela negou tudo, não disse nada.

Nancy Spungen foi pra Inglaterra depois da turnê Anarchy pra me seguir. Trouxe uma guitarra que eu tinha empenhado. Não sei como diabos ela conseguiu aquela guitarra, mas conseguiu. Eu nunca tinha visto nada como aquilo, e eu tinha empenhado muitas coisas. Ela deve ter chupado o pau do penhorista, quem sabe? Mas conseguiu a porra da guitarra.

Arturo Vega: Me encontrei com Nancy em Londres por acaso. Eu vinha andando por King’s Road e dei de cara com ela. Ela começou a me falar sobre como era fácil ser viciado na Inglaterra porque o governo dava todas as drogas e como isso era maravilhoso. A gente estava andando por King’s Road, era um sábado, e era nessa época que costumava haver todas aquelas brigas entre punks e mods aos sábados. Mas eu não sabia de nada disso e estava com uma jaqueta de couro. Então vejo todos aqueles mods vindo na nossa direção, e Nancy diz: “Oh, meu Deus!”

Eu disse: “O quê?” Ela pensou que eu soubesse e disse: “Os mods vêm vindo!” E eu disse: “Legal”. Ha, ha, ha. Sabe como é, eu não sabia de nada.

E Nancy diz: “Não, entra aí.” E me empurrou pro vão de uma porta e ficou na minha frente. Eu disse: “Qual é o problema? Por que eles querem me matar?”

Ela disse: “Oh, você não entende. Eles são maus!”

Fiquei pensando: “O que está acontecendo aqui?”

E os mods chegaram e tentaram me tirar dali e me surrar. Tentaram me acertar, mas Nancy ficou parada ali. Ficou parada na minha frente e salvou a minha vida. Yeah, Nancy me salvou.

Lee Childers: Um dia eu vinha andando por Carnaby Street, e de repente uma mão toca no meu ombro. Era Nancy Spungen.

Eu disse: “O que você está fazendo aqui?”

Ela disse: “Fiquei a fim de vir pra ver Jerry.”

Eu disse: “Vai embora.”

Ela disse: “Quero ver Jerry.”

Eu disse: “Não, não, não, você não pode, não.”

Fiquei aterrorizado. Não podia imaginar nada mais horrível do que Nancy Spungen aparecer. Era como se o diabo tivesse aterrissado em Carnaby Street.

Ela disse: “Jerry é meu amigo...”

Eu disse: “Não, você não pode, não, você não pode vê-lo. Não. Vá embora. Já.”

No fundo eu gostava de Nancy, mas ela era uma junkie, uma fornecedora de drogas e uma completa caídaça. E eu estava fazendo tudo que podia pra manter minha banda, os Heartbreakers, viva. A última coisa de que eu precisava era Nancy Spungen pra complicar ainda mais as coisas. Ela era uma influência muito, muito, muito, muito, muito, muito má pra pessoas que já eram uns trastes. Ela era uma encenqueira e uma baderneira.

Então falei pra banda que ela estava na cidade e disse: “E espero que nenhum de vocês se meta com ela!”

Jerry Nolan riu. Achou engraçado que ela estivesse na cidade, mas basicamente todos eles fizeram o velho número junkie: “Oh, não se preocupe, cara. A gente não vai se meter em coisa nenhuma com ela, cara.” Mas provavelmente estavam pensando: “Onde será que ela está?”

Malcolm McLaren: Quando Nancy Spungen entrou na minha loja foi como se o Dr. Strangelove tivesse mandado essa doença pavorosa especificamente pra Inglaterra e especificamente pra *minha* loja.

Pensei: “Mandaram isso de propósito, de algum daqueles horripilantes clubinhos sinistros, pustulentos e imundos de Nova York! É um revide contra mim, estou certo disso.”

Eu estava pronto pra defumar a porra do lugar.

Eu disse pra banda: “Isso é um mau agouro, rapazes. Isso é um mau presságio.” Os Pistols pensaram que eu estava completamente louco, é claro.

Mas tentei botá-la a correr de lá de todas as maneiras possíveis, envenenada, raptada ou empacotada de volta pra Nova York.

Lee Childers: Como se sabe, Nancy largou os Heartbreakers e foi direto pra Sid Vicious. A próxima vez que a vi foi uns quatro dias depois, numa festa, e ela estava de braço com Sid. Pensei: “Oh, merda, oh, não, o que aconteceu? Oh, não.”

Lá estava ela, pousada no braço de Sid como a Senhora Abelha-Rainha.

Quando cheguei em Londres pela primeira vez, Sid estava tocando baixo e cantando numa banda, Flowers of Romance, que tentei empresariar. Me senti muito protetor em relação a Sid. Ele dormia comigo, aninhado nos meus braços. Sid não viveu comigo, mas mais ou menos viveu. Ele passava lá, se embebedava de cerveja e dormia. A gente nunca transou. Mas ele se enroscava nos meus braços como um bebezinho e dormia a noite toda.

Eu queria ter transado com ele porque ele me atraía. Mas não transei porque naquele tempo ele era tão vulnerável que até mesmo um velho depravado como eu não ultrapassaria os limites. Sid não sabia qual era a sua sexualidade – a gente conversou um monte sobre isso. Acho que ele transaria comigo, mas na manhã seguinte iria pirar: “O que fiz, sou um veado?”

Naquele tempo a Flowers of Romance não estava se apresentando muito, estavam só ensaiando. Daí Glen Matlock ou saiu ou foi chutado dos Sex Pistols, e Malcolm convidou Sid. Sid chegou pra mim e disse: “O que você quer que eu faça?”

Eu disse: “Não está nas minhas mãos, você escolhe o que quer fazer.”

Naquele tempo os Sex Pistols estavam botando pra quebrar, por isso eu disse: “Vou entender se você não quiser apostar na Flowers of Romance, se quiser ir direto pra uma banda que já está consagrada.”

E então foi isso que ele fez. E Nancy não queria Jerry Nolan em especial, queria apenas um rock star com quem pudesse trepar e pra quem pudesse dar drogas e se drogar com ele. Isto era tudo o que ela queria. Assim, quando pegou Sid, ela atingiu sua meta. Não precisou continuar a busca.

Philippe Marcade: Nancy me ligou um mês ou dois depois e tinha um sotaque britânico tipo: “Hey, Philiiiiippe, é No ncy.”

Fiquei meio: “O QUÊ?” E ela disse: “Você não vai ACREDITAR com quem estou saindo – estou saindo com SID VICIOUS!”

Lee Childers: Depois da turnê Anarchy, os Sex Pistols pararam de tocar. Esta era a estratégia de Malcolm, então eles só fizeram dois ou três shows grátis, sem anunciar. Deu certo; Malcolm estava certo. Mas Malcolm tinha o suporte financeiro, por isso podia fazer este tipo de estratégia. Nós não podíamos. Tínhamos que tocar ou morrer.

A gente precisava de drogas, precisava de comida, precisava viver. Ainda não havia nenhuma gravadora naquele tempo, então fizemos dois ou três shows por semana, e cada um deles ficou completamente lotado. Fomos a sensação de Londres naquela época.

Mas os Heartbreakers eram junkies, e esse era o maior motivo da fama deles. Gravadoras não querem contratar junkies e depois vê-los morrer nas mãos delas.

Gail Higgins: Quando Chris Stamp contratou-os pela Track Records, Johnny Thunders teve a brilhante ideia de trocar o nome pra Junkies.

Eu disse: “Isso realmente vai ajudar quando vocês estiverem cruzando fronteiras!” Eles costumavam pegar as diárias e ir pra clínica de metadona, e é claro que não conseguiam chegar na clínica de metadona por si mesmos. Tinham que ter um carro pra levá-los e buscá-los. Esta foi a única vez que vi Johnny entrar em surto de abstinência ou ficar doente – por causa da metadona, não da heroína. Porque ele juntava suas doses; desse modo, constantemente tomava mais do que a dose dele, e um surto de abstinência por causa disso era muito, muito mais duro... Ele ficava REALMENTE doente quando ficava sem metadona.

Um dia Walter me ligou e disse: “Pega um táxi, pega um táxi – Johnny está ficando azul, Johnny está ficando azul.” A gente não tinha dinheiro nem nada, então teve que juntar os trocados pro táxi.

Foi quando as coisas começaram a ficar realmente ruins. Daí, é claro que foi assim: “Em quem vamos jogar toda a culpa?” Daí foi: “Vamos jogar a culpa em Leee!”

Lee Childers: A Track Records nos colocou num estudiozinho muito legal no SoHo, com um engenheirozinho de som muito legal. Eu tinha dito pra Chris Stamp: “Não deixa Johnny consumir nada – nem heroína, nem erva, nem cocaína, nem trago. Não deixa ele consumir *nada* porque ele não é apenas um viciado em heroína, ele é um viciado em vícios.”

Mais tarde chego na sessão de gravação e tem uma garrafa de Johnny Walker lá, um presente da gravadora. É claro que Johnny bebeu toda aquela maldita coisa e ficou completamente inútil. Pirei e dei uma surra nele.

Caguei ele a pau, embora devesse ter é cagado Chris Stamp a pau. Bati nele até Johnny dizer: “Por favor, não me bate mais.”

Pensei: “Oh, meu Deus, o que estou fazendo?” Em todo o tempo que a gente conviveu, nunca, jamais, bati nele de novo.

Assim, aquele foi um dia perdido. Mas as gravações nos dias seguintes foram brilhantes – um dos dez melhores discos de rock & roll jamais feitos.

Gail Higgins: Soube que Johnny estava na trilha junkie antes deles partirem naquela turnê. Depois de milhares de noites inteiras de conversas sobre: “Não quero ficar desse jeito, Gail, quero parar, quero...”

Johnny sugava você, não só John, mas todo junkie. Eu poderia escrever a cartilha junkie. Eles são todos exatamente, EXATAMENTE iguais. Sugam uma pessoa com: “NÃO QUERO FICAR DESSE JEITO, VOCÊ PODE ME AJUDAR?”

Então, quando esta pessoa desiste, eles vão pra próxima pessoa que irá sentir pena deles. Gastei MILHARES de noites falando com Johnny sobre ser um junkie, MILHARES de noites ao longo dos anos.

Portanto, era realmente difícil ficar na estrada com eles, porque Johnny, Walter e Jerry eram junkies. Billy Rath era esquisito ao natural, mas acho que também estava usando *speed* e droga pesada. Era como ser uma babá – arrebanhando-os constantemente, ouvindo-os constantemente se queixar da falta de dinheiro. Não conseguiam fazer COISA NENHUMA por si mesmos, e, porque Johnny não conseguia ou não queria, então o resto deles não queria porque, se Johnny estava tendo tudo feito pra ele, então eles também queriam ter.

E estavam sempre fugindo pra se drogar cinco minutos antes do show começar, e eu ficava roendo as unhas, me perguntando se iam fazer o show. Quer dizer, quando a gente chegou em Amsterdã, antes mesmo que o ônibus PARASSE eles já tinham saído porta afora...

O discurso de Johnny era: “Keith Richards conseguiu e é um junkie.” E eu dizia: “Mas, John, Keith Richards conseguiu *primeiro*, depois virou um junkie, e não o contrário.”

Jerry Nolan: A gente andou um monte com os Sex Pistols. Fui o primeiro

cara a pôr Johnny Rotten na heroína, o primeiro cara a injetar nele. Não me orgulho disso. Não gostei do que senti por causa disso e mudei de ideia quanto a ligar pessoas a drogas. Jamais voltei a fazer isso. Nancy, que apresentei pra Sid, foi a primeira a ligar Sid. Uma vez injetei Sid ao contrário, apontando a agulha pra baixo na veia, em vez de pra cima, e ele não sabia que dava pra fazer isto. Fiz ele se borrar de medo, mas ele não quis dizer nada.

Esta foi toda a trip com os Pistols. Foi tudo uma encenação. Foi tudo uma porra de uma encenação. Eles eram jovens. Eram garotos. A gente era muito mais velho. Quando chegou no pega pra capar daquela merda, jogar os apetrechos na mesa e esquentar uma droga, eles ficaram apavorados.

Lee Childers: Johnny Thunders e Johnny Rotten não gostavam nem um pouco um do outro. Era mútuo. Por falar separadamente com cada um, sei que nenhum deles gostava nem um pouco do outro.

Thunders achou Rotten um sujeitinho *poseur* horrível – impostor, arrivista – sabe como é, apenas um sujeitinho insignificante. Acho que Johnny Thunders estava certo. Sem querer desmerecer nada do talento de Johnny Rotten. Johnny Rotten tinha um talento fabuloso e conseguia segurar o público na palma da mão. Mas não tinha alma. Não sacava. Não era absolutamente rock & roll. Era apenas um oportunista.

É assim que Johnny Thunders viu Johnny Rotten – como um oportunista. E concordo. Rotten viu sua chance e a agarrou. Nada de mal nisso, Deus sabe. O público é a maior massa de otários, por isso bem que pode ser feito de otário por essa ou aquela pessoa. Mas não havia nada real, nada musical em Johnny Rotten.

CAPÍTULO 29

Diversão com Dick e Jayne

Legs McNeil: Toda ideia pra revista *Punk* veio de duas inspirações: de Harvey Kurtzman, cartunista que lançou a revista *Mad* e foi professor de John Holmstron na School of Visual Arts, e de *Go Girl Crazy!*, dos

Dictators.

Handsome Dick Manitoba: Eu estava tão bêbado durante a gravação de *Go Girl Crazy!* que deitei no chão do banheiro dos homens, entre duas cabines, porque o chão era ladrilhado e frio. Peguei no sono entre as duas cabines e me encontraram lá horas depois.

Sempre fui o tipo de cara que, se você joga comida em mim, tenho que jogar dez vezes mais comida em você – tenho que superar você o tempo todo. Sempre fui o mais exagerado.

Lembro de ter pego um extintor de incêndio de uma parede durante a gravação de *Go Girl Crazy!* Fez aquela espuma branca, e pulverizei toda a mesa de vinte e quatro canais e quase estraguei a fita. Quase destruí cem mil dólares em equipamento, mas de algum modo as coisas ficaram numa boa. Por milagre. Me senti mal, mas depois me senti bem porque não tinha estragado nada. Mas o que iam fazer? Me processar em um milhão de dólares? Eu não tinha ideia do que a gente estava fazendo.

Legs McNeil: Não pensei que ninguém mais compartilhasse das mesmas sensibilidades que nós até ouvir *Go Girl Crazy!* Depois que ouvimos aquele disco, John, Ged e eu ficamos dizendo: “A gente tem que achar esses caras! A gente tem que conhecer esses caras!” Minha única ambição na vida passou a ser conhecer Handsome Dick Manitoba. Foi por isto que a gente lançou a revista *Punk*, pra poder andar com os Dictators.

Mas quando a gente começou a circular no CBGB's, os Dictators não podiam ser encontrados em lugar nenhum.

Handsome Dick Manitoba: Os Dictators eram retardatários em comparação com os caras que viviam e circulavam no centro de Manhattan, apesar do nosso disco ter sido o primeiro a ser lançado. *Go Girl Crazy!* saiu em 1974. Mas a gente era do Bronx e nunca se sentiu parte daquilo. De certa forma nunca fomos aceitos – tenho a sensação de que éramos vistos como uns valentões do Bronx. Aqueles caipiras brancos grossos. Não é verdade, mas talvez, até certo ponto, a gente tenha se mostrado assim.

Andy Shernoff: Depois de *Go Girl Crazy!* fiquei desanimado porque a gente

foi chutado da Epic. Pensei: “Poxa, isso foi culpa minha. Não sou bom o bastante.”

Honestamente, o primeiro disco não foi o disco que eu quis fazer. Quer dizer, as canções estavam ali. O espírito estava ali, mas o som... Era pra ter senso de humor, mas não era pra ser uma piada. Acabou como uma piada.

Quer dizer, não faço a menor ideia do que estávamos pensando. Quando a gente criou os Dictators, trazia Handsome Dick de roupão de banho pra última canção, e ele cantava “Wild Thing”. E, como a plateia era geralmente composta pelos nossos amigos, eles iam à loucura! E por que não? Era o cara mais barulhento que eu conhecia, sendo mais barulhento ainda no palco.

Handsome Dick Manitoba: Eu tinha a reputação de destruir as casas das pessoas e de ser um festeiro maníaco. Não sei por que era convidado pra casa das pessoas. Eu era o sujeito mais barulhento, mais ruidoso, mais destrutivo. Uma vez meus pais foram passar as férias na Flórida, e, mal eles viraram as costas, fui em todas as praças do Bronx e falei pra todo mundo que eu conhecia que ia dar uma grande festa na minha casa.

A gente começou com dez caixas de cerveja e um pacote de cem Quaaludes 714 dos quentes. Quaaludes eram maravilhosos, a Droga do Amor, davam a maior tesão. Você fica a fim de arrancar as roupas e berrar: “Chupa o meu pau!”

Então todo mundo estava tomando ’ludes e bebendo cerveja, e foi uma loucura. Lembro de dormir com a irmã de um amigo, lembro de duas garotas juntas na cama, lembro de carrinhos de compra despencando do terraço do vigésimo sexto andar, lembro da patrulha de segurança Co-op City dando duas batidas e dos tiras dando outra, lembro de cozinhar ovos com as cascas e comê-los. Disso não lembro, mas no fim da festa todas as joias da minha mãe e da minha irmã foram roubadas.

Eu estava tão chapado que fiquei andando por lá com uma sunga vermelha e mais nada, exceto suásticas de batom vermelho pintadas por todo o corpo. Meu amigo Cliffie ficou trancado do lado de fora peladão e teve que se esconder no poço da escada quando os tiras chegaram. Meu amigo Alex estava tão chapado que caiu, não conseguiu atinar de pôr as mãos na frente do

rosto e quebrou o nariz. Era como um filme de Fellini e durou a noite inteira. Toda a mobília voando terraço abaixo, e os tiros chegando. As pessoas escreveram “Vá se foder” com lapiseiras e botaram creme de barbear por tudo, o que torna impossível de tirar das paredes.

Na manhã seguinte foi como estar vendo um filme de guerra que tivesse ficado escuro por quinze minutos, e a câmera dá uma panorâmica no campo de batalha quando o sol começa a surgir... A fumaça está desaparecendo... E então você vê a destruição...

Todos os meus sentidos motores tinham-se ido com os 'ludes, e fiquei gemendo pra Scott Kempner: “Vem até aqui pra ajudar a limpar...” Mas eu não conseguia falar.

Foi preciso que seis de nós trabalhássemos por oito horas pra deixar o apartamento numa condição repugnante, de tão ruim que estava antes. Meus pais chegaram em casa e encontraram o lugar em pedaços, e todas as joias tinham sumido, então foi a última festa que dei naquela casa. Ainda ouço por causa daquilo. Minha mãe ainda diz coisas do tipo: “Os porras dos seus amigos! Foram aqueles seus amigos!”

Jayne County: Nasci e cresci em Dallas, Geórgia, e a forma de descrever o lugar é onze mil pessoas e uma zona de prostituição. Era muito rural, uma cidade rural sulista com estradas de terra, assim, se chovia você nem conseguia andar nelas.

A gente era metodista, mas daí minha mãe começou a ouvir um sujeito no rádio e entrou pra uma seita. Era uma dessas religiões cristãs de direita em que os terremotos estão a caminho, e é o Juízo Final, e todos os malfeitores serão lançados ao lago de fogo.

Isso desintegrou toda a família. Meu pai começou a ter um caso com uma cabeleireira de dezesseis anos. A gente não podia mais sequer celebrar o Natal. Todo Natal meu pai carregava uma árvore de Natal pra dentro de casa e dizia: “Decorem a árvore, garotos.”

A gente começava a decorar, e minha mãe entrava correndo na sala berrando: “ESTA ÁRVORE É UM SÍMBOLO DE NIMROD. NIMROD TREPOU

COM A PRÓPRIA MÃE” – não, ela não disse “trepou”, disse: “NIMROD CASOU COM A MÃE PRA MANTER A DINASTIA BABILÔNICA PURA, E A ÁRVORE DE NATAL É A ÁRVORE DISSO TUDO! É UM SÍMBOLO DA DINASTIA BABILÔNICA! É PAGÃ! É UMA ABOMINAÇÃO!”

E a gente berrava, e ela arrastava a árvore pra fora, e meu pai arrastava de volta pra dentro e dizia: “DECOREM A ÁRVORE!”

E a gente dizia: “Por favor, a gente não quer decorar o símbolo babilônico do mal.”

Era horrível. Por isso saí de casa, porque não podia mais aguentar. Então me mudei pra Atlanta, estava trabalhando numa ótica, e um dia comprei o livro *City of Night*, de John Rechy. Foi uma revelação, porque em Atlanta comecei a entrar em contato com aquelas drag queens completamente doidas e malucas que vi caminhando pela rua certa noite. Elas tinham cabelo supercomprido, tipo franjas até os calcanhares. E, quando vi essas drag queens, disse: “Huh, essas são drag queens de verdade, iguaizinhas às de *City of Night* de John Rechy!”

Fiquei muito amiga de uma das drag queens, Miss Cox, e foi ela que me convenceu a descolorir o cabelo. Em Atlanta havia uma cena drag muito grande. Havia clubes nos quais comecei a ir de drag. De fato você podia ir de drag, mas o engraçado era que você podia ser preso de verdade, já que em Atlanta havia uma lei segundo a qual você podia ser preso como homossexual caso o seu cabelo tocasse no alto das orelhas.

A gente era perseguida o tempo todo. Nunca fui pega, eu era uma boa corredora, mas a gente costumava levar dois pares de sapato, um par de saltos altos e um par de tênis.

Um dia eu vinha andando pela rua com aquelas duas bichas, a gente estava no máximo da produção, botas de salto alto, calças boca de sino – e atiraram em nós.

A gente ouviu as balas – eu estava caminhando, me virei pra Daisy e disse: “Estão atirando em nós! Estão atirando em nós!”

Aqueles porras de caipiras saíram de um caminhão e começaram a atirar em nós. O tempo todo eles gritavam umas coisas: “Você é bicha? Você é um homem? Você é um garoto ou uma garota?”

Mas eu era considerada estranha até pelas outras drag queens porque era ligada em rock & roll. A gente fez uma festa uma vez, e as drag queens vieram e fizeram canções das Supremes. Eu disse: “Não quero ir em mais uma porra de uma festa onde mais uma porra de uma bicha chega e faz uma porra de uma imitação das Supremes, e, se fizerem, vou estrangular!”

Em toda festa que você ia, alguma bicha chegava e fazia: “Ooooh, baaaby love, my baaby love...”

Então cheguei e fiz Janis Joplin.

Finalmente deixei Atlanta e peguei um ônibus Greyhound pra cidade de Nova York.

Jimmy Zhivago: O primeiro show que fiz com Wayne County fora da cidade foi também o meu último show com Wayne. A gente tocou num colégio católico em algum lugar do interior, sabe Deus onde.

E suponho que ninguém na banda soubesse que era um colégio católico e suponho que ninguém no colégio soubesse que Wayne era uma drag queen. Aquela gente ficou em estado de choque. Não sabiam que porra fazer.

A gente estava lá em cima bebum, pouco se importando, porque não percebeu que pudesse haver qualquer perigo. Mas quando Wayne pegou a estátua de Cristo e começou a cuspir sangue de galinha pela boca, cantando “Storm the Gates of Heaven”, e daí espatifou a estátua de Cristo no final, deu.

Deu pra eles. Sabe como é, Wayne estava lá em cima matando o deus deles. Então começaram a vir pro palco, e Peter Crowley, que era o empresário de Wayne, subiu no palco e quebrou uma garrafa, não, acho que puxou um revólver, e o lugar inteiro gelou. Fiquei escondido embaixo do piano, pensando: “É isso aí, sou um homem morto.”

A gente teve que dar o fora de lá muito rápido.

Scott Kempner: Handsome Dick foi ao CBGB's duas noites seguidas porque Wayne County estava tocando. Ele gostava de Wayne County. Achava Wayne County muito engraçado. Eu odiava Wayne County. Achava brega. Achava um merda completamente sem talento.

De qualquer modo, Handsome Dick foi ao show, e parte da história dele era – ele considerava um coisa bem rock & roll haver uma interação entre a plateia e o artista, uma lição que a gente aprendeu com os Stooges.

Tipo: Wayne County berrava alguma coisa, e Handsome Dick berrava outra de volta pra agradar, não pra importunar. Pra agradar, pra fazer parte.

Jayne County: Quando Handsome Dick Manitoba veio ao CBGB's naquela noite, não deu o estalo na minha cabeça de que ele era o cantor da banda Dictators. Eu os tinha visto no Coventry e gostava deles. Mas não somei dois e dois, especialmente no palco, com as luzes, a banda, a música e quatro belezas negras.

Tudo que fiquei ouvindo foi: “Bicha!” Esta era a palavra que me deixava numa ruim. Ele tinha que escolher a palavra que me deixava toda irritada. “Bicha!” Yeah, ele soube como fazer.

Vê só, eu era de Atlanta e estava acostumada a ser caçada pela rua e pessoas atirarem em mim e essas coisas. Então minha primeira reação a uma coisa desse tipo é, sabe como é, olhar pra coisa mais próxima pra bater neles.

Andy Shernoff: Richard estava fazendo uns apartes, meio alto e meio nada a ver. Wayne County pegou o suporte do microfone dele e deu uma porrada no ombro de Richard. Não houve nenhum gesto violento de Richard, além da agressão verbal. Wayne disse que tinha havido um ataque, mas não houve.

Jayne County: Fiquei ouvindo: “Drag queen, bicha fodida!” Berrei algo do tipo: “Seu babaca fodido estúpido!” Então, quando o vi subir no palco, bem, cinco belezas negras, e ele gritando “bicha!” pra mim, não esperei.

Handsome Dick Manitoba: Lembro que não tive nenhuma intenção de nada além da agressão verbal, não tive intenção de agressão física. Mas naquele tempo você tinha que subir literalmente no palco pra chegar ao banheiro no

CBGB's. Então os insultos estavam naquele vaivém, e daí ele interpretou um gesto que fiz como um gesto violento.

Jayne County: Logo que peguei o suporte do microfone, passou pela minha cabeça: “Não bate na cabeça, não bate na cabeça, bate em algum ponto mais baixo, onde dê pra se livrar dele, mas não o mate.”

Pelo menos eu estava pensando bastante nas quatro ou cinco belezas negras. Assim, quando lancei o suporte, fiz ele ir propositalmente baixo, daí bateu no ombro dele. Eu poderia muito bem tê-lo matado se tivesse acertado na cabeça. Oh, Deus, não quero nem pensar nisso.

Primeiro ele foi por cima das mesas e depois pulou de volta pro palco e me agarrou. A gente rolou pelo palco. Tentei fazê-lo ir embora, fiquei chutando-o pra fora, ele não saía do palco. Foi horrível. Todo mundo ficou chocado. David Johansen estava parado à esquerda do palco, ele não conseguia acreditar naquilo. E então, depois disto, fiquei encharcada de sangue e totalmente pirada. Yeah, totalmente pirada.

Bob Gruen: Eu estava nos fundos do CBGB's, havia toda aquela comoção, a gente não sabia bem o que estava acontecendo, exceto que havia um caos. Parecia uma briga – gente gritando e berrando. A próxima coisa que vi foi Handsome Dick Manitoba ser arrastado pra fora – dois caras estavam literalmente arrastando-o, ele parecia todo mole entre os ombros deles, com sangue jorrando do lado da cabeça. Arrastaram-no porta afora, e Wayne parou no palco e disse: “Vocês querem que eu pare ou querem rock & roll?”

Todo mundo começou a gritar: “Rock & roll! Vai Wayne! Continua o show!” Então Wayne continuou tocando e terminou a apresentação.

Jayne County: Fiquei respingada com o sangue dele de alto abaixo, coberta com o sangue dele, e a próxima canção era “Rock Me Jesus, Roll Me Lord, Wash Me in the Blood of Rock & Roll.” (*Embale-me, Jesus; balance-me, Senhor; lave-me no sangue do rock & roll.*)

E todos meus amigos ficaram lá dizendo: “Acaba com ele, acaba com ele, cara, acaba com ele!” Ficaram lá dizendo: “Acaba com ele”, com os polegares virados pra baixo.

Andy Shernoff: Tive que levar Richard pra emergência do St. Vincent's Hospital.

Scott Kempner: Wayne quebrou a clavícula de Richard com a base de um suporte de microfone. Se acertasse na cabeça, ele teria morrido, não é uma distância tão grande entre a cabeça e o ombro quando você lança uma coisa tão comprida. Pra mim, Wayne nunca pagou por isto. Quer dizer, Richard ainda tem uma dívida a cobrar.

A gente foi pegar Wayne County e o empresário dele e quem mais decidisse ficar do lado dele e não conseguiu encontrá-los. Ele ficou se escondendo, como um veadinho de merda. Depois a gente caiu na real e foi dissuadido de dar uma surra em Wayne County.

Jayne County: Ouvi dizer que os Dictators estavam atrás de mim. Eu estava pondo som no Max's, então pintei o cabelo de preto e botei um bigode falso. Cheguei pra trabalhar numa noite e pude ouvir as pessoas falando: "Esse cara não é muito parecido com Wayne?"

Na noite seguinte a polícia entrou. Me levaram e botaram numa cela com uma bicha furiosa com sobrancelhas pintadas até aqui. Bem, eu não estava de drag, mas devem ter suspeitado. Quer dizer, eu não tinha sobrancelhas, tinha o cabelo pintado de preto, mas tinha tirado o bigode falso. De qualquer forma, tinha um visual esquisito. Então os tiras me perguntaram: "Você deseja ficar numa cela especial?" Porque todos os outros criminosos estavam dizendo: "Hey, olha só pra você, você é um veado!"

Então me puseram numa daquelas celas especiais com a bicha furiosa, pra nos proteger de toda aquela gente que queria nos fazer mal. Quer dizer, como eu ia saber que Handsome Dick Manitoba não era como um daqueles sujeitos? Achei que ele queria matar um veado, uma bicha, uma drag queen, se é que você me entende.

Terry Ork: Todo mundo sabe que drag queens são os sujeitos com recaídas de macho mais perversos do mundo. Eles te surram. Eles têm que ser fortes – se você anda vestido daquele jeito, tem que ser forte pra encarar toda aquela merda.

Bob Gruen: Aquilo se tornou uma espécie de marco divisório entre a turma do CB's e a turma do Max's, porque Manitoba fora machucado, fora ferido e tinha umas contas médicas altas. Acho que Handsome Dick estava processando Wayne, e Wayne teve que pegar um advogado e tinha contas de advogado altas a serem pagas. Então fizeram um show beneficente pra Wayne County. E todas as bandas – Patti Smith, Blondie, New York Dolls, Suicide –, todo mundo tocou pra Wayne. Fizeram um show beneficente pra apoiá-lo.

Foi uma coisa interessante, porque, embora houvesse um monte de gente gay na cena, não se falava muito sobre isso. Quer dizer, certamente Wayne não era enrustido, mas a maior parte dos outros caras que estavam no rock & roll eram heterossexuais, machões.

Pra mim, senti que foi um ponto de virada, todos aqueles caras tiveram que abrir e dizer que Wayne era amigo deles. E a gente ficou do lado dele, não está certo chegar num clube e chamar um cara de bicha. Não está certo.

Legs McNeil: A liberação gay tinha explodido pra valer. A cultura homossexual tinha realmente tomado conta – Donna Summer, discotheque, era muito chato. De repente, em Nova York, era cool ser gay, mas isso parecia relacionado a suburbanos que chupavam piça e iam a discos. Quer dizer, dá um tempo, “Disco, Disco, Duck”? Comigo não.

Então a gente disse: “Não, ser gay não torna você cool. Ser cool torna você cool, seja você gay ou hétero.” As pessoas não gostaram muito disso. Então nos chamaram de homofóbicos. E, é claro, sendo as pessoas detestáveis que éramos, dissemos: “Vão se foder, suas bichas.”

Movimentos de massa sempre são muito caretas. Isso é que foi genial no punk. Foi um antimovimento, porque ali desde o começo se soube que com o apelo de massa vêm todas aquelas pessoas chatas pra quem tem que se dizer o que elas devem pensar. Um lance esperto jamais pode ser um movimento de massa. E, culturalmente, o movimento de liberação gay e todo o resto dos movimentos foram o começo do politicamente correto, o que não passava de fascismo pra nós. Verdadeiro fascismo. Mais regras.

Mas daí a sermos homofóbicos, isto era ridículo, porque todo mundo com

quem andávamos era gay. Ninguém tinha problemas com isso, sabe como é, tudo bem, trepe com quem quiser. Quer dizer, Arturo me deleitava com aquelas histórias maravilhosas de sexo. Eu ficava perguntando: “Uau, e daí o que aconteceu?”

O que foi genial a respeito da cena é que a curiosidade das pessoas pareceu mais forte do que o medo delas. A época foi abundante de exploração genuína, mas não pro lado de movimento de massa da moda. E sempre fui fascinado pelo que as pessoas fazem pra aguentar o dia, o que realmente fazem pra manter a sanidade, ou perdê-la, quando as luzes se apagam.

Scott Kempner: Danny Fields escreveu um monte de merda sobre nós, todos os tipos de gente escreveram coisas realmente odiosas sobre nós, pra onde quer que se olhasse éramos as pessoas mais odiadas de Nova York, apesar de Wayne County quase ter matado Richard.

Houve uma festa em defesa de Wayne County, um show beneficente no Max's. Debbie Harry participou e mais tarde pediu desculpas. Dee Dee pediu desculpas, todo mundo pediu desculpas quando percebeu como estava completamente enganado. Ninguém soube a verdadeira história, ninguém soube da verdade sobre aquele incidente – que não era Richard atacando Wayne County, sendo surrado e depois chorando por causa disso. Essa era a coisa mais longe da porra da verdade.

Andy Shernoff: O resultado foi que houve mais publicidade. Boa publicidade é boa publicidade, má publicidade é boa publicidade, e nenhuma publicidade é má publicidade. Houve um monte de gente que falou: “Yeah, Manitoba chutou o rabo de Wayne County!” Umas coisas estúpidas desse tipo, então a história agora é lenda.

John Holmstrom: Quando Lester Bangs ainda editava a *Creem* em Detroit, ligou pra nós no Punk Dump e falou que a *Punk* era a melhor revista que ele já tinha visto e que isso o deixara a fim de largar a *Creem* e trabalhar no ato pra nós.

Mas acho que há tempos ele já tinha na cabeça a ideia de ir embora de Detroit e vir pra Nova York. Não havia mais nada acontecendo em Detroit. Detroit fora uma grande cidade pro rock & roll no fim dos anos sessenta, começo dos

setenta. Mas por volta de 74, 75, não estava rolando nada por lá; por isso, cada vez que os escritores da *Cream* tinham que fazer uma história, precisavam sair da cidade. E Lester queria sair da *Cream* porque não suportava o editor-executivo e estava a fim de ser freelancer.

Assim, Lester se mudou pra Nova York. Foi bem na época da briga Wayne County-Hansdome Dick Manitoba, e Lester decidiu defender a causa dos Dictators. Escreveu um artigo, “Quem são os verdadeiros Dictators?” Ele estava todo ligado de droga ou coisa assim quando escreveu o texto no Dump. Durante todo o tempo em que escrevia, ficou ouvindo o diálogo de *Taxi Driver*.

Então ele leu “Quem são os verdadeiros Dictators?” em voz alta num ensaio dos Dictators, que foi onde a gente fez as fotos de Lester e Handsome Dick lutando. Daí começou a circular por toda Nova York uma história de que a gente ia largar um artigo expondo a máfia gay.

Então todo mundo começou a nos dizer: “É melhor não fazer isso se vocês sabem o que é melhor pra vocês!”

Depois Lester se recusou a deixar que a gente imprimisse o artigo.

Lester se encagaçou porque não queria foder com a reputação dele – mas era só uma divagação, uma coisinha estúpida e inofensiva, sabe? Todo mundo imaginou uma coisa maior do que realmente era. A gente teria feito melhor se tivesse publicado, as pessoas teriam nos deixado em paz. Na real essa foi uma das coisas que contribuiu pra nos tirar do negócio. Um monte de lugares não queria mais saber de nós depois disto. Ninguém queria falar conosco, ninguém queria ter nada a ver conosco.

“A revista *Punk* vai expor a máfia gay”, foi o que Lester ficou contando pras pessoas. E a cena era tão pequena que todo mundo ouviu falar disso. Todo mundo ficou apavorado. Acho que naquela época as pessoas eram mais enrustidas.

Eu nem mesmo sabia o que poderia *ser* essa máfia gay. Era como uma piada que alguém tivesse inventado. Máfia gay? Não havia máfia gay! Era ideia de Lester. E a revista *Punk* pagou o pato.

Bob Gruen: Isso foi bem nos primeiros dias da liberação gay, quando ser homossexual não era apenas errado ou mau, era ilegal, e dar porrada em gays e humilhar bichas era algo aceito. Foi uma verdadeira virada. Todo mundo achava aceitável segregar uma bicha. Então, de repente isso passou a ter outro significado, a gente começou a perceber que era uma pessoa real que estava sendo insultada, que era um amigo.

Jayne County: Lamento que tenha acontecido, lamento que Handsome Dick tenha se ferido, mas ele realmente foi longe demais naquela noite. Eu estava no *speed*, eu era paranoica, reagi, uma reação irrefletida, adrenalina. E cinco belezas negras. Você lembra como eram aquelas cinco belezas negras?

Scott Kempner: A gente foi banido dos clubes, e qualquer banda que tocasse num show com os Dictators era avisada de que não seria aceita no Max's, que era o lugar mais importante. Richard não podia se mexer, estava numa cadeira de rodas. Foi grave. Daí a gente começou a tocar aos poucos. O Club 82 nos aceitou. Daí Hilly disse: "Banidos? Bem, ninguém me diz quem posso ou não posso contratar, não dou bola pra nada disso."

Assim, ele nos deu uma noite de segunda-feira, e a gente quebrou o recorde de público da casa. Então estávamos meio que de fora e afastados e a seguir estávamos de volta, fomos aceitos. Daí Karin Berg, da Elektra Records, assinou com o Television e os Dictators na mesma ocasião. E então fiquei muito amigo de Joey Ramone e Debbie Harry, Richard Lloyd e Willy DeVille, Tina Weymouth e Chris Franz. O CBGB's tornou-se uma espécie de comunidade e foi maravilhoso. Foi muito bom fazer parte de toda aquela coisa, muito embora eu estivesse consciente de que era uma brincadeira.

John Holmstrom: Depois do fiasco da máfia gay, percebi que Lester Bangs não era confiável. E na sequência, mais tarde, ele escreveu aquele artigo, "Os defensores da supremacia do som branco", nos chamando de racistas. Fez a nossa caveira naquele artigo. Não sei por que ele fez aquilo. Tentei falar com ele sobre isso. Mas ele foi meio evasivo. Disse apenas: "O que está te perturbando?"

Depois disto não falei com ele por um longo tempo. Lou Reed tinha me alertado sobre Lester. Lou disse: "Não se envolva com Lester. Ele vai foder com você."

Mas pensei: “Ahnn, Lester é um grande cara. Lester é um cara cool. Ele nunca faria nada desse tipo.”

E Lou ficou tipo: “Não, ele é problema. Fique longe dele.”

Lou estava certo.

Sabe como é, não éramos racistas. Mas estávamos dizendo sem nenhuma vergonha: “A gente é branco e se orgulha.” Tipo, eles são negros e se orgulham. Isto é bom. A gente estava totalmente ligado nessa, sabe? Sempre pensei: se você é negro e quer ser bacana você é um Pantera Negra e diz pros branquelos irem se foder. E carrega uma arma.

Era isto que eu achava cool. E se você é branco, é como nós. Não tenta ser negro. O que eu achava estúpido era gente branca tentando agir como negro. Como Lester. Seu uso da palavra “nigger” (*negro, com um tom pejorativo*) era o jeito dele de tentar agir como negro. Estava tentando ser o “branco negro”. A ideia do “branco negro” (*“the white nigger”*) foi a lição de Norman Mailer pra ser cool nos anos cinquenta. E na real a gente estava rejeitando aquilo. Estávamos rejeitando as instruções dos anos cinquenta e 60 sobre como ser bacana.

CAPÍTULO 30

Quem foi que disse que é bom estar vivo?

Richard Hell: Na verdade eu não era talhado pra ser um músico profissional de rock & roll. Quer dizer, acreditei que fosse intrinsecamente um rock star, ha, ha, ha. Pensei que tivesse sido um rock star toda a vida, ha, ha, ha.

Quando comecei, tive um tipo de empolgação com aquilo. Tive exatamente o que quis. Houve manhãs em que me senti o dono do mundo. Vivia a vida que tinha imaginado pra mim.

Mas isto se desfez muito rapidamente. Minhas metas pra música e coisa e tal

eram completamente fora do convencional, e aí ficou difícil. Também não gosto de estar na estrada. E nunca consegui entender o que acontece entre um artista e sua plateia, pelo menos quando o artista em questão sou eu.

Nunca gostei de ir a concertos. Não entendo pra que as plateias vão a concertos. Não entendo mesmo. Não entro nesta coisa de união que ouço as pessoas descrever. Senti isso num jogo do Knicks; gostei daquela vibração e excitação durante o último tempo do jogo, mas não sinto isso em shows de rock & roll. Não gosto de estar lá com todas aquelas pessoas; quando ficavam olhando pra mim quando eu estava no palco – eu ficava muito desconfiado com aquilo. Eu era muito desdenhoso em relação a todo aparato. Era bem evidente o quão vazia era aquela porra toda.

Bob Quine: Eu tinha visto os Heartbreakers quando estrearam no CBGB's. Eles começaram a tocar, e o chiclé de Hell voou da boca dele, bem no meio da frase “Going steady, going steady”. Eu disse: “Este cara é uma estrela.”

Depois que Richard saiu dos Heartbreakers, ele e Terry Ork foram à minha casa. Eu estava muito mal, tinha terminado com a minha namorada. Eu estava completamente bêbado, e eles estavam altos com alguma coisa. Comecei tocando uns discos pra Hell até ficar bêbado a ponto de tocar umas fitas de uma banda na qual eu estava em 1969 – algum show ao ar livre em que toquei “Johnny B. Goode” e “Eight Miles High”. Aquela era a época dos solos longos e excessivos, e acho que de repente Hell percebeu que eu tinha o que ele estava procurando.

Assim, depois de eu tocar essa fita pra ele, Hell me pergunta: “Oh, quer entrar numa banda?”

“Hey, o quê?” Fiquei realmente surpreso. Eu tinha sido tratado como um leproso no mundo do rock & roll por anos a fio, porque me recusei a mudar minha aparência.

Mas Hell também teve problemas com a minha aparência. Em vez de usar aquelas camisas de colarinho abotoado que sempre usei, pra acalmar Richard tive que usar uma camiseta por baixo do meu casaco esporte, mas ele rasgou-o. Uma vez a gente estava indo pro CBGB's num táxi, e ele pôs fogo na minha camiseta. Era de um daqueles materiais inflamáveis, e o fogo ficou

completamente fora de controle. Foi a maior dificuldade pra apagar. Deixei a barba crescer por causa dele. Deixei-o fazer um corte de cabelo em mim, mas isto jamais voltou a se repetir. Ele pegou o pouco cabelo que eu tinha e raspou uns buracos carecas por lá, o que não me agradou. Em toda minha vida, eu nunca tinha sido tratado daquele jeito nas mercearias.

Ele vinha pra cima de nós com discursos a respeito da nossa aparência. Por outro lado, dizia: “Não quero que vocês se pareçam comigo, mas quero lançar uma atitude.”

Eu disse: “Bem, você tem uma atitude aqui – veja, você tem Marc Bell aqui, esse sujeito com aspecto de hippie estúpido, você tem esse cara negro com jeito rasta e você tem a mim, esse sujeito que parece um corretor de seguros ensandecido.”

Ele disse: “Yeah, você parece mesmo um professor ou corretor de seguros ou coisa assim.”

Eu disse: “Yeah, bem, não há ninguém que se pareça com isso no CBGB’s, há? Para o bem e para o mal.”

Ele disse: “Tudo que você faz – parece que você luta pelo anonimato. Você já teve carro, Bob?”

Eu disse: “Yeah.”

Ele disse: “Aposto que era marrom ou cinza.”

Eu disse: “Você está completamente certo. Era marrom.”

Mas, apesar de não me tolerar em absoluto nesse aspecto, naquela época ele teve mais fé em mim do que eu. Gosto de pensar que, por causa do meu ilimitado talento, mais cedo ou mais tarde eu seria alçado ao topo e reconhecido de qualquer maneira, mas isto não é necessariamente verdade. Por mais que me criticasse, ele teve mais fé em mim do que eu. Minha autoconfiança estava permanentemente em baixa. Naquela época eu estava com trinta e três anos e vinha tocando desde 1958...

Ivan Julian: Fui ao lugar do ensaio na Rua 30, o Daily Planet, e na real não sabia o que esperar. Entrei no estúdio, e Marc Bell estava num canto entornando uma vodca. Marc tinha duas minas com ele, uma loira e uma ruiva, e ambas tinham uns dois metros de altura, com meias arrastão rasgadas, e estavam passando a garrafa uma pra outra e se xingando. As duas minas estavam brigando por Marc, ha, ha, ha.

Na verdade não consegui descobrir quem era Richard Hell porque Bob Quine estava meio que comandando o show. Quine ficou falando comigo, e Richard ficou lá sentado. Richard era o baixista, e Quine era o guitarrista solo, então pensei que Bob Quine devia ser Richard Hell.

Terry Ork: A primeira vez que me encontrei com Lester Bangs falei pra ele que tinha ido pra cama com Lou Reed, e isso o deixou muito impressionado. Eu não tinha ido pra cama com Lou Reed, mas toda vez que me via, ele dizia: “Aí está o cara que trepou com Lou Reed!”

Lester ficou no meu loft por um tempo e reagiu com muita intimidade à visão de mundo de Hell, também à sua visão musical e lírica – ele gostou do que Hell tinha a oferecer.

Lester Bangs: Eu estava muito a fim de entrevistar Richard há um tempão. Ao circular pelo CBGB's me tornei um amigo muito próximo dele e de todo mundo da banda, próximo o bastante pra ficar feliz com o fato de que, quando o álbum deles, *Blank Generation*, finalmente saiu, acabou sendo uma das mais alucinadas e furiosas investidas do rock & roll naquele ano.

Mas também havia coisas na música e na persona dele que me chateavam: a sensação de que, quando estava no palco, ele cantava não com o objetivo de se comunicar com a plateia dele, mas de alguma forma quase que exclusivamente pra si mesmo, e a perturbadora sensação de que ele não tinha que cortar seu corpo como Iggy ou Stiv Bator, dos Dead Boys, pra emitir uma aura de dor ou simples desconforto. É a mesma coisa que acontece com a terrível capa do álbum dele, onde intencionalmente ele reduz os olhos mais fanaticamente penetrantes do rock & roll ao nível dos de um drogado desprezível.

Richard Hell (em entrevista a Legs McNeil para a revista *Punk*):

Basicamente, tenho uma sensação... o desejo de sair daqui. E outras sensações que tenho tentado analisar, sabe, por que quero ir embora... Veja, sempre me sinto desconfortável e quero ir... ir embora do lugar. Não é ir pra outro lugar qualquer ou outra sensação qualquer, ou qualquer coisa desse tipo, é simplesmente sair “daqui”.

L.M.: Onde você se sente confortável?

R.H.: Quando estou dormindo...

L.M.: Você está feliz por ter nascido?

R.H.: Tenho minhas dúvidas... Você já leu Nietzsche?

L.M.: Ha, ha, ha.

R.H.: Legs, escuta: ele disse que qualquer coisa que faz você rir, qualquer coisa que é engraçada, indica uma emoção que morreu. Toda vez que você ri é uma emoção, uma emoção séria que não existe mais em você... e é por isso que acho que você e tudo mais são tão engraçados.

L.M.: Yeah, eu também, mas isto não é engraçado.

R.H.: Isto porque você não tem emoção nenhuma (risos histéricos).

Lester Bangs: Que fique registrado a quem interessar possa que não acho que a vida seja um mergulho perpétuo. E embora seja genuinamente amedrontador, não acho que o fascínio de Richard Hell pela morte seja nada além de uma estupidez... E todos os Richard Hells são uns bostas que desperdiçam uma dádiva preciosa muito alegremente e não merecem que lhes seja dado nenhum crédito, mas acordados de sobressalto de alguma maneira violenta.

Ou isso ou então serem espancados e mandados pra cama.

Richard Hell: Sempre pensei que toda aquela coisa que eu estava fazendo era tentar ser verdadeiro e honesto, o que quer que isso signifique. Tive toda essa sensação – a origem de uma atitude que percebi em mim – que, uma vez que a discussão esteja encerrada, basicamente não me importo.

Quando qualquer coisa chegava à análise final não me interessava mais. A canção “Blank Generation” é sobre isso. Eu sempre tentava ter a visão oposta à da pessoa que estava tentando analisar, assim eu estava deliberadamente dando tanta latitude quanto fosse possível: “Eu pertencço à geração _____.”

A ideia é de que isto deve ser uma lacuna. Quer dizer, como você pode interpretar errado? Qualquer coisa que você pense está correta, ha, ha, ha.

Mary Harron: Na verdade não tínhamos nenhum motivo pra sermos idealistas, e eu estava farta da cultura hippie. As pessoas estavam tentando manter aqueles ideais de paz e amor, mas eles estavam muito desvalorizados. Além disso, era a época em que era bacana ser capitalista, e você não entrava mais naquela. Estava esgotado, mas, como os hippies defendiam o que era bom, ninguém podia deixar pra lá e dizer “isso acabou”.

Era como se você fosse forçado a ser otimista, interessado e bom. E a acreditar em paz e amor. E, embora eu talvez acreditasse, me resenti por todo mundo me dizer no que acreditar. Eu não gostava da cultura hippie, achava nauseante, afetada, sentimental e com carinha de smiley. Aí Richard Hell chegou e disse: “É isso que somos, somos a geração vazia. Acabou.”

Foi muito excitante. O que foi tão emocionante nisso é que a gente estava indo em direção ao futuro e não fazia ideia de que futuro era. Senti como se fosse tudo novo – não havia definições, ou limites, era ir em frente, em direção à luz, era o futuro, tudo novo, sem regras, sem nada, sem definições. “O que somos? Não sabemos.”

Levou anos pra eu perceber que era niilismo. Ou coisa que o valha.

Richard Hell: Fui rotulado de niilista e solipsista, que tive que olhar no dicionário. Significa alguém que está completamente envolvido em si mesmo. Ha, ha, ha. Faz sentido.

Bebe Buell: *Blank Generation* é um dos meus álbuns favoritos de todos os tempos. E eu achava Richard Hell – faça-me o favor, quer dizer, ele era o macho ideal. Sempre tive muito medo de falar com ele porque ele era cool

demais. Ele era Bob Dylan, cara. Ele era como que de outro planeta pra mim. Ele tinha um visual tão bárbaro; quer dizer, vamos ser francos, ele era um pedaço de homem e um cara bonitão. Ele era realmente quente, realmente louco, no palco também, pode crer.

Eu passava por ele e esperava que ele falasse comigo, e às vezes ele dizia: “Oi, Bebe”, e eu dizia: “Oi.”

Oh, sem chance, era demais. E as pessoas diziam: “Como é que Richard Hell pode fazer isso com você? Você andou com Mick Jagger, você viveu com Todd Rundgren, você conhece todo todo mundo no universo e fica intimidada com Richard Hell?”

Eu dizia: “Não sei. Não sei.”

Ivan Julian: Basicamente Richard Hell tinha um monte de garotas em volta dele porque ele as usava pra se chapar, sabe? Elas o chapavam e transavam com ele. E quando essas duas coisas não rolavam, acho que Richard pensava que as garotas eram umas chatas.

Eileen Polk: Anya Phillips ficou realmente obcecada por Richard Hell. Ela cortava os pulsos por causa dele, mas nunca o suficiente pra fazer alguma coisa pra valer, era só tipo: “Vou me matar.”

Mas isso nunca deu certo com ele. Richard Hell não se importava muito. Ele andava com ela, e ela pagava pela droga – e daí ele ia andar com alguma outra. Isto a deixava completamente puta. Mas ela era apaixonada por ele. Neon Leon me disse uma noite no Max’s que não aguentava ver Anya se destruindo por causa de Richard Hell. Porque ela chorava, cortava os pulsos e fazia todas aquelas coisas pra que ele prestasse atenção nela, e nunca funcionou. Ele foi realmente a única pessoa por quem a vi se rebaixar. Ela sempre se ligou em estar por cima, mas com Richard Hell foi o contrário.

Debbie Harry: Conheci Anya logo que ela apareceu em Nova York, porque não havia outras garotas com quem andar, pode ter certeza. A maioria eram caras, e as poucas mulheres que havia não sabiam realmente que eram mulheres.

Mas Anya era demais – muito sarcástica, um grande senso de humor mordaz, muito bonita e com um jeito formidável de se vestir. Ela se vestia como uma puta. Quer dizer, todas nós meio que nos vestíamos assim, usávamos saltos-agulha sempre. Mas Anya tinha mais do que uma noção geral. Ela via as coisas de um ponto de vista inteiramente diverso. Ela era muito organizada – não era um farrapo emocional, digamos assim, ha, ha, ha.

Damita: Eu estava no CBGB's, e Anya ficou me encarando.

Ela disse: “O que você está fazendo?”

Eu disse: “Nada.”

Ela disse: “Quer vir junto, ser amarrada e tomar café?”

Eu disse: “Sim. Você tem cigarro?”

Ela disse: “Tenho que comprar um maço.”

A gente comprou um maço de cigarros, foi pra casa dela, esquentou um sakê e se embebedou. Ela arrancou todas aquelas correntes que estavam em volta da minha cintura, pegou amarras de couro pro meu pescoço e tornozelos e me vestiu com uma roupa de baixo de couro e um coletinho também de couro. Eu disse pra ela que era stripper, e ela disse: “Dance pra nós.”

Dancei pra eles pelo apartamento, pra ela e um amigo dela, Diego Cortez. Eles sentaram no sofá, fumaram cigarros e me olharam. Daí Anya disse: “O que você acha de vir pra cama comigo?” Eu disse: “Claro.” Então ela disse: “Você tem que dormir com isso.” Ela me deixou acorrentada por uns dias, e Diego veio, passou a noite, pulou em cima de mim e me fodeu, o que achei muito engraçado porque eu não poderia fazer nada quanto àquilo mesmo que quisesse. Foi meio irreal. Pensei: “Pô, Nova York decadente.”

Sylvia Reed: Anya e eu nos conhecemos em Taiwan. Na verdade, éramos as legítimas esquisitas no segundo grau, porque Anya tinha muita consciência de moda e eu era aquele tipo intelectual, rato de biblioteca. Então, na real as pessoas não sabiam o que fazer de nós. Éramos uma combinação estranha e estávamos sempre juntas. Inseparáveis.

Depois do segundo grau, meu pai estava na ativa e foi destacado pro Havaí, então Anya foi morar conosco. Foi lá que eu e ela fizemos um plano – ela iria pra Nova York e se tornaria uma designer de moda famosa, e eu seria assistente dela. Era um tipo de fantasia bem “Cosmo Girl”, tipo: “Vou me casar com um rock star rico, vou conhecer todo mundo, vamos ter todos esses amigos famosos que gravarão discos, e farei o design das capas dos discos, e a gente irá nas turnês, e farei tudo e farei o design de todo o visual.” Era este o plano dela. Ela já tinha tudo planejado.

Eileen Polk: Anya se ligou em droga pesada. Não tenho certeza se foi Richard Hell que a colocou nessa, mas sei que ela se aprofundou com ele. Eu gostava de Richard Hell, mas Richard sempre me contava uma história triste. Ele sempre fazia o tipo: “Estou tão deprimido. A vida é um caos. Não consigo me acertar. Olha pra mim, tenho uma camiseta rasgada.”

Eu dizia: “Você simplesmente rasgou a sua camiseta pra parecer um punk.” Mas todos aqueles caras – Richard Hell, Johnny Thunders e Dee Dee – eram iguais naquele tipo de lance de alma-torturada-estilo-James-Dean. Johnny, Richard e Dee Dee tinham aquele visual torturado de “preciso ser salvo por uma mulher”. E todas as mulheres caíram naquela. Elas começavam pagando bebida pra eles, e depois eles faziam-nas comprarem droga pra eles, e era assim que a coisa ia. E depois elas eram chutadas e iam pro próximo cara.

Sylvia Reed: Anya e eu conhecemos Lou Reed juntas num bar da Oitava Avenida. A gente entrou, Anya o viu e disse: “É ele! Vou lá conhecer Lou Reed.”

Ela foi até Lou, o que na real me surpreendeu, porque pensei: “Não, nem Anya vai ser capaz de fazer isso.” Mas ela foi. Começou a conversar com ele, e naquela hora não fiquei realmente prestando atenção. Mas mais tarde Lou me viu do outro lado do lugar, e então Anya disse: “Oh, quero que você venha junto.” Então ele veio, e nós passamos aquela noite inteira falando e começamos a brigar imediatamente.

Lou é muito, muito, muito esperto, e eu me imaginava muito, muito, muito esperta, e Lou fez algum comentário de que eu não era tão brilhante quanto ele. Ele sempre fazia isto, mas não de um jeito tão afetuoso, mas aí fez e foi divertido. Mas eu não ia deixar esse cara pensar que era um famoso rock star

rico que estava me impressionando.

Mas Anya foi ficando cada vez mais furiosa porque Lou estava falando comigo. Então, depois dessa primeira noite que a gente se encontrou com Lou, decidi tentar conseguir o endereço dele e escrever uma carta pra ele – não queria o número do telefone dele, queria mandar uma carta. Anya ficou tipo: “Não faça isto. Ele vai achar que você é uma completa estúpida.”

Então, contra o conselho de Anya, descolei o endereço de Lou com Diego Cortez e escrevi uma carta pra ele. Lou me ligou e daí a gente começou a se ver.

Eileen Polk: Anya tinha um diário que deixava no banheiro, perto da privada; assim, se você ia ao banheiro dela, em vez de pegar uma revista podia ler o diário. Todo cara com quem ela tinha transado estava classificado no diário. E ela escrevia os piores insultos sobre eles. Ela classificava as pessoas com quatro estrelas ou três polegares virados pra baixo, sabe como é. Escrevia detalhadamente sobre cada pessoa com quem dormia: “Ele não conseguiu levantar, o pau dele era de tal tamanho...”

Sylvia Reed: Na primeira vez que Lou veio aonde a gente estava morando, roubou dois diários de Anya sem que eu soubesse porque pensou que fossem meus. Exigi-os de volta, e ele devolveu, e devolvi pra Anya – ela ficou realmente furiosa com aquilo.

Mas Anya queria que as pessoas a conhecessem, por isso deixava seus diários no banheiro. Quer dizer, sua estratégia geralmente era ir até um cara – ela estaria vestida de um jeito escandaloso, ela era muito atrevida –, parar bem na frente dele e dizer: “Bem, sou Anya, o que você acha de mim?”

Tentei seguir o exemplo dela o melhor que pude, mas não dei nem pra saída. Por isso ela ficou tão puta quando comecei a ver Lou. Daí fomos despejadas, e fui pra Denver visitar meus pais. Anya ficou muito, muito furiosa comigo todo aquele tempo. Na real ela não pôde aceitar que eu estivesse vendo Lou. Na real ela nunca aceitou.

Então voltei de Denver pra Nova York e não tinha absolutamente nenhuma ideia do que iria fazer. Então fui ao CBGB’s, e Richard Hell disse: “Oh, vem

nessa e aluga um apartamento no meu edifício.”

Quando concluí a mudança eu não tinha telefone e fui até Anya e perguntei se podia usar o telefone dela pra ligar pra Lou. Ela ficou furiosa, mas liguei pra Lou assim mesmo. Ele ficou muito feliz ao me ouvir e disse pra gente se encontrar no Phoebe’s.

Mas ele me deu um bolo naquela noite, e fiquei muito puta com aquilo. Liguei pra ele, e Lou disse: “Oh, bem, eu estava indo, mas os caras apareceram, e a gente teve que tocar.”

Eu estava completamente furiosa, disse uns desaforos e desliguei.

Na manhã seguinte bateram na minha porta, e era Lou. Ele ficou horas esperando do lado de fora pra entrar no meu edifício, não sei se você lembra do edifício, mas não dava pra entrar porque não havia porteiro eletrônico, você tinha que ligar da rua. Como eu ainda não tinha telefone, Lou ficou esperando por umas duas horas até alguém sair pra ele poder entrar.

Então Lou disse: “Quer ir pra Montreal?” Que é muito mais cool do que dizer: “Quer ir ao cinema?”, ou coisa assim. Então eu disse: “Claro.” E depois disso a gente ficou junto direto.

Bob Quine: Sylvia levou Lou Reed ao CBGB’s pra ver os Voidoids. Quando cheguei dos bastidores, ele me agarrou e disse: “Você é um grande guitarrista.” Ele não lembrou de mim do tempo em que andei com ele, quando ele estava no Velvet.

Eu disse: “Bem, fico muito feliz por você dizer essas coisas legais sobre minha guitarra porque você foi uma grande influência pra mim.”

Ele disse: “Não dou a mínima pra isso, você é grande, você é blah, blah, blah.” Mas ele foi positivamente grosseiro.

Ele disse: “Espero que você saiba que isso com que você está tocando não é de modo algum uma banda. Música está ligada a poder e dominação, e você devia ir lá e assumir o controle total da banda. Você devia ir pro outro lado do palco e liquidar com o guitarrista.”

Estou sentado na mesa com ele e por um segundo olho pra uma pessoa que passou, e ele diz: “Diabos, olhe no meu olho enquanto falo com você, ou valha-me Deus que vou ter dar uma porrada na cara.”

Comecei a rir.

Ele disse: “Não ria nem por um instante, estou sendo mortalmente sério. Você olha pro lado de novo, te dou uma porrada na cara.”

Tudo isso enquanto ele está me dizendo o quanto sou maravilhoso. Dali em diante mantive meus olhos nele.

Ivan Julian: Eu era um garoto novo na banda dele, e Richard Hell foi meio distante no começo, mas depois me levava por aí, me levava ao Max’s, e lá a gente comia de graça, e então eu sentava lá e olhava-o queimar o cabelo com o cigarro enquanto cochilava. Eu tinha uns vinte anos de idade, e uma noite Richard me deixou com Terry Ork, que começou a me entupir de bebida. Daí Terry disse: “Hey, quer ir até a minha casa e ouvir umas músicas?” E pensei: “Uau, que cara legal.”

A gente foi até o loft dele em Chinatown, ele botou uma música, daí trouxe mais álcool e sei lá eu o que mais, então de repente eu apago, BOOM, em cima da cama. E de repente essa bola peluda meio que desaba em cima de mim. BMMMPH. Fico tipo: “Oh, cara, o que está acontecendo?”

Ele tentou tirar minhas calças. Fiquei dizendo: “Terry, estou passando mal. Me tira daqui.” Daí ele me arrastou pro banheiro. Mas enquanto estou vomitando na privada, Terry ainda está tentando baixar as minhas calças. Fico naquelas: “Cara, não. Não sou mesmo chegado nisso.”

Saí de lá literalmente correndo com as calças semiarriadas. Estava um frio de rachar, eu estava sem sapatos, só com uma camiseta ou coisa assim. Corri pra casa de Richard a umas cinco da manhã. Conteí a história pra Richard, e ele disse: “Bem, isso é bem coisa de Terry.” Eu disse pra ele: “Por que você me deixou com ele?” Ele falou: “O que você quer dizer com isso?”

Ele tinha esquecido.

Mas finalmente Richard disse: “Bem, vem morar aqui comigo.” Ele tinha um quarto extra e tudo mais, então fui, e daí por um tempo todo mundo pensou que fôssemos amantes, ha, ha, ha. Mas a coisa mais apavorante de morar com Richard é que eu entrava pela porta e Richard estava deitado na banheira, chapado, e o canto da boca dele resvalando pra dentro d’água. Eu o agarrava por baixo dos braços e o erguia. Ele meio que acordava e fazia: “Ugghh.” E eu ficava tipo: “Desculpa, mas você estava se afogando.”

Por sorte o Clash ouviu os Voidoids, gostou e convidou a gente pra abrir pra eles na Inglaterra.

Richard Hell: A primeira vez que a gente fez turnê na Inglaterra foi em 1977, com o Clash. Eu estava pronto pro que desse e viesse, mas não sabia o que esperar, e acabou sendo totalmente miserável. Não só eu estava acabado e sem saber como conseguir droga, como também as plateias britânicas eram simplesmente horrorosas. Desprezíveis. Sabe como é, era o auge da escarração. E tentei olhar pelo lado positivo – este é o jeito britânico de dizer “amamos vocês” –, mas me cansei rapidamente.

Bob Quine: Foi uma experiência horrível, ser coberto de cusparadas pela plateia toda noite, e não necessariamente por admiração. No começo do show, pelo menos eles tinham cerveja pra cuspir em você. Mas depois ficavam sem cerveja e escarravam tudo o que podiam. Enquanto isso eu fazia os backing vocals, e os escarros voando na minha boca. Toda noite eu voltava pro meu quarto do hotel e enxaguava minhas roupas, esfregava minha guitarra e torcia pra que as roupas estivessem secas na manhã seguinte, quanto a gente teria que ir embora.

Era muito desmoralizante levar latas de cerveja cheias na cabeça. Aquelas latas eram como torpedos, e fiquei tocado pela dedicação com que eles de bom grado sacrificavam uma cerveja cheia pra ferir os membros da banda, o que conseguiam. Se Ivan era atingido por alguma coisa, prontamente jogava-a de volta pra plateia, mas o problema é que você podia acertar uma menina de nove anos de idade ou alguma coisa que não tivesse nada a ver com aquilo, e eu tentava ficar atento pra ver quem fazia o quê.

Houve uma noite em Derby – Lester estava lá, estava tão bêbado que, quando conversei sobre isto com ele depois, ele não conseguiu nem lembrar que

estava bem no meio da coisa. A gente estava sendo insultado pra valer. O sujeito tinha um canecão de cerveja na frente do palco, atirou em mim como se eu fosse um hidrante, me encharcou completamente. Eu estava sendo atingido com coisas e escarro, e vejo esse garoto com aquele copo plástico gigante. E a gente tinha recém-terminado uma canção, e dessa vez consegui ver a pessoa que estava se preparando pra atirar uma coisa em mim, então eu disse: “Não faça isso.” Ele acertou na minha cabeça, e despluguei minha guitarra – uma Fender, elas parecem bastões de beisebol. Fui na plateia e dei porrada nuns sete ou oito deles. Sou um covarde, sou um covarde total, não sou um cara forte, eu estava fora do ar, estava cheio, e eles adoraram. Adoraram totalmente.

Foi uma experiência horrível.

Richard Hell: Quine é muito obsessivo no cuidado que tem com suas guitarras. Ele ia pro fundo do palco o máximo que podia, sabe como é, pra sair da linha de tiro das pessoas que escarravam nele. Mas alguém acertou um escarro enorme, grosso, na guitarra dele. E ele viu quem fez, então rachou a cabeça do cara com a guitarra.

Yeah, e mais tarde o cara foi ao backstage pedir um autógrafo pra ele! Eles eram malucos, aquele pessoal, era como o pessoal do futebol britânico, eram todos headbangers por excelência, sabe. Eram a fim de ficar chapados, violentos, detestáveis e loucos de raiva, sabe?

Daí houve outra coisa realmente irritante – o primeiro número do Clash era “I’m So Bored with the USA”. (*Estou de saco cheio dos EUA.*) E a gente não conseguiu evitar de levar pro lado pessoal. Embora a gente não se identificasse exatamente com os EUA, sabe?

Bob Quine: Ninguém estava lá pra nos ver. Eles eram da Inglaterra, tinham inventado o rock & roll e não queriam nada com a gente. Eles entoavam: “We’re so bored with the USA.” (*Estamos de saco cheio dos EUA.*)

Achei os caras do Clash legais pessoalmente, mas eles tiveram tanta influência musical quanto os Ramones. Além disso, tentaram colocar um lance de resgate social nas porras das canções deles, mas acho que não tinham a mais leve ideia sobre o que estavam falando. E achei a música deles

simplesmente abominável. Foi só por causa da adoração de Lester Bangs a eles que comprei os álbuns pra tentar gostar das coisas deles, mas não posso pensar em nada de que eu tenha gostado.

Ivan Julian: Dá pra imaginar acordar todo dia às oito horas para entrar num carrinho abarrotado, sabendo que pelas sete horas daquela noite você seria coberto de escarro? Além disso, Richard estava doente por causa das drogas...

Richard Hell: Oh, cara, eu estava muito doente, não queria ver ninguém. Ficava deitado na cama, suando e vomitando.

Eu ia nas farmácias e pegava aquela coisa que diziam que tinha codeína – aquela coisa marrom e espessa que parecia vômito. Tentava engolir uns vidros daquilo.

As condições de viagem também foram miseráveis. A gente ficou muito de cara com a Sire porque botaram o empresário de turnê dirigindo e nós quatro espremidos dentro de um minicarro – não uma minivan, mas um minicarro, do tipo em que o cara de trás fica com a saliência do eixo motor empurrando os joelhos dele pra testa. A gente andou por três semanas por toda a Inglaterra espremido deste jeito. Foi realmente miserável.

Bob Quine: Nunca me tornei um junkie porque estava sempre assistindo a “Dragnet” – e sabia que, se você fumasse um cigarro de marijuana, estaria assaltando bancos em duas ou três semanas.

A primeira turnê inglesa foi mais que um pesadelo porque a gente ficava viajando pela Inglaterra e, onde quer que tivesse um dia livre, tinha que voltar pra Londres, porque os amiguinhos de Richard, os Heartbreakers, estavam lá. A gente sempre sempre tinha que voltar pra Londres pra que Richard pudesse andar com eles. Uma vez Richard não pôde sequer esperar pra chegar no hotel, estava desvairado. Ele disse: “Vou sair daqui.” Daí ele saltou num sinal, e a gente levou as malas dele pro hotel.

Richard Hell: Eu estava acabado e doente a viagem inteira. E toda aquela coisa que estava rolando na Inglaterra era realmente de outro mundo. Eu sabia que, sendo quem éramos, não poderíamos atingir aqueles garotos porque fazia quatro anos que eu tinha estado onde o Clash e os Sex Pistols

estavam agora. Era simplesmente tipo: não há jeito desses garotos se ligarem no que estou fazendo porque todo o impulso do que estava rolando lá era ser tão debiloide quanto possível. Sabe como é, ser tão rigorosamente chocante, irritante e debiloide quanto você pudesse, e eu já meio que tinha parado de fazer isso.

Quer dizer, eu certamente ainda podia ser debiloide e irritante, mas isso estava muito manjado naquela época.

CAPÍTULO 31

A queda

Jim Marshall: Eu costumava telefonar pra Lester Bangs na revista *Cream* no meio da noite. Tipo às duas da manhã. Sempre fui um completo insone, mesmo quando era garoto, então ligava pra Lester porque ele ficava no escritório a noite inteira. Então, quando liguei certa noite, ele tocou pra mim, pelo telefone, uma versão pra divulgação do primeiro álbum de Patti Smith, *Horses* – tudinho, do começo ao fim.

Daí comprei *Horses* no dia em que foi lançado. Me liguei totalmente nele. Pelo correio, encomendei *Piss Factory*, o single de Patti, e gostei demais. Mas fiquei um pouco desapontado com o segundo álbum dela, *Radio Ethiopia*. Era um pouco mais comercial e um pouco mais vanguarda, as duas direções ao mesmo tempo. Não entendi. Não soube o que pensar daquilo.

Legs McNeil: Quando Patti Smith estava em estúdio fazendo *Radio Ethiopia*, fui mandado pra entrevistá-la para uma matéria de capa da *Punk*. Depois da entrevista de Lou Reed, nosso estilo de fazer as pessoas falarem era sair com elas, ficar tão bêbado quanto possível e deixar a coisa toda se deteriorar pra um estupor.

A entrevista da *Punk* era basicamente uma boa desculpa pra ser detonado. Então eu repetia as mesmas perguntas cretinas: “Que tipo de hambúrgueres você gosta de comer? Os Blimpies são melhores que os McDonald’s?”

Todo mundo ficava tão puto por eu ficar fazendo estas perguntas estúpidas

que começava a berrar comigo, e aí acontecia alguma coisa. E, se era engraçado o bastante, Holmstron fazia uma história em quadrinhos. Acho que mais do que escutar o que alguém tinha a dizer, a ideia era fazer alguma coisa acontecer.

Patti estava imaginando que ia se sentar e fazer uma entrevista séria. Daí eu apareci. Não tinha nenhuma pergunta, não tinha feito nenhuma pauta e não queria ouvir sobre arte ou poesia. Fiquei naquelas: “Hey! É verdade que o Aerosmith está tocando no seu álbum?”

Patti ficou puta. Ela começou a berrar comigo no ato: “Essa foi uma pergunta estúpida, e quem quer que a deu pra você queria vê-lo maltratado, porque se eu estivesse de mau humor, se eu estivesse numas de meter uns dentes pra dentro, você ia sair daqui a pontapés! Sorte sua que gosto de você!”

Daí Patti me fez uma enorme preleção sobre a importância da imprensa underground, do profissionalismo, de levar mensagens pras pessoas e sobre como a arte salvaria a todos e a seguir engatou num sermão sobre afrescos da Renascença italiana. Eu não tinha a menor ideia sobre o que ela estava falando.

Fiquei naquelas: “Me desculpa, Patti. Não vou fazer de novo, prometo. Assim sendo, você acha que eu poderia tomar uma cerveja?”

Jim Marshall: Eu ainda estava no segundo grau na Flórida, tentando fazer um fanzine xerocado. Eu conhecia um monte de traficantes e de pessoas que tinham dinheiro, por isso sabia que podia conseguir alguém pra publicar essa coisa. Assim, quando soube que Patti estava vindo tocar em Tampa, liguei pra companhia que a empresariava em Nova York, e eles marcaram uma entrevista pra mim. Sabe como é, eu era apenas um garoto de dezesseis anos de idade com um gravador, que foi lá pensando: “Vou ser atirado pra fora do quarto de hotel deles.”

Mas Patti, Lenny e a banda foram muito, muito legais. Acabei entrevistando-a com quatro fitas-cassete de noventa minutos e andando com eles por dois dias. Eles não eram de beber muito, então me davam quase toda a cerveja deles. Eles estavam fumando maconha, e eu trouxe um monte de maconha pra eles, e é claro que eles gostaram disto. Patti foi a pessoa mais

completamente legal e inspiradora. Foi a primeira pessoa a pôr na minha cabeça a ideia de me mudar pra Nova York. Ela disse: “Oh, você deveria se mudar pra Nova York. Tem muito mais gente lá que gosta deste tipo de música. Você teria condições de resolver o que fazer da sua vida se caísse fora de onde está.”

O Patti Smith Group estava tocando num ginásio de esportes em Tampa, na Flórida. O lugar parecia uma coisa saída do filme *Spinal Tap*. Era um ginásio horrível onde Ted Nugent, Aerosmith e Kiss tocavam.

Patti estava abrindo pra Bob Seger, e eles foram como um balão de ensaio. Foi típico: Patti e a banda tocaram a primeira canção e... não houve nenhum aplauso. A plateia só ficou encarando-os. Então começaram a tocar a segunda canção, “Ain’t It Strange”, e Patti ficou rodopiando. O palco era bem alto, uns três metros, três metros e meio acima do chão, e embaixo tinha um fosso cheio de tábuas pregadas umas nas outras pra fazer uma barreira.

Jay Dee Daugherty: Estávamos abrindo pra Bob Seger, e não nos deixavam usar todas as luzes deles. Patti tinha se aventurado pela beira do palco durante “Ain’t It Strange”, que é um confronto com Deus. É tipo: “Vamos lá, faça o seu melhor lance, posso encarar, seu filho da puta”, uma coisa bem desafiadora – sabe como é: “Escolha as armas.”

James Grauerholz: Patti me disse que considerava cada performance como um embate de vida ou morte com o êxtase. Ela encarava sua performance com uma filosofia de “dança dervixe” e achava que sua obrigação com a plateia era entrar em transe. Ela me contou que costumava se masturbar no palco.

Lenny Kaye: Patti e eu sempre fazíamos um pequeno ballet no meio de “Ain’t It Strange”. Depois ela cantava a parte da canção em que desafiava Deus – “C’mon, God, make a move” (*Vamos lá, Deus, faça a sua jogada*) – e começava a girar.

Estávamos tocando aquilo e estávamos realmente concentrados àquela altura, estávamos improvisando, começamos a variar a batida, então Patti está rodopiando, e ela rodopia e tenta alcançar o microfone – e erra.

Jay Dee Daugherty: Estava escuro, e havia um monitor no chão, que ela não conseguiu ver porque estava pintado de preto. Ela caiu de costas. Vi-a despencar, e meu primeiro pensamento foi: “Oh, meu Deus, ou ela está morta, ou vai pular pra cima do palco de novo”, e daí meu segundo pensamento foi: “Oh, foda, estou sem um trampo.” Sabe, foi uma coisa muito humana, mas sempre me senti extremamente culpado a respeito disso.

Jim Marshall: Patti literalmente rodopiou direto pra fora do palco – de costas. Eu estava parado a um metro de distância, literalmente, de onde ela caiu. Tentei pegá-la, estender meus braços. O irmão dela, Todd, era um roadie, estava do outro lado e também tentou pegá-la.

Patti bateu com a base do pescoço nas tábuas do fosso – BANG. Daí a cabeça foi jogada pra cima e então caiu, batendo com a parte de trás – um segundo estouro no chão. Tinha sangue por tudo. Não sei se imaginei ou não, mas fez um som bem alto de coisa se partindo, como o da perna de Joe Theismann ao se quebrar – CRACK!

Era óbvio que ela estava muito fodida. Ela ficou se contorcendo, e havia sangue por tudo, e parecia que ela tinha quebrado o pescoço. Tiveram que amarrá-la numa daquelas macas grandes com rodas e levá-la pro hospital. Sem visitas. Acho que pensaram que ela tivesse quebrado o pescoço e então mandaram-na de avião pra Nova York no dia seguinte ou coisa assim.

Lenny Kaye: Os shows estavam ficando cada vez mais malucos. Parecia que não havia outro caminho a não ser o caos total. Quando Patti rodopiou pra fora do palco em Tampa e quebrou uma vértebra do pescoço, pareceu que *aquele* foi o momento.

Naquele instante o universo começou a se contrair. Tínhamos levado o nosso desafio tão longe quanto possível. Até aquele momento era “Jesus morreu pelos pecados de alguém, mas não pelos meus”.

Depois da queda, ficamos a fim de “reconciliação”. Deixamos a estrada. Tivemos que cancelar a turnê europeia. Ficamos um ano em casa, o ano em que o punk rock tomou conta do mundo. E nós lá no desvio, completamente frustrados.

Jay Dee Daugherty: A gente nunca mais tocou “Gloria” de novo depois daquilo. Acho que Patti mudou e se confrontou com sua própria espiritualidade e algum tipo de sistema espiritual. Isso é uma coisa sobre a qual não falei com ela, é uma observação minha. Ela estava resolvendo algum tema de ressurreição e chegando a um lugar diferente, mas eu estava trabalhando na crucificação naquele momento, meu Gólgota particular. A gente voltou pra Nova York, e todos ficaram desempregados. Foi quando pensei que beber de dia talvez não fosse uma ideia tão ruim.

Legs McNeil: Patti me mandou um bilhete agradecendo pela entrevista e dizendo pra eu ligar pra ela. Então liguei. Tinha ouvido falar que ela caíra do palco na Flórida, mas não sabia que ela tinha se ferido tanto. Não parecia grande coisa, porque há anos se escutava histórias de Iggy caindo e ninguém jamais pensou que ele pudesse se machucar.

Naquela época as pessoas ainda pareciam indestrutíveis. Era como se a vida de todo mundo fosse uma história em quadrinhos. Apesar de todo sexo, drogas e quedas de todo mundo, as pessoas não pareciam se ferir. Mas Patti ficou ferida, ela estava sofrendo pra caramba. Ela me disse pra não fazê-la rir porque doía demais.

Jim Carroll: Sempre considerei Patti muito cristã; muito, muito cristã. Quer dizer, a gente não ia à igreja nem nada, mas ela lia coisas da Bíblia. As pessoas falam de “Jesus morreu pelos pecados de alguém, mas não pelos meus”, mas pra mim ela sempre foi muito cristã.

Não sei, talvez ela soubesse que eu era um garoto católico que nunca realmente perdeu isto. Quer dizer, adoro os rituais do catolicismo. Odeio a porra da política, o papa e o caralho, mas os rituais são mágicos. Sabe como é, a missa é um ritual mágico em nome de Deus, é uma transubstanciação, e as estações da via crúcis – já pensou, uma coroa de espinhos? Ser açoitado? Isso é punk rock. Lembro de ter dito isso no programa de Tom Snyder uma noite, e ele disse: “Algumas pessoas podem – não eu, mas algumas pessoas poderiam achar que isso é uma afirmação blasfema.”

Eu disse: “Nem tanto, Tom, porque estou vindo de um lugar muito reverencial.” Ha, ha, ha. Rapaz, recebi cartas depois disto.

PARTE CINCO

Buscar e destruir

1978-1980

CAPÍTULO 32

Por causa da noite

Legs McNeil: O punk foi assim: isso é novo, isso é agora, apoteótico, poderoso. Mas não foi politizado. Quer dizer, talvez isto seja um lance político. O que quero dizer é que o grande lance do punk foi não ter nenhum compromisso político. Teve a ver com liberdade verdadeira, liberdade pessoal. Teve a ver também com fazer qualquer coisa que ofendesse um adulto. Ser simplesmente tão ofensivo quanto possível. O que pareceu delicioso, simplesmente euforizante. Ser quem a gente realmente era. Adorei aquilo, sabe?

Lembro que meu programa noturno favorito era ficar bêbado e caminhar pelo East Village chutando latas de lixo. A noite, simplesmente. Apenas a noite. Apenas uma questão de esperar que fosse noite de novo. E você pudesse sair, sabe? Parecia simplesmente glorioso. E você ficava cantarolando aquelas canções maravilhosas e qualquer coisa podia acontecer, e geralmente era muito bom. Você pegava alguma mina. Tinha uma aventura. Vivia uma fantasia que nunca tinha vivido antes.

Mary Harron: Quando ia pro CBGB's eu ficava muito excitada – havia aquele quarteirão em que se passava pela Amato Opera House e depois pelo Palace Hotel – nome irônico de se ver em Bowery, mas tudo era irônico – e então, depois do Palace Hotel, o CBGB's.

Meu coração se acelerava toda vez que eu percorria aquele quarteirão. E daí as portas se abriam, e lá estava eu. Eu ficava muito excitada toda noite que ia lá. Era tudo novo, e era muito excitante porque eu sabia que estava

caminhando pro futuro.

Era bom demais pra ser verdade. E é claro que eu estava me sentindo culpada por causa disso, porque, quando saí da faculdade, de fato eu estava no rumo de uma carreira de sucesso e não sabia se queria ter uma carreira de sucesso – não sabia ao certo se não deveria estar escrevendo um romance ou coisa assim. Tinha minha culpa puritana a respeito do que estava fazendo com minha mente e de que deveria ser mais séria, sabe?

Então eu estava sentada com Legs no Max's, dizendo: “O que a gente está fazendo?”

Eu estava com algum emprego ridículo de dia, depois ficava acordada até as quatro da manhã toda noite, pensando: “O que estou fazendo da minha vida?”

E Legs disse uma coisa que nunca esqueci. Olhou pra mim e disse: “Mary, a gente é jovem. A gente está curtindo.”

E eu disse: “Ok.” Sabe como é: “Yeah, ele está totalmente certo, então cala a boca.” E sou muito feliz por tê-lo feito.

Damita: Na véspera do meu aniversário de vinte e um anos, a gente foi ao CBGB's, e Anya me apresentou pra Syl Sylvain, ex-New York Dolls. Ele me disse: “Bem, estou indo pra casa. Você vem?”

Então saí com ele e me diverti pra caramba, e na continuação a gente iria ver os Talking Heads no Ocean Club. Anya me convenceu a tomar ácido. Eu disse: “Não, não, não.” Ela disse: “Sim, vamos lá. É seu aniversário de vinte e um anos. Você tem que tomar ácido.”

Então tomei. Ela me arrumou com uma calça curta e colante de cetim púrpura, botas pretas de saltos-agulha altos com penas no topo e um suéter justíssimo de angorá, e a gente saiu.

Estavam fazendo uma gravação no Ocean Club naquela noite, e a gente ficou numa mesa muito animada, tentando dividir uma salada de camarão. Ela parecia muito horrível. As luzes eram tão fortes que eu não conseguia olhar pra ninguém.

Então Joey Ramone apareceu. Daí eu disse pra ele: “Olha só, não tenho dinheiro nenhum e estou saindo de uma viagem de ácido. Você pode me ajudar? Compre umas cervejas ou qualquer coisa pra mim?”

Tinha uma garota seguindo-o, e ela ficou dizendo: “Você está falando demais com ele. Quero ficar com ele. Por favor, vá embora e me dê uma chance!”

Eu disse: “Estou apenas bebendo com ele.”

Não planejei ir pra casa com ele nem nada, mas no fim Joey estava tentando se livrar da garota. Então diz pra mim: “Vamos nessa, vamos pro CBGB’s, beber lá.”

Já passava bastante das cinco da manhã. Eu disse: “Mas está fechado a esta hora.”

Joey disse: “Não pra mim.”

Patti Giordano: Eu tinha um Mustang 66 conversível, o que facilitava ir do Max’s Kansas City pro CBGB’s. A gente ficava no vaivém – do Max’s pro CBGB’s –, dependendo das bandas que estivessem tocando. Se houvesse cinco bandas diferentes tocando e a gente conseguisse ir e vir, ou se estivesse chato num lugar, a gente dizia: “Tudo bem, vamos embora.” Aí pulava no carro, ia e via outra banda.

Então, uma noite eu estava parada em frente ao CBGB’s. Dee Dee estava lá dentro, eu tinha falado com ele, e ele estava tendo problemas com Connie. Aparentemente ela estava na maior chapação e brigando com ele. Nesta noite específica a coisa estava muita intensa. Connie estava uma fúria.

Dee Dee estava naquelas: “Não sei o que fazer, não sei pra onde ir, porque vivo com esta criatura, e ela vai me matar.”

Caí direitinho: “Oh, vou ajudar você.”

Acho que o motivo pra Dee Dee ter falado comigo é que ele precisava de alguém estável, e eu parecia normal. Parecia uma garota do tipo suave e conservador de Jersey. Eu não me via como aquele tipo comum de

vagabunda selvagem-e-maluca.

Então, quando estava indo embora, eu disse pra Dee Dee: “Se você quiser vir com a gente, estou de carro, está aí na frente, a gente pode cair fora e ir pro Max’s ou outro lugar qualquer.”

Então Dee Dee saiu e entrou no carro conosco. E Connie saiu correndo porta afora do CBGB’s, como uma completa lunática, numa fúria desvairada, gritando: “O que ele está fazendo no seu carro? O que você está fazendo? Onde você está indo? Quem é essa aí?” Sabe como é, na maior agitação e fúria, tipo: “Vou te matar!”

Daí Connie pulou no capô do carro e começou a tentar quebrar o para-brisa com uma garrafa de cerveja. Minha amiga Laura berrava: “Patti, Patti, rápido! Anda!”

Então arranquei com Connie agarrada no capô. Ela ficou ali até cair. A gente foi pro Max’s e ficou rindo daquilo. Na hora de ir pra casa, ofereci minha casa pra Dee Dee ficar, e ele foi comigo e ficou por uns meses.

Damita: No caminho pro CBGB’s, segurei meu casaco de modo que ninguém visse que Joey estava mijando, e aquela garota ainda estava nos seguindo. Ela ficava se lamuriando: “Joey!”, praticamente chorando.

Então eu disse pra ela entrar no CBGB’s com a gente. O resto dos Ramones estava lá, Hilly e um monte de gente, como Legs e Roberta Bayley, e ficamos jogando fliperama. Eu estava sentada na mesa de sinuca, e Joey pulou em cima de mim e derramou cerveja na minha calça toda. E então começou a me beijar. E fiquei meio assim: “Oh, meu Deus, isso é muito excitante. Na noite passada fiquei com Syl, com quem sempre quis trepar, e agora Joey!”

E a garota ficou chorando: “Oh, certo! Por que vocês me arrastam por toda a cidade e depois me ignoram?”

Joey me disse: “Oh, vamos pra casa agora?”

A garota foi nos seguindo até a porta dele, e Joey disse: “Bem, *nós* estamos indo pra cama.”

Ela disse: “Oh, é isso aí! E eu pego o trem até o Bronx!”

Então a gente disse: “Ok, sobe junto.”

A gente ficou sentado na cama dele dando umas risadinhas e se beijando, e ela ficou sentada na beira da cama chorando.

Joey disse pra ela: “Hey, quer ver tevê? Só deixa o volume baixo pra Arturo não acordar.”

A garota saiu, e a gente a ouviu Tateando no escuro. Ela deu encontrões num monte de coisas, Arturo se levantou aos gritos e botou-a pra fora. Eu e Joey ficamos morrendo de rir, mas tentando ficar quietos pra Arturo não gritar com a gente.

Acabei trepando com Joey, mas foi muito constrangedor na manhã seguinte. Ele estava procurando os óculos. Eu não conseguia achar meu sutiã.

Pam Brown: Uma noite depois dos Ramones terem tocado no 82 Club, eu estava voltando a pé pro loft dos Ramones às quatro da manhã, um Cadillac encosta no meio-fio e um cara diz: “Te dou cinquenta dólares por uma chupada.”

Pensei: “Uau, *cinquenta* dólares!”

Eu vivia no maior desespero por dinheiro. Estava morando com Joey no Arturo, e a gente vivia à base de cereais e sanduíches de tomate e queijo – a gente sobrevivia basicamente disto. Por isso, quando o cara me fez a proposta – era uma coisa que sempre quis fazer, um monte de mulheres tem essa fantasia –, eu estava bêbada o bastante pra fazer.

Então eu disse: “Ok.” Daí pulei pra dentro do carro.

Foi tão FÁCIL. O cara gostou tanto que mais tarde voltou a me chamar, e ele era meu único cliente.

Um pouco depois comecei a andar com um cafetão de verdade. Ele era muito assustador pra mim. Eu entrava no carro dele – ele tinha umas namoradas e heroína –, e a gente ia pros lugares mais assustadores e circulava por lá. Pra

mim era o máximo – eu ficava muito assustada por ir ao Harlem, mas era tão cool, e eu podia cheirar heroína e coca de graça a noite inteira. Era demais.

David Godlis: Comecei a perceber que o que eu queria fotografar no CBGB's era o jeito que as coisas pareciam de noite. Fiquei fissurado por aquele livro de Brassai, *The Secret Paris of the Thirties* . O livro era sobre algumas noites dele em Paris, com fotografias dele, todas tiradas à noite. Devorei o livro.

Uma vez que eu passava todas as noites no CBGB's, pensei: “Espera aí, estou neste lugar, é noite, e venho aqui todas as malditas noites. Podem não ser os anos trinta – são os setenta –, mas posso fazer o mesmo aqui.”

Conhece Robert Frank? Ele também foi uma grande influência em mim. Algumas das minhas fotos foram inspiradas no livro dele *The Americans* – tipo quando ele pegou garotos em volta de jukeboxes, eu queria fazer uma foto como aquela no CBGB's.

Aí, Robert Frank foi lá uma noite – ele mora no Bowery, na frente do CBGB's – e me perguntou: “O que está acontecendo aqui?”

Eu disse: “Bem, é uma espécie de cena musical...”

Ele disse: “Parece que o jeito que as pessoas se vestem é muito importante.”

Fiquei sem fala porque meu ídolo tinha entrado no lugar onde eu meio que estava tentando fazer o que ele tinha feito. De algum modo eu tinha cruzado entre esses dois mundos cool.

Depois que Robert Frank saiu, todo mundo me perguntou: “Quem era aquele velho com quem você estava falando?”

Não sabiam quem ele era – não faziam ideia do outro mundo dele. Finalmente me ocorreu uma coisa. Eu disse: “Sabem as fotos da capa de *Exile on Main Street* ? Ele que fez. Aquele era Robert Frank. Ele fez o filme *Cocksucker Blues* !” De forma que ele era um sujeito cool. Daí foi: “Oh, entendemos.”

Richard Lloyd: Conheci uma mulher chamada Susan. Ela estava associada com um sujeito que estava importando droga da Tailândia. Eles contratavam mulheres gordas pra voar até lá de férias e voltar trazendo meio quilo de droga amarrado nos traseiros. Susan meio que se apaixonou por mim e se tornou minha generosa fornecedora de heroína pura.

Não acho que os seres humanos tenham o direito de usar tanta heroína quanto nós usamos. Quer dizer, faltam-me palavras aqui. A gente estava usando tanta droga que nenhuma quantidade de droga estava mais resolvendo.

De algum modo consegui o nome do médico que tratava os Rolling Stones. Fui nele e peguei um equipamento que era um catalisador eletrônico que se colocava atrás da orelha. Ele não tirava a fissura pela droga, mas tirava os sintomas da abstinência. Era uma coisa temporária, um quebra-galho. Você permanecia a dez segundos do surto de abstinência, mas é como se ele rondasse você, mas não pudesse pegá-lo. Vamos dizer que você ainda estava doente, mas não com aquele tipo de doença que estaria se estivesse sem ele.

Foi lá que conheci Anita Pallenberg. Ela estava meio que tentando parar com as drogas. Acho que Keith Richards estava clean, o que quer que clean signifique pra Keith. Heroína pelo menos ele não estava usando.

Me dei bem com Anita, e começamos a comprar droga juntos. Nosso relacionamento era platônico e ligado à droga. Ela empenhava algumas joias, e a gente ia pro Lower East Side de limousine. Os traficantes diziam: “TIRA ESSA PORRA DESSA LIMO DO MEU QUARTEIRÃO! O QUE VOCÊ É, MALUCO?”

Mas uma vez a limo salvou o meu rabo. A gente estava na Rua 9 com Avenida C. Eu tinha pego a droga e ouvi: “PARE.”

Continuei andando – a limo estava parada do outro lado da rua – e então ouvi: “É A POLÍCIA, PARE!”

Corri, entrei na limo e fiquei me borrando, eu tinha a droga e estava naquela: “O que que eu faço? Anita, o que que eu faço?”

Os tiras chegaram na limousine e exigiram que o motorista os deixassem

entrar, e ele disse: “Não.”

Anita e eu estávamos atrás, chacoalhando e tremendo. O motorista da limo disse: “Esse é um veículo privado, e vocês precisam de um mandado de busca. Esse veículo está alugado, e não tenho sequer permissão pra dizer quem está nele.”

Finalmente os caras desistiram. Desse modo a limousine nos ajudou.

Sylvia Reed: Embora estivesse obcecada por Lou Reed, continuei vendo outras pessoas. Naquele tempo não se viam pessoas ou se tinham encontros, a gente apenas ia pra casa com elas. Era minha estratégia pra preservar a mim e a minha identidade daquela incrível obsessão por Lou.

Anya me fez sentar e fez uma preleção porque sentiu – e vindo de Anya foi um verdadeiro cumprimento – que eu estava ficando com uma reputação de mulher perdida. Senti, no meu humilde jeito de ser, que tinha conseguido alguma coisa se *Anya* estava me alertando pros malefícios da promiscuidade. Veja bem, pra Anya não tinha importância se fosse alguém famoso – daí era compreensível. O que ela desaprovava era que eu estivesse indo pra casa com um cara de uma banda de última.

Eu era de última – não estava vendo nem mesmo o líder, era o baterista, o baterista de uma banda horrível. Era embaraçoso, mas ele era um cara legal.

Anya alegou que as pessoas estavam falando de mim. Eu disse: “Bem, quem?”

Ela ficou naquelas: “Oh, não vou dizer.” E isso foi tudo.

Acho que minha reação à conversa de Anya foi ir pra casa com alguém. A gente estava no CBGB’s, e fiquei meio orgulhosa de um jeito estranho, porque embora soubesse que estava completamente obcecada por Lou – então minhas saídas com outros caras meio que mostravam que eu não estava. Isso me deu distância suficiente pra manter uma espécie de bolha de ar, que rapidamente se evaporou, tão logo fui morar com Lou.

Gyda Gash: Uma noite tentei levar Iggy pra casa. Cheetah estava distraído

porque estava muito bêbado. Pensei: “Oh, é Iggy Pop. Meu herói.”

Nós dois estávamos bêbados, e manobrei Iggy pra fora do clube, e, quando estávamos entrando no táxi, todos os Dead Boys cercaram Iggy e disseram: “Nem pensar, cara. Esta é a senhora de Cheetah.”

Iggy arrotou e voltou lá pra dentro. Fiquei puta.

Duncan Hannah: Eu estava sentado no Max’s com meus cigarros franceses e meu penteado à François Truffaut, camisa suja e gravata – sabe como é, visual de gângster francês –, e Amos Poe chegou pra mim e disse: “Hey! Quer participar do meu próximo filme?”

Eu tinha visto *Blank Generation*, o documentário dele sobre o CBGB’s, que era uma merda. Ele pegou a lente de zoom e ficou sacolejando num vai e vem – o que te deixa pirado, com vontade de estrangulá-lo. O melhor é deixar a câmera fixa. Mas, quando ele me convidou pra fazer o próximo filme dele, eu disse: “Claro.”

Daí pensei: “Oh, entendi. Isso jamais vai rolar, certo?” Sabe como é, uma ideia tola de alguém.

Daí eu disse: “Oh, quando você começa a rodar?” Sabe como é, pensando que ele fosse dizer: “Oh, daqui a um ano e meio.”

Ele disse: “Em duas semanas.”

Eu disse: “Duas semanas! Poxa! Então é melhor você me deixar ver o roteiro.”

Ele disse: “Na verdade ainda não escrevi.” Fiquei tipo: “Oh, sensacional. Isso é mesmo uma estupidez.” Eu disse: “Então você vai fazer um longa sem roteiro, estrelado por um não ator, e vai começar em duas semanas? Sensacional.”

Naquele tempo Amos era motorista de táxi, mas de algum modo juntou seis mil. Ele ia fazer esse longa metragem como uma homenagem à new wave francesa – aquela coisa tipo Jean-Luc Godard.

O nome era *Unmade Beds* , e Debbie Harry fazia o papel de minha namorada. Conheci-a no set, e a gente fez uma espécie de cena de amor juntos. Ela estava com o namorado, Chris Stein. Na verdade a gente não se tocou, infelizmente. A gente estava vestido, e meu reflexo estava num espelho, e ela beijava meu reflexo. Daí ficava escuro.

Na próxima cena, nós dois estávamos com roupas de baixo. Fumando. Eu sendo cool, francês e inexpressivo. Ela sendo cool e apaixonada. Ela canta uma cançãozinha. Era muito rígido. E não estou falando de pau duro.

Basicamente, era pra eu ser essa... “imagem”. Que fumava. E tinha todo um diálogo estúpido. Era medonho.

Em dado momento da filmagem eu disse: “A gente precisa de algum existencialismo, sabe como é.”

Amos disse: “Certo.” Mas não creio que ele soubesse a diferença entre surrealismo e existencialismo. Então ele me dá pra ler uma coisa do tipo: “um hambúrguer é uma vaca”, esse tipo de coisa surrealista a respeito de comer carne. Sabe como é, nada do tipo “Deus está morto”. Estávamos falando de dieta.

Richard Lloyd: Anita e eu fomos pra Jamaica e ficamos numa fabulosa vila na praia, com empregadas. Levamos um suprimento de heroína só pra duas semanas, e é claro que acabamos usando tudo em três dias. A gente tinha montes de Percodans, mas eles não funcionaram. Fui num médico jamaicano, literalmente TREMENDO, e falei: “Sou viciado em narcóticos e estou encalhado na sua ilhazinha de merda sem nenhuma heroína. Me ajude, PUHR FAVOOOR.”

Ele disse: “Ficaria feliz em prescrever alguma coisa, mas a farmácia não tem seringas. Você terá que ir a Kingston...” Kingston ficava a cento e trinta quilômetros.

Nós ficamos naquela: “Mas você não entende...”

Bebe Buell: Fui tentar a sorte em L.A. – conhecer diretores, fazer toda aquela coisa de cinema, sabe?

Uma noite minha amiga Pam me diz: “Escuta, quero ir a Hollywood High esta noite porque vai ter um show realmente cool – Mink DeVille, Nick Lowe e Elvis Costello.”

Então a gente chega lá e assiste a tudo das cadeiras, e um pouco antes de Elvis entrar Pam diz: “A gente tem que ir pra frente do palco porque isso vai ser a coisa mais intensa que você já viu.”

Eu disse: “Está brincando? Ele é mesmo esse deus?”

Então a gente ficou prensada contra o palco, e havia o maior burburinho porque todo mundo estava muito excitado, e Pam e eu parecíamos duas garotinhas excitadas.

De repente aquelas luzes superintensas se acendem, e em seguida vejo uma luz de fundo incidir sobre aquela figura. Ele está parado lá, de pernas abertas, com os punhos cerrados, usando óculos de chifre. Olhei e disse: “Oh, meu Deus. Aí está esse maldito cara de novo. Não posso acreditar.”

Há dois anos eu estava numa sessão de fotos em Londres quando um operador de computadores da Elizabeth Arden passou por lá pra entregar alguma coisa. Me apaixonei por ele no instante em que o vi. Nunca esperei vê-lo de novo. Não sabia sequer o nome dele. Não sabia nada sobre ele. Tinha pensado nele todo aquele tempo.

Acho que só uma ou duas vezes na vida você tem momentos que são totalmente mágicos e sente como se Deus estivesse em ação. Simplesmente não conseguia acreditar que aquele fosse o mesmo cara. E foi como num filme de Elvis Presley – ele olhou direto pra mim e cantou pra mim a noite inteira. Foi demais, pensei que eu fosse morrer. Foi bom demais, foi verdadeiramente puro. Foi simplesmente brilhante.

Então, mais tarde, Pam diz: “Vamos lá atrás dar um alô”, e fiquei tipo: “Nem fodendo, cara.”

Eu estava assustada demais pra encontrá-lo. Eu disse: “A gente vai dar o fora daqui. Vamos ver os Runaways.”

Aí, em todo o caminho pro Whiskey, Pam ficou naquelas: “Por que você não foi lá atrás? Quero que você conheça Jake Rivera. Você vai adorá-lo.”

Ela estava tentando arranjar um empresário simpático e respeitável pra ser meu namorado e pensou que eu fosse gostar de Jake. Sabe como é: “Ele é cool, penteia o cabelo como um gângster e veste ternos cintilantes como Johnny Thunders.”

Então a gente chega no Whiskey, está sentada lá e sinto aquilo. Sabe quando alguém está te olhando fixamente e você pode sentir? Então me virei e lá estava Elvis com uma garota negra muito bonita. Ela ficou me encarando, e ele ficou me encarando, e fiquei olhando pra eles mas fazendo de conta que não estava, e isso continuou por tanto tempo que foi ficando ridículo.

Eu tinha tomado umas vodcas com suco de laranja, então fui até eles e disse pros dois: “Olha, o que vocês tanto olham?”

A garota disse: “Oh, apenas acho que você é muito bonita, e meu amigo gostaria muito de conhecê-la. Este é Elvis Costello.”

Me virei e arranquei os óculos dele acidentalmente. Pedi desculpas – ele teve um grande senso de humor, me disse que não precisava mesmo da cara dele –, e ficamos tremendo e suando, totalmente mortos de medo um do outro.

Foi tão bacana – você não sente este tipo de pureza muito seguido na sua vida. Quer dizer, estávamos apaixonados. Foi simplesmente, deixa pra lá, foi isso aí.

Duncan Hannah: Resenharam *Unmade Beds* no *New York Times*. Como se fosse um filme de verdade, certo? E Amos o colocou naqueles festivais de cinema europeus. O filme foi pro Festival de Cinema de Berlim. David Bowie viu e de algum modo chegou até Amos.

Bowie disse: “Hey, estou muito interessado em trabalhar com você.” Quando Amos me contou isto, eu apenas disse: “O quêêê? Está brincando?”

Godard viu e parece que também levou a sério.

Ele disse: “Bem, talvez nooosh trabal-lemos juntos no futurrro...”

Foi tipo, eu não podia acreditar. Francamente, achei o filme estúpido.

Então Amos levantou dinheiro pro próximo, *The Foreigner*, estrelado por Eric Mitchell, Anya Phillips e Terence Sellars.

Fiz o papel de assassino psicopata. No primeiro, sou um cara francês. Dessa vez, sou um punk. Fiz um corte de cabelo à Egon Schiele, gravata fininha e toda aquela coisa.

The Foreigner também foi resenhado no *New York Times*, como o outro, e dessa vez fui pro Festival de Cinema de Deauville com ele. Amos era um sujeito muito desorganizado; era espantoso que conseguisse fazer as coisas.

Ele disse: “Yeah, tem um quarto pra você em Deauville se quiser ir. Uma semana, com tudo pago; então, se quiser, apareça.”

Eu disse: “É isto? Quer dizer que só preciso dizer sim?”

Ele disse: “Apenas vá pra Deauville.”

“Yeah, mas onde? E qual é a data?”

“Não sei, algum dia de outubro.”

Então de algum modo cheguei a Deauville. Sabe como é, voei pra Londres e depois peguei um trem pra – sei lá, pra onde quer que se vá – e quando chego lá estou no maior jet-lag, bêbado, esquisito e finalmente bato na porta do quarto, e Amos abre.

Eu digo: “Amos!”

Ele diz: “Duncan! O que você está fazendo aqui?”

Penso: “Oh, não!”

Mas daí ele diz: “Você chegou bem na hora. A gente tem que ir agora já pra uma recepção no auditório.”

Então a gente vai lá. São umas dez da manhã. Pierre Salinger, que era o secretário de imprensa do presidente Kennedy, está na tribuna.

Ele anuncia: “Bem-vindos à quinta edição do Festival de Cinema de Deauville. Nossa convidada de honra neste ano é Gloria Swanson! Gloria, vem cá!”

Gloria Swanson vai pro palco, e fico pensando: “O que está acontecendo?”

Depois é: “John Travolta!”

“Olivia Newton-John!”

“George Peppard!”

“John Waters!”

“Françoise Sagan!” Ela é uma das minhas heroínas, certo?

Daí ele diz: “Amos Poe!”

Fico naquelas: “Amos Poe? O que há de errado aqui?”

Então ele diz: “Duncan Hannah!”

Fico: “O QUÊ?”

Então subo no palco, e a gente deve cumprimentar todo mundo. “Oi, Gloria! *Sunset Boulevard* – foi bárbaro! Filme bárbaro!” E Travolta? Posso imaginar: “John – *Grease*, bom trabalho!”

Sentia que íamos ser pegos. Que de repente iriam dizer: “Desculpem, houve um grande equívoco. O filme de vocês é uma merda. Vocês estão sendo deportados. Vocês não são estrelas de cinema. Não passam de uns bêbados.”

Então a gente foi numa festa pra King Vidor. Fiquei muito, muito bêbado. Eu meio que estava sendo punk sem querer, certo? Me arrumei todo – estava usando um gravatão e tinha penteado o cabelo pra trás. Queria ser Scott F. Fitzgerald, mas estava tão caído que só fiquei cambaleando lá pela festa,

não botei pra quebrar. Todo mundo estava naquelas: “Oh, punks de Nova York”, certo?

Então acabei saindo com uns garotos de Paris – eu queria saber tudo sobre Alain Delon e Jean-Paul Belmondo, e eles queriam saber tudo sobre Johnny Thunders. Eles tinham lido sobre toda aquela coisa punk, certo?

Eu disse: “Não, quero saber sobre Godard, entende?”

Eles disseram: “Godard? O que interessa Godard? A gente quer saber sobre o Blondie!”

Eu estava naquela trip europeia, e eles estavam naquela trip de Nova York, e eu era o representante do punk pra eles – junto com Amos. Foi bárbaro.

Mas esta era a coisa sensacional. Você podia fazer uma homenagenzinha vagabunda pra new wave francesa, e David Bowie e Jean-Luc Godard se tornavam *seus* fãs. E daí você ia se embriagar com King Vidor.

O tempo estava ao seu lado, sabe?

Bebe Buell: Fiquei fora de mim por causa de Elvis Costello. Pam me disse: “Como você vai ficar com ele algum dia se fica fugindo?” Então no dia seguinte Pam disse: “Veja, tenho que entregar um lance pra Jake Rivera hoje, então quero que você venha comigo e só fique no carro e blah, blah, blah.”

Então a gente foi até o Tropicana Hotel, fui com ela levar um pacote pra Jake e acho que vi Elvis nos olhando pela janela, porque quando voltamos lá pra fora ele estava encostado no carro... esperando. Estava com um terno azul-pálido, numa temperatura de 36 graus – gravata, a coisa toda. Era histérico, mas ele estava maravilhoso.

Então larguei Pam no trabalho, e ela deixou o carro pra mim e Elvis.

Naquele tempo ele nunca tinha usado droga nenhuma, e fiz ele fumar maconha comigo. Então a gente só andou de carro o dia todo, rindo. Estávamos andando por Sunset e olhamos pra parada de ônibus e um dos Bay City Rollers estava parado lá.

Elvis disse: “Temos que dar um dos meus discos pra esse cara do Bay City Rollers.” Então a gente foi na Tower Records, comprou *This Year’s Model*, voltou, encostou o carro na parada de ônibus, Elvis atirou o disco pro cara do Bay City Rollers, e a gente foi embora. Foi histórico.

Fomos ver alguém gravar, e Elvis não gostou, então saímos engatinhando, de quatro, da sessão de gravação – e demos de cara com o presidente da Columbia, que era o selo de Elvis naquele tempo. Estou certa de que pensaram que eu fosse uma influência horrível sobre ele, porque naquele momento só havia uma pessoa pior que eu, que era Anita Pallenberg.

Acho que realmente viram um problema quando viram Elvis e eu juntos. Pensaram: “Oh, Deus, como vamos explicar isso?” Imediatamente rolou uma espécie de o Punk e a Modelo – a Bela e a Fera. E a imprensa nos trucidou.

Howie Piro: Eu era muito retardado. Eu estava meio que contrabandeando drogas pra Cleveland, e no caminho até lá já consumia a metade, e então ficava num hotel por uns dias e usava mais. Os Dead Boys vieram pra cidade, então fiquei saindo com eles, e eles eram muito engraçados, malucos. Estavam tocando num clube lotado, e no meio do show eles lançam: “A gente tem um convidado muito especial aqui”, e fico olhando em volta, tipo: “Uau, quem está aqui?” Stiv está fazendo toda aquela enorme introdução, e de repente aponta direto pra mim, e diz: “Johnny Thunders!”

Todo mundo faz: “HUUUUHHHH”, e fico naquela: “SEU BABACA FODIDO!”

Todo mundo diz: “VAI LÁ! VAI LÁ!”

As pessoas pensam que estou apenas sendo modesto, por isso me empurram pro palco, e eu naquela: “Uh, não, vocês não estão entendendo.” Mas eles só ficavam tipo: “VAI LÁ!”

Os Dead Boys ficaram rindo histericamente, é claro. Estavam me puxando pro palco, e eu estava tipo surtando. E eles ficaram tipo: “Pega essa guitarra, não toca de verdade, nem coisa nenhuma, só finge que está tocando.”

Depois disto ninguém mais acreditava que eu *não era* Johnny Thunders. Daí

todo mundo começou a me dar montes de drogas. E então, no fim das contas, todo mundo achou que eu *era* Johnny Thunders. Sabe como é, fiquei tipo: “Yeah, ok.”

Foi aquela interminável e ridícula coisa de devoção com droga. Me senti estranho fazendo aquilo, mas pro diabo, ha, ha, ha. É claro que não voltei pra Nova York, fiquei em Cleveland e tive todo esse circo armado por cerca de uma semana e meia.

E então uma garota ia nos dar um *montão* de droga. Mas na noite anterior ela estava falando com Chrissie Hynde no telefone e foi tipo: “Johnny Thunders da, da, da”, e Chrissie disse: “Mesmo? Recém vi Johnny.”

Então fui totalmente detonado pela comunidade rock/punk de Cleveland. E na real não tive nada a ver com aquilo, entende? Este é o tipo de piada dos Dead Boys na qual você acaba enrolado – foi tipo o inferno total, e todo mundo me odiou. Desde então nunca mais voltei a Cleveland.

CAPÍTULO 33

Jovem, barulhento e arrogante

James Sliman: Depois que o primeiro álbum dos Dead Boys saiu, ficou decidido que os Dead Boys iam abrir pra Iggy em alguns shows dele no Meio-Oeste. Iggy tinha lançado *The Idiot* e *Lust for Life* e estava voltando. O Blondie abriu a turnê Idiot pra Iggy Pop, e David Bowie estava tocando teclado, sem ter anunciado. Fui a quatro ou cinco cidades com o Blondie e adorei. Era o melhor show – Blondie e Iggy Pop, com David Bowie tocando teclado. Por isso ficamos na maior excitação quando descobrimos que os Dead Boys iam abrir pra Iggy.

O primeiro show foi em Cleveland, e ficou decidido que todos nós deveríamos jantar com Iggy, já que íamos fazer aqueles shows com ele, certo? Por isso organizei o jantar no Chung Wa’s, um restaurante chinês no centro, porque era o restaurante onde todos nós íamos quando os clubes fechavam, quando morávamos em Cleveland.

Assim, Stiv, eu, Jimmy Zero, Iggy e a namorada dele fomos jantar no Chung Wa's. Mas Stiv não conseguiu segurar a onda de se encontrar com seu ídolo pela primeira vez – por isso tomou dois Quaaludes antes de chegar ao restaurante. Mas fiquei pensando: “Stiv vai ficar numa boa porque vai comer alguma coisa, e isso vai deixá-lo sóbrio.”

Então vem o jantar, e Stiv apaga literalmente na sopa. BAM, direto dentro da tigela. Stiv estava sentado do meu lado, então tive que tirar a cabeça dele de dentro da sopa.

Iggy e a namorada mantiveram a compostura, mas eu sabia que Iggy estava a fim de gozar da cara dele. Provavelmente pensou: “Mas que babaca!”

Então levantei a cabeça de Stiv, dei uma limpada nela e o apoiei. Quando ele começou a voltar a si, arrastei-o pro banheiro e joguei um pouco de água na cara dele. Ele estava consciente, mas não podia conversar – não conseguia nem dizer uma frase.

Então a gente termina o jantar, e no táxi pro hotel Iggy disse que Stiv tinha prometido dar uns Quaaludes pra ele. A gente chega ao hotel – Stiv estava completamente apagado, por isso atirei-o na cama e, quando olho em volta, Iggy estava revistando as malas de Stiv.

Digo: “O que você está fazendo?”

Iggy diz: “Stiv me prometeu os Quaaludes, disse que estavam aqui no quarto dele, ele me prometeu, está tudo bem, não precisa se preocupar, está tudo bem, tudo certo.”

Me senti tipo: “Aqui está Stiv, queria conhecer seu ídolo, se chapou demais, e Iggy não pode ser um pouco compassivo, em vez disso ele diz: ‘Joga ele na cama. Quero meus Quaaludes.’”

Então eu disse: “Não revira as coisas dele, tira a mão das coisas dele. Vem no meu quarto, tenho uns ’ludes, te dou dois dos meus – estão aqui, pega e dá o fora, porra.”

Aquilo me deixou completamente puto. Iggy ficou caçoando dele, dizendo o

quanto ele era idiota – “Oh, esse cara vai abrir pra mim? É isso que ele vai fazer no palco?”

Quer dizer, Iggy podia falar. Mas você sabe, Stiv baseou toda a carreira dele em Iggy Pop. Ele venerava Iggy, e Iggy caçoou dele.

Jeff Magnum: A única razão pra gravarmos o segundo álbum dos Dead Boys na Flórida foi porque Hilly disse: “Se ficarem em Nova York, vão se embriagar demais. Eles não conseguem criar em Nova York.”

Muito bom nos mandarem pra Flórida, esta foi uma VERDADEIRA boa ideia, onde o vinho branco escorre por Biscayne Boulevard. Yeah, ninguém tem problemas com bebida na Flórida.

Cheetah e as bebidas dentro do estúdio não deram certo. Finalmente aquilo parou. Bebi um monte de Gatorade no estúdio: “Não podemos trazer cerveja, então vou beber isso.” Deus, Gatorade é horrível.

Tudo que eu queria era tocar meu baixo bem alto. Cheetah e Johnny estavam tendo chiques de estrela. Aqueles caras não queriam tocar. A gente estava tocando aquelas canções e, poxa, se você tinha que fazer mais de três vezes, Johnny não tinha mais gás, não queria mais tocar aquela canção. Ele dizia: “Não está bom o bastante?” Era tipo: “O que você quer dizer com não está bom o bastante? Talvez se você começasse a tocar!”

James Sliman: Fomos levados pra conhecer os Bee Gees e Andy Gibb. Estavam gravando no estúdio do lado e queriam se enturmar. Tinham ouvido falar daquela música de Nova York, que parecia totalmente estrangeira pra eles, mas nos acharam sensacionais. Acho que os Dead Boys eram como uma nova atração pros Bee Gees.

Jeff Magnum: Stiv deu sua jaqueta de couro pra Andy Gibb vestir, e aí alguém tirou umas fotos, e Andy disse: “Oh, espero que o Sr. Stigwood não veja isso.” Como se Robert Stigwood fosse ter uma trombose coronária se visse um dos seus Bee Gees usando uma jaqueta de couro de motoqueiro.

Cheetah Chrome: Lou Reed queria fazer a porra da produção do álbum, mas os outros caras morriam de medo dele. Então pegaram Felix Pappalardi, que

evidentemente não sabia que porra fazer com os Dead Boys. Ele produziu o Cream, por isso concluí que se o cara pudesse voltar lá e ouvir uns discos do Cream... porque ele simplesmente não entendia o que eu queria, que era basicamente uma montanha de amplificadores Marshall.

Gyda Gash: Durante a gravação do segundo álbum dos Dead Boys, em Miami, Chetaah estava fora de si. Não consegui entender nada porque não estava envolvida no processo criativo, mas Cheetah passou se embebedando e chorando. Ele ia pro telefone falar com James Williamson, dos Stooges, tipo: “Por favor, pode vir aqui e salvar esse álbum? Estão destruindo os Dead Boys!”

Não sei o que James Williamson pensou disso, não sei nem de que porra de jeito Cheetah conseguiu o número dele. Mas às duas da manhã, de uma cabine pública de algum boulevard de Miami, Cheetah estava no telefone com James Williamson, implorando pra ele vir pra Miami.

Jeff Magnum: A gente fez uma grande festa nos estúdios Criteria pra audição do disco. Felix estava usando um terno que tinha folhas de marijuana por tudo, que ele chamou de “terno pra festa de audição”. Era o terno mais apalhado que eu já tinha visto na vida. Ainda bem que ele foi enterrado com aquilo. Estou fazendo de conta pra mim mesmo que foi assim.

Oh, o disco era medonho. Não tinha baixo, e não dava pra ouvir as guitarras. Foi como ele se vingou de Cheetah, castrou-o, simplesmente não pôs absolutamente nenhuma guitarra. E a gravação definitivamente não estava alta.

Gritei na cara de Felix. Eu disse: “Não posso acreditar que você fez isso com a gente!” Não teve absolutamente nenhum efeito.

Tive que gritar com Felix porque ninguém mais iria fazê-lo. Eu estava puto porque não conseguia ouvir meu baixo, e tudo que eu queria era ouvir *baixo, baixo, baixo*.

As coisas não deveriam ser tão dramáticas todo o maldito tempo por causa da mais insignificantezinha particulazinha de uma coisa estúpida, mas quando você está chapado e bêbado tudo fica aumentado e exagerado e, sabe como é,

a coisa vira um: “VOU TE MATAR.”

Gyda Gash: Todo aquele período – do fim de 1977 em diante – foi o período da morte. Foi o começo do fim, e dava pra sentir. Quer dizer, eram dias de fúria – certas noites a gente entrava no CBGB’s, e uma garrafa era atirada contra mim. Uma vez tive que levar três pontos. Havia violência de montão. Estava rolando todo o tipo de merda. Os dias de glória estavam acabados.

Genya Ravan: Eu sabia que ia acontecer alguma coisa com os Dead Boys. Você não pode andar por Nova York querendo arranjar encrenca. Simplesmente não pode. Por mais durões que pensassem que fossem, os Dead Boys não sabiam nada das ruas de Nova York. Tudo bem ficar se exibindo na frente do CBGB’s. Mas não fique andando pela Primeira Avenida fazendo isso. Porque alguém vai saber que você não é da cidade e vão te matar.

Michael Sticca: Eu estava trabalhando de roadie pro Blondie e tinha recém-saído da porra da turnê mundial deles. Tinha comprado uma navalha do caralho em Bordeaux. Era demais. Fazia tipo um CLICK e abria, a lâmina não emperrava.

Johnny Blitz tinha uma porra de uma faca de merda que comprou no Times Square. Era daquelas navalhas de merda do México, umas facas de merda que emperram. Uma daquelas merdas com lâminas desconjuntadas.

Mas a minha era boa pra caramba, uma lâmina muito boa. Eu carregava facas o tempo todo, mas sabia que não se puxa uma faca, porque, se puxasse, teria que usar.

James Sliman: Eu estava no Paramount Hotel. Estou na cama, dormindo. São cinco da manhã, e Michael Sticca liga e diz: “Escute, a gente se meteu numa briga, eu e Johnny Blitz, e Johnny está a caminho do hospital. Não sei o que fazer!”

Ele estava surtando, então eu disse: “Vem pra cá. Pega um táxi.” Ele disse: “Não tenho nada de dinheiro, levaram meu dinheiro.” Então eu disse: “Vou te encontrar lá embaixo. Pega um táxi agora mesmo e vem pra cá.” Ele disse: “Acho que Johnny está morto. Botaram ele numa ambulância. Acho que ele

está morto. Tinha tanto sangue...”

Falei pra ele vir pro hotel, o que ele fez, e fiz ele sentar e me contar calmamente o que aconteceu.

Michael Sticca: A gente estava voltando do CBGB’s, eu e Marsha, namorada de Billy Rath, e Johnny Blitz e Danielle. Estávamos muito bêbados e fomos na Deli Stop, na Rua Cinco, pra comer alguma coisa.

Saí da Deli Stop com Marsha, e ficamos parados na Segunda Avenida chamando um táxi. Uma porra de um carro chega e dá uma guinada na nossa direção, como se fosse nos atropelar.

Daí o carro para no sinal. A gente ainda estava tentando pegar um táxi. De repente todos aqueles caras saem do carro. Eram cinco...

Um dos caras berra: “Hey, que porra você está fazendo?”

Eu disse: “Que porra você está fazendo? Estou parado aqui chamando um táxi, cuzão.”

Começaram a me cercar, então empurrei Marsha pra fora da porra do círculo – deixei-a longe dos caras. Mas uma garota sai do carro e vai atrás de Marsha e começa a bater nela.

Eu tinha a navalha no meu bolso e fiquei pensando: “Não deixe eles ficarem em volta de você – se ficarem em volta, fora da sua visão periférica... Mantenha todo mundo à vista.”

Eu estava puto e disse pra um cara, não pro motorista: “Escuta, vocês deram uma guinada. A cagada foi de vocês. Vou dar uma chance pro seu amigo.”

Um cara puxou uma porra de uma corrente, e outro puxou uma porra de um bastão de beisebol. Estavam ficando na minha volta, dizendo: “Hey, babaca. Está tentando foder com a gente?”

Eu tinha a navalha no meu bolso, mas estava pensando: “Deus, se puxar a porra da navalha, daí vou ter que fazer alguma coisa.”

Mas me cercaram completamente – mas pelo menos Marsha estava fora –, por isso tirei a porra da navalha do meu bolso. Abri-a atrás da minha perna, sabe como é, CLICK.

Eles ouviram o ruído, olharam e disseram: “Ele tem uma faca.”

Um cara estava na minha frente – usava uma jaqueta de serviço militar e dizia: “Yeah, ele tem uma faca.”

Então era entre um bastão de beisebol e uma corrente. Eu ainda estava com a faca atrás da perna.

O cara com a jaqueta do exército continuou se aproximando, então passei a faca nele – imaginei que ele fosse recuar, certo? É o normal. Mas eles não eram normais. Assim, atingi-o com a porra da faca, e ele veio pra cima.

Atingi-o de novo e cortei a porra da jaqueta. Era uma lâmina muito boa; quer dizer, dava até pra fazer barba com ela.

Cortei a porra da jaqueta e, através dela, a porra do peito dele.

Mas quando o fiz, ele não viu. E obviamente não sentiu.

Mas quando ele foi levantar a porra da corrente acima da cabeça pra me dar porrada, a porra do peito dele se abriu.

Eu não senti, ele não sentiu, e ele disse: “Oh, merda!”, e então nós vimos.

Marsha vai aos tropeções pela rua até a porra da Deli Stop, gritando: “Estão matando Michael! Estão matando Sticca!”

Johnny ainda estava lá dentro com Danielle.

Mas enquanto Marsha ia gritando, o cara com o peito cortado parou, viu que estava seriamente fodido, e vi minha brecha. Saí da porra do pequeno círculo deles.

Eles estavam fodidos – o cara estava cortado, e começaram a fugir. Foi o fim pra eles. Estava acabado, certo?

Daí Johnny Blitz surge correndo.

Ele vê aqueles caras correndo e diz: “Eles foderam com você – vou matá-los!”

Eu disse: “Não, não, não. Acabou. Já deu. Deu. Caso encerrado.”

Mas Johnny perseguiu-os pela Rua Cinco, em direção à Três. Você conhece aquele trecho, tem árvores e tudo mais, certo? Uma lâmpada da rua estava apagada – lá pelo meio da quadra –, e só dava pra ver as silhuetas.

As lâmpadas brilhavam por trás deles, e Johnny os perseguia, e eu gritava: “Johnny, acabou! Acabou!”

Johnny grita em resposta: “Eles que se fodam, vou matá-los!”

Dois caras reaparecem. Vejo um atingir o outro, e alguém cai. Então corro rua afora atrás deles.

Daí vejo que o sujeito está dando socos no cara que está no chão, mas quando chego mais perto vejo que os socos não são socos – são facadas. Um cara derrubou o outro, pegou a faca e estava esfaqueando o peito dele.

Quando chego lá, o cara no chão está tipo... aberto. Simplesmente aberto. Camiseta aberta, tripas abertas, uma lambança.

Johnny estava com uma camiseta de Conan. Tinha CONAN escrito em enormes letras de Day-Glo laranja. Então vejo a camiseta de Conan e percebo que é Johnny que está no chão. Estava caído ali; pensei que estivesse morto. Estava cortado desde a porra da virilha até o pescoço. E com o peito aberto de um lado a outro. Estava aberto – ele estava... aberto.

Quando vi que era Johnny, pirei. Gritei: “SEUS FODIDOS FILHOS DA PUTA!”

Tudo ficou completamente nebuloso. O cara que o estava esfaqueando parou, com a faca ainda na mão.

Eu ainda tinha minha navalha e ataquei-o por trás e cravei-a. Acertei-o da

coxa até a costela. E ele caiu.

Então ouvi alguém dizer: “Pega o revólver.” Daí “Hogan’s Heroes” passou pela minha cabeça, e pensei: “Oh, se você corre em zigue-zague, não conseguem atirar em você.”

Então comecei a correr. Vou te contar, foi uma porra de um circo. Estou no meio da Rua Cinco, sei que as garotas estão lá atrás, pelo que sei meu amigo está morto, e agora aqueles caras vão atirar em mim.

Então volto correndo pelo caminho da vinda, mas vou dois passos nessa direção, três passos naquela – parecia um completo babaca. “Oh, oh, irei em zigue-zague.”

Cheguei na Segunda Avenida. Estava com as duas garotas, e aí as coisas começaram a acontecer, sirenes e tudo mais. Peguei um táxi e joguei uma nota de vinte dólares pro motorista.

Eu disse: “Nos tira daqui.”

Empurrei Marsha e Danielle pra dentro da porra do táxi, e um tira nos parou em seguida. O motorista já tinha os vinte dólares e ficou olhando pra nós, e eu disse: “Viemos de Uptown, certo?”

Então os tiras chegam e perguntam pro motorista: “Onde você os pegou?”

O motorista diz: “Eles vieram de Uptown. Peguei-os na Rua 57.”

Então o tira disse: “Ok, vão em frente.”

Então nos deixaram ir.

Eu estava coberto de sangue, e a gente foi na casa de Marsha, liguei pra James Sliman e disse: “Mataram Johnny. Mataram Blitz.”

James Sliman: Liguei pra Hilly e contei o que tinha acontecido. Hilly ligou pro St. Vincent’s Hospital pra conferir a chegada de Johnny e o estado dele. Era muito cedo pra conseguir qualquer informação sobre a situação dele. Então Hilly disse: “Certo, vamos ter que nos encontrar na delegacia de

polícia.”

Jeff Magnum: Fiquei naquelas: “Johnny se cortou? Como, se barbeando?”

Não pude imaginar que o caso fosse tão grave. Quer dizer, aqueles caras se metiam em brigas de bar em Cleveland e cagavam os sujeitos a pau com tacos de bilhar. Johnny era como um buldogue. Eu não me meteria com ele. Você tinha que ser um idiota pra se meter com ele.

Não sei quanto a você, mas eu também não berraria pra um carro cheio de porto-riquenhos. Acho que uma vez a minha mãe me disse: “Não atravesse a rua sem olhar pros dois lados e jamais grite pra um carro cheio de porto-riquenhos.”

Não nos deixaram ver Johnny quando fomos ao hospital. Disseram que ele estava em cirurgia. Havia uma equipe médica trabalhando nele – e comentaram que ele talvez não resistisse.

Gyda Gash: Cheetah e eu estávamos morando no Irving Hotel, no Gramercy Park, quando recebemos o telefonema. No começo não acreditamos. Não lembro dos detalhes. Naquela época a gente andava muito chapado.

James Sliman: Acordei Jimmy Zero, que estava com Suzy Headbanger. Eles foram conosco. E Stiv nos encontrou lá embaixo também. Fomos todos pra delegacia de polícia às nove da manhã.

Michael Sticca: Duas ou três horas depois de ter me limpado e falado com tudo mundo, fui até a Nona Delegacia de Polícia. Quando chego na delegacia, eles já estão com aquelas revistas estúpidas. Tinham as porras das fotos dos Dead Boys e todas aquelas coisas dos Dead Boys – já sabiam que Johnny Blitz era um roqueiro punk.

Eu disse: “Vim comunicar um assassinato. Esses caras assassinaram meu amigo.”

Daí me prenderam. Por esfaquear Johnny.

Os tiras me levaram pra uma sala parecida com as do seriado de TV “Barney

Miller”. Quer dizer, eu tinha aberto o cara – eu sabia o que tinha feito, por isso não disse nada. Mas quando me dão os papéis pra assinar, diz: “Sr. Sticca esfaqueou Sr. Madansky.”

O verdadeiro nome de Johnny Blitz era John Madansky.

Aí eu disse: “Oh, não, este não é o cara que esfaqueei. Madansky estava comigo.”

Então disseram: “Oh, vamos riscar o nome dele e colocar o outro nome.”

Acontece que, depois de eu abrir o cara que esfaqueou Johnny, ele desapareceu. A polícia encontrou um rastro de sangue que ia do local do crime até um bar – acho que o arrastaram pra algum lugar, e ele simplesmente desapareceu. Desapareceu totalmente. Nunca acharam nem mesmo o corpo. Nunca.

Desse modo, pensei que os tiras estivessem falando do cara que desapareceu, mas era o nome da porra do cara com a jaqueta de serviço militar que golpeei no começo de todo o incidente. Porque o outro cara estava completamente sumido. Então acabei indo pra Rikers Island.

James Sliman: No dia seguinte, saí numas férias de duas semanas e deixei os Dead Boys, Hilly e toda aquela merda pra ir pra Los Angeles. O Blondie estava partindo no mesmo dia pra tocar em L.A., mas eu não estava indo trabalhar com eles.

Michael Sticca disse que o abandonei quando saí de lá e que tentei roubar o emprego dele. Veja, mantiveram Michael na Nona Delegacia por uma noite, e no dia seguinte ele foi mandado pra Rikers Island porque ninguém pagou a fiança dele.

Michael estava trabalhando de roadie pro Blondie. Mas eu não queria o emprego dele. Não fiquei de roadie deles. Não fiz nada. Só andei por lá com eles. Mas Michael diz que o abandonei e deixei o pagamento da fiança dele a cargo de Hilly e Suzanne. Suzanne me disse que tomariam conta de tudo. E não tomaram. Por algum motivo qualquer, não tomaram.

O Blondie estava começando a fazer um grande sucesso. Acho que isso foi pouco antes de “Heart of Glass”. Mas todo mundo podia ver que o Blondie estava começando a estourar. Quer dizer, o Blondie estava se adaptando, e Michael Sticca não conseguiu crescer com a banda. Quando você cresce deste jeito, tem que fazer concessões. Os Blondies comprometeram a própria integridade artística ou seja lá o que for pra fazer música mais comercial. Certo?

Mas Michael não conseguiu fazer isso. Simplesmente não conseguiu se adaptar às normas de um negócio maior, normas de muita grana. Sabe como é, ser mais diligente, tentar não beber tanto, ser mais responsável. O fato é que os roadies têm que ser mais responsáveis que os membros da banda. Quando você está na estrada, pode se chapar o quanto quiser, contanto que, quando estiver no palco, faça aquelas duas horas de show. Certo? E, quando se atinge um grau de sucesso maior, os integrantes da banda também ficam mais afastados da equipe. Por isso Michael não podia andar com eles tanto quanto antes, porque eles estavam cercados por pessoas da gravadora e da imprensa e garotos querendo autógrafos e coisas desse tipo. Então começa a haver um pouco de sistema de classe ali. Às vezes a equipe até fica num hotel separado. Michael era apenas o amigo da banda que era roadie.

Michael Sticca: contei o que aconteceu pro babaca imbecil do defensor público, mas depois ele contou pra porra do juiz uma porra de uma história ridícula que ele inventou, e eu disse: “Não foi isso que eu disse!”

A porra do juiz ficou martelando: “Ordem! Ordem!”

Fui mandado imediatamente pra Rikers Island. Eu estava todo de preto – sabe como é, uma porra de um suéter preto, uma porra de uma calça Levi’s de veludo cotelê preto, a porra das botas pretas dos Beatles com saltos cubanos – e estava morrendo de medo.

Depois do exame médico e daquela merda toda, nos levaram pro pavilhão de celas. Eu estava acorrentado, e havia dois porto-riquenhos e dois negros na minha frente e dois porto-riquenhos e dois negros atrás de mim – eu era tipo o Sr. Rapaz Branco no meio.

Todos aqueles caras olhavam pra mim das celas deles. Tudo que eu via eram

olhos. Eram quatro da manhã, e um daqueles sujeitos diz: “Hey! Juan! *Que pasa?* ”

Outro cara diz: “Ramon! Onde é que você está, homem? Oh, merda, estava te procurando há seis meses... Estou aqui há oito!”

Fico pensando: “Estou no inferno. Aqui vamos nós. Eles conhecem todo mundo. Não conheço ninguém.”

Alguém diz: “Hey, quem é o garoto branco?”

Fico tipo: “Oh, Deus!”

Então os caras aos quais eu estava acorrentado são postos em celas de dois e de três, mas a mim botam na porra do lugar de destaque. O bostinha do Sr. Garoto Homicida. Eu tinha uma cela individual.

James Sliman: Johnny estava completamente fodido, o tronco dele estava todo esfaqueado, cortado e tudo mais. Ele ficou no hospital, em St. Vincent’s, por mais ou menos um mês. Estava ligado a todo tipo de tubos e recebeu transfusões de sangue. Estava muito, muito, muito mal – e não tinha plano de saúde, com umas enormes contas médicas. Foi quando Hilly decidiu que deveríamos fazer um show beneficente pra ele, o Blitz Benefit.

Gyda Gash: Fui eu que organizei a porra do show beneficente, não Cheetah. Fui eu que fiquei sentada na porra do telefone público do CBGB’s com os números, fazendo as ligações, discutindo com as pessoas sobre suas posições – sabe como é, a ordem em que elas iam entrar.

James Sliman: Aqui em Nova York a gente fez um grande show beneficente no CBGB’s, num fim de semana de três dias, e fez um menor em Cleveland. Fiz uma festa de arromba no Blitz Benefit de Nova York. Foi o mais divertido dos fins de semana. Divine foi lá com os Dead Boys, John Belushi tocou bateria com os Dead Boys, e todas as bandas de Nova York tocaram.

Michael Sticca: O Blitz Benefit? Uma sacanagem total. Hilly me disse que eu ia receber um dinheiro, foi por isto que o Blondie apareceu lá. O Blondie ia fazer dois shows em Long Island e me dar o dinheiro desses shows.

Debbie Harry foi muito cool: “Michael, sei que você está em dificuldades. Sei que você precisa de dinheiro. Vamos dar esses shows pra você. Vamos dar o dinheiro deles pra você.”

Eu disse: “Faz aquela coisa de Hilly. Faz o tal de Blitz Benefit no CBGB’s.”

Debbie disse: “Não, Hilly é um porre. A gente não quer fazer aquela porra. Não.”

Eu disse: “Não, não. Vai ser legal.”

Debbie disse: “Tem certeza de que você vai receber metade do dinheiro?”

Eu disse: “Yeah, vou receber metade do dinheiro.”

Divine estava lá, John Belushi, e não recebi nada.

James Sliman: Acho que o Blondie pensou que a fiança de Michael Sticca estava sob controle, que Hilly estava tomando conta. Era o que tinham me dito, por isso eu não disse nada de diferente pra eles. Eu disse: “Hilly e as pessoas que trabalham pra ele estão tomando conta disto.”

Mas Michael achou que o abandonaram. Michael pensou que todo mundo simplesmente o deixou lá. O que acho que todo mundo fez mesmo, mas não intencionalmente, sabe? Quer dizer, o Blondie estava se tornando uma das maiores bandas do mundo. Então eles estavam ficando completamente envolvidos nos seus próprios lances.

Quer dizer, estava ficando uma loucura pro Blondie. Dei uma festa naquela época, e Debbie Harry e Chris Stein apareceram com um cara da gravadora. Debbie me agarrou e disse: “Vem cá, tenho que falar com você.”

Ela e Chris me empurraram pra dentro do banheiro e abriram um grande saco de sanduíche cheio de pó. O cara da gravadora ou da entrevista da rádio tinha dado pra eles. Debbie disse: “A gente tem montes disso no hotel. Isso não é nada.”

Debbie estava muito pirada, muito nervosa. Não sabia o que fazer a respeito de tudo aquilo, pessoas por todos os lados puxando-a em todas as direções,

todo mundo dizendo pra ela que ela seria a próxima Farrah Fawcett, e ela dizendo que não queria ser Farrah Fawcett. Tudo que ela queria era cantar. Quer dizer, ela estava nas capas de todas as revistas da Europa, daqui, do Japão e da Austrália, de todo o mundo. Ela não conseguia entender aquilo e não sabia o que fazer.

Legs McNeil: Senti muita pena de Debbie e Chris quando eles começaram a se dar bem. Debbie e Chris andavam sempre por aí. Eram verdadeiros pilares da cena; sabe como é, Debbie deixava o carro dela parado na frente do CBGB's e dava carona pra casa pra todo mundo. E, embora Debbie fosse maravilhosa, ela era mais do que isso, era histericamente engraçada.

Daí, um dia estou chegando no CBGB's e tem um trailer de filmagem parado na frente e uma fila de umas quinhentas pessoas esperando pra entrar. Pensei: "O que é isso?"

Então entrei no trailer, e Debbie estava lá. Estava toda arrumada, cercada pelos babacas da gravadora, e me disse que eles iam fazer um show de televisão ao vivo. Pouco depois ela não podia mais sair porque as pessoas a seguiam e enchiam o saco. Ela tinha que usar lenços e óculos escuros. Ser famoso é o sonho de todo mundo, mas pra Debbie a realidade pareceu muito ameaçadora. Senti muita pena dela – ela tinha sido aquela mina realmente hilariante e, depois do sucesso, pareceu muito solitária.

James Sliman: Debbie não quis voltar pra festa onde o cara da gravadora estava esperando. Ela disse: "Eles nos dão essa coisa só pra nos manter chapados, nem estou a fim. Pega essa porra. Eles ficam dando isso pra nós! É só o que esses porras nos dão! Eles querem, querem, querem, e por causa disso nos dão essa merda! James, pega pra você, nem quero isso, meu quarto no hotel está cheio."

Então peguei. Era tipo uns dois mil dólares de cocaína.

Michael Sticca: Não soube que Johnny Blitz estava vivo até sair de Rikers.

Os socos que vi eram ele sendo esfaqueado no peito. Havia cinco perfurações em volta do coração dele. Ele tinha uma porra de um corte aqui, um corte ali e daí aqueles cinco buracos, mas nenhum pegou o coração.

Mas o que aconteceu foi que, quando ouvi as sirenes chegando e pegamos o táxi, os tiras chegaram, viram Johnny caído ali com todos os órgãos pra fora – os tiras não devem mexer em você, devem esperar por uma ambulância, mas eles piraram. Pegaram ele, colocaram na traseira da viatura e levaram pra Bellevue. Se os tiras tivessem esperado uma ambulância, Johnny teria morrido.

Os médicos começaram a trabalhar em Johnny imediatamente. Mas, quando o cirurgião viu a suástica de Johnny, parou de trabalhar. O cirurgião era judeu.

Um médico negro chegou e disse: “Não podemos parar, cara.”

Então o médico negro trabalhou nele por oito horas. O médico negro salvou a vida de Johnny. Ele foi cool.

Cheetah Chrome: A gente teve um monte de tempo livre enquanto Johnny estava fora. Não achamos que a banda tivesse que terminar. Quer dizer, a gente sabia que Johnny ficaria bem, então ficou apenas esperando que ele melhorasse. Foi isso aí, e assim a gente ia pro CBGB's e badalava.

Oh, cara, foi um inferno, sabe como é, foi quando comecei a entrar nas drogas pesadas e o caralho, tempo livre demais, só isso.

Jeff Magnum: É claro que levei a culpa por Johnny ter sido esfaqueado. Quando Johnny ficou melhor, tocamos em algum lugar no Queens e não fomos bem. Acho que tocamos só duas ou três canções, e os outros atiraram tudo pro ar e saíram do palco.

Depois do show todo mundo brigou. Foi quando Jimmy Zero me disse: “Você sabe, o motivo pra Johnny ter sido esfaqueado é que você não estava lá!”

Eu disse: “Eu nem ia sair com o cara. A gente não tinha nenhum plano de sair junto, por que você está me dizendo isso? Isso é uma merda. Você está inventando isso!”

Jimmy Zero disse que eu deveria ter posto na cabeça de Johnny alguma coisa

a respeito de que ele precisava ser mais macho ou coisa assim. Nunca fiz isso, é tudo bobagem – eu não sabia manipular pessoas.

Comecei a chorar. Fiquei abalado de verdade com aquilo, eu disse: “Não fiz isso, não foi minha culpa, eu nem estava lá, como você tem coragem de me acusar disso?”

Falei pra Johnny: “Devem ter pisado no tubo de ar que ia pro seu cérebro se você acredita numa coisa dessas. Isso é estúpido. Como você pode acreditar nisso?”

Então tivemos essa briga e daí tivemos que entrar no carro e voltar pra Manhattan. A gente tinha que se amontoar na parte de trás da porra da caminhonete, e estou sentado lá atrás com Gyda e Cheetah, sabe a parte de trás? Olhando pela janela de trás como se a gente tivesse oito anos de idade?

Então Cheetah e Gyda começam a se tapear. E Cheetah está batendo em Gyda, mas errando e acertando em mim. Me dá um soco. Eu digo: “Hey, não dá pra olhar? Você está acertando em mim!”

Ele estava fazendo eu derramar minha bebida. Quer dizer, como é que você pode sentar atrás numa caminhonete e olhar pra fora pela janela? Quer dizer, é onde se põe o cachorro. E eles continuaram me acertando.

Michael Sticca: De qualquer modo, a coisa vai parar no júri de instrução, sou a última pessoa a entrar. E conto minha história pro júri. De repente estou livre, o que aconteceu, porra?

O que aconteceu foi que o júri chamou a garota, a que estava no carro que tentou nos pegar, a garota que bateu em Marsha. Era ela. Chamaram-na pra testemunhar, e a alegação deles era de que eu tinha dito: “Bandidos porto-riquenhos, todos vocês deveriam morrer, seus chicanos, blah, blah, blah.” Disseram que eu era racista e tinha dito toda aquela merda racista e que por isso eles tinham saído da porra do carro.

Mas quando chamaram a garota – testemunha deles mesmos – e perguntaram pra ela: “O que exatamente o Sr. Sticca disse que fez vocês saírem do carro?”

Ela disse: “Não consegui ouvir nada. Estava frio naquela noite, e as janelas estavam todas fechadas. Ele estava sacudindo as mãos, e então eles desceram do carro.”

Então isto acabou com todo o caso deles. Não fiz nada. Eles provocaram toda a coisa, e o caso foi rejeitado na corte por causa do testemunho daquela mina. Isto me custou oito mil dólares e uma porra de um ano de merda.

Jeff Magnum: Tudo que eu queria era tocar baixo bem alto. Não queria ter que sair com aqueles maníacos. Jesus, o que é isso? Não posso nem beber minha bebida porque Cheetah não consegue mirar direito? E nem colocavam cintos de segurança atrás, sabe – querem que você morra, é um banco da morte.

Finalmente Gyda decide que vai dar uma caminhada. A gente está num sinal fechado, e Gyda decide que não vai dormir no hotel. Então ela sai, arma um enorme beijo e diz: “Estou indo embora. Estou caindo fora.”

Daí a gente chega no hotel – eu e minha namorada dividíamos um quarto com Cheetah e Gyda –, e Cheetah decide que está doido. Então atira um monte de porcaria pela janela e chama os tiras. Ele fez, Cheetah chamou os tiras pra si mesmo. Ele disse: “Venham me pegar, sou doido. Por favor, venham agora e me prendam.”

Sabe como é, ele está parado ali de calças de lycra de oncinha, sem camisa, falando pra polícia: “Venham aqui e me prendam porque não estou em condições de viver.”

Eu disse algo do tipo: “Me dá o telefone, deixa eu falar com eles, não vão acreditar em você, posso ser *muito* mais convincente que você.”

Finalmente os tiras aparecem. São uns tiras grandes, gordos, palermas e dizem: “Hey, o que está acontecendo? Vivendo em comunidade, huh? Vocês são hippies ou o quê?”

Mas os tiras não levaram Cheetah. Não o levaram embora, recusaram-se a prendê-lo. Disseram que ele não era doido o bastante. Sabe como é: “Lamentamos, você não será levado, nossa cota está cheia.”

Então os tiras vão embora e, antes de chegarem ao carro – estávamos no terceiro andar, e antes deles conseguirem voltar pro carro de polícia Cheetah atira o ventilador elétrico pela janela, um daqueles ventiladores de janela grandes, e ele se espatifa no carro dos tiras. Quase caiu na cabeça de um dos tiras.

Então Cheetah conseguiu.

Num instante os tiras estavam lá em cima, muito mais rápido do que da primeira vez que vieram. *Voaram* escada acima. Foi quando o pegaram e o atiraram pela sala. Fecharam a porta pro outro quarto, e a gente ouvia: “BOOM! BOOM! BOOM!”

Fiquei tipo: “Deus, quem dera que eu pudesse bater nele! Posso segurar os braços dele? Deixem eu bater nele uma vez, vamos lá, vocês tiras são chegados nisso. Deixem eu bater nele. Depois eu nego tudo.”

Daí a gente ouviu os tiras berrarem: “E PONHA UMAS CALÇAS!”

Cheetah disse: “ESTOU DE CALÇA!”

Estavam arrastando-o pelo corredor, e ele estava com a coisa de lycra de oncinha, é claro. Os tiras diziam: “VOCÊ ESTÁ DE CALÇA?”

Cheetah dizia: “YEAH, ESTOU. ESTOU DE CALÇA!” Daí levaram-no embora.

Quer dizer, que porra que eu estava fazendo com aqueles caras? Eu só queria tocar o baixo bem alto.

Daí Hilly telefona e diz: “Bem, pessoas ruivas têm chilikues mais facilmente do que pessoas com cabelos normais. Elas são mais malucas do que nós todos.”

E tenho que ouvir ISSO? Não sei, fiquei tipo: “Nãããããoooo, não pode ser, não pode estar certo, estou em Marte. Quer dizer, isso não pode estar certo. Não é possível que estar numa banda seja isto.”

CAPÍTULO 34

Anarquia nos EUA

Bob Gruen: Quando os Sex Pistols vieram pra América fui ao primeiro show, em Atlanta, por conta própria, como fotógrafo freelancer. Eu tinha fotografado eles em Londres antes de ficarem conhecidos e tinha me dado bem com eles. Por isso, quando foi anunciado que Atlanta seria a primeira data da turnê americana deles, decidi ir ao show.

Meu plano era ir no dia, ver o show, passar a noite e voltar pra casa. Então fui e vi o show. Fiquei espantado com a quantidade de gente da imprensa que estava em Atlanta. Eu diria que no show de abertura de 60 a 75% da plateia eram da imprensa. Não foi como se gravadora tivesse pago pra alguém. Todo mundo estava lá por conta própria ou pela sua empresa. Fiquei pensando: “Como vamos recuperar o nosso dinheiro?”

Quando os Pistols estavam entrando no ônibus naquela noite, prontos pra cair fora, fui lá dar adeus pra Malcolm. Malcolm disse: “Bem, é lamentável que você não possa vir conosco, Bob.”

Eu disse: “Yeah, adoraria ir junto. Estou certo de que vocês vão fazer uma viagem sensacional.”

Malcolm prosseguiu: “Yeah, bem, não podemos levá-lo porque só podemos levar doze pessoas no ônibus, e tem a banda, os guarda-costas, e tem a secretária, e tem eu e o motorista e uh, bem, isso só dá onze... Por que você não vem conosco, Bob?”

Eu disse: “Como é que é?”

Ele disse: “Bem, por que você não vem junto?”

Eu disse: “Yeah, ok, que diabo. Não estou ocupado. São só uns dias.”

A gente estava no estacionamento do hotel. Corri e peguei minha bolsa. Não

tinha mala porque não estava planejando ficar. Tinha as roupas que eu estava usando e a bolsa da minha câmera; entrei correndo no hotel, fiz o check-out, corri de volta pro ônibus, e a gente foi embora. Foi isso aí. Eu estava no ônibus com a banda. Foi tipo: “Oi, caras, qual é o lance?”

Danny Fields: Fiquei acompanhando os Sex Pistols através da imprensa, pensando: “Vai dar problema.” Eles interferiram na agenda dos Ramones em todos os lugares, não a favor, nem contra. Estavam apenas desviando atenção e energia do que estávamos fazendo.

Mas e daí, o que eu iria fazer, desejar que eles não existissem? Eles eram reais e existiam graças a Iggy e os Stooges. A primeira canção que os Sex Pistols tocaram foi “I Wanna Be Your Dog”, a maior canção punk já escrita até hoje. A primeira e única canção punk, se tivesse que haver só uma. E Malcolm McLaren existia graças aos New York Dolls, que ele empresariou.

Mas a estratégia de Malcolm pros Pistols era a teoria do caos. Estava fora de controle e não tinha nada a ver com nada musical. Tinha a ver com esse fenômeno aterrorizante que estava chegando da Inglaterra. Eles botavam alfinetes de segurança no nariz da rainha, vomitavam, praguejavam e diziam que era o fim do mundo. Sempre digo que, quando a música sai da seção de música pra capa do jornal, você está numa encrenca.

Bob Gruen: Havia um verdadeiro contraste entre viajar com a banda e apenas assistir aos concertos. Os shows deles eram o caos total, mas o ônibus de fato era harmonioso. Basicamente a gente bebia cerveja, passava baseados e ouvia reggae.

Mas daí o ônibus encostava, as portas se abriam, e havia três câmeras de televisão apontando pra escada. Os fãs estavam agrupados em volta, e a loucura começava.

Numa parada, Johnny Rotten abriu uma janela de trás e se pendurou pra fora. Os fãs vieram correndo, e um garoto alcançou um álbum e implorou: “Autografa pra mim?”

Johnny se inclinou e cuspiu no álbum.

O garoto disse: “Uau, cara, obrigado! Nem posso acreditar! Muito obrigado!”

Foi quando comecei a pensar: “Tem alguma coisa errada aqui. Isso não é normal.”

Não era só a banda que era maluca – as pessoas que estavam em volta eram piores. Os Sex Pistols não eram pessoas violentas, mas, ao proclamar seu tédio e fúria contra tudo, atraíam as mais bizarras reações de todos os lados.

Uma noite, Noel Monk, o empresário de turnê dos Sex Pistols, estava dormindo. A gente chegou num restaurante de caminhoneiros lá pelas duas ou três da manhã, e Sid e eu estávamos sentados na frente conversando. A gente parou nesse lugar, então descemos pra pegar um hambúrguer. Sentamos no balcão e fizemos o pedido. Pedi um hambúrguer, e Sid pediu uns ovos. Noel entrou correndo – “O que vocês estão fazendo? O que está acontecendo? O que está acontecendo aqui?”

Eu disse: “Estamos pegando umas coisas pra comer. Não está acontecendo nada, sabe?”

Noel disse: “Ok, bem, voltem logo pro ônibus.” Estava tudo muito normal, mas daí chegou um cowboy grandão com sua família e sentou numa mesa bem do nosso lado. O cowboy reconheceu Sid e começou a falar com ele e daí convidou Sid pra se juntar a ele na mesa e comer com a família dele. Estava tudo numa boa, até eu ouvir o cowboy dizer: “Oh, você é Vicious, você consegue fazer isso?”

Olhei bem a tempo de ver o cowboy apagar um cigarro na própria mão. Sid estava sentado ali comendo seus ovos de garfo e faca. Ele olhou, imperturbável, e disse: “Bem, sabe como é, posso me machucar.”

Então Sid golpeia sua mão com a faca e faz um cortezinho na pele. Não muito fundo, mas o sangue começa a escorrer, descendo lentamente até chegar ao prato de ovos. Mas Sid não se importou, ele estava com fome e continuou a engolir o rango.

E quanto mais Sid comia, mais horrorizado ficava o cowboy, até que pirou completamente, deu um pulo, juntou a família e saiu correndo porta afora.

Mais tarde a gente parou num ponto de caminhoneiros em Oklahoma. Um okie (*natural de Oklahoma*) tinha uma filha muito bonitinha. Eles reconheceram a banda. Viram aquele ônibus grandão e chamativo. Foi meio chocante.

Ele disse: “Levem minha filha com vocês.”

Eu disse: “*Sim* . Essa garota é deslumbrante.”

Noel disse: “Ninguém pode ir no ônibus.”

A gente ficou dizendo: “Noel, leva ela! O pai dela está dizendo que tudo bem!”

E Noel disse: “Não. Ninguém pode vir no ônibus.”

Então a deixamos parada lá na chuva.

Legs McNeil: Depois de quatro anos fazendo a revista *Punk* , e sendo basicamente motivo de deboche, de repente tudo era “PUNK!”.

Quando os Sex Pistols aterrissaram em Atlanta, eu estava em Los Angeles, hospedado no Tropicana e saindo com os Ramones e Alice Cooper. Foi muito bizarro, porque, à medida que os Pistols seguiam sua viagem pela América e a histeria era transmitida pelos telejornais todas as noites, garotos em Los Angeles, e imagino que no resto do país, estavam subitamente se transformando, com alfinetes de segurança, cortes de cabelo espetados e feiura.

Fiquei tipo: “Hey, espera aí! Isso não é punk – um corte de cabelo espetado e um alfinete de segurança? Que merda é essa?”

Quer dizer, no fim das contas nós éramos a revista *Punk* . Tínhamos aparecido com o nome e definido o punk como aquela cultura americana underground de rock & roll que tinha existido por quase quinze anos com Velvet Underground, Stooges, MC5 etc, etc.

Por isso foi tipo: “Hey, se você está a fim de começar o seu movimento jovem tudo bem, mas esse aqui já tem dono.”

Mas a resposta pra isso foi: “Oh, você não entenderia. O punk começou na Inglaterra. Sabe, todo mundo está no seguro-desemprego lá, eles têm realmente do que reclamar. Punk é sobre luta de classes e economia, blah, blah, blah.”

Então eu dizia: “Yeah, bem, que porra Malcolm McLaren estava fazendo andando por aí empresariando os New York Dolls e olhando Richard Hell no CBGB’s?”

Mas não dava pra competir com aquelas imagens de alfinetes de segurança e cabelo espetado.

Bob Gruen: John Holmstrom apareceu, e fizemos uma festa de aniversário pra ele depois do show em Tulsa ou Oklahoma City. Todo mundo veio pro meu quarto, a gente tinha um montão de trago, e uns habitantes locais que tinham ido ao show apareceram. Havia uma loira realmente deslumbrante, mas uns outros caras do lugar chegaram e disseram: “A propósito: aquela garota, Laurie – era Larry.”

A loira deslumbrante era um sujeito que tinha cortado o pau fora. Todo mundo em Tulsa o conhecia, mas nós não. Pra nós ele parecia uma garota bonita.

Sid acabou indo pro quarto dele com ela, e todo mundo na festa comentou: “Uau, Sid está com o transexual.”

Por isso, quando ele voltou todos nós falamos: “Hey, Sid, que tal foi?”

Ele disse: “Oh, ela foi legal.”

Sid não procurava nada, as coisas é que o encontravam, sabe? Ele era uma espécie de ímã, tipo zoom! Tudo vinha a ele. Parecia que as coisas estranhas aconteciam em volta de Sid. Naquela mesma noite, um veterinário pediu pra Sid transar com a namorada dele, enquanto ele olhava.

Um pouco depois, Sid voltou e disse: “Só caguei na boca dela.”

Eu disse: “O quê? Está brincando? Por que você fez isso?”

Ele disse: “Bem, o namorado dela disse que queria que ela tivesse uma experiência inesquecível.”

Naquela hora pareceu fazer sentido. Depois que você toma umas bebidas, pode dizer pra si mesmo: “Bem, tudo bem. Não foi na *minha* boca.”

As pessoas vinham pra ser detonadas. Não vinham pra ser afagadas. Vinham pra ver se os Sex Pistols eram realmente selvagens e, se fossem, quanto mais melhor. Porque as pessoas que estavam aparecendo eram completamente fora do comum. Quer dizer, um cara que corta o pau fora não é um tipo comum, sabe?

A ruptura entre Malcolm e Noel começou porque Noel estava tentando manter a banda a salvo e as coisas sob controle. Ele começou a nos pôr em hotéis diferentes. Ninguém da imprensa conseguia nos achar.

Malcolm ficou muito perturbado com isso. Seu conceito de turnê era estar constantemente misturado com a imprensa. Ele deixava os incidentes acontecerem constantemente. Malcolm adorava quando as coisas ficavam fora de controle. Ele não achava *divertido* a menos que as coisas ficassem fora de controle. É por isso que todo mundo gostava tanto dele. Porque rock & roll tem a ver com perder o controle. O negócio não é se sentar no seu lugar e compreender tudo que acontece. O negócio é ter uma experiência caótica.

Os Sex Pistols não estavam fazendo isso na técnica musical. Quer dizer, que tipo de banda estava por cima naquele tempo? Bad Company e Led Zeppelin. E os Sex Pistols conseguiram se dar bem sem tocar música daquele jeito.

Danny Fields: Os Sex Pistols apareciam no programa de tevê de Walter Cronkite toda noite! Quer dizer, dá pra imaginar o marketing, a onda! Ele dizia: “Eles estão chegando na América agora.”

Quer dizer, por que isso era notícia? Era notícia pelos motivos errados. Os Pistols eram capa dos jornais na Inglaterra toda vez que arrotavam e peidavam, o que faziam de montão. Então isso foi transmitido na América e era inevitável que definisse o punk rock, porque, tão logo uma coisa está no

noticiário das sete horas e na capa dos jornais, então *isto é punk rock*.

São os Sex Pistols, e o que fazem? Arrotam, peidam e praguejam. Fazem música? Talvez sim, talvez não. Quem vai se incomodar em ouvir a música? Você acha que Walter Cronkite ouviria vinte segundos da música? Não havia música na cobertura das redes de tevê sobre os Sex Pistols. Acontece que simplesmente esse fenômeno sociológico da Inglaterra que por acaso fazia música estava tocando aqui.

Mas eles nunca fizeram nada chocante. Quer dizer, nunca fizeram nada realmente radical que justificasse estarem no noticiário das sete da CBS. O que fizeram de radical foi em termos de música, que na verdade ninguém apreciou. Eles eram famosos pelos motivos errados.

Bob Gruen: Quando finalmente chegamos em San Francisco, a banda estava tensionada. Por isso Noel Monk levou os caras pra comprarem jaquetas de couro e ver se eles se comportavam. Fomos numa loja gay em San Francisco, um supermercado gigante de coisas de couro, pra que a banda pudesse comprar jaquetas. Mas também havia todos aqueles consolos e geleia K-Y. Então Sid comprou todos aqueles braceletes de couro, cintos de couro e aí comprou uma geleia K-Y ou um lubrificante, um lubrificante pra passar no rabo antes de meter, e passou no cabelo. Era como Crisco, e Sid passou tudo no cabelo, e o cabelo foi ficando duro, e Johnny Rotten disse: “Genial, Sid. Agora você pode enfiar a sua cabeça no rabo de alguém.”

Legs McNeil: Quando Holmstrom me ligou da estrada e disse pra encontrá-lo em San Francisco pro último show da turnê, não fiquei nada a fim de ir. Mas John disse que esse era o meu trabalho, que eu era o Punk de Plantão e tinha que aparecer, seria bom pro artigo que ele estava escrevendo. Além disso, Tom Forcade estava fazendo um filme, e ele tinha nos dado um monte de dinheiro, e eu devia isso pra Tom e pra ele, eu tinha que aparecer. Aí peguei a recepcionista da revista *Playboy* e dirigimos até San Francisco.

Bob Gruen: Depois do show no Winterland, todos os fãs estavam lá gritando. Sid voltou, olhou pra plateia e pegou quatro garotas bonitas de perto do palco. Agarrou-as pela mão e disse: “Venham comigo.”

Bill Graham ficou parado ali, chocado. Quer dizer, um monte de membros de

bandas vinham falar com uma ou duas garotas, e talvez puxassem uma mina, mas na real nunca puxavam fisicamente quatro delas e diziam: “Venham comigo.”

Eu não tinha visto Johnny com nenhuma garota até a última noite. Ele saiu do último show com uma garota que estava no backstage. Foi meio que uma surpresa, porque, desde o primeiro minuto em que o conheci, Johnny jamais pareceu gostar de nada.

Ele parecia estar de mau humor desde o primeiro dia. Sabe como é, tudo era um saco. Ele era tão cínico e sarcástico a respeito de qualquer coisa, que sempre apontava o aspecto depreciativo do que quer que fosse. Foi por isso que fiquei tão surpreso quando o vi sair do show no Winterland de braço com uma garota e um meio sorriso no rosto. Foi a coisa mais humana que já vi, porque era uma coisa muito fora do costume vê-lo aproveitar um momento da vida.

Legs McNeil: Os Pistols foram um pé no saco no Winterland. O show foi medonho, mas não pareceu ter importância. Todo mundo estava empolgado por estar ali na presença dos Sex Pistols. Depois do show, Holmstrom me deu um passe pro backstage e disse: “Vai falar com Sid. Você vai gostar dele, ele é como você.”

Pensei: “Vá se foder, Sid é uma porra de um debiloide.” Sabe como é: “Muito obrigado.”

Fui pro backstage, Bob Gruen estava lá e me deu uma cerveja e me apresentou pra banda. Todos eles pareciam deploráveis. Sid sentado numa cadeira sem camisa. Johnny sozinho num sofá resmungando consigo mesmo. Steve e Paul atirados perto de um balde plástico de lixo cheio de Heinekens. Estavam sentados por ali, enchendo o saco um do outro. O engraçado foi que Sid tinha puxado quatro minas da plateia, e as quatro garotas estavam paradas por ali, todo mundo estava ignorando elas, e daí Sid se virou pra elas e disse: “E então, quem vai trepar comigo esta noite?”

“A gente não ganha nem um beijo primeiro?”, perguntou uma das garotas. Ela não estava brincando.

Neste momento, Annie Leibovitz, a fotógrafa da *Rolling Stone*, vai entrando na maior, com um assistente carregando caixas de flash, cabos e sombrinhas brancas. Ela desfilou pelo camarim e no fim começou a montar todo o equipamento no banheiro.

Ela disse: “Ah, com licença... Johnny, daria pra você vir aqui pra fazer uma foto com Sid?”

“Ele que se foda”, disse Johnny. “Por que eu deveria ir até o filho da puta? Diz pro punheteiro vir até aqui!”

“Ah, Sid, você acha que daria pra se juntar a Johnny no sofá pra eu fazer uma foto dos dois...”

Sid disse: “Vá se foder!”

“Ok, então, Johnny, dá pra eu fazer você sozinho no banheiro?”

“Dá o fora!”

“Mas é pra capa da revista *Rolling Stone* ...”, disse Leibovitz.

“BEM, E ENTÃO, MEU CABELO ESTÁ BOM?”, guinchou Johnny enquanto puxava aquele cabelo seboso e fosco, formando dois chifrinhos. Foi muito engraçado, mas no geral a cena toda era muito deprimente. Os Sex Pistols não pareciam estar se divertindo. Eu só queria sair dali.

Então enchi minha jaqueta de Heinekens e dei o fora.

Na hora eu não sabia, mas foram os últimos momentos da existência dos Sex Pistols. Foram os últimos momentos deles juntos como uma banda.

Saí do camarim, e por acaso Damita vinha passando, usando uma camiseta dos Ramones. Ela estava grávida de oito meses e tinha feito um buraco na camiseta, de modo que o barrigão saltava pra fora. Tirei meu passe pro backstage, dei um tapinha na barriga de Damita com ele e disse: “Vai à luta, Damita!”

Ela disse: “Uau, um passe pro backstage! Cool.”

E lá se foi ela bamboleando pra dentro do camarim.

Bob Gruen: Acordei na manhã seguinte e lá estava Damita, oito meses de gravidez, dormindo na banheira. Disse pra mim mesmo: “Que porra estou fazendo em San Francisco?”

Eu estava fora de casa há dez dias, não trocava de roupa há dez dias e, como havia muita competição, estava na maior aflição pra voltar pra Nova York e revelar meu filme.

Então fiz uma das minhas ligações favoritas e disse: “A que hora é o próximo voo pra Nova York?”

Quando eu estava saindo do quarto, vi Joe Stevens, o fotógrafo, no corredor. Ele disse: “A banda está planejando ir ao Brasil. Vão gravar e fazer umas filmagens com Ronald Biggs, o grande ladrão de trem. Quer vir conosco?”

Olhei pra ele e disse: “Brasil? Qual é, está brincando? Quem vai pagar isso?”

Ele disse: “Bem, vou fazer o meu jornal pagar a passagem aérea.” Pensei: “Filho da puta sortudo.”

Eu disse: “Adoraria ir ao Brasil, mas ninguém está me pagando e não vou botar outros dois mil dólares nisso.”

Então fui pro aeroporto e peguei o primeiro voo. Quando cheguei em Nova York estava nevando. Nevou dois dias. Fiquei em casa e trabalhei no laboratório dia e noite durante toda a nevasca. Estava aflito porque montes de revistas iam fazer grandes reportagens sobre os Sex Pistols.

No meio de uma daquelas noites finalmente dei um tempo e fui até o CBGB's. Entrei, e lá estava Johnny Rotten. Tinha vindo de San Francisco.

Ele disse: “OuvIU a novidade?”

Eu disse: “Que novidade?”

Ele me mostrou sua camiseta, que dizia: “Sobrevivi à turnê dos Sex Pistols.” Johnny tinha escrito na camiseta dele: “Mas a banda não.”

Eu disse: “Bem, o que isso significa?”

Ele disse: “O que você acha? É isso aí. A gente terminou.”

Eu disse: “O que você quer dizer, você terminou?”

Eu tinha investido duas semanas e um monte de dinheiro naquelas fotos.

Ele disse: “É isso aí. Malcolm e o resto dos caras foram pro Brasil, e eu estou aqui. A gente não está mais junto.”

Eles eram a maior banda do mundo e simplesmente tinham terminado. Tudo parecia ser ao contrário com aquela banda o tempo todo.

Danny Fields: Quando os Sex Pistols terminaram em San Francisco, aquilo mostrou pra todo mundo que o lance punk não era viável. Que eles eram a fim de se autodestruir, e, desse modo, qual era o sentido de investir em qualquer um deles?

Por que criar um público pros Ramones, ou pros Pistols, ou pro Clash? Por que institucionalizá-los se eles iriam se destruir, se a natureza deles era de destruir os outros e a si mesmos?

A coisa toda ficou fora de controle, e qualquer que fosse a chance que os Ramones tivessem de chegar às rádios com base no mérito musical foi então varrida pelos Sex Pistols, porque aquilo virou uma batata quente. O rádio americano, naquela época como agora, não gosta de participar de nada que seja perigoso, revolucionário ou radical. Então a coisa toda se tornou um enorme monte de merda do qual ninguém queria se aproximar.

Legs McNeil: É engraçado, mas naquele momento “punk” estava sendo usado pra descrever algo que o mundo achava que fosse inglês. Logo que lançamos a revista, assinamos um serviço de clipping de jornais que nos mandava clippings de todas as vezes em que o termo “punk” era usado num artigo ou reportagem de jornal – assim, vimos como o nome cresceu até aquele fenômeno. Quatro anos antes, a gente tinha coberto o Bowery de adesivos que diziam: “Fique esperto! Punk vem aí!”

Agora que ele estava aqui, eu não queria fazer parte disto.

Da noite pro dia, o punk tinha se tornado tão estúpido quanto tudo o mais. Aquela maravilhosa força vital articulada pela música na real tinha a ver com corromper todas as formas – tinha a ver com defender que os garotos não esperassem que lhes dissessem o que fazer, mas fizessem a vida por si mesmos; tinha a ver com tentar fazer as pessoas usarem sua imaginação de novo; tinha a ver com não ser perfeito; tinha a ver com dizer que tudo bem ser amadorístico e engraçado, que a verdadeira criatividade vinha de se fazer lambança; tinha a ver com trabalhar com o que você tinha na sua frente e transformar tudo de embaraçoso, medonho e estúpido da sua vida em pontos a favor.

Mas depois dos Sex Pistols eu não estava interessado em fazer a revista *Punk*. Parecia mais uma armação da mídia. O punk não era mais nosso. Tinha se transformado em tudo que odiávamos. Parecia ter se tornado tudo contra o que a gente protestava quando lançou a revista. Então Holmstrom achou um novo punk de plantão.

Fui substituído. Mas não me importei. Tinha acabado.

Arturo Vega: Fiquei chocado quando os Sex Pistols terminaram. Achei que era muito estúpido. Maldita gente jovem – é como Oscar Wilde disse – “Juventude: é desperdiçada pelos jovens.”

Cuzões.

CAPÍTULO 35

Redutor sônico

Cheetah Chrome: Nos mandaram voltar da turnê, nos chamaram ao escritório de Seymour Stein. A banda toda, Hilly, todo mundo, certo? Seymour disse: “Apostei um monte de dinheiro no punk rock. Eu estava errado. Agora, se vocês quiserem continuar o relacionamento com o selo, queremos que mudem a imagem, mudem o estilo de música e mudem o nome da banda.”

Neste momento Jimmy e Johnny disseram pra Seymour: “O que você quer dizer, Seymour?”

Pirei, pelo simples fato deles demonstrarem qualquer interesse. Pensei comigo: “Bem, esses não são os mesmos caras com quem eu andava. Acabou.”

Jeff Magnum: Sempre levávamos umas garrafas grandes de cerveja pras reuniões com Seymour Stein na Sire Records. Era tipo: “Vamos pegar nossas cervejas e ir pra reunião da cervejada.” A gente perguntava pra Hilly: “Vão ser quantas garrafas grandes neste encontro? Quanto tempo Seymour vai berrar com a gente? Durante uma garrafa ou duas?”

Oh, cara, a última vez foi a pior – Seymour disse: “Vocês têm que parar com isso!”

Seymour ficou dizendo: “Vocês têm que limpar a barra de vocês. Esse lance de punk não pode continuar. Vocês estão arruinando tudo, e nada está acontecendo. Não há dinheiro, e as pessoas não estão comprando os discos estúpidos de vocês.”

Hilly também estava lá. Acho que neste dia ele não tinha uma cerveja, mas parecia precisar de um engradado. Ele sentou atrás de nós naquelas: “Grrrrrrr, como fui me meter nisso? Por que eu faço essas coisas?”

Essa era a nuvem negra das reuniões da cervejada.

Fiquei estarecido com aquilo tudo. Pensei: “Você assina contrato com os chimpanzés, diz pra eles saírem estrada afora e *serem* chimpanzés e agora está nos dizendo pra *não* sermos chimpanzés? O que devemos ser agora? Considerando que metade da banda *são* chimpanzés e que aprendemos a caminhar arrastando os pulsos, agora *eu sou* meio chimpanzé. Agora você está nos dizendo pra parar – bem, posso pegar outra cervejona?”

Cheetah Chrome: Seymour disse: “Bem, essa coisa de punk rock não deu em nada, é melhor vocês ficarem mais pop.” Stiv estava aceitando aquela merda porque era totalmente carreirista. Peguei minha guitarra, me levantei e saí.

Stiv veio pro corredor e disse: “Volte lá pra dentro.”

Eu disse: “Não, você fica e depois me conta o que aconteceu.”

Jeff Magnum: Eu podia ter dito pra Seymour: “Você está passando por um mau pedaço com essa banda agora? Adivinha por quê? Nenhuma canção na cachola destes compositores. Além disso, nosso baterista é uma abelha que tem uma asa em vez de duas.”

Fomos pra casa de trem com o rabo entre as pernas, pensando: “Deus, parece que isso é o fim, huh? Isso é o começo do fim ou o quê?”

Duncan Hannah: Então a cena foi poluída pela imprensa. De repente, pessoas de Uptown estavam vindo pra Downton, a cidade alta indo pra cidade baixa, e pra mim foi de fato uma lástima. De repente o CBGB’s estava lotado. E quanto mais pessoas, mais clones, certo?

Assim, o que antes era único, como James Chance, Anya Phillips e Richard Hell – subitamente havia vinte e cinco versões de cada um circulando por lá. Lembro que o punk saiu na *Vogue*, e quando aquela edição foi lançada vi Diana Vreeland no CBGB’s e todos aqueles turistas, certo?, visitando a favela – no Bowery. E pensei: “Ah, deixa pra lá. Sabe como é, se eles vão fazer isso, larguei.”

Mas é claro que não consegui largar, porque era meu lar.

Philippe Marcade: As coisas estavam ficando uma loucura. Por aquela época, eu estava indo ao Max’s com Jerry Nolan. Estávamos lá uma noite, e Jerry foi pro bar no andar de baixo. Havia um banco na janela, e um grandalhão estava parado ali. Um sujeito grandão, que parecia da máfia, num terno de poliéster. Sabe como é, um verdadeiro tipo escroto. E a bebida dele estava no braço do banco. A calça de Jerry roçou ali e derramou a bebida.

O sujeito se virou e disse: “Filho da puta, você derrubou minha bebida!”

Acho que se ele tivesse dito: “Você derrubou minha bebida”, Jerry provavelmente teria pego outra pra ele, sabe como é, teria dito: “O que você está bebendo?” Mas o cara estava a fim de briga, deu uma de Sr. Macho.

Daí vi algo inacreditável. Jerry era um verdadeiro fodão da pesada, meteu uns cinco ou seis socos bem na cara do sujeito. Jerry parecia Mike Tyson, bam, bam, bam, esquerda, direita, esquerda, direita, e o tal sujeito caiu. Jerry se virou, olhou pra mim e disse: “O escroto não devia ter se metido comigo, cara.”

Mariah Acquiar: Connie pegou Dee Dee levando uma chupada no estacionamento da Amato Opera House, na esquina do CBGB's. Quando Connie viu Dee Dee com uma garota loira, começou a gritar e correu na direção deles. É claro que eles fugiram.

Dee Dee correu numa direção, a mina correu noutra, e Connie os perdeu. Então Connie voltou pro CBGB's procurando a loira. Ela viu meu cabelo loiro, foi até o bar, agarrou um caneco de cerveja, despedaçou nos lados, fazendo uma arma – duas pontas cortantes com um punho.

Connie chegou em mim por trás e, quando estava baixando a coisa atrás da minha cabeça – ela era muito mais alta que eu, especialmente de salto alto – quando ela estava levando aquela coisa pra minha cabeça – alguém me agarrou.

Era Helen Wheels. Helen passou o braço pela minha cintura e me agarrou, me puxou pra trás dela e, quando fez isso, meu corpo girou, e o vidro passou rente ao meu rosto. A uns três centímetros. Fiquei vesga olhando praquilo, pude sentir o ar, pude sentir o cheiro da cerveja.

Imediatamente Connie tentou me pegar de novo. Ela levantou o braço, e Helen Wheels vociferou bem na cara dela. Helen disse: “Olha lá, não te mete comigo, Connie. Se eu fosse você, não me meteria.”

Helen era uma mina durona.

Os olhos de Connie estavam completamente fora de foco, ela estava caída. Ela ainda ficou com o braço no ar, mas balançou algumas vezes em cima dos saltos, pra trás e pra frente, pensou a respeito e então disse: “Acho que essa encrenca não vale a pena.”

Connie largou o caneco de cerveja e saiu. Helen disse que eu parecia uma

garota legal e não deveria me meter em coisas deste tipo, então foi embora. Fui deixada ali, tremendo, me agarrando no parapeito e pensando: “Oh, meu Deus, o que aconteceu?”

Eu não fazia ideia, não fazia ideia.

Philippe Marcade: O sujeito ainda estava no chão, mas não inconsciente. Jerry estava parado bem em cima dele, e o cara pegou o copo quebrado e foi na direção das bolas de Jerry. Errou as bolas por dois centímetros, mas pegou Jerry na artéria do alto da coxa.

Jerry fez “AHHHAAH” e caiu nos braços do meu amigo Bruce, que dizia: “O que está acontecendo? O que está acontecendo?”

Vi uma mancha de sangue na virilha de Jerry, mas aí olhei pros pés dele e, cara, não pude acreditar. Parecia uma ducha, o sangue estava *joraaando* em cima dos sapatos dele.

Tentamos chamar uma ambulância, mas Jerry estava sangrando de tal maneira que o levamos pra fora, botamos num táxi e levamos pro hospital. Jerry tinha sangrado tanto que toda a entrada do Max’s era só sangue. Lavaram a calçada com baldes d’água.

Eu estava na calçada, e de repente o escroto de terno veio saindo, caminhando pra rua. Eu não sabia o que fazer, mas estendi o braço e disse: “Olha aí, cara, você não vai a lugar algum!”

Daí eu disse pra mim mesmo: “Philippe, o que você está fazendo, cara? Esse sujeito vai te matar, você não é a fim de fazer isso!”

Mas eu já tinha feito. Mas daí Michael Sticca apareceu, você sabe, ele é mais forte que eu. Michael disse: “É esse o escroto?”

Eu disse: “Yeah.”

Sticca agarrou-o pelo colarinho e arrastou pra dentro. Tommy Dean, o dono do Max’s – ele comprara o lugar de Mickey Ruskin – disse: “Olha só, não chamem os tiras, esse cara é da máfia. Vou tratar disso a meu modo.”

Richard Hell: Depois que gravamos *Blank Generation*, senti que tinha queimado meus cartuchos no que dizia respeito à música. Meu coração simplesmente não estava mais naquilo.

Este foi o período em que basicamente abrimos um processo pra sair da Sire. Eu não sabia quem era Seymour, mas também nunca dei a menor chance pra ele. Naquela época eu não só era arrogante como já estava noutra. Tinha um monte de atitudes e comportamentos que não estavam baseados em nenhuma realidade, exceto naquele excêntrico mundinho que eu tinha inventado pra mim mesmo.

Ivan Julian: Uma vez Richard Hell convidou Seymour Stein pra ir ao apartamento. Ficou mostrando pra ele, tipo: “Veja como a gente vive!” E daí abriu a porta do meu quarto minúsculo com o teto caindo aos pedaços e disse: “Olhe!”

Seymour ficou vermelho em vários tons e meio que baixou os olhos e disse: “Richard, o disco vai ser lançado em breve. Vocês só têm que esperar.”

Richard Hell: Eu não ficava à vontade num escritório com um empresário falando comigo sentado atrás de um mesão. Eu presumia coisas demais a respeito de uma pessoa deste tipo. Simplesmente não confiava em pessoas de negócios, não tinha absolutamente nenhum respeito por elas. Não dava nenhum crédito pra elas, só tinha dúvidas.

E, depois de ter estragado tudo com a Sire e receber uns acenos de outros selos, houve uma proposta que poderíamos ter aceito, mas não aceitamos porque achávamos que poderíamos conseguir algo melhor. Mas acabamos não conseguindo um grande contrato. Fiquei chocado – estávamos claramente quilômetros à frente de todos os outros –, mas quando penso nisso e no estado em que eu estava e como ou por que aqueles caras de terno e gravata não tentaram falar comigo – não é tão surpreendente.

Eu estava meio que perdendo o interesse, mas não tinha nenhum outro lugar pra ir e estava acabado, por isso meio que me arrastei em frente, fiz shows suficientes apenas pra pagar o aluguel.

Ivan Julian: Richard decidiu que só iríamos tocar em redutos punks, tudo

bem. Agora, naquele tempo, havia tipo, o que, três deles no país, certo?

Richard Hell: Duvido que eu fosse realmente talhado pra me apresentar, pra fazer disso o trabalho da minha vida. A única prática que tive de baixo foi ensaiando ou compondo canções. Sempre me vi como um escritor. Sei lá, de qualquer forma rock & roll é pra quando você é um garoto. Rock & roll é uma brincadeira de garoto, sabe? Um monte daquilo se baseia naquele lance de chutar o balde – a liberação de toda energia, frustração e fúria represadas e o desejo de atenção que você tem naquela idade.

Eu estava acabado. Estava muito cansado.

Bob Quine: Marc Bell veio pra um ensaio e atirou contas no chão – luz, gás, aluguel – e disse: “Quem vai pagar essa merda pra mim? Estou comendo comida de cachorro! O que vocês vão fazer a respeito disso?”

Daí ele revelou que tinha uma proposta dos Ramones. Minha reação foi: “Deixa ele ir, baterista é o que não falta por aí.”

Eu estava errado. Eu não fazia ideia de como bons bateristas são raros, e, embora Bell não fosse um baterista perfeito, era um grande baterista, tinha força. A gente nunca conseguiu um baterista realmente bom de novo.

Ivan Julian: Falei com Quine a respeito, e ele disse: “Bem, vou parar se você parar”, mas ele não queria largar por iniciativa própria. E então ele disse: “Bem, por que você não o faz?” E eu disse: “Ok, não tenho medo de Richard.”

Fui até a casa dele um dia e disse: “Richard, acho que não dá mais pra eu continuar.”

Ele disse: “Tudo certo.”

Então peguei minhas coisas e fui embora. Mas Richard ficou puto comigo –, mas, quer dizer, ele estava totalmente desinteressado.

Richard Lloyd: No meio da gravação do segundo álbum do Television, *Adventure*, tive um problema de saúde que me levou pro hospital. Tive

endocardite, que é uma doença cardíaca por injetar droga. É a mesma bactéria que o streptococo da garganta, só que entra na corrente sanguínea e, na pausa entre os batimentos cardíacos, se aloja no tecido do coração e começa a se multiplicar e a consumir o tecido.

David Godlis: Recebi uma ligação de Terry Ork dizendo que havia algum tipo de atraso com o álbum do Television e eles precisavam de fotos publicitárias pra ilustrar o motivo do atraso. Ele me contou que Richard Lloyd tinha uma doença com um nome muito, muito comprido. O grande boato era de que Keith Richards estava trocando o próprio sangue, então talvez fosse isso que Lloyd estivesse fazendo.

Daí fomos ao Beth Israel Hospital e tiramos fotos de Richard Lloyd o dia inteiro. Fotos de Lloyd fumando cigarros perto de avisos de NÃO FUME, fotos de Lloyd se fazendo de morto, fotos dele com todos os velhos do andar e seus soros.

Quando voltei pra mostrar as provas pra ele – pra que ele pudesse decidir quais fotos mandar pra *Rock Scene* ou o que fosse –, ele estava deitado na cama atrás das cortinas e pesando maconha numa balança. Estava vendendo maconha atrás das cortinas no quarto do hospital. E tanta gente estava indo lá que o velho de setenta e cinco anos da cama ao lado estava mal-humorado por causa daquilo e perguntando: “O que está acontecendo aí dentro?”

E Lloyd dizia: “Cala a boca. Já te falei, é um negócio particular, por isso cala a boca.”

Richard Lloyd: O Television estava indo muito bem até fazermos a turnê com Peter Gabriel. Entrávamos nas lojas de disco e não éramos capazes de achar nosso disco, o que é exasperante pra qualquer artista.

Daí a Elektra distribuiu um monte de fitas enquanto estávamos em turnê. Quando ouvimos o primeiro disco dos Cars, dissemos: “Uh, oh. Isso é como a nossa música, mas no estilo comercial. Isso vai tomar nosso lugar.” Sabe como é, iam vender um milhão daqueles discos dos Cars e nos dizer pra ser como eles, que foi quase o que aconteceu. Nunca nos disseram pra ser como eles – não nos deram nem essa chance.

Sempre fomos peculiares. Tom escreve letras que parecem de triplo sentido e não tinha voz de cantor. Acho que se você cortasse a garganta de um bode soaria daquele jeito. De qualquer modo, ele nunca tomaria aulas de canto; assim, o que iríamos fazer? Não é uma voz própria pra rádio, isto é certo.

Bebe Buell: Finalmente encontrei Stiv Bators numa festa pro Kiss na parte de cima do Max's. Ele estava lá com Cynthia, das B Girls, a noiva dele. Liz Derringer falou: "Lá está aquele cara, lá está aquele fuinha."

Fui até ele; ele estava com uma jaqueta cor-de-rosa com listras pretas e estava sensacional. Estava com topete naquela noite, às vezes ele passava gel no cabelo e fazia o estilo Brian Setzer. Ele tinha um cacho aqui e estava muito atraente.

Como era uma festa do Kiss, a gente estava bebendo champanhe, o champanhe parecia inesgotável. Então fui até Stiv e disse: "Te amo."

Ele olhou pra mim e disse: "Mesmo?"

Eu disse: "Uh, huh, Liz e eu te amamos."

E ele disse: "Bem, que tal se só você me amar e Liz não?"

Foi muito engraçado. Então ele estava parado ali com a noiva, Cynthia, que achei um pouco dengosa, um pouco afetada, e eu disse: "Cynthia, estou roubando ele."

E peguei-o pela mão e levei embora. Não pude acreditar que fiz aquilo. É surpreendente o que umas taças de champanhe fazem, certo? Transformam você num cachorrinho, mas eu meio que gostaria de não ter feito. Foi meio indigno. De qualquer modo, Stiv terminou com Cynthia no dia seguinte, e levei-o até Liz pra alimentá-lo e dar um banho nele.

Gyda Gash: Stiv sempre foi muito esperto. Era um pouquinho mais velho que todo mundo e estava disposto a fazer o que fosse necessário pelo sucesso. Fiquei muito desapontada quando ele botou aquela porra de terninho cor-de-rosa e fez um lance pop.

Naquela época Cheetah começou a ser escanteado pra caramba. Os Dead Boys tentaram chutá-lo da banda quando Stiv estava com Bebe. A gente estava se drogando de montão, e Bebe virou tipo uma santa do pau oco. Mas a gente estava completamente drogado naquele tempo.

Então Keith Richards fez uma festa de aniversário num ringue de patinação. Cheetah e Richard Lloyd estavam apostando corrida, e Cheetah caiu de cara e quebrou o braço...

Cheetah Chrome: Eu estava apostando corrida de patins com Mick Jagger e Richard Lloyd, caí e quebrei o pulso. Era a coisa mais estúpida que eu poderia ter feito...

Gyda Gash: Então a banda ficou a fim de se livrar de Cheetah. Stiv estava naquela: “Vou ganhar dinheiro, estou cagando pro que tiver que fazer pra qualquer um.” Finalmente sacamos que Cheetah ia ser posto na rua. Por isso começamos a usar mais droga.

Bebe Buell: Eu amava Stiv, ele era um cara sensacional, mas estava ficando um pouco maluco demais, na mesma medida em que ingeria substâncias. Começou a usar um monte de coca e álcool e começou a mudar. Ficou violento quando se embebedava. Yeah, ele machucava a si mesmo, pessoas e objetos. Mas eu era maior que ele, por isso ele nunca se meteu comigo.

Eu era uns bons dez centímetros mais alta e pesava uns sete quilos a mais. Por isso ele nunca me atacou, mas atacava qualquer um que estivesse perto de mim. Por isso, às vezes eu tinha que amarrá-lo pra fazê-lo se acalmar. Stiv ficava maluco, se jogando nas paredes feito um maníaco, ficava demente.

Por isso eu tinha que botá-lo de barriga pra baixo, pôr o meu joelho nas costas dele, pegar o cinto dele e amarrar em volta dos seus pulsos. Daí me sentava em cima das pernas dele, até ele se acalmar. Eu comparava com epilepsia. É o que eu dizia pra ele: “Na noite passada você teve uma porra de um ataque epiléptico de loucura.”

E então comecei a andar com Jack Nicholson, e foi isto que terminou com a nossa relação. Aquilo feriu Stiv, mas eu fazia o que queria da minha vida. Eu não era uma vítima, sabia o que estava fazendo e estava a fim de sair com

Jack Nicholson. Quer dizer, Stiv tinha ficado maluco demais.

Mas não fiquei com Jack porque não era realmente a fim de andar por aí no Rolls-Royce de alguém ouvindo Pat Benatar. Não era minha ideia de diversão. E sempre que eu tentava colocar algum disco de que gostava, todo mundo me achava muito adolescente. Sabe como é, imatura e amalucada.

Mas eu ficava pensando: “Por quê? Só porque gosto de boa música? Só porque estou tentando ligar vocês num bom rock & roll? Estou tentando passar pra vocês, e vocês acham que sou criança? Bem, acho que vocês são burgueses e não gosto de vocês. Tchau.”

Wayne Kramer: Depois que saí da cadeia, estava morando num motel de beira de estrada e ouvi dizer que Patti ia tocar em Ann Arbor, então pensei: “Deveria ir agradecer a ela por ter posto meu nome no disco.” Patti tinha posto “Liberdade pra Wayne Kramer” na capa do álbum *Radio Ethiopia*, o que era uma espécie de coisa revolucionária e fraternal.

Depois do show, foi difícil pra caramba chegar ao backstage. Me senti desconfortável, porque você sabe como estas situações de backstage podem ser repulsivas. Vi Fred Smith, e ele estava estranho comigo, então vi que ele estava com Patti.

Eu disse: “Oi, Patti. Sou Wayne Kramer. Pensei em dar uma passada aqui e dar um alô e lhe agradecer por ter me citado no seu disco.” Ela meio que disse: “Oh”, e se catapultou pra longe de mim. Me senti como: “Ela não sabe quem sou. Não liga pra quem sou.”

Daí percebi que pôr meu nome na contracapa do disco não tinha nada a ver com se solidarizar comigo ou manter meu nome na frente do público. Tinha a ver com emprestar credibilidade a ela. Era o alinhamento dela a mim, em vez de ser meu alinhamento a ela.

Quer dizer, eu não estava sendo bobalhão com ela, estava simplesmente tentando dar um alô e agradecer. E ela me deu um gelo. Por isso nunca mais me incomodei com ela depois disto.

Meu relacionamento com Fred também meio que se desintegrou por aquela

época, porque ele estava se divorciando e fiquei do lado da mulher dele. Eu estivera trancafiado e estava totalmente numas de manter o que quer que se tivesse, especialmente em termos de relacionamentos. Por isso achei que ele estava sendo um babaca. Quer dizer, Patti estava na cidade, e ele ficava babando por ela na frente da mulher dele, e pensei: “Pô, faz isso na hora certa, cara. Isso é muito embaraçoso – é do jeito errado.”

Lenny Kaye: O Patti Smith Group conheceu Jimmy Iovine bem na época em que estávamos terminando *Radio Ethiopia*. Ele tinha sido engenheiro de som no disco de John Lennon e no *Born to Run* de Bruce Springsteen, por isso estava meio que na moda. Era um engenheiro da Record Plant e ficou nosso amigo, sabe como é, começou a trazer mexilhões do Umberto's pra Patti e aparecer com projetos.

Ele estava sempre nos atazanando pra que escrevêssemos canções, porque estava procurando um hit. Uma vez eu estava tocando no estúdio, ele chegou e disse: “Este é um grande riff!” Trabalhei mais um pouco naquilo e levei pra Patti, e se tornou “Ghostdance”.

Mas não era a canção que ele estava procurando. Então, um dia, enquanto estávamos gravando, Bruce Springsteen estava no estúdio ao lado fazendo *Darkness on the Edge of Town*. Jimmy ficou dizendo: “Oh, cara, não seria sensacional se juntássemos Patti e Bruce? Nenhuma FM da América iria resistir!”

Bruce Springsteen e Patti Smith estavam intrigados um com o outro. Tinha havido certa rivalidade porque ambos eram do sul de Jersey. Bruce é um cara amistoso, e Patti achou que até que ele era cool, e eles começaram a se entender. Então Bruce compôs umas canções pra Patti. Ele até que tentou compor no estilo dela, mas não deu muito certo. Ele mandou pra nós, escutamos e comentamos: “Hmm, ele está tentando compor como nós, não é?”

A gente pensou: “Oh, isso é bacana.”

Mas Jimmy tinha ouvido aquela canção, “Because the Night”, que Bruce tinha feito. E ele tinha gravado uma demo dela com a banda. Tinha um tipo de embalo latino, e Patti fez um monte de alterações na letra. Mas ela tinha o

apelo.

Jimmy dizia: “Oh, Deus, que refrão! Como poderia falhar? Ele gruda na cabeça!”

Então gravamos. Quase chegou ao Top Ten. Foi definitivamente o hit daquele verão.

Fizemos uma versão bem diferente da versão de Bruce. Deixamos ela consideravelmente mais rock. Não é típico da nossa parte, mas é o que acontece quando você escreve com alguém de fora do seu mundinho. Mas é uma canção muito legal.

Depois disto ficou uma coisa meio esquisita entre Patti e Bruce, porque acho que Patti ficou um pouco frustrada quando as pessoas pensaram na música como sendo só de Bruce Springsteen.

Mas você não pode ignorar o fato de que foi instantâneo. Quando o disco saiu, mandaram-no primeiro pra WNEW, e Vin Scelsa tocou-o três vezes seguidas. Era no tempo em que ainda se podia fazer isso no rádio. Realmente nos empenhamos em fazer aquele disco; tínhamos ficado fora do circuito por um ano, queríamos fazer uma declaração tão clara quanto possível, não queríamos ser mal-entendidos.

James Grauerholz: A Nova Convention foi realizada no Intermedia Theater em dezembro de 1978. Era considerada a reunião de cúpula da vanguarda de Nova York, em homenagem a William Burroughs. Fez um monte de artistas olharem pra onde seus líderes estavam apontando, isto é, pra William.

Keith Richards era uma presença prometida desde o começo, e John Giorno vazou isto pra Howard Smith no *Village Voice*, por isso no dia seguinte o Intermedia Theater estava cheio de gentinha em busca de ingressos. Ficamos na nossa, mas não creio que Keith jamais tenha se comprometido a vir – provavelmente foi dissuadido por conselheiros que disseram: “Hey, você está enfrentando acusações por aquela prisão por droga em Toronto. Não vá andar com Burroughs e aquelas pessoas, é muita marginália.”

Ainda assim, de qualquer modo, o nome dele foi usado, e depois da primeira

noite da Nova Convention eu estava no Ukrainian Theater, onde o Blondie estava tocando como parte do nosso grupo de No-Wave Music, e Jane Friedman, ex-empresária de Patti Smith, estava lá com Frank Zappa. Naquela época ela era agente de publicidade dele. Então Jane nos apresentou, e eu disse: “Frank, estou sem um superstar pra grande noite. Keith Richards furou. Você poderia ler alguma coisa?” Ele disse: “Yeah. Vou ler o trecho ‘The Talking Asshole’ (*O olho do cu falante*) de *Naked Lunch* .”

Patti Smith é uma das minhas estrelas, certo? A grande noite se aproxima, e Patti está muito doente, supostamente com uma gripe. A voz dela estava detonada. No camarim o ambiente era tipicamente limão-e-toalha-quente-em-volta-do-pescoço – toda a trip de banho turco, e ela estava andando em círculos com seu clarinete. Quem poderia saber o que ela faria?

Era um pesadelo. Pandemônio no backstage. Marsha Resnick estava tirando fotos, e ela ou Victor Bockris derrubou um copo de vinho no terno de William, e todos estavam se exibindo por lá feito uns bobalhões. Alguém chegou pra mim e disse: “Tem uma puta rica na porta dos fundos exigindo entrar, e ela diz que é mulher de Tim Leary.” Era uma loucura.

Então Frank Zappa aparece, e ele precisa entrar e depois ir embora rápido... e estou ficando preocupado que Patti não vá se apresentar, por isso vou no camarim dela conferir a situação, e ela diz: “O que é isso? Não vou entrar depois de Frank Zappa, não vou fazer isso.”

Argumentei com ela. Eu disse: “Patti, precisamos de você.”

Enquanto isso, a plateia está gritando: “KEITH! KEITH! KEITH!”, o tempo inteiro – até durante Philip Glass: “KEITH! KEITH! KEITH!”

Eu disse: “Patti, preciso muito de você. Não sei o que há entre você e Frank, mas Frank está nos ajudando um monte. Ele veio em nosso socorro e está dando a maior força, por isso deixa Frank pra lá. Por favor, vá em frente...”

E ela foi. Subiu no palco e disse: “Bem, se vocês acham que vão ver Keith, não vão, porque ele está num avião em algum ponto entre aqui e L.A. Portanto, se alguém quiser seu dinheiro de volta, pode subir e pegar comigo aqui e agora.”

Daí ela meteu a mão no bolso, tirou uma nota de dez dólares e abanou pra plateia. “Quem quer seu dinheiro de volta?”

Ninguém sabia como encarar aquilo; assim, ela estabeleceu a coisa “nada de Keith” de uma vez por todas.

Depois Patti ficou zanzando por lá. Estava no seu mundo particular. Estava usando seu novo casaco de pele, que era muito extravagante – uma daquelas coisas em que os punks botam dinheiro e depois transformam em símbolo. Quer dizer, de onde ela vinha? Bergen, New Jersey?

Ela disse: “Esse casaco custou dez mil dólares. Durmo dentro dele. Vivo dentro dele. Não o tiro desde...”

Então ela estava exibindo o casaco de pele, e não posso garantir, mas acredito que as mãos dela estavam nos bolsos, e ela estava fazendo alguma coisa estranha lá dentro. Não sei o quê. Ela estava girando.

Andi Ostrowe: Todo aquele período depois de Patti ter caído do palco e ter gravado um disco de sucesso foi o começo de seus pensamentos de que existem outras coisas na vida, sabe? Que não vale a pena dar sua vida pelo rock & roll.

Aquele tempo me faz lembrar do filme *Still Moving*, que ela fez com Robert Mapplethorpe. Há muito tempo, Patti fora um dia na casa de Robert, e ela tinha uma grande mala com acessórios de teatro, roupas, penas e sinos e a Bíblia da família dela. E ele tinha uma grande estátua de Mefistófeles – grande e negra.

Patti abriu a Bíblia na frente da estátua do diabo de Robert. No início do filme ela está de olhos vendados e começa a falar sobre estar nas trevas e ir pra luz. Ela começa a ler a Bíblia e no fim diz: “Escolho a vida.”

Acho que a premissa dela é de que você não pode ser detido pelas trevas, você tem que pegar a força da luz e seguir com ela, porque esta é a força da vida, a força de Deus, a força da arte e da criação, não a degeneração e a autodegradação – como todo aquele lance de Sid Vicious.

CAPÍTULO 36

Tuinals do inferno

Jeff Magnum: Comecei a ficar perturbado por causa dos Dead Boys. Comecei a questionar a minha saúde mental.

Cheetah e Gyda tinham dois porquinhos-da-índia, Ace e Winkle. Winkle era um porquinho-da-índia de pelo branco e comprido que já estava lá quando me mudei, e depois descolaram Ace, uma coisinha de pelo vermelho.

Um dia os porquinhos-da-índia deram nos nervos de Cheetah, e ele disse pra Winkle, o branco: “Você viverá”, como Moisés. “Você viverá para prosperar. E você, Ace, deve morrer, porque tem um cérebro do mesmo tamanho que o meu.”

E arremessou Ace pela janela como uma bola velha. Lançou o porquinho-da-índia como se fosse um zagueiro, nem olhou.

Só torci pra que ninguém estivesse passando por ali. Dá pra imaginar? “Oh, querida, fui atingido na cabeça por um porquinho-da-índia!”

Que tipo de doido atiraria um animal fora?

Quer dizer, fiquei pensando: “O que estou fazendo aqui com esses babacas? Deveria estar de volta a Cleveland, trabalhando numa fábrica. Não posso acreditar que estou aqui fazendo isso, deve haver alguma coisa errada aqui. Isso não é uma banda racional.”

Eu já estava pra além daquilo. Eles estavam matando animais, passarinhos e porquinhos-da-índia – eu seria o próximo. Sabe como é, esfaqueamentos, animais mortos, traficantes, quando isto termina?

E então Sid Vicious entra em cena.

Uma noite eu e minha namorada estávamos dormindo no hotel, e Cheetah e Gyda chegam e acendem as luzes, e Cheetah diz: “Olhem aí, pessoal, olhem

quem eu trouxe. Vejam quem eu trouxe pra casa.”

E, oh, Deus, é Sid Vicious. Então a gente levanta, e a única coisa que Sid diz é: “Então você é Jeff Magnum, acha que pode me bater?”

Foi simplesmente patético. Tipo: “Deus, você não passa de um fracoide. Como conseguiu bater em todos aqueles caras na Inglaterra? Você é tão patético.”

Então Sid e Cheetah decidiram que iríamos tocar com Sid no Max’s. Seríamos a banda de apoio de Sid no Max’s, mas os ensaios foram ridículos. A gente foi ao Max’s, e Sid caiu de cara na tigela de salada. Apagou.

Eu disse: “Oh, bem, acho que nossa estrela da noite não está lá muito radiante.”

Nunca rolou. Acho que não tocamos nem duas notas com aquele cara, daí ouvi a história de que ele tinha dito pra Cheetah que tocávamos bem demais e ele não nos queria.

Cheetah Chrome: Quando Stiv Bators esteve com Sid foi como um cego tentando falar com Frankenstein, esta é a única comparação que posso fazer. Stiv ficava lá, mostrando alguma coisa pra Sid, enquanto Sid cabeceava: “Oh... o... k... yeah... isto... é... maravilhoso... Stiv... isto... é... joia.”

E Nancy dizia: “ACORDA, SID! ACORDA, SID! VAMOS LÁ, VOCÊ ESTÁ SENDO UM BABACA, SID. PARA DE BABAR, SID, NÃ, NÃÃ, NÃÃÃ, NÃÃÃ!”

O pobre Sid acreditou na sua própria lenda. Acreditou e entrou inteiramente naquilo.

Terry Ork: Depois que os Sex Pistols terminaram, fiquei um tempo agendando grupos no Max’s. Sid e Nancy estavam morando no Chelsea Hotel, e Nancy se tornou empresária de Sid. Eles foram ao Max’s, Sid queria fazer um show, eles precisavam de dinheiro, estavam na heroína.

Negocieei com Nancy. Ela vinha e dizia: “Ork, precisamos de uns Tuinals. Sid

está doente. Ele não pode cantar.” Então eu saía e arranjava uns Tuinals pra ele.

Sid e Nancy eram maravilhosos. Tinham uma afeição verdadeira um pelo outro. Quer dizer, havia aquele “amor punk” em que um arrasava o outro, como Connie e Dee Dee, mas era verdadeiro. Dava pra sentir que havia uma profunda torrente de afeição ali. Também dava pra sentir que Sid era como um peixe fora d’água. Ele não imaginava como o mundo era grande e mau. Era como uma criança que dependia de Nancy.

Iggy Pop: Conheci Nancy Spungen. Yeah, conheci-a, ha, ha, ha. Passei a noite com ela uma vez. Ela não era uma beldade, mas gostei dela. Havia alguma coisa realmente da pesada ali. Mas na época eu estava por cima. Então pensei: “Problema.”

Arturo Vega: Eu já tinha passado por Connie e Dee Dee, por isso Sid e Nancy eram apenas uma continuação. Sabe como é, personagens diferentes – mesma peça.

Cheetah Chrome: Dee Dee Ramone tinha dado uma faca 007 pra Stiv Bators num dos nossos primeiros shows. Stiv andava com ela o tempo todo, e uma vez estávamos no Chelsea Hotel, e a 007 estava atirada lá numa cama ou coisa assim. Stiv pegou-a e comentou que Dee Dee tinha dado pra ele.

Sid Vicious estava encantado com Dee Dee Ramone. Dee Dee era o herói de Sid, e tão logo Sid descobriu que Dee Dee tinha dado a faca pra Stiv, também quis uma. Por isso fomos ao Times Square uns dias depois pra Sid comprar uma.

Foi muito engraçado, porque Nancy tinha um monte de grana, e eles estavam tão fora do ar – tinham tomado um punhado de Tuinals –, por isso ela deixava cair notas de cem dólares na calçada. Tínhamos todo o Times Square atrás de nós, uma multidão nos seguindo e esperando que a próxima nota caísse.

Nancy gostou da faca. Ficou a fim. Acho que até comprou uma pra ela. Ela queria ter uma faca porque andava se metendo em encrencas e queria ter alguma proteção.

Veja bem, eles não sabiam negociar droga. Sid acabou logrado um monte de vezes. Acabou tapeado num monte de merda porque nascera pra ser uma vítima.

Sid era um desastre. Atraía atenção, atraía confusão. E isto não é uma coisa que se queira quando se está transando droga. É uma coisa séria. Você quer entrar e sair rápido.

Mas Sid e Nancy eram um pé no saco – sabe como é, todo mundo ficava rindo de Sid, ele ficava se batendo em postes de telefone, Nancy ficava xingando ele, e ela nunca queria pagar tudo pela coisa. Quer dizer, aquelas não eram pessoas com quem você brigasse e barganhasse.

E a porra do Sid ficava fazendo todas aquelas perguntas cretinas: “Pode me dar um desconto?”

Sabe como é, comprar heroína não é negociável. Você não barganha com traficantes. É um preço fixo. Como William Burroughs disse: “É a mercadoria definitiva, e um freguês vai rastejar pelo esgoto e implorar pra comprá-la.”

E a porra da Nancy, se alguém que você conhecia estava vendendo droga, ela saía se esgueirando e tentava comprar tudo antes que você chegasse lá. Por isso logo tive que ir comprar eu mesmo.

Nancy era foda. Se Sid não a tivesse matado, eu teria, ha, ha, ha. Nancy foi provavelmente a pessoa mais desprezível que já conheci na minha vida.

Eliot Kidd: A gente estava por aí e ficou sabendo que estava rolando uma festa de Sid no Chelsea Hotel. Eu estava com umas garotas, e a gente chegou no quarto de Sid lá pelas quatro da manhã. Sei que Nancy ainda estava viva porque foi ela que nos deixou entrar.

Ela estava comandando o espetáculo. Todo mundo estava chapado, e as pessoas estavam à deriva por lá. Neon Leon estava lá com Kathy. Havia no mínimo uma meia dúzia de pessoas lá, provavelmente não mais que uma dúzia. Se eu dissesse nove poderia estar completamente certo, se dissesse dez talvez estivesse completamente certo. Sei lá. Estava cheio pra um quarto

pequeno.

Nancy estava chapada. Chapada e se gabando. Estava falando com aquela porra daquele sotaque londrino, sabe como é, bancando a Sra. Sid Vicious. Mas não era bem uma festa porque Sid tinha apagado. Não parecia que Sid fosse acordar. Ele não se mexia.

Eu disse: “O que há de errado com Sid?”

Alguém disse: “Oh, ele tomou uns trinta Tuinals.”

Eu disse: “Oh, ele vai estar divertido esta noite.”

Ficava mais apertado com a porra do Sid desacordado na cama – era um quarto de hotel, sabe como é, então, além da cama, o que mais havia de móveis lá? Esta foi outra razão pra que eu não quisesse ficar. Não tinha lugar pra sentar.

Então fomos embora. Vê só, enquanto estava lá eu não sabia que ia ser uma noite importante.

New York Post , 13 de outubro de 1978: SID VICIOUS É PRESO NO CHELSEA HOTEL – ASTRO DE PUNK ROCK É ACUSADO DE ASSASSINAR A NAMORADA. “Sid Vicious, baixista da banda britânica espetada e barulhenta Sex Pistols, de punk rock, foi preso ontem, acusado de matar a facada sua apaixonada namorada loira no quarto deles, no afamado Chelsea Hotel, em Manhattan. Com o rosto pálido e arranhado, parecendo atordoado, Vicious resmungou desaforos e: “Vou quebrar suas câmeras”, enquanto era levado do hotel, onde o corpo de Nancy Laura Spungen, de 20 anos, vestido com sutiã de renda preto e calcinha, encharcados de sangue, foi encontrado dobrado embaixo da pia do banheiro. A senhorita Spungen... levou uma facada profunda no abdômen.”

Nancy Spungen: Eu poderia ter ido pra uma instituição de menores. Tive um monte de problemas. Eu simplesmente era muito diferente de todo mundo. Era bem mais esperta do que eles. Então comecei a me rebelar completamente contra meus pais, eu os odiava muito. Eles ficaram superpreocupados e me mandaram pra um psiquiatra. Eles não conseguiam

lidar com aquilo, eu morria de ódio deles. Não os suportava.

Meus pais não gostavam nem um pouco de mim. Não se ligavam nas mesmas coisas que eu. Por isso eu vinha pra Nova York o tempo todo. Daí consegui um emprego de dançarina. Fui dançarina profissional por cerca de um ano quando me mudei pra Nova York pela primeira vez. Então conheci um monte de pessoas através de outras pessoas. Um monte dos meus verdadeiros amigos são músicos das principais bandas de hoje em Nova York.

É que desde que comecei a sair com caras, saí com músicos. Sei lá, numa época minha vida estava indo muito devagar e então, de repente, começou a ir tão rápido... As coisas mais excitantes começaram a acontecer em 1975. Mas eu não estava realmente concentrada na cena punk. Estava concentrada em grandes estrelas do rock & roll, como Ron Wood. Mick Jagger – conheço ele, mas nunca trepei com ele. Fiquei com Keith Richards. Viajei em turnê com o Aerosmith por um tempo. Numa das primeiras noites eu estava com eles em Washington, D.C. A gente saiu de lá de limousine. Eu estava sentada atrás com Tom Hamilton de um lado e Brad Whitford do outro. Estava com uma mão num pau e a outra no outro...

Me diverti e fui bem tratada, sabe? Isso é que era o divertido. Era excitante. Sou amiga de todo mundo. Conheço todo mundo. Um monte dos meus verdadeiros amigos são de bandas famosas. Músicos – um monte deles são muito legais, sabe?

Mas às vezes eles são realmente terríveis.

Bob Gruen: Não acredito que Sid tenha matado Nancy. Não acho que ele fosse disso. Ele não era vicioso. Era um tipo de nome ao contrário. Quer dizer, Sid era tão boboca que o chamavam de Vicious.

Sid amava Nancy. Na turnê americana dos Pistols, ele quis falar sobre ela comigo o tempo todo porque eu tinha conhecido Nancy antes dele. Sid me fazia perguntas sobre ela, do tipo: “Ela era mesmo uma prostituta?”

Eu dizia: “Yeah.”

Contei pra ele sobre uma vez que eu, meu amigo Dave e Nancy estávamos

andando de carro por aí. E Nancy estava descrevendo o puteiro onde ela trabalhava. Era um bordel em Uptown onde havia quartos temáticos e várias garotas – menininhas, professoras, enfermeiras...

Nancy estava no quarto S&M. Ela usava ligas de couro preto e era paga pra bater em banqueiros alemães. Eles pagavam um monte de dinheiro, e ela chicoteava-os, fazia-os rastejar e lambe as botas dela.

Ela terminou dizendo: “Caras, apareçam lá quando quiserem; é por conta da casa.” Ela disse: “Adorariíamos ter vocês. Vocês iriam se divertir e poderiam fazer o que quisessem.”

E desde aquela vez, sempre que estávamos andando de carro por aí tarde da noite e não havia nada pra fazer, dizíamos: “Sempre se pode ir apanhar de Nancy.”

Por algum motivo nunca fomos lá com ela. Mas na turnê Sid ficava me perguntando sobre ela: “Ela era mesmo assim?”

Eu dizia: “Yeah, era.”

E Sid a amava.

Eliot Kidd: Falei com Neon Leon no dia seguinte. Ele disse que, quando deixou Sid e Nancy, aquele porra daquele cara ainda estava lá.

Eu disse: “Quem era aquele?”

Ele disse: “Você sabe, aquele traficante de Tuinal.”

Neon Leon me contou que todo mundo tinha ido embora, e o traficante de Tuinal foi a única pessoa que ficou. Tudo que a gente sabia sobre o cara era que ele morava em Hell’s Kitchen.

Sid ficou na cadeia duas ou três semanas antes de sair sob fiança. Acho que Malcolm e os outros caras dos Sex Pistols fizeram uma vaquinha pra pagar a fiança dele. Falei com Sid no dia em que ele saiu da cadeia. Ele me contou que tudo de que se lembrava era que, quando acordou, foi ao banheiro – que é a primeira coisa que a maioria das pessoas faz quando acorda –, e Nancy

estava embaixo da pia, com sangue por tudo, e ela estava morta.

Acho que ele deixava a faca dele na parede. Sid tinha uma faca grande, e de manhã ela estava caída no chão perto de Nancy.

Sid me contou que eles tinham oitenta paus. E a gaveta onde deixavam o dinheiro estava aberta, e o dinheiro não estava lá.

Se você conhecesse Nancy, poderia vê-la indo ao banheiro, saindo, vendo o cara remexendo nas gavetas e o flagrando pegando o dinheiro – e indo pra cima do cara.

Não é que ela se achasse durona. Mas ela não engolia merda de ninguém. Ela ficaria maluca se flagrasse alguém tentando roubá-los. E se o cara fosse disso – se você encurrala um rato, leva mordida, sabe?

New York Post , 17 e 18 de outubro de 1978: VICIOUS É SOLTO SOB FIANÇA DE US\$ 50.000 – SID DIZ QUE ESTÁ CONFUSO. “Sid Vicious, roqueiro punk acusado de assassinato, afirma que não sabe como sua namorada, a ex-dançarina go-go Nancy Laura Spungen, foi morta a facada no quarto deles no Chelsea Hotel. ‘Não sei o que aconteceu’, disse Vicious em entrevista depois de ser solto de Rikers Island na segunda-feira à noite, sob fiança de cinquenta mil dólares. ‘Vou sentir muita falta dela. Ela era uma mulher maravilhosa, uma grande ajuda pra mim. Quero entrar em contato com os pais de Nancy e falar com eles.’”

Eileen Polk: Eu estava no Max’s com Joe Stevens quando Sid conheceu Michelle Robinson. Não pensei que eles fossem ficar juntos. Não esperava que acabassem juntos.

No outro dia Joe me contou: “Adivinha o que aconteceu? Sid e Michelle acabaram juntos. Sabe, parecem um belo par.”

Achei meio estranho ele se amarrar em alguém logo depois de Nancy morrer, mas talvez não fosse. Sid gostava de ser guiado por mulheres.

Jim Marshall: Todo mundo sabia que Sid Vicious estava no Hurrah’s naquela noite. Quando alguém famoso como Sid está num lugar, você sabe

onde ele está, você fica dando umas olhadinhas por cima do ombro, só pra ficar de olho nele pra ver se ele vai fazer alguma coisa bárbara, e, é claro, vi Sid dar uma garrafada em Todd Smith, irmão de Patti Smith.

Sid deu uma garrafada na têmpora dele. Yeah, a clássica porrada com uma garrafa de cerveja.

Umas pessoas carregaram Todd pra fora. Ele estava sangrando bastante. Mas estava de pé; não estava desacordado, então não podia ter sido tão grave. Mas o levaram pro hospital.

Lenny Kaye: Estávamos em Woodstock gravando o último álbum de Patti Smith quando recebemos o telefonema de que Sid tinha ferido Todd. Todos nós ficamos putos da cara. Talvez tenha havido uma discussão sobre arrebentar a cabeça dele. Sabe como é, aquela mentalidade de gangue – “Hey, você fode com um dos nossos caras, vamos foder com você.”

Mas éramos uma banda de garotas. Não nos metíamos em brigas. Talvez quiséssemos... fazer o jantar pra ele. Não, brincadeira.

Todd foi pro hospital. Não ficou lá muito tempo. Não estava mortalmente ferido. O rosto dele estava cortado. Ele levou uns pontos.

Mas, quando as coisas começam a se desintegrar, você olha pra casos como o de Sid – como estou certo de que os hippies olharam pra Altamont – pensando: “Cá está o nosso símbolo.”

E não é muito agradável – prova apenas que desta vez a gente fodeu com tudo. Talvez dê certo na próxima rodada. E penso que isso fez Patti se amargurar ainda mais com o admirável mundo novo do rock & roll. Os Sex Pistols levaram o vigor punk direto pra beira do abismo, e então era a hora de alguma coisa nova.

New York Post , 9 de dezembro de 1978: SID É REPREENHIDO NO TRIBUNAL E MANDADO DE VOLTA PARA A CADEIA. “Um promotor público chamou-o de vicioso e perigoso, o juiz declarou-o instável e inconfiável, e hoje Sid Vicious está de volta à prisão de Rikers Island. A fiança de cinquenta mil dólares que o roqueiro punk depositou depois do

assassinato de sua namorada foi revogada ontem na Suprema Corte de Manhattan, visto que ele foi novamente preso numa confusão numa discoteca da Broadway... Sua última intimação pela lei veio depois da notícia do *Post* na página seis de quinta-feira, narrando o confronto entre Sid e o irmão da rock star Patti Smith, Todd, na Hurrah's, na madrugada. Conforme o gerente da disco, Henry Schlisser, Vicious agarrou Tarrah, namorada de Todd. Então Todd disse alguma coisa para protegê-la, e daí Sid agiu. Com uma garrafa de Heineken quebrada.”

Eileen Polk: Depois de Sid arrebentar Todd Smith com a garrafa de cerveja, teve que voltar pra cadeia. A mãe de Sid passou heroína pra ele enquanto ele estava na cadeia. Ela tinha um truque sensacional – colocava a heroína no sapato e usava botas que tinham um monte de presilhas de metal; e então, quando passava no detetor de metais, ele disparava. Daí ela dizia: “Oh, deve ser o meu sapato!”

Então, enquanto tirava os sapatos, ela colocava a droga na bainha das calças. Daí passava de novo pelo detetor de metais. O alarme não disparava, e não a revistavam em busca de droga.

Como esperavam que ela tivesse uma arma ou objeto de metal, não verificavam as pernas das calças dela, porque já tinham verificado antes. E, quando tirava os sapatos, ela mudava a droga pra um lugar diferente, e não verificavam aquele lugar de novo.

Sid vinha pra sala de visita com o rabo lubrificado e enfiava no cu, e assim tinha um pouco de droga.

Ann fez isso porque Sid reclamou que estava doente. Ela não fez todos os dias. Fez umas duas vezes ou coisa assim enquanto ele estava na cadeia. Só pra ele não surtar, porque Sid estava realmente desintoxicado quando saiu da cadeia. Parecia bem saudável e estava falando muito positivamente sobre tudo.

Fomos buscar Sid no tribunal quando ele saiu da cadeia de novo. Foi bem rápido. Quer dizer, nós fomos, o juiz disse umas poucas palavras pra Sid, e daí fomos embora com ele. Sid saiu da cadeia usando uma camiseta branca porque tinha que se apresentar no tribunal. Assim, a primeira coisa que fez

quando chegou em casa foi pôr a camiseta da suástica.

A gente acabou fazendo uma festa naquela noite. Por isso, fui até o Jefferson Market, onde minha mãe tinha uma conta, e peguei duas daquelas embalagens de meia dúzia de Bud. Eu disse pra um dos proprietários da loja: “Meu amigo recém saiu da cadeia, e vamos fazer uma festa!”

Então fomos pra Michelle, na Rua Bank, número 63, e fizemos spaghetti. Foi tudo bem normal.

Na sequência Jerry Nolan chegou com Esther, e Sid disse: “Mãe, pode me dar algum dinheiro? Pode me dar algum dinheiro? Quero pegar um pouco de coca.”

Ann disse: “Tem certeza de que você só vai pegar cocaína, certo?”

Sid disse: “Yeah, mãe, não se preocupe, não vou pegar nada pesado.” Assim, Ann deu cem dólares pra ele.

Eu disse: “Ann...”

Ela disse: “Veja bem, ele vai conseguir em algum lugar; se dou pra ele, pelo menos ele vai voltar pra casa.”

Então ela deu o dinheiro, e Sid e Jerry Nolan saíram por um tempo. Talvez tenham mesmo pego coca, porque voltaram muito rápido. Depois fizemos um jantar festivo legal. Bebemos cerveja. Começou a ficar tarde, e o clima da festa mudou, sabe? Praquilo que sempre odiei na cena. É por causa disto que nunca fui muito a fim de injetar droga, porque você está se divertindo e de repente todo mundo começa a correr pro banheiro. Se você vai usar drogas, use na frente de todo mundo. Não fique correndo pro banheiro. É grosseiro.

Eliot Kidd: Tive uma overdose na mesma noite em que Sid morreu. Estávamos todos numa mesa do Max's, e um inglês amigo meu chegou na nossa mesa e disse que tinha uma coisa muito, muito boa. Na verdade não estávamos planejando usar droga naquela noite. Acho que tínhamos tomado Quaaludes.

De qualquer modo, esse amigo disse que tinha droga. Voltamos pro apartamento de Sheila, e o cara que trouxe a droga de Londres disse que ia me aplicar no banheiro. A gente entrou no banheiro de Sheila, e apaguei. Soube no ato, logo que apaguei – soube que estava dançando.

Saí da porra do banheiro e disse: “Acho que deu pra mim.”

Ouvi Sheila começar a gritar: “Você não vai morrer no meu apartamento!”

A última coisa que eu disse foi: “Sheila, cala a boca!” E quando dei por mim de novo tinham se passado quatro horas.

Eileen Polk: Começou a aparecer mais gente, e sei que foi o cara inglês que chegou tarde da noite que trouxe droga pra Sid. O inglês tinha uma droga boa pra caramba. Eles começaram a ir ao banheiro, e depois Sid foi pro banheiro. Quando saiu, estava todo branco e azul. Tivemos que pegar cobertores e enrolá-lo. Daí ele desmaiou na cama, e todo mundo ficou massageando e sacudindo ele.

De fato foi meio apavorante, e então ele acordou e disse: “Oh, uau, lamento ter assustado vocês.”

Howie Piro, Jerry Only e eu dissemos: “Isso está ficando mau. Vamos embora.”

Eu não queria participar de uma festa de drogas porque realmente não queríamos ver Sid usando drogas. Queríamos que ele ficasse desintoxicado, porque ele parecia muito melhor depois de ter ficado na cadeia. Parecia melhor do que jamais estivera antes.

Eliot Kidd: Era óbvio que eu ia continuar vivo. Na verdade, eu conseguia caminhar, mas estava mais a fim de deitar. Sean me disse: “Se você deitar, tome cuidado pra deitar de barriga pra baixo. Porque, se estiver de costas e desmaiar e vomitar, vai morrer sufocado.”

Debbie me levou pro apartamento dela. Sheila morava no sexto andar, e Debbie morava no décimo primeiro. Daí já é de manhã, quase nove horas.

Debbie diz: “Vou sair pra pegar um café da manhã pra nós.”

Ela sai, e de repente estou sozinho. Fiquei com o maior medo de desmaiar. Estava pensando no que Sean tinha dito. Por isso vou ao banheiro e ponho os pulsos embaixo da água enregelante e molho o rosto; faria qualquer coisa pra evitar desmaiar, porque achei que, se desmaiasse, poderia não acordar.

Daí o telefone toca. Era Pam Brown. Ela diz: “Você ouviu as notícias?”

Eu disse: “Não. Vi pouca coisa desde a noite passada.”

Ela disse: “Sid morreu.”

Puta que pariu. Aquilo me atingiu como um choque elétrico. Sid deve ter usado a mesma droga. Não pude imaginar onde mais ele teria conseguido droga na noite passada.

Eileen Polk: No dia seguinte Michelle me ligou ao meio-dia. Estava chorando. Ela disse: “Sid morreu.”

A primeira coisa que pensei foi: “Ela está histérica. Provavelmente ele está só dormindo.”

Mas me vesti e corri até lá e vi a multidão de repórteres do lado de fora do apartamento. Quando me viram, disseram: “Lá está aquela garota do tribunal!”

E então começaram a tirar fotos de mim. Corri até a porta, e a polícia me deixou entrar, e então percebi que era verdade.

Ann, a mãe de Sid, e Michelle estavam sentadas no sofá, chorando. Mas Ann sempre agiu como se soubesse que isso ia acontecer, ela só não sabia quando.

Michelle estava histérica. Todo mundo foi ficando irritado pra caramba com ela por estar tão histérica. Ela conhecia Sid no máximo há umas duas semanas. Por isso todo mundo falou: “Michelle, por favor, você vai levar a mãe dele à loucura. A pobre mulher já aguentou demais. Você tem que fazer uma cena?”

Então Ann me contou o que aconteceu. Ela foi dormir no sofá da sala. Sid tinha que sair pra alguma coisa na manhã seguinte, tratar da fiança, sei lá, alguma coisa relacionada ao tribunal. Ela foi ao quarto lá pelas sete da manhã, bateu no ombro dele e percebeu que ele estava morto. Michelle estava deitada perto de Sid na cama, então Ann acordou Michelle.

É possível que ele tenha injetado mais droga. Mas, depois de uma overdose, pegar no sono é suficiente pra matar. Se você toma uma overdose, tem que beber montes de café e ficar caminhando pra garantir que ela saia do seu organismo, porque pegar no sono pode desacelerar seu corpo o bastante pro seu coração falhar. Assim, é possível que Sid tenha tomado uma das pílulas de Michelle. Pode ter usado mais droga. Pode simplesmente ter pego no sono. Aparentemente, a heroína que ele tinha usado era realmente pura, tipo noventa e nove por cento pura. Foi isto que os tiras me disseram.

A polícia voltou ao apartamento e disse: “Agora precisamos levar Ann e Michelle. Você se importa de ficar aqui com o corpo e atender o telefone?”

Eu disse: “Oh, tudo bem.”

Mas o telefone estava no quarto.

E o corpo estava no quarto.

Então fiquei lá sentada na cama com o corpo de Sid. Fiquei três horas no quarto com Sid morto. E não tinha mais ninguém no apartamento.

Mandaram trazer o saco pro corpo e tudo mais, mas demorou um tempão pra chegar. Cheguei lá às oito da manhã, e estava escuro quando removeram o corpo. Quando Michelle e Ann foram pra delegacia de polícia eram umas seis da tarde. E então fui deixada lá tipo das seis às nove, atendendo o telefone. E foi muito revoltante, porque pessoas com sotaque inglês fajuto ligavam e diziam que eram parentes e: “Oh, ouvimos falar”, e eram do *Daily News*.

Eu sempre os pegava porque sabia o nome dos parentes de Sid. Assim, eu dizia alguma coisa do tipo: “Oh, você falou com Susie, a irmã dele?”, e diziam: “Oh, sim. Recém falamos com Susie”, e daí eu batia o telefone na cara deles.

New York Post , 2 de fevereiro de 1979: SID VICIOUS É ENCONTRADO MORTO. “O astro do punk rock Sid Vicious foi encontrado morto, aparentemente por suicídio, num apartamento em Greenwich Village, informou hoje a polícia. A polícia informou que Vicious, de 21 anos, aparentemente morreu de uma overdose de heroína e foi encontrado deitado de costas na cama do apartamento de uma namorada, na Rua Bank, 63. A polícia informou que o apartamento pertence a Michelle Robinson. O ex-Sex Pistol tinha saído da cadeia ontem, sob fiança de cinquenta mil dólares. Ele estava preso desde 8 de dezembro, quando sua fiança pela acusação de ter assassinado a namorada, Nancy Spungen, fora revogada, depois de ele ter atacado o irmão de Patti Smith numa discoteca de Manhattan.”

Eliot Kidd: Acho uma vergonha que tenham encerrado o caso de Nancy quando Sid morreu. Alguém escapou impune do assassinato.

Não acho que Sid realmente soubesse o que aconteceu. Quer dizer, ele não era testemunha da morte de Nancy. O que ele me contou foi que levantou, foi ao banheiro, e ela estava caída lá, morta. A gaveta onde estava o dinheiro deles estava aberta, e o dinheiro tinha sumido. Isto era tudo o que ele sabia.

Imagino que os tiras pudessem criar uma cena em que ele acordou, descobriu que ela tinha gasto o dinheiro em droga, por isso matou-a. Suponho que os tiras estivessem indo nesta direção, porque acusaram Sid de assassinato em segundo grau. Não acredito que eles ganhassem o caso. Acho que ele seria considerado inocente.

Mas não creio que os tiras estivessem interessados em descobrir quem matou Nancy.

Eileen Polk: Ann ficou na casa da minha mãe porque não queria que a imprensa soubesse onde ela estava, e concluí que era o melhor lugar pra ela ir porque não sabiam nada a meu respeito. Tudo que sabiam era que eu era a garota punk de cabelo loiro e pensavam que eu era da Inglaterra. Assim, era perfeito.

Por isso, depois que Sid morreu, Ann ficou na casa da minha mãe por duas semanas e bebeu e chorou o tempo inteiro.

Não conseguíamos um lugar que fizesse o funeral em Nova York sem nos cobrar um zilhão de dólares, porque era Sid Vicious. Foi difícil, porque queríamos encontrar um cemitério legal, pra que as pessoas pudessem visitar o túmulo dele.

Em vez disso, acabamos num lugar em New Jersey que cremou Sid, depois levamos as cinzas até a Filadélfia porque Ann queria colocá-las no túmulo de Nancy.

Enquanto estava vivo, Sid sempre dizia: “Quando eu morrer, me enterrem perto de Nancy.” Queríamos que eles ficassem juntos, por isso ligamos pros pais de Nancy e perguntamos se poderíamos ter um local de sepultamento perto de Nancy. Disseram que não.

Ann conversou com eles. Falou pra Sra. Spungen sobre o quanto gostaria de fazer amizade com ela porque sentia que as duas estavam no mesmo barco e que ela se sentia muito mal a respeito da coisa toda e que não havia nenhum rancor. Mas a Sra. Spungen ficou naquela: “Tudo bem, não vou culpar você, mas me deixe em paz.”

Então eu, Howie Pyro, Jerry Only, Ann e Renee, irmã de Ann, fomos de carro até a Filadélfia pra colocar as cinzas de Sid no túmulo de Nancy. No caminho pro cemitério paramos porque, antes de chegar lá, queríamos ver como eram as cinzas. Então abrimos a urna no banheiro de um centro comercial onde tínhamos parado pra almoçar, e foi muito estranho porque fiquei naquele banheiro feminino com Ann e a irmã dela, espiando as cinzas de Sid.

Nunca tínhamos visto cinzas antes. E elas são duras pra caramba. É como se as comprimissem numa lata, como uma lata de óleo, e você tem que forçar pra abrir, como uma daquelas latas fechadas a vácuo. Ela são solidamente comprimidas. Mais parece cascalho do que cinza. Parece uma lata de cascalho fechada a vácuo, mas são os ossos e coisa assim.

Então fomos pra Filadélfia, ao cemitério. Fomos acompanhados por duas pessoas que trabalhavam lá e dissemos pra elas: “Queremos apenas prestar nossos respeitos”, mas elas não foram embora.

Estávamos com as cinzas, mas não queríamos dizer pra eles que tínhamos as cinzas, porque era um solo santo judeu. Nancy era judia, e não judeus não podem ser enterrados em cemitério judeu. Foi isto que nos disseram, mas na verdade não queriam ter nada com Sid Vicious.

Ficamos parados no túmulo, e estava nevando. Estávamos todos chorando. Fizemos algumas orações e deixamos algumas flores.

A seguir andamos até a outra ponta do cemitério. Estacionamos o carro, e Ann pegou as cinzas, pulou a cerca, voltou ao túmulo e despejou as cinzas de Sid no túmulo de Nancy. Daí ela voltou, entrou no carro e disse: “Bem, finalmente eles estão juntos.”

E foi isto aí.

CAPÍTULO 37

Durão demais pra morrer

Matt Lolya: Os Ramones estavam em L.A. fazendo o filme *Rock 'n' Roll High School* e gravando o álbum com Phil Spector quando Dee Dee me mandou ao aeroporto pra pegar a nova namorada dele. Acho que ele me mandou lá dizendo: “Procura uma garota parecida com Connie.”

Então fui até o aeroporto na van, peguei aquela garota parecida com Connie e levei-a pro hotel. Era Vera, e todos nós ficamos espantados com o quanto ela se parecia com Connie. Mas Vera era legal pra caramba.

Sei que pra um monte de pessoas, inclusive pra mim, uma namorada às vezes pode ajudar a manter a calma. Por isso pensamos que era uma coisa boa Dee Dee ficar com Vera, porque Dee Dee tinha sido preso há pouco.

Estávamos no Tropicana Motel, e todo mundo estava lá. Havia um quarto no canto do motel, e todo mundo estava lá; os Dead Boys, os Dictators, os Sick Fucks – todas aquelas pessoas de Nova York –, e havia montes de vodca e pílulas. Então eu e Monte Melnick saímos pra buscar comida, e, quando voltamos, havia um carro de polícia na frente do Tropicana.

E lá estava Dee Dee algemado, sendo arrastado pra dentro do carro-patrulha. No caminho pra cadeia, Dee Dee entrou em coma, ficou inconsciente. Por isso nunca foi pra cadeia. Levaram-no pro Cedars-Sinai e tiveram que lavar o estômago dele. Ele ficou um ou dois dias no hospital.

Dee Dee Ramone: Só sei que acordei no Mt. Sinai e estava com um monte de tubos. Os tiras me bateram na cadeia enquanto eu estava bêbado. Não lembro por que fui preso.

Então Vera chegou, e passamos o Natal no hotel. Havia uma luminária no quarto do hotel, ela recortou uma estrela de papel e colocou lá, e aquela foi a nossa árvore de Natal. Não tínhamos nada pra dar um pro outro. O Natal foi isto.

Naquela época os Ramones já tinham feito turnê por três ou quatro anos, e estávamos completamente falidos. Eu só tinha dinheiro suficiente pra comprar dois malditos Tuinals e uma cerveja por dia.

Então começamos a trabalhar com Phil Spector, porque o plano da gravadora era conseguir tirar um hit do punk rock. O punk rock estava ficando grande, e alguém achou que poderíamos emplacar um disco de sucesso se Phil Spector nos produzisse. Mas foi um pesadelo.

Phil estava completamente fora do juízo. Nunca conheci ninguém mais maluco que ele, mas ele gostava muito de mim. Ele andava com uma arma o tempo todo. Dois sujeitos armados até os dentes andavam com ele.

Joey Ramone: Enquanto estávamos em L.A., Phil Spector ia sempre aos nossos shows e dizia: “Vocês querem ser ótimos ou bons? Porque vou deixá-los ótimos.”

Arturo Vega: Phil Spector foi ver os Ramones no Whiskey, acho que pra conferi-los, e foi quando o conheci. Ele foi com o par de guarda-costas, e pensei: “Esse esquisitão é Phil Spector? Esse pequeno fuinha?”

Fiquei um pouco desapontado e impressionado ao mesmo tempo, porque o cara era muito esquisito. Phil não falou comigo até uma vez em que fui na casa dele, porque eu usava um broche de metralhadora alemã na minha

jaqueta de couro, e ele me perguntou se eu era názi.

Eu disse: “Não.”

Ele disse: “Então por que você usa isto?”

Eu disse: “Gosto de metralhadoras.”

Acho que ele gostou disto, porque me tirou da geladeira. Ele podia torturá-lo se não gostasse de você. Phil começava a pegar no seu pé, insultá-lo, dizer palavrões pra você e tudo mais.

Dee Dee Ramone: Uma noite Phil sacou o revólver e não nos deixou ir embora. John tratou do caso. Ele disse: “Corta essa, Phil, ou vamos embora.”

Phil disse: “Certo, experimentem ir. Não vou deixar vocês irem embora.”

Tivemos que ficar lá por um dia, e ele nos reteve com aquelas armas. Tivemos que ficar lá na sala e ouvir “Baby, I Love You” sem parar.

Eu não sabia o que ele estava bebendo. Não conseguia descobrir, porque ele estava com uma taça dourada cheia de pedrarias. Parecia Drácula bebendo sangue. Por isso eu disse: “Phil, me dá um pouco disso aí.”

Ele disse: “Ok, Dee Dee”, e era vinho Manichewitz, ha, ha, ha.

Arturo Vega: Fiquei sabendo que Phil Spector tinha mantido Dee Dee como refém no dia seguinte ao acontecido. Dee Dee estava completamente apavorado. Às vezes Dee Dee não tem uma noção exata da realidade, por isso não pôde ver a piada naquilo. Ele pensou que Phil poderia ficar seriamente perigoso. Mas acho que Phil poderia mesmo.

Joey Ramone: Se um estranho entrava na sala – parava tudo no estúdio. Phil ficava todo enlouquecido. Ninguém que ele não conhecesse podia entrar. E ele tinha uma vagabunda andando pelo estúdio e a insultava. Acho que ela era paga pra isso, pra aguentar aquele abuso. E a sala de controle parecia uma porra de uma geladeira.

Arturo Vega: Phil Spector era doido varrido. A casa parecia um museu – ele

tinha toda aquela parafernália estúpida espalhada por todo o lugar. Parafernália promocional barata, aquelas coisinhas que as gravadoras e as estações de rádio fazem pra promover a banda, sabe? Coisa barata. Estou certo de que tudo tinha seu significado e tinha alguma importância pra alguém, mas lembro que eu pensava: “Esse sujeito deve ter dinheiro, por que ele tem que ter toda essa tralha aqui? O que há de errado com essa gente rica, por que eles não sabem como viver?” Ha, ha, ha.

Dee Dee Ramone: Começamos a fazer o filme de Roger Corman *Rock 'n' Roll High School* ao mesmo tempo em que fazíamos o disco de Phil Spector *End of the Century* .

Nunca li o script de *Rock 'n' Roll High School* . Eu estava totalmente fora do ar. Se você reparar, não digo uma palavra no filme. Havia frases pra mim e coisas pra eu fazer, mas não consegui atuar. Não consegui fazer coisa nenhuma. Assim, fizeram o melhor que podiam com o que tinham.

Linda Stein: Dee Dee deveria dizer uma frase no filme, alguma coisa do tipo: “Tem pizza?”, ou: “Podemos conseguir pizza?”, ou: “Peça pizza” – alguma coisa sobre pizza. Ele tinha uma frase, não conseguiu dizer. Fez uns quarenta takes. E todos nós estávamos muito nervosos porque Dee Dee não conseguia. E não conseguiu! Tentamos ensaiar Dee Dee e tudo mais, mas sabíamos que ia ser um problema, e foi um problema.

Dee Dee Ramone: Acontecesse o que acontecesse, nos tiravam da cama. Faziam a gente levantar às duas da manhã pra estar lá às dez. Isso é uma das coisas a respeito dos Ramones, eles eram muito organizados. Durante o filme, a gente filmava de dia e compunha pro álbum *The End of the Century* à noite.

O diretor, Alan Arkush, era um cara legal. Fez um milagre com o que tinha pra trabalhar. Acho que o filme fez a banda baixar de nível, pra estupidez. Fez o grupo parecer muito estúpido, e os Ramones não eram um grupo estúpido. Mas este filme foi o beijo da morte. Depois de fazer o filme, Alan teve que ser hospitalizado. Teve um ataque cardíaco e tinha apenas trinta e oito anos de idade.

Joey Ramone: No fim o álbum custou uns setecentos mil dólares porque Phil

simplesmente ficava remixando e remixando. Finalmente Seymour falou pra ele: “Olhe, Phil...”, sabe como é, que eles queriam como estava, porque Phil simplesmente não ficava satisfeito nunca. Queria remixar o disco inteiro, tudo de novo. É como se ele mixasse e enviasse canção por canção. Era uma loucura.

Dee Dee Ramone: Phil Spector não conseguiu mixar o álbum. Teve um colapso nervoso depois que o álbum estava gravado. Lembro que eu estava indo pra casa com a banda, saindo da gravadora em Nova York, e colocaram alguma coisa do álbum – acho que “I’m Affected” ou coisa assim –, e não pude acreditar no quanto era medonha. Era horrível. Eu odiava “Baby, I Love You”. Acho que algumas das piores merdas que já compus foram parar naquele álbum. Era eu no meu pior, mas tivemos dois hits na Europa com o álbum – “Baby, I Love You” e “Rock ’n’ Roll Radio”.

Arturo Vega: Quando Dee Dee casou com Vera, pensei que fosse uma boa ideia – qualquer coisa pra manter Dee Dee sob controle. Além do mais eu gostava de Vera; acho que ela era boa pra Dee Dee, e você sempre espera o melhor pras pessoas que se casam. Acho que o amor é um grande remédio pra muitas doenças. Acredito no poder do amor, por isso pensei que o casamento fosse ser bom pra Dee Dee.

Linda Stein: O sensacional de Dee Dee é que ele dormiu com todo mundo. Dee Dee dormiu comigo, Dee Dee dormiu com Seymour, acho que dormiu com Danny – quer dizer, Dee Dee dormiu com todo e qualquer um. E ele fazia você se sentir bem. Quer dizer, ele era um amante profissional! Por isso todo mundo se apaixonava por Dee Dee.

Então Dee Dee e eu tivemos uma espécie de caso. Quer dizer, lembro de um Dia de Ação de Graças – Seymour sempre estava fora do país quando era feriado americano, porque era um workaholic –, era Ação de Graças, e Dee Dee e eu saímos pra jantar e depois nos hospedamos num hotel na Rua 64 com Park Avenue e passamos a noite – Ação de Graças com Dee Dee Ramone e sua jaqueta de couro. E sou mãe de dois filhos!

Assim, quando descobri que Dee Dee ia se casar, não pude acreditar. Danny Fields e eu sempre pensamos que Dee Dee deveria ter um caso com Farrah Fawcett ou alguém bem famoso. Pensávamos que ele poderia ser como Cher,

tendos casos contínuos com pessoas famosas.

Mas ele escolheu ser completamente domesticado e fixar residência em College Point, em Whitestone, Queens – com seus talheres e todas as suas louças, seu conjunto de sala de jantar, seu sofá da sala e sua tevê colorida. Queríamos comprar um presente bem prático pra ele, mas ele já tinha tudo. Eles tiveram um casamento de verdade, tiveram um conjunto de sala de jantar de verdade, tiveram tudo, menos a lua de mel – porque ele partiu pra Helsinki em turnê com a banda na manhã seguinte.

Dee Dee Ramone: Quando não estava em turnê com os Ramones, eu ia pra casa, pro meu apartamentinho térreo em Whitestone, Queens. Whitestone é uma zona entediante de classe média onde Vera e eu moramos por dez anos. Nunca me senti em casa lá. Me sentia paranoico.

Se eu queria fazer uma tatuagem, tinha que ir ao psiquiatra com Vera e debater o assunto. Vera ficava completamente demente no que se referia a mim e tatuagens. Briguei com ela por causa de cada uma das que fiz enquanto estávamos juntos. Eu sentava lá, e Vera e o psiquiatra tentavam me tirar da minha integridade com uma lavagem cerebral.

Daniel Rey: Quando eu estava compondo canções com Dee Dee, ele ia e voltava de vários médicos – psicólogos, analistas, terapeutas –, e ajeitávamos nosso horário de composição entre um dos compromissos médicos dele e outro.

Ele dizia: “Tenho que ver o Dr. Blahblahblah, por isso vou estar pronto às quatro, em seguida tenho que ir ao Dr. Blahblahblah.”

Vera dava cinco dólares pra ele, só o suficiente pro táxi até em casa ou pro táxi até lá. Mas não o suficiente pra comprar nada na rua, só o suficiente pra chegar aqui e voltar. Era muito triste.

Quando ele estava muito medicado, com um monte de drogas que alteram o estado mental, prescritas pelos médicos, parecia realmente uma espécie de zumbi ambulante. O que era uma coisa duvidosa. Todo mundo – a mulher dele, Monte e os médicos – parecia querer que ele tomasse aquilo porque o deixava mais controlável. Era como alguém numa clínica – encham de

Thorazine pra que não ponha as paredes abaixo, mas a pessoa bem que poderia estar morta.

Por isso era triste. Dee Dee cheirava a drogas prescritas em receita médica.

Bob Gruen: Conheci Vera porque ela era amiga da minha assistente, a garota que era minha assistente de fotografia na época. Eu tinha terminado com minha mulher e, como estava solteiro, minha assistente me apresentou pra Vera, e saímos umas vezes. Então levei-a ao Max's e apresentei-a pra Dee Dee. E ela ficou a fim dele no ato, foi tipo amor à primeira vista. Eles só tinham olhos um pro outro.

Dee Dee estava com Connie, e ela estava realmente encarnada nele, sendo um verdadeiro terror, e a energia psicótica dela estava levando-o à loucura. Lembro de Vera ver aquilo e sentir um pouco de pena de Dee Dee. Ela disse que ele realmente não merecia ser tratado daquele jeito.

Arturo Vega: Depois que Dee Dee estava com Vera, comecei a ver Connie seguido na Terceira Avenida, trabalhando como prostituta. Lembro de vê-la parecendo *muito* mal. Então pensei que era só uma questão de tempo. Tentei falar com ela. Eu costumava falar pra ela tudo que eu pensava que ajudaria, mas naquela época ela já tinha ido longe demais. E a gente estava em turnê o tempo todo, então eu só a via quando estava passando num táxi e ela estava parada na rua fazendo ponto.

Laura Allen: Foi muito triste. Dee Dee me contou que encontraram Connie morta numa soleira. Tinha tomado uma overdose de metadona e Valium, e ninguém reclamou o corpo. Acho que ela não estava em contato com os parentes, e não encontraram nenhum número de telefone ou carteira de identidade, por isso enterraram-na em Potter's Field, em Staten Island.

O que foi muito triste é que pouco antes dela morrer Dee Dee a via trabalhando como prostituta na Rua 11 com a Segunda Avenida. Ele tentava dar dinheiro pra ela, mas ela sempre fugia porque estava muito envergonhada. Ela parecia realmente mal, como se não estivesse se dando bem.

Dee Dee Ramone: Johnny Ramone me contou que Connie tinha morrido. Ele

me telefonou. Ele disse: “Connie está morta.”

Eu disse: “Oh.”

Não pude dizer nada porque Vera estava lá. Não pude lamentar porque estava com Vera. Não pude mostrar nenhuma emoção a respeito porque Vera era ciumenta.

A última vez que vi Connie ela estava fazendo ponto. Eu ficava na van esperando que pegassem Joey na frente do edifício dele, e Connie estava sempre trabalhando naquela área. Tentei dar algum dinheiro pra ela, pra que ela pudesse comprar droga e coisa assim. Ela parecia muito mal. Não sei por que alguém a amaria, mas eu amei.

Depois ouvi dizer que uma garota estava tentando juntar dinheiro pra comprar um caixão pra Connie e todas as garotas ajudaram, mas então a outra garota pegou o dinheiro e gastou em droga. Fiquei arrasado por causa disso uns anos depois.

Laura Allen: É engraçado, uma vez eu estava conversando com Vera, e ela disse: “Eu realmente odiava Connie, mas depois percebi que o que quer que Connie tenha feito ou o que quer que ela fosse, sempre tentou dar um lar pra Dee Dee. Pelo menos isso tenho que reconhecer.”

Então ela me contou que Connie tinha comprado um sofá. Ela tinha trabalhado e descolado um dinheiro e comprou um sofá pra Dee Dee. Mas Dee Dee teve um ataque de fúria e retalhou o sofá. Arruinou o sofá; todo o enchimento saiu. E Vera disse: “Oh, isto é muito triste porque a pobre Connie deu duro pra comprar o sofá, e Dee Dee o destruiu. Ela estava tentando fazer um lar pra ele, tentando fazer alguma coisa estável, mas com todas aquelas drogas e toda aquela loucura...”

Sempre me senti muito mal por causa de Connie. O fim dela foi tão triste, e sei que Dee Dee definitivamente a amava. Ele a amava de verdade. Acho que provavelmente foi o primeiro amor dele. Ele me falou que os tempos com Connie foram os mais felizes da vida dele.

CAPÍTULO 38

Frederick

Kathy Asheton: Depois do meu irmão Scotty voltar de L.A. e se desintoxicar, ficou morando na casa da nossa mãe. Uma dia ele me falou que Fred Smith e Scott Morgan estavam a fim de que ele tocasse bateria na banda que estavam começando.

Eu não via Fred há muitos anos, mas quando eles começaram a Sonic Rendezvous Band acabei indo vê-los bastante porque achei a banda bem boa. Daí Fred e eu começamos um novo relacionamento.

Passei os dois anos seguintes andando com ele, indo aos shows e me divertindo. Mas aqueles também foram tempos de muito álcool. Não eu, mas aqueles caras estavam bebendo um monte.

Fred me atraía fisicamente, porque ainda tinha ficado alguma coisa da primeira vez que o encontrei, além do mais eu estava completamente maluca por ele. Mas não pensava naquilo como amor, tipo: esse é o homem pra mim, vamos montar uma casa com uma cerquinha de madeira branca – nunca houve esse tipo de coisa. Era só sair juntos – parceiros, sabe?

Quando Patti entrou em cena, lá por 78, primeiro pensei comigo que era legal que ela estivesse na Sonic Rendezvous Band, mas que não era tão legal que estivesse se mudando pro meu território, ha, ha, ha.

Àquela altura, Fred e eu estávamos envolvidos há uns dois anos e, embora fosse completamente ocasional, era evidente pra todo mundo em volta que éramos um casal. Mas, quando Patti começou a vir aqui pra tocar, e daí a Rendezvous começou a abrir pra ela, então ela começou a ficar a fim de Fred.

Bebe Buell: Quando Patti Smith decidiu parar – quando decidiu que ia se casar e se tornar uma dona de casa –, a única pessoa que sabia era Todd Rundgren. Ele estava produzindo *Wave* e era a única pessoa que sabia que seria o último disco dela. Ela não contou nem mesmo pra banda. Então Todd me contou, mas jurei manter segredo – nunca tive permissão pra revelar pra Patti que eu sabia –, mas uma vez fui ao estúdio e comecei a chorar, e Patti disse: “Que há de errado com você, porra?” Eu estava berrando, e Todd me

levou pra fora.

Eu estava naquela: “Não quero que esse seja o último disco dela.” Naquele tempo eu era bem mais adolescente nos meus sentimentos sobre rock & roll. Pra mim era uma perda inacreditável; considerava uma morte na família. Talvez pensassem que era apenas o último disco – “Grande coisa, agora vou ser dona de casa” –, mas levei aquilo muito a sério.

Patti me contou que estava apaixonada por Fred Smith, que queria casar e ter filhos e que era muito legal que Fred tivesse o mesmo sobrenome que ela, porque ela não precisaria trocar o nome.

Ela viu Deus – foi simplesmente isto.

James Grauerholz: Patti me disse: “Encontrei o homem que amo, e tudo que estive procurando na minha vida foi um homem pra amar. Quero ter filhos, ser uma boa mãe e uma boa esposa, e é só isso que quero fazer.”

Aquilo me pareceu muito sincero. Eu disse: “Certo.” Quer dizer, um monte de gente ficou completamente surpresa e chocada, mas não fiquei surpreso. Porque ao longo de todo o lance revolucionário de SOU RIMBAUD, SOU BAUDELAIRE, SOU BURROUGHS, havia uma característica muito forte de cantora de dor de cotovelo – uma Billie Holiday. Quer dizer, a arte estava ali, mas em princípio ela largaria tudo por um bom homem.

Lembro de certa noite sair numa limo com ela e Lenny de um show em New Jersey. Era uma longa viagem de carro, e Patti estava lendo uma biografia de Rodin, o escultor. E a preocupação dela era com aquela mulher que era amante de Rodin, que tinha feito tudo pela carreira de Rodin. Sabe como é, por trás de um grande homem...

Todos os heróis de Patti geralmente eram homens heroicos, mas suas heroínas não tendiam a ser Joana D’Arc – a líder forte –, mas o tipo não reconhecido, deixado-de-lado-pela-história, da mulher que ficava por trás.

Jay Dee Daugherty: Os dois últimos concertos do Patti Smith Group foram em Bolonha e Florença. Patti ficou numa situação muito assustadora em Florença. Era um grande estádio de futebol, e tinham perdido o controle

sobre a multidão. Boa parte da plateia tinha entrado de graça – numa espécie de derrubada de portões. Parte do acordo que o promotor teve que fazer com o partido comunista local era de que eles iriam garantir a segurança.

O concerto seguiu sem muitos incidentes, mas depois ficamos trancados no backstage porque os palhaços dos seguranças tinham fechado um portão de ferro e ninguém tinha a chave.

Então havia oitenta mil pessoas gritando “Patti, Patti”, sabe como é, indo à loucura, e a banda estava começando a entrar em pânico, tipo: “O que está acontecendo, porra? Queremos voltar pro palco! Quem pegou a porra da chave?”

De repente aqueles seguranças começaram a ficar agitados. Tiraram o resto da banda do caminho e cercaram Patti – iam carregá-la embora num carro. Patti temeu pela própria vida – pensou que fosse ser raptada e ter as orelhas cortadas ou sabe-se lá o quê. Foi nesta noite que Patti ficou de joelhos e rezou. Meio que funcionou, mas achar a chave também ajudou.

Por isso, na noite seguinte a empresária dela, Ina, disse: “Isso não pode acontecer de novo de modo algum – só vamos tocar sob tais e tais condições.”

Mas a noite seguinte foi uma cópia da noite anterior – mesmo tipo de estádio e um longo corredor de azulejos no backstage. E então estou com meu traje de palco – uma camiseta branca, calças de paraquedista transparentes brancas, com um suporte atlético branco por baixo, assim, dava pra ver meu rabo... Sei, parecia uma boa ideia na época, ok? Então estou indo, dobro e tem um *carabinieri* parado ali com uma submetralhadora, e penso: “Oh, merda.” Eram os nossos guardas pra noite.

Houve um tumulto. A plateia foi à loucura. Provavelmente Patti vai me matar por causa da minha interpretação, mas ela estava totalmente numas de fazer a sua própria afirmação, sem pensar muito sobre como isso seria entendido. Não estou dizendo que fosse exatamente egoísmo, mas era tipo: “Isso é o que estou fazendo, e se as pessoas não gostam, incluindo você, Jay Dee, vão à merda.” Na América, a gente estendia uma enorme bandeira americana como pano de fundo durante a última canção. Comentei anteriormente que achava

que, enquanto estivéssemos na Europa, poderíamos suspender aquilo. Sabe como é, esquecer a bandeira. Talvez fosse vista como imperialismo. E o que tive de retorno foi: “Qual é o problema? Você não é um patriota? Você não gosta da América?” Fiquei meio assim: “Uau, deixa pra lá.”

Naquela noite, Patti fez uma longa improvisação ao piano, em cima da qual tocaram uma preleção do papa pelo sistema de som. Aquilo não pegou muito bem pros jovens de Florença. As pessoas ficaram de cara. Talvez pensassem que era sacrilégio ou talvez simplesmente não quisessem mais ouvir aquela merda.

A seguir a bandeira americana aparece, e então as barreiras começam a ser quebradas. Grandes pedaços de madeira com pregos começam a ser atirados no palco. Daí comecei a me lembrar de todas as histórias de horror sobre os concertos de Lou Reed, na Itália, sendo bombardeados. Por isso, logo que vi aquelas coisas vindo, corri até a gigantesca caixa de transporte do órgão B-3, me meti lá dentro e saí quando parou de chover entulho, e começamos a tocar de novo.

Lenny Kaye: Todos os garotos da plateia subiram no palco, e parecia que iam quebrar tudo, mas apenas sentaram no palco. Foi o máximo em respeito e honra. Foi como se aqueles garotos fossem uma metáfora – a gente estava passando o palco pra eles, e agora era a vez deles botarem pra quebrar e mostrarem a que vinham.

Jay Dee Daugherty: Toda a segurança tinha dado o fora. Não restou ninguém. Nada de promotores, nada de coisa nenhuma, nada de tiras. As pessoas simplesmente começaram a subir no palco e estavam passando a mão nos instrumentos e tocando. E a gente estava sendo muito legal, tentando evitar uma situação muito explosiva, por isso eu disse: “Lamento, mas ainda não terminei com essa bateria.”

Esta foi a nossa gloriosa despedida. Mas também foi muito assustador.

Lenny Kaye: Começamos tocando pra duzentas e cinquenta pessoas em St. Mark’s Church e terminamos na frente de setenta mil num estádio de futebol em Florença. Não dá pra inventar uma narrativa melhor que esta.

Jay Dee Daugherty: O término oficial da banda se deu no escritório do nosso contador... Basicamente, Patti disse: “O grupo não existe mais. Vamos terminar de uma maneira graciosa – não vamos anunciar que o grupo está se separando.”

Sei que foi muito difícil pra ela e sei que ela provavelmente pensa que a gente pensa mal dela. Do fundo do coração, espero que ela saiba que eu não.

Não fiquei irritado, mas fiquei devastado. Quer dizer, lá pelo último ano do Patti Smith Group ela estava vivendo em Detroit com Fred, então era algo que eu temia que pudesse acontecer, num nível puramente egoísta. Mas na época não percebi que o grupo era minha identidade. Era quem eu era – eu era o baterista do Patti Smith Group. Eu não era nada, não era eu, era uma coisa. Por isso foi tipo: “Uau. E agora?”

Depois disto bebi um monte, ha, ha, ha, usei um monte de drogas, ha, ha, ha, e gastei meu dinheiro tão rápido quanto pude, ha, ha, ha. Também comecei a me tornar baterista freelance, por isso me mantive muito ocupado.

Lenny Kaye: Quando Fred oficializou o amor deles, Patti se mudou pra Detroit, e ficou muito difícil de manter a comunicação fluindo, já que a cabeça da banda não estava ali. Quer dizer, nosso trabalho era apoiar Patti – ela dava a direção estética –, desse modo, sem isto, ficamos consideravelmente mais lentos. Se você ouvir *Wave*, ela estava dizendo adeus durante todo o disco – nenhum mistério extraordinário nisso.

Podíamos ver aquilo se aproximando porque tínhamos feito tudo. Tínhamos um hit na parada das dez mais, tínhamos levado o rock & roll pra sua próxima encarnação, tínhamos sobrevivido aos nossos sonhos, e a única coisa que faltava era fazer dinheiro, e que coisa mais rock & roll dá pra fazer do que não fazer dinheiro, ha, ha, ha. Isto nunca esteve nos planos, a gente não queria crescer e se tornar uma jukebox humana; e em certos sentidos tínhamos nos tornado prisioneiros do nosso sucesso, porque os estádios na real não eram condizentes com o nosso tipo de show. Quer dizer, não dá pra tocar no Wembley Arena na frente de dezenas de milhares de pessoas e desperdiçar tempo fazendo um improviso de vinte minutos.

Veja bem, *Don't Look Back* era o filme inspirador de Patti. Ela não queria

virar uma prisioneira de seus antigos sucessos, não queria sair e cantar “Gloria”, ela não sentia mais como se Jesus tivesse morrido pelos pecados de alguém, mas não pelos dela. Ela tinha resolvido o que tinha proposto, sua questão artística, e então partiu pra sua próxima arte.

Às vezes a arte é incompatível com relacionamentos, e acho que este também é um dos motivos pelos quais Patti fez de seu relacionamento a sua arte. Acho que pra ela era importante dedicar-se em tempo integral a amar outra pessoa, porque, quando você está criando arte, existe um certo egoísmo envolvido. Às vezes acho que os músicos ou artistas não deveriam nem pensar em ter um relacionamento permanente até estarem com trinta e tantos anos, porque até lá os relacionamentos sempre estarão em segundo plano em relação à arte. Artistas não são os melhores parentes.

Jay Dee Daugherty: Patti quis fazer alguma coisa diferente. Quis fazer música bonita com Fred, e acho que, como qualquer homem normal, ele provavelmente a queria toda pra ele – uma proeza que eu teria tentado levar a cabo se achasse que poderia escapar impune, ha, ha, ha.

Fred era simplesmente o tipo de Patti: um cara alto, taciturno, silencioso. Quando o conheci, pensei: “Oh, um roqueiro de Detroit, esse cara é da pesada. Poderia acabar comigo.” Ha, ha, ha.

Foi química pessoal, e o fator MC5 foi apenas a cereja no sundae. Ela adorava caras altos com dentes tortos. Pra Patti, foi tipo amor à primeira vista.

Lenny Kaye: Às vezes penso em nós como a última banda dos anos sessenta. Gostávamos daquelas enormes canções desconexas, gostávamos de improvisos de vinte minutos. Não éramos os Ramones, não éramos irônicos como o Blondie, éramos como o movimento Pantera Branca, divisão de Nova York.

A gente tinha um monte daquele ímpeto de chutar o balde, daquele fervor, além de uma ligação direta com o Velvet Underground e sua música *noire* urbana. Tínhamos o senso destrutivo dos Stooges, mas também tínhamos um monte de coisas literárias, como “Rocking Rimbaud”.

Kathy Asheton: Fiquei puta com Patti, ha, ha, ha. Nunca a enfrentei. Me senti deixada pra trás, mas, por outro lado, nunca visualizei realmente qualquer estabilidade entre Fred e eu, embora achasse que minha diversão estivesse sendo levada embora.

Lembro de pensar comigo mesma: “Bem, ainda não dei isto por terminado.” Aquilo me deixou puta, mas também me entristeceu, porque era uma daquelas coisas sobre as quais não se pode fazer nada.

Uma vez eu estava indo pra casa da minha mãe, e Patti e Fred estavam no carro na minha frente, indo pra casa da minha mãe pra ver Scotty. De alguma maneira acabei indo atrás deles, e eles estavam juntos, indo pra casa da *minha* mãe, ha, ha, ha. Quer dizer, a audácia!

Fred não a levou junto, Patti ficou no carro, mas ainda assim minha reação foi: “Como você ousa trazê-la na casa da minha mãe!” Dei um olharzinho fulminante pros dois, mas na real não sou do tipo confrontador e por isso pra mim foi só meu olhar fulminante particular e FODAM-SE.

Fred e eu continuávamos falando por telefone. Mas, finalmente, é óbvio, meus telefonemas cessaram por completo.

James Grauerholz: Na verdade, Patti conseguiu uma coisa muito engenhosa. Conseguiu ser um morto do rock & roll sem ter que morrer.

EPÍLOGO

Deixa pra lá

1980-1992

CAPÍTULO 39

Arrebatando a derrota das

garras da vitória

Wayne Kramer: Logo que saí da cadeia montei uma banda e depois de mais ou menos um ano tocando por aí fui pra Inglaterra e fiz um single pra Radar Records. Eu deveria fazer um álbum, mas aí fodeu. Quando voltei da Inglaterra, Johnny Thunders veio pra Detroit com os Heartbreakers.

Os caras da minha banda conheciam um traficante que estava atrás de Thunders e me convidaram pra conhecer Johnny. Disseram: “Cara, Johnny quer te conhecer. Ele é um grande fã seu.”

Então fui lá e me reuni com os Heartbreakers no backstage, e todos eles estavam na maior chapação e coisa e tal. Só pensei: “Cara, não quero entrar nessa. Já estreelei esse filme algumas vezes.”

Mantive Johnny à distância por algum tempo, mas daí ele teve um trabalho em Chicago e não quis usar os Heartbreakers. Perguntou se eu e minha seção rítmica tocaríamos com ele. O dinheiro era bem bom, e eu disse: “Claro.”

A expressão nos rostos dos garotos quando assistiam a Johnny era espantosa. Eles o adoravam. Quer dizer, eu nunca tinha visto aquele tipo de adoração. Johnny fodia com eles; cuspia neles, dava pontapés nas cabeças deles e o caralho, e eles o adoravam.

Olhei aquilo e pensei: “Cara, isso tem potencial. Talvez a gente devesse falar sério sobre essa coisa de banda.”

Como você sabe, Johnny Thunders era capaz de ser realmente encantador quando isso era de seu interesse. Então jogou o encanto dele pra cima de mim. Em todo tempo que ele esteve em Detroit, o máximo que a gente fez foi beber.

Eu não ia usar. Tinha recém-saído da penitenciária. Tinha visto os meus erros de percurso. E não ia colocar Johnny nas minhas conexões de droga porque não queria me envolver naquilo. Estava tentando agitar minha carreira de novo e ganhar a vida; dessa maneira, tudo entre mim e Johnny correu muito bem no Meio-Oeste. Decidimos chamar nossa banda de Gang War.

Quando nos mudamos pra Nova York, e Johnny voltou pro seu elemento natural, voltou a ser um rato de rua drogado. E então me limou de uns contratos. Tentou me contar que Tommy Dean, do Max's, não queria mais contratar a Gang War, queria contratar apenas Johnny, mas que, se eu tocasse com ele, Johnny me daria cem dólares.

Eu disse: “Por cem dólares, cara, vou ficar em casa, obrigado.”

Mick Farren: A Gang War foi uma banda boa por uns dez minutos. Quando ouvi dizer que Wayne e Johnny estavam se juntando, pensei: “Isso vai ser bom até a heroína tomar conta.” E em questão de horas Johnny estava de volta à velha rotina, e em questão de poucas semanas Wayne estava de volta à velha rotina. E tudo virou um pandemônio infernal.

Philippe Marcade: Johnny Thunders me ligou e disse: “Hey, cara, estou começando um grupo com Wayne Kramer! UAU, vai ser sensacional. Yeah, vamos nos chamar Gang War. Quer vir e tocar bateria?”

Eu disse: “Yeah, grande. Vou agora mesmo. Onde vocês estão?”

Ele disse: “Ann Arbor.”

“Mas de que jeito vou chegar em Ann Arbor, porra?”

“Temos um empresário e tudo mais, e temos uma passagem de avião pra você. A gente vai te pegar no aeroporto.”

Então peguei o avião. Mas o único lugar barato que o empresário conseguiu achar pra gente gravar foi um pequeno estúdio que ficava embaixo da casa de um cara, onde faziam jingles, não rock & roll. Então chegamos lá, e o proprietário do estúdio vê aquele bando de trastes sair do carro. Sabe como é, Johnny de camiseta rasgada, completamente detonado, e o proprietário pede pra ver as identidades de todo mundo.

Johnny disse: “Foda-se essa merda, cara, vamos pra algum outro lugar.” O empresário disse: “Fica frio, fica frio.”

Então o empresário começa a negociar com o proprietário do estúdio. O

empresário dizia: “Você está maluco? Esse é Johnny Thunders, dos New York Dolls.”

O proprietário disse: “Não é não, e não tente mentir pra mim porque meu filho que está lá em cima é um grande fã dos New York Dolls; portanto, se você está tentando me passar a perna, vou saber agora mesmo.”

Aí ele diz pro filho descer, um garoto gordão de shorts, que desce, olha em volta e então diz: “É SIM, este é Johnny Thunders!”

Então pegam a mãe, trazem a câmera Instamatic e ficam posando, e Johnny está completamente detonado, ha, ha, ha.

Daí a gente foi pro estúdio, e Johnny parecia completamente desanimado. O proprietário do estúdio, aquele cara fumando cachimbo, de terno, ficava olhando Johnny cantar e dizendo: “Mas ele não sabe cantar!”

Eu disse: “Oh, está sensacional, está excelente.”

Mas o cara disse: “Ele simplesmente não sabe cantar.” Daí ficou me perguntando por que Johnny vivia fazendo jornadas ao banheiro.

Eu disse: “Ele bebe montes de água.”

Então, no final da sessão, o proprietário chegou pra mim, pude ver que ele estava se sentindo mal a respeito de alguma coisa, e tinha uma camiseta limpa na mão. Ele me disse: “Me sinto muito mal porque meu filho estava com uma grande estrela, mas Johnny deve ser muito pobre, está com aquela camiseta velha e rasgada, com buracos. Dê esta pra ele, pra que pelo menos ele tenha uma camiseta limpa pra usar.”

Wayne Kramer: A gente tinha uma expressão que usava pra se referir a Johnny Thunders. A gente dizia que ele estava sempre “arrebataando a derrota das garras da vitória”, porque tudo podia estar perfeitamente acertado, e Johnny conseguia foder com tudo. Uns selos holandeses iam nos dar quarenta mil pra fazer um disco, e ficaríamos com o que sobrasse. Johnny foi lá e tentou convencer o cara a fazer um disco de Johnny Thunders e fazer o acordo direto com ele, mas estava fora de si de chapado, apavorou o cara e

estragou o acordo. Isto era típico dele.

Mick Farren: Depois Wayne se casou com Marsha Resnick. Como isso aconteceu, porra? Não apresentei um pro outro? Acho que Wayne estava perambulando sem um teto; era uma época confusa. Pareceu que Wayne se casou pra ter um lugar pra morar. Deus sabe que a casa de Marsha era grande o bastante, desse modo eles se casaram. Mas ficou ruim bem rapidamente.

Marsha vivia gritando com Wayne: “Por que você não pratica guitarra?” Wayne gritava de volta: “Eu sei tocar guitarra. Vá se foder.” Daí ele vinha pra minha casa, e um tempo depois ela aparecia, e Wayne não a deixava entrar, e ela ficava gritando da rua.

Oh, aquilo ficou completamente incontrolável. Resnick, oh, meu Deus – pelo menos ela fazia boas fotos.

Bebe Buell: Lá por 1980, 1981, Marsha Resnick estava fazendo um monte de fotografias de Johnny e também estava me fotografando, por isso comecei a encontrá-lo seguido no apartamento dela. Começamos a ficar amigos de novo, e acho que Johnny ficou um pouco a fim de mim. Johnny realmente deu em cima de mim durante aquele período, e, se ele não tivesse ficado tão cheio de feridas e coisa e tal, eu poderia ter ficado a fim também, mas ele me assustou.

Vamos ser realistas: Johnny não era uma bela visão. As mãos dele eram inacreditavelmente repulsivas. Estavam todas inchadas como salsichas, feridas e esquisitas o tempo todo. Não gosto de falar desse jeito a respeito de alguém que amo tanto, mas ele me deixou um pouco apavorada. Sabe como é, às vezes você estava falando com ele, e o sangue simplesmente começava a pingar da mão dele... Não era exatamente alguém em quem você quisesse se agarrar.

Cyrinda Foxe: Eu implorava pra Johnny: “Por favor, não morra!” Mas eu sabia que ele tinha ido LONGE demais, cara. Eu chorava, chorava e chorava: “Johnny, por favor, não morra, porque não tenho mais ninguém pra amar ou ser amiga, não sobrou nenhum amigo, por isso não morra, por favor!”

Wayne Kramer: Depois que a Gang War terminou, Johnny tinha aquele cara

de Detroit, chamavam-no de Brim, era um traficante, e o acordo deles era que Brim mantivesse Johnny chapado, Johnny tocasse música, e Brim fosse o empresário.

Foi um bom acordo pra Johnny, exceto que alguém apagou Brim, um de seus parceiros de negócio. Brim foi assassinado enquanto empresariava Johnny, porque ainda estava traficando. Brim negociava grandes quantidades, e acho que alguém disse: “Bem, por que deveria pagá-lo quando posso dar um tiro em você? Por que eu deveria dar vinte mil dólares por essa droga quando tudo que tenho que fazer é apagar você?”

Mick Farren: Bem, acabou tudo, não foi? Eram os anos oitenta. E havia cocaína. Cocaína a dar com pau. E ingerir drogas não requer muito talento, e acho que é por isso que nos rebaixamos até Sid, que, pode-se dizer, foi o produto máximo de todo o movimento punk. Quer dizer, Sid era completamente imprestável, ha, ha, ha.

Desse modo as drogas trouxeram o dinheiro de volta, e Ronald Reagan foi eleito presidente, e, você sabe, a merda foi em frente. De fato esta é a parte triste: os hippies sobreviveram a Nixon, mas o punk sucumbiu a Ronald Reagan, entende? Na verdade o punk não conseguiu encarar um bom desafio.

Quer dizer, olha Lester Bangs, o maior intelectual do movimento punk, esse adventista do sétimo dia, garoto fodido que se ligou ao rock & roll mas não quis lutar até o fim. Lester ficou com a loucura que ele conhecia, loucura periférica, como o sujeito que vai num restaurante chinês e pede a mesma comida porque foi a primeira que ele comeu e isto basta.

Sempre fiquei puto porque o cara não conseguiu fazer nada fora daquele limitadíssimo campo de escrever sobre rock & roll. Não conseguiu nem escrever um livro legível sobre o Blondie; por outro lado, em um certo sentido, ele era melhor escritor que eu, e sou um escritor muito bom. Quer dizer, pega qualquer parágrafo de Lester Bangs e é um texto brilhante pra caralho, mas é tudo sobre a mesma merda. O que estou dizendo é que, se você não vive, é isso que acontece com você.

Me pergunto por que Lester não se sentou e escreveu um romance no estilo de Jim Thompson, porque Deus sabe que ele era prolífico o bastante – quer

dizer, tem um monte de sobras de Lester no chão da sala de edição. Começou a me chatear pra caramba que literariamente ele não estivesse indo a lugar nenhum e parecesse que a única merda que pudesse fazer fosse morrer. É isto que realmente me impressionou a respeito de Lester – pareceu uma porra de um desperdício de cérebro. Porque é absolutamente certo que você não tem muita diversão com uma overdose de NyQuil. Quer dizer, há coisas melhores com as quais morrer.

Bob Quine: Eu dava uns sermões em Lester de vez em quando porque realmente achava que ele fosse se matar. O lance da bebida estava tão fora de controle que eu disse: “Você é um alcoólatra. Você tem que parar.”

Presumivelmente – ele nunca comentou isso comigo, e vi Lester na noite antes dele morrer –, parece que ele tinha ido a uma reunião do AA naquela semana, sua primeira reunião no AA. O que aconteceu foi que ele terminou seu livro, *Rock Gomorrah*, aquele que nunca foi lançado e, tradicionalmente, sempre que terminava um artigo imenso, ou um livro, ele tomava um porre fenomenal. E foi o que ele fez. Ele tinha recém-terminado o livro, estava gripado e queria encher a cara, mas não ia beber. Em vez disso, saiu e comprou todos os tipos de xarope pra tosse, foi ao Mac Donald’s na Sexta Avenida, onde os traficantes de pílulas tinham uma mesa, e descolou punhados de pílulas. Acho que Lester decidiu que ia se atrolhar com pílulas e cometeu um erro.

Ele morreu.

Eu realmente amava este cara, sabe? Ele era totalmente vulnerável e humano. Era uma das poucas pessoas com quem eu podia falar por bilhões de horas no telefone e, estivesse ele bêbado ou sóbrio, o que ele tinha a dizer era interessante. Ele dizia: “Hey, ouve esse trecho que acabei de escrever pro *Village Voice*.” E ele lia trinta e cinco páginas daquilo. Não posso dizer que eu tivesse qualquer coisa melhor pra fazer, era um privilégio. Lester se importava com a música, e em parte foi isto que o matou, porque a música dos anos oitenta era uma merda total.

Por isso eu dizia pra Lester: “Faça o que eu faço – compra apenas aquelas porras daqueles discos antigos de blues.”

Ele dizia: “Bem, yeah, gosto de ouvir isso, mas é muito deprimente pra mim. Sabe como é, é tudo música morta, não há nada de novo rolando agora.”

Eu disse: “Bem, você sabe que é melhor reconhecer isso.” Ele estava tocando pra mim um disco de Lonnie Mack em quarenta e cinco rotações, e era muito legal, mas daí ele disse: “Bem, você sabe, apesar disso... Não há nada acontecendo agora.”

Mickey Leigh: Estive numa banda com Lester chamada Birland, mas não consegui manter as pessoas na banda porque Lester ficava apavorando elas. Por isso enfim também caí fora. Uns meses depois que a gente se separou, talvez um meio ano, lancei aquele single, “On the Beach”. O lado B era “Living Alone”, uma canção que escrevi sobre Lester.

Será que ele soube? “Looking like a farmer in your Sunday best / Walking up the stairs to get a good day’s rest. / Hasn’t worked a day in quite a while / He’s living life his way because that’s his style / and he’s living alone.” *(Parecendo um fazendeiro em seu traje dominical / Subindo as escadas pra tirar um bom dia de descanso. / Não trabalha um só dia há um bom tempo / Está vivendo a vida a seu modo porque este é o estilo dele / e está vivendo sozinho)*

CAPÍTULO 40

Exílio na Rua Principal

James Grauerholz: O filho de William Burroughs, Billy, morreu em março de 1981. E William tinha voltado com tudo pras drogas pesadas no verão de 1978, em consequência de viver em Boulder, enfrentar as cirurgias de transplante de fígado de Billy e sair com aqueles punks de Boulder, que, como muitas outras pessoas, achavam o máximo dar heroína pra William Burroughs.

Aquilo era o maior barato pra eles. Era: “Me piquei com William Burroughs.” Quer dizer, era aquela coisa: “Dá pra superar isto?” Sabe como é, tipo: “O papa rezou uma missa pra mim em seus aposentos.” Certo? Quer dizer, não é isso? Então era nesta que eles estavam. E, quando William voltou

pra Nova York, outras pessoas compravam heroína pra ele. Toda a cena parecia muito horripilante. William estava obviamente tentando esconder alguma coisa de mim e ficou meio imprestável. E meio zozzo o tempo todo. E a pior coisa é, a pior coisa dos junkies é que eles são CHATOS demais. Sentam e falam sobre droga. Como se houvesse alguma coisa a ser dita a respeito.

Então fiquei cansado de toda aquela trip e senti que tinha dado pra mim. Quer dizer, cinco anos e eu tinha escalado o Everest, sabe como é, era hora de fazer alguma outra coisa. Fiquei a fim de uma espécie de retiro. Quis dar uma de Patti Smith. Então enchi um caminhão de mudança de seis metros com todos arquivos e a porra toda do Bunker e atravessei o país até Lawrence, no Kansas.

Na real eu não era a fim de deixar William. Em definitivo, quero dizer; eu me preocupava com ele, amava-o, ainda amo. E por isso fiquei numa espécie de posição intermediária. Saí de Nova York. Mas levei os arquivos, contas bancárias e tudo o mais. Mas ele podia viver onde quisesse, e eu ia lá frequentemente, viajávamos juntos, eu o visitava, e ele me visitava aqui às vezes. E, francamente, eu também estava tentando atraí-lo aqui pra Lawrence pra se aposentar. Porque, na idade dele e com a fama dele, Nova York ficaria intolerável, e ele ia se acabar e ter uma overdose ou beberia até morrer, porque todo mundo ia lá e todo mundo queria se chapar com o Padrinho da Droga, como eles o viam. E era um verdadeiro fenômeno circense: “Vamos ver *Burroughs* .”

James Chance: Quando os Contortions começaram a tocar, uma das minhas principais motivações – acho que é uma motivação pra maioria das pessoas – era apenas mostrar pra todo mundo que eu era tão bom quanto eles. Naquele tempo, a maior parte das pessoas na plateia era aquela gente do SoHo que realmente me irritava. Ficavam parados lá com um tipo de atitude nula, como se realmente pensassem que eram muito bacanas. Não senti nenhum entusiasmo verdadeiro surgindo, por isso pensei: “Seus filhos da puta, vou fazer vocês prestarem atenção.” Um monte daquilo veio simplesmente das minhas próprias emoções – minha fúria e ódio totais.

Mas nunca planejei fazer aquilo no palco. Simplesmente aconteceu certa noite, num show no Millennium. Aquela coisa avassaladora tomou conta de

mim, e comecei a correr entre a plateia e a empurrar e dar encontrões nas pessoas. Comecei a agarrá-las e esbofeteá-las. E andei por todo o lugar, e as pessoas estavam como que recuando, mas lá estava Anya Phillips me dando um olhar do tipo: “Não se atreva a fazer isso comigo!”

Não fiz.

Sylvia Reed: Acho James uma pessoa talentosa, mas quando ele entrou em nossa vida ficou impossível eu e Anya nos vermos. Ela se tornou extremamente errática e, onde quer que eu tentasse vê-la, quando ele estava por perto sempre acabava em briga – briga física – entre ela e alguém, geralmente ele. Houve uma noite na Paradise Garage, o promotor era um verdadeiro ordinário, e é claro que não pagaram nenhuma das bandas. Os leões de chácara grandalhões entraram e deram o toque: “Ok, todo mundo pra fora”, e todo mundo ficou naquela: “Cadê o dinheiro?” A reação de James foi começar a gritar num canto pra atrair a atenção deles. Começaram a ir na direção dele, porque iam atirá-lo pra fora, e James pegou alguma coisa e se cortou com ela.

O sangue dele ficou escorrendo pescoço abaixo, e aqueles leões de chácara grandalhões pararam horrorizados, não quiseram tocar nele, pensaram que ele estava fora de si.

A vida de Anya se transformou nisto, nestas cenas incríveis.

James Chance: Anya e eu sabíamos muito bem que o punk tinha terminado, que era hora de alguma outra coisa. Ela tinha estado na Alemanha e se interessara pelos terroristas de lá – o Bader-Meinhof – e me falou que tinha que decidir se ia se tornar uma terrorista ou se ia entrar em alguma coisa em que pudesse ganhar dinheiro. Ela ficou completamente maluca pelos Contortions, por isso finalmente se tornou nossa empresária.

Quando Anya começou a empresariar a banda, me coloquei inteiramente nas mãos dela. Não no que se referia à música, mas em tudo o mais – meu visual, um monte de coisas, minha vida em geral. Acho que um monte de pessoas teve a impressão de que ela estava me incitando a ser ainda mais maluco e o caralho, mas na verdade era absolutamente o contrário. Ela estava sempre tentando me acalmar e aparar um pouco as arestas. Era como se houvesse um

livre fluxo de ódio e agressão que estivesse começando a adquirir vida própria e também a transbordar pra vida real, especialmente quando eu ficava bêbado. Era divertido, mas começou a atingir um ponto em que estava ficando maluco demais.

Sylvia Reed: Anya nunca chegou e disse: “Tenho câncer.” Ela disse que tinham encontrado um caroço atrás da orelha dela e estavam procurando outros caroços... Acho que ela não aceitou o fato por muito, muito tempo. Estávamos jantando fora quando ela disse isto, e o mais estranho é que ela parecia ótima – tinha perdido bastante peso, estava toda arrumada e muito elegante. Estava muito satisfeita porque tinha perdido todo aquele peso e disse: “Não estou linda?”, e todo mundo concordou: “Sim.”

Depois que eu e Lou casamos, não vi Anya muito seguido, por isso levou cerca de um ano e meio pra eu realmente me flagrar de que ela não estava lidando com a realidade da doença dela. Não estava se cuidando. Não estava tentando conseguir um plano de saúde e estava usando um monte de drogas. Era uma maneira de não ter que pensar no que estava acontecendo. Em algum momento Anya foi pedir ajuda a Debbie Harry, e Debbie ajudou-a a ir pro hospital em Westchester. Eu tinha voltado pra escola em Sarah Lawrence e ia visitá-la no hospital com bastante frequência. Mas depois, quando falava com outras pessoas, elas não estavam sabendo disto.

James Chance: O verdadeiro pai de Anya era um general de Taiwan, um general do exército de Chiang Kai-shek. E a mãe de Anya era uma mulher muito aristocrática de Pequim, que fugiu pra Taiwan quando os comunistas tomaram o poder. Ela era muito criativa – tinha sido roteirista de cinema –, mas quando o pai de Anya abandonou-a, ela se casou com um soldado americano que naquela época era sargento. E ela o fez ficar ambicioso, acho que ele terminou como major ou coisa assim. Mas ele era muito careta, um cara muito careta.

Anya me contou que a mãe dela sempre se ressentiu por ter tido que se casar com aquele cara. Ela deixou bem claro pra Anya que tinha se casado com o padrasto dela pra dar um lar e segurança pra Anya, mas que realmente queria uma vida mais criativa. E aquilo criou um monte de problemas na infância de Anya.

Sylvia Reed: Uma vez ela me disse que não estava com medo de morrer e não parecia com medo, mas sei que no final ela deve ter ficado aterrorizada. Recebi uma ligação quando Lou e eu estávamos morando na Rua Christopher, e ela disse algo do tipo: “Quero que você venha pra Londres comigo”, e eu disse: “Não posso ir pra Londres. Você deveria mesmo estar indo pra Londres? Você não deveria mesmo estar no hospital?” Ela se deu alta e foi pra Londres, e é disto que lembro como a fase que a levou à última hospitalização.

Quando ela voltou, alguém teve que fazer os preparativos pra buscá-la de ambulância no aeroporto e levá-la pro hospital. Acho que deve ter havido outras duas semanas e meia ou três de... Me contaram que ela estava muito mal naquela época. Além do mais, ninguém daquela gente que estava perto dela tinha recursos pra ligar pras pessoas, e, quando ela disse que estava indo pra Londres, me deu a impressão de que: “Oh, ela deve estar muito melhor.” Eu não soube da ambulância e da coisa toda até estar tudo acabado. Não soube que ela tinha voltado até receber uma mensagem, acho que de Roberta Bayley, me contando que Anya tinha morrido. Fiquei... chocada.

Houve uma espécie de reunião, e Lou e eu fomos. Todo mundo comentou: “Oh, o que você está fazendo aqui?” “O que vocês querem dizer com o que estou fazendo aqui?”

Foi quando descobri por Roberta que Anya tinha dado pra todas aquelas pessoas a impressão de que eu a abandonara. Acho que era uma forma de controlar as pessoas mesmo do além-túmulo...

Àquela altura eu aprendera rapidamente que ninguém seria horrível comigo na minha cara, nunca mais, por causa de Lou. Era como se todos estivessem muito excitados porque Lou estava lá. Havia aquela tensão dramática exagerada no ar, e as pessoas diziam coisas sobre Anya que não eram verdade. Quer dizer, acho que depende de quem você é pra ser verdade ou não. Pessoalmente, lembro dela como inacreditavelmente difícil, inacreditavelmente talentosa e inacreditavelmente problemática...

E ela também era muito destrutiva. Mais tarde, cheguei à conclusão de que o problema era: pensei que ela fosse a minha melhor amiga, e ela era mais como uma antiamiga. Era alguém que estava afetando minha vida muito

intensamente... Se fosse pra ser completamente honesta, eu teria que dizer que a morte dela foi uma libertação. Ela realmente conseguiu me dominar como mais ninguém, exceto Lou, e ela sempre o fez, sempre aproveitou cada oportunidade pra fazê-lo.

James Grauerholz: Finalmente o aluguel do Bunker aumentou de trezentos e setenta e cinco dólares pra setecentos e cinquenta dólares, por isso William decidiu se mudar pro Kansas também. É engraçado agora, certo? Mas a gente não podia pagar. E William estava cansado daquilo. E ele disse: “É isto aí. Estou caindo fora daqui. Vou me mudar pro Kansas.”

Logo depois de William chegar aqui, comecei a promover alguns shows em Lawrence, e acabei marcando um show pra Iggy.

Iggy estava maravilhoso, seus olhos eram grandes como a lua, como sempre, e azuis. Ele era bárbaro – quer dizer, era um profissional, dava o show, mas era realmente um terror nas festas... Trepou com todas as menininhas, ficou completamente bêbado, me arrastou pro banheiro pra se livrar de todas as groupies e puxa-sacos. Então ele me arrasta praquela banheirinho minúsculo, fecha a porta e fica esparramado no chão perto da privada, dizendo: “Meu empresário não é bom porra nenhuma. James, você fez tantas coisas ótimas com William, por que não me empresaria?” Enquanto isso a gente cheirava coca na tampa da privada, e fiquei pensando: “É exatamente disso que estou precisando na minha vida, seguir esse maníaco por aí e ser morto...” E então meio que fiquei embromando, tipo: “Oh, cara, que honra, obrigado, adoraria fazer isto, e então poderia ajudá-lo, blah, blah, blah.”

Mais tarde naquela noite a gente foi pra uma espécie de bar de strip-tease frequentado por uns caminhoneiros caipiras de merda. Iggy estava bebendo Black Russians, tipo bang, mais um, bang, mais um. Ele me arrasta de novo, desta vez pro estacionamento, pra falar umas coisas e na verdade estava fazendo aquele tipo de coisa de Lester Bangs: “Cara, ninguém me entende, sou muito sensível, e todo mundo pensa que eu deveria estar muito feliz por trepar com todas essas minas e ter todas as drogas e ser uma estrela, mas provoço dor e estou solitário e preciso de alguém na minha vida pra me estabilizar, James, alguém como você.” A essa altura ele tinha se estirado no chão, apoiado num cotovelo, e eu o imito, porque estou com Iggy, certo, então vou fazer o mesmo que ele, por isso também fico deitado no

estacionamento.

Ouço o ronco de um motor, e o carro estacionado bem na nossa frente começa a dar ré na nossa direção. Então, enquanto Iggy está se debulhando sobre a própria solidão, eu o agarro em meus braços sem avisar e rolo umas quatro vezes, *bump, bump, bump* no estacionamento, pra fora do caminho daquele caminhão, VVRRMMM, o cara nem nos viu e recuou, ERRRR...

De repente, Iggy acorda daquela merda de “sou tão solitário, ninguém me entende” e começa a gritar com o motorista. Ele diz: “Seu porco fodido, seu babaca, você quase me matou, sabe quem eu sou, você poderia ter parado a história do rock & roll. Seu porco fodido, por que você não olha por onde anda?”

O cara diz: “Vá se foder.” Digo pra Iggy: “Vem cá, hey, vamos tomar outra bebida, camarada.” Então o caminhão arranca, e a gente entra na Blockhouse, senta na mesa, e dois minutos depois a porta do lugar se escancara, e o grandalhão caipira babaca entra rachando. Marcha direto pra nossa mesa e diz: “Não gostei do que você disse sobre a minha mãe, bichona”, e dá um murro bem na cara de Iggy, e o sangue esguicha como em vídeos de luta. Só uma porrada, e Iggy caiu de costas numa mesa, todos os copos caíram, e o cara se virou e foi embora – um verdadeiro policial de choque metido numa jaquetinha de couro.

A gente pegou uma toalha molhada e fria com o barman e aplicou no nariz sangrante de Iggy, e ele ficou fungando um pouco. Mas o fato é que, na verdade, os sentimentos de Iggy ficaram feridos, ele fora mal-interpretado, mais uma vez, por aquele caipira grandão e peludo – quem diria.

A gente o levou pro quarto dele. Aquilo realmente reduziu a disposição dele pra caramba. Não houve mais papo sobre aquela história de empresário.

CAPÍTULO 41

Nascido pra perder

Dee Dee Ramone: Rock & roll no piloto automático meio que

dessensibilizou minha revolta. A gente excursionou o tempo todo, sem uma só pausa, durante quinze anos. Eu não aguentava mais pegar a caminhonete – me sentar atrás, olhando pela janela. Ninguém jamais falava comigo. Johnny e Joey não falaram por anos. Houve uma época em que a gente tinha um ônibus com quatro compartimentos separados. John sentava num com sua namorada. Mark sentava noutro com a dele. Joey sentava noutro com Linda, e eu sentava noutro. E, se por acaso víamos um ao outro, aí ficava ruim pra valer. Não podíamos nem sair do ônibus juntos. Não podíamos nem pegar as chaves do hotel juntos. Não podíamos nos ver.

Um monte de coisas nos Ramones estava me irritando. A coisa que estava me levando à loucura era tocar a maldita “Pinhead” (*cabeça de alfinete*) toda noite. Meus dentes ficaram lascados porque eu tinha que cantar o refrão de “Pinhead”. A gente tinha um roadie que pesava cento e quarenta quilos – o nome dele era Bubbles, e ele vestia uma roupa de “Pinhead” e uma máscara de “Pinhead”. Mas era tão gordo que, quando pulava no palco, o palco inteiro tremia, e o microfone em que eu estava cantando batia na minha boca. Eu odiava aquela maldita canção. Fico muito satisfeito por não ter mais que tocá-la toda noite. A única coisa boa a respeito daquilo é que eu pensava: “Deixa eu tocar essa maldita canção, que aí posso dar o fora daqui.” Havia outra canção, “Glad to See You Go”. Quando chegava a vez dela, eu dizia: “Oh, rapaz, três quartos já se foram. Em breve poderei dar o fora desse palco e ir pro meu hotel.”

Eu também estava farto do visual de garotinho, o corte de cabelo tigela e a jaqueta de motoqueiro. Eu não queria ser um garotinho. Eu não crescia. Quatro sujeitos de meia-idade bancando os delinquentes juvenis. Eu estava ficando cheio de tocar num show de revival. Me sentia como um impostor parado lá metido numa jaqueta de couro e com jeans rasgados – como eu costumava me vestir quando pensava que era um merda imprestável.

Bob Gruen: Depois de Dee Dee ter deixado os Ramones, encontrei-o certa noite no Cat Club. Ele me disse: “Não tenho nem mulher, nem namorada, nem banda. Estou completamente sozinho, ninguém me ama.” Eu disse: “Dee Dee, eu te amo”, porque gosto dele, mas isto não o ajudou muito porque ele estava se sentindo muito só e muito limado – ele tinha limado a si mesmo.

Arturo me perguntou se deveriam deixá-lo voltar pra banda, e fiquei dizendo:

“Sem dúvida ele é os Ramones, é Dee Dee Ramone, é o mais Ramone dos Ramones, é o cara do rock & roll!”

Arturo disse: “Yeah, mas é muito difícil com Dee Dee na banda. Deu problemas demais pra todos eles cuidarem de Dee Dee ao longo dos anos.” Os Ramones achavam que nunca poderiam expulsá-lo, porque ele tinha feito muita coisa. Tinha escrito todas as canções e tinha sido como que um mentor pra eles.

Mas, uma vez que Dee Dee tinha ido embora por si mesmo, não precisavam aceitá-lo de volta. E não queriam. Achavam que ele os tinha deixado sem nenhuma justificativa, tinha ignorado-os no meio de uma turnê e dado um monte de prejuízo pra todos sem parecer se importar. E sabiam que não queriam passar por aquilo de novo de jeito nenhum. É por isto que não o deixavam voltar pra banda.

Laura Allen: Eu estava morando com Dee Dee logo depois que ele deixou os Ramones. No primeiro ano que estávamos juntos ele comprou uma arma de algum garoto espanhol na Rua 10. Dee Dee sempre carregava uma faca, sempre teve soqueiras de bronze e todos os tipos de parafernália, mas eu não me preocupava muito com as soqueiras de metal ou a faca. Mas com a arma fiquei meio apavorada, porque uma vez eu e Dee Dee fomos descolar um pouco de maconha na Rua 10 e um tira nos seguiu.

Ele disse: “Ok, aqui, contra a parede. Ok, o que você tem no bolso?”

E Dee Dee estava com a arma. Bem nos jeans, e o tira revistou Dee Dee, e pensei: “Oh, meu Deus, já era. Dee Dee vai pra cadeia.”

Acho que carregar uma arma dá tipo um ano de prisão inafiançável. Então o tira está vasculhando ele, certo, e a erva aparece. O tira era um tira disfarçado, um tira à paisana, e disse: “Oh, você tocava naquela banda, os Ramones, não tocava? Você parece familiar. Você não é Dee Dee Ramone?”

Dee Dee disse: “Yeah, sou.” O tira disse: “Bem, como vai?” E começou a contar que tinha visto os Ramones na escola quando tinha quinze anos. Eu estava pra morrer. Pensei que ele ia achar a arma. Mas graças a Deus o tira não sentiu a arma quando revistou Dee Dee. Então o tira pegou a maconha e

disse: “Se pegar você aqui de novo, teremos que levá-lo.”

Cyrinda Foxe: Deixei Johnny Thunders vir morar comigo quando me mudei pro apartamento de Jack Douglas. Havia um sofá azul-marinho lá, e botei Johnny nele, é claro, porque, cara, ele não podia dormir na minha cama. “Você é meu amigo, durma no meu sofá.” Legal.

Então uma noite Johnny estava dormindo lá no sofá, e saí do meu quarto, e o pancake que ele usava pra se maquiar tinha borrado, e parecia que havia tinta por tudo nele, bolhas azul-marinho, grandes bolhas azul-marinho na pele dele.

Era um sofá escuro, então pensei que ele tivesse suado e aquilo tivesse manchado a pele dele. Quer dizer, foi isto que pensei, por isso, quando ele acordou, eu disse: “É melhor você se lavar, porque acho que a tinta te manchou todo.”

Botei-o no chuveiro e o esfreguei. Ele estava mal demais, mal demais, nunca vi ninguém tão mal na minha vida. Tinha aquelas enormes cicatrizes, caroços e inchaços, e os pés estavam imundos; havia grandes equimoses onde ele tinha se picado, por tudo nos pés, nas pernas, e em qualquer lugar onde ele conseguia se picar. Abscessos por tudo.

Ele estava tão encardido, e eu quis esfregá-lo até tirar o mal de dentro dele. Mas não sabia que ele tinha tomado umas pílulas. Ele estava ótimo e então, de repente, quando entrou na água... Bem, quase me afoguei com ele, quase o matei literalmente, porque ele bateu a cabeça na banheira, e pensei que ele fosse morrer. Fiquei muito apavorada, porque daí o que eu faria com ele?

Laura Allen: Stiv Bators queria montar uma banda com Dee Dee em Paris. Stiv falou pra Dee Dee ir pra Paris, que ia ser uma ótima. Stiv ficou fazendo propaganda da casa, dizendo: “Temos um apartamento enorme. Vocês podem ficar aqui.”

Iam chamar a banda de Whores of Babylon. E Caroline, a namorada de Stiv, tinha um apartamento maravilhoso em Paris. Era um duplex, bacana mesmo. Ela tinha dinheiro, o pai dela era dono de um hotel famoso em Paris, e os pais cuidavam dela, sabe como é, sustentavam-na. Assim, Stiv queria que a gente

fosse ficar com eles em Paris e montar uma nova banda.

James Sliman: Depois que os Dead Boys terminaram, Stiv Bators foi pra L.A., onde fez uns singles poderosos de canções pop com Greg Shaw, e depois se mudou pra Londres e formou os Lords of the New Church.

Os Lords of the New Church tinham contrato com a IRS Records e lançaram, creio eu, três álbuns e um monte de singles. Enquanto estavam na IRS, eram empresariados esporadicamente por Miles Copeland, que na verdade não tinha muita paciência com eles e, pelo que ouvi dizer, não estava a fim de aguentar muita besteirada de Stiv Bators e Brian James, sabe como é – sempre precisando de dinheiro, brigas dentro da banda e drogas. Miles era um homem de negócios e não queria se foder com aquilo e, se eles não atingissem o que ele esperava deles, ele tinha um bando de outros grupos; seria uma preocupação a menos pra ele se eles quisessem se separar.

Pelo que ouvi dizer, quando os Lords of the New Church finalmente terminaram, Stiv Bators descobriu que estava fora da banda quando leu um anúncio que o grupo colocou na *Melody Maker* procurando um novo cantor. Foi assim que ele descobriu. E ficou de cara.

Michael Sticca: Stiv era uma porra de um safado. Me levaram pra trabalhar na equipe dos Lords of the New Church, e falei pra Stiv: “Vai com calma.” Mas Stiv se jogou no monitor, depois ficou naquela: “Oh, minhas costas estão machucadas. Minhas costas estão machucadas.” Daí nós todos tivemos que voltar pra Londres e parar por dois ou três dias e depois continuar a turnê. Stiv dizia: “Oh, minhas costas estão machucadas.” Então eu disse: “Vamos levar você num médico em Londres. Você fica conosco.” Ele disse: “Não, tenho que voltar pra Paris, tenho que voltar pra Caroline.” Todo mundo ficou meio pirado, porque tínhamos a turnê e não deixaríamos de fazê-la de jeito nenhum. A vida de todo mundo ficou em suspenso – ficamos pendurados no pincel. Por isso fizemos audições. Stiv ficou sabendo do anúncio que colocamos pra um novo vocalista, voou de Paris pra Londres e fez um show conosco em Londres. Fez a porra do show e aí disse: “Vão se foder, caras. Estou fora.”

James Sliman: Quando Stiv estava morando em Londres, ele tinha uma garota – Angelica? Alexandra? Não, espera um pouco, desculpa, apaga isto.

Anastasia. Anastasia, porque Stiv sempre a chamava de Stacy. Ela era britânica, bonita, tinha cabelo loiro e praticava bruxaria. Parece que eles fizeram um tipo de casamento, uma cerimônia de bruxaria, mas jamais foi válido ou legal. Mas ele estava completamente apaixonado por ela, e dela eu gostava.

Mas daí, quando ele se juntou com Caroline e se mudou pra Paris, depois dos Lords of the New Church, sempre que eu encontrava Stiv não conseguia manter uma conversação porque ele estava chapado demais. Ou de smack ou de cristal de metedrina, ou de um pouquinho de cada.

Laura Allen: Quando Dee Dee e eu chegamos a Paris, na casa de Stiv e Caroline, foi tudo bem nos primeiros dois dias. Fomos todos jantar com um cara que era o chefe da MTV na França. Ele ficou falando de lançar um álbum dos Whores of Babylon em Paris, e o jantar foi muito legal. Paris é muito linda, muito romântica, legal pra caramba. Mas as coisas ficaram ruins bem depressa.

Johnny Thunders apareceu em Paris mais ou menos um dia depois que nós, e depois disto foi um verdadeiro pesadelo. Acho que ele estava fazendo shows pela Europa e coisa e tal. Stiv era muito amigo de Johnny, e Caroline adorou Johnny, mas Dee Dee tinha dito pra Stiv: “Enquanto Johnny não ficar aqui, tudo vai ficar bem. Não traga Johnny pra cá.”

Acho que Stiv realmente não sabia o que fazer. Ele não era nada a fim de tomar partido, e Johnny estava em Paris naquele momento; assim, no segundo dia que estávamos lá, Johnny apareceu. Naquela hora Dee Dee foi cool, meio que baixou a guarda, tipo: “Oh, tudo bem, com os diabos.” E daí começaram a falar sobre montar uma banda juntos. A coisa até evoluiu um pouco depois que fomos pra Paris: seria Stiv Bators, Johnny Thunders, Dee Dee e um baterista, acho que da banda de Mike Monroe ou do Hanoi Rocks.

Então chegou a hora de ensaiar, e eles decidiram caprichar no visual. Se arrumaram todos pro ensaio. Foi bacana, sabe – todos eles levaram duas horas se olhando no espelho, arrumando os cabelos e colocando roupas bem transadas. Mas daí o motorista da caminhonete apareceu duas horas atrasado. Dee Dee é totalmente rigoroso no que se refere a horário, ele me contou que os Ramones estavam sempre no horário, tudo tinha que ser no horário, e,

embora fizesse um ano e meio que ele saíra dos Ramones, ainda estava agindo como se estivesse cumprindo a escala de horário dos Ramones. Por isso Dee Dee surtou quando a caminhonete chegou tarde.

Stiv ficou naquela: “Você não está mais nos Ramones, está numa cidade diferente, numa banda diferente.” Dee Dee disse: “Não me interessa porra nenhuma. Isso é uma merda, cara!”

Stiv estava tentando nos explicar que Paris é diferente de Nova York e que as pessoas não se afobam, que, se alguém diz que vai sair ao meio-dia, aparece lá pelas duas horas. Que era tudo bem relax. Mas Dee Dee não conseguiu entender. Assim, quando o cara da caminhonete apareceu, duas horas atrasado, Dee Dee estava lívido. Então eu, Dee Dee, Johnny Thunders e Caroline entramos na caminhonete, e daí Stiv e Johnny precisavam pegar drogas. Johnny queria pegar maconha ou haxixe ou coisa assim; então tivemos que esperar enquanto ele comprava drogas.

Dee Dee dizia: “Isso é a maior merda! Johnny está sempre fazendo dessas merdas!”

Stiv disse: “Dee Dee, você não está mais nos Ramones, sabia? Então fica frio!” Eu e Stiv estávamos tentando acalmá-lo, mas Dee Dee saltou da caminhonete, foi atrás de Johnny e o encontrou comendo um falafel e falando com um cara, que, de acordo com Dee Dee, era um artista beat e não tinha nada em cima.

Bebe Buell: Eu achava que Stiv e Caroline eram muito destrutivos um pro outro. Também achava que se amavam de verdade e com certeza sentiam que tinham sido feitos um pro outro. Não acho que eles fossem a melhor influência um pro outro, mas isso não significa que eu não gostasse dela. Caroline amava Stiv de verdade. Foi quem mais o amou. Ela não o abandonou e não o corneou, mas eles cuidavam um do outro? Comiam direito? Acho que não. Dormiam? Nãããh, não acho que isso realmente estivesse nos planos.

Laura Allen: Johnny Thunders vivia dormindo no sofá quando eu e Dee Dee estávamos com Stiv e Caroline – era muito triste. Ele estava se chapando de montão, e logo depois que a gente chegou lá meu relógio foi roubado, meu

óculos escuros desapareceram, e o casaco de Dee Dee sumiu.

Isso foi em janeiro ou fevereiro, e estava frio, por isso, quando o casaco de Dee Dee desapareceu, ele começou a surtar. Imediatamente Dee Dee entrou naquela: “Ok, Johnny está pegando nossas coisas. Isso é uma merda total.”

Então a gente vasculha a mala de Johnny, e Dee Dee encontra o sobretudo dele.

Daí Dee Dee tem um chique. Entra em surto. Àquela altura não consegui controlar Dee Dee, ele ficou na maior fúria. Foi daquelas coisas: “Oh, rapaz, ele vai fazer o que bem entender.”

Lembra a guitarra de Johnny, acho que era uma Gibson Sunburst, Sunburst de 1957? Bem, Dee Dee quebrou a guitarra, depois pegou Drano e detergente de lavar louça e tudo em que conseguiu pôr as mãos – Windex, o que quer que fosse – e começou a jogar em cima das roupas de Johnny, a seguir rasgou-as, esfarrapou-as. Oh, rapaz.

Stiv e Caroline tinham saído, acho que estavam festeando num clube que funciona até de manhã; assim sendo, apareceram às seis da manhã. Quando Dee Dee entrou em surto eram umas dez ou onze da noite, então fiquei acordada a noite inteira tentando acalmá-lo. Dee Dee estava furioso, por isso ficamos de pé, esperando Stiv e Caroline aparecerem.

Quando eles enfim apareceram, Stiv estava numa boa, mas Caroline parecia um pouco maluca porque correu escada acima no ato, se escondeu no quarto e não saiu de lá. Dee Dee estava completamente pirado. Surtando. Surtando completamente. Dee Dee dizia: “O relógio de Laura foi roubado, os óculos escuros dela foram roubados, e achamos meu sobretudo na mala de Johnny! Por que você deixou Johnny vir pra cá se no começo eu avisei, se o plano original não era ter Johnny por aqui? Eu sabia que isso ia acontecer! Eu sabia que isso ia acontecer!”

Dee Dee começa a surtar, agarra uma faca, bota eu, Stiv e aquele cara, Gaba, no sofá. Gaba era um garoto muito legal, um francês de vinte e poucos anos. Gaba era um sósia perfeito de Joey Ramone. Era superfã dos Ramones e obviamente idolatrava Dee Dee e Johnny Thunders –, e Dee Dee botou Gaba

no sofá com uma faca. Todos nós. Foi aterrorizante.

Dee Dee queria droga. Queria heroína. Ficou apontando a faca, sendo verdadeiramente ameaçador, dizendo: “A menos que vocês peguem pra mim, periga eu matar vocês. Vou começar a cortar vocês, vou começar a cortar vocês. Vocês vão ter que me dar drogas, ou então vou matar todos vocês.”

Depois Dee Dee quis que eu o esfaqueasse. Ele disse: “Pega a faca aqui, pega, me esfaqueia, vamos lá, quer brigar comigo?” Eu disse: “Uh, não.” Então ele disse: “Bem, Stiv, quer brigar comigo? Vamos lá, vamos lá, vamos ver se você consegue, briga comigo, aqui, aqui, pega a faca e tenta me esfaquear.”

Dee Dee parecia uma bailarina com a faca. E Stiv – graças a Deus – começou a acalmar Dee Dee dizendo: “Dee Dee, você não é nosso inimigo, lamento muito ter trazido Johnny, mas ele é um amigo, então te acalma. Te acalma.”

Finalmente Stiv fez uma ligação, e um cara apareceu com droga. Dee Dee se chapou e daí se acalmou.

Àquela altura as coisas de Johnny estavam arruinadas, e a guitarra, que tinha sido a vida de Johnny, estava em pedacinhos. E as roupas dele estavam todas esfarrapadas e com Drano. Então Stiv e Dee Dee falaram a respeito, e Dee Dee disse: “Bem, a gente deveria cair fora daqui porque Johnny vai ficar de cara com isso. Obviamente que essa coisa não está dando certo, não vai decolar.”

Aí Stiv teve que ligar pra companhia aérea dizendo que tinha ocorrido uma morte na família, que era uma emergência e que eu e Dee Dee tínhamos que pegar o próximo voo pra Nova York. Stiv acabou chamando um táxi. Ele desceu as malas conosco. Ele era muito legal, e foi a última vez que o vimos.

Cheetah Chrome: Dee Dee foi o primeiro a me falar da briga. Começou dizendo que Johnny Thunders e Caroline estavam tendo um caso, o que era uma completa bobagem. Daí disse que rasgou as roupas de Johnny, quebrou a guitarra e derramou Clorox nas roupas dele.

Eu não sabia por quê. E quando Johnny voltou pra Nova York estava muito,

muito magoado. E Johnny também não sabia por quê. Acho que Dee Dee pensava que Johnny tinha roubado “Chinese Rocks”.

Falei pelo telefone com Stiv em Paris, e Stiv também não sabia por que Dee Dee tinha feito aquilo. Stiv ficou naquela: “Não sei que porra há com Dee Dee, ele estava numa boa e daí, quando Johnny chegou aqui, ficou tudo uma merda.”

Não sei, realmente não sei, mas às vezes realmente não consigo aguentar a mente de Dee Dee.

Patti Giordano: Quando Johnny voltou de Paris começou a ficar comigo no meu apartamento na Rua 22, e ele estava completamente puto com o que tinha acontecido com Dee Dee. Disse que o que Dee Dee fez foi totalmente errado, que Dee Dee era um canalha e que ia acertar as contas com ele. Quer dizer, aquilo era uma coisa verdadeiramente importante pra Johnny, e ele tinha um grande sentimento de vingança ou raiva. Até me esforcei pra consertar a guitarra pra ele. Levei-a ao estúdio, e um dos engenheiros de som da gravadora onde eu trabalhava ia consertá-la pra mim.

Johnny estava morando comigo quando a coisa ocorreu. Johnny estava no Scrap Bar uma noite, e me contou que Dee Dee entrou lá, e Dee Dee não o viu. Então Johnny chegou por trás e tascou um caneco de cerveja na nuca de Dee Dee. Ele me contou que bateu na cabeça de Dee Dee e depois saiu porta afora.

Johnny veio direto de lá pra casa, estava todo animado e disse: “Peguei aquele fodido pelas costas por ter feito o que fez comigo! Peguei ele! Peguei ele!” Parecia um garotinho, sabe como é: “Me vinguei dele!” E foi o fim daquilo.

James Sliman: Caroline me ligou de Paris e contou que Stiv tinha morrido. Tive que ligar pros pais de Stiv e contar pra eles. Parece que Stiv e Caroline estavam caminhando em Paris, e ele foi atropelado por um carro. Supostamente era um motorista bêbado.

Agora deixa eu esclarecer isso. Caroline disse que levou Stiv ao médico, e o médico disse que ele não estava ferido, eles voltaram pra casa, foram dormir,

e Stiv morreu enquanto dormia. Acontece que ele ficou com um coágulo de sangue por causa do acidente, e o coágulo foi pro cérebro, e, nestas circunstâncias, não se deve ir pra casa e dormir, certo, mas ele foi.

Michael Sticca: É engraçado, porque depois de tudo pelo que Stiv Bators e eu tínhamos passado, naquela vez em que ele deixou os Lords of the New Church, naquela porra daquela única vez, eu disse: “Seu desgraçado, seu fodido, você fodeu com tudo, deu a maior cagada abandonando a turnê, volta pra casa em desgraça, blah, blah, blah...”

A única vez que digo estas merdas pra ele, Stiv morre, e nunca mais o vejo.

CAPÍTULO 42

Chega de negócio junkie

Bebe Buell: A última vez que vi Johnny Thunders foi na Limelight, com Lee Childers e umas outras pessoas. Fomos todos ver uma banda que Lee estava empresariando, chamada Rockin Bones ou coisa assim. Johnny estava com um terno lustroso verde e parecia muito mal. As bochechas dele estavam superfundas, e ele tinha aquelas erupções cutâneas, elas pareciam amarelentas, sei lá, não sou médica, tudo que sei é que aquilo me apavorou.

Mas eu ainda o amava e fui de fato muito terna com ele naquela noite. Simplesmente deixei rolar. Dei um grande abraço nele, não me importei, entende? Eu estava muito feliz, então foi daquelas coisas: “Oh, bem, não sei se essas manchas vão pegar em mim também, mas esta noite não me importo.”

Naquela noite na Limelight, Johnny nos contou que estava indo pra Bangkok e que ia pegar uns ternos feitos num lugar maravilhoso que ele tinha descoberto. E que ia conseguir muito dinheiro com alguma coisa que estava fazendo.

Depois Johnny e eu falamos sobre o fato de nunca termos transado. Ha, ha, ha, discutimos isto mesmo. Porque eu disse: “Como é que nós nunca saímos?”

Johnny disse: “Não sei. Por que não saímos?”

Estávamos rindo disso, e Johnny disse: “Sabe, não é tarde demais.” Mas fiquei pensando: “É sim.”

Lee Childers: Bob Gruen levou eu, Bebe, minha banda e Johnny pro vão da escada pra fazer umas fotos. E Johnny parecia uma colcha de retalhos, o rosto dele estava amarelo e branco, quase verde. Ele parecia medonho, simplesmente medonho. E confesso, disse pro meu namorado, um dos garotos da banda: “Olha pra ele e pensa nisso antes de tomar drogas. Olha só pra ele.”

Bob Gruen: A última vez que vi Johnny Thunders foi quando ele voltou do Japão. Ele fez uma turnê lá e, creio eu, foi pra Bangkok depois, comprar umas drogas, comprar uns ternos, sabe. Quando voltou, me ligou às oito e meia da manhã ou coisa assim e perguntou se eu queria me encontrar com ele pro café da manhã. Fiquei surpreso de que ele estivesse de pé, mas pensei que talvez fosse jet-lag ou coisa assim. Só esperava que ele não tivesse ficado de pé a noite inteira.

Então nos encontramos no David’s Potbelly, na Rua Christopher. Johnny chegou atrasado, eu estava parado na frente, do lado de fora, e, quando ele se aproximou, a uns passos de distância, pude sentir o cheiro de coca exalando dele.

Ele estava travado. De qualquer modo, tomamos café, ele comeu não lembro exatamente o que, mas lembro que ele ficou falando sobre ir pra Europa e produzir uma banda na Alemanha. Ele iria pra Inglaterra e pegaria um pouco de metadona, um suprimimento pra alguns meses, e a seguir iria pra Alemanha, onde tinha uma proposta pra produzir uma banda que ia pagar uns dez mil dólares só pra ele ficar no estúdio. E ele tinha uns vinte mil dólares que tinha trazido do Japão.

Os bolsos dele estavam recheados de notas de cem dólares. Era meio esquisito. Na verdade ele me devia cinquenta dólares da época em que a gente saía à noite, eu nem me lembrava. E ele lembrou, me pagou durante o café da manhã, o que eu sempre vi como algo honroso de parte dele. Ele ficou me contando que iria pra Alemanha pra produzir aquela banda. Daí o

objetivo era pegar o dinheiro, ir pra New Orleans e se ajeitar por lá, pegar uns bons músicos de blues locais e gravar um álbum acústico. Este era o sonho dele há um bom tempo, e ele finalmente parecia ser capaz de realizá-lo. Ele tinha ganho um dinheiro, tinha tempo, ia ganhar mais um dinheiro, ia pegar a metadona, sair de Nova York, se desintoxicar, ir pra New Orleans e fazer aquele álbum acústico dos seus sonhos.

Depois do café da manhã fomos à casa dele porque eu tinha perdido um relógio e pensei que talvez estivesse no apartamento dele. Mas no caminho ele quis parar na Rua 12. Ele sabia que eu tinha me desintoxicado e perguntou: “Você se incomodaria se eu parasse pra pegar uma coisa?”

Eu disse: “Bom, pelo menos agita isto rápido.”

Então a gente parou em algum ponto de droga no Lower East Side, e o motorista de táxi ficou de cara porque a zona era realmente perigosa. Montes de tiras na área, e o motorista não queria esperar. Eu disse: “Oh, ele só foi pegar uma coisa com um amigo.”

Finalmente Johnny volta, e a gente vai pra casa dele, na Rua 21, bem em frente à delegacia de polícia. Todos aqueles tiras e recrutas da academia de polícia estão por ali, andando pra cima e pra baixo, e Johnny vai tirar as chaves do apartamento, e aquele enorme pacote de coca cai na calçada. Ele dá uma olhada pros dois lados, tipo: “Tem alguém de olho?” Então recolhe rapidamente pra dentro do bolso e diz: “Desculpa, Bob. Não tenho nenhuma classe.”

Eu disse: “É isso aí, você tem um puta estilo, mas classe não tem nenhuma.”

Jerry Nolan: Johnny e eu ainda nos reunimos pra um que outro show, mas ele ainda podia ser um tremendo pentelho. Quando chegava a hora de tocar, e ele começava a ter chilikues, eu tinha que dizer pra ele: “Johnny, ou você coloca essa guitarra em volta do pescoço, ou vou amarrá-la ao redor da tua cabeça.”

E ele colocava e ia. Ele me adorava por isto. Ele ficava como um cachorrinho e abanava o rabo quando eu falava grosso e ameaçava cagar ele a pau. Ele costumava ser arrogante e tentava intimidar as pessoas, mas, se conseguia te

intimidar, ele passava a te odiar. Se você dava um chega pra lá nele, ele te adorava. Se você conseguia dar um para-te quieto nele, ele virava o teu melhor amigo. Ele precisava de mim por isto. Ele era um pouquinho masoquista.

Então ele estava tentando me fazer ir pra New Orleans com ele. Queria se mudar pra lá e montar uma nova banda. Eu disse pra ele que iria se ele estivesse falando sério mesmo, e ele disse que estava.

Bob Gruen: Naquela noite voltei à casa de Johnny pra vê-lo partir pra New Orleans. O primo dele, Danny, ia levá-lo ao aeroporto. E, enquanto Rachel tentava fazer a mala, ele estava sentado no chão do banheiro tentando achar uma veia.

Eu disse pra ele que esperava que as coisas dessem certo em New Orleans e que ele se desintoxicasse, porque queria muito vê-lo de novo. E ele só deu uma olhada pra mim, pareceu um olhar perdido de despedida. Meio assustador.

O triste é que eu sabia que ele finalmente queria se desintoxicar. Eu estava com ele quando ele voltou de Hazelden, o lugar de reabilitação de drogados, pela segunda vez. Estávamos no Cat Club tomando água mineral, e alguém chegou e disse: “Hey, Johnny, quer fumar um baseado?”

Ele disse: “Não, cara, não. Não estou nessa agora.”

O cara disse: “Hãã, então em que porra de boa você está?”

Mas eu falava pra Johnny; uma vez eu disse pra ele que ele era o Chuck Berry da geração dele. Eu estava tentando dizer que o talento dele é que era grande e que ele seria melhor ainda se ficasse sóbrio. Tentei dizer que ele não tinha que ser um drogado pra vender ingressos, que ele era um guitarrista genial e que embora alguns garotos fossem chegar e dizer: “Oh, ele não despencou do palco hoje”, um monte de outras pessoas diriam: “Ele tocou bem demais.” Quer dizer, ele não tinha que estar drogado. Johnny Thunders desenvolveu um estilo e um som únicos, que todo guitarrista mais jovem que ele estava tentando imitar.

Willy De Ville: New Orleans é um lugar maravilhoso, mas é realmente muito estranho. Se você não se cuida, podem acontecer coisas estranhas em New Orleans. As pessoas chegam aqui de Nova York e pensam que, porque a gente tem árvores nos conjuntos habitacionais, ninguém irá foder com elas. Bem, você tem que ser cuidadoso pra valer. Encher a cara num bar à noite, ou tentar comprar drogas de alguém, ir com alguém pra algum lugar... já desapareceu gente a dar com pau em New Orleans. Este chão exala alguma coisa. Há tragédia aqui, acho que foi deixada pelos escravos.

Foi muito estranho. Geralmente sento na minha soleira todos os dias, perto da St. Peter's Guest House, e toco violão, mas no dia em que Johnny Thunders chegou na cidade eu não estava ali.

De qualquer modo, no dia seguinte ali estava eu de novo, sentado na minha soleira, tocando violão. Era meio-dia, meio-dia e meia, e a gente estava sentado ali, uns caras bebendo cerveja e conversando, e de repente estacionam um monte de tiras.

Naturalmente ficamos conferindo que diabos estava acontecendo. Pensamos que fosse um assalto. Daí alguém conseguiu ouvir alguma coisa e disse que o legista estava a caminho. Começamos a rir, pensando que provavelmente um velho tinha morrido lá com uma vagabunda ou coisa assim.

Daí o legista chegou, e depois o cara da St. Peter's Guest House vem correndo até mim – o pai dele gerencia o hotel – e me diz: “Er, Willy, você mandou aquele cara?”

A maior parte dos músicos e pessoal de gravadora que fica lá vai por indicação minha, porque é perto da minha casa. Então ele me disse: “Você mandou o músico, um rock star de Nova York, pro meu hotel?”

Eu disse: “Do que você está falando?”

Ele disse: “Ele é algum rock star de Nova York. O nome dele é Johnny Thunders.”

Eu disse: “Não.” Eu disse: “Nem sabia que ele estava na cidade.”

Lee Childers: Na noite anterior à morte de Johnny, Bebe Buell tinha ligado e dito que estava fazendo um show da banda dela no CBGB's. Então nós todos fomos, e foi muito divertido, e depois alguns de nós saímos pra jantar e ficamos falando de Johnny.

Ficamos rindo de Johnny e seu dinheiro. Bob Gruen disse que Johnny estivera ali há três dias e tinha dez mil dólares em dinheiro no bolso. Gruen falou pra Johnny: “Você não pode andar com dez mil dólares no bolso. Isso vai te matar. Você vai morrer por causa de dez mil dólares no bolso.”

Mas Johnny falou pra ele: “Não se preocupe comigo. Estou indo pra New Orleans pro festival de jazz, e a gente vai se divertir pra caramba. Não se preocupe comigo.”

Fui pro trabalho no dia seguinte, e lá pelas dez da manhã Gruen ligou e disse: “Encontraram Johnny morto.”

Willy De Ville: Não sei como se espalhou que eu morava do lado, mas de repente o telefone começou a tocar sem parar. A *Rolling Stone* ligou, o *Village Voice* ligou, a família dele ligou, e depois o guitarrista dele ligou. Me senti mal por todos eles. Era um fim trágico, e, quer dizer, ele partiu no esplendor da glória, ha, ha, ha, por isso pensei que eu bem que poderia deixar as coisas bem legais, sabe como é, por uma questão de respeito –, por isso falei pra todo mundo que quando Johnny morreu estava caído no chão com a guitarra nas mãos.

Inventei isto. Quando ele saiu da St. Peter's Guest House, o rigor mortis tinha atingido tal estado que o corpo dele estava em forma de U. Quando se está deitado no chão em posição fetal, dobrado – bem, quando o saco do corpo saiu, estava em U. Foi muito terrível.

Cheetah Chrome: Eu estava tocando no Continental com a banda Lost Generation. Um amigo meu chegou e perguntou: “Ouvi dizer que Johnny Thunders morreu. É verdade?”

Faltavam cinco minutos pra eu entrar, então desci pra pegar minha guitarra e quando subi de novo o cara estava no telefone. Ele me disse: “É verdade.”

Fui pro palco e disse: “Essa é pra Johnny.”

Willy De Ville: No dia seguinte, a menininha que trabalhava na St. Peter’s Guest House chegou pra mim e disse: “Willy, você entraria naquele quarto? Tenho que juntar as roupas e coisas dele pra mandar pra família dele e nunca estive num quarto onde alguém morreu, por isso estou um pouco assustada de entrar lá.”

Eu disse: “Claro, não me importo de ajudar.”

Entrei no quarto, e havia trocados por todo o chão, um monte de dinheiro japonês, roupas e caixas de metadona vazias. Havia uma seringa na privada. Pude sentir que havia alguma coisa estranha ali. Não acho que ele tenha feito a overdose – alguém fez nele.

Conhecendo Johnny, provavelmente ele se registrou no hotel, depois ouvi dizer que ele cruzou a rua até Pound Sterling. Havia aqueles dois sujeitos circulando pelo French Quarter, verdadeira gentinha da rua, também me encontrei com eles. Estavam vendendo ácido.

Acontece que sei que Johnny não tomava ácido. Tenho certeza de que Johnny disse alguma coisa do tipo: “Vejam, se vocês me conseguirem um pouco de cocaína vou colocá-los num quarto de hotel ali.” E alguns apetrechos, se ele não tivesse. Seringas, sabe como é. Então acho que eles trituraram um tablete, e Johnny, pensando que fosse pó, foi pro banheiro e mandou ver. De repente era LSD, e ele deve ter ficado saltando pelas paredes e delirando. Foi isto que a garota que trabalhava na St. Peter’s me contou. Acho que eles deram uma overdose em Johnny, e ele tomou metadona pra baixar a bola. E acho que ele tomou metadona demais, que foi o que o matou. Porque havia duas caixas vazias lá, e isto é suficiente pra matar todo o French Quarter.

Dee Dee Ramone: Meu amigo Mark Brady estava tentando me trazer de volta à cena. Ele estava fazendo um filme sobre Johnny Thunders e me deu uma ponta nele. Depois de terminarmos a filmagem, fomos pro apartamento de Rachel, uma amiga nossa, pra relaxar com uma erva. A gente estava sentado lá, e o telefone tocou. Era Stevie, guitarrista de Johnny Thunders. Tinha más notícias. Johnny estava morto.

Fiquei gelado. Eu não estava realmente certo do que tinha acabado de ouvir. Seis meses antes Stiv Bators tinha morrido, e meu amigo Phil Smith tinha recém-morrido.

Àquela altura a vida parecia não valer muito. Me levantei e fui embora. Fiquei torcendo pra ser o próximo.

Bebe Buell: Bob Gruen e eu fomos ao velório e ao funeral juntos. No velório dava pra ir até o caixão, ajoelhar e rezar. Fiquei sentada lá e, um por um, todos nós fomos até o caixão. Te contei o que disse pra Johnny, não é? Quando cheguei no caixão, disse pra ele: “Bem, você sabe o que vamos discutir: que a gente nunca transou. A gente nunca transou.”

Eu estava na minha conversinha com ele e coisa e tal e, quando levanto pra me virar e voltar pro meu lugar, dou de cara com Steven Tyler, pai da minha filha Liv.

Estávamos chorando, todos nós estávamos chorando, mas eu não sabia que ele estava lá, não esperava vê-lo. Eu tinha recém-terminado minha precezinha pra Johnny e me levantei e acho que Steven também não sabia que era eu, e sabe quando você dá um encontrão numa pessoa? Foi muito bizarro.

Steven Tyler é o menos público de todos os relacionamentos que já tive, porque nunca falei a respeito, jamais, em nenhuma entrevista que dei – coisa nenhuma. Eu fingia que não tinha acontecido. Fingi por anos que Todd Rundgren era o pai de Liv.

Steven Tyler foi um relacionamento muito importante pra mim. Eu queria me casar com ele, sabe? Éramos farinha do mesmo saco. Éramos almas gêmeas. Eu era muito a fim dele.

Cyrinda Foxe: Lamentei muito que não fosse o meu ex-marido, Steven Tyler, que estivesse lá em vez de Johnny Thunders. Steven ficou lá dizendo: “Podia ter sido EU!”

Eu disse: “Como você ousa, como você se atreve? Johnny odiava você! Ele odiava você!”

Oh, fiquei doente, possessa, espumando de raiva. Estava muito perturbada. Eu disse: “É lamentável que não tenha sido você, quem se importa com você. Você nunca se importou com outra pessoa, é ELE deitado naquele caixão. Jesus Cristo, você é repugnante demais. Você é o ser humano mais repugnante que conheço. Quer dizer, como você pode pensar em si mesmo numa hora dessas?”

CAPÍTULO 43

A lista de mármore

Jim Carroll: Eu estava no Mabuhay Gardens, que parecia o CBGB's de San Francisco, tentando azarar uma das garotas das Go Go's. Eu tinha uma coca boa pra caramba, então estava esticando umas linhas no escritório da gerência, a gente estava cheirando umas, e de repente entra Nico.

Ela vê a coca e diz: “Isto é cocaína?” Daí ela diz: “Oh, você é Szhim Carroll. Li sobre você. Você está tão magrinho. E eu tão gorda.”

Ela estava bem gorda e parecia muito mal. Eu disse: “Você fez um som maravilhoso. Pega um pouco de coca aqui.”

Ela ficou muito grata. Ela disse: “Oh, isso é uma coca da boa.”

Eu disse: “Obrigado. Vindo de você é um verdadeiro cumprimento.” Ha, ha, ha.

Ela afirmou que literalmente perdera o dinheiro que tinha recebido pelo show daquela noite, por isso o empresário agendou outro show pra ela, mas depois ouvi dizer que ela estava chapada demais pra fazê-lo. Na época ela estava morando na Inglaterra, e foi a fase em que ela pegou firme nas drogas pesadas.

Paul Morrissey: Nico parecia uma criança, era uma pessoa infantil, muito doce, mas as drogas deixaram-na medonha. Nos anos cinquenta, tinha sido uma modelo famosa por causa daquele visual loiro alemão. Mas com todo aquele veneno em seu organismo, ela quis ficar feia, porque, se você quisesse

ser aceito no mundo da droga, devia ser repulsivo e fazer sons feios. Por isso ela se esforçou pra parecer feia e fazer sons feios, mas era apenas uma trilha autodestrutiva na qual ela entrou quando se ligou em heroína. Ela levou bastante tempo pra morrer, mas na época já tinha parado. Estava usando metadona, mas provavelmente o organismo dela estava debilitado.

Ari Delon: No fim da manhã de 17 de julho de 1988, minha mãe me disse que precisava ir ao centro pra comprar marijuana. Sentou na frente do espelho e enrolou um lenço preto em volta da cabeça. Minha mãe fixou o olhar no espelho e tomou o maior cuidado pra enrolar o lenço de maneira apropriada. Desceu a colina na bicicleta dela: “Não vou demorar.” Ela saiu no começo da tarde, lá pela uma hora, no dia mais quente do ano, trinta e cinco graus.

Paul Morrissey: Nico morreu porque não tinha plano de saúde em Ibiza. Ela usava aquelas detestáveis roupas hippies de lã pra disfarçar sua aparência, que tinha se deteriorado com o vício. E ela estava pedalando, usando aquelas coisas de lã no meio do verão, no maior calor, e teve uma insolaçãozinha que provavelmente teria sido bem fácil de tratar. Mas o cara que a pegou na estrada levou-a a dois ou três hospitais em Ibiza e nenhum deles a aceitou. Finalmente a Cruz Vermelha pegou-a, e ela morreu lá.

Ari Delon: Quando minha mãe morreu, Alan Wise me levou ao cartório de registro de testamentos pra herdar os royalties – e as dívidas. Quando peguei os royalties da minha mãe pela primeira vez, gastei o dinheiro em smack. Eu estava viciado. Estava usando um grama por dia. Por isso liguei pro meu psiquiatra em Paris e passei duas semanas no hospital. Saí da heroína. Daí peguei um cheque do Velvet Underground e comprei uma passagem pra Raroia, no Tahiti. Eu estava usando Valium, maconha e cerveja e fui espancado, depois preso e alguém tentou me matar com um arpão.

De volta a Nova York, estava fora do juízo. Passei o inverno na rua; patrulheiros me acharam no Rio Hudson. Depois caí numa calha de escoamento, quinze metros, num velho moinho de trigo em Staten Island. Hoje tenho pinos de aço nos pés. Trabalhadores me acharam e disseram: “Você é louco?” Talvez fosse. Não tinha dinheiro, nem passaporte, nada. Alguém chamou os tiras, que me levaram pra um hospital psiquiátrico. Me deram cinco choques elétricos na cabeça. Um amigo me tirou de lá e me

levou de volta pra Paris. Fiquei em tratamento em hospitais psiquiátricos de lá por dois meses e depois no sul da França. Agora estou tentando voltar a mim. Ainda não estou forte o bastante, mas, quando estiver, vou confrontar meu pai e farei isso por minha mãe.

Ronnie Cutrone: A reunião do Velvet Underground foi maravilhosa. Fui num dos ensaios deles em Praga, e éramos só eu e os Velvets. Fiquei na minha, encolhido num canto como um fã, com os cabelos da nuca arrepiados.

Por duas horas fiquei encolhido como um garotinho, meus joelhos estavam meio moles, mas fiquei lá, na minha, na maior humildade, pensando em como tinha sido. E ver John Cale e Lou Reed na mesma sala – sem arrasarem um com o outro – era maravilhoso. E o mesmo som de antigamente, só que com equipamento melhor. Eu estava morrendo de excitação.

Maureen Tucker: A primeira vez que minha mãe viu o Velvet Underground foi na Europa, em 1993. Levei ela e todos os meus filhos porque imaginei: “Isto provavelmente vai ser demais.” Eu disse: danem-se as despesas – “Peguem as passagens, nem quero saber quanto custa.” Eu queria muito que ela nos visse porque, quando tocava com os Velvets, eu morava em casa, ganhando uns dez dólares por semana ou coisa assim, e ela poderia muito bem ter dito: “Hey, chega dessa merda.” Sabe como é: “Arruma um emprego e me dá um dinheiro.” Mas em vez disso ela me emprestava o carro dela!

Ela ficou nas nuvens. Oh, ela ficou tão... foi tão maravilhoso... ela realmente ficou tão... nem sei que palavra usar. Primeiro a gente tocou em Praga, e ela ficou estupefata, não só por causa da música, mas por causa da receptividade – todas aquelas pessoas deliravam por nossa causa.

Eu tinha tocado em Praga com a minha banda há uns anos, e depois do show Havel tinha vindo ao backstage pra se apresentar. Tínhamos um intérprete, e ele estava tentando me descrever o que a música e as letras do Velvet tinham significado pra ele e pros companheiros dele quando estavam tentando explodir os tanques russos, se escondendo no mato e indo pra cadeia. Muita gente tinha dito: “Oh, sua música me acompanhou na escola”, e isto era maravilhoso, mas Havel é muito mais que um fã. É muito difícil de descrever. Nem ele conseguiu descrever.

Assim, quando todos nós fomos jantar com ele, pensei que minha mãe fosse ter um ataque do coração. Lá estavam Havel, os Velvets, minha família, Sylvia Reed e umas poucas pessoas que tinham estado naquela coisa do Capítulo 17. Um cara tinha passado oito anos na prisão por tocar rock & roll. Oito anos por estar numa banda.

Havia uma banda que costumava ir pra floresta e fazer concertos secretos com as canções do Velvet. Eles imprimiram letras do nosso primeiro álbum e fizeram uns duzentos livretinhos e distribuíram pra pessoas de confiança, porque era sabido que se alguém fosse pego com aquilo – tremendo problemão.

Então todos aqueles Rasputins estão sentados em volta da mesa de jantar, e agora são tipo secretário de Interior, ha, ha, ha. Estou com cinco filhos e minha mãe, e eles estavam estarecidos, todo o bando. Puta merda.

Ronnie Cutrone: Todo mundo se divertiu muitíssimo, mas a seguir Lou e John voltaram à rivalidade. Na época eles saíram em turnê juntos e, sabe como é, se divorciaram. Foi daquelas coisas: “Nos amamos, mas simplesmente não nos entendemos.”

CAPÍTULO 44

Fim

Jerry Nolan: O passar dos dias está sendo uma dureza pra mim. Fiquei muito solitário e sinto uma falta terrível de Johnny. Não gosto da ideia de viver sem ele. Éramos muito parecidos. Eu não tinha que me repetir. Às vezes nem precisávamos falar e sabíamos o que fazer. Ele nunca teve pai. Eu era como um pai pra ele, um irmão.

Não é justo. Onde quer que eu olhe, vejo clones de Johnny. Poison, Mötley Crüe. Poderia citar uma centena de bandas que têm um clone de Johnny Thunders.

Dei de cara com Keith Richards. Eu vinha andando pela Broadway, pela rua da velha igreja, Grace Church, na Rua 10. Encontrei-o muitas vezes, mas sou

apenas um conhecido. Eu estava deprimido. Estava me sentindo triste. Ele estava encostado numa parede, lendo ou coisa assim, fumando um cigarro, e me viu primeiro. Ele fez um sinal, mostrando que sabia que nos conhecíamos. Era de manhã bem cedo. Não havia mais ninguém, eu e ele, é isso aí.

É claro que ele sabe tudo sobre mim e Johnny Thunders. Keith é o tipo de cara que fica ligado. Ele me dá um típico aperto de mão inglês, frouxo, e diz: “Escuta, Jerry, lamento. Sei como é isto. Não sei o que dizer. Queria ter uma resposta poética. Mas vou dizer uma coisa. De alguma maneira, não sei como, mas de alguma maneira, fique firme. Aguenta firme. Não desista.”

Keith realmente levantou o meu astral.

Mas não consigo dormir, não consigo comer, estou tendo dores de cabeça de novo. Não estou passando os dias muito bem. Me sinto exausto. Mas não quero que as coisas vão pro brejo. Estou me forçando a me barbear.

Cyrinda Foxe: Me senti tão culpada pela morte de Johnny Thunders que fui ao hospital ver Jerry Nolan. Comecei a rezar ave-marias quando o vi.

Um mês antes, tinha visto Jerry numa sessão de fotos de Bob Gruen, e ele parecia grande e saudável, com um cabelão – mas balofo, como um alcoólatra. Não me pareceu doente, só balofo e rosado.

Mas, quando entrei naquele quarto de hospital, vi um homem de cento e dez anos. Simplesmente não era o mesmo homem que eu tinha visto um mês antes. Ali estava uma pessoa pequena e emaciada, como Howard Hughes sem a barba. Rasparam a cabeça dele, ele estava deitado lá com muco, gosma e aquelas coisas encrustadas por todo o rosto, e a cabeça dele balançava pra frente e pra trás.

Cheetah Chrome: Segurei a mão de Jerry no hospital e disse: “Jerry, escuta, cara, não quero te ver desse jeito, sabe? Você não ia querer me ver assim. Estou rezando por você.”

Cyrinda Foxe: Ele tinha tubos, grandes tubos entrando pela boca, e ficava mastigando-os constantemente, tipo: “Ngngngngng.” Ficava mascando, mascando e mascando os tubos, e os olhos dele percorriam todo o lugar, e a

namorada dele me falou que ele não sabia que ainda estava vivo.

Fui lá e olhei pra ele, e os olhos dele olharam nos meus, e ele tinha consciência, tinha pensamentos passando pela cabeça. Ele me olhou e disse: “Eu me lembro...”

Jerry Nolan: Minha mãe casou de novo com um soldado, e a gente se mudou pro Havaí. Moramos em Pearl City. É onde Pearl Harbor foi bombardeado. Minha irmã Rose e eu éramos garotos do Brooklyn. Eu tinha dez, ela uns quatorze anos, uma garota forte, desabrochando. Rose estivera numa gangue e tudo mais. Aquilo foi uma grande mudança pra nós. Tudo que conhecíamos eram cinco quarteirões em Williamsburg e de repente estávamos no Havaí.

Toda semana Rose e eu íamos a um estádio pra ver corridas de patins, e também havia shows de música lá. Foi onde vi Elvis Presley. Estou falando dos anos cinquenta, antes dele se alistar, com Bill Black, Scotty Moore e D.J. Fontana na bateria. Eu estava na terceira fila, tão perto quanto se podia chegar. Dava quase pra tocá-lo.

Cyrinda Foxe: “Eu me lembro.” Sei que ele disse isto, e não há quem possa me dizer que ele não disse. E foi o olhar mais comovente que jamais se viu nos olhos de uma pessoa. Pensei que ele queria dizer que se lembrava de sua época, dos Dolls e tudo mais.

Foi muito triste, e em seguida a coisa do coração, aquela máquina que conectam ao coração, começou a fazer “BEEP, BEEP, BEEP, BEEP!” Toda vez que ele me olhava, a coisa começava a fazer “BEEP, BEEP, BEEP!” Eu não conseguia ir embora, mas estava começando a ficar apavorada porque ele estava se emocionando. Os olhos dele iam de um lado pro outro, e ele ficava mascando os tubos, era doloroso demais de se ver. Senti repulsa por aquele corpinho franzino. Olhei pra enfermeira e perguntei: “O que é isso?” E Jerry me olhou... Não me diga que ele não sabia o que estava acontecendo, ele sabia o que estava acontecendo. Ele se lembrava, ele me disse, ele disse claramente: “Eu me lembro...”

Jerry Nolan: Elvis estava usando uma jaqueta branca, calças pretas largas com uma prega – branca por dentro, com um bordadinho branco. Estava com

sapatos bicolores, brancos em cima e pretos dos lados, sapatos de rock & roll. Acho que ele usava uma camisa de lamé prateado de manga curta. E usava um cinto de fivela, um cintinho fininho, pra ficar cool.

Fiquei completamente excitado. Todo mundo ficou excitado. Eu nunca tinha visto alguém fazer um show como aquele. Eu estava quase sem graça. Era chocante. Eu estava ainda mais interessado na minha irmã. Ela estava gritando e pulando. Fiquei estupefato por ela estar fazendo aquilo.

Numa hora, Elvis se jogou de costas, meio que fazendo uma abertura de pernas, com uma perna apontada direto pra mim. Pude ver que o sapato dele estava gasto. Talvez fosse simplesmente o favorito dele, e ele não quisesse deixar de usar. Mas também fiquei com um pouco de pena, pensando que talvez ele fosse pobre. Mas adorei. Achei que ele se parecia com um verdadeiro garoto de rua de Williamsburg.

Este show, embora aos dez anos de idade, realmente mudou minha vida. Fui dominado por Elvis. Fui dominado pelos músicos. Pude sentir o que é tocar música.

Mas acima de tudo lembro de duas coisas daquele show: minha irmã perdendo completamente o controle e o buraco no sapato de Elvis.

Os personagens²

Mariah Acquiar: Ex-funcionária do CBGB's.

John Adams (também conhecido por The Fellow): Roadie. Ex-empresário de turnê dos Stooges.

Dave Alexander (t.c.p. Zander): Músico. Ex-baixista dos Stooges. Morto em 1975.

Laura Allen: Modelo. Ex-namorada de Dee Dee Ramone.

Penny Arcade (t.c.p. Suzanne Ventura): Atriz. Autora e estrela de *Fag hag*, *Bitch*, *Whore*.

Al Aronowitz: Escritor. Ex-colunista de rock do *New York Post*. Primeiro empresário do Velvet Underground. O homem que apresentou Bob Dylan aos Beatles.

Kathy Asheton: Cantora. Irmã mais moça de Ron e Scott Asheton, integrantes dos Stooges.

Ron Asheton: Músico. Primeiro guitarrista solo na formação original dos Stooges (substituído na guitarra solo por James Williamson). Ex-baixista dos Stooges. Ex-guitarrista solo do New Order e do Destroy All Monsters. Guitarrista solo do Dark Crystal. Ator de filme-B. Coestrela (com Leatherface) do filme *Mosquito*. Irmão mais velho de Kathy e Scott Asheton.

Scott Asheton (t.c.p. Rock Action): Músico. Ex-baterista dos Stooges. Ex-baterista da Sonic Rendezvous Band. Irmão mais moço de Ron Asheton.

Tom Baker: Músico. Escritor. Ex-superstar de Andy Warhol, destaque em *I, a Man*, com Valerie Solanis. Ex-companheiro de bebedeiras de Jim Morrison, preso com ele por violação da Lei de Pirataria Aérea durante um voo a Phoenix pra ver os Rolling Stones. Morto em 1981.

Lester Bangs: Escritor. Ex-editor da revista *Cream*. Ex-vocalista do Birland

e de Lester Bangs and the Delinquents. Autor (póstumo) de *Psychotic Reactions and Carburetor Dung* , coletânea de ensaios, declarações bombásticas e críticas. Morto em 1982.

Roberta Bayley: Fotógrafa. Primeira *door-person* (pessoa que fica na porta de um lugar e decide quem entra e quem fica de fora) do CBGB's. Ex-editora de fotografia da revista *Punk* . Suas capas de álbum incluem a do primeiro álbum dos Ramones e a do primeiro álbum de Richard Hell and the Voidoids.

John Belushi: Comediante. Ator. Integrante do elenco original de "Saturday Night Live". Morto em 1985.

Rodney Bingenheimer: Disk-jockey. Agitador cultural. Apresentador do famoso programa de rádio "Rodney on the Roqs" na KROQ de Los Angeles. Durante os anos setenta, foi proprietário da Rodney's, a infame boate da garotada glitter moderninha.

Johnny Blitz (t.c.p. John Madansky): Músico. Ex-baterista dos Dead Boys.

Victor Bockris: Escritor e biógrafo. Autor de *Uptight: The Velvet Underground History* (com Gerard Malanga), *The Life and Death of Andy Warhol* , *Making Tracks: The Rise of Blondie* (com Chris Stein e Debbie Harry), *Keith Richards: The Biography* e *Transformer: The Lou Reed Story* . No começo dos anos setenta, era o proprietário e editor da Telegraph Books, pequena editora que publicou *Seventh Heaven* , primeiro livro de poemas de Patti Smith.

Angela Bowie: Musa. Empresária. Autora de *Backstage Passes: Life on the Wild Side with David Bowie*.

David Bowie (t.c.p. David Jones): Rock star. Músico. Produtor. Ator. Entre seus álbuns estão *Hunky Dory* , *Diamond Dogs* e *Let's Dance* . Mixou o álbum *Raw Power* , dos Stooges, e produziu *Transformer* , de Lou Reed. Estrelou os filmes *The Men who Fell to Earth* e *The Hunger* .

Pam Brown: Escritora. Pintora. Ex-escritora de matérias especiais da revista *Punk* .

Bebe Buell: Modelo. Cantora. Musa. Empresária. Ex-vocalista dos Gargoyles. Artista solo. Pôster da *Playboy* em 1974. Casada com o músico e ator Coyote Shivers. Mãe da atriz Liv Tyler.

Clem Burke: Músico. Ex-baterista do Blondie.

William Burroughs: Escritor. Pintor. Autor de *Naked Lunch* , *Queer* , *Nova Express* , *Junky* e muitos outros romances.

David Byrne: Ex-vocalista dos Talking Heads. Artista solo.

John Cale: Músico. Produtor de discos. Cofundador e ex-integrante do Velvet Underground. Artista solo. Produtor do primeiro álbum dos Stooges, *The Stooges* , do primeiro álbum de Patti Smith, *Horses* , e dos dois álbuns solos de Nico, *Chelsea Girl* e *The Marble Index*.

Jim Carroll: Poeta. Músico. Autor. Entre seus livros estão *The Basketball Diaries* , *Forced Entries* e *Living at the Movies* . Vocalista da Jim Carroll Band.

James Chance (t.c.p. James White): Músico. Ex-vocalista e saxofonista dos Contortions e de James White and the Blacks.

Bill Cheatham: Roadie. Músico. Substituiu Dave Alexander como baixista dos Stooges por algumas semanas.

Lee Childers (t.c.p. Lee Black Childers): Fotógrafo. Empresário. Ex-vice-presidente da MainMan, companhia que empresariava David Bowie. Ex-empresário dos Heartbreakers e de Levi and the Rockettes.

Cheetah Chrome (t.c.p. Gene O'Connor): Músico. Compositor. Ex-guitarrista solo dos Dead Boys.

Paul Cook: Músico. Baterista dos Sex Pistols.

Alice Cooper (t.c.p. Vince Furnier): Ex-vocalista da banda Alice Cooper. Artista solo.

Diego Cortez: Executivo. Agitador cultural. Escritor. Entre seus livros está

The Unseen Elvis .

Elvis Costello (t.c.p. Declan Patrick McManus): Músico. Cantor. Compositor. Entre seus álbuns estão *My Aim is True* , *Blood and Chocolate* e *Spike* .

Jayne County (t.c.p. Wayne County): Cantor. Compositor. Ator. Ex-drag queen. Ex-vocalista do Queen Elizabeth e de Wayne County and the Street Boys. Atuou com Patti Smith na peça *Island* , de John Vaccaro. Artista solo. Fez a troca de sexo e passou de Wayne para Jayne.

Pam Courson (t.c.p. Pam Morrison): Ex-namorada de Tom Baker. Ex-mulher (sem papel passado) de Jim Morrison. Morta em 1974.

Peter Crowley: Ex-agenciador de shows do Max's Kansas City. Ex-empresário de Wayne County and the Street Boys.

Jackie Curtis: Ator. Drag queen. Dramaturgo. Superstar de Warhol. Estrela das peças *Cock Strong* e *Femme Fatale* , de John Vaccaro. Morto em 1985.

Ronnie Cutrone: Pintor. Ex-assistente de estúdio de Warhol. Ex-dançarino de chicote do Exploding Plastic Inevitable, do Velvet Underground.

Damita (t.c.p. Damita Jayrudi, Damita Richter): Stripper. Groupie.

Candy Darling (t.c.p. Jimmy Slattery): Drag queen. Ator. Morto em 1974.

Clive Davis: Executivo. Ex-presidente da CBS Records. Presidente da Arista Records.

Michael Davis: Músico. Ex-baixista do MC5.

Miles Davis: Músico. Pai do “cool jazz”. Fã de Iggy Pop e os Stooges. Morto em 1990.

Tommy Dean: Comerciante. Ex-proprietário do Max's Kansas City durante os anos setenta, depois de Mickey Ruskin ter ido para outros restaurantes.

Tony DeFries: Executivo. Empresário. Ex-presidente da MainMan,

companhia que empresariava David Bowie. Ex-empresário de David Bowie, Mott the Hoople e Iggy Pop e os Stooges.

Ari Delon: Filho ilegítimo de Nico e do astro do cinema francês Alain Delon.

Pamela Des Barres: Autora de *I'm with the Band* e *Take Another Piece of my Heart* . Ex-integrante do GTO's (Girls Together Outrageously), grupo de groupies patrocinado por Frank Zappa.

Jimmy Destri: Músico. Ex-tecladista do Blondie.

Willy DeVille: Músico. Guitarrista solo e vocalista do Mink DeVille.

Jay Dee Daugherty: Músico. Baterista do Patti Smith Group.

Ged Dunn (t.c.p. George Edgar Dunn): Executivo. Ex-editor-executivo da revista *Punk* .

Bob Dylan: Músico. Poeta. Artista solo.

Eric Emerson: Cantor. Agitador cultural. Ex-vocalista de Eric Emerson and the Magic Tramps. Morto em 1975.

Brian Eno: Ex-integrante do Roxy Music. Artista solo. Produtor do primeiro álbum do Television, *Marquee Moon* .

Mick Farren (t.c.p. Michael Farren): Escritor. Cantor. Ex-vocalista dos Deviants. Atuou na ópera rock *The Last Days of Dutch Schultz* com Wayne Kramer. Entre seus livros estão *Armageddon Crazy* , *Elvis and the Colonel* e *The Black Leather Jacket Book* .

Billy Ficca: Músico. Ex-baterista do Television.

Danny Fields: Ex-“doidão da firma” da Elektra Records. Ex-executivo da Atlantic Records. Ex-editor da revista *16* . Ex-colunista do *SoHo Weekly News* . Ex-empresário dos Stooges. Ex-empresário (com Steve Paul) de Jonathan Richman and the Modern Lovers. Ex-empresário (com Linda Stein) dos Ramones e de Steve Forbert. Atualmente empresaria o artista Paleface.

Tom Forcade (t.c.p. Thomas King): Radical. Executivo. Contrabandista de droga. Ex-proprietário da revista *High Times* . Ex-financiador da revista *Punk* . Produziu *D.O.A.* , filme dos Sex Pistols. Acusado de ser agente da CIA por Abbie Hoffman e Allen Ginsberg, foi posto em julgamento pelos Yippies, o que resultou num pedido de desculpas de Abbie Hoffman. Morto em 1979.

Jane Forth: Superstar de Andy Warhol. Viúva de Eric Emerson.

Kim Fowley: Música. Produtora. Criadora e ex-empresária das Runaways, grupo punk só de garotas.

Cyrinda Foxe: Atriz. Modelo. Mãe de Mia Tyler.

Chris Frantz: Músico. Baterista dos Talking Heads. Ex-baterista do Tom Tom Club. Casado com Tina Weymouth.

Ed Friedman: Poeta. Diretor artístico do Poetry Project na St.-Mark's-Church-in-the-Bowery.

Jane Friedman: Empresária. Ex-empresária do Patti Smith Group e de John Cale.

Gyda Gash (t.c.p. Gyda Braveman): Música. Baixista dos Transistors.

Patti Giordano: Fotógrafa. Ex-companheira de quarto de Johnny Thunders. Morta em 1995.

John Giorno: Poeta. Proprietário do Bunker, o infame loft de William Burroughs no Bowery. Entre seus livros está *You Got to Burn to Shine* .

Bill Graham: Promotor de shows. Ex-proprietário do Fillmore e do Winterland em San Francisco, e do Fillmore East em Manhattan. Morto em 1991.

James Grauerholz: Músico. Escritor. Produtor. Empresário de William Burroughs. Ex-guitarrista solo e vocalista do Tank Farm.

Albert Grossman: Executivo. Ex-empresário de Bob Dylan e de Janis Joplin. Morto em 1986.

Bob Gruen: Fotógrafo. Cineasta. Dirigiu *Looking for a Kiss* , vídeo dos New York Dolls. Entre seus livros estão *Listen to these Pictures* , *Chaos! The Sex Pistols* e *Sometime in New York City* (com Yoko Ono).

Brion Gysin: Artista. Escritor. Ex-colaborador de William Burroughs.

Eric Haddix: Roadie. Ex-empresário de turnê de Iggy Pop e os Stooges.

Duncan Hannah: Pintor. Ator. Fã de rock & roll. Ex-presidente do fã-clube do Television. Astro dos filmes *Unmade Beds* e *The Foreigner* , de Amos Poe.

Steve Harris: Executivo. Produtor teatral. Empresário. Ex-diretor de publicidade da Elektra Records. Ex-diretor de artista e repertório da CBS Records. Ex-empresário de Carly Simon.

Mary Harron: Escritora. Repórter. Ex-escritora de matérias especiais da revista *Punk* . Ex-apresentadora de televisão e realizadora de documentário para “The Late Show”, da BBC. Autora e diretora do filme independente *I Shot Andy Warhol: The Valerie Solanis Story* .

Debbie Harry (t.c.p. Debbie Blondie): Cantora. Compositora. Atriz. Ex-vocalista do Blondie. Artista solo. Estrelou *Union City* e *Videodrome* . Autora de *Making Tracks: The Rise of Blondie* (com Chris Stein e Victor Bockris).

Bill Harvey: Executivo de gravadora. Ex-vice-presidente da Elektra Records. Morto em 1978.

Richard Hell (t.c.p. Richard Meyers): Poeta. Escritor. Ator. Ex-baixista e cantor dos Neon Boys, que se tornou o Television. Ex-cantor e baixista dos Heartbreakers, com Johnny Thunders. Ex-vocalista e baixista de Richard Hell and the Voidoids. Coestrelou *Smithreens* , primeiro filme de Susan Seidelman, e fez o papel de namorado de Madonna em *Desperately Seeking Susan* . Autor do romance *Go Now* .

Gail Higgins (t.c.p. Gail Higgins Smith): Empresária. Ex-assistente de Lee Black Childers, empresário dos Heartbreakers. Ex-companheira de quarto de

Johnny Thunders.

Abbie Hoffman: Radical. Escritor. Fugitivo. Fundador do movimento Yippie (com Jerry Rubin). Um dos integrantes dos Sete de Chicago, acusado de conspirar para provocar um tumulto na convenção nacional do Partido Democrata em Chicago, em 1968. Morto em 1990.

John Holmstrom: Cartunista. Escritor. Editor. Publisher. Cofundador e editor da revista *Punk* . Fundador e editor da revista *Stop e Comical Funnies* . Ex-proprietário da revista *Nerve* . Atual proprietário da revista *High Times* . Criador da tira em quadrinhos “Joe”, da Scholastic Magazine.

Jac Holzman: Executivo. Fundador e presidente da Elektra Records. Morto em 1993.

Tony Ingrassia: Escritor. Diretor de cinema e teatro.

David Johansen (t.c.p. Buster Poindexter, t.c.p. David Doll): Cantor. Compositor. Ator. Ex-vocalista dos New York Dolls. Nos anos 80, mudou seu nome para Buster Poindexter e se tornou astro de cabaré. Coestrelou o remake de *Car 54, Where Are You?* e *Scrooged* , com Bill Murray. Casado com a fotógrafa Kate Simon.

Brian Jones: Fundador e integrante dos Rolling Stones. Morto em 1968.

Mick Jones: Músico. Baixista do Clash. Ex-baixista do Big Audio Dynamite.

Steve Jones: Músico. Ex-baterista dos Sex Pistols.

Peter Jordan: Roadie. Músico. Ex-baixista e substituto de Arthur Kane nos New York Dolls. Afastado do rock & roll após um esfaqueamento quase fatal no Upper West Side no final dos anos setenta.

Ivan Julian: Músico. Ex-guitarrista base de Richard Hell and the Voidoids. Ex-companheiro de quarto de Richard Hell.

Artur Kane (t.c.p. Killer Kane): Músico. Ex-baixista dos New York Dolls. Ex-baixista do Corpse Grinders.

Lenny Kaye: Escritor. Músico. Produtor de discos. Ex-editor da revista *Rock Scene* . Guitarrista solo do Patti Smith Group. Compilou o álbum *Nuggets* original. Produziu o álbum de sucesso de Suzanne Vega. Atualmente escreve uma biografia de Waylon Jennings.

Scott Kempner (t.c.p. Top Ten): Ex-guitarrista base dos Dictators. Ex-guitarrista solo dos Del Lords. Ex-guitarrista base do Handsome Dick's Wild Kingdom.

Eliot Kidd: Ex-vocalista e guitarrista dos Demons.

Ivan Kral: Músico. Ex-baixista do Patti Smith Group. Atualmente, rock star da República Tcheca.

Wayne Kramer: Músico. Ex-guitarrista solo do MC5. Ex-integrante do Gang War (com Johnny Thunders) e Was Not Was. Artista solo.

Hilly Kristal: Dono de casa noturna. Empresário. Músico. Proprietário do CBGB's. Ex-empresário dos Dead Boys e dos Shirts.

Harvey Kurtzman: Cartunista. Criador da revista *Mad* , que passou ao controle de William Gaines, o *publisher* . Criador de "Little Annie Frannie", história em quadrinhos da revista *Playboy* . Fundador e editor das revistas *Help* e *Trump* . Morto em 1994.

Allen Lanier: Músico. Compositor. Guitarrista do Blue Oyster Cult.

Sam Lay: Músico. Legendário baterista de blues que ensinou Iggy Pop a tocar bateria antes dele começar os Stooges.

Mick Leigh (t.c.p. Mitchell Hyman): Músico. Irmão mais moço de Joey Ramone (t.c.p. Jeff Hyman). Ex-guitarrista do Tangerine Puppets, banda de Joey Ramone. Ex-roadie dos Ramones. Ex-guitarrista do Birdland de Lester Bangs. Atualmente é vocalista e guitarrista do Stop.

Neon Leon (outros nomes desconhecidos): Músico. Agitador cultural. Líder da Neon Band. Uma das últimas pessoas a ver Nancy Spungen viva.

Richard Lloyd: Músico. Ex-guitarrista solo do Television. Artista solo.

Guitarrista da Mathew Sweet Band.

Charles Ludlam: Dramaturgo. Ator. Diretor. Fundador da companhia Theater of the Ridiculous (Teatro do Ridículo).

Walter Lure: Músico. Ex-baixista dos Heartbreakers.

Steve MacKay: Músico. Ex-saxofonista de Iggy e os Stooges.

Laurie Maddox: Groupie.

Jeff Magnum: Músico. Ex-baixista dos Dead Boys.

Gerard Malanga: Poeta. Fotógrafo. Ex-assistente de estúdio de Andy Warhol. Ex-dançarino de chicote do Exploding Plastic Inevitable (com Ronnie Cutrone e Mary Woronov).

Handsome Dick Manitoba (t.c.p. China Cat, t.c.p. The Handsomest Man in Rock & Roll, t.c.p. Richard Blum): Cantor. Ex-vocalista dos Dictators. Ex-vocalista do Handsome Dick's Wild Kingdom.

Charles Manson (t.c.p. Charlie, t.c.p. No-Name Maddox, t.c.p. Jesus Cristo, t.c.p. Satã): Ex-líder da Família Charles Manson, uma seita hippie que assassinou Sharon Tate, mulher do diretor de cinema Roman Polanski, que estava grávida, bem como quase uma dúzia de outras pessoas. Os assassinatos Tate-LaBianca, como o caso ficou conhecido, exterminaram definitivamente o movimento hippie nos Estados Unidos.

Ray Manzarek: Músico. Produtor. Ex-tecladista dos Doors. Produziu a principal banda punk de L.A., X.

Robert Mapplethorpe: Fotógrafo. Fotografou a capa do primeiro álbum de Patti Smith, *Horses*, e a capa do quarto álbum, *Dream of Life*. Suas fotografias explícitas de sexo gay foram atacadas no plenário do Senado dos Estados Unidos e fizeram os políticos conservadores declararem guerra ao National Endowment for the Arts (subsídio nacional às artes). Morto em 1989.

Philippe Marcade: Músico. Guitarrista e vocalista dos Senders. Amigo de

Nancy Spungen.

Jim Marshall (t.c.p. The Hound): Escritor. Estudioso de rock. Disk jockey. Atualmente apresenta um popular programa de rádio na WFMU.

Steve Mass: Comerciante. Ex-proprietário do Mudd Club.

Glen Matlock: Músico. Ex-baixista dos Sex Pistols, substituído por Sid Vicious em 1977. Autor de *I Was a Teenage Sex Pistol* .

Malcolm McLaren: Homem de negócios. Proprietário de loja de roupas. Ex-empresário informal e figurinista dos New York Dolls. Ex-empresário dos Sex Pistols. Ex-empresário do Bow Wow Wow e de Adam Ant. Artista solo.

Legs McNeil (t.c.p. Eddie McNeil, t.c.p. Roderick McNeil): Escritor. Ex-punk de plantão da revista *Punk* . Ex-editor-sênior da revista *Spin* . Ex-editor-chefe da revista *Nerve* .

Jonas Mekas: Fundador do Anthology Film Archive. Ex-diretor da Filmmakers Cooperative.

Monte Melnik: Ex-empresário de turnê dos Ramones.

Geri Miller: Atriz. Groupie. Superstar de Warhol. Integrante do elenco de *Pork* .

Noel Monk: Empresário da turnê dos Sex Pistols nos EUA. Autor de *Twelve Days on the Road with the Sex Pistols* .

Jim Morrison: Ex-vocalista dos Doors. Morto em 1971.

Sterling Morrison: Músico. Professor universitário. Capitão de rebocador. Ex-guitarrista do Velvet Underground. Morto em 1995.

Patricia Morrisroe: Autora de uma biografia sobre Robert Mapplethorpe, *Mapplethorpe* .

Paul Morrissey: Cineasta. Ex-colaborador de Andy Warhol em inúmeros filmes, inclusive *Trash* e *Heat* .

Billy Murcia (t.c.p. Billy Doll): Músico. Ex-baterista dos New York Dolls. Morreu de overdose na primeira viagem dos Dolls a Londres. Morto em 1972.

Billy Name (t.c.p. Billy Linich, t.c.p. Kronk): Artista. Fotógrafo. Empresário informal da Factory de Warhol, viveu dois anos na sala de revelação sem sair. Autor de *Stills from the Warhol Films* .

Bobby Neuwirth: Agitador cultural. Músico. Pintor. Coestrelou *Don't Look Back* , legendário documentário de D.A. Pennebaker sobre Dylan. Recentemente lançou *Last Day on Earth* , álbum de colaborações com John Cale.

Nico (t.c.p. Christa Päffgen): Modelo. Atriz (mais conhecida por sua ponta em *La Dolce Vita* de Fellini). Vocalista do Velvet Underground (primeiro álbum). Artista solo. Morta em 1988.

Nitebob (outros nomes desconhecidos): Ex-técnico de som dos Stooges e dos New York Dolls. Ficou com o nome “Nitebob” (*Bob da noite*) porque já havia um Daybob (*Bob do dia*) no estúdio de ensaio.

Jerry Nolan: Músico. Ex-baterista dos New York Dolls (substituiu Billy Murcia). Ex-baterista dos Heartbreakers. Morto em 1992.

Andrew Loog Oldham: Executivo. Empresário. Produtor. Ex-empresário e produtor dos Rolling Stones. Produziu os dois primeiros singles de Nico.

Ondine (t.c.p. Robert Olivo): *Speed freak* . Ator. Superstar de Warhol. Morto em 1989.

Terry Ork (t.c.p. Noah Ford, outros nomes desconhecidos): Homem de negócios. Ex-gerente da livraria Cinemabilia. Ex-empresário do Television. Ex-presidente da Ork Records.

Andi Ostrowe (t.c.p. Midge): Músico. Ex-assistente pessoal de Patti Smith.

Patti Palladin: Música. Ex-colaboradora de Johnny Thunders.

Anita Pallenberg: Agitadora cultural. Modelo de comportamento.

Susan Pile: Ex-assistente de Gerard Malanga e Andy Warhol na Factory. Baby-sitter de Ari Delon. Atual vice-presidente de publicidade mundial da MGM/UA Pictures.

Anya Phillips: Mulher de negócios. Dominatrix. Ex-empresária de James Chance and the Contortions. Morta em 1985.

Amos Poe: Cineasta. Diretor de *Blank Generation* , *Unmade Beds* , *Foreigner* e *Alphabet City* .

Brigid Polk (t.c.p. Brigid Berlin): Artista. Superstar de Warhol. Apareceu no filme *Chelsea Girls* , de Warhol.

Eileen Polk (t.c.p. Eileen Revenge): Fotógrafa. Ex-companheira de quarto de Anya Phillips.

Iggy Pop (t.c.p. James Osterberg): Ex-vocalista dos Stooges. Artista solo. Autor de *I Need More* (com Anne Wehrer).

Howie Piro: Baixista do D Generation.

Bob Quine: Músico. Ex-guitarrista solo de Richard Hell and the Voidoids. Tocou com Lou Reed em *Blue Mask* e *Legendary Hearts* . Ex-guitarrista da Mathew Sweet Band.

Rachel (outros nomes desconhecidos): Travesti. Ex-namorada/namorado de Lou Reed.

C.J. Ramone (t.c.p. Christopher Joseph Ward): Músico. Baixista que substituiu Dee Dee Ramone nos Ramones em 1989.

Connie Ramone (t.c.p. Connie Gripp): Groupie. Prostituta. Ex-intergrante do GTO's (Girls Together Outrageously), grupo conceitual de Frank Zappa. Morta em 1990.

Dee Dee Ramone (t.c.p. Dee Dee King, t.c.p. Douglas Colvin): Músico. Compositor. Ator. Ex-baixista dos Ramones. Artista solo. Coestrela do filme *Rock'n'Roll High School* (com Joey, Johnny e Marky Ramone, P.J. Soles,

Paul Bartel e Mary Woronov).

Joey Ramone (t.c.p. Jeffrey Hyman): Cantor. Compositor. Ator. Vocalista dos Ramones. Coestrela de *Rock'n'Roll High School* .

Johnny Ramone (t.c.p. John Cummings): Músico. Ator. Guitarrista solo dos Ramones. Coestrela de *Rock'n'Roll High School* .

Marky Ramone (t.c.p. Marc Bell): Músico. Ex-baterista do Dust, Wayne County and the Street Boys, Richard Hell and the Voidoids e dos Ramones. Coestrela de *Rock'n'Roll High School* .

Richie Ramone (t.c.p. Richard Beau, t.c.p. Richard Reinhardt): Ex-baterista do Velveteen. Ex-baterista dos Ramones (1983-1986).

Tommy Ramone (t.c.p. Tommy Erdelyi): Produtor. Músico. Ex-baterista dos Ramones (1974-1976).

Vera Ramone (t.c.p. Vera Boldis, t.c.p. Vera Colvin): Ex-mulher de Dee Dee Ramone.

Genya Ravan: Produtora. Ex-vocalista do Goldie and the Gingerbreads (que fez turnê com os Rolling Stones em 1965). Ex-vocalista do Ten Wheel Drive. Artista solo. Produziu o primeiro álbum dos Dead Boys, *Young, Loud and Snotty* .

Lou Reed: Padrinho do punk. Ex-guitarrista, cantor e fundador do Velvet Underground. Artista solo.

Sylvia Reed (t.c.p. Sylvia Morales): Escritora. Empresária. Mulher de negócios.

Marsha Resnick: Fotógrafa.

Marty Rev (t.c.p. Marty Suicide): Músico. Tecladista do Suicide. Artista solo.

Daniel Rey (t.c.p. Daniel Rabinowitz): Produtor. Ex-guitarrista solo da Shrapnel. Produtor dos álbuns *Halfway to Sanity* e *Adios Amigos* , dos

Ramones.

Lisa Robinson: Escritora. Editora. Colunista. Ex-editora das revistas *Hit Parader* e *Rock Scene* . Colunista de rock & roll do *New York Post* .

Richard Robinson: Mágico. Escritor. Editor. Produtor. Casado com Lisa Robinson. Produziu o primeiro álbum solo de Lou Reed.

Rosebud (t.c.p. Rosebud Feliu-Pettet): Agitadora cultural. Mãe de Harley, dos Cro-Mags.

Johnny Rotten (t.c.p. John Lydon): Vocalista dos Sex Pistols. Ex-vocalista do Public Image Limited (PIL). Autor de *Rotten: No Irish * No Blacks * No Dogs* (com Keith e Kent Zimmerman).

Barbara Rubin: Cineasta. Agitadora cultural. Ex-assistente de Jonas Mekas na Filmmakers Cooperative. Diretora de *Heaven on Earth* , clássico do cinema underground. Uma das primeiras fãs do Velvet Underground. Morta em 1979.

Bob Rudnick: Poeta. Escritor. Comediante. Ex-colunista (com Dennis Farley) do *East Village Eye* . Ex-colunista do *SoHo Weekly News* . Morto em 1995.

Todd Rundgren: Músico. Compositor. Produtor. Produziu o primeiro álbum dos New York Dolls e *Wave* , de Patti Smith.

Mickey Ruskin: Restaurater. Proprietário de casas noturnas. Ex-proprietário do Ninth Circle (1968), Max's Kansas City (1965-1972), The Local (1974-1976), The Ocean Club (1976-1978) e Chinese Chance (também conhecido como One University Place, de 1978-1982). Morto em 1982.

Ed Sanders: Poeta. Membro da legendária banda de folk-smut Fugs, dos anos sessenta. Proprietário da Peace Eye Bookstore nos anos sessenta. Dono do fanzine literário *Fuck You: A Magazine of the Arts* , dos anos sessenta. Autor de *The Family* , obra seminal sobre a Família Charles Manson.

Edie Sedgwick: Atriz. Modelo. Ex-superstar de Warhol. Apareceu nos

filmes *Vinyl* , *Screen Test* e *Chelsea Girls* , de Warhol. Estrela do filme *Ciao! Manhattan* . Tema da biografia oral *Edie: An American Biography* (de Jean Stein e George Plimpton). Morta em 1971.

Steve Sesnick: Ex-empresário do Velvet Underground (substituiu Andy Warhol em 1968).

Coral Shields (t.c.p. Coral Starr): Irmã de Sable Starr.

Sam Shepard: Dramaturgo ganhador de um prêmio Pulitzer. Ator. Entre suas peças estão *Buried Child* , *Fool for Love* e *Cowboy Mouth* (com Patti Smith). Ex-namorado de Patti Smith, a quem abandonou depois da primeira apresentação de *Cowboy Mouth* . Casado com a atriz Jessica Lange.

Andy Shernoff: Ex-baixista dos Dictators. Ex-baixista do Handsome Dick's Wild Kingdom.

Jimmy Silver: Ex-empresário dos Stooges. Comerciante de alimentos naturais.

Kate Simon: Fotógrafa. Casada com David Johansen.

Paul Simonon: Músico. Ex-guitarrista do Clash.

John Sinclair: Empresário. Poeta. Escritor. Radical. Defensor da legalização da maconha. Ex-dirigente do movimento Panteras Brancas. Ex-empresário do MC5.

Leni Sinclair: Fotógrafa. Arquivista.

James Sliman: Roadie. Publicitário. Ex-empresário de turnê dos Dead Boys.

Fred Smith: Músico. Ex-baixista do Blondie. Ex-baixista do Television.

Fred "Sonic" Smith: Músico. Ex-guitarrista solo do MC5. Ex-guitarrista solo da Sonic Rendezvous Band. Casado com Patti Smith. Morto em 1994.

Patti Smith: Poeta. Artista. Música. Cantora do Patti Smith Group. Viúva de Fred "Sonic" Smith. Entre seus livros estão *Witt* , *Seventh Heaven* e *Early*

Works .

Todd Smith: Roadie. Irmão de Patti Smith. Ex-roadie do Patti Smith Group. Vítima de briga a socos com Sid Vicious. Morto em 1994.

Richard Sohl (t.c.p. D.N.V., t.c.p. Death in Venice): Músico. Ex-pianista do Patti Smith Group. Morto em 1990.

Valerie Solanis: Escritora. Atriz. Feminista. Assassina. A mulher que atirou em Andy Warhol em 1968. Apareceu em *I, a Man* , de Warhol, com Tom Baker. Escreveu *The SCUM Manifesto* . Presidente da SCUM (The Society for Cutting Up Men – A Sociedade para Castrar os Homens). Morta em 1988.

Nancy Spungen (t.c.p. Nauseating Nancy): Stripper. Groupie. Ex-empresária e namorada de Sid Vicious. Supostamente assassinada por Sid no Chelsea Hotel. Morta em 1978.

Sable Starr (t.c.p. Sable Shields): Groupie.

Chris Stein: Ex-guitarrista solo do Blondie. Produziu *Zombie Birdhouse* , álbum solo de Iggy Pop.

Linda Stein: Empresária. Ex-professora de escola. Ex-coempresária dos Ramones com Danny Fields. Ex-mulher de Seymour Stein.

Seymour Stein: Executivo. Ex-presidente da Sire Records. Vice-presidente da Warner Brothers Records. Atual presidente da Elektra Records.

Michael Sticca: Roadie. Ex-roadie dos Dead Boys e do Blondie.

Warner Stringfellow: Policial. Ex-detetive de narcóticos do Departamento de Polícia de Detroit.

Danny Sugerman: Escritor. Empresário. Tornou-se empresário dos Doors depois da morte de Jim Morrison. Tentou empresariar Iggy Pop. Entre seus livros estão *No One Here Gets Out Alive* e *Wonderland Avenue* . Casado com Fawn Hall.

Sylvain Sylvain (t.c.p. Syl Sylvain): Músico. Ex-guitarrista bases do New

York Dolls. Ex-guitarrista solo e vocalista dos Criminals.

Marty Thau (t.c.p. Chairman Thau): Executivo. Produtor. Ex-vice-presidente de promoções da Buddah Records. Ex-empresário dos New York Dolls (com Steve Leber e David Krebs). Ex-empresário do Suicide. Ex-presidente da Red Star Records.

Dennis Thompson: Músico. Escritor. Ex-baterista do MC5. Ex-baterista do New Order (com Ron Asheton).

Johnny Thunders (t.c.p. John Genzale): Músico. Ex-guitarrista solo dos New York Dolls. Ex-vocalista e guitarrista solo dos Heartbreakers, depois chamado de Johnny Thunders and the Heartbreakers. Ex-vocalista da Gang War (com Wayne Kramer). Morto em 1991.

Tish and Snookie (t.c.p. Tish and Snookie Belamo): Cantoras. Comerciantes. Ex-vocalistas de apoio da Sick Fucks. Ex-vocalistas de apoio de Elda and the Stilettos (com Debbie Harry). Proprietárias da loja Manic Panic, de roupas punks.

Maureen Tucker (t.c.p. Mo Tucker): Música. Ex-baterista do Velvet Underground. Artista solo.

Steve Tyler: Vocalista do Aerosmith.

Rob Tyner (t.c.p. Rob Derminer): Cantor. Ex-vocalista do MC5. Artista solo. Morto em 1991.

Ultra Violet (t.c.p. Isabelle Collin-Dufresne): Artista. Superstar de Warhol.

John Vaccaro: Diretor de teatro. Dramaturgo.

Gary Valentine: Músico. Ex-baixista do Blondie.

Cherry Vanilla: Atriz. Superstar de Warhol.

Alan Vega (t.c.p. Alan Suicide): Cantor. Artista. Ex-vocalista do Suicide. Artista solo.

Arturo Vega: Artista. Proprietário do loft dos Ramones, onde Dee Dee e Joey Ramone moraram de 1975 a 1977. Diretor de iluminação, produtor de camisetas e designer gráfico dos Ramones.

Tom Verlaine (t.c.p. Tom Miller): Músico. Ex-colega de escola de Richard Hell. Ex-guitarrista e vocalista do Television. Artista solo.

Sid Vicious (t.c.p. John Simon Ritchie): Músico. Ex-baixista dos Sex Pistols, substituiu Glen Matlock em 1977. Artista solo. Ex-namorado de Nancy Spungen e acusado de seu assassinato. Morto em 1979.

Viva (t.c.p. Susan Hoffman): Atriz. Escritora. Superstar de Warhol. Apareceu nos filmes *Chelsea Girls* e *Lonesome Cowboys*, de Warhol. Autora de *Superstar*.

Anne Waldman: Poeta. Ex-diretora artística do Poetry Project na St.-Mark's-Church-in-the-Bowery.

Jack Walls: Dramaturgo. Roteirista. Companheiro do falecido Robert Mapplethorpe. Coautor de *Somebody's Sins*, longa-metragem sobre os primeiros anos de Patti Smith e Robert Mapplethorpe em Nova York.

Andy Warhol (t.c.p. Andrew Warhola): Artista. Cineasta. *Publisher* da revista *Interview*. Ex-empresário do Velvet Underground. Morto em 1987.

Vivienne Westwood: Designer de moda. Ex-mulher de Malcolm McLaren.

Tyna Weimouth (t.c.p. Betina Weymouth): Música. Baixista dos Talking Heads. Cantora e baixista do Tom Tom Club.

James Williamson: Músico. Ex-guitarrista solo dos Stooges. Substituiu Ron Asheton (que foi para o baixo) durante a época de *Raw Power*.

Russell Wolensky: Ex-vocalista do Sick Fucks.

Holly Woodlawn (t.c.p. Harold Ajzenberg): Ator. Drag queen. Superstar de Warhol. Estrela de *Trash*, filme de Warhol. Autor de *A Low Life in High Heels: The Holly Woodlawn Story* (com Jeff Copeland).

Mary Woronov: Atriz. Dançarina. Pintora. Autora. Ex-dançarina de chicote (com Gerard Malanga e Ronnie Cutrone) no Exploding Plastic Inevitable. Estrelou *Rock'n'Roll High School* (com os Ramones) e *Eating Raoul* .

Andrew Wylie (t.c.p. Billy Lee): Poeta. *Publisher* . Agente literário. Ex-proprietário e editor da Telegraph Books (com Victor Bockris). Ex-colaborador da revista *Punk* . Entre seus livros está *Yellow Flowers*.

Dorian Zero: Músico. Morto em 1994.

Jimmy Zero (t.c.p. William Wilder): Músico. Ex-guitarrista base dos Dead Boys.

Jimmy Zhivago: Músico. Produtor. Ex-tecladista de Wayne County and the Street Boys.

[2](#) As biografias correspondem à época do lançamento do livro, em 1996. (N.E.)

As fontes

Os autores gostariam de agradecer às seguintes editoras e pessoas por permitirem a reprodução de excertos de seus livros, entrevistas originais e outras obras já publicadas:

Entrevistas de Jerry Nolan para Doug Simmons cortesia de Dough Simmons/*The Village Voice* .

Entrevista de Nancy Spungen para Jeff Goldberg usada com permissão de Jeff Goldberg.

Entrevistas de Sable Starr para Mary Harron usadas com permissão de Mary Harron.

Entrevistas de John Cale para Mary Harron usadas com permissão de Mary Harron.

Entrevistas de Nico para Mary Harron usadas com permissão de Mary Harron.

Entrevistas de Damita para Victor Bockris usadas com permissão de Victor Bockris.

Entrevista de Patti Smith para Victor Bockris usada com permissão de Victor Bockris.

Entrevista de John Vaccaro para Eugenia Bone usada com permissão de Eugenia Bone.

Excertos de *The Velvet Underground* , de Dave Thompson, copyright 1989, de Dave Thompson. Reimpresso com permissão da Omnibus Press.

Excertos de *I Need More* , de Iggy Pop, copyright 1996. Reimpresso com permissão de 2.13.61 Publications, Inc.

Excertos de *Nico: The Life and Lies of an Icon* , copyright 1993, de Richard Witts. Reimpresso com permissão da Virgin Publishing.

Excertos de *Up-Tight: The Velvet Underground Story* , de Victor Bockris e Gerard Malanga, copyright 1983, de Victor Bockris e Gerard Malanga. Reimpresso com permissão da Omnibus Press.

Excertos do *New York Post* , copyright 1978 e 1979, de The New York Post. Reimpresso com permissão do New York Post.

Os autores também gostariam de informar que trechos das seguintes publicações aparecem neste livro:

Aspen , vol.1, no.3, dezembro de 1996.

John Wilcock com um elenco de milhares, *The Autobiography & Sex Life of Andy Warhol* . Projetado, criado e produzido por Other Scenes, Inc. (Nova York: 1971).

Lou Reed, “Fallen Knights and Fallen Ladies”, de *The Penguin Book of Rock & Roll Writing* , editor Clinton Heylin (Penguin Books, 1992). Copyright de

Lou Reed.

Intransit: The Andy Warhol – Gerard Malanga Monster Issue .

Michael Wrenn, editor, com Glen Marks, *Lou Reed: Between the Lines* (Londres: Plexus Publishing, 1993).

Debbie Harry, Chris Stein e Victor Bockris, *Making Tracks: The Rise of Blondie* (Nova York: Dell, 1982).

Andy Warhol e Pat Hackett, *POPism: The Warhol '60s* (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1980).

Lester Bangs, *Psychothic Reactions and Carburetor Dung* , editor Greil Marcus (Nova York: Vintage, 1988).

Frank Rose, *Real Men: Sex and Style in an Uncertain Age* , fotos de George Benett (Nova York: Doubleday, 1980).

Per Nilsen com Dorothy Sherman, *The Wild One: The True Story of Iggy Pop* (Londres: Omnibus Press, 1988).

Pam Brown, “An Afternoon with Iggy Pop”, *Punk* , vol.1, no.4, julho de 1976.

Excerto de crítica de Lenny Kaye na *Rock Scene* .

Legs McNeil, “Richard Hell”, *Punk* , vol.1, no.3, abril de 1976.

Tom Baker, “Jim Morrison: When the Music Is Over”, *High Times* , junho de 1981.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Please Kill Me*

As entrevistas aqui contidas foram editadas para maior clareza.

Publicado pela primeira vez no Brasil em 1997.

Disponível também em formato convencional (14x21).

Tradução : Lúcia Brito

Preparação : Eduardo Bueno

Revisão : Renato Deitos e Patrícia Yurgel

Capa : Ivan Pinheiro Machado

M167 McNeil, Legs

Mate-me por favor / Legs McNeil e Gillian McCain;
tradução de Lúcia Brito – Porto Alegre: L&PM, 2014.

ISBN 978.85.254.3584-2

1.Punks. 2.Movimento Punk. 3.Sociologia-Movimento
Punk.

4.Comportamento social-Movimento Punk. 5.McCain,
Gillian. I.Título. II. Série.

CDU 316.728”1977”

Catálogo elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

Copyright © 1996, by Legs McNeil e Gillian McCain

“He’ll Have to Go”, letra e música de Joe Allison e Audrey Allison. © 1959 (Renovado em 1987). Beechwood Music Corp. Todos os direitos reservados. Copyright internacional garantido. Usado sob permissão.

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Table of Contents

[Apresentação](#)

[Nota dos autores](#)

[Agradecimentos](#)

[Prólogo - Todas as festas de amanhã: 1965-1968](#)

[Parte Um - Quero ser seu cachorro: 1967-1971](#)

[Capítulo 1 - Poesia? Você chama isso de poesia?](#)

Capítulo 2 - Os garotos que o mundo esqueceu

Capítulo 3 - A música que a gente estava esperando pra ouvir

Capítulo 4 - Sua carinha bonita está indo pro inferno

Capítulo 5 - Está rolando um tumulto

Capítulo 6 - A maior curtição

Capítulo 7 - Rock da cadeia

Capítulo 8 - A casa da diversão

Parte Dois - Os matadores de batom: 1971-1974

Capítulo 9 - Crise de personalidade

Capítulo 10 - A terra de mil danças

Capítulo 11 - Os craques da poesia

Capítulo 12 - Uma casa de bonecas

Capítulo 13 - Força bruta

Capítulo 14 - Billy Doll

Capítulo 15 - Escancarar e sangrar

Capítulo 16 - Angústia da separação

Parte Três - A fábrica de mijo: 1974-1975

Capítulo 17 - Vai, Rimbaud!

Capítulo 18 - No clube do rock & roll

Capítulo 19 - 53 com Terceira

Capítulo 20 - Então você quer ser (uma estrela de rock & roll)

Capítulo 21 - A morte dos Dolls

Capítulo 22 - Por que a gente não chama de Punk?

Capítulo 23 - Pedras chinesas

Capítulo 24 - Nocaute metálico

Parte Quatro: - Você nunca deveria ter aberto esta porta: 1976-1977

Capítulo 25 - Blitzkrieg Bop

Capítulo 26 - A Inglaterra tramando

Capítulo 27 - O passageiro

Capítulo 28 - Londres chamando

Capítulo 29 - Diversão com Dick e Jayne

Capítulo 30 - Quem foi que disse que é bom estar vivo?

Capítulo 31 - A queda

Parte Cinco - Buscar e destruir: 1978-1980

Capítulo 32 - Por causa da noite

Capítulo 33 - Jovem, barulhento e arrogante

Capítulo 34 - Anarquia nos EUA

Capítulo 35 - Redutor sônico

Capítulo 36 - Tuinals do inferno

Capítulo 37 - Durão demais pra morrer

Capítulo 38 - Frederick

Epílogo - Deixa pra lá: 1980-1992

Capítulo 39 - Arrebatando a derrota das garras da vitória

Capítulo 40 - Exílio na Rua Principal

Capítulo 41 - Nascido pra perder

Capítulo 42 - Chega de negócio junkie

Capítulo 43 - A lista de mármore

Capítulo 44 - Fim

Os personagens

As fontes